HISTO
DE S.
DOMIN
T. III.

PARTE III.

DA

HISTORIA

DE S. DOMINGOS,

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS

DE PORTUGAL.

PARTE III.

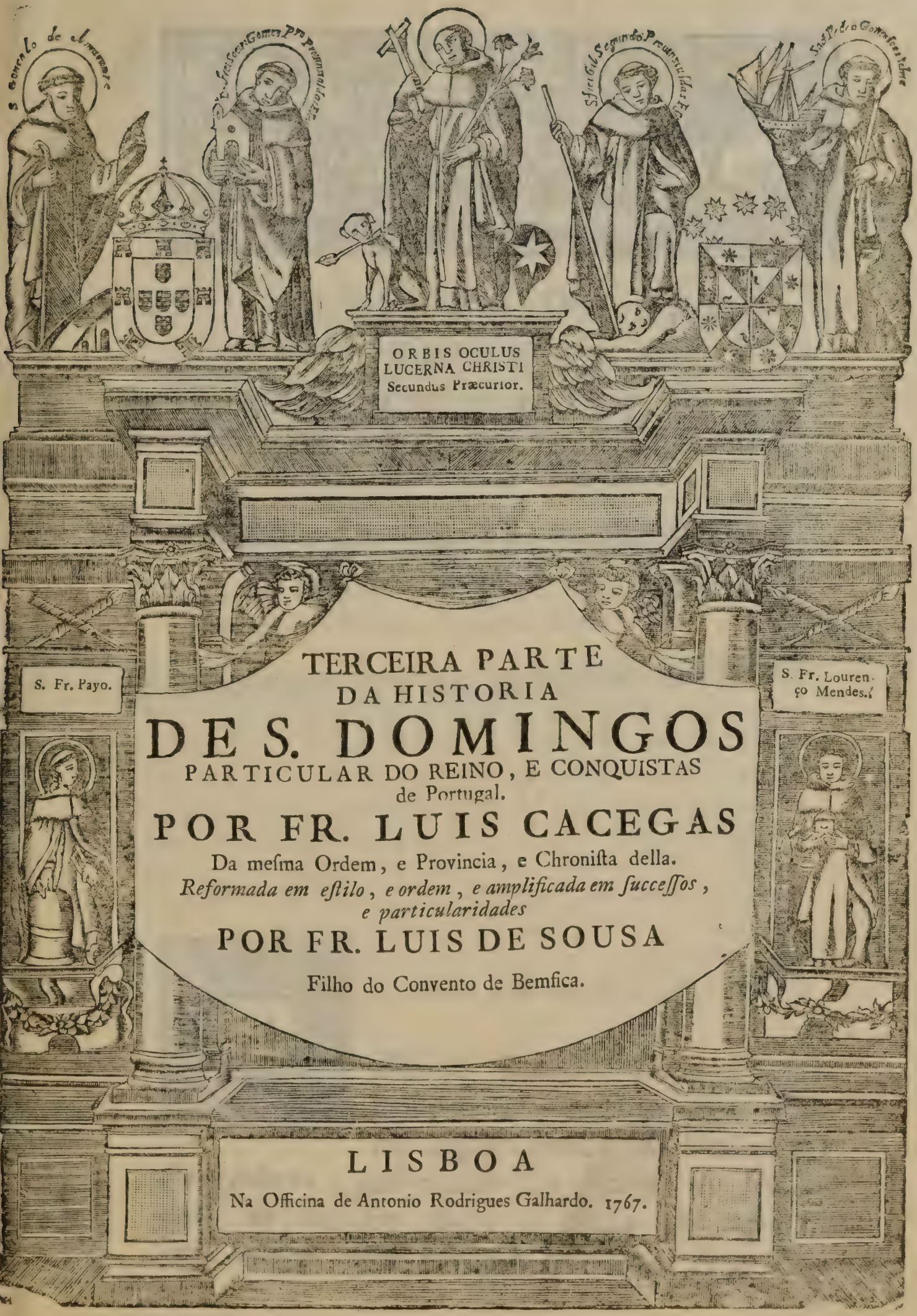
DA

HISTORIA

DE S. DOMINGOS,

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS

DE PORTUGAL.



TERCEIRA PARTE
DA HISTORIA

DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO, E CONQUISTAS
de Portugal.

POR FR. LUIS CACEGAS

Da meſma Ordem, e Provincia, e Chroniſta della.
Reformada em eſtilo, e ordem, e amplificada em ſucceſſos, e particularidades

POR FR. LUIS DE SOUSA

Filho do Convento de Bemfica.

LISBOA
Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo. 1767.

A' RAINHA DO CEO,

E DA TERRA

A VIRGEM SANTISSIMA

SENHORA NOSSA

Com a Invocaçaõ de ſeu Sanctiſſimo Rozario.

A DUAS Rainhas *da terra ſe dedicaraõ as primeiras duas Partes deſta Cronica da Ordem dos Prégadores, particular dos Reinos de Portugal, de que foy Autor (ainda que repartio com outrem eſta honra) o Padre Frey Luis de*

de Souſa, filho da meſma Religiaõ. A voſſos pés Rainha, e Senhora do Univerſo, ſe offerece eſta Terceira, e ultima Parte da meſma materia, e Autor, naõ ſó para que voſſo nome ſeja a coroa de ſuas obras, mas para que voſſo patrocinio lhe ſirva de eſcudo para os tiros da inveja, que ſempre ao mais perfeito ſe atreve: E ſupoſto que a obra he dos filhos, e filhas de noſſo Grande Patriarcha S. Domingos, aos quaes entregaſtes na terra o Jardim de voſſa maior eſtimaçaõ, o Santiſſimo Rozario; e debaixo de voſſo manto tendes recolhidos na gloria, aonde piamente cremos tendes tambem ao Autor deſta obra; aſſim a obra como o Autor merecem, pedem, e tem por certo voſſo patrocinio, e favor.

AO LEYTOR.

EM tres Partes dividio o Padre Frey Luis de Souſa a Cronica que compoz da Ordem dos Prégadores, particular do Reyno de Portugal. A Primeira ſe deu á eſtampa em vida do meſmo Autor, no anno de mil e ſeiſcentos e vinte tres, ficando as outras duas com ſua morte ſepultadas no eſquecimento, até o anno mil ſeiſcentos e ſeſſenta e dous, em que o Padre Meſtre Frey Antonio da Encarnaçaõ filho benemerito da meſma Religiaõ, e Deputado do Santo Officio, fez imprimir a Segunda com algumas Addiçoens, que lhe pareceraõ neceſſarias; e por deſejar fazer o meſmo neſta Terceira Parte, e a morte impedir ſeus intentos, ſenaõ imprimio em ſua vida. Agora a fez imprimir hum filho indigno da meſma Provincia, no meſmo eſtado em que ſeu Autor a deixou, aſſim, porque com o eſtilo do Autor nenhum outro pode ſer ajuſtado, como, porque qualquer materia, que haja para as Addiçoens, o pode ſer para quem ſeguir ao Autor deſta obra na continuaçaõ da Cronica. E porque finalmente naõ venha a ſer a dilaçaõ occaſiaõ de ſe perder, ou eſconder huma obra taõ excellente, como já ſuccedeo a outra do Autor; que como taõ conhecido pelo aplauſo das que tem ſahido a luz, naõ neceſſita neſta de mais recommendaçaõ, que a de ſeu nome.

PRO-

PROTESTAÇAM.

EM nome do Autor deſta Obra proteſta o Procurador da Provincia da Ordem dos Prégadores dos Reynos de Portugal, que conformandoſe com os Decretos do Papa Urbano VIII. de treze de Março de mil ſeiscentos vinte e ſinco, e ſinco de Julho de mil ſeiscentos trinta, e hum, e de ſinco de Julho de mil ſeiſcentos trinta e quatro, naõ he ſua tençaõ, que os milagres, revelaçoens, titulos de ſantidade, e mercês de Deos, de que neſta Terceira parte faz mençaõ, tenhaõ mais credito, ou authoridade, que a dos Autores que os relataõ, porque ſó ſe referem como Hiſtoria humana, excepto aquelles, que pela Santa Sé Apoſtolica eſtiverem recebidos, & aprovados. S. Domingos de Lisboa 16. de Julho de 1677.

Frey Vicente Veloſo, Procurador geral.

LICEN-

LICENÇAS.

DO REV.mo PADRE GERAL.

NOs Fr. Joannes Baptiſta de Marinis Sacræ Theologiæ profeſſor, Ordiniſque Fratrum Prædicatorum humilis Magiſter Generalis, & ſervus. Tenore præſentium noſtrique authoritate officii facimus licentiam P. Fr. Antonio de Incarnatione noſtræ Provinciæ Portugalliæ, ut poſſit publicis typis mandare Secundam, & Tertiam Partem Hiſtoriæ Provinciæ noſtræ Portugalliæ compoſita à R. P. Fr. Ludovico de Souſa ejuſdem Provinciæ, ſervatis ſervandis. Datum Romæ in Conventu noſtro Sanctæ Mariæ ſuper Minervam die 25 Junii. An. Domini 1650.

Fr. Jo. Ba. de Marinis Magiſtr. Ord.

Rta. fol. 19.

Fr. Bernardinus Venetiis
Magr. & ſocius.

Approvaçaõ do M. R. P. Fr. Manoel Veloſo, Qualificador do Tribunal do Santo Officio de Lisboa.

ORdenou o M. R. P. M. Fr. Franciſco de Santo Thomaz, Vigario Geral deſta Provincia, que viſſe, e reviſſe eſta Terceira Parte da Hiſtoria de S. Domingos, particular do Reino, e Conquiſtas de Portugal, compoſta pelo P. Fr. Luiz de Souſa, que vindo á Religiaõ com o pezo de muitos annos, e leve dos cuidados do mundo, trocou as aſſiſtencias, e politicas Palacianas, em clauſura, e humildade Relogioſa, applicando a maõ aos movimentos da penna, depois de cançada em mover a eſpada, e brandir a lança com recontros de honra, em ambas as Indias, e na Ilha de Malta, aonde naõ chegou a ſer profeſſo, porque deſviou a fortuna ſeus primeiros intentos.

* Eſte

Eſte Tomo ſendo o Terceiro na ordem da Cronica deſta Provincia, he o Quinto nas ſuas obras: E achará quem o ler, que he a quinta eſſencia das Cronicas, porque ſendo o ultimo tras comſigo o credito de mais perfeito: Com elle rematou o incanſavel deſvelo de ſeu trabalho, e coroou o louvavel emprego de ſeu eſtudo. Quando a penna podia eſtar já groſſa do muito que eſcreveo, eſcreveo o P. Fr. Luiz com melhor penna: Eſcreve com mais elegancia, e ſubtileza a penna já cançada, porque acha as noticias mais certas, o diſcurſo mais facil, a fraze mais corrente, as palavras mais proprias, as ſentenças mais fundadas, a explicaçaõ mais clara, a Hiſtoria mais cheia de ſentenças, mais farta de erudiçaõ, de ſuavidade para o goſto, de recreaçaõ para o juizo: Com eſta Alma fallou quem diſſe: *Groſſior calamus ſcribit ſubtilius.* Alguns ignorando o eſtylo Hiſtorico apparaõ muito a penna. E quem advertir em ſeus eſcritos, achará que a naõ apparaõ ſutil para eſcrever, mas que a fizeraõ aguda para picar: eſcrevem com eſpinhos, naõ com penna, porque ignoraõ que a penna *ſcribit*, *non pungit.*

Moſtrou o Padre Fr. Luiz a ſubtileza de ſua penna eſcrevendo muitos Livros, ſem offenſa de quantos eſcreveraõ; porque todo ſeu cuidado foi eſcrever ſem impugnar: Dizer verdades ſem convencer mentiras: Humilde em reſolver, efficaz em perſuadir, comedido em refutar: Em nada moveo contendas; porque em nada o picou a inveja, commum eſtimulo dos que eſcrevem Cronicas. Sinco Tomos eſcreveo o Padre Fr. Luiz: A Cronica do Grande Principe, e piadoſo Rey D. Joaõ o III. obedecendo ao preceito, com que lhe commetteraõ eſte aſſumpto: Naõ ſe deu á eſtampa, porque algum a titulo de o ler curioſo, eſcondeo eſte theſouro. Tambem eſcreveo a Vida do Arcebiſpo Primaz, o Senhor D. Fr. Bartholameu dos Martyres, cujas virtudes mais que por ſeu nome proprio o fizeraõ conhecido por Arcebiſpo Santo. A Hiſtoria deſta Provincia repartida em tres Tomos, da qual eſte he o Terceiro, que chega quaſi a noſſos tempos. Se tivera mais vida, mais vidas eſcrevera, que quem aſſim aproveitou o tempo em ſeu trabalho, naõ tinha por trabalho aproveitar o tempo.

Naõ

Naõ eſcreveo o Padre Fr. Luiz Theologia, porque naõ foi Theologo. Foi Croniſta, eſcreveo Cronicas: E foi taõ inſigne neſta materia, que ninguem, que teve liçaõ de Hiſtoria, deixou de admirar ſeu eſtylo, ſua diſpoſiçaõ, ſua elegancia: a elegancia ornada com ſentenças: a diſpoſiçaõ repartida com clareza: o eſtylo taõ proprio para o aſſumpto, e taõ corrente para o hiſtorico, as palavras taõ genuinas para o diſcurſo, que em todo o diſcurſo dos Livros, que eſcreveo, foi ſempre o eſtylo medio, emulo do altiloco: com que moſtrou, que naõ ſendo Meſtre em Theologia, em nada foi idiota, antes farto de noticias em todas as materias, porque em todas correo igualmente a ſua penna. Se como foi Hiſtoriador, fora Theologo, fora taõ inſigne Theologo como Hiſtoriador. Porém como a Hiſtoria naõ tem parenteſco com a Theologia, conduz pouco ſaber dous dedos de Theologia, para ſaber eſcrever Hiſtoria.

As que o Padre Fr. Luiz eſcreveo neſta Terceira Parte, movem o eſpirito para imitaçaõ das virtudes, recreaõ os ſentidos para alivio do trabalho, elevaõ o juizo com ſuavidade, com brandura, com liçaõ douta, com doutrina ſãa, pia, e devota, ſem que em nada offenda a Fé Catholica, os bons coſtumes, o decoro de noſſa Religiaõ Sagrada. Antes deve confeſſar a Ordem toda a divida, em que fica a ſeu trabalho, por lhe dar noticia de tantos, taõ grandes, e taõ inſignes ſogeitos. E eſta Provincia deve ſempre reſpeitar com agradecidas memorias o credito, que lhe grangeou em ſeus eſcritos, tirando do theſouro do eſquecimento as antigas noticias, que todos ignoravaõ, fazendo-nos preſentes ſogeitos, que floreceraõ em letras aballizadas, e virtudes heroicas: Pelo que me parece, naõ ſó dar-ſe licença, mas fazer, que eſte Livro ſe imprima a toda a preſſa, para que ſenaõ dilate locuçaõ taõ elegante aos diſcretos, e o exemplo de tanta vida ſanta aos devotos. Lisboa em S. Domingos, aos 18. de Julho de 677.

Fr. Manoel Veloſo.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Luiz da Reſurreiçaõ.

POr commiſſaõ do muito Reverendo Padre Meſtre Fr. Franciſco de Santo Thomaz, Vigario geral deſta Provincia, e Conſultor do Santo Officio: Li com attençaõ, & curioſidade eſte Livro, que he a Terceira Parte da Hiſtoria de S. Domingos particular do Reino, e Conquiſtas de Portugal, compoſta pelo M. R. P. Fr. Luiz de Souſa: e naõ ſei certo de que mais me admire, ſe do trabalho incanſavel que teve em ajuntar papeis, revolver cartorios, e ler os pergaminhos antigos da Torre do Tombo: Se da facilidade da obra, no acerto da empreſa, na fertelidade da erudiçaõ, e na ſuavidade do eſtylo. Tudo he grande, tudo maior que todo o encarecimento. E aſſim me ſerá permittido uſar das palavras que em certa occaſiaõ diſſe Apelles: *Ingens labor, admirandum opus; deſunt tamen gratiæ, quæ illud auferant, atque in cælo reponant.*

Pelo que me parece, que he digno de ſe imprimir, e ſahir a luz, viſto naõ ter couſa alguma contra noſſa Santa Fé Catholica, nem contra os bons coſtumes: antes ter muitas couſas que ſerviraõ de aſſombro, e admiraçaõ aos Leitores, outras de recreaçaõ aos curioſos, e muitas de grande exemplo aos eſpirituaes, como na Hiſtoria verá o devoto, e curioſo Leitor. Em S. Domingos de Lisboa, aos 23. de Julho de 677.

Fr. Luiz da Reſurreiçaõ.

FR. Franciſco de Santo Thomaz, Meſtre em ſanta Theologia, e Vigario geral da Ordem dos Prégadores neſtes Reinos de Portugal. Suppoſta a approvaçaõ dos Padres Meſtres deſta noſſa Provincia, a quem commetti, viſſem, e examinaſſem o Livro, que ſe intitula: *Terceira Parte da Hiſtoria de S. Domingos, particular do Reino de Portugal*, compoſta pelo P. Fr. Luiz de Souſa, dou licença para ſe poder imprimir, ſervatis ſervandis. S. Domingos de Lisboa, e de Agoſto 12 de 1677.

Fr. Franciſco de Santo Thomaz Vigario geral.

Do

DO SANTO OFFICIO.

O Padre Meſtre Fr. Chriſtovaõ de Foyos Qualificador do Santo Officio veja eſte Livro, e informe com ſeu parecer. Lisboa, 16 de Julho de 677.

Manoel de Magalhaens de Menezes. Manoel de Moura Manoel.
Fr. Valerio de S. Raymundo.

VI eſta Terceira Parte da Hiſtoria Dominicana, particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal, compoſta pelo P. Fr. Luiz de Souſa. Naõ tem couſa contra noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes, antes ſerá ſua liçaõ muito proveitoſa, naõ ſó para conſtar a todos o muito que eſta Religiaõ graviſſima he benemerita da Igreja em toda a parte; mas tambem para ſe excitarem ao exercicio das virtudes, acçoens de que aqui ſe eſcrevem glorioſiſſimos exemplos com eſtylo puro, e Religioſo. He o que me parece. Lisboa, no Cenvento de Penha de França, 22 de Agoſto de 1677.

Fr. Chriſtovaõ de Foyos.

O Padre Meſtre Fr. Antonio dos Archanjos Qualificador do Santo Officio, veja eſte livro, e informe com ſeu parecer. Lisboa, 17 de Agoſto de 677.

Manoel Pimentel de Souſa. Manoel de Moura Manoel.
Fr. Valerio de S. Raymundo.

EM tudo me conformo com a Cenſura do R. P. M. Fr. Chriſtovaõ de Foyos, no nome de ſeu Author, e fica eſte livro com tanto no eſtylo, na modeſtia, na erudiçaõ, no Eſpirito, e na clareſa com que o eſcreveo, que he digno de muitos Elogios. Iſto he o que me parece. S. Franciſco de Xabregas, Setembro 11 de 1677.

Fr. Antonio dos Archanjos.

VIſtas as informaçoens, póde-ſe imprimir eſta Terceira Parte da Hiſtoria de S. Domingos, Author o P. Fr. Luiz de Souſa, e impreſſa tornará para ſe conferir com o original, e ſe dar licença para correr, e ſem ella naõ correrá. Lisboa, 14 de Setembro de 677.

Manoel Pimentel de Souſa. Manoel de Moura Manoel. Fr. Valerio de S. Raymundo.

DO ORDINARIO.

PO'de-ſe imprimir. Lisboa, 15 de Setembro de 677.

E. Biſpo de Pernanbuco.

DO PAÇO.

MAnda o Principe noſſo Senhor, que o Padre Antonio Vieira, ſeu Prégador, veja eſte livro, e informe com ſeu parecer. Lisboa, 17 de Setembro de 1677.

Marquez P. Baſto. Mouſinho.

Approvaçaõ do M. R. P. Antonio Vieira da Companhia de Jeſus, Prégador de Sua Alteza.

INtitula-ſe eſte livro *Terceira Parte da Hiſtoria de S. Domingos, particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal*, reformada em eſtylo, e ordem, e amplificada em ſucceſſos particulares por Fr. Luiz de Souſa, filho do Convento de Bemfica: E poſto que, ſem mais exame, baſtavaõ para a qualificaçaõ de toda a obra os dous nomes, que ſe lem na fachada: hum taõ eſclarecido no mundo, e taõ benemerito da univerſal Igreja, como he o do Patriarca S. Domingos, e he, e ſerá ſempre o de ſua Sagrada Religiaõ: outro taõ conhecido em Heſpanha, e taõ benemerito da Naçaõ, e lingua Portugueza, como he o

do

do P. Fr. Luiz de Souſa. Obedecendo com tudo á ordem de V. Alteza, li com particular attençaõ eſta Terceira Parte, e me parece taõ digna de ſahir logo á luz, como o julgáraõ, com maior ſufficiencia os cenſores da Primeira, e da Segunda. E ſe me fora licito eſtranhar alguma couſa, he ſó o tempo, em que ella atégora, depois dos dias de ſeu Author eſteve ſepultada com elle. Toda a Hiſtoria he Meſtra da vida: Eſta he Meſtra da vida, e da Hiſtoria. Da vida, porque todos os Eſtados do Reyno tem muito que aprender nos exemplos glorioſos, que aqui ſe referem naõ eſtrangeiros, mas proprios, e naturaes, e daquelles meſmos a quem ſuccedemos, e por iſſo de mais facil imitaçaõ, e ſem deſculpa. Para as Religioſas he eſta Hiſtoria eſpelho, para os Religioſos eſtimulo, e para todos os que profeſſamos Obſervancia Regular, ou reprehenſaõ, ou louvor. Nem ſe encerra ſó o fruto della dentro dos Clauſtros, e muros das Religiões, porque tambem o podem colher mui copioſo os que vivem fóra delles. Aqui veraõ os Miniſtros de V. Alteza os grandes progreſſos, que as Bandeiras de Chriſto igualmente com as armas de Portugal faziaõ em todo o ſeculo paſſado nas Conquiſtas do Oriente: cuja memoria ſenaõ póde ler ſem dor. E he a maior de todas a conhecida inſenſibilidade, com que, ou ſe deſpreſaõ tamanhas perdas, ou ſe lhes difficultaõ os remedios. Creſcia aquella Monarquia em quanto creſcia a Fé: E creſcia a Fé em quanto os Miniſtros della eraõ aſſiſtidos dos que o ſaõ dos Reys: E em quanto os meſmos Reys tinhaõ por taõ ſuas as conquiſtas da Igreja, como a dilataçaõ do proprio Imperio. Por onde diſſe com muita razaõ o Author deſta meſma Hiſtoria, na Dedicatoria da Primeira Parte, ſer taõ propria toda dos Reys Portuguezes, que, ſe lhe tiraſſem o titulo de S. Domingos, ficaria mais delles que delle. Aſſim entenderaõ os Religioſiſſimos Principes, que tudo o que ſe dá a Deos ſe recebe com uſura: Sendo pelo contrario, Politica naõ ſó errada, mas impia, cuidar que ſe podem augmentar os Eſtados com o que ſe tira a quem os dá. Iſto he o que enſina, e perſuade a preſente Hiſtoria em quanto Meſtra da vida. He tambem, como dizia, Meſtra da meſma Hiſtoria, porque nella ſe vem juntamente pra-

ti-

ticadas todas as ſuas leys : Na verdade da narraçaõ, na ordem dos ſucceſſos , na pontualidade dos tempos, dos lugares, das peſſoas, e na noticia, e ponderaçaõ dos motivos, e cauſas de tudo o que ſe obrou, ou omitio : louvando ſem ambiçaõ, nem liſonja o que he digno de louvor (que he quaſi tudo) e caſtigando, ſem ſangue, alguns defeitos : dos quaes ſe compoem, naõ menos, a perfeiçaõ da Hiſtoria. O eſtylo he claro com brevidade, diſcreto ſem affectaçaõ, copioſo ſem redundancia, e taõ corrente, facil, e notavel, que enriquecendo a memoria, e affeiçoando a vontade, naõ cança o entendimento. Faltaõ geralmente nas Hiſtorias das Religioſas aquelles caſos, e nomes eſtrondoſos, que por ſi meſmos levantaõ a penna, e daõ grandeza, e pompa á narraçaõ : por onde notou o Meſtre da Facundia Romana, ſer mais facil dizer as couſas ſublimes com mageſtade, que as humildes com decencia. E neſta parte he admiravel o juizo, diſcriçaõ, e eloquencia do Author, porque fallando em materias domeſticas, e familiares (como ſaõ particularmente as que ſe obraõ, e executaõ á ſombra da clauſura monaſtica) todas refere com termos taõ iguaes, e decentes, que nem nas mais avultadas ſe remonta, nem nas miudas ſe abate : dizendo o commum com ſingularidade, o ſemelhante ſem repetiçaõ, o ſabido, e vulgar com novidade, e moſtrando as couſas (como faz a luz) cada huma como he, e todas com luſtre. A lingoagem, tanto nas palavras, como na fraſe, he puramente da lingoa, em que profeſſou eſcrever, ſem miſtura, ou corrupçaõ de vocabulos eſtrangeiros : os quaes ſó mendigaõ de outras lingoas os que ſaõ pobres de cabedaes da noſſa, taõ rica, e bem dotada, como filha primogenita da Latina. Sendo tanto mais de louvar eſta pureza no Padre Fr. Luiz, quanto a ſua liçaõ em diverſos idiomas, e as ſuas largas peregrinaçoens em ambos os mundos o naõ poderaõ apartar das fontes naturaes da lingoa materna : como acontece aos Rios, que vem de longe, que ſempre tomaõ a côr, e ſabor das terras por onde paſſaõ. A propriedade, com que falla em todas as materias, he como de quem a aprendeo na eſcolla dos olhos. Nas do mar, e navegaçaõ falla como quem o paſſou muitas vezes : nas da guerra, como

mo quem exercitou as armas: nas das Cortes, e Paço, como Cortezaõ, e deſenganado: E nas da perfeiçaõ, e virtudes Religioſas, como Religioſo perfeito. Por iſſo a ſua Religiaõ Sapientiſſima neſte Reyno, como em toda a parte, entre tantos ſogeitos eminentes nas outras letras, eſcolheo, com alto conſelho, hum tal Croniſta, entendendo, que a arte de fallar com propriedade em tudo o que abraça huma Hiſtoria, naõ ſe eſtuda nas Academias das Sciencias, ſenaõ na Univerſidade do mundo. O grande conhecimento, que o Padre Fr. Luiz de Souſa teve no meſmo mundo, ſe moſtra bem em o haver finalmente deixado. E eſte he o documento geral, que ſe lê em toda a ſua Hiſtoria: taõ digno de ſer imitado dos que naſceraõ, e ſe criaraõ com ſemelhantes obrigaçoens, quanto he certo, que aſſim nos primeiros eſtudos, como nas ultimas reſoluçoens, terá poucos imitadores. Servirá porém eſte exemplar para confuſaõ dos que o lerem. E como elle eſcreveo na Primeira, Segunda, e Terceira Parte deſta Hiſtoria as acçoens de taõ heroicos ſogeitos, aſſim ſerá hum dos mais excellentes, que andaraõ eſcritos na quarta. Eſte he o meu parecer. Neſte Collegio de Santo Antaõ da Companhia de Jeſus, 28 de Setembro de 1677.

Antonio Vieira.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir eſta Terceira parte da Hiſtoria da Ordem de S. Domingos, Author o Padre Fr. Luiz de Souſa, viſto ter licença do Santo Officio, e Ordinario, e impreſſa tornará á Meſa, para ſe conferir com o original, e ſe dar licença para correr, e ſem ella naõ correrá. Lisboa, 5 de Outubro de 677.

Marquez P. Carneiro. Roxas. Mouſinho.

LICENÇA.
Da Real Meza Cenſoria.

POdem correr todos os quatro Tomos deſta Hiſtoria, Meza, 21 de Julho de 1768.

Arcebiſpo Regedor P.

Gama.

Coelho. Vaſconcellos. Pereira.

TERCEIRA PARTE

DA HISTORIA

DE S. DOMINGOS,

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO PRIMEIRO.

CAPITULO I.

Entra em Portugal por Viſitador, e Reformador da Ordem o P. M. Fr. Joaõ Furtado. Celebra Capitulo de eleyçaõ. Juntaõſe em hum corpo os Conventos da Provincia, e Obſervancia, e elegem Provincial.

ENTRAMOS na terceira, e ultima parte deſte noſſo trabalho: e ainda que naõ he piqueno o que temos por paſſar, confeſſo que ſinto em my o meſmo, que acontece a quem ſubio hum monte alto, ingreme, e agro, que chegando a vencer a ſubida deſalentado, e ſem forças, e em eſtado de naõ poder dar mais paſſo, ſe vê que o que reſta do caminho, naõ he mais, que decer, tanto o esforça a imaginaçaõ, que em lugar de deſcançar para tornar em ſy, ſem tomar hora de repouſo, ſe arremeſſa á decida cheyo de novo vigor. Aſſi me acho com a maõ folgada, e eſpirito deſabafado pera o que fica por eſcrever, vendo, que temos vencido o monte alto da Segunda Parte, que naõ ſem grande trabalho deixamos, ſeja o Senhor louvado, concluida: e tomando por genero de decida, e principio de alivio conſiderar, que

chegamos á parte, que ha de ſer fim, e remate deſte cuidado, que a provincia de noſſos hombros fiou, ainda que nos naõ ameacem nella menos fadigas, que na primeira, e ſegunda: coſtuma a natureza esforçar ſeus effeitos, quando as couſas mais eſtaõ no cabo: corre com mais impeto o pezo na mayor vizinhança do centro, e em diſtancia proporcionada mais violento he o arremeſſo da lança, quando chega a executar o golpe, que ao ſahir da maõ: Tiremos logo forças de fraqueza, e pedindoas ao Senhor, de quem procede todo o bem, e em cujo ſerviço nos manda continuar a ſanta obediencia, tornemos animoſamente á carreira.

Levounos a Primeira Parte todo o tempo, que os Conventos de Portugal, e Caſtella eſtiveraõ juntos, e unidos debaixo do governo de hum sò Provincial, que foy deſde o
1217. anno de 1217. até o de 1388.
1388. No qual em razaõ das guerras começaraõ effectivamente a apartar fato, e companhia, e a eſte apartamento ſeguio pouco depois a formal diviſaõ de Provincias. Demos á Segunda Parte os Conventos de Portugal começados a ſeparar de Caſtella, e feitos já Provincia por ſy: E aſſinamoslhe ſeu principio no
1392. anno de 1392. em que o teve tambem o Moſteyro do Salvador. Lançamos na meſma as diſtinçoens, que entaõ começaraõ de Conventos de Clauſtra, e Conventos de obſervancia. Juntamoslhe as caſas, que cada Congregaçaõ deſtas foy levantando de novo, com relaçaõ dos ſucceſſos geraes, que a huma, e outra achamos pertencentes, e eſpecificados todos os Provinciaes da Clauſtra, e Vigarios da Obſervancia, aſſi em nomes, como em tempo, que ſerviaõ: com que parece fica dada a toda a hiſtoria a clareza poſſivel: E porque eſte modo de governo aſſi dividido em nomes, e effeitos durou até o anno de 1513. no qual Deos foy ſervido que ceſſaſſe, unindoſe todos os Conventos do Reyno debaixo da adminiſtraçaõ de hum ſó Prelado; pela meſma razaõ demos nelle fim á Segunda Parte: e a tomamos por principio, e fonte deſta Terceira, e de tudo o que nos reſta por eſcrever, que eſtenderemos até noſſos dias, e o anno de 1653. em que as voltas do tempo tornaraõ a reſuſcitar o nome antigo de Obſervancia temperado com titulo de Recolleta, fazendoſe novidade em alguns Conventos, do que por velhice eſtava eſquecido. E terá eſta Parte Terceira juſtos cem annos, que juntos com cento e vinte ſeis, que nos levou a Segunda, e com mais cento e ſetenta, que demos á Primeira, fazem ſoma de trezentos e noventa e ſeis annos. E tantos terá de reſidencia a noſſa Ordem em Portugal, quando chegarmos com a hiſtoria ao de 1613. viſto como ſua primeira entrada nelle foy no anno de 1217. 1513.

Devemos os Portugueſes a elRey dom Manoel hum perpetuo cuidado de honrar, e acreſcentar todas as Caſas da Religiaõ no temporal, e grande vigilancia em lhes procurar reformaçaõ no eſpiritual. A noſſa em particular lhe eſtá obrigada por ſe acabar em ſeu tempo, e por ſeu meyo a contradi-

çaõ,

çaõ, e contenda continua, em que vivia eſta Provincia com os nomes de Frades Conventuaes, e Frades Reformados, nomes hum, e outro ſempre mal ſofridos. O primeiro pela lembrança, e odio da clauſtra antiga: O ſegundo pela ambiçaõ da ventagem, que repreſentava. Mas em ſeu tempo ſe levava peor; porque já entaõ entre huns, e outros eſtavaõ as couſas da Religiaõ reduzidas a taõ bons termos, que a differença naõ era mais que de nome, e parecia genero de afronta differença em palavra, quando nenhuma avia em obras. Florecia por eſtes annos na Provincia de Eſpanha (que com tal nome ſe quiz ficar por excellencia a de Caſtella, tambem depois de ſeparada da noſſa, como a tras tocámos) hum Religioſo de raro eſpirito, filho do Convento de Piedrahita, Convento, que ſempre teve graça do Ceo, para criar ſemelhantes ſogeitos. Era ſeu nome Frey Joaõ Furtado, nobre por geraçaõ: Mas tanto mais nobre por partes de alma, que diz delle o Padre Fr. Fernando de Caſtilho, que em vida, doutrina, diſcriçaõ, prudencia, e conſelho era hum Oraculo de ſeu tempo: e diſſe pouco para o animo com que ſabemos engeitou depois dous Arcebiſpados, ſendo hum delles o de Toledo; e para o brio, com que ſendo encontrado de todos os principaes ſugeitos de ſua Provincia, meteo nella a pezar de todos nova reformaçaõ, e fundou com grande louvor o Convento de S. Gines de Talaveira em todo o rigor da primitiva regra de N. P. S. Domingos ſem nenhum genero de

Na Cron. da Ordē l.2.c.26.

diſpenſaçaõ. Tendo elRey Dom Manoel noticia deſte Padre, deſejou, que por tal medico foſſe eſta Provincia viſitada, e ſegundo o que achaſſe nos dous Conventos de Lisboa, e Batalha, qne eraõ os principaes della, aſſi a viſitaſſe, e reformaſſe: E para o effeito lhe alcançou do Padre Geral da Ordem o Meſtre Fr. Thomás Caetano, os poderes neceſſarios, e lhos mandou a Caſtella confirmados pelo Summo Pontifice. Era iſto a tempo, que entrava o anno de 1513. no qual eſtava lançado o Capitulo de eleiçaõ de Provincial de S. Domingos de Lisboa. Acceitou Fr. Joaõ a obediencia muito contra ſeu goſto; porque ſendo grande amigo de reformaçaõ, quizera começar antes por ſua Provincia, que pelas alheyas. Contaſe delle, que entrou pelo Reyno a pé, a uzo dos noſſos primeiros Fundadores, e ſem mais remedio de ſuſtentaçaõ, que o que alcançava, pedindo de porta em porta. O primeiro Convento, em que apreſentou ſuas patentes, foy o de Evora. Aqui ſe enformou do eſtado da Provincia, e com ſeu grande juizo alcançou na primeira viſita como bom medico, tudo o que avia de curar, e os meyos, que para a fazer avia de ſeguir. Era Prior em Evora Frey Ayres d'Azevedo. Tal ſitio achou nelle Fr. Joaõ, e taõ conforme tudo o que tinha ouvido, com o que julgou de ſua pratica, depois que o tratou, que ouve por eſcuſado hir peſſoalmente á Batalha ſe o mandaſſe a elle; e aſſi o poz logo por obra, aſſolvendoo da Prelacia d'Evora, conſtituindoo authoritate Apoſtolica Prior da Batalha. E tal

1513.

foy o primeiro acto de viſitaçaõ, que fez entre nós.

Part. 2. lib. 2. cap. 28.

Neſta Cidade prégou o Viſitador, e lhe aconteceu o que refere o Padre Frey Fernando de Caſtilho (caſo digno de andar eſcrito com letras eternas em todo o coraçaõ catholico, e de naõ ficar fóra deſtas memorias) perdiaõſe as novidades por ſeca, era tempo de Inverno, e naõ avia no Ceo ſinal de orvalho. Veyo o povo junto ao noſſo Convento com huma devota Prociſſaõ, pedindo a Deos agoa. Rogaraõlhe os Padres, que prégaſſe. Subindo ao pulpito, foy buſcando com hum devoto, e douto diſcurſo, que cauſa poderia aver para Deos fazer o Ceo de bronze com ſecura, e naõ regar os campos com as chuvas coſtumadas, e concluhio, que a cauſa era outra grande ſeca, que avia da parte da terra, e falta de outras agoas, que della eſperava, e queria o Ceo: Pois ſendo os peccados dos homens tantos, e taõ continuos, e ſendo obrigaçaõ noſſa lavallos com chuva de lagrimas, em todo o anno lhe naõ davamos huma ſó gota, e queriamos, que Deos nos deſſe a ſua agoa, negandolhe nós a noſſa. Em fim levantando a voz com huma eſtranha energia, confiança, e authoridade de Santo, diſſe aſſi: *Si quereis hermanos, que Dios dè agua, dadſela vos otros primero: y haziendo eſto, yo os certifico, que Dios regarà vueſtras tierras.* Foy tamanho o aballo, que no auditorio fizeraõ eſtas bem achadas razoens, que naõ ouve em toda a Igreja peito, que ſe naõ tornaſſe de cera, nem olhos, que ſenaõ derreteſſem em lagrimas de dor, e compunçaõ: De ſorte, que ſe ouve o Senhor por obrigado a deſempenhar a palavra do ſeu ſervo, com naõ menos pontualidade, que chovendolhes logo ao ſahir da Igreja taõ copioſamente, que tornaraõ para caſa bem molhados.

Mas tornando á hiſtoria, paſſouſe o Santo Viſitador a Lisboa, e em virtude dos poderes, que trazia, fez chamamento geral da Provincia para Capitulo: e por naõ alterar nenhuma couſa eſperou que foſſe tempo de acabar ſeu quadriennio o Provincial, que governava, que era Frey Mendo d'Abreu, que ſe cumpria por fim de Abril do anno ſeguinte de 1513. Neſte meyo tempo achamos por memorias, e lembranças da Provincia, que caminhou o Viſitador por ella, e chegou até Guimaraẽs. Tornando a Lisboa ao tempo ſinalado, acharaõſe com elle o Provincial Fr. Mendo, e o Vigario da Obſervancia Fr. Lopo Soares cada hum per ſy, peſſoas de grande valor, e Religiaõ, juntaraõſe com ambos os Priores ſeus ſubditos, e os mais vogaes ſegundo coſtume, e entraraõ em Capitulo o primeiro dia de Mayo. Tanto que o Viſitador os teve juntos, antes de comecarem a proceder á eleiçaõ, proposlhes com muitas, e mui efficazes razoens, que poſtos de parte reſpeitos particulares, e intereſſes proprios, quizeſſem todos, como verdadeiros filhos de S. Domingos, unirſe em huma ſó vontade de procurar o bem, e honra da Provincia, ſem pôr olhos em outra couſa: Foilhes logo moſtrando, que o que podiaõ de preſente fazer de grande gloria de todos, 1513.

era

era tirar do mundo nomes de Clauſtra, e Obſervancia, apagar da memoria diſtinçoens da vida commua, e vida reformada, que ſe em algum tempo foraõ toleraveis, ſendo ſempre ſemente de deſgoſtos, e diſſençoens, no preſente já ſe naõ podiaõ por nenhuma maneira ſofrer. Porque affirmava, como quem tinha alcançado baſtantemente tudo o que paſſava na Provincia, que os que Frades chamavaõ Conventuaes, ou de vida commua, naõ deviaõ nada na guarda eſſencial da regra aos mais Reformados da Congregaçaõ Obſervante. E niſto eſtava taõ certo de preſente, que ſe aſſi o eſtivera antes de ſahir de Caſtella, nenhum poder baſtara para o arrancar da cella: Porque na verdade naõ achava em Portugal neceſſidade de Reformaçaõ, nem ainda de viſta: e tudo ficaria no melhor eſtado, que pelos mais zelozos ſe podia dezejar na hora, que ſe quizeſſem conformar, em darem todos ſugeiçaõ, e obediencia a huma ſó cabeça. Por tanto lhes pedia da parte de Deos, e de N. P. S. Domingos, que deſde logo trataſſem de eleger hum Prelado, que os governaſſe a todos, e com que de todo ſe extinguiſſe a differença de nomes, onde nenhuma avia já de coſtumes, que viſto que a elles muito cumpria, fariaõ ſerviço a hum Rey piiſſimo, que lhes procurava todo o bem eſpiritual, e temporal: para ſi meſmos ganhavaõ honra, moſtrando animos deſintereſſados, brandos, e obedientes; e a elle Frey Joaõ pagariaõ inteiramente o trabalho do caminho (todos ſabiaõ, que o tomara a pé) e a deſconſolaçaõ com que o aceitara. Lembrandolhes finalmente para exemplo, que muito mais que iſto fizera poucos annos antes toda a Provincia de Eſpanha por hum Viſitador Portuguez, que fora o P. Fr. Joaõ Dias, cortando, desfazendo por amor delle parcialidades muy arreigadas, e diſcordias de animos, que já naõ avia. Era grande a eloquencia do Viſitador: mas aqui parece que obrou mais ſeu reſpeito, e virtude, porque ſem nenhum genero de encontro, nem alteraçaõ ſe vieraõ todos a conformar em ſeu parecer, e ſahio eleito em Provincial de todos os Conventos do Reyno de Provincia, e Obſervancia o P. Fr. Joaõ de Braga aos tres dias do mez de Mayo deſte anno em que vamos de 1513. 1513.

CAPITULO II.

Deſpedeſe o Viſitador da Provincia. Daſe conta breve dos Provinciaes, que ſuccederaõ deſte anno em diante até o de mil e ſeiſcentos e treze, em que fenece a Hiſtoria.

FOy eſta eleiçaõ geralmente bem recebida, tanto pela peſſoa do eleito, que era muito conhecido, e acreditado pelo governo, que já tivera da Congregaçaõ, como por ficar acabada a diviſaõ, que largos cem annos durava entre os Frades; e o meſmo tempo, que antigamente lhe dera reputaçaõ, a fazia agora até aos ſeculares aborrecida. ElRey ficou taõ ſatisfeito da prudencia, e bom termo do Viſitador, que onde dantes naõ tratava de Reformaçaõ mais que de dous Conventos,

ventos, fezlhe inſtancia, que quizeſſe viſitar todos os que avia no Reyno. Mas o bom Padre, como naõ tinha nada de ambicioſo, para folgar de mandar, e ſer obedecido, naõ ſó refuſou o cargo, mas antes pedio licença para ſe tornar para ſua Provincia, e taõ efficaſmente, que naõ pode elRey deixar de lha dar: Dizialhe elle, e publicamente o affirmava, que avia na Provincia homens, e muito homens de tanto valor, e partes, que lhe puderaõ bem forrar o trabalho de ſahir da ſua: que a eſtes podia S. Alteza cometer viſitas, e delles fiar todo outro grande cargo: E ſem fazer mais detença ſe poz a caminho, tornando pela meſma Cidade d'Evora, por onde viera, e imitando neſta preſſa quaſi como a ſinte o noſſo Portuguez Frey Joaõ Dias na viſita, que fez em Caſtella, como atras contamos. O Cardeal Xavierre achandoſe neſta Provincia em tempo, que governava a Ordem como noſſo Geral, que era, moſtrou a quem iſto eſcrevia hum tratado da vida deſte Padre em lingoa Latina. No qual ſe continha, que no tempo deſta ſua vinda a Portugal perſuadira a elRey Dom Manoel, que admitiſſe no Reyno o Santo Officio da Inquiſiçaõ. E tendoo taõ inclinado, que mandava eſcrever cartas ao Summo Pontifice para o effeito, fora deſviado por duas peſſoas de grande qualidade, e poder, o qual ſendo ſabido por Fr. Joaõ, lhe profetizara a ambos o caſtigo certo, que lhes naõ tardou de morte arrebatada, e ſem Sacramentos.

Deixou o Padre Frey Joaõ nomeado por Vigario Geral de Provincia o Padre Frey Lopo Soares, que o fora até entaõ da Obſervancia, para em quanto tardaſſe a confirmaçaõ do Geral; mas duroulhe pouco o cargo; porque veyo logo a confirmaçaõ, e a patente della acompanhada de huma carta ſua para toda a Provincia de grandes graças, e parabens: parabens pela uniaõ, graças pela paz, e boa eleiçaõ de Prelado. Era Frey Joaõ de Braga filho do Convento d'Aveiro, e fora Prelado da Congregaçaõ: entrando no novo governo, procedeo com igualdade, e benignidade de pay, conſolando os ſubditos todos, ſem fazer differença com nenhum, nem perder hum ponto do que devia ao officio de bom Prelado. Do que naceo, que paſſados alguns annos depois de acabar ſeu quadrienio, foy de novo buſcado para o meſmo cargo. Neſte primeiro aceitou a Provincia alguns Conventos, de que logo iremos dizendo, como fizermos huma liſta, ou relaçaõ dos Provinciaes, que lhe ſuccederaõ até o anno que propuzemos de 1613. E iſto ſerá em conformidade da que demos na Segunda Parte, que me perſuado faz muito ao caſo para luz das materias, acharemſe os nomes daquelles, que tem primeiro lugar na Hiſtoria, e de quem toda depende, juntos, e contados ſucceſſivamente com ſeus annos. 1613.

Governou o P. Fr. Joaõ de Braga os quatro annos de ſeu cargo, até a entrada do de 1517. 1517.

Succedeolhe o M. Fr. Jorge Vogado filho do Convento d'Azeitaõ, Prégador, e Confeſſor d'elRey D. Manoel até o anno de 1521. 1521.

Tor-

Tornou a ſer Provincial o P. Fr. Joaõ de Braga, e gover-
1525. nou até o anno de 1525.

Seguioſe o M. F. Manoel Eſtaço filho do Convento d'Evora, e natural da meſma Cidade, e gente nobre, governou dous annos ſómente; porque no Capitulo intermedio, que ſe celebrou em Lisboa no anno de
1527. 1527. foy abſoluto do cargo, e penitenciado pelos Deffinidores.

Entrou ſegunda vez o P. M. Fr. Jorge Vogado, que governou até principio do anno
1534. de 1534. porque como era muito aceito ao Rey, e á Ordem, impetraraõlhe prorogaçaõ do governo, ſendo actualmente Prior de Lisboa, e tendo recebido ao habito, e profiſſam dous grandes ſugeitos; Frey Bertholameu dos Martyres, e Fr. Jorge de Lemos, dos quaes o primeiro foy Arcebiſpo de Braga, e o outro Biſpo do Funchal na Ilha da Madeira.

Succedeo o M. Frey Amador Henriques filho do Convento da Batalha, por ordem, e a petiçaõ delRey D. Joaõ no Capitulo, que ſe celebrou em Evora na entrada deſte anno de 1534. e acabou ſeus quatro annos por
1538. Setembro de 1538. e foy penitenciado, e condenado á pena de graviori culpa, com aſſinaçaõ no Convento de N. Senhora da Serra por carcere.

Neſte Capitulo foy eleito o P. Fr. Mendo de Eſtremos filho d'Azeitaõ, onde fora já Prior, depois de o ſer de Bemfica, peſſoa de grande Religiaõ, e virtude. E porque ſua eleiçaõ foy feita com alguma contradiçaõ, por eſtar já no Reyno o M. Fr. Jeronymo de Padilha, com Patente de Vigario do Reverendiſſimo Geral; ſem embargo que foy ſua eleiçaõ confirmada; alcançou elRey do Capitulo Geral, que foſſe abſoluto do cargo; e ficou governando o Vigario Padilha até Outubro de 1540.

1540. Por Outubro de 1540. ſe juntou Capitulo de eleiçaõ em Lisboa, e foy eleito em Provincial o M. Fr. Jeronymo de Padilha, porque elRey o pedio. Avia hum anno, e meyo que era Prior em Lisboa. Durou no cargo até Agoſto de 1544. e
1544. faleceo de doença no Moſteyro d'Aveiro.

1545. Em Julho de 1545. veyo ajuntar Capitulo em Evora o Preſentado Fr. Chriſtoval de Valbuena, que já tinha nomeaçaõ do Reverendiſſimo, e de ſeu Vigario na Provincia, ſendo actualmente Prior de Lisboa, e no Capitulo foy eleito Provincial. Durou no cargo até Setembro do anno ſeguinte de
1546. 1546. e faleceo em Aveiro como ſeu anteceſſor.

Por Janeiro de 1547. nas oitavas da Epifania foy eleito em Provincial o M. Fr. Franciſco de Bovadilha, ſendo Prior de Lisboa, como ſeos dous anteceſſores, cumprio ſeos quatro annos até fim de 1550.

1551. Dilatouſe o Capitulo da eleiçaõ até Julho de 1551. Fezſe em Lisboa, ſahio eleito o M. Fr. Jeronymo de Azambuja, que eſtava por Prior da Batalha. E porque elRey queria, que permaneceſſe o governo nos Padres Caſtelhanos, que reſidiaõ em Portugal, alcançou Breve da Penitenciaria de Roma, que foſſe abſoluto Azambuja, ſem embargo de eſtar confirmado pelo

lo Geral; e ficaſſe Provincial o M. Fr. Joaõ de Salinas: faleceo cumpridos ſeos quatro annos no de 1555.

Foy eleito em Provincial o P. M. Fr. Luiz de Granada filho do Convento d'Evora por perfilhaçaõ. Fezſe ſua eleiçaõ no Convento da Batalha, ſervio até Junho de 1560.

Succedeolhe o M. Fr. Jeronymo d'Azambuja filho do Convento da Batalha, governou dous annos, e meyo: porque faleceo.

Entrando o anno de 1564. ſe juntou a Provincia, para eleger Provincial, e ſahio eleito o P. Fr. Eſtevaõ Leitaõ, filho de Lisboa, peſſoa de muita qualidade, muito nobre em ſangue, e virtudes, e era Prior do meſmo Convento; ſervio até o anno de 1568.

1568. No meſmo anno foi eleito por ſeu ſucceſſor o P. M. Fr. Franciſco Foreiro, Prégador d'elRey, filho, e Prior, que era de Lisboa, ſervio até Setembro de 1571.

Por Setembro do meſmo anno ſe juntou Capitulo em Santarem, e ſahio eleito do primeiro banco o P. M. Fr. Manoel da Veiga. Foy caſſada ſua eleiçaõ pelo Cardeal Dom Henrique, dizendo, que o tinha occupado na Inquiſiçaõ de Lisboa. Foy eleito ſegunda vez o Padre Frey Franciſco de Bovadilha, ſervio até Mayo de 1574. porque pedio, e alcançou abſolviçaõ.

No meſmo Mayo foy eleito ſegunda vez o Padre Frey Eſtevaõ Leitaõ: uſaraõ os Padres de poſtulaçaõ; porque o Cardeal Dom Henrique lhes mandou apontados: foy confirmado, ſervio inteiramente ſeu tempo.

Por Mayo de 1578. ſe fez Capitulo em Bemfica, e ſe elegeo em Provincial o Padre Frey Joaõ da Sylva, que foy Prior na meſma caſa, e em Lisboa, e Santarem: faleceo em Tangere no meſmo anno de doença acompanhando elRey D. Sebaſtiaõ.

Juntouſe Capitulo em Lisboa por ſua morte; ſahio eleito o Preſentado Fr. Thomás de Souſa Prégador d'elRey, que foy caſſado por elRey D. Henrique, que inda exercitava o Officio de Legado á Latere; e foy eleito em ſeu lugar o M. Fr. Antonio de Souſa, que pouco depois foy Vigario Geral de toda a Ordem, e ultimamente Biſpo de Viſeu. Governou pouco tempo o cargo de Provincial; porque na entrada do anno de 1580. partio para Roma a ſe achar na eleiçaõ de Geral, por ſer morto em Sevilha em Novembro de 1579. o Reverendiſſimo Geral Fr. Serafino Caballi.

Por Agoſto de 1580. tendo a Cidade de Lisboa tomado a voz d'elRey D. Philippe primeiro de Portugal, mandou o Nuncio do Summo Pontifice, que o acompanhava, nomear authoritate Apoſtolica por Vigario Geral da Provincia o P. Fr. Antonio de Lacerda Prior d'Elvas, que juntando Capitulo foy eleito em Provincial, e governou a Provincia até Mayo de 1585.

Succedeolhe por eleiçaõ Canonica, e aplauſo geral o P. M. Fr. Jeronymo Correa, grande peſſoa, e grande ſugeito: governando até Janeiro do anno ſeguinte, foy caſſado pelo Reveren-

verendiſſimo. E tornou a entrar o P. Fr. Antonio de Lacerda, que governou com titulo de Vigario Geral até o mez de Julho de 1588.

Neſte mez de Julho veyo o M. Fr. Diogo Ramires Prior de Salamanca nomeado por Provincial pelo P. Geral, durou em ſeu cargo até Abril de 1591.

Por morte do M. Fr. Diogo Ramires, que faleceo em Roma, ſe juntou a Provincia no Convento de S. Domingos de Bemfica, e elegeo o P. M. Fr. Gaſpar Leitaõ Prégador d'el-Rey; cumprio quatro annos até Abril de 1595.

Succedeolhe no Capitulo deſte anno, que ſe fez em Santarem, o P. Fr. Joaõ da Cruz, grande ſugeito, e peſſoa de grandes merecimentos, até 599.

Apoz elle foy eleito o P. M. Fr. Alvaro Leitaõ no Convento da Batalha, que governou ſeus quatro annos até 1603.

Foy ſeu ſucceſſor, por eleiçaõ, que ſe fez em Lisboa, o P. M. Fr. Manoel Coelho Prégador d'elRey, e depois Inquiſidor da Meſa grande: cumprio quatro annos até o de 1607.

Por fim de Julho de 1607. veyo mandado pelo Reverendiſſimo para Provincial o Preſentado Frey Martinho Ecay, Navarro de naçaõ; durou ſeu cargo até a entrada do anno de 1608. e faleceo em Roma indo a Capitulo geral.

Por Setembro de 1608. ſe juntou Capitulo em Lisboa, e foy nelle eleito Provincial ſegunda vez o P. Fr. Joaõ da Cruz: governou até Mayo de 1612.

Neſte Mayo ſe fez Capitulo de eleiçaõ em Lisboa, e ſahio eleito o P. Fr. Aguſtinho de Souza, que era Prior da meſma caſa: cumprio ſeus quatro annos, com que paſſou do que temos propoſto por fim deſta Hiſtoria, que he o de 1613.

CAPITULO III.

Fundaçaõ do Moſteiro de Noſſa Senhora da Annunciada de Lisboa.

FIcaraõ em alguns lugares grandes deſte Reyno, depois de ganhados aos Mouros pelo braço dos primeiros Reys, bairros inteiros, povoados dos meſmos Mouros vencidos, e ſogeitos, onde dantes eraõ Senhores; devia ſer a tençaõ dos Reys, que ficaſſem aſſi, ou pera ajudarem a cultivar a terra, falta entaõ de moradores: ou tambem pera hirem com a companhia dos Catholicos abrindo os olhos á verdade, e deixando a falſa ſeita. E como lhe deixaraõ bairros ſeparados para ſua vivenda, em que inda hoje dura o nome de mourarias; permitialhes tambem a ſingeleza dos tempos antigos, conſervarem entre ſy ſuas Meſquitas: couſa era indigna de animos, pois ſofrer que no meyo da Chriſtandade Portugueſa ouveſſe caſa, em que publicamente foſſe Mafamede honrado com afronta do Salvador. Aſſi o ſentio o mui Catholico Rey Dom Manoel, por cujo meyo, e maõ entraraõ em Portugal todos os titulos, e grandezas, que hoje gozamos; e naõ ſó determinou tolher a indignidade das Meſquitas; mas deſpejar o Reyno de tal gente: E mandando logo correr as Meſquitas, veyo a def-

1496. a deſpedillas por Dezembro do anno de 1496. entrando no ſegundo de ſeu felice Reyno; e he de conſiderar, que no meſmo tempo, que lançava de ſy, e perdia tantos vaſſallos, ſó por ſerem enemigos de Chriſto, entaõ lhe hia o meſmo Senhor abrindo o mar pera o fazer Senhor de Reys, e Reynos opulentiſſimos, na melhor, e mais rica parte do mundo, que he o Oriente. Foy ſegundo conſelho conſagrar ao ſerviço ſanto, e verdadeiro de Deos as Meſquitas, que tiveſſem commodidade pera ſerem Igrejas. Tinhaõ os Mouros huma em Lisboa, ſituada nas fraldas do monte do Caſtello ao Norte, onde o monte fica mais impinado, e menos communicavel com a cidade. Eſta, como era grande, deſpedidos os Mouros, mandou elRey purificar, e conſagrar ao nome da Sagrada Annunciaçaõ da Virgem Mãy de Deos: e em quanto naõ determinava outra couſa, conſentio, que ſe aproveitaſſem della humas boas molheres, que viviaõ juntas, e ſe faziaõ chamar Beatas da Terceira Ordem do Seraphico P. S. Franciſco: porém ſem clauſura, nem obediencia certa dePrelado.

Damiaõ de Goes part. 1. lib. 18. da Cron. del Rey D. Manoel.

Paſſados alguns annos impetrou elRey hum Breve do Papa Leaõ X. para fundar no meſmo lugar Moſteiro de Freiras de Saõ Domingos, e lhe nomear Prelada, e fazer Eſtatutos. Foy deſpachado o Breve no anno de 1515. em Viterbo, e deſte tempo lhe damos ſua antiguidade: naõ lançamos aqui o Breve por eſcuſar leitura. ElRey naõ querendo uzar dos poderes, que por elle tinha, contentouſe com o mandar remeter quatro annos a diante (que foy no de 1519.) ao Meſtre Fr. Jorge Vogado, ſeu Confeſſor, e Prégador, e muito aceito, que tinha ſuccedido no cargo de Provincial ao Padre Fr. Joaõ de Braga, para que elle ordenaſſe Moſteiro ſegundo os coſtumes da Ordem fazendo vir Religioſas de Jeſus de Aveiro; para que logo começaſſe a correr em perfeita obſervancia, e ouveſſe em Lisboa hum retrato vivo da muita, que em Aveiro florecia: E advertindo, que as Beatas, que a quizeſſem ſeguir, e ficar nella, foſſem admitidas ao habito, e profiſſaõ. A eſte fim eſcolheo o Provincial peſſoas, com que em tudo ſatisfizeſſe á ſanta tençaõ delRey. Foraõ as que vieraõ Dona Joanna da Sylva, filha do Conde de Penella Dom Affonſo de Vaſconcellos: Dona Brittes de Menezes, ſobrinha ſua, filha do Conde Dom Joaõ de Menezes, ſeu irmaõ: Dona Brittes de Noronha filha do Conde de Abrantes Dom Joaõ de Almeida. Naõ ſe coſtumava inda entaõ nos Moſteiros deixar os apellidos das Familias, como hoje ſe faz com melhor conſelho. Porque o certo, e mais acertado he, quem por amor de Deos renunciou os bens do mundo, naõ querer nada delle, nem em nome, e folgar naõ ſó de ſe igualar até no apellido com as mais humildes, e pobres irmãas, mas honrarſe de ſua companhia, como nos aconſelha em ſua Regra o noſſo Padre Santo Aguſtinho. A eſtas tres Madres, que nas virtudes Monaſticas tinhaõ tanto nome, que naõ ficavaõ devendo nada ao de ſua geraçaõ, acompanharaõ outras tres, ſe bem menos nobres,

1519.

1515.

nobres, quanto ao mundo, na Religiaõ, e guarda della nobiliſſimas. Era a primeira Madre Iſabel Luiz Religioſa taõ anciaõ, que tinha quaſi ſincoenta annos de Habito. E foy huma das primeiras, que o tomaraõ em Aveiro, e de ſuas virtudes fazemos atras larga mençaõ. E veyo neſta companhia, como por mãy de todas. As outras duas eraõ Soror Catharina de Andrade, e Soror Catharina Dias. Chegaraõ juntas a Lisboa hum Sabbado á noite doze dias de Novembro do anno de
1519. 1519. E ſem parar em outra parte, foraõ demandar a ſua caſa, conhecida já pelo nome da Annunciaçaõ, onde eraõ eſperadas, e foraõ recebidas com alvoroço, e cortezia de muita gente nobre, e devota, ſeculares, e Religioſos, e na meſma hora deraõ primeiro principio ao concerto da Religiaõ com perfeito encerramento, e clauſura: nomeandolhe o Provincial por Vigaria, e Preſidente, até fazerem ſua eleiçaõ, a Madre D Joanna da Sylva.

Foy primeiro cuidado da nova Prelada, tentar que animo tinhaõ as Beatas pera a Religiaõ de S. Domingos, em conformidade da Ordem que el-Rey tinha dado. Aceitaraõ o Habito, e ficaraõ a Regente Catharina de Chriſto, e outras tres; as mais ſe foraõ. Paſſados poucos dias mandou o Provincial, que como em Communidade perfeita, que entre as ſeis avia, fizeſſem eleiçaõ da Prioreza. E ſahio canonicamente eleita a M. D. Joanna, que fazia o officio de Vigaria. O que foy em dous de Dezembro do meſmo anno; e no meſmo dia a confirmou o Provincial. Grandes ſaõ em todo o tempo os poderes da virtude; ſó por ſy val, ſem mais ajuda, nem companhia, que de ſy meſma: e com tudo ſe acontece juntarſe com nobreza de ſangue, he Sol em Ceo claro, he eſmalte em ouro fino. Com tal Prioreza, e taes ſubditas, começou o Moſteiro da Annunciada huma vida celeſtial, na caſa que fora cova de ladroens, quero dizer, morada de Mafamede, eſcola de infidelidade. Vida naõ ſó ſemelhante áquella, que entaõ era muy celebrada de Jeſus d'Aveiro, pelos exemplos freſcos da Santa Princeſa D. Joanna: Mas de S. Xiſto de Roma, quando em mais alto ponto eſteve. E bom teſtemunho nos dá, quando faltaraõ hiſtoria, memorias, e tradiçoens, o grande concerto, e perfeiçaõ, em que hoje vemos a meſma caſa.

Com a fama, que entaõ corria della, começaraõ a buſcalla ſogeitas de grande qualidade, e tantos em numero, que era a caſa eſtreita para as recolher. Cuidaraõ em a eſtender, mas naõ dava boa commodidade o ſitio, poſto em a ladeira, e ſenhoreado de outros mais altos, dos quaes ficava deſcuberto, e cativo. Ajuntavaſe ſer muito frio, e pelo meſmo caſo pouco ſadio pera naturezas delicadas. Porque ſendo aſſombrado da altura do monte, e muralhas do caſtello, que lhe tomaõ o Sol do Nacente, ficava de todo ſogeito aos rigores do Norte. Paſſaraõ annos, foraõſe deſcobrindo mais os inconvenientes, e o dano da vivenda. Dezejavaſe muito, ou largueza, ou mudança. Acodiolhes Deos com o

melhor, que foy a mudança, a cabo de vinte tres annos. Reynava já elRey Dom Joaõ Terceiro: e era Prioreza a Madre Dona Brittes de Menezes immediata ſucceſſora de ſua tia D. Joanna. Foy eſta Madre aconſelhada, que pediſſe a elRey hum Convento, que eſtava no valle, e eſtrada, que corre da porta de S. Antaõ, para N. Senhora da Luz. Era o Convento de fabrica antiga, pobre, e mal compoſta, e da Ordem de S. Antaõ Abbade; annexo a outro mais antigo, e da meſma Ordem no Biſpado da Guarda, que chamaõ S. Antaõ de Beneſpera, do qual era Prelado com titulo de Commendador, hum Frey Affonſo d'Andrada; e delle tinha tomado o nome, que inda hoje retem a porta da Cidade, que lhe fica mais perto. Naõ deſagradou a elRey o intento, quando lhe foy propoſto: mandou que ſe trataſſe de troca das caſas. Aceitoua o Commendador. Fez a eſcritura Jorge Coelho Notario Apoſtolico
1538. em 22. de Fevereiro de 1538. Mandou elRey que ſe executaſſe por ſeu Alvará, em que ſe declara por Padroeiro da que ficaſſe com as Freiras: e foy confirmada em ſete de Junho do meſmo anno por Jeronymo Ricenas Nuncio Apoſtolico. Tratouſe logo de accomodar o novo Moſteiro, e correndo a obra com diligencia vieraõ as Madres a entrar nelle na veſpera d'Aſcençaõ de Chriſto do
1539. anno ſeguinte de 1539. ſendo Prior de Lisboa, e Vigario do Reverendiſſimo Geral em eſta Provincia o Meſtre Fr. Jeronymo de Padilha. Fezſe a mudança com fermoſa ſolennidade. Sahiraõ da Caſa velha em prociſſaõ trinta e huma Religioſas, acompanhadas de toda a Communidade dos Frades de S. Domingos de Lisboa, e de muita gente nobre de todos os eſtados. Cerrava a Prociſſaõ o Arcebiſpo Dom Fernando de Menezes tio da Prioreza, irmaõ do Conde de Penela ſeu pay, Metropolitano de Lisboa, e Capellaõ Mór d'elRey. Neſta Ordem entraraõ na Cidade, pela porta da Mouraria; e foraõ demandar primeiro o Convento de S. Domingos: onde feita a oraçaõ ao Santiſſimo Sacramento no Altar de JESUS, e tomada a bençaõ ao Santo Patriarcha, tornaraõ a ſahir da Cidade, e pela porta de Santo Antaõ foraõ entrar na nova morada. Acudio toda a terra, como a hum eſpetaculo poucas vezes viſto, com tanto alvoroço, e tamanho ajuntamento de povo, que ſe caminhava com trabalho. Eraõ de ver as janellas cheas, e os telhados cubertos de gente, moſtrandoſe a devaçaõ, e Chriſtandade Portugueſa em muitas lagrimas, que arrancava a conſideraçaõ, nos que notavaõ a quietaçaõ, e facilidade, com que caminhavaõ para encerramento perpetuo, e mais verdadeiramente enterro eterno, mulheres fracas, humas de longa idade, outras muito moças, e muitas dellas do melhor do Reyno, envoltas em pannos pobres, e ſobre os roſtos cahidos os veos pretos, para naõ verem, nem ſerem viſtas. Grande poder, e grande triumpho da Fé. Deſte dia emdiante fizeraõ ambos os Moſteiros a meſma troca de nomes, que nelles começou de moradores:

que

que tambem eſtava capitulada na Eſcritura. Chamouſe do pé do Monte aquelle, o Santo Antaõ, e eſte do valle, Annunciada.

CAPITULO IV.

De algumas Religioſas, que neſta Caſa floreceraõ em grandes Virtudes.

MErece com juſtiça o primeiro lugar neſta conta, quem deu principio á Religiaõ da Caſa, e foy primeira nella, digo á Madre Dona Joanna da Sylva Fundadora, e primeira Prelada. Bem ſe diz, que no bom fundamento conſiſte toda a firmeza do edificio, e confirmaſe com o proverbio antigo, que dá por meyo feito tudo, o que bem começa. *Dimidium facti, qui bene cæpit, habet.* Tambem ſoube aſſentar a Madre Dona Joanna as primeiras pedras, e fabrica da verdadeira obſervancia, que podemos referir a ſuas maõs, e boa diligencia, a grande perfeiçaõ, com que hoje ſe mantem, e guarda. Aſſentoua Dona Joanna com grandes virtudes, que poſſuia em alto gráo. Huma ſó eſpecificaremos, com que as mais ficaraõ entendidas. He couſa certa, que todo o tempo, que tinha livre de maiores occupaçoens, empregava em remendar por ſua maõ os calçados da Communidade. Fermoſa humildade de Prelada, e grande ſinal de amor de pobreza em ſubditas. Juntava a eſta humildade huma affectuoſa devaçaõ pera com noſſo Santo Patriarcha, de que reſultou deixarnos eſcrito á ſua inſtancia o grande M. Fr. Diogo de Lemos, filho do Convento de Bemfica, hum livro da vida do meſmo Santo em vulgar, como atras fica dito, que foy impreſſo no anno de 1525. e ſendo á Prioreza dedicado, mandou fazer o gaſto da impreſſaõ a Rainha D. Lianor, terceira, e ultima mulher d'elRey D. Manoel. Gevernou a caſa nove annos, e faleceo por fim do de 1528.

A Madre D. Joanna da Sylva.

Ovid.

Lib. 2. p. 2. cap. 11.

Tinha ſegundo lugar neſtas memorias quem o teve na Caſa, e no cargo, que foy a Madre D. Brittes de Menezes ſua ſobrinha, que tambem achamos com nome de Soror Brittes da Annunciada. Que ſe á tia temos obrigaçaõ, por ſaber lançar bons aliceſſes no ſanto edificio; devemos á ſobrinha proſeguillo, e conſervallo ſem quebra por tempo de trinta e tres annos, que tras ella continuou o cargo de Prioreza. E vioſe bem, quaõ ſabio, e quaõ conveniente era ſeu governo, em que mandando por eſte tempo os Prelados maiores, que naõ ouveſſe Prelada perpetua nenhuma entre nós, e abſolvendoſe ella, pella meſma rezaõ, depois dos trinta e tres annos: na hora que ſua ſucceſſora Dona Catharina de Menezes, por outro nome Soror Catharina Bautiſta, acabou ſeus quatro annos de Prioreza, logo a Communidade toda a tornou a buſcar, e foy ſegunda vez eleita, e ſervio mais quatro annos, ſobre os trinta e tres paſſados, com que fez trinta e ſete. Mas porque iſto naõ eſpante, viſto o muito que enfaſtiaõ governos prolongados, indaque muito acertado ſeja, diremos deſta Madre mais alguma couſa. Mudouſe para a caſa nova com trinta bo-

A Madre Soror Brittes de Menezes.

cas

cas comſigo de portas a dentro, ſem as que ſerviaõ de fora, e tinha taõ pouca renda, com que as ſuſtentar, que naõ chegava a cem mil reis em dinheiro a que elRey D. Manoel lhes dera para a fundaçaõ, que foy a hum por cento da ſiza do peſcado, e carvaõ, e lenha; eſta poſſuio o Moſteiro ſempre, e inda hoje naõ chega a cem mil reis. No que chamavaõ Convento, achou tudo paredes velhas, ſobrados, e madeiramentos podres, e huma Igreja de telha vãa. E o que peor era, como toda a fabrica fora feita para vivenda de homens, em todo eſtava deſacomodada para mulheres. Ficou toda a companhia deſconſolada, quando ſe vio dentro, e deſconfiada de poderem aturar em tal morada: era tanto o arrependimento da vinda, que já lhes fazia ſaudades a que tinhaõ deixada. Cahio a Prioreza no engano, vio que dera caſa feita, e nova, por huma em que naõ avia mais de bem, que o ſitio. Sentia o erro, em que já naõ avia remedio, e muito mais as queixas das ſubditas, que todas vinhaõ como ondas a quebrar ſobre ella, que taes ſaõ os intereſſes das Prelaſias, inda que naõ hajaõ culpas. Mas lembrada do que
Matth. 6. diz Deos, que a quem de ſeu ſerviço tratar em primeiro lugar, naõ faltará nada de tudo o mais, poz ſeus olhos, e confiança nelle, e fazendo com grande animo, que no que tocava á Religiaõ, e culto Divino, naõ ouveſſe nem huma minima falta, veyo a experimentar as verdades Evangelicas. Porque dentro no tempo de ſeu governo, vio reedificado, e quaſi feito de novo todo o Moſteiro com dous Dormitorios muito cuſtoſos, e officinas capazes de ſincoenta Freiras, e a Igreja forrada. Foy o meyo hum bom vizinho, para que demos por acertado o pregaõ, que o outro Grego mandava dar da herda- Plutarch.
de, que vendia, allegando por qualidade de importancia que tinha bom vizinho. Mas neſte da Annunciada ouve mais circunſtancias; porque era juntamente rico, e honrado, e virtuoſo. Buſcava Fernaõ d'Alvares d'Andrada ſitio accommodado pera edificar apozento pera ſy junto das Freiras, onde hoje a poſſuem ſeus deſcendentes. Era iſto dous mezes depois da paſſagem. Viſitou a Prioreza, quiz ſaber como, e de que viviaõ: admirouſe da pobreza, edificouſe do eſpirito, e parecendolhe, que ganharia muito com Deos quem em ſerviço de tal gente ſe occupaſſe; offereceoſe á Prioreza pera o fazer toda a vida. E cumprio a offerta. Porque, como rico ajudou a caſa com groſſas eſmolas da ſua, como honrado foy requerente de outras com elRey, e com os homens; e como virtuoſo tomou por goſto a reedificaçaõ do Moſteiro, e aſſiſtir como Arquiteto, e ſobreſtante em toda a fabrica. Era a Prioreza generoſa de animo, e condiçaõ tanto, como de ſangue: vendoſe com caſa, e remedio por ſua via, julgava por menoscabo de quem era ficar vencida em beneficios. E para ſe deſindividar em alguma maneira, fez hum acto de agradecimento muito importante para exemplo da boa correſpondencia, que he rezaõ guardemos os Religioſos com

a gen-

a gente ſecular, e foy doarlhe com licença d'elRey Dom Joaõ a Capella Mór pera ſua ſepultura. E pera que ſe veja, que naõ foy leviandade das Madres darem a melhor parte de ſeu Convento, poremos aqui as proprias palavras do Alvará da licença, que elRey lhes mandou paſſar, que ſaõ as ſeguintes. Como Padroeiro que ſou do Moſteiro da Annunciada, dou licença ás Religioſas delle, e ao ſeu Vigario Geral Frey Chriſtoval de Valbuena, pera darem o uzo da Capella de ſua Igreja a Fernaõ d'Alvares d'Andrada, e a ſua mulher Iſabel de Paiva, pera ſua ſepultura, e de ſeus deſcendentes, herdeiros, e ſucceſſores, por querer fazer merce ao dito Fernaõ d'Alvares, por juſtos reſpeitos: mas principalmente tendo reſpeito ás muitas eſmollas, e boas obras, que elle tem feito, e cada dia faz ao dito Moſteiro, e a eſtar reedificado quaſi de novo por ſua induſtria, e eſmollas. Eſte Alvará ſe fez no anno de 1542. e no meſmo a doaçaõ.

No governo ordinario tinha a Madre Dona Brittes notavel inteireza, e authoridade: Naõ avia leys, nem conſtituiçoens mais poderoſas, que ſeu mandado, e ſeu reſpeito, e com tudo era muy facil em ſeguir o parecer das Madres velhas, e das que conhecia ſerem zelozas da virtude, e do bem commum. Aſſi era venerada dos Prelados, e eſtimada d'elRey, e dos Principes do Reyno; e a ella ſe deve huma grande eſmolla, que elRey D. Joaõ fez á caſa, de vinte moyos de renda, que ſe lhe pagaõ de preſente nas jugadas de Santarem. Gaſtava muitas horas em oraçaõ, com tal cuidado, e atençaõ, que ſe lhe enxergava eſtar toda nella, com todos os ſentidos, e potencias promptas, ſem ſe divertir a outra couſa. De ſeu tempo ficaraõ introduzidos neſta Communidade alguns coſtumes muy louvados, que em outras partes naõ achamos. He hum, recolherſe em commum toda a roupa, e veſtidos das Religioſas, em huma officina pera iſſo deputada; e entregue a duas, que tem a ſeu cargo mandallos lavar, e a ſeus tempos levallos ás cellas de cada huma. O outro coſtume he, trabalharem todas em ſerviço da Communidade taõ pontualmente, que naõ ſó fazem a cuſtura propria de mulheres, mas até os veſtidos de todas, e das ſervidoras contaõ, e cozem. E para o Culto Divino lavraõ obras ricas de ouro, e ſeda, e bordados. E cortaõ, e acabaõ com perfeiçaõ ornamentos inteiros, ſem ajuda de official de fóra. Coſtumes ſaõ eſtes ambos, que noſſas Conſtituiçoens encomendaõ: mas taõ difficultoſos de executar por outras partes, que ſe deve muito a quem aqui os aſſentou, e ás Madres que os mantem, e conſervaõ. E ſaibaſe, que nas Communidades, onde faltarem, de força ha de aver muito de ſingularidade, e propriedade, ou pelo menos repreſentaçaõ de huma couſa, e outra. Do meſmo tempo ſabemos que ficaraõ, como recebidos por ley, varios generos de penitencia, muy pezadas diſciplinas de ſangue, cilicios crueis, naõ ſó aſperos; jejuns de paõ, e agoa, e dormir no chaõ, e em tudo tanta continuaçaõ, que foy neceſſario

rio acudirem os Prelados mayores com força de preceito; porque adoeciaõ muitas, e morriaõ algumas. Merecia tal valor huma vida muy larga para bem do mundo: eſtendeolha o Senhor até quaſi cem annos. Porque nos conſta, que tinha vinte ſeis, quando ſahio d'Aveiro com ſua tia. E veyo a falecer no de 1587. na oitava de S. Aguſtinho, recebidos todos os Sacramentos.

A Madre Soror Margarida da Cruz.

Muitos annos antes, e com muitos menos de vida tinha deixado a terra a Madre Soror Margarida da Cruz. Puderamos dizer muito de ſuas penitencias, oraçaõ, e zelo da Religiaõ. Mas como iſto ſaõ qualidades, em que toda a Communidade conformava, parece couſa ſuperflua gaſtar tempo nellas. Tratando das Religioſas deſte Moſteiro, ſó diremos algumas mais particulares. Deſta Madre ficou em memoria, que conhecendo de ſy ſer de condiçaõ colerica, e eſquiva, paſſou muitos annos em taõ eſtreito ſilencio, que ninguem ouvia de ſua boca mais palavras, que aquellas, que ſó pera viver na Religiaõ eraõ neceſſarias, e naõ podia eſcuſar. Na ultima doença, de que acabou, miniſtrandolhe os Sacramentos da Communhaõ, e Unçaõ o Padre Frey Joaõ da Cruz, que depois foy duas vezes noſſo Provincial, fezlhe huma eſtranha pergunta, da qual ſem muitos argumentos ſe pode collegir, que avia rara pureza na alma, donde ſahia. Era a queſtaõ, ſe ſeria culpa acharſe com hum taõ vehemente deſejo de ver a Deos, e tanto alvoroço de ſe hir pera elle, que lhe tirava toda a lembrança de ſuas culpas, e do temor, que devia ter por ellas. Grande Miſericordia do Senhor, quando o temor ſe converte em Amor! Era mulher nobre, paſſava de ſeſſenta annos de idade. E tinha ſervido muitos officios de confiança, com grande ſatisfaçaõ das Preladas; e acabou no de 1568.

1568.

A Madre Soror Brittes da Coroa.

Seguioa ao Ceo falecendo no meſmo anno, como a ſeguia na terra em toda a virtude, a Madre Soror Brittes da Coroa. Todo o ſeu trato, e praticas ordinarias eraõ do Ceo, e taõ afervoradas, que ſe via nellas ſahirem d'alma, que ardia em Amor Divino. O meſmo fervor tinha na oraçaõ, e ouve peſſoa de bom entendimento, e muita virtude; entendimento pera julgar, e virtude pera falar verdade, que affirmava vella levantada da terra mais de tres palmos hum dia, que eſtava orando. E o Padre Fr. Joaõ da Cruz, que entaõ a confeſſou, e em vida a confeſſara muitas vezes, falava nella como em Santa.

A Madre Soror Lianor de S. Jeronymo. 1569.

Deſtas duas Madres era particular amiga, e companheira a Madre Soror Lianor de S. Jeronymo: E foyſe tras ellas no anno ſeguinte de 1569. Sobre grandes virtudes achavaſe nella tanta prudencia, e valor, que a Madre Dona Brittes de Menezes, ſendo Prelada, eſtimava, e ſeguia ſeu parecer em tudo com muita confiança. No artigo da morte fez hum termo, que pareceo a todas ter eſpirado. Dada por morta tornou em ſy, e com voz eſperta, e clara diſſe eſtas palavras formaes: Já eſtou julgada, e pela Miſericordia de Noſſo Senhor tenho

tenho lugar no Ceo. Tal era a peſſoa, e tal o paſſo, que naõ ouve quem puzeſſe duvida no dito, e eſpirou logo.

CAPITULO V.

Vida, e Morte da Madre Soror Maria de Jeſus.

A Madre Soror Maria de JESUS foy filha de Fernaõ d'Alvares d'Andrada, e de Iſabel de Paiva, de quem atras temos falado. Naſceo em 16 de Abril do anno de 1554, dia em que entaõ cahio o oitavo da Paſchoa. Nos primeiros annos era amada de ſeus pays, como filha da velhice, porque tinhaõ outros filhos, e filhas: Mas creſcendo na idade foy deſcobrindo tantas partes naturaes, juntas com muita brandura, ſugeiçaõ, e humildade, que já ſeu amor era mais força de razaõ, que natureza. E como tinhaõ huma bem caſada, faziaõ conta de lhes darem o meſmo eſtado, e partir com ella de ſua fazenda muito largamente. Mas naõ criava Deos pera o mundo as qualidades, que juntara em Soror Maria; pera ſy as queria; porque logo lhe deu com ellas huma particular inclinaçaõ a todo o bem, com que deſde muito moça ſoube julgar por frivolos, e ſem ſuſtancia os goſtos, e paſſatempos, que aquella idade coſtuma eſtimar, e aborrecendo-os como taes, fazia pouco cazo dos veſtidos ricos, e louçanias, que lhe ſobejavaõ, e naõ queria ver, nem ſer viſta, e ſó ſe aplicava ao que era virtude mociſſa, e exercicios ſantos. Neſtes lhe communicava o Senhor tanto goſto, que naõ tinha muitos annos, quando ſoube rezar, e rezava o Officio Divino. E já entaõ buſcava tempo, e horas pera ſe dar á Oraçaõ, e ſe via nella huma entranhavel devoçaõ com o Santo Sacramento do Altar, que ſeus pays, e os criados da caſa notavaõ com admiraçaõ. Porque alguns annos antes de tomar o habito (e naõ tinha mais de dezaſete, quando o tomou) viaõ que deſda hora que na Quinta Feira da Semana Santa ſe deſencerrava o Senhor na Igreja, e ella ſe ajoelhava pera o adorar, ficava neſta poſtura ſem ſe aſſentar, nem levantar (ſenaõ era hum breve eſpaço, que ſem ſua mãy comia) até á hora, que na Sexta feira ſeguinte ſe encerrava. Eraõ iſto como huns enſayos da penitencia, que depois toda a vida ſeguio: Porque neſta devoçaõ avia duas mortificaçoens, e ambas aſſaz penoſas, huma da continuaçaõ dos joelhos em terra ſem fazer mudança: Outra da guerra do ſono em tal eſtado, que he mantimento taõ natural, e neceſſario, como o da comida. Taes eraõ ſeus exercicios antes de entrar na Religiaõ; mas acompanhados já de hum firme propoſito de buſcar a Deos nella; propoſito, que ſendo de ſeus pays entendido, e muito eſtimado; pelo que deviaõ á virtude, ſempre foy delles encontrado, pela tençaõ, que tinhaõ; e porque naõ podiaõ acabar comſigo largar da viſta, quem lhes era luz dos olhos, e alivio da vida. Porém juſtou ella, e requereo com ancia a vida Religioſa, deſenganando-os, que nenhuma outra aceitaria; em fim lha vieraõ a dar, obri-

gados mais de conſciencia, e temor de Deos, que por ſuas vontades.

De dezaſete annos era Soror Maria, quando com grande conſolaçaõ de ſua Alma veſtio o ſanto Habito, huma veſpora de S. Joaõ Bautiſta, de quem por eſſa cauſa ficou ſempre devota, porque recebendoo em ſua veſpora, ſe vio no anno ſeguinte em ſeu dia profeſſa. Poſta no deſerto da Religiaõ, como entrava muito adiantada nos exercicios do Amor de Deos, e mortificaçaõ corporal, naõ ſe póde crer, quam depreſſa ſubio ao cume da mayor perfeiçaõ. Naõ manda a regra couſa taõ pezada, que por grande lhe fizeſſe eſpanto, nem taõ leve, que por piquena a deſprezaſſe: Todas as eſſenciaes executava com pontualidade: E com a meſma cumpria as de menos importancia. Dá licença a regra pera hum depoſito moderado, e com certos limites. Determinouſe a naõ pôr em balança os pezos deſta permiſſaõ. Nunqua teve nem hum ſó real de ſeu, e ſó por naõ querer nada do mundo, nem pedir nada a ninguem, tendo muita gente que averia por dita acudirlhe com muito. Na pobreza da cella imitava bem o ſeu Bautiſta: porque naõ ſó, naõ havia nella couſa de aparato; mas, o que muito eſpanta, nem huma eſteira teve nunqua para ſe aſſentar. Todas ſuas alfayas ſe reſolviaõ em hum pedaço de taboa, ou cortiça, que lhe ſervia de eſtrado, cama pobriſſima, hum piqueno retabolo de Noſſa Senhora pendurado, dous, ou tres livros eſpirituaes ſobre hum eſcabello: e de veſtido ſó aquillo, que naõ podia eſcuzar. Pera com ſeculares fazia conta, que naõ havia no mundo quem lhe ſoubeſſe o nome, nem chegava á grade, nem eſcrevia pera fora, ſenaõ rariſſimamente. Na obſervancia guardava tanta prontidaõ, que ſervindo hum officio, com que muito ſe canſava, por ſer em todo encontrado com ſua natureza, e ſendo aconſelhada, que advertiſſe á Prelada, porque logo a abſolveria; reſpondia, que quereis que faça, que ſou ſudita, e quanto mais repugnancia acho em my, tanto me ſinto mais obrigada. Como ſe ouvera gaſtado muitos annos em vaidades no mundo, aſſi ſe affligia com varios generos de penitencias. Na oraçaõ empregava tanto tempo de dia, e de noite, que ſempre andava falta de ſono. A palavra de Deos, qualquer que foſſe o Prégador, ouvia com grande goſto, e ſempre ou em pé, ou de joelhos: Couſa de grande edificaçaõ, ou foſſe por ſe temer da força do ſono, ou por ſe mortificar. Em fim de maneira procedia em tudo, que ſe naõ via nella couſa, que naõ edificaſſe muito. E aconteceo, que entrou neſte tempo para Freira huma Dona honrada, que fora caſada, e vinha com grandes propoſitos de ſervir, e agradar a Deos. E perguntando a hum Padre muito Eſpiritual Confeſſor do Moſteiro, por nome Fr. Lopo de Santa Maria, que caminho levaria para alcançar eſte fim, foylhe reſpondido, que o mais breve, e mais acertado ſeria, tomar por eſpelho a Soror Maria de Jeſus. Se a imitaſſe, ſoubeſſe que tinha tudo feito.

Seria couſa muy comprida pro-

proſeguir com particularidade o extremo, com que ſe eſmerava em todas as virtudes. Mas naõ ſe pôde deixar de dizer alguma couza dos effeitos, que em ſua alma obrava a charidade dos proximos, tratando-ſe em tudo com grande rigor. Parecia-lhe que todas as outras Religioſas eraõ faltas de forças, ella ſó valente: Todas ſantas, ella ſó peccadora: E andava ſempre vigiando ſobre as que via fazer grandes abſtinencias, ou que velavaõ, ou trabalhavaõ demaſiado, para as fazer moderar. Advertiaas de palavra, e ſenaõ baſtava, requeria á Prelada que as obrigaſſe com obediencia. Por outra parte (taõ engenhoza he a verdadeira charidade) ſe via alguma deſcuidada em ſua obrigaçaõ, por frouxidaõ, ou mimo, ou preſunçaõ, naõ duvidava eſtranharlho com exhortaçoens ſantas, e livres. Na devoçaõ do Santiſſimo Sacramento adiantou grandemente, depois que ſe vio Religioſa. Creſceo o affecto com a obrigaçaõ. E com a continuaçaõ de o receber, o dezejo de naõ carecer nunqua do Santo paſto. Cumpria-ſe bem nella, o que eſtá eſcrito: *Qui edunt me, adhuc eſurient, qui bibunt me, adhuc ſitient.* O fim de o receber huma vez, era principio de o deſejar de novo, e andar abrazada em huma ſanta hydropeſia, em que naõ havia dar termo. Aſſim era ſeu continuo requerimento com as Preladas, licenças largas, pera que ſe amiudaſſe muito neſta caſa: E a frequencia, que hoje dura, teve origem em ſuas inſtancias.

Ecclesiaſtici 24.

Faltava para coroar eſtas virtudes, algum genero de grande tribulaçaõ, que he a fragoa em que o Senhor coſtuma purificar, e aperfeiçoar grandes eſpiritos, e aquelles de quem mais fia, conforme ao que eſtà eſcrito. *Virtus in infirmitate perficitur.* Para quem eſtava no canto de hum Moſteiro, naõ podia haver nenhuma mais pezada, que de huma doença. Eſta lhe mandou Deos tal, que logo moſtrou proceder de ſua maõ. Porque nenhuma filoſofia de medicos ſoube nunqua atinar com a razaõ della, nem com a cura. Eraõ dores intenſas, e continuas por todos os membros, e de tal qualidade, que ſe aggravavaõ, e creſciaõ com os remedios: E acabo de dous mezes a puzeraõ em eſtado, que ficou na cama como hum tronco, ſem ſer ſenhora de ſe virar, nem menear para nenhuma parte. Facil he de crer, quam penoſa ſeria tal vida. Tal era, que a todos fazia laſtima. Mas ſó ella naõ tinha nenhuma de ſy. Antes eſtava tam quieta, e taõ conforme com Deos, que na mayor força das dores, ſe lhe enxergava naõ deſejar termo nellas: antes eſtar prompta, para ſofrer outras mayores, ſe foſſe vontade de quem as preſentes lhe dava; e o que mais eſpanta, he certo, que fazia eſcrupulo de deſabafar com algum gemido, por lhe parecer genero de alivio. Naõ ſe póde cuidar menos neſte paſſo, ſenaõ que lhe acudia o Senhor, como eſtá eſcrito com igual medida de fortaleza, e conſolaçoens, ao trabalho que, lhe dava, que iſto quer dizer o verſo: *Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo: lætificaverunt animam meam conſo-*

2. ad Corinth. 12.

Pſalm. 93

ſolationes tuæ. Paſmando as Freiras todas de verem tantos males juntos em quem taõ poucos merecia, aſſentavaõ algumas comſigo ſer petiçaõ ſua, para padecer por Chriſto: e fizeraõ que lho perguntaſſe o Confeſſor. Ao que reſpondia com humildade, que nunqua em ſua vida pedira, nem deſejara couſa particular; nem ainda entaõ queria ſaude, nem doença, deſcanço, nem dores, vida, nem morte; ſenaõ ſó aquillo que mais agradavel foſſe nos olhos do Divino Eſpoſo. Mas elle que ſabe o que mais convem a quem ama: E quanto pode a fraqueza humana, ajudada de ſua graça, naõ ceſſava de lhe dar novos merecimentos. Treze mezes avia, que aturava taõ atribulada vida, quando ſe lhe abriraõ nas coſtas, ou da continuaçaõ da jazida, ou por eſtar por extremo deſcarnada, ſinco chagas juntas, que depois ſe reduziraõ a duas, do tamanho cada huma de huma meya laranja: ſobre eſte tormento, que era exceſſivo, porque naõ tinha remedio, para eſtar no leito, ſenaõ ſobre ellas, padecia outro de mayor pena, que era ſer força ſogeitallas a olhos, e mãos de Cirurgiaõ, para lhas curar. E naõ lhe dando tregoas entretanto as dores interiores, que como huma tempeſtade lhe martirizavaõ todos os membros, ficava ſem ſe poder valer, feita hum retrato de Job, de toda parte perſeguido. Naõ avia já entaõ Religioſa, que ſe naõ confirmaſſe no que dantes imaginavaõ, que Deos lhe quizera communicar naquella doença, e cama os martyrios de ſua ſagrada Paixaõ. E avendo algumas, que pela conſolar lho diziaõ, riaſe dellas, e reſpondia que naõ merecia nome taõ honrado, o que de ſy era couſa muy leve, e naõ pena, nem trabalho: mas huma verdadeira miſericordia, e merce do Ceo. Logo ſe tornava a Deos, fallava com elle, davalhe amoroſamente graças, hora com Verſos, e Pſalmos, hora com Sentenças dos Santos. E com tudo ainda o Santo Amador das Almas puras achava ſitio nella pera mais merecer, e mais padecer. Amanheceo hum dia, ſobre tantos males, com o corpo todo, principalmente pelas coſtas, cortado de huns groſſos vergoens pretos, e vermelhos: e alguns arrebentados, que repreſentavaõ verdadeiros, e riguroſos açoutes, que foraõ viſtos por muitas Madres, e notados com eſpirito ao tempo que a amortalharaõ.

Chegandoſe o tempo do premio, e creſcendo as afflicçoens, que lho apreſſavaõ, de dores, chagas, e faſtio; viaſe, que no meyo dellas naõ tinha mais conſolaçaõ, que em quanto via, e recebia o Santiſſimo Sacramento. E era tal o refrigerio, que com o paſto celeſtial ſentia em penhor do que eſperava, e quaſi já tinha á viſta, de o gozar ſem veos, que o Provincial com acordo dos Padres do Conſelho deu licença, pera ſe lhe dizer Miſſa no apoſento, em que eſtava, e ſe lhe dar a Santa Communhaõ de dous a dous dias. E aconteceo niſto hum caſo eſtranho, e digno de naõ ficar em ſilencio. Sendo ſobre todos os outros males perſeguida no cabo da vida de huma cruel, e apreſſurada diſſenteria: tanto

que

que ſe tratava da Miſſa, e em quanto ſe dizia, ſuſpendia a natureza a malignidade do humor de ſorte, que dava lugar a ſe celebrar ſem nenhum genero de indecencia. Naõ cauſou menos eſpanto, que eſtando já em eſtado, muitos dias antes de ſeu bendito tranſito, que quaſi nenhuma couſa de ſuſtancia levava, dandoſelhe licença pera commungar cada dia, contra toda a razaõ humana ſe ſuſtentou dez dias inteiros ſó com o Santiſſimo Sacramento, como nos contaõ as hiſtorias de Santa Catharina de Sena. Porque alguns caldos, que por vezes tomava, era couſa taõ pouca, que ſe naõ podiaõ contar por mantimento.

Chegado o dia, em que Deos a levou, que foy em vinte oito de Setembro de 1585. aſſiſtiaõ com ella depois da meya noite algumas Religioſas: e notaraõ, que eſtava taõ desfalecida, que parecia naõ chegaria a ver a luz da manhãa; e puzeraõ em pratica chamar a Communidade. Acudio a doente, dizendo, que naõ inquietaſſem o Convento, que ſegundo cuidava, ainda avia de commungar. Tal opiniaõ ſe tinha della, que julgaraõ deſtas palavras, que ſabia a hora, em que avia de acabar, e aſſi ſuccedeo, como o diſſe. Amanheceo, commungou, e ſahindo as Religioſas de Prima, quando ſe juntaraõ a viſitalla, ſahio das penas da vida, com huma paz, e quietaçaõ de Santa, aſſiſtindolhe naquelle paſſo o Padre Frey Fernando de Santa Maria ſeu irmaõ, e ſeu Confeſſor o P. Fr. Gaſpar Leitaõ.

1585.

Muitas couſas ſe notaraõ no diſcurſo da vida, e doença deſta Madre, e em ſua morte, que muito augmentaraõ a reputaçaõ, em que eſtava de Santa. Diremos ſó duas, ou tres. Foy a primeira affirmar o Meſtre Fr. Gaſpar Leitaõ, peſſoa de grandes letras, e virtude, que foy noſſo Provincial, e que longos tempos a confeſſou, que tinha por certo, que ſem momento de Purgatorio, paſſara aos bens da Gloria; porque ſegundo o juizo, que podia fazer de ſuas confiſſoens, nunqua perdera a Graça Bautiſmal. A outra foy guardar eſta Madre hum inviolavel ſegredo nas merces, que ſe tinha por certo recebia interiormente de Deos. Tal foy, que nunqua ouve peſſoa, que pudeſſe tirar della nenhuma. Contava huma Religioſa, que por muito amiga lhe aſſiſtia de contino na doença, que no meyo do martirio das dores, que ſem as publicar com gemidos, ſe liaõ baſtantemente em ſeu geſto, lhe notara hum dia taõ ſubita mudança de affligida pera aliviada, de triſte pera bem aſſombrada, e alegre, que tivera por ſem duvida, fora effeito de algum grande favor, que naquella hora tivera do Ceo. E com a confiança de amiga procurara ſabello della; mas que fora tempo, e feitio perdido, porque nenhuma couſa alcançara. He grande louvor eſte, por ſer junto da morte, e porque ſegundo a conjunçaõ, foy hum genero de reprehençaõ de viſoens mal provadas. Mas naõ teve mais poder neſta parte o ſangue, que a amizade. Sua irmãa Soror Iſabel de Santa Maria, que era huma Religioſa de muito ſer, quiz por rodeos tirar della alguma couſa, com

pretex-

pretexto de querer aprender os modos de ſua Oraçaõ, e como fora tratada do Divino Eſpoſo nella: Reſpondeolhe, que a mòr merce, que Deos lhe fizera, fora tratalla ſempre com ſecuras; e darlhe a entender, que importaõ pouco pera adiantar no eſpirito goſtos na Oraçaõ: e de ſy confeſſava, que nunqua os deſejara, nem pedira outra couſa ao Senhor, ſenaõ, que ſe cumpriſſe nella ſua ſanta vontade.

CAPITULO VI.

Das Madres Soror Brittes de Jeſus, Soror Guiomar do Eſpirito Santo, Soror Maria da Cruz, e Soror Antonia das Chagas.

JA' temos advertido ó Leitor algumas vezes, que naõ determinamos fazer hiſtoria das virtudes, que ſaõ ordinarias nas Communidades, onde a Religiaõ anda em ſeu ponto: Porque ſe aſſi ouvera de ſer, fora neceſſario naõ nos ficar quaſi nenhuma Religioſa ſem memoria, e por conſeguinte formar hum volume para cada Moſteiro, repetindo ſempre as meſmas couſas. Grande louvor, e gloria da Religiaõ deſta Provincia. Só dizemos com brevidade, das que com caſos particulares acharmos avantajadas neſſas meſmas virtudes, ou que por outras vias extraordinarias nos merecerem lembrança. Será a primeira a Madre Soror Brittes de Jeſus, que invivando na flor da idade, buſcou eſta caſa, e ſe contentou com o Habito, e nome de Converſa, que entaõ naõ differia mais das Madres do Coro, que em rezarem as Converſas por contas, e naõ terem voto na Communidade. Neſte eſtado procedeo de maneira, que ſe fez eſtimar dos Prelados, e Preladas por peſſoa de raro valor em tudo, o que era virtude, e bom ſerviço dos officios, que ſe lhe encarregavaõ. Porque pera a virtude tinha hum eſpirito muito affervorado, e pera os officios particular talento, e prudencia. Aſſi teve á ſua conta a procuraçaõ do Moſteiro dezaſete annos continuos: e deſobrigandoa no cabo delles huma doença perigoſa, tanto que convaleceo, foy de novo encarregada della. He eſte cargo cheo de cuidados, e trabalhos; porque como entende com a ſuſtentaçaõ da Communidade de manhãa, e tarde, naõ tem dia livre, nem deſcançado. Eſtimavaſe nella, que tendo tudo, o que avia no Moſteiro, em ſeu poder, era a mais pobre, e mais abſtinente delle: e naõ tendo hora de ſeu pera repouſar, as que avia de tomar pera deſcanço, gaſtava no Coro em oraçaõ diante do Santiſſimo Sacramento: e dava taõ poucas ao ſono, que Veraõ, e Inverno ſe levantava antes de amanhecer. E ſendo perguntada; porque ſe tratava taõ mal em couſa, que podia eſcuſar, reſpondia, que ſe corria de ſerem mais diligentes, que ella, em louvar a Deos os paſſarinhos do campo; e que folgava de competir com elles nas madrugadas. Eſte meſmo fervor procurava pegar a toda a caſa, com todas fallava, e a todas perſuadia o amor da perfeiçaõ, è ſabiao fazer por termos taõ brandos, e avizados, porque era por extremo diſcreta, e engraçada, que como ſe

A Madre Soror Brittes de Jeſus.

fora huma encantadora, aſſi obrigava, e convencia, e faziaõ ſuas praticas notavel fruto. Vindo o Geral Fr. Vicente Juſtiniano viſitar eſta Provincia, e ordenando que as Converſas uzaſſem de Bentinho preto, e Veo branco pera diſtinçaõ do eſtado, quando foy informado das partes de Soror Brittes, naõ ſó revogou a Ordenaçaõ com ella, mas mandou, que dahi em diante foſſe do Coro. E pela meſma razaõ lhe damos nós eſte lugar. Aos ſeſſenta annos de idade foy tocada de hum ar de parleſia, que lhe debilitou a memoria, e alguns depois paſſou a melhor vida no de 1596. 1596.

A Madre Soror Guiomar do Eſpirito Santo.

A Madre Soror Guiomar do Eſpirito Santo naõ faltando nas mais obrigaçoens de ſua profiſſaõ, na charidade ſe avantajou com extremos. Por toda a vida, que foy muy larga, deixou ſempre a mayor parte de ſua nobre raçaõ pera os pobres de Chriſto. E contaſe della por encarecimento deſta virtude, que deſejando ſer de proveito a toda a caſa, porque ſua pobreza naõ podia abranger a mais, eſtava ſempre provida de agulhas, e linhas, fio de barbante, e prégos, e o que ſe naõ podia dizer ſem rizo, até de pedras pera ſervirem com os prégos em lugar de martello. E aſſi ſervia a todas; porque, como em tenda achavaõ todas nella, o que diſto aviaõ miſter. Mas naõ parava ſó nos vivos o zelo de fazer bem. Das penas das Almas Santas do Purgatorio tinha tanta compaixaõ, que todo o dia, e noite lhe parecia tempo curto pera rezar por ellas, e ſendo niſto incanſavel, qualquer eſmolla, que lhe vinha ás mãos, deſpendia em Miſſas por ellas, ſem reſervar nada pera ſy; inda que tinha neceſſidades proprias. Foy eſta Madre das primeiras filhas deſte Moſteiro; porque tomou o Habito eſtando inda na Mouraria. E ſendo filha natural do Conde Prior D. Joaõ de Menezes, e pela meſma razaõ cercada de grande numero de parentes, todos muito ricos, e muito illuſtres, e moradores pela mayor parte na cidade, naõ ſó os naõ importunava, mas taõ pouco ſabia delles, como ſe em nada lhe tocaraõ. Depois que os longos annos a deſobrigaraõ de acudir á meya noite a Matinas, era ſeu coſtume infalivel, levantarſe, antes de amanhecer, e quaſi ſempre ás duas horas, e hirſe pera o Coro, e aſſiſtir nelle de dia, e de noite, até ſe recolher, e fechar o Convento, ſem faltar mais tempo que as horas forçadas do refeitorio. Vioſe o fruto de vida taõ bem gaſtada, na hora, que todos os mais tememos. Adoeceo de hum prioriz, recebeo os Sacramentos, e eſtando pera eſpirar dizia, que ſempre cuidara, que era a morte temeroſa, e achava outra couſa. Parece, que quiz o Senhor comprir, o que diz por ſeu Profeta: *Qui ſeminant in lachrymis, in exultatione metent.* Trabalhara muito, que foy o meſmo, que ſemear com lagrimas: razaõ era, que cegaſſe, e colheſſe com alegria. Verificouſe o dito em ſe moſtrar alegre por novo modo, até depois de morta; porque ſendo em vida fea de roſto, ficou taõ differente defunta, que affirmaõ eſpantava com gentileza. Foy ſua morte no anno de 1597. Pſal. 125. 1597.

Tres

A Madre Soror Maria da Cruz.

Tres annos depois no de 1600. acabou neſta Caſa a Madre Soror Maria da Cruz, taõ bem lograda de idade, como Soror D. Guiomar; porque tambem era das que vieraõ profeſſas da Mouraria. Louvouſe nella huma vida grandemente exemplar, grande paz, e quietaçaõ da alma, e com retiramento de tudo, hum ſilencio quaſi perpetuo, ſe naõ era, quando via couſas, que encontravaõ á perfeiçaõ do eſtado. Porque entaõ rompia em palavras, e azedamente reprehendia: mas ſempre com odio do vicio, e com amor do proximo. Davalhe authoridade ſua virtude, e o zelo humas razoens taõ religioſas, e efficazes, que ſendo muito fraca de peſſoa, e geſto, muito piquena de corpo, e de humilde repreſentaçaõ, era naõ ſó reſpeitada de toda a Communidade, mas tambem temida. De ordinario a pedra de toque do que cada hum preſta, he ſua pratica. Abre eſſa boca (dizia hum Filoſofo a hum mancebo, que naõ devia ſer falto de peſſoa) ſaberemos, o que ha em ty. Por eſtas qualidades foy Soror Maria doze annos Superioreza, e teve outros officios com notavel aproveitamento do eſpiritual, e temporal da Caſa. Pera o cargo de Meſtra de Noviças, que muito tempo exercitou, tinha particular talento, tudo enſinava com a lingoa, e olhos, e com exemplo: pouco com as varas. A idade creſcida, o trabalho dos cargos, as penitencias, e rigor, que uzava, vieraõlhe a criar huma ſarna de muito tormento, e taõ má qualidade, que parou em lepra confirmada: e foy mais danoſa; porque como era muito ſofrida, deixouſe penetrar della, paſſando hum anno inteiro ſem tratar de cura. Em fim foy tirada do dormitorio, e poſta em caſa ſeparada, como em mal contagioſo. Aqui foy de ver a fineza de ſeu eſpirito na paciencia, com que levava o mal, e o deſterro da Communidade. Era ſua vida oraçaõ continua, naõ pedir nada, nem querer nada, nem ſe queixar de nada. Se a viſitavaõ as Madres, ſabiao agradecer: Se a deixavaõ ſó, naõ moſtrava ſentimento. Creſcia entre tanto o humor venenoſo, e correndolhe a hum braço, deixoua tolhida delle. Neſte eſtado ſe apiedou Deos de ſua Serva; quando os Medicos pela qualidade do mal, e pela fraqueza do ſogeito a deraõ por incuravel, entaõ ſarou. Teveſe por certo, que a Virgem do Roſario fizera milagre por ella. Era devotiſſima ſua, abrio os Ceos com oraçaõ continua: e fiava tanto do Santo Roſario, que porque o braço naõ acabava de guarecer de todo, lançoulhe hum em voltas, como quem aplica mezinha provada, e foy eſta tal, que quando o tirou, eſtava ſaõ de toda a aleijaõ. Como ficou ſãa tornou pera o Dormitorio: mas ficou taõ debilitada do muito, que tinha padecido, junto com a carga dos annos, que nunqua mais teve hora de deſcanço até a morte. E com tudo neſte ultimo trabalho ſoube concertar a vida de maneira, que ſem dar pena a ninguem edificava a todas com huma perpetua aſſiſtencia diante do Santiſſimo Sacramento de dia, e muitas horas de Oraçaõ na cella de noite; por-

porque a longa idade, e fraqueza a tinhaõ izentado da obrigaçaõ de Matinas. Com tal ordem de vida paſſou alguns annos: No fim delles lhe deu huma parlezia, e mortificaçaõ de membros, que ſem a privar dos mais ſentidos, a teve alguns mezes entrevada. Entaõ quiz o Senhor manifeſtar, que a lepra, e aleijaõ ſobre vida taõ trabalhoſa fora para ganho, e merecimento; porque lhe moſtrou o dia, e hora, em que avia de ſahir das penas da vida, couſas que poucas vezes acontecem, ſenaõ a gente muito perfeita. Entendeoſe iſto, pelo que agora diremos. Pareceo ás Madres, quando aſſi a viraõ, que acabaria depreſſa, e diziaõlhe algumas, como dandolhe os parabens, que já tinha perto o premio, porque tantos annos trabalhara: E a boa velha reſpondia alegremente palavras formaes. Naõ hoje, naõ, pera o Minino Jeſus. E ſuccedeo, que no meſmo dia, que elle pera noſſo remedio veyo a naſcer no Mundo, ſe foy ella lograr de ſua viſta no Ceo.

A Madre Soror Antonia das Chagas.

A Madre Soror Antonia das Chagas entrando na Ordem com deſanove annos de mundo, tal vida fez depois de entrada, que parecia, que naſcera nella. Nenhuma Freira, das que muito a conheciaõ, e tratavaõ, ſe lembra, que lhe ouviſſe nunqua palavra ocioſa: nem lhe viſſe paſſar momento de vida ocioſo. O zelo do ſerviço de Deos, e de que andaſſe a Religiaõ em ſeu ponto, era tal, que naõ falando nunqua em peſſoa auſente, a muitas dizia no roſto com charidade, e amor de Deos, os defeitos, que lhe via. E foy caſo de notar o que lhe aconteceo com huma Religioſa, que em razaõ da peſte andava fora do ſeu Moſteiro: E por curioſidade veyo a eſte. Enxergoulhe mais concerto, do que julgava por conveniente em Eſpoſa de Chriſto, no trajo, no roſto, e no toucado: Cuidou no modo, que teria, pera lhe ſignificar o erro, naõ achou outro mais a propoſito, que vingarſe em ſy do cuidado, ou deſcuido alheyo. Poemſe diante della, levanta ambas as mãos, e deixaas cahir ſobre ſeu proprio roſto, com bofetadas a pares, taõ fortes, e deſpiadadas, que ſoaraõ por toda a caſa, e dentro na alma da enfeitada, que de aſſombrada, e compungida, deu por reſpoſta muitas lagrimas em lugar de deſculpas. Sua peſſoa, e ſua cella, naõ ſó eraõ pobres, mas hum retrato da meſma pobreza. Viaſe na cella huma Cruz de pao na parede, hum candieiro dos mais pobres, e ordinarios, a hum canto hum pedaço de cortiça, que de dia lhe ſervia de aſſento, e de noite de cama com huma ſó manta, e hum piqueno traviſſeiro, o veſtido, e toucado era ſó aquelle, que de força avia miſter pera andar cuberta: mas eſte ſempre velho, e conſumido do uzo, e por tal de outras Religioſas deixado. E ainda aſſi em quanto tinha por onde ſe poder remendar, nunqua pedia, nem buſcava outro. A cauſa de tanta pobreza era hum intenſo dezejo de ſe humilhar; e ſer deſprezada. Entendia, quanto abate os fumos da vaidade humana a falta, ou deſcompoſtura do veſtido. Quanto quebranta hum vilipendio de obra, ou de palavra. Eſtimava a vi-

a vileza da roupa, porque achava nella humildade pera ſy, e com a meſma dava occaſiaõ, a quem avia, de riſo, e zombarias, e deſprezos, e por iſſo a procurava com a meſma ancia com que no mundo ſe bebem os ventos, e fazem deſatinos pelo contrario. Eſtava hum dia triſte, e deſconſolada, diante de huma devota Imagem de Chriſto atado á Columna, que eſtas Madres tem no Capitulo: Paſſava huma, e ouvio, que ſe lhe queixava, que padecendo elle tanto por nós, avia quatro dias, que ella naõ padecia nada; porque tantos eraõ paſſados ſem ninguem lhe ter dito, nem feito couſa de deſprezo. Podeſe perguntar, como avia em caſa taõ Religioſa, quem deſſe ſemelhante merecimento a huma mulher, que de todas era conhecida por Santa. O que ſentimos, he, que como pertendia por tantas vias ſeu abatimento, e com aquelle extremo de pobreza, e remendos o provocava (ſegundo ſe eſcreve de Santos antigos, que ſe fingiraõ tontos pera ſerem maltratados) naõ era de eſpantar, aver entre tanta gente, quem alguma vez rindo, ou motejando de ſeu trajo, e trato, ou tachando ſeu extraordinario proceder, lhe deſſe occaſiaõ de moleſtia, que pera ſua alma era verdadeira gloria.

A ſua oraçaõ naõ tinha nunqua termo. Pera lhe naõ paſſar hora, nem momento da vida ſem ella, uzava ſempre da que o meſmo Deos ſe fez Meſtre com o grande Abrahaõ, quando lhe diſſe: *Ambula coram me*: Tem cuidado de andar ſempre em minha preſença. Pera o fazer aſſi, e trazer ſempre a Deos preſente em ſua alma eſpertavaſe de muitas maneiras: e a mais ordinaria era trazer de contino na boca, e a todo propoſito, e ſem propoſito eſtas palavras: Graças a Deos; referidas hora em vulgar, hora em Latim, e ſempre com tal affecto, que teſtemunhava ſahirem de alma enlevada no meſmo Senhor, a quem queria ſe deſſem as graças, e quem deſejava agradalla, naõ avia miſter mais que repetillas diante della. Pera de noite uzava de outro eſpertador. Eſtava ſempre provida de taboleiro, e trigo da Communidade, e quando ſe ſentia apertada do ſono, occupava as mãos em o eſcolher, e a boca, e alma em eſtar com o Senhor, por meyo do ſeu, *Deo gratias*, infinitas vezes repetido. Outras vezes vendo que naõ baſtava a occupaçaõ das mãos contra a força natural do ſono, que ſempre lhe fazia guerra, pelo pouco tempo, que lhe dava, valiaſe da diſciplina, e deſterravao com alguns açoutes fortes, que tomava a intervallos, por naõ perturbar a Communidade.

Aſſi maltratada, e penitenciada teve huma vida muy larga; que he engano cuidar ninguem, que ſe encurtaõ os annos com o trabalho. O mimo, e a ocioſidade ſaõ a lima ſurda, que os corta, e abrevia. Nella ſervio todos os officios de mais confiança, fora o de Prioreza. De todos deu conta como Santa, e em todos o momento, que tinha livre, era de Deos. Inda depois de muito velha, e enfraquecida da idade, aturava muitas horas diante do Santiſſimo Sacramento; e a poſtura era em pé, ſem ſe mover; pregados

Geneſ. 17.

dos os olhos nas alampadas do Altar Mór, com quem parecia querer competir na eſperteza do fogo, e em eſtar direita: Porque algumas vezes dizia com ſentimento, que tinha grande inveja áquelles lumes; porque ſempre buſcavaõ o Ceo ſem torcer, nem inclinar para nenhuma parte. Quando lhe acontecia por razaõ de officio, ou força de velhice ficar de Matinas da meya noite, na hora que a Communidade ſahia do Coro, já ella eſtava levantada, pera entrar nelle, e perſeverava até pela manhãa; porque naõ ouveſſe hora no dia ſem louvores do Creador.

Naõ ſe pôde cuidar, que avia de ſer avaro o Pay de miſericordias, com quem aſſi vivia, em favores, e merces interiores. Mas de taõ profunda humildade, como a ſua, naõ avia eſperar tirarſelhe nem huma do peito. Por ſinaes de fora ſe alcançavaõ couſas grandes. Affirmaraõ algumas peſſoas, que foraõ por ella advertidas de faltas, e defeitos interiores, que ſó Deos ſabia: E outras, que por ſuas amoeſtaçoens receberaõ conſolaçaõ, e alivio em tentaçoens, e apertos da alma, que ſem revelaçaõ do Ceo era impoſſivel alcançarſe. Alguns annos antes de falecer veyo a cahir em cama ſem mais infirmidade, que velhice, e fraqueza, e no cabo ficou de todo entrevada; tendo já compridos oitenta annos de idade; que niſto pàra a demaſia da vida; porque ninguem a cobice muito. Mas neſte eſtado durou pouco, e chegandoſelhe a ultima hora, pedio que lhe cantaſſem o Pſalmo: *In exitu Iſrael, &c.* E ouvindoo com devoçaõ, deixou ſem alegria o Egypto da vida no anno de 1603. Era Prioreza a Madre Soror Catharina de S. Joaõ, Irmãa do Conde de Linhares Dom Fernando de Noronha. Pareceolhe devido (e podemos crer, que foy inſtincto do Ceo mais que movimento humano) fazerſe honra com differença do enterro, a quem nunqua pertendera nenhuma, pera ſe comprirem as verdades de Chriſto, que até no Mundo promete acreſcentamento, e exaltaçaõ, a quem ſe humilhar. Propoz o penſamento ás Religioſas. Com aprovaçaõ de todas lhe foy dada cova no meyo do Coro de baixo, e ſe cubrio depois de huma campa de bom marmore luſtrado, e cercado de faxas de Jaſpe vermelho, e ſua letra gravada, que declara o nome da defunta, e a razam da obra. Viva eſtá hoje a Madre Franciſca dos Anjos, que achandoſe atormentada de forte dor de dentes na conjunçaõ, que a defunta eſtava em paſſamento, ſe chegou a ella pela opiniaõ, que todos tinham de ſua Santidade, e tomandolhe huma maõ, a poz ſobre a queixada enferma: e affirma, que ſubitamente ficou livre da dor; e com huma boa circunſtancia, que foy naõ lhe tornar nunqua mais. De outras muitas peſſoas ſabemos, que em ſuas neceſſidades ſe lhe encommendam com confiança, e achaõ remedio.

Luc. 14.

CAPITULO VII.

Das Madres, Soror Brittes da Madre de Deos, Soror Briolanja da Annunciaçaõ, e Soror Brittes do Roſario.

A Madre Soror Brittes da Madre de Deos.

COm penſamentos de ſer grande no mundo paſſou muitos annos nelle Dona Brittes filha dos Condes de Linhares Dom Franciſco de Noronha, e Dona Violante d'Andrada. Mas Deos, que fazia outra conta, e a guardava pera ſy entre os cuidados da terra, que por entaõ lhe conſentia, inclinava ſeu eſpirito aos autos da Religiaõ, que depois avia de ſeguir. E como ſe conta de S. Cicilia, que com brocados, e bordados cubria cilicios. Aſſi ella com cabellos louros, e enriçados, e tomado com apertadores de pedraria, rezava o Officio Divino; e na meſa abundante de ſeus Pays executava com diſſimulaçaõ jejuns de paõ, e agoa. Durou neſta vida até os vinte annos de idade: Mas já era tempo, em que Deos queria, ſe executaſſe o que della tinha determinado. Paſſados alguns annos ſobre os vinte, ſem ſe acabar de deſenganar, tiroulhe da vida o Conde ſeu pay. Foy grande o ſentimento de Dona Brittes; mais pelo que o amava, que pelo que eſperava delle; e pela meſma razaõ ſe reſolveo em naõ querer de outrem, o que delle naõ tivera, e aſſentou logo comſigo de buſcar a Deos em humildade, e pobreza; e começou a executar mais eſtreitamente, e com animo já de todo Religioſo, o que de antes fazia por goſto, e boa

Breviar. Rom. 22. de Novembro.

criaçaõ. Valem muito os bons principios: Achavaſe com elles taõ animoſa, que lhe parecia genero de fraqueza, e mimo buſcar oMoſteiro da Annunciada, porque era todo ſeu, e tudo nelle parentas, e amigas. Aſpirando a mais alto gráo de mortificaçaõ, tinha por pouco fugir da terra, ſe naõ fugiſſe tambem da caſa, que tinha por ſua, e até da companhia de ſeu ſangue. Com eſte penſamento poz em pratica entrar no Moſteiro da Madre de Deos da Ordem de S. Franciſco. Porque ſe ajuntava ao grande rigor da vida, naõ ter nella peſſoa, que lhe tocaſſe de perto. Foy recebida em Capitulo, pera tanto que ouveſſe lugar vago, que entaõ naõ avia: e eſperou conſtantemente ſinco, ou ſeis annos. Porem vendo, que tardava a vacante, e que ſeus annos corriaõ já ſobre trinta, naõ lhe pareceo razaõ tardar mais a vocaçaõ do Ceo. Tomou o habito neſte Moſteiro, e fazendo profiſſaõ a ſeu tempo, quiz ficar com o nome, do que primeiro buſcara. Chamouſe Soror Brittes da Madre de Deos. Era de ver huma molher de tal idade, e tanta qualidade, tomar ſeu lugar entre as Noviças minimas: Aſſentarſe com ellas, e ſem querer differença, devendoſelhe por tantas razoens, occuparſe em aprender os Verſos, e Antifonas, e eſtudar os tons com tanta humildade, e paciencia, como ſe naſcera no habito. Ajudavaa mal a voz, que tinha muito deſentoada, e com tudo de nenhuma couſa ſe eſcuſava, nem em particular com ellas; nem depois nos officios do Coro diante de toda a Communidade.

Lou-

Breviar. Rom. 26. de Junho.

Louva a Igreja no Santo Gallicano a vontade, e goſto, com que na hora, que recebeo a luz da Fé, deſprezada a purpura, e dignidade Conſular, ſe lançava aos pés dos pobres, e peregrinos, a lavarlhos por ſuas mãos. Mayor couſa diremos de Soror Brittes. Adoeceo de lepra a Madre Soror Maria da Cruz, como atraz fica contado: Era o mal contagioſo, e juntamente aſqueroſo. Aſſentouſe daremlhe cella fora do Dormitorio commum. Offereceoſe Soror Brittes a ſervilla. E naõ foy offerta ſó, e palavras. Por obra continuou com ella, até que a Communidade toda ſentida, ou corrida de ſe poder dizer, que pera tal ſerviço naõ avia nella outro eſpirito, requereo a Prelada, que a tiraſſe delle. Porém inda paſſou adiante ſua charidade. Deu peſte na cidade pelos annos de 1598. Como o Moſteiro eſtá em poſſe de naõ deſpejar nunqua, por mais mal que haja, quiz ganhar por maõ no trabalho, que podia aver em caſa: Offereceoſe á Prioreza pera curar, as que nella adoeceſſem. Quem aſſi ſe adiantava a acometer os perigos por amor do proximo, ſupefluo ſerá dizermos a largueza, e liberalidade, com que dava, e doava, quanto tinha de ſeu, a quem o queria, e avia miſter: Pouco dava, quando da vida, que val mais que tudo, naõ era avara. Aſſi tinha as mãos abertas pera os pobres, como ſe eſtivera perſuadida, que ſeria impoſſivel aver nunqua falta em commum, nem particular, o que ſe diſpendeſſe com elles. Aſſi trabalhava ſem ſe poupar nos officios da Communidade, que muitas vezes ſervio, como ſe tivera por certo, que diſſo lhe avia de reſultar mais vida, e mais ſaude.

Com tal ordem de vida chegou a Madre Soror Brittes aos ſeſſenta annos no de 1607. que foy o termo della. Deolhe hum a infirmidade de dores interiores, que a cingiaõ toda, e apertaraõ com tanta vehemencia, que ao quarto dia deu o pulſo final de morte. Chamaraõlhe os Medicos eriſipela interior. Durou ſem lhe dar hora de alivio, nem obedecer a nenhum remedio vinte dous dias. Enxergavaõſe na enferma effeitos de exceſſivo tormento de dores corporaes: E no meſmo tempo outros de afflicçaõ de eſpirito, que naſciaõ da força dellas. E fazia eſpanto, e grande laſtima o ſofrimento, com que levava tudo. Quatro dias antes de falecer recebeo todos os Sacramentos: E no ultimo da vida ſe notaraõ algumas couſas, que foraõ ſinaes de acompanharem grandes favores do Ceo os martyrios da terra. Foy a primeira, que na tarde antes de ſeu tranſito mandou, que lhe chamaſſem ſeu Confeſſor, e do que lhe communicou, reſultou pedir elle com inſtancia ás Religioſas, lhe deſſem alguma peça do uſo da defunta. E como por reliquias levou o ſeu Breviario. Era eſte o Padre Frey Simaõ Carvalho, bem conhecido na Ordem, por muito Eſpiritual, e Virtuoſo. Foy a ſegunda, que doze horas ao juſto, antes de falecer, naõ ceſſando de a martyrizar a intruſaõ das dores, ceſſou de todo a das afflicçoens do Eſpirito, que ſe ouve por grande miſericordia do Senhor: E ſendo perguntada como ſe

1607.

ſentia;

ſentia; reſpondia: *Dores ſim*: *afflicçaõ naõ.* A ultima foy; que paſſada meya noite, começou a perguntar a miude pelas horas: e de huma vez perguntou, ſe era perto das ſinco. Do que ſe ficou colligindo ao certo, que ſabia ter nellas o remate de ſeus trabalhos: Porque tanto que ſoaraõ no relogio, queixandoſe das dores, e dizendolhe huma Madre, que rezaſſe a Oraçaõ, *Humilis Virgo*, e foia dizendo com devoçaõ, e clara pronunciaçaõ: e chegando á ultima clauſula, que diz: *Ut hunc meum gravem dolorem vertas in magnam conſolationem*; diſſea com voz alta, e grande fervor: e logo rendeo o eſpirito com tanta quietaçaõ, e ſem fazer geito, nem deſar, que pareceo entrar no que pedia na oraçaõ, mais que em acabar. Tambem ſe notou com particular advertencia de todas, que na hora, que eſpirou, ſe veſtio o roſto defunto contra toda a razaõ natural, de huma cor taõ viva, e graça taõ extraordinaria, que pareceo tornado aos annos da mocidade, em que diziaõ, tivera fama de fermoſa; e por verem tal prodigio, ſe naõ atreveraõ as Madres, que a amortalharaõ, a lhe pregar o Veo ſobre o roſto, como he coſtume. E até nos Frades, que vieraõ ao enterro, cauſou maravilha o que viraõ. Devemos a taõ raro eſpirito, naõ paſſarmos daqui ſem fazer lembrança, que vieraõ pera eſta caſa tres irmãas ſuas. Duas, que ſaõ defuntas, e huma, que vive. Da viva naõ diremos nada, porque eſta hiſtoria he ſó de mortos. Salvo que entrou já terceira vez no cargo de Prioreza. Das defuntas a Madre Soror Maria do Preſepio, que era mais velha, com ſer ſempre indiſpoſta, nunqua ſe izentou de ſervir no que a obediencia a occupava: e viveo quaſi ſetenta annos. A outra, que ſe chamava Soror Catharina de S. Joaõ, foy duas vezes Prioreza; e de ambas as irmãas em Religiaõ, virtude, e governo, ouve ſempre grande ſatisfaçaõ neſta Communidade. Razaõ he tambem, que fique em memoria a oraçaõ, pela devoçaõ, que neſta caſa ſe lhe tem, e beneficio, que as Religioſas achaõ nella. Diz aſſi: *Humilis Virgo Maria, per illum dolorem, quem ſenſiſti ad pedem Crucis, deprecor te, ut hunc meum gravem dolorem vertas in magnam conſolationem.* A ſignificaçaõ he: Peçovos humilde Virgem Maria, por aquella dor, que ſentiſtes ao pé da Cruz, que eſta, que me atormenta, torneis em grande conſolaçaõ.

A Madre Soror Maria do Preſepio.

A Madre Soror Catharina de S. Joaõ.

Por differente via, mas eſtranha, e eſpantoſa, honrou o Senhor neſta Caſa outras duas Madres, de que diremos brevemente. Foy Diſcipula, e grande imitadora da Madre Soror Antonia das Chagas, de quem atras eſcrevemos, a Madre Soror Briolanja d'Annunciaçaõ: e fez taõ verdadeiro o proverbio: De bom Meſtre, bom Diſcipulo: que ſem dizermos mais della, lhe ficavamos dando baſtante louvor. Mas teve algumas couſas muy extraordinarias, que naõ podem ficar em ſilencio. Era já de trinta annos, quando veyo pera o Habito; mas com tanta fama de virtude, que eſſa foy a melhor parte de ſeu dote. Tanto, que chegou a ver a boa velha Soror Antonia, e conſiderou

A Madre Soror Briolanja da Annunciaçaõ.

derou ſua vida, determinou retratalla em ſy; e acertou a obra maravilhoſamente. Seja exemplo, por naõ particulariſarmos tudo, que vindo a adoecer de huma cruel infirmidade, que a teve dezaſete annos em cama: e ſendo aſſi, que o mal continuo faz os enfermos aborrecidos, e deſcontentadiços: Taõ mortificada eſtava, e taõ entregue a padecer de vontade, que ſe huma Religioſa lhe trazia da horta huma flor, ou ramo verde; nem os olhos lhe queria pôr, nem tomar o cheiro: reconhecia a caridade, e dava graças a Deos; mas engeitava o alivio. Se outra lhe queria lançar hum borrifo (que em fim ſó onde ha mo-
Eccl. 36. lheres, geme menos o enfermo) fugia com o roſto, por fugir a toda a conſolaçaõ. Sendo os males, que padecia, inconportaveis, e ſua paciencia ſempre igual a elles, chegou a eſtado, que ſe perſuadio, que acabava, e pedio os Sacramentos. E acabando de receber o da Santa Euchariſtia com a devoçaõ, e eſpirito, de quem cuidava, que morria, foy o Senhor ſervido, que no meſmo momento perdeſſe o juizo, e ficou douda de todo o ponto (caſo portentoſo, e triſte) e aſſi viveo alguns annos. Mas no cabo delles, moſtrou a Divina Bondade o grande cuidado, que tem de todos, os que o bem ſervem, por hum modo muy extraordinario, e de grande conſolaçaõ: Pera que animoſamente, e em todo o eſtado nos reſignemos ſempre nas mãos de ſua Providencia, e beneplacito. Acabou Soror Briolanja o curſo de ſua vida, ſem melhorar em ſizo. Mas eis que acabando, ſe ouve por toda a caſa ſuave melodia de vozes. Eſpantaõſe todas, e todas buſcaõ, quem canta. Naõ ſe achaõ cantoras, nem ceſſa o canto. Em fim, naõ ſe duvidou ſerem Muſicos celeſtiaes, os que ſe deixavaõ ouvir, e naõ ver. E que com Alleluias, em lugar de verſos funerais vinhaõ buſcar a ſanta Alma. Contaſe por maravilha do habito, que neſta Madre tinha feito a prontidaõ da obediencia (e daqui ſe póde fazer juizo, de qual ſeria nas outras virtudes) que ſuccedendo intentar alguns deſconcertos com a furia do mao humor, naõ era neceſſario mais, que dizerlhe da parte da Prelada, que tal naõ fizeſſe; logo parava, e obedecia, como ſe ouvindo aquelle nome, tornara a beber o ſizo, e ficara Senhora de todas ſuas potencias. Faleceo no anno de 1609. Era natural da Villa de Thomar, e da melhor gente della. 1609.

A Madre Soror Brittes do Roſario.

Cercada dos meſmos Muſicos, e com a Alma igualmente pura, e de grandes virtudes acompanhada, caminhou pera o Ceo a Madre Soror Brittes do Roſario no anno ſeguinte de 1610. Tinha ſervido, e trabalhado em muitos cargos com grande talento pera todo o governo, e mais particular pera o temporal. Mandoulhe Deos huma doença de gota taõ deſpiedada, que todos os membros lhe torceo, e deſcompoz, e encheo de nos, com que ficou em hum continuo purgatorio de dores; mas no meio dellas eraõ grandes os ganhos de ſua Alma, como diamante de preço, que ſe vay lavrando, e pulindo á força, e por diſcurſo de tempo na roda do Lapidario, pera depois ſe engaſtar na Coroa de hum 1610.

hum grande Rey: Aſſi purificou o Senhor eſta Alma em hum fogo de martyrios continuados por muitos annos. Padecia o corpo, enfraquecia, conſumiaſe, engroſſava com ſeu dano ao meſmo paſſo, e engordava o eſpirito: Mas quando foy tempo de lhe dar lugar na ſua Coroa de Bemaventurança, e nos muros da Celeſtial Jeruſalem, cuja fabrica he toda de pedras precioſas, começou a chover ſobre ella ſobrenaturaes mimos, e favores. Foy o primeiro, darlhe claros ſinaes do fim da batalha, que avia de ſer principio de ſua gloria. Porque dizendolhe o Medico huma manhãa, que eſtava pera devagar: entaõ pedio os Sacramentos, e affirmou, que morria, e naõ tardou em entrar no ultimo conflicto. Aqui ſe vio ſegunda Miſericordia do Divino Eſpoſo. Taõ deſaſſombrada, e livre de agonias eſtava, quando ellas coſtumaõ a ſer mayores, que cerrou os olhos como pera dormir; e fez cuidar ás Madres, que dormia. Temeraõ ellas, porque a hora era mais de vigia, que de ſono, e deſcuido: Chamaraõ por ella, differaõlho, e ella com repouſo reſpondia: Deixemme, Madres, que eſtou amando, e gozando, e neſte eſtado eſpirou, e dormio no Senhor. Por onde ficou menos de eſpantar o terceiro, e ultimo favor, começou a Communidade a chamar pelos Sacramentos, como he coſtume, que acudiſſem com ſeu ſoccorro áquella Alma, e pelos Anjos, que a vieſſem buſcar com os verſos ſantos da Igreja: *Subvenite Sancti Dei*: *Occurrite Angelicæ*. E foy o Senhor ſervido, pera conſolaçaõ das Madres, e honra da defunta, que promptamente ſe achaſſem com ella, e ainda que naõ viſtos, com canto, e vozes claras publicaſſem ſua preſença. Naõ me canço em encarecer a certeſa deſtes dous caſos de muſica celeſtial, ouvida, e dada por Muſicos; inviſiveis, porque eſcrevo em tempo, que vivem a maior parte das Religioſas, que foraõ preſentes. A quem tiver eſcrupulo, peço, que o naõ deponha, ſem fallar com ellas.

CAPITULO VIII.

Das Madres Soror Maria de Jeſus ſegunda, e Soror Iſabel da Encarnaçaõ.

COmo filha, que era de gente virtuoſa, e honrada, começou a Madre Soror Maria de Jeſus (que pera differença de outra, de quem temos tratado, chamaremos ſegunda) deſdos primeiros annos darſe a Deos, e ſeguir os caminhos da virtude. E eſta lhe deu confiança, como foy creſcendo, e teve idade pera poder tratar de ſy, pera pedir a ſeus pays, que lhe deſſem vida em Religiaõ, porque ſua tençaõ era naõ querer nada do mundo: o que por palavra dizia, viaõ elles, que pediaõ ſuas obras. Porque de noite a achavaõ muitas vezes, hora levantada, e poſta em Oraçaõ, hora dormindo no ſobrado, ou ladrilhos. De dia naõ avia de comer, ſem fazer partilha com os pobres, uzando de charidade, e fazendo abſtinencia: Duas virtudes em huma ſó obra. Vendo ella que corriaõ os annos, e que ſeus pays lhe naõ diffiriaõ, buſcou caminhos, e mandou tratar

tar com as Madres do Moſteiro da Madre de Deos, que a quizeſſem receber. Chegou o trato á noticia dos pays, a tempo que naõ faltava mais pera ſe effectuar, que a ida de Soror Maria. Reſolveraõſe entaõ em lhe fazer a vontade; mas porque conheciaõ fraqueza em ſua complexaõ, conſentindo no eſtado, que dezejava, naõ vinhaõ na Caſa, que eſcolhia; porque a julgavaõ por demaſiadamente riguroſa pera ella. Por remate vieraõ a concordar, que entraſſe, neſta, era já de dezanove annos, quando entrou; e como eraõ annos bem gaſtados, iguaes no modo de proceder a hum bom noviciado, parecia entre as Noviças, ou Meſtra, ou Freira velha. Perdemſe mal as manhas da mocidade, quer ſejaõ boas, quer mas. E por iſſo ſe diſſe, que val muito avezar bem nella. Deuſe com as mortificaçoens, que achou na Ordem, como com paõ cazeiro, e parecendolhe, que o eſtado a obrigava a mais, do que fazia ſecular, tinha por pouco cilicios, diſciplinas, e abſtinencias. Buſca huma taboa, poina ſobre o colchaõ, lançalhe a manta por ſima, para naõ ſer viſta. Com eſte furto fazia guerra ao ſono, e ao deſcanço; mas porque naõ baſtava pera deſterrar o ſono, vencidos os membros, ou do trabalho do dia, ou do coſtume da jaſida; tanto que ſentia, que a Communidade dormia, deixava a taboa, pregava os joelhos em terra, paſſava a noite em Oraçaõ: Nella, como era buſcada por taes meyos, lhe fazia o Senhor ſinaladas merces, que com humildade, e ſogeiçaõ communicava a ſua Meſtra, que hoje vive, e affirma, que eraõ couſas grandes, e que diziaõ bem com ſua vida. Mas o Confeſſor do Convento, que entaõ era o Padre Frey Manoel d'Arvellos, peſſoa de virtude provada, as abonava por novo modo, confeſſaraa muitas vezes, e algumas geralmente, e dizia, que eraõ taes ſuas confiſſoens; que mereciaõ fazerſe mais caſo dellas, que de todos os mimos do Ceo, por grandes que foſſem. De huma e outra couſa era boa prova huma grande inveja, que o Inimigo commum lhe tinha, com a qual a perſeguia, e inquietava nos tempos, da Oraçaõ: fazialhe medos, e ruidos, que ſe bem lhe cauſavaõ pavor, nunqua a eſpantaraõ tanto, que perdeſſe a conſtancia de buſcar o Senhor.

Mas he de pouca dura tudo, o que de bom tem eſtremos. Fizeraõ forte impreſſaõ no ſogeito fraco de Soror Maria as demaſias, que uſava em ſe maltratar. Aſſi a puzeraõ depreſſa no fim da vida. Adoeceo pouco depois de profeſſa de huma febre aguda, que ſe fez continua, ſeguioſe ſangue pela boca; parou em Etiguidade. Foy curada com cuidado; mas o mal naõ obedecia a nenhum remedio. Buſcouſe o ultimo, que ſendo em outra gente de proveito, pera ella foy de morte. Mandaraõ os Medicos, que a levaſſem á natureſa. Conſentio a Communidade pelo muito que lhe dezejava a vida. Só ella reſiſtia com a vontade, e com o entendimento, affirmando, que era piedade matadora, a que uſavaõ com ella; e naõ faltavaõ opinioens de peſſoas, que a conheciaõ bem, que mais poderoſa

roſa avia de ſer pera a matar a ſaudade do Moſteiro, e ſanta clauſura, que a natureſa do lugar, em que naſcera, pera lhe dar ſaude. E aſſi aconteceo; ſendo o ſitio, e Ceo muy benigno, qual he o de Collares diſtrito de Cintra, naõ ſó naõ melhorou nunqua; mas a paſſos contados ſe lhe foy aggravando o mal. Sentio que acabava, pedio por miſericordia, e ultima conſolaçaõ, que a tornaſſem aos olhos dus ſuas Religioſas. E foy taõ creſcido o contentamento, que ſua alma recebeo o dia, que ſe vio entre ellas, que ás que lhe perguntavaõ, como vinha, naõ ſabia reſponder outra couſa por extremo de encarecimento, ſenaõ que já alli eſtava: Que era o meſmo, que dizer, eſtava em poſſe de tudo, o que na vida podia dezejar. Eſte goſto teve poder, pera lhe eſtender a vida deſoito dias, que empregou todos em louvores do Divino Eſpoſo, e em graças de lhe dar lugar de vir acabar entre aquellas ſantas paredes. E acabou naõ ſó quieta, e alegremente; mas com alvo-
1611. roço de quem ſabia que paſſava á melhor vida no anno de 1611. Pera conſolaçaõ dos parentes, ſerá bem, que fique neſtes eſcritos o nome de ſeus pays. Chamavaõſe Antonio Rodriguez d'Aroche, e Lianor Coelha.

A Madre Soror Iſabel da Encarnaçaõ.

Outro raro eſpirito em deſprezar o mundo, e amar a Religiaõ deu a eſta Caſa Henrique de Menezes, Fidalgo honrado, e conhecido, na Madre Soror Iſabel da Encarnaçaõ ſua filha. Eſpirito taõ bem fundado, que juntandoſe o mundo com ſeus pays a lhe fazer guerra pela deſviarem do caminho da perfeiçaõ; ſempre elles, e elle ficaraõ vencidos della. Foy o primeiro combate dos pays, apertarem com todas as forças, que os ſizudos, e virtuoſos pays podem uſar com filhos, que amaõ, porque cazaſſe: e tanto era maior a inſtancia, quanto mais entregue a viaõ ao amor da virtude, e recolhimento. Porque com eſte ſe fazia em ſeus olhos mais digna de a dezejarem ver rica, e honrada na terra. Mas ella que em ſeu coraçaõ ſe tinha dedicado de todo a Deos, declaradamente lhes dizia, que por nenhum caſo avia de cazar. E porque naõ ceſſavaõ de provar forças em a perſuadir, fez hum acto, com que de todo os dezenganou, que foy amanhecer hum dia com toalhas lançadas, ſignificaçaõ de quem ſe entrega á profiſſaõ, e cuidados de velha. Paſſaraõ tempos, faleceraõ os pays; mas inda na morte quizeraõ obrigalla a ficar no mundo. Porque inda que tinhaõ outros filhos, e filhas, juntaraõ nella muita fazenda de prazos, e nomeaçoens, com que ficava rica, e a ſeu parecer delles neceſſitada de buſcar marido, que lha ajudaſſe a governar. E eſta foy a ſegunda parte da guerra, que o mundo lhe fez. Porém Dona Iſabel de Goes de Menezes, que aſſi ſe chamava antes de Religioſa; porque naõ ouveſſe couſa, que a obrigaſſe a enfraquecer em ſua determinaçaõ, deſcarregouſe depreſſa da herança, por hum modo muito ſanto, que foy renunciandoa em ſua irmãa Dona Cicilia de Menezes pera caſar (como cazou) com Dom Antonio d'Almeida. Livre do peſo, que ſentia com a fa-

zenda,

zenda, começava a tratar de vida mais eſtreita: Eisque ſe levanta nova bataria, e novo cuidado. Morre Dona Cicilia, e pouco depois hum filhinho, que deixara; tornalhe a entrar por caſa toda a herança aſſi como a dotara: Por eſte modo andavaõ com ella em contenda os bens da terra, ella a engeitallos, elles a buſcalla; mas em fim ficou de ſua parte a vitoria. Porque determinada a ſer pobre por Chriſto, fez ſegunda ceſſaõ de todos, largandoos a ſeu irmaõ Joaõ Mendes de Menezes; e porque nunqua mais a tornaſſem a embaraçar, pedio o Habito, e fez profiſſaõ neſta Caſa.

De ſincoenta annos era Dona Iſabel quando começou a ſer noviça: com tanto goſto de ſe ver tornada á primeira idade entre as mininas do Moſteiro, que todas as vezes, que a chamavaõ pera Matinas, era ſua primeira palavra: *Louvado, exalçado, e glorificado ſejais Senhor, que me trouxeſtes á voſſa Caſa.* E iſto dizia em hum affecto taõ brando, e taõ reconhecido do bem, que achava em ſer Religioſa, que cauſava devoçaõ, e lagrimas em quantos a ouviaõ. Era devotiſſima do Santiſſimo Sacramento, e a eſſa conta tomou o nome da Encarnaçaõ. Gaſtava diante delle muitas horas, e procurava ſempre, que em ſeu dia ouveſſe Miſſa ſolemne, e prégaçaõ, e muita feſta, tomando o gaſto á ſua conta, e acreſcentando com alguma couſa o jantar da Communidade. Quando vinha o dia de Natal buſcava ſempre huma boa eſmolla, que mandava á honra da Virgem Mãy ás Freiras Carmelitas Deſcalças: e o meſmo fazia por dia do Patriarcha S. Joſeph. Mortificavaſe muito, e de muitas maneiras. Nunqua deixava o jejum riguroſo; nem nos dias que na Communidade ha diſpenſaçoens. Do ſeu jantar partia de maneira, que ſe mantinhaõ delle duas bocas, que eraõ ella, e huma pobre cega. De continо ſe occupava em trabalhar de mãos, hora remendando os veſtidos das ſervidoras, hora fazendo redes pera a Sancriſtia. As enfermas viſitava com charidade, e ſervia com humildade. Com vida taõ bem gaſtada, foy Deos ſervido, que vieſſe a perder a viſta, e ficar cega de todo. He na Religiaõ muito trabalhoſa de levar qualquer infirmidade, pelos poucos mimos, e muitas faltas, que ha pera os particulares. Permiſſaõ Divina, pera mais merito de quem a buſca. Na cegueira ſaõ as miſerias mayores: Davalha Deos, porque gaſtava quaſi todo o tempo com elle, diante do Santiſſimo Sacramento: Eſtando por tal eſtado bem privilegiada pera os rigores da Ordem, nunqua deixava de ſe levantar a Matinas á meya noite: Pagavalhe o Senhor com huma merce muito ſoberana, e era, que eſtando totalmente carecida da viſta, davalhe ſua Divina Miſericordia viſta, e olhos todas as vezes, que chegava a commungar, conſolandoa com lhe moſtrar a Sagrada Hoſtia. Affirmavao ella, e era baſtante teſtemunho, por ſer ſeu, e porque o acreditava com ſetenta annos de vida inculpavel. Mas quem em tal tempo punha os olhos nella, bem comprehendia no geito, e ſemblante, que lhe naõ faltava viſta, e que via couſa, com que mui-

2. ad Corint. 12.

to ſe alegrava. Foy contrapeſo deſte favor, permittir Deos, que como outro Paulo foſſe perſeguida do tentador, aſſi cega, e no cabo da vida, naõ ſe podia ver livre delle; humas vezes armandolhe deſconfianças da ſalvaçaõ, outras repreſentandoſelhe no entendimento, fallandolhe claramente, importunandoa, e quebrantandoa: Porém naõ ſe eſquecia oSenhor miſericordioſo, de quem com ſeu favor vencera a carne nos Pays, e o mundo na fazenda, davalhe tambem victoria do Diabo. E era de ſorte, que já naõ fazia caſo delle. Neſte eſtado lhe deu hum accidente de apoplexia, que ſe bem a levou repentinamente no anno

1614.

de 1614. a verdade he, que o criado, que traz limpo, e certo o livro do ſeu cargo, pouco arrecea a hora de ſer chamado pera contas. Na Religiaõ nunqua a morte he ſubita, ou naõ cuidada; pois a primeira couſa, que de boa entrada nos daõ nella, he huma mortalha, e ſeu reſponſo em ſima. Pera quem anda, como deve a tal eſtado, por ventura, que he mais miſericordia hum fim arrebatado, que lutar com a fraqueza, e accidentes da ultima deſpedida, e com as fantaſmas, e enganos do tentador.

CAPITULO IX.

De Soror Guiomar de S. Paulo, e Soror Maria Bautiſta Irmãas Converſas.

REſtanos dizer de duas Irmãas Converſas, que começando em ſervidoras ſeculares, procederaõ com tanta virtude, que ſe iguallaraõ com os eſpiritos mais levantados do Moſteiro. E ainda que pela conta dos annos tinha huma dellas ſeu lugar mais atraz, damoslhe eſte em razaõ do eſtado, em que ambas começaraõ, e do em que acabaraõ. Foy a primeira Soror Guiomar de S. Paulo, dotada de taõ boas partes em humilde naſcimento, que obrigaraõ á Communidade a recolhela conſigo. O naſcimento era ſer filha de huma veleira, mulher de bem, que avia muitos annos ſervia a Caſa: As partes eraõ; bom juizo, humildade, modeſtia, e recolhimento. Foy admittida pera ſervidora ſecular, como entaõ ſe coſtumava. Entregouſelhe por primeiro poſto de ſua obrigaçaõ a coſinha. Aqui começou a ſervir com cuidado, e limpeſa; e como era moça, e trazia forças, fazia mais ſó, que todas as companheiras juntas: E taõ alegremente, que moſtrava folgar de as deſcançar á cuſta de ſeu braço. Mas o que mais eſpantava, era, que acabado o trabalho do dia, naõ ſe aproveitava da noite pera deſcançar na cama. Seu deſcanço era gaſtar a mór parte della orando, e eſte lhe fazia acharſe com dobrado animo pera trabalhar no dia ſeguinte. Aſſi juntava a vida contemplativa com a activa, e em ambas moſtrava notavel valor. Porque naõ tendo momento ocioſo na activa; pera ajudar a contemplativa, ſabia uſar de muita abſtinencia, e de muitas, e varias penitencias; e com tanta ſede ſe empregava em cada huma, como ſe ſó aquella eſtivera á ſua conta. No que era amor de Deos, naõ avia Freira mais afervorada; no que trabalho de mãos, nenhuma ſervidora taõ diligente.

A Madre Soror Guiomar de S. Paulo.

te. Affirmavaõ duas Madres, que ſabiaõ muito della, que tinhaõ eſtes fervores ſua raiz em muitos mimos, com que o Amador das almas puras recreava, e ſevava a ſua na Oraçaõ. E ſegundo iſto naõ era maravilha voar, quanto mais correr, como corria; pois tinha tomado o cheiro dos unguentos, e boticas celeſtiaes. Tinhaſe por grande final, que no maior peſo do trabalho, quando as outras arrebentaõ em raivas, e eſquivanças, naõ avia mais brandura, nem melhor ſombra que a ſua. As palavras eſpiravaõ fogo d'Amor de Deos: no ſerviço era a meſma charidade, que eſta teve ſempre em ſummo gráo. Mas ſaõ fracas as naturezas deſte tempo, por muito robuſtas que ſejaõ, pera aturar demaſia de trabalho junto. Paſſados alguns annos, ſentioſe a humanidade, e foy deſcubrindo, que naõ podiaõ chegar os membros, onde os levava o coraçaõ: E como navio, que ſoçobra com ſobeja carga, veyo a cahir, de puro exhauſta, e conſumida de forças, em huma forte doença, que lhe durou muito tempo, e della ficou cortada, e como tolhida pera poder tornar aos fios do primeiro ſerviço. Trocouſelhe entaõ a occupaçaõ antiga em outra mais leve. Foy mandada ajudar na veſtiaria, officio menos cançado. Porém era no ſeu animo o deſcanço improprio. Sem faltar na veſtiaria, acudia a tudo o em que via, que podia preſtar no Convento. Já ajudava a lavar, já ſervia as enfermas. E ſobre tudo avia de rezar o Officio Divino, e buſcar tempo pera iſſo; coſtume que uſava já, quando veyo de fora. E naõ pode acabar conſigo deixallo, por grande que foſſe a occupaçaõ de Caſa. Porque ſua devoçaõ era tanta, que nos dias Santos naõ faltava nunqua no Antecoro, a ouvir os Officios Divinos; e nos feriaes acudia ao meſmo lugar, cercada de ſua cuſtura, pera aſſiſtir a elles com o coraçaõ, e a ella com as mãos, e olhos. Sendo aſſi devota, era outro extremo de humildade. Podendo receber o Habito de Converſa, e fazer ſua profiſſaõ, pela Ordenaçaõ que o Geral Xavierre deixou neſta Provincia, quando a ella veyo, naõ ſe atrevia a cuidar em tal, quanto mais procurallo, julgandoſe em ſeu penſamento, por indigna de tanto bem, e parecendolhe que por velha, e fraca o deſmerecia: Eſtas duvidas, e eſcrupulos, que ſua humildade lhe fazia, veyo em fim a vencer já no cabo da vida: e profeſſando no dia da Converſaõ de S. Paulo em Janeiro de 1609. acabou ſua carreira logo no mez de Março do meſmo anno. Contaſe, e he couſa digna de conſideraçaõ, que na hora, que ſe ſentio doente, como ſe tivera revelaçaõ, que avia de acabar logo, cayou, e alimpou a ſua officina da veſtiaria: e entaõ ſe deitou pera morrer. 1609.

Pelos meſmos paſſos, e quaſi ſem nenhuma differença correo a Irmãa Soror Maria Bautiſta, taõ ſerviçal em tudo, o que tocava á Communidade, taõ humilde, e taõ de boa graça no ſerviço, e naõ menos devota, e amiga de gaſtar muitas horas diante do Santiſſimo Sacramento. Dezaſete annos avia, que ſervia com eſtas qualidades, Soror Maria Bautiſta.

e

e provaçaõ, quando foy recebida ao Habito de Converſa, pela Ordenaçaõ, que atraz referimos do Geral Xavierre. Vendoſe Freira, e obrigada a mayor perfeiçaõ; creſceo em grande amor de pobreza, e dezejos de acreſcentar, e melhorar tudo, o que tocava á Communidade, com tamanho exceſſo, que parecia naõ lhe lembrar outra couſa, nem de outra ter goſto. Virtude he eſta, que o Senhor muito eſtima, e com grandes intereſſes coſtuma remunerar. E noſſo Padre Santo Aguſtinho regula por ella, o que cada ſugeito aproveita na vida Religioſa: Boa prova temos em hum caſo, que por accidental contaremos, mas que teve muito de prodigioſo, entre todas as peſſoas, que delle ſouberaõ. Era dia de Communhaõ: Maria Bautiſta tinha a cargo cozer o paõ no forno, lançando medida ao tempo, que avia miſter pera aquelle ſerviço, entendeo, que o naõ podia acabar a horas, que acompanhaſſe a Communidade, e diſſo advertio logo á Madre, que tinha á ſua conta apontar o numero, das que commungaõ. Com tudo ficando chea de pezar, por aver de carecer de tamanho bem, apertou com o que fazia, e tanto que lhe deu remate, foyſe correndo ao Coro; mas era a tempo que acabava de todo a Communhaõ. Diſſeraõlhe o que ſe paſſava, e ella o vio por ſeus olhos, e todavia chegouſe ao ſitio, que fora meſa do ſagrado paſto, pera ſuas Irmãas: Poz os joelhos em terra, ſentida de ter tardado; porém quieta em ſua Alma; porque conſiderava com humildade, que ſobejarlhe occupaçaõ em ſerviço forçado da Communidade, fora cauſa de perder ella o bem que a meſma Communidade gozara. Acudio a Prioreza, quando a vio, e pedio com efficacia ao Padre, que miniſtrara o Sacramento, que viſſe ſe ſobejara alguma forma, pera conſolar huma Religioſa, que tardara. Reſpondeo elle, que naõ ficara nenhuma, e com tudo por ſe ratificar, tornou a ver o vaſo, e porque o achou deſpejado, mandou lançar agoa pera o purificar: ſenaõ quando vê com eſpanto, nadar ſobre a agoa huma forma. Foy miniſtro deſta Communhaõ o Padre Frey Franciſco Pereira, que era Confeſſor no Moſteiro, velho na idade, e eſſencial Religioſo, e naõ falto de viſta, nem deſatentado. Aſſi fez tanto caſo do ſucceſſo, que lhe naõ eſqueceo depois de commungar a Religioſa, perguntar, quem era. E quando o ſoube, eſpantouſe menos, e conſolouſe muito: Porque tinha della grande conceito por ſuas confiſſoens. Naõ damos milagre no caſo. Mas conhecemos em Deos tanta miſericordia, pera com as almas, que de virtude o buſcaõ, e ſe empregaõ no remedio daquelles, que o ſervem, que cremos facilmente, o que ſe conta do Frade Leigo Ciſtercienſe, que affiſtindo na Granja entre os ſegadores, ſentio de faltar na feſta, que ſe fazia no Moſteiro, lhe deu o Senhor no meyo do monte viſta della, e de toda a ſolemnidade taõ particularmente, como ſe no Moſteiro ſe achara. Depois de muitos annos cahio Soror Maria em doença como Soror Guiomar, e veyo a parar como ella na veſtia-

Prado Eſpiritual.

veſtiaria. Mas era o ſeu mal mayor. Foy hum genero de gota, que os Medicos chamaõ, Nodoſa, que lhe torceo pés, e mãos, e de todo a impoſſibilitou pera mais ſervir. E ainda aſſi era taõ inimiga de ocioſidade, que ſofria o tormento das dores melhor, que o naõ fazer nada: e acontecialhe mandar apertar as mãos pelos pulſos com ourellos, pera poder tomar a a agulha, e ſer de proveito em alguma couſa. Creſceo o mal com a idade, e acabou martyriſada delle: Mas taõ ſofrida, e conforme com a vontade de Deos, que hum Padre dos mais graves, e Doutos da Provincia, que a confeſſou na ultima doença, ſe eſpantou, e edificou muito do que achou nella. Faleceo por Dezembro do Anno
1618. de 1618.

CAPITULO X.

De algumas particularidades notaveis deſte Moſteiro, e da ſua Igreja.

ALem dos bons coſtumes, que atraz diſſemos, que como ley ficaraõ aſſentados neſta Caſa; pela boa induſtria das Fundadoras, ha outros muitos, que agora apontaremos, que ſe devem ſomente ao bom eſpirito das Succeſſoras. O que acho de mais eſtima, he a conſtancia, com que dando por tres vezes peſte
1568. na Cidade desdo Anno de 1568. a eſta parte, e tal, que ouve muy poucos Moſteiros, que ſenaõ deſpejaſſem, ſó neſte aturaraõ em todo o tempo, até as mininas, que alem de naõ eſtarem obrigadas á clauſura, era nellas maior o perigo, como em ſogeitos mais fracos, e naõ baſtou na primeira peſte (que por primeira, e pelo grande eſtrago, que fez, ſe chama inda hoje a grande: e foy a do Anno de 1569.) verem eſtas Madres 1569.
arder em accidentes peſtilenciaes temeroſos huma Noviça, pera perderem o animo, e a determinaçaõ. Curaraõ a enferma charidade, e por ella quiz Deos, que tiveſſe vida. Na ſegunda ſe ferio, e curou tambem huma Religioſa velha; e neſtas duas parou o mal, ſendo o trato taõ miſtico, como he com enfermas, o de enfermeiras charidoſas: e andando a contagiaõ taõ aceſa, e deſenfreada, que dos ſervidores de fora naõ eſcapou nenhum de morto, ou ferido. Toda via o medo, e o perigo amoeſtou as Religioſas, a buſcarem algum remedio mais particular, pera ſe valerem, ſobre o geral de Oraçoens continuas, e mortificaçoens, que faziaõ, pareceo inſpiraçaõ Divina, e foy eſte. Juntouſe a Communidade, cortaraõ papeis, eſcreveraõ por elles os nomes dos Santos, que a Igreja coſtuma invocar em ſuas neceſſidades, entrou o da Virgem Sagrada Mãy de Deos, repartido em tantos bilhetes, quantos ſaõ os titulos de ſuas feſtas, com que alegra o mundo; miſturados todos, e lançados em hum vaſo. Aſſentaraõ tomar por Padroeiro pera diante de Deos, o que lhes ſahiſſe, como dado por elle. Seguioſe affectuoſa Oraçaõ, qual pedia a neceſſidade. Meteo huma minina a maõ naquelle vaſo, e tirou o nome da Virgem com o titulo de ſua Santiſſima Conceiçaõ. Deſde entaõ ficou acordado, celebrarem cada anno

eſta

eſta ditoſa eſta, e ſorte com particular feſta de ſeu dia, e com ſolemne prociſſaõ pelos clauſtros. Valeolhes a Santa Padroeira, pera naõ entrar mais contagiaõ, daquellas portas pera dentro, e o agradecimento dura inda hoje na continuaçaõ da feſta, e prociſſaõ.

Mas naõ teve mais poder a guerra, que a peſte, pera abalar eſtas Religioſas, a deixarem o ſanto encerramento. Entrava o exercito do Duque d'Alva no
1580. anno de 1580. Foraõ advertidas dos parentes, que fugiſſem do perigo, viſto eſtarem fora dos muros da Cidade, com nenhuma ſe pode acabar, e foraõ graviſſimos os ſobreſaltos, que lhes cuſtou a eſtada nos dias do ſaco: Nas portas da portaria deu o primeiro acometimento dos que ſaqueavaõ: Começaraõ a fendellas com machados, e outros inſtrumentos, muita gente junta. Eſtava a Communidade no Coro, pedindo miſericordia diante do Santiſſimo Sacramento, que da Igreja tinhaõ recolhido conſigo, humas em voz com Pſalmos, e Hymnos, outras em ſilencio com ſuſpiros, e gemidos d'Alma: ferindo nos coraçoens deſpavoridos cada golpe, que ſoava nas portas. Neſte caſo foy Deos ſervido, dar eſpirito a hum ſoldado honrado Caſtelhano, que acudio com valor, e os fez deixar a obra, e ficou com outros em guarda das portas: Devemoslhe nome, e graças do beneficio, chamaſe Contreras. Paſſado eſte medo, e parecendo que ficavaõ de todo em paz, porque veyo logo hum Capitaõ, mandado pelo Duque pera guarda do Moſteiro: entraraõ em novos tremores, acudindo gente nova com tanta cobiça, e furia, que arrombou as portas da Igreja, e levou o que nella avia a peſar do Capitaõ, e ſoldados de ſua companhia; mas ſem intentar outra couſa, paſſou a diante. No que ſe vio claramente de como eſtava pelo Moſteiro o favor Divino.

Na vinda da gente Ingreſa, nove annos adiante no de 1589. 1589.
foy neceſſario preceito dos Prelados, e advertencia, que o aviaõ com Hereges, pera ſahirem algumas Religioſas: e todavia ficaraõ as Preladas com muitas velhas acompanhando as ſantas paredes.

Foy ſempre eſtimada eſta Caſa dos Principes deſte Reyno, e tida por ſua Religiaõ em grande conta de todos. Em particular a viſitavaõ amiudo a Raynha Dona Catharina, e a Infanta Dona Maria, tratando as Religioſas com hum amor, e affabilidade mais que ordinaria. E foy obra, e traça da Rainha o modo de Cellas, que hoje uſaõ. Eraõ as antigas huma ſimples diviſaõ de huma cortina de lenço entre cada leito. Pareceo á Raynha, que ſeria a vivenda mais quieta, e mais ſolitaria, ſe ouveſſe maior ſeparaçaõ: mandoulhas atalhar com frontaes de ladrilho, e querendo cerrarlhes do meſmo por diante, naõ aceitaraõ as Madres o favor, allegando ſer mais Religiaõ, ficarem abertas, e patentes aos olhos das Preladas, e ficaraõ como no tempo atraz, ſó com ſuas cortinas. E he de ſaber, que neſte Moſteiro naõ tem nenhuma Freira outra caſa, nem recolhimento particular, mais que eſta cella. Nella pera gazalhado de ſuas pobres alfayas

tem

tem cada huma ſeu almario de bordo, que entre ellas ſe chama trepeça, couſa piquena, e de pouco feitio. Aſſi como naõ tem caſas particulares, tambem naõ ha quem tenha particular criada, mais que as que ſervem o Moſteiro em commum. E neſtas ha huma ordem, com que a Communidade he muito bem ſervida: Aqual he, ſerem as ſervidoras Freiras Converſas, trazerem Bentinho preto, e veo branco, terem ſeu dormitorio, e refeitorio, e Coro ſeparado com particular Meſtra, que as governa, e lhes faz ſeu Capitulo, e as reprehende, e caſtiga. O principio deſta traça naſceo do grande juizo do Geral, e Cardeal Frey Jeronymo Xavierre, quando cá eſteve. Mas ſendo propoſto por elle a todas as Caſas da Provincia, em nenhuma ſe ſuſtentou, ſenaõ neſta: e o poderſe ſuſtentar naſce das circunſtancias, que temos dito, que a mantem, e conſervaõ com grande ſatisfaçaõ da Communidade. E porque a cobrança das tenças particulares, que quaſi todas as Religioſas poſſuem com licença, era occaſiaõ de cuidado, e diſtraiçaõ continua pera cada huma, tomou o Moſteiro a cargo, arrecadar todas por ſua via, e poſtas em maõ da Superioreza, que he depoſitaria, recebe cada huma o que ha miſter, do que lhe toca, forrando muito trabalho, e eſcuzando comercios, e tratos fóra de caſa, e nada ſe expende ſem expreſſa licença da Prelada, que declara o quanto, e em que.

Na Igreja ſe tem feito tanta obra de poucos annos a eſta parte, de dourados, e pinturas, e boa pedraria, que em ſeu tamanho eſtá Templo rico, e perfeito: O tempo deſte augmento, e o em que eſtas Madres tomaraõ poſſe da Caſa, e lhe deraõ nome, ſe declara em huma letra entalhada ſobre o frontiſpicio da porta, que diz aſſi: *Deiparæ Virgini Mariæ Annuntiatæ dicatum. an. Dom.* 1539. *Denuo amplificatum. an. Dom.* 1607. He a ſignificaçaõ: Dedicouſe eſte Templo á Annunciaçaõ da Virgem Maria Mãy de Deos no anno do Senhor de 1539. E foy de novo ampliado no de 1607. A Sanchriſtia eſtá provida de muita prata, e ornamentos ricos de Tellas, Brocados, e Bordados: e o que val mais que tudo, de Reliquias de Santos, muito provadas, e ornadas de engaſtes ricos: Entre as quaes ſe vê a Cabeça de huma das onze mil Virgens, dada a eſtas Madres pela Raynha Dona Catharina, de quem pouco ha fallamos. Eſte concerto exterior da Igreja junto com o interior da Religiaõ deu occaſiaõ a ſe fundarem nella algumas Irmandades, que a tem muito frequentada de Sacrificios, e Feſtas ſolemnes. He huma do noſſo Santo milagroſo de Pollonia S. Hyacintho, cuja Capella compoz, e paramentou pouco depois de ſua Canoniſaçaõ, huma Religioſa obrigada de hum grande milagre, que por ella fez. Alguns temos contado deſte Santo no diſcurſo deſta Hiſtoria. Naõ determino deixar nenhum dos que ella nos trouxer em propoſito, em graças de huma grande obrigaçaõ, em que eſte Reyno lhe eſtá pelos muitos, que nelle tem obrado. Paſſava de tres annos, que a Madre

Maria das Chagas padecia huma graviſſima doença com grandes accidentes, grande fraqueſa, e febre taõ continuada, que ſenaõ eſperava menos, que dar em Etica. Naõ ficou Medico em Lisboa, que naõ conſultaſſe, nem medicina, que naõ provaſſe, ſem já mais obedecer, nem aplacar o mal. Neſte eſtado ſoube, que ſe aſſentava o retabulo na Capella, que as Madres tinhaõ levantado ao Santo no Coro debaixo. Pedio, que a levaſſem a ella, e encomendandoſe ao Santo, fez propoſito de naõ admittir mais remedio da Fiſica, e eſperallo ſó de ſua interceſſaõ, e valia com Deos; e ofereceulhe viſitar com todo ſeu mal eſta Capella tantos dias, e rezarlhe tantas Ave Marias, quantos foraõ os annos, que viveo na terra. Era a Romaria muito cuſtoſa pera o eſtado, em que eſtava, e pelo numero dos dias a que ſe obrigou. Porque o Santo viveo ſetenta, e quatro annos. Mas elle lhe forrou grande parte do trabalho; porque antes do termo cobrou taõ perfeita ſaude, que avendo delle á Quareſma poucas ſemanas, teve animo, e forças pera a jejuar toda, e niſſo ſe vio tambem ſer ſaude dada do Ceo. Agradecida do beneficio procurou, que ſe dedicaſſe ao Santo a Capella da Igreja, que atraz diſſemos: ornoua do neceſſario á ſua cuſta, e com huma fermoſa Imagem, que a ella trouxeraõ em ſolemne prociſſaõ os noſſos Religioſos do Convento de Lisboa. He o ſitio deſta Capella debaixo do Coro, e por iſſo de taõ pouco goſto dos Irmãos, que pediraõ lugar pera a Imagem em outra Capella. Aſſi fica o Santo com tres ſitios em hum ſó Moſteiro, que taõ duas Capellas, huma dentro, e outra fora, e a que occupa com a Imagem no Cruzeiro. Todos, e mais merece o Santo. Mas vejaõ bem os Irmãos, ſe lhe daõ razaõ de queixa, trazendo o por Altares alheos na meſma Igreja, em que o tem proprio, e que primeiro lhe foy dedicado. Ha mais outras duas Irmandades. Huma de Saõ Lucas, inſtituida pelos Pintores: Outra de Santo Antonio: ambas tem ſuas Capellas, e bom concerto de prata, e ornamentos, e muitas Miſſas.

Sendo eſte Moſteiro em ſeus principios taõ pobre, como temos viſto, teve ſempre grande cuidado na boa eleiçaõ dos ſogeitos, que ſe recebiaõ ao Habito, e achamos pelas memorias antigas, admittidos alguns ſem mais dote, que ſincoenta mil reis, tendoſe mais olho á virtude, e bom ſangue, que ao dinheiro: Aſſi ordenou Deos, que creceſſe em tudo. E foy bençaõ que começou com a Caſa; porque logo em ſeu principio entrou com duas filhas huma mulher viuva moça, e virtuoſa (fora cazada com hum Jannim Revelot Eſtrangeiro) e entre todas trouxeraõ huma groſſa herança: A eſtas ſeguiraõ outras, e de proximo outras, que naõ nomeamos por hir abreviando. Com o que ſe ſuſtentaõ ſem aperto ſincoenta, e oito Freiras de Veo preto, e vinte ſervidoras, ou Converſas.

Faltava alguma eſmolla, que juntamente com renda foſſe de authoridade pera a Caſa. Eſta tem dado Dona Joanna de Noronha, filha mais velha do Conde

de de Linhares Dom Franciſco, que faltandolhe ſaude, pera acompanhar em vida quatro irmãas, que neſte Moſteiro ſe deraõ a Deos, determinou naõ as deixar na morte. E largando o enterro de ſeus pays, que he a Capella mór de S. Bento de Enxobregas, por ella de novo edificada com muito cuſto de ſua fazenda, fez contrato com eſte Moſteiro, de tomar ſepultura dentro nelle, dandolhe cento, e oitenta, e tres mil reis de renda em padroẽs de juro, com aſſento de ſe repartirem os cento, e ſincoenta entre ſinco Mercieiras, e a demaſia ficar pera a Caſa, e ſer adminiſtradora, e repartidora deſta renda, depois de ſeus dias, e do Conde de Linhares, que hoje vive, a Prioreza, que pelo tempo for. He por eſta razaõ a eſmolla de grande qualidade; e porque a quantia, que ſe aſſina ás Mercieiras, he baſtante pera ſuſtentar mulheres honradas, que ficaõ obrigadas a aſſiſtirem na Igreja a horas de Miſſa por toda a roda do anno. O lugar da ſepultura declararaõ as Religioſas em Capitulo; porque eſta Senhora pôr ſua modeſtia, e corteſia deixou a ſeu beneplacito, que ſeria no Coro debaixo, fronteiro da janella, e grade, que fica na Igreja. Tambem he qualidade de conſideraraõ, que ha na Igreja ſinco Capellanias perpetuas pera Sacerdotes ſeculares, que vem celebrar nella cadadia com baſtante eſtipendio pera ſua ſuſtentaçaõ; ſinallado, e bem pago pelos Padroeiros das Capellas.

CAPITULO XI.

De hum eſtranho, e calamitoſo ſucceſſo, que neſte Moſteiro ſe vio em huma Religioſa.

PEra tratar da materia, que temos propoſto, ſejame licito, antes de entrar nella, referir outro graviſſimo caſo, e de muito maior eſtranheza, e laſtima, que conta Joaõ Caſſiano em ſuas Collaçoens. Tresladado do Latim he o ſeguinte.

Pera que fique provado com exemplo freſco, como prometemos, o parecer, que neſta materia daõ Santo Antaõ, e os mais Padres, que com elle ſe acharaõ, torney a paſſar pela memoria o que ha poucos dias por voſſos olhos viſtes na morte do velho Heron abatido, e derrubado de grande alteza de Eſpirito ao extremo de toda deſaventura por illuſaõ do Demonio; ſendo homem, que viveo neſte deſerto ſincoenta annos, com hum eſtranho rigor, e guarda de todas as virtudes, e vimos, e conhecemos todos, que naõ avia nenhum morador delle, a quem ſenaõ avantajaſſe em fervor, e em tudo o mais, que na vida do Ermo ſe eſtima. Eſte pois foy o que caindo com laſtimoſa deſgraça, depois de paſſados grandes trabalhos, encheo de dor, e magoa todos os que vivemos por eſtas ſerras. E naõ foy outra a cauſa, e occaſiaõ de ſua perdiçaõ, ſenaõ deſviarſe das regras da prudencia, e dar mais credito ás de ſua vontade, e apetite, que aos conſelhos de ſeus irmãos, e documentos dos Padres antigos. Era taõ pontual na guarda do

Coll. 2. Abb. Moyſi. c. 5.

jejum, taõ amigo de eſtar ſempre na cella, e viver ſò, e longe de toda a converſaçaõ, que nem pera feſtejar hum dia de Paſcoa ouve nunqua quem alcançaſſe delle, que ſe juntaſſe a hum jantar, com os que eramos os ſeus irmãos: e ſendo aſſi, que acudiamos á Igreja todos os mais irmãos pera ſolemnizarmos o ſanto dia; ſó elle naõ acabava conſigo chegarſe a nós, por lhe parecer, que comendo mais quatro grãos de legumes, ficava afroxando de ſua conſtancia, ou teima. Criou daqui vãagloria, e enganado de preſunçaõ, foyſe deixando levar de conſelhos de Satanas, como de Anjo de luz. E em fim chegou a cegarſe tanto, que ſe lançou em hum poço, cuja altura era tal, que naõ avia viſta, que de ſima enxergaſſe a agoa. Foy o caſo, que o Inimigo lhe meteo em cabeça, e aſſentou na alma, que valiaõ tanto os merecimentos de ſua virtude, e trabalhos, que ſem nenhum medo podia abalançarſe a qualquer perigo; porque todos venceria, e de nenhum receberia danno. Perſuadiuſe, como imprudente, quiz fazer experiencia da verdade, eſperou que foſſe alta noite, e arremeçouſe no poço. Fazia conta, que ſairia ſem leſaõ, e aſſi ficava altamente provado o merito de ſua virtude. Foy ſentido cahir, acudiuſelhe, ſendo tirado meyo morto, e em eſtado, que aos tres dias acabou: com tudo eſteve taõ pertinaz em ſeu erro, que nem ver o que lhe tinha rendido a experiencia delle eſtar feito pedaços, foy baſtante pera ſe dezenganar, e acabar de entender, que fora cegueira ſua, e illuſaõ do Demonio. Por onde ſendo peſſoa, que pela vida de tantos annos do deſerto, e pela extraordinaria aſpereza della merecia muito, e todos lhe tinhamos laſtima, eſcaſſamente ſe pode alcançar do Abbade Pafuncio, que lhe deſſe ſepultura Eccleſiaſtica. Porque ſeu voto era, que foſſe tratado nella, como os que por ſuas mãos ſe mataõ. E aſſi ficou avido por indigno de Oraçoens, e Suffragios. Até aqui he narraçaõ de Caſſiano.

Fazem feſta entre os horrores eternos os potentados, e e Principes das trevas na queda de hum juſto, e naõ eſtimaõ ſó a deſaventura do homem, por tirarem huma Alma áquelle Senhor, que deu ſua vida por todas; ſenaõ tambem pelo diſcredito, que reſulta contra a virtude, e virtuoſos. De que eſperaõ colher maiores intereſſes ſeus, e novas perdas noſſas. Saõ Anjos no ſaber, Demonios na maldade, emulos perpetuos do homem. Porque ſabe, que foy criado pera poſſuir pelos merecimentos de Chriſto as cadeiras, que elles por ſua ſoberba perderaõ. Quem duvidará, que anteviraõ por ſuas conjecturas, que havia de aver no Moſteiro d' Annunciada, e em todos os mais da Ordem de S. Domingos em Portugal, e fóra delle milhares de Eſpiritos abrazados em Amor Divino, e riquiſſimos de verdadeiras miſericordias ſuas: E que tambem avia, quem os ſoubeſſe notar, e pôr em memoria, como temos feito em parte, e de preſente vamos fazendo. E que com eſta dor, e raiva meteraõ todo ſeu cabedal, por enganarem aqui huma pobre moça ignorante, como acolá hum velho

ſober-

ſoberbo. Manha he ſua, e artificio antigo, ſe ſaõ conſentidos, eſtirarem poder, e forças até intentarem, porſe hombro por hombro com o meſmo Deos. Niſſo eſteve ſua ruina, quando foraõ criados, e como já naõ tem que perder, tentaõ o meſmo cada dia. No Egypto fizeraõ milagroſos ſeus feiticeiros, e quaſi ſemelhantes nos prodigios a Moyſes. Em Roma anticiparaõ hum Simaõ Mago com obras, que pareciaõ Divinas, pera desfazer nos que já ſoava que obravaõ os Santos Apoſtolos em virtude do Redemptor. Muito antes, porque tinhaõ alcançado das Eſcrituras Santas, que avia de vir o Filho de Deos á terra feito Homem, pera remediar os homens, encheo a gentilidade de fabulas dos ſeus Deoſes, que com figura humana ſe empregavaõ em vicios, e maldades abominaveis: Convem logo, e he couſa muito acertada, e ſanta, que pois Lucifer arma, e faz campo contra o credito, e reputaçaõ da virtude, trabalhem, os que eſcrevem pera doutrina do mundo por deſcubrir ſeus enganos: *Fruſtra enim jacitur rete ante oculos pennatorum.* Que de balde arma rede, quem a poem á viſta das Aves. Pera noſſo danno uſa de eſtratagemas, tempera peçonhas: O remedio he deſcubrirlhe os artificios, e da peçonha fazermos triaga, lembrados, que mais nos rendeo aos Chriſtãos a duvida, e teima em duvidar de hum Thome, que a facilidade, com que creraõ as Marias. Bem creo, que algum tivera por ſy ſó lançar terra ſobre eſte ſucceſſo, pera que ſe perdera da memoria dos homens: Mas iſſo fora fazer a vontade ao inimigo, e ajudar, e favorecer ſuas cautellas. O que importa, he, que ſaibaõ os Anacoretas nas covas do deſerto, que ouve hum grande Heron enganado, pera que fiem ſó de Deos. Saibaõ as Freiras de S. Domingos em Portugal, e ſaibao embora o mundo todo, que pera ſe humilharem as muitas, e boas, que nelle ha, e todas viverem acautelladas, permittio Deos a illuſaõ de huma fraca, e preſuntuoſa, que paſſou aſſi.

Matth.

Em idade de doze annos no de 1563. entrou neſta Caſa Maria da Viſitaçaõ, tomou o nome do dia, e feſta, em que veſtio o Habito. Fez profiſſaõ ſinco annos depois, ſendo já de dezaſete. Luziraõ nella deſdo primeiro dia partes, que muito agradavaõ ás Meſtras, ſingeleſa, humildade, deſcuido de ſy, nenhum trato fora de caſa, recolhimento, ſilencio, e honeſtidade: tudo bom, mas natural ſómente, porque naõ procedia, nem tinha raiz no coraçaõ (como depois ſe vio). Porém tanto póde a virtude até com as ſombras, que eſtas a fizeraõ com grande extremo amada de todo o Moſteiro. E porque permaneciaõ (que o que he dado da natureza, trocaſe mal) começada a venerar por Santa, cahio Soror Maria, que lhe rendia muito, o que nada lhe cuſtava. Porque tudo era como poſtiço, e gentilico, e quaſi naõ ſeu, foy facil de levar pelo inimigo commum a hum grande erro. Perſuadiolhe o inimigo commum com a malignidade de ſuas ſuggeſtoens, que ſe ajudaſſe o natural com hum pouco de artificio, ſeria outra Santa Catharina

1563.

na de Sena na eſtimaçaõ, e nome. Diſſe ſuggeſtoens: Porque como o avia com huma ignorantinha, teve por deſneceſſario o cabedal, com que caça os Sabios. He certo, que nunqua com ella uſou pacto, nem trato, nem viſtas, nem outro genero de maior engano. Deixouſe a miſeravel vencer da tentaçaõ, começou a ajudarſe de tudo, o que entendia a faria avaliar por mais Santa, gaſtava muitas horas no Coro: e porque ſe entendeſſe, que era emprego de Amor de Deos, moſtrava extraordinario fervor pera os Sacramentos; e com a frequencia delles, que era muita, juntava grandes ſignificaçoens de interior devoçaõ. Aſſi creſceo em tanta reputaçaõ, que naõ ſó das Freiras eraõ eſtimadas ſuas Oraçoens; mas he certo, que entrando no Moſteiro a Infanta Dona Maria, ſe apartava com ella poucos annos depois de profeſſar, e lhe pedia Ave Marias. Alegre Soror Maria de ver, que frutificavaõ ſuas artes, hia acreſcentando ſempre alguma couſa de novo. Já cahia em raptos, e extaſis, já contava revelaçoens. Paſſaraõ annos, negociou de novo fogo na cella, e luzes no Coro, que fazia crer ſerem celeſtiaes. Chegou a moſtrar a cabeça ferida, certificando, que o Eſpoſo (aſſi chamava ſempre a Chriſto) lhe communicara a honra, e effeito de ſua Coroa de Eſpinhos, e era crida em tudo. Porque além de ſer facil de enganar com a virtude toda a gente virtuoſa, que ſempre ouve muita neſta Caſa, tinha Soror Maria ſobre os mais dotes da natureſa, hum ſemblante amavel, acompanhado de tal geito, e brandura, que criava nos animos, de quem a via, reſpeito, e affeiçaõ. Meyos, que maravilhoſamente acreſcentavaõ a cegueira geral. Inda naõ tinha quatorze annos de profiſſaõ; já por toda a Cidade, e Reyno era nomeada, como couſa cahida do Ceo, a Freira d'Annunciada: E as Freiras todas taõ enfeitiçadas com ella, que nos quatorze annos de profeſſa, e naõ tendo mais que trinta, e hum de idade, a fizeraõ Prioreza. Feita Prelada, eisque em dia de Santo Thomaz 7. de Março do anno de 1584. 1584.
ſahe com nova maravilha; publica, que na meſma noite lhe dera o Eſpoſo ſuas ſantiſſimas Chagas, moſtra as mãos, e nellas os ſinaes. Como tinha taõ fundada ſua reputaçaõ, naõ ſó foy crida, mas recebido o caſo com univerſal alegria, e veneraçaõ. Chegou a elRey, e paſſou ao Papa, correo por toda a Chriſtandade. Acudiaõ de toda a parte, como a gente Portugueſa he taõ pia, offertas groſſas, e muitas, que enriqueciaõ a Caſa, e a Prioreza rindoſe ella, zombando, e triumfando Satanás. Neſte eſtado, que era o mais alto, que podia ſer pera Soror Maria de nome, e credito, e pera a Caſa de honra, e proveito, moſtraraõ as Religioſas mais importantes della o zelo, que ſempre ouve da Religiaõ verdadeira, e honra de Deos. Eraõ do melhor do Reyno por ſangue, e do melhor do Moſteiro por partes de virtude, e entendimento. Começaraõ a fazer eſcrupulo do que viaõ, obrigadas de ſua conſciencia, e reverencia de Deos, e reſpeito da meſma Soror Maria, que

muito

muito amavaõ. Paſſaraõ a conſiderar ſuas couſas profundamente, e vieraõ a achar nellas taes contradiçoens, que aſſentaraõ, ſerem as chagas pintadas, e pelo conſeguinte tudo o que mais ſe dizia, falſo, e fingido. Deraõ conta com todo ſegredo aos Prelados maiores, propuſeraõ razoens bem fundadas, apontaraõ circunſtancias, de que reſultava manifeſto engano, ſe muy achado na materia. Mas tal poſſe tinha tomado dos coraçoens de todos, ou a piedade Chriſtãa, ou o credito de Soror Maria, ou a cegueira, que Deos permittia, que duraſſe, que naõ ſó naõ foraõ bem ouvidos, mas rendeulhes ſeu zelo hum grande merecimento no Ceo. Porque deſde eſte dia, até que o negocio ſe aclarou, foraõ maltratadas, e perſeguidas. Se entre Chriſtãos ſe dera lugar a fado, bem poderamos chamar fatal, hum engano taõ craſſo em ſy, e de tanta dura: taõ craſſo, que huma leve, e breve enſaboadura o podia tirar a limpo, como em fim veyo a ſer; e taõ duravel, que prevaleceo mais de quatro annos entre gente de valor, ſabia, e amiga de Deos, e da verdade. Parece, que tudo eſtava conjurado em favor da cegueira. Veyo neſte tempo a Lisboa por Vigario Geral deſta Provincia o Padre Meſtre Frey Alberto Agayo Caſtelhano, era homem de peito, ouvio as perſeguidas, julgouſe, que faria no caſo, o que convinha, uſou primeiro de terrores, e ameaços com Soror Maria: Devia cuidar, que baſtavaõ feros contra huma falſidade, ſe o era: Foiſe depois á Igreja, determinado á experiencia. Veyo Soror Maria á grade da Communhaõ, e tanto ſoube dizer, que o Vigario Geral tendo preſtes todo o neceſſario pera o lavatorio, a deixou, e ſe foy do Moſteiro, e de Lisboa ſem fazer nada. Era iſto já por Outubro de 86. Pareceo a Soror Maria, que devia dar alguma ſatisfaçaõ, ao que ſe dizia contra ella. Pedio ao Padre Meſtre Frey Luiz de Granada, que quizeſſe elle fazer a experiencia, que o Vigario Geral naõ fizera. Era o bom Padre naturalmente mal viſto, e neſte tempo com a idade quaſi decrepita, e quaſi cego: juntouſe ſua virtude grande, com a que cuidava, que avia em Soror Maria; e com as dores, que ella ſoube contrafazer incomportaveis, de maneira fez o exame, que pera com gente de entendimento naõ fez nada: E pera com o povo ficou Soror Maria mais acreditada. Sobreveyo logo o Reverendiſſimo Geral da Ordem Xiſto Fabri, e informado do que paſſava, e requerido das Madres zeloſas, tratou de fazer por ſuas mãos o exame. Começando o lavatorio, acolheuſe Soror Maria ás armas mulheris, correraõ rios de lagrimas, palavras, e geitos ſignificadores de dores immenſas, e taes, que ſendo falſas, quebraraõ o coraçaõ ao bom Padre com dor verdadeira: E lembrado, como he de crer, das Chagas do Redemptor, que aquellas repreſentavaõ, encheuſe de laſtima, parecendolhe, que fazia officio de tyranno contra huma Donzela innocente, e Santa. Deſiſtio da obra; tornouſe pera Roma, deixandoa chea de favores, e honras, e carregadas de novos preceitos,

e penas as procuradoras da verdade. Aſſi ficou vitorioſa a mentira, e authoriſado de novo o engano. Entrou o annno de 588. calamitoſiſſimo pera Eſpanha: quiz Deos moſtrar nelle, que nem os poderes da terra ſaõ nada, ſe de ſeu braço naõ ſaõ ajudados, nem a virtude tem valia, ſe no Ceo naõ tem a raiz. Acabou, e ſumioſe no mar a mais luſida, e mais poderoſa armada, que nunca ſahio de Eſpanha. Deſcubriuſe por falſa, e mentiroſa a mor virtude, que nunqua ſe tinha viſto em Eſpanha. Açoute famoſo hum, e outro da maõ do Altiſſimo. Os porques, elle os ſabe. Era Inquiſidor Geral, e juntamente Governador deſte Reyno, o Archiduque, e Cardeal Alberto, chegaraõlhe indicios certos do que até entaõ naõ avia mais, que argumentos. Cometeo a averiguaçaõ ao Tribunal. Continuaraõ os Inquiſidores trinta dias no Moſteiro em inquirir, e fazer diligencias. Foy a ultima hum pouco de ſabaõ, que brevemente fez deſaparecer tinta, e vernizes, ficando as mãos lizas, e ſem outra cor, nem final. Seguioſe confiſſaõ verbal da parte, que já naõ era neceſſaria. Foy ſentenciada com varias penas, e todas leves: Porque ſenaõ achou no caſo mais peccado, que fingimento humano. A maior pena foy deſterro do ſeu Moſteiro pera outro da Ordem, que foy o d'Abrantes, onde viveo alguns annos, e falecco cumprindo ſuas penitencias.

Confeſſo, que me tem cuſtado grande dor, e magoa a relaçaõ deſte ſucceſſo: Mas ſaõ riguroſas as leys deſte officio, que fazemos de Chroniſta, que pera ſermos cridos nos bens, e felicidades, he forçado naõ callar os males, e deſaventuras.

CAPITULO XII.

Fundaçaõ do Moſteiro de N. Senhora do Paraiſo d'Evora.

CIrcunſtancia de grande luſtre pera qualquer Convento he ter antiguidade em ſeus principios. Parece, que da meſma maneira, que acreſcenta firmeza em huma grande fabrica o alliceſſe mais profundo: Aſſi acredita, e dá graça nos Conventos, e Caſas de Religiaõ tambem a anſianidade mais alta. Eſte, de que começamos a eſcrever, tem ſua origem taõ atrazada, que achamos por memorias vivas, que no anno de 1460. avia já muitos, que ſe tinhaõ lançado as primeiras pedras, ſobre que creſceo o bom edificio, que depois teve. E foy deſta maneira. Ouve na Cidade d'Evora huma Donzela de nobre, e antiga geraçaõ, que ficando Orfãa de pay, e mãy, e acompanhada de duas irmãas, mereceo a Deos darlhe taõ bom eſpirito, e tanta conformidade entre todas tres, que de maõ commum ſe determinaraõ a viver juntas, ſem cazar, nem querer nada do mundo. Tinhaõ huma piquena caſa de ſua herança: eſta quizeraõ, que lhes foſſe morada em vida, e ſepultura na morte: E começaraõ huma vida taõ auſtera, e religioſa, naõ admittindo viſta de homens, por muito parentes que foſſem, nem tratando mais que de Deos: que convidaraõ com ſeu exemplo a outras Donzelas 1460.

honra-

honradas, e mulheres livres de obrigaçoens, a lhes pedirem lugar em ſua companhia. Chamavalhe a Cidade a caſa das pobres Galvoas; porque tal era o appellido das tres irmãas. A mais velha, que ſe dizia Brittes Galvoa, governava o pobre patrimonio de todas, com prudencia: e no que tocava ao Eſpirito, era taõ boa Meſtra, que creſcendo o numero com algumas, que admittiraõ, faziaõ nos olhos do povo mais repreſentaçaõ de obſervante Moſteiro, que conſorcio de gente ſecular. E ficou em tradiçaõ que ouve entre ellas eſpiritos de muita perfeiçaõ, e taes, que por ſuas Oraçoens fez noſſo Senhor muitas meſericordias em peſſoas, que ſe lhes encomendaraõ. O que era cauſa de ſerem importunadas pelos annos adiante de gente de muita qualidade (como entaõ naõ avia Moſteiros de Freiras em Evora) pera ſe juntar com ellas. E valialhes tambem pera toda a terra lhes acudir com abundantes eſmollas. Porque ſe juntava á clauſura perpetua, que guardavaõ, e virtude com que procediaõ, ſer couſa ſabida, e publica, que o poderemſe ſuſtentar com a pouca fazenda, que as Galvoas poſſuiaõ, naſcia de huma muy eſtreita abſtinencia, que guardavaõ: parte primeira, e principal de bom governo entre gente mal afazendada. Daqui começou nome novo á caſa. Chamavaõlhe o encerramento das pobres: E a Brittes Galvoa, que o governava, chamavaõ por reverencia a Madre. E eſtava taõ eſtimada aquella pobreza, e eraõ tantas as que a cobiçavaõ, que ſe contentavaõ com expectativas, e promeſſas de futuro, pera quando ouveſſe lugar vago.

Viveo longos annos Brittes Galvoa, e veyo a falecer em 22. de Julho do anno de 1461. Era peſſoa de grande juizo; tinha penetrado, o que avia nas ſubditas; apontou pera ſucceſſora no governo Mecia Martins, que era huma dellas: E iſto baſta pera entendermos, que ſeria de grande talento: E com tudo lhe deixou de ſua maõ, e experiencia alguns aviſos por eſcrito, que foraõ como hum retrato da Santidade, e prudencia, de quem os deixava. Fez teſtamento, e nomeou por herdeiras de todos ſeus bens, e fazenda as companheiras, que de preſente o eraõ naquelle modo de vida, e naquella ſua caſa: E todas as que pelo tempo lhes ſuccedeſſem nella, e nelle. Deviaõ ſer falecidas ambas as irmãas. Porque em caſo, que naõ tiveſſem partes para merecer a ſucceſſaõ do cargo; ſempre era obrigaçaõ deixarlhes a fazenda; ou pelo menos fazer mençaõ dellas no teſtamento. Brittes Galvoa. 1461.

Paſſados alguns annos depois de Mecia Martins governar as pobres, como na virtude, e trato ſanto naõ avia quebra: antes eſtavaõ vivas as leys, e bom governo da primeira Madre, e Fundadora, recolheuſe com ellas huma Senhora, que as memorias antigas daõ por muito nobre em ſangue, e parentes, cuja entrada adiantou muito a caſa em reputaçaõ, e credito: E andando o tempo, foy por novo modo todo o bom della. Modo novo, e eſtranho; mas traçado no Ceo, como o ſucceſſo moſtrou: Era Joanna Cor- Mecia Martins.

rea, que aſſi avia nome, dotada de bom entendimento natural, e tinhalhe o Senhor communicado huma grande luz, que a obrigava a dezejar ſervillo em eſtado perfeito. Notou em poucos mezes, que ſe bem achava verdadeiro, o que a fama publicava da companhia, e em cada ſugeito avia grandes partes de virtudes: com tudo era quanto faziaõ pendente de vontade á eleiçaõ propria, ſem obrigaçaõ, nem regra certa, ſem Prelado, nem Meſtre, e parecialhe negocio pouco fundado: Antes avia por temeridade, avendo tantas regras aprovadadas na Igreja de Deos, fiarem de ſi viver deſarrimadas dellas. Em fim aſſentou conſigo deixallas, e paſſarſe aonde a Religiaõ eſtiveſſe com fundamento ſeguro, e certo. Determinou dar conta a ſeus parentes com todo o ſegredo, e encomendarlhes que com o meſmo lhe negociaſſem lugar na Conceiçaõ de Beja, Moſteiro da Ordem de S. Franciſco, celebre já entaõ, e muito eſtimado no Reyno. Mas o Senhor, que deſta piquena caſinha tinha determinado fazer Paraiſo de ſeus deleites, como depois foy em nome, e obras: Antes de ter ſaido do peito de Joanna Correa ſua determinaçaõ, foy ſervido revelalla a huma das Recolhidas. Ficou eſte ſucceſſo no Moſteiro por tradiçaõ, e contaſe da que teve a revelaçaõ, que era hum raro ſogeito: Eſta perſintindo, como tal, a perda, que lhes faria a falta de Joanna Correa; tanto por ſua qualidade, como pola grande ſatisfaçaõ, que já tinhaõ todas de ſuas partes, deu conta á Regente Mecia Martins, e ambas com algumas das irmãas mais antigas ſe foraõ a ella, e com toda a modeſtia, e brandura lhe propuzeraõ, que ſe na caſa achava couſa, que a deſcontentaſſe, quizeſſe advertillas, pera a emendarem. Mas querer deixar ſua companhia, ſem aver culpa da parte das que buſcara com goſto, e honrara com ſua vinda, era darlhes pera diante de Deos huma grande deſconſolaçaõ, e pera diante dos homens, moſtrar, que avia entre ellas couſa, que deſmereciaõ ſua companhia: e ficaria ſendo maior o diſcredito, que lhes cauſaria, deixandoas, do que fora a honra de as buſcar. Que por amor de Deos lhe pediao naõ deſſe lugar a taes penſamentos, pois naõ dizia com a nobreſa de ſeu ſangue afrontar pobres, nem com a muita virtude, que nella tinhaõ viſto, deſconſolar gente unida em ſerviço, e Amor de Deos. Seguiraõſe lagrimas nos olhos de todas com moſtras de verdadeiro ſentimento, e rogos multiplicados em final de Amor. Naõ pode Joanna Correa ter as ſuas pola affeiçaõ, em que já ſe tinha, e ſentia empenhada, e por ſua boa natureza; nem taõ pouco ſe atreveo a encubrirſe, como pudera fazer, viſto naõ ter ainda dado conta de ſy a nenhuma peſſoa viva. Chãamente lhes confeſſou, e declarou, quanto tinha no coraçaõ. Mas com iſſo ajuntou, que pera que viſſem, que naõ naſcera de liviandade ſua, nem deſcontentamento dellas, lhes offerecia ficar com ellas toda a vida (que tal fora a tençaõ, com que alli entrara) como ſe quizeſſem diſpor a dar a obediencia a huma das Ordens da Santa Madre Igre-

Igreja, e foſſe aquella, de que mais goſto tiveſſem. Era negocio de Deos: eſtava certo correr com ſuavidade. Trocou a repoſta em lagrimas de alegria, as que eraõ de dor, e proſtradas a ſeus pés em graças da offerta, naõ ſó aceitaraõ a condiçaõ, mas todas a huma voz diſſeraõ, que em ſua vontade, e bom juizo ſe comprometiaõ, e deſde logo prometiaõ aceitar, e ſeguir a Ordem, que ella lhes eſcolheſſe, e nomeaſſe. Joanna Correa, como prudente, e muito Chriſtãa, que era, pediolhes, que encomendaſſem o negocio a Deos, pera que delle lhes vieſſe a eſcolha, como viera a revelaçaõ de ſeus penſamentos. Paſſados alguns dias, depois de muita Oraçaõ, e conſideraçaõ, aſſentaraõ em confirmidade ſeguir a Ordem de S. Domingos, e viver no Habito, e Eſtatutos de ſua Terceira Regra. Aſſi devemos á Cidade d'Evora a primeira Congregaçaõ de Freiras Terceiras noſſas. Acudiraõ logo ao Convento. Puzeraõ em ordem entender ſuas obrigaçoens, e conſeguintemente profeſſar. Como foraõ profeſſas, e ſe acharaõ conſoladas, e ſatisfeitas da mudança, quizeraõ gratificar a Joanna Correa: e foy o meyo, pedirlhe, que aceitaſſe o cargo de as governar, como o tivera de as trazer á Ordem. Mas ella naõ conſentio em tal; parecendolhe, que fazia offenſa á Madre Mecia Martins: Antes pera moſtrar o goſto, que tinha de ſeu governo, e da Caſa, fez logo vir tres mininas ſobrinhas ſuas, pera lhas dar por diſcipulas, e ſe criarem nella.

Joanna Correa.

CAPITULO XIII.

Da occaſiaõ que ouve para o nome, que eſte Moſteiro tomou do Paraiſo, e como paſſou a Obſervancia.

APoz a mudança do Eſtado, Habito, e Regra, ſeguioſe outra, que foy a do nome da Caſa. Avia na Cidade huma honrada Matrona, que poſſuia huma devota Imagem da Virgem Glorioſa N. Senhora, e porque lhe tinha devoçaõ, e affeiçaõ, dezejava empregalla, onde eſtiveſſe mais venerada, e eſtimada. Como ſoube, que o Recolhimento das pobres, ſobre o bom nome que dantes tinha, juntava dar obediencia á Ordem de S. Domingos, fezlhe eſmolla da Imagem, e ou foſſe por julgar que dava peça de tanto preço, que poderia ſer em algum tempo repetida por ſeus herdeiros, ou por encarecer, como ſabia, o que dava, o caſo, que as Religioſas deviaõ fazer della, mandou celebrar huma Eſcritura publica da doaçaõ, que hoje eſtá viva, e ſe guarda no Moſteiro, e ſe moſtra ſer feita em oito dias de Junho de 1474. por Joaõ Dias Tabaliaõ d'elRey, e conſta por ella chamarſe a doadora Iſabel Affonſo viuva de Nuno Martins. Era a Imagem de Marfim, e ſabemos, que de tal materia ſaõ lavradas as mais das milagroſas, que ſe tem achado, e foraõ eſcondidas deſdo tempo da entrada dos Mouros em Eſpanha: O que me faz cuidar, ſe feriaõ por ventura lavradas todas de huma ſó maõ, e maõ devota. Chamavalhe a doadora

com affecto pio, e amoroſo, Noſſa Senhora do Paraiſo. Como eſteve entre as Religioſas, começou o Senhor a obrar por ella muitos milagres em caſos varios de doenças entre as Freiras, e logo outros entre ſeculares, paſſando a fama à Cidade: de ſorte que veyo a ſer celebre na terra. Mas o que lhe deu mais nome, foy, que ſuccedendo por deſcuido, de quem a tinha a cargo, quebrarſe hum dedo do Minino, que a Imagem tem conſigo abraçado, e ſaltar fóra a ponta quebrada, correo ſangue como em corpo vivo de huma, e outra parte: e pera memoria do prodigio permittio o Senhor, que ficaſſe, e dura inda hoje hum final de ſangue na maõ da Senhora, que pega com a do Minino. Eſta parte do dedo, que pelo reſpeito dito ſe guardava com veneraçaõ na Sacriſtia, mandavaõ as Madres depois pela Cidade aos doentes, que o requeriaõ como remedio certo; até que ouve quem o quiz pera ſy ſó com indiſcreta devoçaõ, e o fez deſaparecer dentre as Freiras. Como a natureza humana he taõ cazada com ſeu intereſſe, e os bens, que recebiaõ por meyo da Santa Imagem, acendiaõ a devaçaõ nos moradores, daqui veyo, que foraõ honrando o Moſteiro com o nome della, e do Paraiſo. E eſſe poſſue hoje.

No anno de 1508. veyo a falecer a Prioreza Mecia Martins, deixando pedido ás Subditas, que recebeſſem em ſeu lugar por Prelada a Joanna Correa. Mas era ſuperflua a lembrança, porque naõ avia nenhuma, que cuidaſſe noutrem. Aſſi foy logo de commum conſentimento eleita, e ficaraõ deſde entaõ por eſcrito os nomes de dezaſete Religioſas, que a elegeraõ, quaſi todas nobres, e do melhor da Cidade, que nomearemos; pera que ſe veja, quaõ acreditado eſtava aquelle Recolhimento. E eraõ eſtas: Dona Guiomar de Souſa, Dona Maria de Souſa, Catharina Mendes d'Aguiar, Mor d'Aguiar, Margarida da Grãa, Maria Rodrigues da Grãa, Maria Tates, Ines Fernandes Tates, Domingas Lameira, Filippa Pereyra, Maria Pereyra, Iſabel da Coſta, Violante Loba, Iſabel Correa, Catharina Caſca, Joanna d'Oliveira, e Geneura de Privizim.

A primeira couſa, em que entendeo a nova Prioreza, foy eſtender o animo a nova, e mayor perfeiçaõ, fazendo conta de meter em Caſa a Primeira Regra, e mayor perfeiçaõ, e mais riguroſa de S. Domingos; aſſi como trouxera a Terceira: E pera facilitar a eſtreiteza, que determinava no modo de vida, quiz primeiro alargar a morada, que foy grande alivio. Porque até entaõ viviaõ taõ apertadamente, que fazia laſtima o trabalho, que paſſavaõ: quaſi naõ tinhaõ lugar onde reſpirar. Começou àjuntar eſmollas, comprou ſeis moradas de caſas, em que foy dizenhando Igreja, e Sacriſtia, Dormitorio, e Clauſtros, e caſa pera Noviças. E apontaõ as memorias antigas, que entre as primeiras officinas deputou caſa pera teares, final que ſenaõ pertendia viver ocioſamente nas horas, que reſtaſſem do Coro.

Foy grande, e principal bemfeitor deſte Moſteiro, Dom Alvaro

varo da Coſta, que juntando com grande bondade hum aſſentado, e claro juizo, alcançou por eſtas partes tanto lugar com elRey D. Manoel, que do ſerviço de Guarda-roupa veyo a ſer ſeu Camareiro Mór, e deixou em ſua familia o officio de Armeiro Mór dos Reys, e hum honrado patrimonio: E como era muito pio, e entendia que avia na Caſa verdadeiro zelo do ſerviço de Deos, tinha por gloria trabalhar, e dezentranharſe por ellas. Achamos, que á ſua cuſta lhes fez o Corpo da Igreja, e o Coro com ſuas cadeiras: E pelo tempo adiante edificou tambem a Capella mór: e pera ſe comprarem as moradas de caſas, que atraz diſſemos, deu de eſmolla cem mil reis em dinheiro; e por ſeu meyo alcançou a Prioreza licença d'elRey pera tomar da rua publica, quanto foy neceſſario pera correr direito o edificio novo. Era irmaõ de Dom Alvaro Bras da Coſta, e verdadeiro irmaõ em virtude, e zelo. Contaſe delle, que andava por caſa dos Fidalgos da Corte, e da Cidade pedindo, e juntando eſmollas; e foraõ tantas, que ficou em lembrança paſſara a deſpeſa, que ſe fez na fabrica, de quatro mil Cruzados, que pera aquelle tempo era grande gaſto.

Tanto que a Prioreza ſe vio com a largueſa de caſa, que pertendia, pareceulhe tempo de tratar da perfeiçaõ, que dezejava; juntou as Religioſas em Capitulo, propozlhe tudo, o que neſte ponto ſe offerecia; pera a averem de eſtimar, e abraçar, lembrava, que pera com Deos, e pera com o mundo ficariaõ ganhando muito: Porque, quanto a Deos em ſe determinarem a toda a perfeiçaõ da Regra de S. Domingos, era buſcar a ſua mayor gloria, a que toda peſſoa Religioſa eſtava obrigada. E quanto ao mundo, já viaõ com ſeus olhos, que ſó com a piquena mudança do primeiro eſtado, pera o de Terceiras, eſtavaõ tanto adiante em credito na terra, que lhe tinha edificado hum perfeito Moſteiro. Que ſeria quando a meſma terra viſſe, que largando todas as liberdades, e larguezas de Terceiras, ſe ſogeitavaõ ás mayores auſteridades da Primeira Regra? Naõ avia que duvidar, ſenaõ, que toda a Nobreſa lhes daria ſuas filhas, e com ellas groſſas heranças, pera que livres do cuidado de mendigar a ſuſtentaçaõ, que muito embaraçava, ſe entregaſſem de todo a Deos. Que pois o rigor, em que viviaõ por ſua vontade com nome de Terceiras, naõ diffiria em nada do que ſe contava dos mais Obſervantes Moſteiros, injuria ſe faziaõ a ſy meſmas em recuſarem o nome do que abraçavaõ, e executavaõ com a obra. Naõ foy neceſſario á Prioreza eſtenderſe muito, porque nos olhos de todas como em eſpelhos do coraçaõ reluzia alvoroço e alegria, pera o que repreſentaſſe mais aſpereſa. Concluioſe o Capitulo com ficarem de acordo, que ella, como fizera a primeira mudança, procuraſſe a ſegunda, pela via, que melhor pudeſſe, e com toda a brevidade. Era Dom Alvaro da Coſta, naõ ſó conſelheiro das obras de pedra, e cal, mas muito mais das do Eſpirito. Foy logo chamado da Prioreza, e como o teve na grade, veyo ella com

todas

todas as Religioſas, e dandolhe conta do que tinhaõ entre ſy aſſentado, pediolhe em nome de todas, que pois ás ſuas mãos, e boa induſtria deviaõ o Edificio material da Caſa, quizeſſe, ficaſſem tambem devendo o que mais importava, que era o Eſpiritual; tratando com elRey, que lhes mandaſſe vir do Pontifice, e Geral da Ordem as licenças coſtumadas. Foy a nova recebida com muito goſto pelo bom Fidalgo, porque ſabia o que elRey a avia de eſtimar, e por iſſo naõ tardou em lha dar. Entendia elRey D. Manoel por eſte tempo com grande zello do ſerviço de Deos, em fazer reformar todas as Religioens, e acabar de extinguir o que ainda avia de Clauſtro. E porque em algumas naõ faltava contradiçaõ, agradouſe muito do bom animo da Prioreza, e de ſuas ſubditas, e no dia ſeguinte foy ouvir Miſſa ao Moſteiro, e fallou com a Prioreza, louvoulhe a determinaçaõ, com palavras de muita honra, dizendo que era muy conforme ao conceito, que de ſua muita virtude tinha, e ao que ella era obrigada por ſeu Sangue; e eſtiveſſe certa, que de ſua parte lhe naõ faltaria nada pera o bom effeito, e ſempre folgaria de lhe fazer bem, e merce. Naõ quiz a Prioreza perder a boa occaſiaõ: pedio a elRey, que em quanto tardavaõ de Roma as licenças, mandaſſe ao Provincial, fizeſſe logo vir alguns Religioſos Obſervantes, pera que foſſem inſtruindo, e governando a Caſa no rigor de ſuas Conſtituiçoens. Ao que elRey reſpondeo com a meſma benignidade, que onde eſtava ſua prudencia, e zelo de Joanna Correa, naõ avia neceſſidade de reformaçaõ de fóra, nem outro governo: E por tanto ſua vontade era, e aſſi o mandava, que ella foſſe a Meſtra, e a Governadora.

Quando a Prioreza ſe vio mais honrada, e favorecida d'el-Rey, tanto, como ſizuda, deſconfiou mais de ſy. E foy procurando licença do Provincial, pera que a Madre Iſabel, que no Moſteiro de N. Senhora da Saudaçaõ de Montemor inda reſidia, vieſſe a eſte do Paraiſo, e começaſſe a fundar a Obſervancia. Era eſta Madre filha do Moſteiro de Jeſus d'Aveiro. Sahira com as que foraõ fundar Santa Anna de Leiria, e depois Montemor, onde de preſente era actualmente Prioreza. Deſpachou o Provincial ſua commiſſaõ ao Padre Frey Lopo Soares, Prior que era em Evora, pera que a foſſe buſcar. Contaſe por caſo prodigioſo, que indo com mullas pera a trazer cahio tres vezes no caminho, e da ultima com perigo, e danno. Chegou todavia a Montemor. Mas ella naõ ſe aballou; e ſem tomar agouro dos dezaſtres de quem vinha por ella, eſcreveo ao Provincial, que onde avia peſſoa de tanta Religiaõ, e partes, como a fama publicava de Joanna Correa, baſtava ella pera reformar, inſtruir, e enſinar, inda quando a Caſa fora muito clauſtral, quanto mais ſabendoſe, que tinha conſigo Religioſas de muita conta. E por tanto lhe mandava as Conſtituiçoens traduzidas em vulgar. Porque ſó com ler por ellas, naõ duvidava, que ſeu bom entendimento poria tudo no eſtado, que convinha.

Dia da Virgem, e Martyr Glo-

Glorioſa Santa Barbara em quatro de Dezembro do anno de
1516. 1516. dizem os papeis, que temos, que chegou ao Moſteiro o Padre Meſtre Frey Jorge Vogado, e mandando tanger a Capitulo, fez pergunta ás Religioſas, ſe eraõ contentes de ſe ſogeitar á Obſervancia, e clauſura perpetua, que guardavaõ as Freiras dos Moſteiros Obſervantes da Ordem de S. Domingos neſta Provincia de Portugal, e ſe vinhaõ niſſo de boa vontade, livre, e ſem conſtrangimento algum. Reſponderaõ todas, e cada huma por ſy, que a queriaõ, e aceitavaõ, como particular beneficio, e miſericordia de Deos. Aſſinoulhes logo anno de Noviciado, e aprovaçaõ: e ſahindoſe pera fóra com o Prior Frey Lopo Soares, e mais Frades, que o acompanhavaõ, fechou por ſua maõ a porta da Regular clauſura, em final, que daquelle ponto começava o rigor della, e entregou as chaves á Prioreza. Aqui devemos advertir, que as memorias chamaõ neſte paſſo a Frey Jorge Vogado Provincial, naõ o ſendo, nem podendo ſer inda entaõ. Porque duravaõ os quatro annos do Padre Frey Joaõ de Braga, que foy eleito na entrada do anno de 1513. como fica dito em ſeu lugar, e naõ os podia acabar, ſenaõ depois de entrado o de 1517. Aſſi ſe ha de entender, que foy á diligencia, como Commiſſario do Provincial, que a iſſo o devia mandar. Salvo ſe quizermos dizer, que fez duas diſtintas diligencias: a primeira como Commiſſario no anno de 1516. fazendo as perguntas; e a ſegunda, depois que foy Provincial no anno de 1517. em que foy eleito, aſſinandolhes anno de provaçaõ. E eſta podia ſer a cauſa de ſe confundirem as memorias: Porque na verdade o Breve Apoſtolico, em cuja virtude eſte Moſteiro paſſou á Obſervancia, que hoje eſtá vivo, foy deſpachado em 13. de Setembro de 1516. pelo Papa Leaõ X. E tambem conſta, que as Noviças fizeraõ ſua profiſſaõ a 27. de Junho de 1518. em maõs do Provincial Fr. Jorge Vogado, e por eſta conta tinhaõ começado o anno do Noviciado noutro tal dia do de 1517. Tempo em que elle ſervia já o cargo. Ficou em lembrança, que entre as que profeſſaraõ, ouve quatro ſobrinhas da Prioreza Joanna Correa.

CAPITULO XIV.

De outras particularidades deſte Moſteiro, e de algumas Religioſas, que nelle ouve de grande Eſpirito.

POr occaſiaõ do anno, em que o Breve foy paſſado em Roma, e da diligencia, que por ordem do Provincial ſe fez com eſte Moſteiro, contamos por principio de ſua antiguidade na Obſervãcia entre os mais da Provincia o meſmo anno de 1516. Pouco depois que as Religioſas profeſſaraõ, quiz Deos começar a verificar as palavras, com que a Prioreza as perſuadia ao ſanto rigor, trazendolhe a caſa huma groſſa herança. Era Chancharel Mór do Reyno o Doutor Ruy da Grãa, a quem alem do cargo, e boas letras dava authoridade o valor de ſua peſſoa. Vindo a falecer no anno de

de 1519. determinouſe ſua molher Ines Correa em deixar o mundo, e ſem eſperar mais, que fazer partilhas, e cerrar contas com os herdeiros de ſeu marido, entrou neſte Moſteiro no meſmo anno com tudo, o que lhe coube á ſua parte, que era muito; fazendo doaçaõ perpetua ás Religioſas, e da maõ da Prioreza, que era ſua irmãa, recebeo o ſanto Habito, e nelle profeſſou, e acabou ſantamente dous annos depois.

Como a Caſa foy creſcendo em numero de Religioſas, e em mais reputaçaõ, e renda juntamente, quiz entaõ a Communidade moſtrar agradecimento ao muito, que ſe ſentia obrigada a Dom Alvaro da Coſta, e de ſeu proprio moto mandou fazer huma eſcritura publica; pola qual o conſtituio por ſeu Padroeiro perpetuo, dandolhe pera jazigo ſeu, e de ſeus herdeiros a Capella mór; em que hoje ſe vem ſua ſepultura, e armas. Foy obra muito bem recebida na terra: E elRey, que na verdade amava a Dom Alvaro, e cada dia ouvia requerimentos, que lhe fazia em favor das meſmas Religioſas, o eſtimou, e louvou. Tomou Dom Alvaro poſſe do Padroado em vida, com dar ao Moſteiro huma filha em idade taõ tenra, que avia miſter ama. Dizem, que era de dous annos, e que a deu com tençaõ de aver de ſer Freira, e profeſſar nelle. Tanto ſe antecipaõ os pays em diſpor o que ſó eſtá á conta de Deos. Mas o mais certo he, que foy genero de reconhecimento, e penhor: Reconhecimento do Padroado, e penhor com que de novo ſe obrigava a procurar todo o bem, e augmento da Caſa. E foy final de o entenderem aſſi as Religioſas, que entrando a minina, fizeraõ publica declaraçaõ em Capitulo, que quando foſſe ſervido chegar a profeſſar, ſeria ſem dote: Que niſto, inda que couſa de pouca conſideraçaõ, queriaõ moſtrar a lembrança, com que viviaõ, do muito, que eſtavaõ devendo a ſeu pay. Mas aviaõno com homem, que ſenaõ deixava vencer em corteſia: Porque nunqua ſe diſſeſſe, que ſe valia do titulo de Padroeiro pera poupar fazenda. No meſmo dia, que a minina entrou, mandou á Prioreza duzentos mil reis em dinheiro, e doaçaõ de hum Caſal de dous moyos de renda: E pelo tempo em diante, alem de eſmollas quaſi quotidianas, que lhe fazia, ficou em lembrança, que fez doaçaõ ao Moſteiro de huma horta, e dez mil reis de renda em dous padroẽs.

No anno de 1532. tomou D. Affonſo poſſe da ſua Capella por differente via; e foy enterrando nella hum filho, que muito amava, que ſervia ao Cardeal Infante Dom Affonſo de ſeu Camareiro Mór. Eſtá recolhido em hum archete na parede da Capella da parte do Evangelho com huma letra, que diz: Sepultura de Dom Manoel da Coſta, Camareiro do Cardeal Infante Dom Affonſo, e filho de Dom Alvaro da Coſta. Faleceo em Junho de 1532. Da banda da Epiſtola tomou pera ſy o pay ſeu lugar ainda em vida, que mandou ſinalar com huma letra Latina, que diz Aſſi: *Dom. Alvarus Coſta hujus ſedis Patronus ſibi, & ſuis vivus poſuit.* 1535. He a ſignificaçaõ:

Dom

Dom Alvaro da Coſta Padroeiro deſta Caſa, ordenou em ſua vida eſte jazigo pera ſy; e ſeus ſucceſſores, no anno de 1535. No baixo da Capella parecem duas campas grandes, com letras breves, que ſó declaraõ, huma o nome do filho mais velho, que foy D. Duarte da Coſta; outra do neto D. Franciſco da Coſta, que faleceo em Africa, ſendo Embaixador dos Reys de Portugal Dom Henrique, e Dom Philippe na Corte de Xarife.

A Madre Soror Joanna Correa.

Em 22. de Agoſto deſte anno de 1632. achamos, que ſe foy pera o Ceo a Madre Joanna Correa a lograr em deſcanço os premios do muito, que tinha trabalhado: E bem merece fazermos lembrança de ſua morte: pois temos viſto, no que fica eſcrito, quaõ bem ſoube empregar a vida. O certo he, que com ſuas admoeſtaçoens ſantas, e por ſeu meyo paſſou de Congregaçaõ de molheres ſeculares a Moſteiro perfeito: e pois com ſeu exemplo, e bom governo ſubio a grande gráo de Eſpirito, e a entenderſe pola terra, que merecia por obras de virtude o titulo de Paraiſo, que tinha em nome, e por communicaçaõ da Santa Imagem, que diſſemos. E teve o Ceo cuidado de o manifeſtar em muitas Religioſas, aſſi do ſeu tempo, como dos annos adiante, com merces, e favores Eſpirituaes admiraveis, dos quaes o meſmo Senhor do Ceo, que os dava, quiz, que muitos vieſſem a publico por mais cautellas, que ſabia uſar, pera os encubrir, a humildade religioſa, e ſanta, das que os recebiaõ. Delles diremos alguns pera gloria de Deos, e honra da Caſa, que averiguamos com boa diligencia, por relaçoens de Madres, naõ ſó graves, e prudentes, mas em Religiaõ, e virtude muito acreditadas. Mas antes de entrarmos neſta materia, ſerá bem fazermos memoria da Madre Soror Margarida d'Annunciaçaõ, que por ſobrinha da Prioreza Joanna Correa, e criada em ſua doutrina, foy eleita por ſeu falecimento no meſmo cargo: Eſta Madre foy huma das que a tia recolheo conſigo, quando começou a Terceira Regra, como atraz contamos, e ſe chamava entaõ Margarida da Gráa: E ſahio taõ boa Meſtra, como ella do governo Eſpiritual, e Temporal, e como tal foy Prelada muitos annos.

A Madre Soror Margarida da Annunciaçaõ.

De duas Religioſas me obrigaõ a fazer relaçaõ as memorias, que tenho deſte Moſteiro; porque dizem dellas em geral, ſem apontar particularidades, que faziaõ na terra vida de Anjos. Chamavaſe a mais antiga Soror Catharina Serrãa, e paſſaraſe pera ella do Recolhimento de Santa Martha, de que ao diante avemos de tratar. Porque tambem profeſſou a Terceira Ordem de S. Domingos, e depois recebeo a primeira. A cauſa, que teve pera deixar Santa Martha, foy, que a chamou a Madre Joanna Correa no ponto, que introduzio no Paraiſo a Terceira Regra. Porque era velha, e a quiz pera Porteira. Da outra naõ ficou o nome: Mas contaſe, que fez tamanha inſtancia por ſer admittida ao Habito, depois que neſta Caſa ſe profeſſou a Obſervancia, que continuou alguns annos no requerimento, e chegou a ter palavra da Prioreza Joanna Correa,

A Madre Soror Catharina Serrãa.

rea, que avendo lugar a receberia. E porque em ſeu tempo o naõ ouve, foy tanto o fervor, com que apertou a ſucceſſora, acudindo cada dia peſſoalmente ao Moſteiro com lagrimas, e laſtimas, que obrigadas as Religioſas de compaixaõ foraõ hum dia juntas á Prelada, e lhe pediraõ por honra das Chagas de Chriſto, repreſentadas em hum devoto Crucifixo, que levaraõ conſigo por interceſſor, que a conſolaſſe: E aſſi foy recebida.

A Madre Soror Mayor da Aſſumpçaõ.

Por mais antiga na idade entre todas, as que profeſſaraõ a Terceira Regra em tempo da Madre Mecia Martins, he contada a Madre Soror Mayor d'Aſſumpçaõ, cujo nome era Mor d'Aguiar; e dizem, que ſe tinha criado no Recolhimento deſde idade de quatro annos: Eſta Madre perdida a memoria de tudo, o que era mundo, aſſi andava unida com Deos por Amor, e Santos exercicios, que ſó com elle era todo ſeu trato. Foy couſa ſuccedida a olhos de toda a Communidade, que eſtando hum dia junta em Oraçaõ, appareceo Soror Mayor cuberta de Eſtrellas, como reverberaçaõ das luzes, que abrazavaõ, e allumiavaõ ſua Alma. Mas permittia o Senhor alternaremſe eſte, e outros mimos do Ceo com bravas perſeguiçoens do Inferno, que a toda a hora a traziaõ acoçada, e deſconſolada: Porque, aindaque naõ temia fantaſmas, davalhe pena (ſegundo dizia) e perturbaçaõ a viſta contiuua, de quem era inimigo de ſeu Eſpoſo ſuaviſſimo, e digniſſimo de ſer ſervido de toda criatura.

CAPITULO XV.

Das Madres Soror Maria da Reſurreiçaõ, Soror Elena da Cruz, Soror Antonia de Santo Thomás, e Soror Margarida de S. Pedro.

A Primeira filha, que eſta Caſa teve, depois que ſe entregou á Obſervancia, foy a Madre Maria da Reſurreiçaõ, e foy verdadeiramente filha de bençaõ: Porque ſoube tomar o leite daquella criaçaõ das Madres antigas, de maneira, que ſe via nella hum retrato dellas. Louvaſe neſta Madre huma rara promptidaõ, e diligencia pera todo o ſerviço, que lhe era encommendado da Communidade, junta com alegria, e goſto de ſervir (couſa que dá dobrado valor ao que ſe faz) e o que mais he de eſtimar, depois de ſervir todo o dia, e parte da noite nos officios de Martha, ſempre achava horas pera os de Maria. Davaſe toda á Oraçaõ, e nella levantava o Senhor ſua Alma a hum eſtado de contemplaçaõ, taõ alto, que ſe conta por maravilha, que quem neſte tempo a via, fazia juizo de ver huma Eſtatua de Marmore; mais que a creatura viva. E ſe naõ fora, que em tal conjunçaõ eſtillavaõ ſeus olhos lagrimas, que polo roſto lhe faziaõ rios, e o peito deſpedia de quando em quando ſentidos, e amoroſos ſuſpiros, parecia já tresladada deſte mundo inferior ás moradas celeſtiaes. Era particular devota da Virgem Mãy de Deos. Tinha huma Imagem ſua em hum piqueno Oratorio, que em ſeu leito pobremente compuzera.

A Madre Maria da Reſurreiçaõ.

ra. Alli era o eſtar proſtrada em Oraçaõ a mór parte da noite, alli o desfazerſe em Amores, e brandura com a Sagrada Virgem, que arrematava com ſentimento de a naõ poder ſervir com veſtidos ricos, e joyas de preço: Porque era pobre de Eſpirito, e obra. Algumas vezes foy ouvida neſtes colloquios, e eraõ ſuas palavras taes: Minha Senhora, lá nos Ceos ſois muito rica, e acompanhada de muitas grandezas; em fim lá reynais, aqui neſte cantinho eſtais mal agaſalhada, pobre com pobres, e taõ pobre, como no mundo ſempre foſtes. Se as obras ouveraõ de ſeguir a vontade, pouco era todo o ouro da Arabia, e a pedraria do Oriente pera empregar em voſſo ſerviço. Recebey, Senhora, eſte animo em lugar do poder, que me falta, e recebey por atavio as lembranças da Payxaõ de meu Senhor Jeſu Chriſto, voſſo filho, com as de voſſa Vida Santiſſima, que neſte Roſario vos offereço. Temos taõ bom Deos, que das almas ſingellas, e puras, aceita por obra, e ſerviço qualquer bom dezejo. Aſſi aconteceo a eſta Religioſa: Porque andando o tempo, como ſe tivera revelaçaõ, dizia com grande confiança a todas as que a queriaõ ouvir, que ainda aviaõ de ver aquella ſua Imagem, que taõ pobreſinha eſtava, muito rica, e muito venerada. Naõ ſe fazia caſo das palavras; ſem embargo, que muito as acreditava a virtude de quem as dizia: Porque ſe ajuntou, verem logo ſua morte, ſem apparecer o comprimento dellas. Mas o tempo as veyo a verificar em tudo, e por eſtranha mancira. Entrou huma Prioreza com animo, e poſſibilidade de fazer obras: e ordenando huma muito importante, que foy caſa d'Enfermaria com ſua Capella pera ſe celebrar nella, quando o pediſſe a neceſſidade, mandou pôr no Altar a Imagem, que fora da Madre Soror Maria, com titulo do ſanto Roſario, e tratou com as Madres, que lhe ordenaſſem Confraria com todos os requiſitos, de Mordomas, e mais officiaes, e a ſeu tempo lhe fizeſſem ſua feſta: Aſſi viraõ todas com admiraçaõ começado a cumprir o dito, que lembrava da defunta: Porque a poz a veneraçaõ, começou a ſer ſervida de veſtidos, e toucados ricos, que cada huma lhe buſcava. Porém logo ſobreveio (caſo maravilhoſo) que fez do dito, verdadeira profecia. Era principio de Outubro, celebravaõ a primeira feſta do Roſario, depois da collocaçaõ da Imagem, quando ſuccedeo que huma Religioſa ſogeita a accidentes de Opilencia, e conhecida por devota da Senhora, paſſando pela varanda, que cae ſobre o Clauſtro, foy ſalteada de hum taõ impetuoſo, que a levou em tombos pela varanda fora, que ainda eſtava ſem grades, nem parapeito, e foy cair de cabeça ſobre hum monte de pedras no meyo do Clauſtro. Ao eſtrondo da queda acudiraõ algumas Religioſas julgando o que podia ſer, com o nome de noſſa Senhora do Roſario na boca, em altas vozes. Eſtava como morta, ſem ſentido, toda enſangoentada, e piſada, e a cabeça aberta de muitas feridas. Gritaõ de novo pela Senhora do Roſario, e levaõ a doente com

lagrimas ao ſeu Altar da Enfermaria, pera dalli lhe darem ſepultura. Com tudo deceraõ a Santa Imagem, e rezandolhe algumas Antifonas, foraõ tocando com ella os membros feridos. Aqui deu primeiro ſinal de eſtar ainda com vida; abrindo os olhos. Foraõ logo chamados Medicos, e Cirurgioens: Mas naõ ouve nenhum, que julgaſſe poderia viver: Antes aviaõ por milagre naõ arrebentar, e morrer logo, conſiderada a altura da varanda, que paſſava de dez braças, e o eſtado mortal do accidente em que a tomara a queda; em fim aſſentaraõ ſer tempo perdido tratar de cura, nem meyos humanos, viſta a confuſaõ geral de todos os membros, e as muitas, e grandes feridas da cabeça. Eſpertouſe a devaçaõ das Religioſas com as triſtes novas, e deſeſperaçaõ dos Medicos, e confiando mais na Senhora, quando elle mais deſconfiavaõ, fizeraõlhe curar as feridas, e aplicar todos os remedios da fiſica: Em fim a que davaõ por morta, tornou em ſy, e com claro, e evidente Milagre, teve perfeita ſaude. Que foy cauſa, que deſte dia em diante creſceo no Moſteiro a veneraçaõ da Santa Imagem, e paſſando a fama á Cidade eraõ buſcados ſeus veſtidos, e pedido o azeite de ſua alampada, que he perpetuo no ſeu Altar pera todo genero de doença: e ſaõ grandes as maravilhas, que ſe tem viſto.

A Madre Soror Elena da Cruz.

Deſta Madre era ſobrinha, e diſcipula, e muito imitadora em tudo a Madre Soror Elena da Cruz; e por iſſo amada com extremos de toda a Communidade; ſendo grandes as mortificaçoens e penitencias, que uſava: A que mais fazia paſmar a todas as Religioſas, era huma continuaçaõ incanſavel de eſtar de joelhos na Oraçaõ, que em fim lhe foy cauſa de grande mal na ſaude: Porque, pera poder aturar a penitencia, tomava por alivio debruçarſe, e deſcançar ſobre os braços, e daqui mortificarſelhe hum delles, e chegalla ás portas da morte. Mas neſte eſtado acudio toda a Communidade a Deos com efficacia de Oraçoens, acompanhadas de diſciplinas, e jejuns: e eſtas alcançaraõ, que, como outro Ezechias, teve aviſo do Ceo da ſentença de morte revogada, differente ſómente em que aquelle foy publico, eſte interior, e ſecreto: Aquelle de quinze annos de mais vida, eſte de hum ſó. Naõ dezejava Soror Elena vida, que tal era o trabalho da ſua, que acaballa lhe fora deſcanço, e tal a innocencia della, que naõ tinha que temer o fim. Sofreo a ſentença, mais por comprazer a outrem, que por goſto proprio. E vioſe iſto bem nos empregos, com que paſſou o prazo inteiro. Affirmaſe, que nunqua ninguem em todo elle a vio rir, nem quaſi fallar, ſenaõ com Deos. Com elle era todo ſeu trato, pera elle ſó fazia conta, que vivia. Até que cumprido o termo, como tinha declarado ás Madres, que foy por hum dia de Corpus Chriſti, veyo a eſpirar ao tempo, que a Prociſſaõ da Feſta começava a ſahir da Sé acompanhando o Senhor com melodia de vozes, Muſica de Miniſtros, e repiques de ſinos, que tudo ſoava no apozento da defunta (como o Moſteiro he taõ vizinho) e tudo Reg.

do parecia convidalla, pera tambem o acompanhar, e ſeguir.

A Madre Soror Antonia de Santo Thomàs.

Antonia Privizim ſe chamava no mundo a Madre Soror Antonia de Santo Thomás. Deixou o nome da geraçaõ polo do Angelico Doutor, com quem tinha eſpecial devaçaõ. E conſiderando o muito, a que a obrigava tal nome, procurou imitar o Santo em ſuas grandes excellencias, e mais particularmente no amor da Oraçaõ. Neſta trazia a Alma perpetuamente, e em todo lugar, e hora occupada. E pera andar com mais promptidaõ, ſobre muitos outros generos de penitencias, trazia, e trouxe toda a vida hum cruel, e deſacoſtumado cilicio. Naõ apontaõ as memorias a qualidade delle; ſó ajuntaõ depois de grandes encarecimentos, que era tal, que a meſma, que o trazia, ſe receou de vãagloria, ainda pera depois de morta. Vendo que acabava, chamou huma amiga, entregoulho, e pediolhe, que como peça dada em teſtamento, e ſinal de Amor o eſtimaſſe; e com o ſegredo de amiga o naõ deſcubriſſe, nem moſtraſſe a ninguem: Todavia foy viſto com eſpanto, e o cuidado da defunta ouvido com edificaçaõ.

A Madre Soror Margarida de S. Pedro.

Louvaraõſe na Madre Soror Margarida de S. Pedro os meios, por onde chegou a receber o Santo Habito. Parece, que ſe lhe offereciaõ no mundo contrariedades. Determinouſe em jejuar algumas Quareſmas a paõ, e agoa, e juntamente tomar por interceſſor ao Apoſtolo S. Pedro, pedindolhe, que aſſi como tem á ſua conta as portas do Paraiſo celeſtial; aſſi foſſe meyo, e valia de ſe lhe abrirem as deſte da terra: e perſeverando muitos annos em ſua petiçaõ, em fim alcançou o deſpacho, que dezejava; e em reconhecimento, ficouſe com o nome do Santo. Era muito entrada em dias, quando entrou na Ordem; que eſſe devia ſer o inconveniente, porque naõ era admitida, parecendo ás Religioſas, que entrava pera ſer ſervida, mais que pera ſervir. Mas moſtroulhes Deos, que nenhuma razaõ ha, que baſte pera ſe cerrarem as portas da Religiaõ, a quem bate com' bom Eſpirito. Chegou a viver cem annos trabalhando, ſervindo, e fazendo grandes penitencias, e tanto adiantou nos caminhos da virtude, que as doentes da caſa achavaõ em ſuas mãos remedio contra as enfirmidades, e nas Oraçoens valia pera com Deos contra todos os trabalhos d'Alma, e do corpo.

CAPITULO XVI.

Das Madres Soror Joanna de S. Domingos, Soror Joanna do Preſepio, e Soror Magdalena do Sepulchro; e de algumas particularidades mais deſta Caſa.

TEmos que dizer de duas Joannas, ambas muito nobres quanto aos eſtilos da terra; mas muito mais nobres nos eſtilos do Ceo. Chamavaſe a primeira no mundo Dona Joanna de Sepulveda. Tanto que o deixou, ſe vio no Habito de S. Domingos. Aſſi como ſe contentou do Habito, quiz tambem o nome; chamouſe Joanna de S. Domingos. E conhecendo o muito, a que ſe obrigava com tal nome, apoſtouſe a imitar, e ſeguir

A Madre Soror Joanna de S. Domingos.

ſeguir o Santo Patriarcha com toda a pontualidade poſſivel, nos jejuns, nas vigilias, nas diſciplinas de ſangue, e até no cilicio de ferro. Sobre tudo era grandemente afervorada na Oraçaõ; e nella recebia do Senhor piedoſo notaveis favores, e taes, que ſeus Confeſſores, a quem ſó os communicava com medo das illuſoens do Inimigo Infernal, ſe maravilhavaõ do Eſpirito, e engrandeciaõ com louvores as Miſericordias Divinas. He toda a Religiaõ verdadeiro deſerto pera as Almas, que com determinaçaõ a buſcaõ; e naõ ſó deſerto, mas ſe nos entendemos, enterro, e ſepultura de vivos. Eſte deſerto determinou Soror Joanna eſtreitar por novo modo: lembrandoſe, que o grande ſeguidor do Ermo, de quem tambem tinha o nome, S. Joaõ Bautiſta, de ſete annos ſe embrenhara, fugira do povoado, e deixara os pays: De tal maneira ſe apartou de todas as criaturas, que até com as Freiras, entre quem vivia das portas adentro, ſe avia como eſtranha, e com ſeus pays, e parentes tinha taõ pouco commercio, que ſó pera os encommendar a Deos lhes ſabia o nome: Naõ os via, nem queria nada delles, dizendo com S. Franciſco: *Deus meus, & omnia.* Como ſe diſſera: Nada hey miſter, nada me falta; porque tenho a Deos, e com elle tenho tudo. Aſſi recebeo a morte, quando lhe chegou ſeu prazo, com alegria de quem ſahia de aſpera priſaõ, pera gozar liberdade.

Da outra Religioſa era o nome Dona Joanna da Sylva na vida de ſecular. Tanto que eſta deixou pola Religiaõ, trocou tambem o apellido fauſtoſo com aquelle, que a mais humildade pudeſſe obrigar. Chamouſe Joanna do Preſepio. Aſſi montou muito neſta virtude, e pola meſma na do Amor de Deos. Pola humildade ſe julgava pola mais defeytuoſa em tudo de quantas avia em Caſa. E parecendolhe, que merecia o caſtigo, que lhe naõ davaõ, condenavaſe a crueis mortificaçoens de jejuns de paõ, e agoa, e fortes diſciplinas. Polo amor era toda ſua deleitaçaõ buſcar o Divino Eſpoſo orando, e contemplando: E pera naõ aver couſa, que lhe eſtorvaſſe eſte bem, determinouſe, como a outra Joanna, de quem acabamos de contar, ſeguir tambem vida ſolitaria. Mas ha miſter muito de Deos, quem ſe atreve a eſtar ſempre ſó. Temos Inimigo, que a toda a hora anda, como Leaõ faminto, bramindo, e dando voltas por fazer preſa, e tragar Almas; muito ardiloſo, e ſabio, polo que foy; muito máo, e temeroſo polo que he; e ſempre faz mais força, onde acha menos companhia. Eſtava Soror Joanna hum dia toda entregue aos Amores Divinos, eſperando aquella hora, de que o devoto Bernardo ſe queixava, que vem poucas vezes, e quando vem, naõ dura; que iſto nos quiz ſignificar nas duas palavras: *Rara hora, & brevis mora.* Abraſaſe Lucifer de raiva, quiz inquietar o aparelho, ſenaõ eſtorvaſſe o favor. Era o lugar ſó, poemſelhe diante com huma eſpada nua nas maõs, e correlha polos olhos: Pera huma mulher paſmar de medo, baſtava ver eſpada nua, que ſeria vella ſobre os olhos, e a fealdade de quem a eſgremia?

A Madre Soror Joanna do Preſepio.

mia? ficou taõ pouco eſpantada, como ſe lhe afuzilara na viſta hum rayo das nuvens: mas, caindo que era obra do tentador, naõ deſiſtio da Oraçaõ. Outra vez ficouſe no Coro, recolhida a Communidade, e começou huma diſciplina das ſuas, que iſto baſta pera ſe entender o rigor. Eys que cuidando eſtar muito ſó, deſcobre a hum canto hum vulto de Freira: E ve, que começa a eſgrimir huma diſciplina com tanto impeto, e eſtrondo, que naõ duvidava ſeria ouvida por todo o Moſteiro. Ficou ſentida, e temeroſa de poderem acudir as Freiras, e pareceulhe advertilla com charidade. Foyſe pera ella, e a poucos paſſos deſapareceo o vulto, diſciplina, e rumor, que era tudo fantaſtico, e obra do Diabo, pera a perturbar. Tal foy a vida de Soror Joanna, e naõ foy differente a morte; porque ſoube a hora della, e tanto ao certo, que andando em pé, hum ſãa, e bem, pedio dia licença á Prelada, pera ſe ir á Enfermaria, naõ pera ſe curar, ſenaõ pera morrer. Foy, pedioos Sacramentos, e repouſou no Senhor.

A Madre Soror Magdalena do Sepulchro.

A Madre Soror Magdalena do Sepulchro deixou neſta Caſa grande nome de penitente, e grande amadora do Divino Eſpoſo; quiz parecerſe neſtas partes com a Santa do ſeu nome. Mas naõ ſaõ as natureſas deſte tempo, pera aturar tanto trabalho, como as antigas.

Deſcuidouſe da ſaude corporal, obrigada do Eſpirito: deu brevemente em Tiſica. Na doença padeceo hum purgatorio de immenſos trabalhos, que acreſcentava com naõ poder acabar conſigo largar as obrigaçoens, e rigores da Religiaõ, em quanto o mal lhe permittia.

Rezaõ he ficarem em memoria neſte lugar os nomes de tres Religioſas, que deſta Caſa foraõ fundar a Obſervancia na de Santa Martha da meſma Cidade, que de muitos annos atraz guardava já a Terceira Regra de N. P. S. Domingos; como adiante diremos. Foraõ Soror Violante d'Aſſumpçaõ, Soror Joanna de Chriſto, e Soror Antonia de Santo Thomás. As duas primeiras foraõ nella Priorezas, huma traz outra, e depois ſe tornaraõ todas pera a ſua. Muitas outras Madres tiveraõ aqui grande reputaçaõ, e nome de virtude: Mas como ſenaõ contaõ caſos particulares, pareceonos pouco conveniente fazer Hiſtoria de virtudes ordinarias, inda que muito abalizadas.

Contaõ eſtas Madres famoſos milagres da Santa Imagem, que deu nome ao Moſteiro, como atraz apontamos. A ella referem, ficarem livres de todo o mal na grande peſte dos annos de 1579. e de 1598. até 600. que em Evora fez horrivel eſtrago. Tambem foy caſo maravilhoſo, que pegandoſe fogo no anno de 1598. no Altar, onde a Santa Imagem tem ſeu aſſento, por occaſiaõ de hum rollo, que ficou junto delle ardendo por deſcuido; e abrazando todos os paramentos, e quanto nelle avia, com tanta furia, que por elles ſubio até pegar no tecto: ſó na Santa Imagem naõ tocou; ſendo aſſi, que eſtava no meyo do Altar, e tinha veſtido ſayo, vaſquinha, e manto de varias ſedas, e toucada huma toalhina de rede fina ſobre cabellos ſoltos. E moſtrou ſer verdadei-

dadeiro milagre em veneraçaõ della: Porque queimando quanto á roda avia, lhe deixou ſinallada, e creſtada huma borda do manto na guarniçaõ delle, como acenando, que ſua natural violencia naõ perdoara a nenhuma couſa do que tinha diante, ſenaõ fora de mayor poder mandado, e forçado reſpeitar a quem fazia repreſentaçaõ da Rainha do Ceo.

Outra Imagem ha neſta Caſa, em que todas as Religioſas tem muita devaçaõ: He da Glorioſa Santa Anna. Affirmaõ, terem recebido por ſeu meyo grandes miſericordias do Senhor em caſos de apertadas neceſſidades. Na Igreja tem Capella o Martyr S. Bras, por occaſiaõ de varios milagres certos, e provados em Eſquinencias, e outros males de garganta. O Moſteiro naõ tem grande renda. Com tudo ſuſtentava ſetenta, e ſeis Religioſas, entre Freiras do Coro, Noviças, e Leigas, quando iſto eſcreviamos.

CAPITULO XVII.

Fundaçaõ do Collegio de Santo Thomás de Coimbra.

COmo todos os Principes deſte Reyno, que entenderaõ no deſcubrimento das terras naõ conhecidas da Coſta d'Africa, deſdo primeiro que os começou, que foy o glorioſo Infante Dom Henrique, filho d'el-Rey Dom Joaõ I. tiveraõ por principal de tanto cuidado, e gaſto ſeu, de tanto riſco, e trabalho dos Portuguezes a dilataçaõ da Fé, e nome de Jeſu Chriſto: Vindo o feliciſſimo Rey Dom Manoel a ſucceder neſta Coroa, e vendoſe obedecido, naõ ſó das Provincias Barbaras, e feras de Ethiopia Occidental, em que ſeus anteceſſores tinhaõ trabalhado: Mas Senhor poucos annos depois de muitas terras das mais celebres, e mais opulentas da India, e Oriente, com navegaçaõ, e commercio livre da Perſia, e Arabia; lembrouſe, que convinha tratar dos meyos neceſſarios, pera ſe effeytuar a converſaõ daquella Gentilidade, quanto de ſua parte foſſe poſſivel. Nos primeiros annos, em quanto os animos eſtavaõ alterados, e inquietos com a novidade, e força das Armas Portuguezas, com que hiaõ fundando Colonias, e ſegurandoas com Fortalezas, era o tempo mal acomodado pera ſe porem em pratica materias de Fé, e Religiaõ: que naõ diz bem ferro, e fogo com a brandura, e piedade da doutrina Evangelica. E com tudo, já entaõ hia elRey mandando nas Armadas de cada anno alguns Religioſos de S. Domingos, e S. Franciſco, como adiante em ſeu lugar contaremos; pera que aſſiſtindo na adminiſtraçaõ dos Sacramentos á noſſa gente, foſſem de caminho tentando os animos gentilicos, procurando domeſticallos, e diſpollos, pera abrirem as portas d'Alma á luz da Fé. Correndo os annos adiante, como quem já traçava o que el-Rey Dom Joaõ ſeu filho depois executou, que foy mandar que foſſem as Religioens acompanhar com Conventos, e Communidades formadas as povoaçoens, que hiaõ creſcendo em numero, e moradores por toda a Coſta da India, e começaſſem a entender de aſſento na Prégaçaõ,

çaõ, e dilataçaõ da Fé, determinou fundar hum Collegio, que foſſe como Seminario de Letras, e Letrados com Leys, e Eſtatutos encaminhados, naõ ſó á perfeiçaõ de Sciencia, mas tambem de Virtude, que ſaõ as duas partes, que convem acharſe em todo o Prégador Evangelico. Avendo de ſer o ſitio em huma das Religioens, que avia no Reyno, eſcolheo aquella, que já pola Igreja Sagrada poſſuia o titulo de Ordem de Prégadores, e o Convento quiz que foſſe o de Lisboa. O numero, que naõ paſſaſſe de vinte ſogeitos; porque como avia de ſer Seminario perpetuo; ſahindo huns, e entrando ſucceſſivamente outros, era baſtante pera em poucos annos ſe criarem muitos. Foy declaraçaõ, que ſeriaõ quatorze Frades Dominicos, e ſeis da Ordem de S. Jeronymo, o Reytor ſempre Dominico, e eleito polos Collegiaes, e confirmado polo Provincial de S. Domingos; o tempo de ſeu governo dous annos. Pera ſuſtentaçaõ ſinallou da fazenda Real cento, e trinta mil reis em dinheiro, vinte moyos de trigo, e vinte pipas de vinho. Aſſentado tudo com licença, e authoridade Apoſtolica, que paſſou o Papa Leaõ X. mandou, que começaſſe a correr, e abrir porta de Eſtudo em vinte oito de Janeiro do anno de 1517. Dia em que na Ordem celebramos a Tresladaçaõ do Angelico Doutor Santo Thomás de Aquino, cujo titulo tomou. Sendo a tençaõ d'elRey Dom Manoel a que temos dito na fundaçaõ deſte Collegio, naõ encontra o que nos deixou eſcrito na Chronica geral da Ordem o Padre Fr. Joaõ de la Cruz: Affirmando, que foy genero de ſatisfaçaõ, que quiz dar a Religiaõ de S. Domingos pola arrebatada determinaçaõ, com que mandou queimar os dous Religioſos, que foraõ autores da mortandade dos Chriſtãos Novos do anno de 1506. L. 2. c 49.

Correo eſte Collegio, e ſeu Eſtudo alguns annos em Lisboa, e naõ he piquena honra ſua criarſe, e eſtudar nelle o grande Arcebiſpo de Braga Dom Frey Bartholameu dos Martyres, e aqui o achamos nomeado com apellido do Valle, como em outra parte eſcrevemos. E ſahio taõ bom Diſcipulo, que acabando ſeus annos de Theologia, foy mandado ler hum Curſo de Artes, e Philoſophia na meſma Caſa, e pela meſma obrigaçaõ do Collegio: Per maneira, que nelle foy Diſcipulo, e Meſtre. Na vida do Arcebiſpo l. 1. cap. 4.

Paſſados vinte, e hum annos da fundaçaõ no de 1538. no Capitulo, que ſe fez em Lisboa por Setembro, em que acabou o Padre Fr. Amador Henriques, e entrou eleyto o Padre Fr. Mendo de Eſtremós, que no anno ſeguinte foy mandado abſolver polo Capitulo geral, ſe aſſentou paſſarſe eſte Collegio ao Convento da Batalha: E pera que a mudança começaſſe com bem eſtreados principios, foy nomeado pera Leytor delle em outro Curſo de Artes o meſmo Padre Frey Bartholameu.

No Convento da Batalha reſidio o Collegio até Outubro do anno de 1539, E no meſmo mez ſe paſſou pera Coimbra, avendo já alguns annos, que el-Rey Dom Joaõ III. tresladara pera a meſma Cidade a Univerſida-

verſidade, que em Lisboa tinha ſeu aſſento, reformandoa com homens inſignes em todas as Sciencias, que chamou das Univerſidades da Chriſtandade, obrigados com groſſos partidos, e eſperanças de maiores merces: Obra, que por todas as idades lhe renderá immortaes louvores. Eſta paſſagem do noſſo Collegio pera Coimbra teſtemunha o Padre Frey Manoel de Souſa, que nolle foy Reytor muitas vezes, e fez algumas memorias de eſtima, por hum aſſinado ſeu, que anda no roſto do livro, em que ſe recebem, e apontaõ os Collegiaes, que entraõ, e diz aſſi: Aos dezaſeis de Outubro de 1539. chegou, e eſteve o noſſo Collegio de Santo Thomás com o Padre Reytor delle Frey Lopo de Santarem, Collegio, e Eſtudo formado, e numero perfeito de Collegiaes neſta Cidade de Coimbra, e por conſtar authenticamente fiz, e aſſiney eſte em 16. de Janeiro de 2595.

1539.

Depois que temos averiguado as mudanças, que fez o Collegio em terras, e os tempos em que as fez, parece razaõ, que façamos memoria dos primeiros ſogeitos, com que começou no meſmo anno de 1517. em que elRey D. Manoel mandou, que ſe deſſe principio ao Eſtudo. Nomealloshemos pola meſma ordem, que eſtaõ lançados nas lembranças antigas, e ſaõ os ſeguintes: Frey Mendo de Eſtremós, Frey Lopo de Santarem, Frey Antonio de Coimbra, Frey Affonſo Madail, Frey Jorge de Setuval, Frey Diogo d'Oliveira, Frey Luiz de Portel, Frey Joaõ Biſpo, Frey Diogo Fragoſo, Frey Jorge Mendes, Frey Thomás de Mattos, Frey Duarte de Leiria, Frey Rodrigo Peixe, Frey Affonſo de Palmella. Eſtes ſaõ os quatorze Dominicos. Mas dos ſeis Monges de S. Hieronymo naõ achamos memoria. Deviaõ conſiderar ſeus Prelados o inconveniente, que era irem eſtudar em caſa alhea, differente em Regra, em Leys, e em Habito, podendo fazer eſcolla entre ſy.

CAPITULO XVIII.

Em que ſe dá conta da fabrica, e forma do material do Collegio: e do tempo, que eſteve ſuſpenſo, e como tornou a correr o Eſtudo nelle.

PAſſado o Collegio a Coimbra no anno de 1539. como temos obrigaçaõ de crer, viſto o aſſento atraz referido do Padre Frey Manoel de Souſa, que devia eſpecular com juizo os fundamentos, com que o fez, fica polo conſeguinte entendido, que a morada dos Collegiaes ſeria entaõ no Convento velho; pois naõ tinhaõ outra. O que naõ faz piquena difficuldade contra o aſſento do Padre Frey Manoel. Mas dado, que ſe apertaſſem os Conventuaes, ou deſpejaſſem alguns, recreſce outra duvida, que he ſabermos, que já entaõ ſe vivia no Convento com grande riſco; reſpeito das enchentes do Mondego, que foy a cauſa de ſe pedir a elRey Dom Joaõ licença, pera ſe tresladar a melhor ſitio: E ſabemos, que deſdo anno de 1546. em diante, que o Geral Frey Franciſco Romeu conſentio na mudança, como em outra parte apontamos, ſe começou

1539.

P. 1. l. 3. c. 4. deſta Chr.

çou logo a derribar. Por onde foy força ceſſarem os Eſtudos. E quanto a elles ficou o Collegio deſpovoado muitos annos, que polo menos foraõ vinte, contados deſde 1546. quando o Geral deu a licença pera ſe poder transferir o Convento velho, até o de 1566. Tempo em que o Collegio novo eſtava já em eſtado de poder agaſalhar gente. Per maneira, que ſendo Frey Lopo de Santarem primeiro Reytor em Coimbra com numero perfeito de Collegiaes no anno de 1539. e ſuccedendolhe, paſſados dous annos de ſeu governo, o Padre Frey Martinho de Ledeſma, que era vindo de Caſtella, pera Cathedratico de Theologia da Univerſidade; ficamos aſſentando, que naõ ouve mais companhia de Collegiaes, nem Eſtudo, que em quanto o Convento velho, que os agaſalhava, eſteve em pé; e tanto que ſe começou a derribar, ceſſou tambem o Eſtudo.

A obra material do Collegio, como em outra parte apontamos, tomou á ſua conta o bom Padre, e Cathedratico Fr. Martinho de Ledeſma. Era a deſpeſa grande, e faltava gaſalhado pera os Eſtudantes. Obrigou tudo a ſuſpender o Eſtudo, e empregar cuidado, e renda em levantar paredes, e fazer morada: Eſcolheuſe o ſitio na rua de Santa Sofia, menos máo que o do Convento velho; mas tambem allagadiço, e pola meſma razaõ enfermo. Tomaraõſe da rua oitenta braças em comprimento contra a porta do Arnado pera Convento novo, e Collegio: Parte ſe comprou a particulares; parte deraõ voluntariamente, e com boa graça ſeus donos, que eraõ os Religioſos do famoſo Moſteiro de Santa Cruz, Conegos Regulares, e a Camara da Cidade. Foy a partilha de trinta, e ſinco braças, pera aſſento do Collegio, e as mais pera o Convento novo.

Começouſe a trabalhar tanto que chegou a licença de Roma. Achamos aſſentos do Padre Frey Martinho feitos com officiaes de Cantaria, e outros, de que ſe moſtra o que dizemos. He hum do Portal da Portaria, que hum Pero Luiz Pedreiro ſe obrigou a fazer por preço de quarenta mil reis no anno de 1547. Outro de Joaõ Luiz Meſtre de Cantaria, que tomou de Empreitada a obra do Clauſtro em quantia de quatro centos, e quarenta mil reis; e depois de começada ſe chamou ao engano, ſobre que ouve litigios, e deſgoſtos, e em fim ſe deu a obra a outro. 1547.

Ficou o Collegio em ſua quantidade de muy boa forma, ayroſo, e muy bem aſſombrado; com ſuas officinas, e tudo o mais baſtante pera o numero da gente, que avia de agaſalhar: ſua cerca grande contra o Rio, que ſerve de horta, e recreaçaõ. A Igreja, porque foy tençaõ, que avia de ſervir igualmente ao Convento novo, em quanto ſenaõ fazia outra, lançouſe entre huma, e outra caſa, mas piquena, e ſegundo a proporçaõ do Collegio, cuja era.

Quando o Edificio chegou a eſtado de ſe poder habitar, que foy aos vinte annos depois de começado, e depois de correr já o de 1566. ſuccedeo acharſe neſte Reyno o Reverendiſſimo Geral Juſtiniano, o qual vendo a obra feita, e ſabendo, que de 1566.

annos atraz eſtava o Eſtudo ſuſpenſo, nomeou auctoritate Apoſtolica Reytor, e Collegiaes, como parece da Patente do meſmo Reverendiſſimo, que anda ao pé dos Eſtatutos reformados. Deſte tempo ficou em memoria, que o titulo, e honra do Collegio obrigou a muitos Padres de Eſtudos acabados a pertenderem entrar nelle, como entaõ fizeraõ: E ſó achamos, que foy entre elles por favor admittido hum Irmaõ moço, que era o meſmo, que depois de oitenta annos de idade enterramos neſte Convento de Bemfica, quando iſto eſcreviamos. Digo o Padre Meſtre Frey Joaõ de Valadares, e o favor lhe fizeraõ os Padres da Provincia; porque naõ uſaſſe de huma licença, que o Reverendiſſimo lhe tinha deixado, pera poder ir eſtudar fóra do Reyno. Era coſtume entaõ nomearem os Provinciaes os ſogeitos, que aviaõ de eſtudar no Collegio; coſtume, que inda durante o anno de 1571. no qual ſe começou a praticar, o que os Eſtatutos apontaõ, de ſe darem os lugares do Collegio por eleyçaõ dos Conventos, pera gozarem todos da honra, tendo filhos de habilidade, e partes. E neſte ponto ficaraõ os Conventos de Lisboa, Batalha, e Coimbra, com a vantagem de poderem propor cada hum dous filhos. Os mais Conventos hum ſó por cada Caſa.

CAPITULO XIX.

Daſſe conta como elRey Dom Joaõ, antes de acabada a obra do Collegio, mandou reformar os Eſtatutos d'elRey Dom Manoel: e da grande Religiaõ, que nelle ſe guardou ſempre.

COmo elRey D. Manoel foy Author deſte Collegio, e o que lhe ordenou a ſuſtentaçaõ e renda, tambem lhe deu ſuas Leys, e Eſtatutos pera ſe governar, ſegundo entaõ pareceo acertado, e conveniente: Mas o tempo, que em tudo faz mudança, foy moſtrando, que avia nellas muitas particularidades dignas de reformaçaõ. Polo que elRey Dom Joaõ ſeu filho, entrando o anno de 1550. em que a obra de pedra, e cal já procedida com cuidado, eſcreveo ao Provincial, que entaõ era o Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha, que os viſſe, e emendaſſe: e vindo depois a Coimbra no meſmo anno lhe cometeo o meſmo cargo com mais formalidade por hum Alvará feito na meſma Cidade, cujo treslado he o ſeguinte:

EU *elRey, faço ſaber a vós Frey Franciſco de Bovadilha, Provincial da Ordem de S. Domingos, que por virtude do Breve, que tenho do Santo Padre, pera poder mandar ordenar, e fazer Eſtatutos, e couſas do Collegio da dita Ordem, que eſtá neſta Cidade de Coimbra, como me bem parecer: Hey por bem, e me praz, que vós ordeneis, e facais novos Eſtatutos no dito Collegio, e aproveis os que agora ſaõ feitos, ou os revogueis,*

gueis, e declareis, e acreſcenteis, como vos parecer, que convem ao dito Collegio, e á boa governança, e regimento delle; porque aſſi o hey por bem. E depois de os terdes feitos, e ordenados, como vos parecer, mos moſtrareis pera os ver: E eſte cumprireis, poſto que naõ paſſe pola Chancellaria, ſem embargo da Ordenaçaõ em contrario. Joaõ de Caſtilho o fez na Cidade de Coimbra a dezanove de Novembro de 1550.

Por virtude deſta commiſſaõ tomou o Provincial entre mãos os Eſtatutos primeiros, e trocando muitas couſas com bom conſelho, ficaraõ reduzidos á fórma, que de preſente tem; ſalvo no que toca ao tempo do governo dos Reytores: Porque diſpondo os antigos, que naõ foſſe mais que dous annos, elle acreſcentou hum, e deulhe tres. E todavia, o que hoje ſe pratica, e corre, he, governarem ſómente dous annos. Tambem emendou a reſidencia dos Collegiaes, que as Leys primeiras eſtendiaõ até ſete annos; e elle a encurtou, e reduzio a quatro, que parece tempo baſtante.

Eſta reformaçaõ de Eſtatutos confirmou dezaſeis annos depois o Geral Juſtiniano, quando veyo a eſte Reyno, por ſua Patente, que deſpachou no noſſo Convento do Porto em ſete de Novembro de 1566. referendada pelo Meſtre Fr. Serafino Cabelli; que entaõ era Provincial da Terra Santa, e deſte anno em diante atégora, que paſſaõ já de ſeſſenta, eſteve ſempre povoado das melhores habilidades da Ordem, que eſtudando nelle, tanto Virtude, e Religiaõ, como Letras, deraõ polo tempo em diante celebres, e abalizados Varoens em huma couſa, e outra; e com as meſmas partes o honraraõ. Porque huns leraõ longos annos na Ordem; e depois na meſma Univerſidade vieraõ a ſer Cathedraticos de grande nome: Outros foraõ, e ſaõ hoje inſignes no Pulpito, e doutrina: Como teſtemunhaõ ſeus eſcritos, que andaõ polo mundo com louvor eſpalhados, já Latinos, jà na propria Lingoagem da patria, feitos communs a todos, já traduzidos pelos Eſtrangeiros, naõ ſó em huma, mas em muitas Lingoas. Outros mereceraõ ſubir aos lugares mais altos do Reyno, de Tribunaes, Mitras, e Prelacias. E naõ apontamos aqui os nomes dos Lentes, dos Eſcritores, dos Prégadores, e Prelados, aſſi por eſcuſar longa, e ao parecer ambicioſa eſcritura: Como, porque ſendo iſto Hiſtoria da Provincia, quem dezejar de os ver, poderá ſatisfazer ſua curioſidade, lendoa. E ſe lhe cauſar eſpanto naõ achar todos, os que mereciaõ ſer nomeados; ſaiba, que nos fez curtos hum receyo, que ſempre nos acompanha, de cuidarmos, como iſto he cauſa propria, e louvor dos meus, que nos eſtá notando o Leytor, naõ ſó cores no roſto, mas até neſte papel, contra quem diſſe o outro: *Littera non erubeſcit.*

He de ſaber, que ſobre tudo, o que temos dito deſte Collegio,

legio, e ſeus moradores, foy ſempre louvado de ſe guardar nelle reformaçaõ, e concerto de Almas; como na mais reformada Caſa da Provincia, com huma grande obediencia das Leys, e Eſtatutos, que como em todas ſuas partes ſe fundaõ em muito rigor, ajuda ſua guarda ao bom animo, e natural dos ſugeitos: E em fim tudo devemos ao Grande, e Feliciſſimo Rey Dom Manoel, de cujo peito, e conſelho naſceo a fundaçaõ deſte Collegio, e de cujo exemplo procederaõ os mais, que todas as Ordens foraõ inſtituindo na meſma Cidade: E naõ devemos menos a elRey Dom Joaõ III. ſeu filho, que o transferio, e mandou edificar em Coimbra. Antes com igual obrigaçaõ eſtamos a ambos. Ao primeiro pola renda; e ao ſegundo polo edificio. E todos os que temos o Habito Santo de S. Domingos devemos pagarlhes perpetua pençaõ de Oraçoens: Naõ ſó com a piquena, que elRey D. Joaõ poz aos Collegiaes, que foy de huma Miſſa cada ſemana aos Sacerdotes, de huns Pſalmos Penitenciaes aos Irmãos do Coro, e de hum Terço do Roſario aos Converſos, que aqui ſervirem.

Fim do Livro primeiro.

TER-

TERCEIRA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO SEGUNDO.

CAPITULO I.

Fundaçaõ do Moſteiro de Noſſa Senhora da Roſa da Cidade de Lisboa.

LUiz de Britto Adminiſtrador dos Morgados de S. Lourenço de Lisboa, e Santo Eſtevaõ de Beja, ſendo viuvo de ſua primeira molher Dona Iſabel, filha de Joaõ Rodrigues de Sá, Alcaide Mór do Porto, e ſegundo deſte nome, de que já tinha filhos, cazou com Dona Joanna d'Atayde, filha de Joaõ de Souſa, que os que eſcrevem geraçoens, nos daõ a conhecer por Commendador de Ferreyra, e que aſſiſtio no ſerviço do Infante D. Fernando, pay d'elRey Dom Manoel, com cargos honrados, e de Dona Branca d'Atayde filha de Joaõ d'Atayde Senhor de Penacova. Eſtiveraõ cazados alguns annos Luiz de Britto, e Dona Joanna: E naõ avendo geraçaõ dentre ambos, tratou ella de offerecer a Deos a fazenda de ſeu dote; fazenda, que pera aquelle tempo era muita, e boa: e parte della fora emprego de huma copia de dinheiro, que lhe dera o Biſpo d'Evora D. Affonſo, filho do Marquez de Valença D. Affonſo: Do qual Biſpo era Prima com Irmãa; por elle ſer filho de Dona Brittes de Souſa, Irmãa de Joaõ de Souſa, pay della Dona Joanna: e foy o dizenho fabricar hum Moſteiro de Freiras de S. Domingos em honra, e vocaçaõ de Noſſa Senhora do Roſario, de quem era devota. Ficou em tradiçaõ entre as Freiras velhas, que naõ vinha Luiz de Britto na determinaçaõ, ou foſſe polo intereſſe de pertender a herança pera ſeus filhos, ou por outra

tra razaõ: E que huma noite vira em ſonhos ao Padre S. Domingos, que com geſto crime lhe dizia, que naõ encontraſſe a tençaõ pia de ſua molher. Era bom Chriſtaõ, tomou o ſonho por aviſo do Ceo, viſto ſer encaminhado pera ſerviço de Deos. Trataraõ logo de maõ commum, e com calor da obra, negocearaõ as licenças neceſſarias de Roma: Aſſi do Pontifice, como do Geral da Ordem, e a d'elRey D. Manoel no Reyno, e vieraõ a começar a fabrica no anno de 1519. ſendo Provincial a primeira vez o Padre Frey Jorge Vogado Confeſſor, e Prégador d'elRey. E deſte anno lhe damos ſua antiguidade. Como determinavaõ dar ſua fazenda, quizeraõ fazer ſacrificio perfeito, dando pera morada de Deos, a propria em que entaõ viviaõ. Nas meſmas caſas foraõ acommodando o Moſteiro. Taõ bons eraõ entaõ de contentar os Fidalgos no gaſalhado de ſuas peſſoas, que ſendo ponto principal da Inſtituiçaõ naõ paſſarem as Freiras de treze, todavia compraraõ huns chãos vizinhos, pera lhe ajuntarem. Fizeraõ ambos ſeu Compromiſſo, declarando cada hum o que dava. Elle prometeo ſua terça, e ordenou, que ſe lhe diſſeſſe huma Miſſa quotidiana rezada perpetua, e hum Nocturno de finados cada ſemana. Ella, que dava tudo, pedio huma Miſſa cantada cadadia, e outro Nocturno cada ſemana: E ambos juntamente diſpuzeraõ, que por ſuas mortes foſſe Adminiſtrador da Caſa, e dos bens, que lhe doavaõ, e deixavaõ, o Provincial da Ordem de S. Domingos, com advertencia ao Senhor, e Succeſſor dos morgados delle Luiz de Britto, que foſſe requerente com elRey, que cada tres annos mandaſſe viſitar o Moſteiro, pera que permaneceſſe em toda a boa ordem de Religiaõ, e virtude, e ſe cumpriſſe com pontualidade o mais que deixavaõ em ſua Inſtituiçaõ, e Compromiſſo, aſſentado. Compoſto o edificio material, mandou o Provincial vir dos Moſteiros das Donas de Santarem, e de Jeſus d'Aveiro, quatro Religioſas, quaes convinhaõ pera fundarem o formal do Eſpirito. Foraõ Dona Franciſca de Caſtro, que depois ſe fez chamar Soror Franciſca de S. Jeronymo, Soror Brittes dos Reys, e Soror Antonia das Chagas, eſtas tres d'Aveiro; e Soror Anna do Eſpirito Santo, de Santarem. Entraraõ eſtas Madres a tempo em Lisboa, que aos vinte hum de Novembro do anno de 1521. dia fermoſo d'Apreſentaçaõ de Noſſa Senhora ſe apreſentaraõ com principio de Religiaõ, e Clauſura perpetua. No meſmo dia receberaõ oito Noviças, que ſe tinhaõ offerecido pera o Habito, todas nobres, e algumas do melhor do Reyno. E pera ſe perfazer o numero do Compromiſſo, e ſerem treze, acudio no meſmo dia outra, de que logo diremos o nome, e ao diante mais couſas. Chamavaſe Soror Iſabel da Cruz, Matrona nobre, e viuva, e em idade de quarenta annos. Fizeraõ as quatro ſua eleiçaõ; e ſahio Prioreza a Madre Soror Franciſca de S. Jeronymo.

1519.

1521.

Correm os annos, foge a vida, e todos vamos á terra, como agoa que ſe ſome nella; ſem mais tornar, nem aparecer.

Mor-

Morreo Luiz Britto, paſſados alguns annos; enterrouſe na Igreja em lugar eminente defronte da porta principal. Sobre a porta, e no tecto da Capella Mór deixou poſtos eſcudos de ſuas Armas. Recolheuſe logo D. Joanna com as Freiras, dando demaõ a tudo, o que era mundo, eſtado, e vaidade. Paſſou com ellas o reſto da vida em quietaçaõ d'Alma, e Corpo; e acabou em boa velhice. Por morte de Luiz de Britto pertenderaõ os Religioſos aver a ſua terça em conformidade do Compromiſſo; pera ſatisfazerem por ella as obrigaçoens dos ſuffragios, que encommendara, e terem ajuda de ſuſtentaçaõ. Defendeuſe o ſucceſſor, que era Eſtevaõ de Britto ſeu filho: E como contra Freiras, e pobres piqueno poder baſta; naõ ouve nenhum, que lhe tiraſſe das mãos, nem terça, nem parte della. Aſſi ficaraõ ſem fazenda de raiz ſua, elle gozando da honra, e nome de Inſtituidor; e ellas carecendo dos intereſſes, com que os Inſtituidores a coſtumaõ merecer. Iſto vieraõ a provar muitos annos depois as pobres Religioſas em juizo contraditorio, ſendo requeridas, ou perſeguidas polos requerentes do Hoſpital d'elRey, em virtude de huma Provizaõ, que nelle ha, pera ſe lhe apropriarem as dividas de encargos naõ cumpridos dos defuntos. Pediaõlhe eſtes tudo, o que ſe montava em muitos annos, que conſtava naõ terem cumprido com a Miſſa quotidiana rezada, e Nocturno de cada ſemana por Luiz de Britto. Fundavaõſe, e parecia, ſobejarlhe razaõ, em que deviaõ ellas comer alguma fazenda polo tal encargo: Viſto como ninguem deixa, nem aceita obrigaçoens ſem fundamento, e hypoteca da inſtancia. Confeſſaraõ ellas o contrato; mas negaraõ a obrigaçaõ, moſtrando largamente, que de Luiz de Britto naõ poſſuiaõ nenhum genero de fazenda: E que até o ſitio primeiro do Moſteiro aviaõ ſido caſas proprias de Dona Joanna, e naõ de Luiz de Britto. Por onde foraõ abſoltas da inſtancia por ſentença diffinitiva, que ſe veyo a dar em cabo de longo, e porfiado litigio no anno de 1621. 1621.

Foy Prelada longos annos a Madre Soror Franciſca. Succedeolhe no cargo, e foy ſegunda Prioreza a Madre Dona Branca. Em ſeu tempo eſteve o Moſteiro a riſco de ſe perder: Porque com os tremores da terra, que naquella idade continuaraõ em Lisboa, e todo Ribatejo, correo a Coſta com tanto impeto da terra, e penedia, que ſe entendeo ficaſſe de todo enterrada a pobre caſinha, com ſuas moradoras: E foy neceſſario dezemparalla. Como eraõ poucas, repartiraõſe polo Salvador, e Annunciada. Melhorou o tempo, tornaraõſe a ajuntar em ſeu ninho; e veyolhes de Santarem por Prioreza a Madre Dona Guiomar de Caſtro. Acontece muitas vezes ſer hum trabalho cauſa de grandes proſperidades. As Hiſtorias nos aviſaõ, que a muitos homens foraõ dezaſtres, e perſeguiçoens, eſcada pera grandes eſtados. E no que toca a edificios, ninguem póde duvidar, que o fogo de Nero fez Roma mais fermoſa, do que era antes do incendio. Parece obra ſecreta da Natureza, pola

regra em que a Philoſophia nos enſina, naõ ſe dar geraçaõ, ſem anteceder corrupçaõ. Devia tambem vir eſta Madre por molher de Eſpirito pera obras. He couſa de eſpanto, o que creſceo a Caſa em ſeu tempo. Fez as portarias de fora, e de dentro: as caſas de locutorio, e rallos, com as eſcadas que ſobem pera elles: edificou caſa pera Enfermaria, e lançou ſobre ella hum Dormitorio: achou lugar pera amaſſaria, e Botica, e hoſpicio (que tudo ſe deſcobre a hum bom engenho). E até pera dar largueza de Clauſtros, que ſaõ os que hoje chamaõ piquenos, e pera novo Refeitorio com ſeu poyo. Foraõ obras grandes, inda que em ſitio eſtreito. Fezſe gaſto creſcido, e foy neceſſario tempo dilatado. Aſſi lhe prorogaraõ os Prelados o cargo, e o teve oito annos.

Succedeo em quarta Prioreza, e no meſmo Eſpirito de fabricar, a Madre Brittes dos Reys. Fabricou de novo, e alargou o Coro, e Antecoro debaixo, e o Coro alto com ſuas cadeiras lavradas de boa obra, como hoje eſtaõ: Naõ tendo dantes mais, que dous bancos, com duas cadeiras de maõ pera as Preladas, e ajuntou huma obra de grande importancia, pera alivio das Religioſas, que foy a caſa de lavor. Póde muito o exemplo, e a emulaçaõ. Veyo deſpoz ella a Madre Dona Jeronyma; e entre outras couſas importantes, que fez, foy huma, cercar a Coſta de bom muro pera guarda, e juntamente fortaleza contra o monte. Edificou caſa ſeparada de Noviças. Eſtava o Moſteiro creſcido, e adiantado em tudo; ſenaõ em praça, e campo. E a meu ver era compoſiçaõ, e concerto, como de hum eſtojo, tudo eſtreito, e miudo; e como creſcia em gente, dezejavaſe largueſa. Era neceſſario hum eſpirito determinado, e animoſo: e tal foy a Madre Soror Antonia de Jeſus, que entrando em Prioreza, deſcubrio o valor do ſangue, que tinha do Santo Arcebiſpo Primaz Dom Frey Bartholameu dos Martyres, cuja prima era, em eſtender os penſamentos a taõ grande empreſa, como foy comprar huma rua inteira de caſas, e meterlha dentro da Clauſura, com todo o vaõ da meſma rua, alcançando pera iſſo licença da Cidade. Deſte tempo em diante ficou o Moſteiro com hum gaſalhado, e largueſa baſtante. Porque nos baixos lançou por huma parte celeyros, e caſa pera lenha, e deſpejos, e hum lanço de Clauſtro novo, e abrio hum poço, que fazia muita falta naõ no aver em caſa; e por outra fez atafona, e eſtrevarias, e a Portaria da rua, com caſa por ſima pera os Confeſſores, e outra pera aſſiſtencia das Priorezas. Aperfeiçoaraõ tudo duas Priorezas, que depois ſe ſeguiraõ. Eſtas foraõ as Madres Dona Maria da Sylva, e Soror Maria de S. Bartholameu, que correraõ, e acabaraõ os tres lanços do Clauſtro, que faltavaõ, lançandolhe por ſima ſuas varandas, e outro Dormitorio, obra de muito cuſto, e trabalho. Porque como ſe edificava em ladeyra, foy neceſſario gaſtar muito tempo, e muito dinheiro no deſentulho da parte mais alta, pera ficarem ao livel o pateo, e corredores do Clauſtro. Eſta lembrança nos pareceo razaõ fa-

zer

zer aqui deſtas Religioſas. Porque ſendo aſſi, que huma ſó pedra, que na Caſa de Deos ſe acreſcenta, he grande merecimento pera quem niſſo occupa o tempo, e cuidado: Naõ era bem ficarem defraudadas da honra, que ganharaõ com a Ordem, e gloria, que mereceraõ com Deos. E pois temos dito das Preladas, paſſemos logo ás ſubditas, e a outro genero de gloria, com que ſe fizeraõ dignas de fama, em que tambem tornaráõ a entrar as Preladas na parte, que lhe couber.

CAPITULO II.

De algumas grandes, e particulares virtudes das Madres Soror Iſabel da Cruz, Soror Lianor da Trindade, Soror Guiomar dos Fieis de Deos; e Soror Brittes dos Reys.

A Madre Soror Iſabel da Cruz.

A Madre Soror Iſabel da Cruz merece primeiro lugar entre as ſubditas, de que avemos de tratar, pola promeça que temos feito, e porque foy huma das primeiras Noviças, com que a Caſa começou. Como entrou de muita idade, ſegundo deixamos tocado, determinou aproveitarſe do tempo. Jejuava de continuo, e nas Seſtas feiras, e Sabbados naõ comia mais que hervas: e nos dias que commungava, por reverencia daquelle Soberano Paſto, ficava o dia todo ſem comer nada. Era ſua cama huma eſtreita ſaca, e quaſi ſem lãa, e eſſa ſolta, e ſem feiçaõ, nem brandura de Colchaõ, e nella dormia veſtida, pera poder com mais facilidade anticipar a hora das Matinas, como de ordinario fazia, humas vezes com diſciplinas, outras com outras mortificaçoens, e devaçoens, e ſempre com fervente Oraçaõ, na qual ſe empregava com tanta continuaçaõ, que ſe lhe vieraõ a criar nos joelhos callos taõ groſſos, como ovos, que a martyrizavaõ com dores. Dezejando imitar a pobreſa de Chriſto noſſo Redemptor, naõ ſofria Habito, ſenaõ velho, e roto, ou remendado: e abrazada na conſideraçaõ de ſua Sagrada Payxaõ, acontecia fazerſe atar a huma columna, e açoutarſe, e trancar a cabeça com eſpinhos. E com todos eſtes martyrios viveo na Religiaõ outros tantos annos, como os que trazia do mundo, e cumpridos oitenta de idade, acabou em paz.

A Madre Soror Lianor da Trindade.

Naõ foraõ menos os que viveo a Madre Soror Lianor da Trindade; mas muitos mais os que deu a Religiaõ. Porque recebendo no meſmo dia, que Soror Iſabel, o Santo Habito, e tendo entaõ ſó doze de idade, logrou ſobre elles tantos, que veyo a cumprir de vida oitenta e dous. O mayor emprego de taõ longa jornada foy a devaçaõ da Santiſſima Trindade, de quem tomara o nome: E contaõſe della extremos de admiraçaõ. Fazialhe todos os annos a feſta per ſeu dia. E ſendo a mais pobre Freira que avia no Convento, a feſta ſempre era rica, e aparatoſa. E naõ avia outros milagres pera iſſo mais que os de ſua abſtinencia. Porque com ella grangeava, cortando por ſy quanto depois deſpendia na ſolemnidade. Determinadamente, e como por teima naõ comia, nem tocava o paõ alvo, e bom, que ſe dava na Com-

munidade. Guardavao, e fazia delle dinheiro. O que comia, era de ralla, preto, e groſſeiro: e pedido por eſmolla a quem tinha o cargo da amaſſaria, e em pouca quantidade, por naõ ſer peſada a quem lho dava. De toda a mais raçaõ naõ comia mais que aquillo, que naõ achava venda. Tambem no que podia preſtar guardado, naõ tocava. Guardava as maçãas, e peros das conſoadas d'Advento, e Quareſma, e os doces, que ſe davaõ nas feſtas grandes. E quando chegava o dia da ſua feſta, achavaſe com dinheiro, pera a fazer com toda a largueſa, naõ ſó o que tocava ao Altar, Prégaçaõ, e Prociſſaõ, e ao mais culto Divino: Mas em dar de jantar á Communidade com abundancia, e concerto. E naõ parava ſó aqui. Chegou a renderlhe tanto com o diſcurſo de muitos annos, o que ſe roubava a ſy meſma, que fez huma alampada de prata, e ornamentos ricos pera o Altar, em que eſtá o retabulo da Santiſſima Trindade. E pera que tudo foſſe de ſua induſtria, e trabalho, he averiguado, e certo, que naõ pedia, nem queria nada de fóra de caſa: E até o panno das toalhas do Altar era fiado por ſuas mãos, e por ſeu dinheiro, e á ſua cuſta tecido, e curado. Pera o dia da feſta, em que ſe traz da Igreja o paynel da Trindade com Prociſſaõ ſolemne até á porta regular, e della o levaõ as Religioſas ao Altar do Coro, coſtumou muitos annos, em quanto teve forças, lavar por ſuas mãos todo o caminho, e chaõ, que ha da porta até o Coro, que naõ he piquena diſtancia: E até as paredes cayava, e tudo fazia ſem admitir companhia, nem ajuda de ninguem. Bendito ſejais Deos Trino, e Uno, Altiſſimo Senhor dos Ceos, que ſendo ſervido lá de exercitos de Anjos, creaturas perfeitiſſimas, naõ engeitais, nem deſprezais a humildade, e ſerviço dos bichinhos na terra: E neſta ſervaſinha voſſa manifeſtais por muitos ſinaes, que vos agradava ſeu cuidado. Notavaõ as Freiras, que as maçãas, que guardava do Inverno, ſendo fruta que logo ſe corrompe, quando ſe punhaõ na meſa por dia da Trindade, era goſto particular, ver, que eſtavaõ ſaãs, e nenhuma podre, e a novidade lhes dava ſabor. Notavaõ os Clerigos, que vinhaõ acompanhar a Prociſſaõ, que os doces, que repartia por elles, em graças do acompanhamento, dados depois a enfermos eraõ remedio certo de ſaude. E por eſta razaõ acudiaõ muitos a ſervir na feſta, e tomallos, e pedillos. Mas o que ſe vio com maravilha, e inda hoje ſe conta entre as Madres com eſpanto, he, que poſtas hum dia da feſta no fogo as panellas do jantar, que a devota Soror Lianor dava á Communidade, foy chamada á preſſa da coſinheira, que acudiſſe ao remedio: porque eſtavaõ arrebentadas, e fendidas; e ou foſſe força do fogo, o fraqueſa do barro, ella ſem ſe perturbar, como ſabia, por quem trabalhava; foy correndo, e com ſanta ſimplicidade, e chea de Fé as abençoou em nome da Santiſſima Trindade, e tornouſe a entender com o mais da feſta. Baſtou eſte feitio pera ficarem taõ bem ſoldadas, e ſeguras, que ſerviraõ, e cozeraõ o jantar ſem falta,

falta, nem danno, e ficaraõ inda preſtando no meſmo miſter toda a ſemana. Succedeo outro anno, que querendo a coſinheira pôr ao fogo o jantar da feſta, naõ achou agoa no tanque, em que ſe recebe, e guarda, a que vem de carreto; buſcou a Santa Mordoma advirtindoa, como era ſabida ſua virtude, que naõ eraõ horas pera eſperar remedio da terra. Chamou ella pela Santiſſima Trindade, e em ſeu nome lançou huma bençaõ ſobre o tanque. Tornou a coſinheira, e onde dantes eſtava tudo ſeco, achou, com que negocear baſtantemente o jantar. Tambem contaõ, que requerendo hum dia a ſua coſtumada eſmolla do paõ de ralla, com que ſe ſuſtentava; lhe reſpondera com eſquivança a Irmãa, que o tinha a cargo, e ſe fora ſem elle. E porque como humilde imaginou, que ſua importunaçaõ fora occaſiaõ de eſcandalo, naõ teve confiança, pera pedir na ſeguinte fornada, e paſſou duas ſem provimento, e com muito trabalho, porque outro naõ comia. Quando veyo a terceira, eis que entrando a forneira com ella na caſa do forno, acha na entrada a raçaõ das tres coziduras, que já com aquella devia á pobre Soror Lianor; e maravilhada do que via, e como advertida de ſua aſpereſa por meyo mais que humano, foy depreſſa remediarlhe a fome. Em vida taõ cançada tinha vivido ſetenta, e ſete annos. E todavia quiz o Senhor purificar mais aquella Alma, e permittio, que cahindo hum dia de ſeus pés, ſem muito perigo, baſtaſſe aquelle aballo, como o ſujeito era já taõ gaſtado, pera a tolher toda: E aſſi viveo ainda ſinco annos entrevada, e perſeguida de dores, e trabalhos. No meyo deſte mal era de ver o cuidado, com que procurava ſe fizeſſe a feſta. E com tudo vendo, que naõ podia acudir a ella peſſoalmente, toda a Veſpera, e o dia celebrava com lagrimas, e ſe alguma conſolaçaõ tinha, era ouvir, o que cada huma das Religioſas lhe vinha contar, do que faziaõ por honra da feſta. Muitas outras couſas ſe referem da devaçaõ deſta Madre, concluiremos com huma de muita devaçaõ, e confirmaçaõ de Fé. Eſtando pera eſpirar notavaõ as Madres, que de continuo tinha ſobre a cama tres candeas aceſas; e porque naõ faltava, quem culpava tanta luz, naõ eraõ bem apagadas duas, quando ſuccedia entrarem outras Freiras com lume de novo, e ficarem ſempre tres. O que ſuccedeo tantas vezes, que de toda a Communidade foy atribuido a myſterio, e aſſi foy acompanhada, até que deu a Alma ao Criador.

A Madre Soror Guiomar dos Fies de Deos foy tambem das primeiras moradoras deſta Caſa: Entre grandes virtudes, de que he louvada, era huma o Amor, e guarda do ſilencio, e a continuaçaõ de rezar a toda a hora pelas Almas Fieis, de que tinha o nome. Viveo tantos annos, que veyo a conſumirſe de pura velhice, ſem outra doença. Faltoulhe o vigor natural, acabou como huma candea, a quem ſe acaba a cera, ou o azeite, que lhe mantinha a luz. Entrando no paſſo da morte acompanhada de toda a Communidade na Enfermaria, ouviraõſe por todas

A Madre Soror Guiomar dos Fieis de Deos.

todas as partes, huns grandes eſtrallos, como de caſa, que ſente força de peſo ſobre ſy, e juntamente hum rumor confuſo ſem diſtinçaõ de vozes, que parecia de hum grande povo junto. Cuidava cada huma, que podia proceder huma couſa, e outra do ajuntamento da Communidade, e ſerem as Religioſas muitas no numero, e eſpantandoſe por iſſo menos. Tanto que a boa velha rendeo o Eſpirito; ceſſou tudo, e ficaraõ em taõ profundo ſilencio, que a mudança foy cauſa de novo aſſombramento em todas: E naõ ouve nenhuma, que deixaſſe de contar por couſa myſterioſa o rumor, e eſtrallos, e avellos por huma certa ſignificaçaõ do muito, que no Ceo ſe eſtimaõ as Oraçoens, que ſe fazem pelas Almas: como que vinhaõ todas acompanhar, e ajudar aquella, a quem ſe ſentiaõ devedoras.

A Madre Soror Brittes dos Reys.

Por outra via, mas tambem eſpantoſa, quiz o Senhor declararnos a Santidade da Madre Soror Brittes dos Reys; ſendo das primeiras oito, que aqui tomaraõ o Habito; como atraz contamos, e criadas no leite das Santas Fundadoras, ſoubeas tam bem imitar, que naõ ſendo conhecidas em vida, polo grande cuidado, com que ſoube encubrir, e ſoterrar o ouro de ſuas virtudes: Ordenou o Senhor, que naõ deixa nenhuma ſem premio, que a meſma terra deſſe teſtemunho, e publicaſſe quem era. E foy aſſi, que ſendo neceſſario muitos annos depois de ſua morte, pera correrem ao livel os Clauſtros, e varandas, que a Madre Soror Antonia de Jeſus fez deſentulhar o ſitio das ſepulturas antigas, foraõ deſcubrindo muitos corpos, e oſſadas daquellas primeiras, e mais antigas Religioſas: humas de cujas covas inda avia noticia, outras já eſquecidas; e de todas, em ſendo a terra movida, começou a ſahir taõ ſuave cheiro, que aos meſmos trabalhadores fez eſcrupulo a obra. E diziaõ, que o deviaõ ter as Madres de inquietarem aquelles oſſos ſantos. Mas naõ ſe deſiſtindo da offenſa das mortas, polo que cumpria ao gaſalhado das vivas, e continuando o cheiro com tal fragancia, que ſe ſentia no Antecoro, que he boa diſtancia, deraõ com hum corpo inteiro, e ſem corrupçaõ, que polo ſitio, em que eſtava, foy conhecido ſer da Madre Soror Brittes. O eſtado em que ſe achou era eſtar mirrado, e ſeco, e ſó aponta do raris comida. Devia a terra eſte reſpeito á grande pureza, e innocencia deſta Madre, que de novo foy entaõ celebrada com ſaudoſas memorias, das que a tinhaõ conhecido, e tratado: E ella o pagava á terra, pegandolhe a ſuavidade do cheiro, em que aſſi mirrada, e ſeca recendia.

CAPITULO III.

Das Madres D. Branca, D. Franciſca da Sylva, e Soror Antonia de Jeſus, Priorezas.

SEja eſte Capitulo todo de Priorezas: Diſſemos das obras, que fizeraõ de pedra, e cal: Agora diremos das de ſeu Eſpirito. No tempo de cada huma guardaremos a ordem, que tiveraõ em ſeus cargos, naõ a dos annos em que faleceraõ. Porque do governo temos certeza:

teza: os de ſeu falecimento ouve menos cuidado de ſe apontarem.

A Madre D. Branca Prioreza.

Foy ſegunda Prioreza deſte Moſteiro a Madre Dona Branca. A ella, e ás mais irey dando os nomes, aſſi como os acho nas lembranças da Caſa; naõ tirando, nem acreſcentando nada ao coſtume daquella idade. Eſta Madre Dona Branca, de quem naõ achamos apellido do mundo, nem da Ordem, era ſobrinha da Fundadora Dona Joanna d'Atayde. Parece, que a levaraõ ſeus pays ao Moſteiro com intento de grangiaria com a tia; e olhos no muito patrimonio que poſſuia. Eſtava na Caſa de Deos, e os penſamentos todos no mundo. Era ſeu intento cazar, e naõ faltava, quem a pertendia, com ſangue, e affeiçaõ igual. Mas verificouſe aqui aos olhos viſtos, o que Chriſto diſſe: *Nemo venit ad me, niſi Pater meus traxerit eum.* Todos os que vimos á Religiaõ, ſua Divina Miſericordia nos traz, e move, e acarreta (grande obrigaçaõ de ſermos Santos). Eſta buſcou a Samaritana, quando mais ardia o Sol no Ceo, e ella nos deſconcertos da vida. Por peccadora publica era conhecida a Magdalena, quando entrava por caſa de Simaõ, quando com lagrimas daquelles olhos, que traſiaõ enfeitiçadas infinitas Almas, lavava os pés de Chriſto, e lhos enxugava com os cabellos, que a outras tantas tinhaõ ſervido de laços, e prizaõ. E toda eſta mudança era obra do meſmo Chriſto. Aſſi allumiou depois a hum Paulo no meyo de ſuas furias: E da meſma maneira deu á Religiaõ de S. Domingos, e arrancou do mundo a Madre Dona Branca. Succedeo vir o Pertenſor hum dia á roda perguntar por ella: Eis que ſubitamente ſe lhe poz diante hum Frade com ſembrante ſevero, e olhos aceſos em ira: E perguntalhe, que buſca em tal lugar? Reſpondeo, que buſcava a D. Branca, por ſer ſeu parente. Tornou o Frade, nem ella vos póde fallar, nem vós lhe ſois nada. Tanto poder teve eſte encontro (parece que foy mais que humano) que o homem naõ ſoube mais o lugar, e até os penſamentos delle perdia. Mas naõ os perdendo ella de deixar o Moſteiro por outra via, começou a negociar por meyo de devaçoens o eſtado de cazada. Que muita gente caminha por aqui, e naõ he a eſtrada errada, ſe quem a ſegue, deixara tudo nas mãos de Deos, pedindo, naõ couſa certa, mas o mais conveniente pera a ſalvaçaõ. Dos termos, com que orava Dona Branca, naõ conſta; mas ficou em memoria, que na força das devaçoens lhe appareceo o Bom Jeſus coroado de eſpinhos, e com a Cruz ás coſtas: E lhe diſſe, que ſe naõ cançaſſe, que nenhum outro Eſpoſo teria, ſenaõ a elle. Bem podemos crer, que foraõ iſto meritos, e Oraçoens da Fundadora ſua tia. Soube ella conhecer o favor, trocou logo os cuidados, com tanta determinaçaõ de ſervir, e amar quem aſſi liberalmente ſe lhe offerecia, que no goſto, com que logo pedio o Habito, e na vida, que depois fez, confirmou, que da maõ do Altiſſimo fora a mudança: E affirmaſe, que morreo Santa.

A Madre D. Franciſca da Sylva Prioreza.

Duas vezes foy Prioreza a Madre Dona Franciſca da Sylva,

Matth.

va, que tambem achamos com nome de Franciſca de Santa Maria. Tal era ſua charidade, e brandura com as ſubditas, juntas com muita authoridade, que o fora perpetua, ſe as leys da Ordem o conſentiraõ. Davaõſe entaõ quatro annos de governo, a perpetuidade ſe tirou em todos os Moſteiros. Contaſe della, que tinha grande compaixaõ de todo pobre, e particular cuidado de mandar prover, os que ſe vinhaõ valer do pouco, que o moſteiro entaõ podia. Chegou hum dia com affliçaõ á roda, pera mandar pedir dinheiro empreſtado. Era a conjunçaõ taõ apertada, que naõ avia em ſeu poder mais que duas, ou tres moedas de cobre, que conſigo trazia. No meſmo ponto fez ſeu requerimento hum pobre de fóra, e ella liberalmente o conſolou com as moedas, ficando deſconſolada do pouco que dava. Recebe o Senhor benigniſſimo huma boa vontade por obra. Tal devia ſer o animo da Prioreza, que lhe naõ quiz guardar o premio pera mais longe. Quaſi naõ virara as coſtas o pobre, quando batem na roda, perguntando pola Prelada. Acudio ella, e acha hum homem de boa preſença, que ſem dizer quem era, nem donde vinha, lhe poz na roda vinte mil reis em ouro. Quiz a Prioreza ſer agradecida com o que he ordinario em Freiras, mandava buſcar doces pera o convidar; mas elle foyſe, ſem querer aceitar nada, dizendo, que naõ era bem, ſahirem dadivas, donde ſe padeciaõ neceſſidades. Foy iſto em tempo, que a Cidade ardia na peſte, que chamamos grande: E as neceſſidades do Moſteiro eraõ mais creſcidas. Porque ſe determinaraõ as Religioſas em o naõ deſemparar, e a terra tinha menos, que dar; porque todos, os que tinhaõ alguma couſa, e podiaõ, fogiaõ della. Aſſi era eſtimada, como vinda do Ceo, qualquer eſmolla. E porque o meſmo homem tornou ſegunda vez dahy a hum mez em conjunçaõ de outro aperto, com outra tanta quantia, e pondoa na roda com aviſo, que ſe deſſe á Prelada, ſe foy ſem fazer detença. Junto tudo com a virtude de Dona Franciſca, e boa ſombra do Eſmoller, cujo roſto era de extraordinaria gentileza, obrigou as Madres a lançarem juizos, que fora a eſmolla miraculoſa. Viva eſtá inda hoje huma Irmãa Converſa, que era continua no ſerviço deſta Madre, que affirma foy teſtemunha de hum, e outro dinheiro, e conta outro caſo, que acredita baſtantemente os dous referidos. Eſtava hum dia dando ordem ao Capellaõ da Caſa, que lhe foſſe pedir algum dinheiro empreſtado. Chegou neſte paſſo a Madre, que tinha a cargo a procuraçaõ, e governo da Communidade, requerendo dinheiro pera comprar do que convinha. E a Prioreza diſſe pera o Capellaõ: Bem ouvis eſta Religioſa: E eu naõ tenho mais de meu, que hum ſó toſtaõ, que ha de ſer de nós? Ajuntou a iſto, encomendarlhe de novo a diligencia; e no meſmo ponto tornou a Religioſa a inſtar, que naõ tardaſſe, que cumpria acudir logo, porque naõ ouveſſe falta no jantar: levantouſe entaõ, pera lhe hir dar o que tinha, e deixar á Providencia Divina, o que mais faltaſſe. Chegando

gando ao lugar, onde tinha o toſtaõ, achou com elle nove moedas de ouro, cada huma de mil reis. Tornou logo á grade, contou ao Capellaõ o que paſſava, pera que eſcuzaſſe o caminho: E poſta de joelhos com elle, deraõ ambos graças ao Senhor das miſericordias. A meſma Prioreza contou o ſucceſſo a algumas Madres de grande credito, das quaes o recebemos.

A Madre Soror Antonia de Jeſus.

A Madre Soror Antonia de Jeſus foy Prima com Irmãa do Santo Arcebiſpo Dom Frey Bartholameu dos Martyres. Aſſi como tinha delle o ſangue, tinha tambem o zelo da Religiaõ: E tal foy Dom Frey Bartholameu, que, quando della naõ diſſeramos mais, aſſás nos ficava honrando eſta Hiſtoria. Era particular devota de noſſo Padre S. Domingos, em tanto gráo, que tudo o que dizia, e fazia, era em ſeu nome; e achava, que dahi vinha ſuccederlhe tudo bem. E taõ impreſſa tinha em ſuas potencias eſta affeiçaõ, que vindo a adoecer de humas febres de humor peſtilencial, que a tiveraõ quaſi hum mez deſacordada de todo, contava depois, que todo aquelle tempo paſſara com lhe parecer, que via o Santo aſſentado na borda do leyto, e que ſenaõ atrevia a voltar na cama, porque tinha por deſcorteſia darlhe as coſtas. Vinte annos depois de cumprir os quatro de Prioreza, foy eleyta outra vez. Era muito entrada na idade; mas como o Eſpirito naõ envelhece, e o ſeu zelo eſtava com o bom coſtume mais vivo, e conſtante, aceitou ſua eleiçaõ obrigada tambem do juizo, e amor das que a buſcaraõ. Com tudo, começando a entender no cargo, foy vendo, que lhe faltavaõ as forças corporaes, e que naõ podia dar o exemplo no ſeguimento das Communidades, e rigores da Religiaõ, a que os Prelados tem mais obrigaçaõ. Com eſte conhecimento deu principio a hum diſcurſo muito importante. Foy conſiderando, que o defeito das forças, a falta de ver, e ouvir, eraõ tudo aviſos do Ceo, e da Natureza, que naõ podia tardar o fim da vida, que por eſtes paſſos vay traſpondo, e juntamente eſpertando os adormecidos. Vio, que era tempo de fugir ao mar, e ás tempeſtades de cuidados d'Almas alheas, e recolher ao porto, e a hum ſó cuidado de naõ tratar mais que da ſua. Lembravaſe do exemplo do Primo Santo, e raro exemplo. Nunqua lhe pareceo taõ acertado aquelle conſelho de deixar, como deixou, renda groſſa, authoridade, e marido: Tornando á pobreſa mança, e deſcançada do cantinho de huma cella. Como quando experimentou o muito que embaraça a alma na idade creſcida o tratar de outrem, quando he tempo de o empregar todo em cuidar de ſy. Como cahio na conta, deliberouſe, cortou por tudo, que naõ deviaõ faltar huns Eſpiritos aduladores, e juntamente intereſſeiros, que na cauſa alhea coſtumaõ fazer a propria, que ao penſamento ſanto puzeſſem nome de puſilanimidade, e pouco brio. Conſtantemente pedio abſolviçaõ do officio, e abſolveuſe com alegria. Foy obra de valor, naõ polo feito (que na verdade fugir de trabalhos, buſcar o bem, que ſó importa, que louvor merece?) mas pola cegueira, e deſatino, com que neſta idade até

até com os pés na cova idolatramos no goſto de mandar.

Tinha ſervido dous annos, quando ſe livrou do cargo, e foy bem a tempo. Porque começaraõ a perſeguilla as doenças, que ſe chegaõ á velhice, e vindo de tropel humas ſobre outras, puzeraõna em eſtado de quaſi entrevada: Eſtando aſſi, ſuccedeo hum dia, que acompanhandoa duas ſobrinhas, que tinha, e outra Religioſa de credito, que hoje he viva, começou a bater nos peitos com força, e dizer em voz alta: *Ecce Agnus Dei*: *Ecce qui tollit peccata mundi.* Acudiraõ, as que aſſiſtiaõ, perguntando, ſe queria alguma couſa, e ella dizia: Naõ vedes o Senhor do mundo ſobre huma bolla cheya de luz, lançando a bençaõ, e o Bautiſta veſtido de pelles junto com elle? Perguntaraõlhe, a que porta eſtava: Reſpondeo, que contra os pés do leyto. Mas dizendo ellas, que naõ viaõ nada; tornou ſobre ſy, como arrependida de ter fallado, no que ſó via, e com arte de quem ſe queria encubrir. Eu tambem (tornou) naõ vi nada, que eſtava ſonhando. Tal era a boa velha, que nenhuma duvidou de ſer verdadeira a viſaõ. E huma das ſobrinhas lhe tomou entaõ a palavra, que ſe viſſe a noſſo Santo Patriarcha, de que era taõ devota, como temos dito, lho naõ negaſſe. Julgava eſta Madre, que naõ podia deixar o Santo de a conſolar em doença, que pola qualidade della, e os muitos annos de quem a padecia, moſtrava ſer a derradeira. Paſſados poucos dias, deulhe Apoplexia na lingoa, que lhe tolheu a falla, ſem danno dos mais membros, nem do entendimento. Foy logo enfraquecendo muito, e entrando em morrer. Mas tanto em ſeu juizo, que teve ſempre hum braço eſtendido fóra da roupa, e de quando em quando ſem o mover levantava a maõ com geito, e ar de quem em ſeu coraçaõ arrezoava com alguem. Perguntoulhe entaõ a ſobrinha polo concerto, que tinhaõ feito, e ſe vira o noſſo Padre. Fez ſinal, que ſim, abaixando a cabeça. Perguntandolhe quantas vezes, levantou o dedo, como quem dizia, que huma ſó: Iſto foy no dia antes de ſeu tranſito. Naõ paſſaraõ muitos, que a ſeguio a Madre Soror Iſabel de Jeſus de hum accidente, que apreſſadamente a levou: A qual affirmava, que duas vezes lhe apparecera a Madre Soror Antonia, por extremo alva de veſtido, e roſto, e com huma luz, que lhe reſplandecia por baixo da toalha junto da garganta, como de huma vella aceſa.

CAPITULO IV.

Das Madres Soror Iſabel da Cruz ſegunda, e Soror Brittes da Cruz.

A Madre Iſabel da Cruz, que chamaremos ſegunda, pera differença da primeira, de que atraz fallamos, foy inſigne nas virtudes da Penitencia, e Oraçaõ. Muitas Madres ſe lembraõ, veremlhe lançar ſobre as ſopas, que começava a comer no Refeitorio, copia de agoa fria do jarro, que tinha diante, pera perderem o ſabor, que ou a boa tempera, ou ſua fome, e neceſſidade lhe dava. Na Oraçaõ

A Madre Soror Iſabel da Cruz 2.

çaõ era taõ enlevada na hora, que a ella ſe entregava, que naõ ſentia, nem dava fé, de quem lhe abria a porta, ou entrava na cella. Juntava a eſtas virtudes huma entranhavel devaçaõ com a Virgem Noſſa Senhora, e com ſeu Santo Roſario: Em cuja virtude fazia algumas obras, que excediaõ a virtude, e poder humano. E a eſta conta todas as Roſas, que ſe benziaõ na feſta da Senhora por Mayo, ſe depoſitavaõ em ſua maõ, de conſentimento das Religioſas. Porque criaõ, que a ſua fé, e a valia, que tinha com Deos, e com a Virgem, lhes acreſcentava virtude, quando por ſua maõ eraõ dadas, ou aplicadas: Como ſe vio por varias experiencias. Curavaõ dous Cirurgioens huma Religioſa de huma fea poſtema, que tinha em hum pé com tres buracos abertos, e huma tarde foy achada em eſtado, que aſſentaraõ com medo de Erpes, pôrem lhe ferro, e fogo, e trazerem no dia ſeguinte inſtrumentos, pera cortar, e cauterizar. O terror de tal cura eſpertou a devaçaõ da doente, e das amigas, acodem aos remedios do Ceo; chamaõ Soror Iſabel, veyo ella com as ſuas Roſas, lavou a chaga com a agoa de humas, polvarizava com outras, apertoua, benzeua, encomendoua á Senhora do Roſario. Foy obra Divina, naõ poder da terra, o que viraõ, e acharaõ, os que vinhaõ pera a martyriſar ó outro dia. Quando deſcubriraõ a chaga, tal era a melhoria, que ſe tornaraõ paſmados, e affirmando, que interviera alli milagre, e eſſe lhes naõ deixara, que fazer. Aſſi ſarou logo. A Madre Antonia de Jeſus tinha huma eſponja grande, que lhe dava muita pena: Aplicoulhe Soror Iſabel as Roſas, ſem outra mezinha, ſe lhe deſpegou, e cahio hum dia, diante de huma Imagem da Senhora, que eſtá no Antecoro. Por outro modo curou a Madre Soror Eria de Jeſus. Naceolhe hum lobinho no artelho de hum pé, e foy creſcendo de ſorte, que era do tamanho de hum ovo, e naõ podia dar hum paſſo, ſem bordaõ, e com muito trabalho. Lavado com a agoa das Roſas, e poſtas outras em ſima, veyo a arrebentar; e lançando tres pedras duras, como as do monte, e tamanhas como tramoços, deixou o pé ſaõ, e enxuto: E vive hoje com boa ſaude. Amanheceo hum dia com febre ardente, e pontada na ilharga a Madre Soror Anna d'Aſcençaõ. Veyo o Medico. Eraõ ſinaes claros de Prioriz: mandou, que logo foſſe ſangrada. Naõ eſteve polo conſelho. Foyſe a Soror Iſabel: aplicoulhe as Roſas Santas: Quando foraõ horas de Veſperas eſtava ſem febre, e ſem pontada. Quaſi a eſte modo, e taõ abreviadamente foy curada a Madre Soror Catharina do Preſepio, Irmãa do Doutor Franciſco Fernandez Galvaõ; mas em differente mal. Dera huma queda, de que eſtroncou hum pé, com tanta força, e danno, que naõ foy poderoſa pera ſe levantar per ſy, donde cahio. Em braços a levaraõ á cella as Religioſas; foy huma dellas a Madre Soror Iſabel, que trouxe logo as ſuas Roſas; e viſto o pé eſtava todo negro, e inchado, e as dores eraõ immenſas. Pozlhe com ſua maõ, e bençaõ o em-

empraſto ſanto, foy ſaude do Ceo: Porque amanheceo ſem dor, e ſem inchaçaõ; e nos nervos, e em todo pé tanta firmeza, como quando mais ſãa eſtava.

Naõ ficou entre as paredes do Moſteiro a fama da Botica, e remedios de Soror Iſabel, ſempre tinha que curar fóra, como dentro delle, e vinhaõ a ella, como a fonte, e ſaude certa, e medicamento, que a todo mal ſervia: contentandoſe os de fóra, porque naõ avia Roſas pera todos, com agoa que dava dellas. Hum criado do Viſconde de Villa Nova de Cerveira de huma forte doença chegou a eſtar ungido. Naõ faltou quem naquelle ponto lhe lembrou a Botica Santa da vizinhança: mandouſe valer della, meteu na boca humas folhas das Roſas bentas, e foyas maſtigando, como pode, como ſe com ellas lhe viera a vida, aſſi foy entrando, e tornando em ſy. E teve logo ſaude. A meſma recebeo em perigoſo ponto huma vizinha do Moſteiro, molher de Alexandre de Souſa. Baſtaõ pera matar poucas horas de dores do parto: Ella avia tres dias inteiros, que morria dellas. No momento que lhe acudiraõ com as Roſas, naõ foy ſó parir com facilidade, mas quaſi reſuſcitar.

Tantas foraõ as maravilhas, que as Roſas bentas obraraõ polo meyo, e mãos de Soror Iſabel, que ſe o Moſteiro naõ tivera a Invocaçaõ da Roſa, ou do Roſario, deſda hora, que por Dona Joanna d'Atayde foy fundado, puderamos dizer, que dellas lhe naſcera o nome. Mas ſendo muitas, e grandes, as que eſta Senhora faz por toda a parte; parece, que ſe ha por mais obrigada neſte ſitio, como logo veremos, depois que dermos fim á vida de ſua boa devota Soror Iſabel. Contaõſe della, pera teſtemunho do que valia diante de Deos, alguns caſos notaveis. Foy hum, que adoecendo gravemente certa Religioſa, lhe deu hum paynel, que tinha de Noſſa Senhora, retrato da que em Roma chamaõ do Populo, e ſe tem, que foy obra, e maõ de S. Lucas. Mas era a condiçaõ de Retro declarando a doente, que em caſo, que naõ morreſſe, queria, que o paynel lhe tornaſſe. Eſtendeuſe a doença longos dias, e Soror Iſabel foyſe affeiçoando á pintura, e como todas as ſemelhantes tem grande peſo, e hum certo ar, que muito obriga a devaçaõ: fazia conta, que achara pera ſua Alma hum theſouro. Aſſi eſtava continuamente em Oraçaõ diante della: E polo goſto, que tinha de a poſſuir, naõ deixava paſſar dia ſem fazer inſtancia pola ſaude de quem lha dera. Sendo ouvida como Santa, ſarou a que fora doente, e conſeguintemente requereo a ſua pintura. Naõ a podia negar Soror Iſabel lembrada do partido, nem podia acabar conſigo deſpegarſe della. Porque naõ era menos largalla, que arrancar, e dar o coraçaõ. Deua em fim, porque naõ podia encontrar o concerto: Mas tal era o pranto, que fazia, tantas as lagrimas, que com ſaudade da Santa Imagem diffundia, que outra Religioſa ſua vizinha, como era amada de todas, lhe levou huma, que tinha da Senhora do Roſario, de naõ menos boa maõ, que a do Populo, conſolandoa, que alli tinha a meſma Senhora, inda

que

que naõ foſſe o meſmo nome. Era Soror Iſabel huma pomba em ſingeleza, aceitou as razoens, e a Imagem; e contaõ, que todo o reſto da noite gaſtou em fazer diante della piadoſas queixas, do muito que lhe cuſtara o apartamento da outra. Paſſada meya noite ſoou na cella, da que fora doente, hum temeroſo eſtrondo com aballos de toda a caſa, e tal tremor de terra, que os vizinhos do Moſteiro ſe levantaraõ das camas com medo: E a Freira deſpavorida, entendendo o que poderia ſer, amanheceo na cella de Soror Iſabel com o ſeu paynel, que levara: e dizem, que a achou de joelhos diante do outro. Alli pedindolhe muitos perdoens da culpa, que naõ tinha, lho tornou a entregar. E porque o naõ aceitou, como durava o terror do que ſentia de noite, naõ ſe atreveo a levallo conſigo: foyſe a hum Altar do Coro, depoſitouo nelle, e ahi eſtá até hoje.

Sendo muito velha, e enferma, ſuccedeo, que huma Madre, por nome Soror Coſma de S. Dinis, que tinha ſeu leito longe della, eſpertou huma noite a hum rogido, que ſentio no bocaſſi, que faz parede, e diviſaõ entre os leitos: E ficando cheas de medo, e o ſono perdido, tornou a ſentir de novo pés pola eſteira, que tinha ao longo da cama, e logo bateremlhe na porta. Aqui naõ ouve, ſenaõ levantar a voz, e chamar por Jeſus com medo, e juntamente perguntar, quem batia, e que queria. Naõ tinha Soror Coſma muito eſperto o ſentido do ouvir, mas pareceolhe, que ouvira: Vay a Iſabel da Cruz. Fezlhe coraçaõ o nome da velha Santa, e teveo pera ſe levantar, e acender candea, e hir viſitalla: E foy taõ a tempo, que a achou com hum trabalhoſo accidente, e tal que a velha lhe dizia: Deos vos trouxe cá; perto eſtava de acabar, ſe tardareis; mas bem ſabia eu, que me naõ avia de deſemparar a minha Senhora do Roſario, dando graça a alguem, que me acudiſſe. Seguio eſtas palavras, prometendo a Soror Coſma de fazer Oraçaõ a noſſa Senhora, que valeſſe a huma ſua Irmãa ſecular em huma cauſa, que era publico trazia em mãos da Juſtiça: E valeulhe alcançar brevemente ſentença por ſy.

Viveo Soror Iſabel longos annos. E como noſſa idade, quando ſe eſtende muito, vem a remedar hum circulo, que acaba por onde começou: aſſi lhe aconteceo, que nos ultimos dous annos da vida tornou aos da infancia, e na ſimplicidade, com que ficou, naõ era mais, que huma minina de peito; como o fora toda a vida na innocencia, nem ſe ſabia veſtir, nem pedir de comer, nem ſabia dizer outra couſa mais, que a Oraçaõ da Ave Maria, que dizia com boa pronunciaçaõ, e ſem errar palavra. Aſſi foy ſua morte, como de huma criancinha, ou de hum paſſarinho: E pera ſe provar, o que eſtá eſcrito, que o Reyno dos Ceos he dos piquininos, e mininos, acudiraõ Anjos a levalla a elles com Alleluyas: Porque ao tempo, que a bendita Alma ſe ſoltava das miſerias da carne, foy ouvida por muitas Religioſas huma ſuave armonia de vozes acompanhadas de inſtrumentos de Rabiquinha, e Arpa, que parecia Matth.

ſoar

ſoar por detraz donde a Santa velha jazia. Fez eſpanto a Muſica, naõ queriaõ crer myſterios, foraõ, por ver onde ſeria, viraõ, perguntaraõ, mandaraõ á rua: Em fim naõ ſe vio, nem appareceo ſinal de canto humano, nem a hora era pera iſſo, e ficaraõ aſſentando, que buſcavaõ Anjos do Ceo, a quem o era da terra.

Com ſemelhantes exequias, e com teſtemunho de toda eſta Communidade deixou a vida mortal muitos annos depois a Madre Soror Brittes da Cruz: Mas com eſta differença, que Soror Iſabel foy ſeguida da Muſica, e Soror Brittes anticipada. E a ſemelhança do tranſito nos obriga ajuntallas ambas, inda que temos outras, que precedem a Soror Bittes em antiguidade; de que logo avemos de tratar. Tinha eſta Madre muitos mezes de doente, e andava fraca, mas naõ ſe lhe temia fim apreſſado. Eſtava na caſa de lavor, e acabava de jantar com bom ſabor, eis que lhe fere nas orelhas huma voz, cantando com ſuavidade, e graça, e acompanhada doutras. Eraõ horas, que eſtava a Communidade no Refeitorio: e a Freira imaginando, que ſeria exercicio da Cantora mór com ſuas diſcipulas no Coro, diſſe pera a Madre Maria da Cruz ſua tia, que a acompanhava: *Muito madruga eſta Madre a eſtudar.* Tem a caſa de lavor tribuna ſobre o Coro. Quiz a tia fechar as portas: Naõ conſentio a doente, dizendo, que ſeria eſcandolo. Precedeo a Muſica de ſorte, que foy ouvida das Madres, que ſahiaõ do Refeitorio, e notada com grande eſpanto, por verem, que ſahiaõ todas juntas da meſa, e que naõ avia em caſa, quem aſſi pudeſſe cantar. Quando foraõ duas horas depois do meyo dia, pouco mais, começou a doente a tuſſir, que era parte de ſeu mal: E foylhe acudindo ſangue á boca, e creſcendo com tanta abundancia, que em breve eſpaço a deixou afogada. Soubeſe, que depois que a defunta na noite antes ouvira as meſmas vozes, e da meſma parte do Coro, e todas as Religioſas ſabiaõ, que, com ſer moça, fazia huma vida toda entregue a Deos, e que de proximo tinha dado principio com grande fervor a duas Confrarias, huma do Santiſſimo Sacramento, e outra de Noſſa Senhora. Era eſta Madre filha de Luis de Britto, e de Dona Ines de Lima, per quem entrou na Caſa dos Brittos o Viſcondado de Villa Nova de Cerveira. Foy ſua morte em dezanove de Julho do anno de 1622. a tempo que quem iſto eſcrevia, ſe achava na Cidade: E ſendo ſabedor das particularidades referidas, fez logo diligencia com a Prioreza, que era entaõ a Madre Soror Anna da Madre de Deos, e por letra ſua conſtou o que temos contado.

A Madre Soror Brittes da Cruz.

CAPITULO V.

Das Madres Soror Guiomar da Trindade, Soror Catharina do Eſpirito Santo, Soror Brittes da Reſurreiçaõ, Soror Maria dos Santos, Soror Cuſtodia de Jeſus, e Soror Magdalena da Sylva.

A Madre Soror Guiomar da Trindade era muito nobre no mundo, mas muito mais ſimples

A Madre Soror Guiomar da Trindade.

ples d'Alma pera as couſas delle: E tanto que veſtio o Santo Habito, ſua vida, e goſto era, eſtar ſempre pegada com o Altar da Santiſſima Trindade, com quem tinha tanta devaçaõ, que naõ entendia, nem ſabia entender em outra couſa: E por ſua ſingeleſa naõ tomava bem, que na ſua Antifona ſe diſſeſſe: *Et nunc, & in perpetuum*: Senaõ: *Et ſemper, in perpetuum.* Faleceo Alma innocente muitos annos ha: E ficou em memoria, que na hora, em que acabou, ſendo já alta noite, ſe vio pouco antes, que o ſino fizeſſe final, ſubia do Moſteiro pera o Ceo huma nuvem muito clara, naõ avendo outra no Ceo. E huns ſeculares vizinhos, que a viraõ, e notaraõ, vieraõ pola manhãa contar o caſo no Moſteiro, perguntando juntamente com curioſidade, quem fora a defunta.

A Madre Soror Catharina do Eſpirito Santo.

Como naõ avia de ſer Santa a Madre Catharina do Eſpirito Santo, ſe tinha por Irmaõ, e eſpelho pera ſe compor de toda a virtude o Santo Arcebiſpo de Braga, Primás das Eſpanhas, Dom Fr. Bartholameu dos Martyres? Irmaõ era ſeu de pay, e mãy eſte famoſo Varaõ: E ella taõ parecida com elle em todas as partes de bom Eſpirito, e principalmente na virtude da humildade, que toda a vida ſe preſou de ſervir a Caſa, naõ ſó como Freira do Coro, que era, mas como qualquer ſervidora das mais humildes. Contaſe della, que eſtava taõ acreditada entre as mais Religioſas, que padeciaõ qualquer trabalho eſpiritual, ou temporal, que acudiaõ a pedirlhe ſuas Oraçoens com confiança, e naõ ſó em negocios proprios, mas tambem nos de ſeus parentes, e conhecidos; e pera todos achavaõ nella conſolaçaõ, e remedio. Viveo muitos annos, e acabou como Santa em boa velhice.

A Madre Soror Brittes da Reſurreiçaõ.

Na morte da Madre Soror Brittes da Reſurreiçaõ vio eſta Communidade hum caſo nunqua ouvido. Curouſe na cella, em quanto lhe durou o mal, de que faleceo, que foy Ar de Parleſia: Porque naõ conſentiraõ os Medicos, que ſahiſſe della, quando lhe deu. E avendo de paſſar pera a ſepultura por tres lanços do Dormitorio, tantas foraõ as Freiras, que apareceraõ no acompanhamento, que eſtava já a Cruz no Coro debaixo, e o corpo começava a ſahir da cella. E o que mais eſpantava, era, que hiaõ juntas, e apertadas deſorte, que ſe requeriaõ humas ás outras, que andaſſem; e como era ſabido, que todas, as que avia na Caſa, cabiaõ folgadamente em hum ſó lanço do Dormitorio, paſmavaõ de ver, que enchiaõ agora tres lanços, ſem hir a Prociſſaõ em nenhuma parte quebrada. O caſo foy certo; mas como podia acontecer, naõ ſe alcançou por entaõ. A gente pia conjecturava, que permitira aquelle Senhor, cuja benigniſſima condiçaõ naõ deixa nenhuma boa obra ſem premio, que todas as Almas, que daquella Caſa tinhaõ ſobido ao Ceo, vinhaõ acompanhar, e levar conſigo huma, que de todos os Santos do Paraiſo era por extremo devota. Fundavaõſe pera iſto, alem do prodigio, que por ſeus olhos alcançaraõ neſte dia, em terem viſto na defunta por todo o diſcurſo de ſua vida huma rara pureza de conſciencia, e hum Eſpiri-

to

to taõ dado a ſervir, e venerar todos os Santos, que a Igreja celebra, ſem exceiçaõ de nenhum; que por toda a roda do anno ſua occupaçaõ era buſcar as Imagens de cada hum, e enramallas de flores em ſeu dia: E quando outra couſa naõ avia, com hervas cheiroſas, e ramos verdes. Em particular diſpendia toda huma tença, que tinha, em celebrar a feſta do Bom Jeſus, quando a furto da Mãy bendita em idade de doze annos ſe deixou ficar em Jeruſalem, e ella o buſcou deſconſolada, e teve por perdido tres dias. E ſobre tudo era taõ devota de ſua Sagrada Paixaõ, que a toda a hora, que nella fallava, ou ouvia fallar, ſe desfazia em lagrimas.

A Madre Soror Maria dos Santos.

Vinte, e dous annos avia, que fora enterrada a Madre Maria dos Santos, quando abrindoſe a ſua cova, e dando o official com hum caixaõ, foy apartando a terra, e desfazendoſe as taboas de podres, apareceo a oſſada, ſobre a taboa do fundo inteira, e junta, ſem aver parte ſeparada, e no peſcoço della hum Roſario de pao, infiadas as contas em ſeda; o qual ſendo viſto por todas as Madres, ſaõ, e inteiro, onde tudo o mais eſtava conſumido, foy levado polo Coveiro com tanto alvoroço, como ſe achara theſouro, com que remedear ſua pobreza. Lembrou entaõ a muitas, que merecia o Roſario, por de quem fora a maravilha da conſervaçaõ, e a eſtima de quem o achara. Porque Soror Maria ſobre grandes partes de virtude, fora dotada de huma taõ deſacoſtumada humildade, e manſidaõ, que com ninguem ſe ſabia indinar; e acontecendo fallaremlhe palavras deſcompoſtas, era ſua repoſta cozer a boca com ſilencio conſtante. E ſe avia quem queria acudir por ella, ſentiao em tanto gráo, que com os joelhos em terra, pedia, que a naõ defendeſſem, nem eſcandalizaſſem a quem a tratava mal, affirmando de ſy, ſer taõ má, que ainda merecia ouvir peores couſas.

Naõ ſe puderaõ crer, nem dizer os extremos da charidade da Madre Cuſtodia de Jeſus, ſenaõ tiveramos por teſtemunha della toda eſta Communidade. Em toda era ſabido, e notorio, que tudo, quanto tinha, dava por amor de Deos; e que ſe lhe acontecia ir á roda, e achar pobres de fóra, tornava pera a cella ſem lenço, e ſem gibaõ, e muitas vezes ſem çapatas. Aſſi andava ſempre falta do neceſſario, polos empregos que fazia. Veyo a adoecer de hum mal vagaroſo, que a teve muitos tempos em cama, e ſempre cercada de dores do corpo, e affliçoens do Eſpirito. Paſſava todas com muito animo, queixandoſe ſó com huma Imagem da Virgem noſſa Senhora, que tinha defronte do leyto, a quem com grande affecto pedia, que a levaſſe pera ſy, e foſſe pera acabar conſolada em hum dia ſeu. Vieraõ os Medicos hum dia d'Agoſto, paſſada a Aſſumpçaõ da Virgem, e achandoa muito enfraquecida, mandaraõ, que foſſe ungida. Tanto ſe alegrou com a nova, como outrem fizera com certeza de vida. E dizendolhe huma amiga, que todavia tinha aquella alegria hum defeito, que era ſer paſſado o dia de noſſa Senhora: Replicou ella, que

A Madre Soror Cuſtodia de Jeſus.

como

como a Senhora tinha Oitavario, tudo lhe vinha a huma conta: E aſſi aconteceo, que veyo a falecer em dia de S. Bernardo, que he dentro da Oitava.

A Madre D. Magdalena da Sylva.

A Madre Dona Magdalena da Sylva, Irmãa de Fernaõ da Sylva, que foy Regedor da Caſa da Supplicaçaõ, e Vedor da Fazenda, era taõ penitente, que em qualquer parte, que ſe achava ſó, ſe açoutava deſpiedadamente. E quando o quintal eſtava cheyo de ortigas mais creſcidas, ſe lançava nellas com grande Eſpirito, á imitaçaõ do que o Glorioſo S. Bento fazia nos tojos. Adoeceo, e eſtava no cabo, e com termos feitos de quem morria. Liaſelhe neſte ponto a Payxaõ, e ouvindo o paſſo da bofetada, com eſtar pera eſpirar, levantou a maõ, e deixoua cahir ſobre o roſto com ar, e geito, de quem dezejava forças, pera vingar em ſy a afronta do Bom Jeſus. Em tal reputaçaõ eſtava entre as Religioſas, que tanto que acabou, cortaraõ a correa que trazia cingida, e a repartiraõ entre ſy, como reliquia de Santa.

CAPITULO VI.

Em que ſe referem alguns milagroſos effeitos do Santo Roſario: e outras particularidades deſte Moſteiro.

MUito ſe encomenda aos noſſos Prégadores, que daquella hora, que gaſtaõ no Pulpito, dem ſempre huma piquena parte aos louvores do Santo Roſario, contándo algum milagre dos muitos, com que a Senhora delle nos honra, e enche os livros. Determinado eſtou, ſem ſer Prégador de Pulpito, naõ deixar nenhum dos que encontrar polo diſcurſo deſta Hiſtoria. E pois ategora fuy eſcrevendo os que ſe offereceraõ na Primeira, e Segunda Parte della, neſte Moſteiro, que do Roſario tem o nome, ſe nos dobra a obrigaçaõ, pera dizermos de melhor vontade os que nelle acharmos. E ſeja aqui primeiro, o que ſe vio, poucos annos há, na ſepultura da Madre Soror Iſabel da Piedade ſobrinha do P. M. Fr. Luis de Sottomayor. Tinha comido a terra, e o tempo tudo, quanto com ella ſe ſoterrou, e deixado os oſſos ſecos. Achouſe ſó com elles o Roſario, que levara ao peſcoço infiado em hum ſeu cordaõ de ſeda leonada. Ouveo á maõ huma Madre, que affirma rezou por elle muito tempo; porque nem tinha corrupçaõ na infiadura, nem na madeira das contas, ao meſmo modo do que ſe achou com os oſſos da Madre Maria dos Santos, ſegundo pouco ha contamos.

No anno de 1622. polo mez de Mayo padeceo eſta Cidade hum ameaço de fome, que, ſe durara tempo, aſſi como paſſou depreſſa por miſericordia do Senhor, pudera ficar aſſolada. Era a conjunçaõ a meſma, para que os ambicioſos ſe guardaõ. Hiaõ tirando o trigo pouco a pouco, e pondolhe o preço, como queriaõ. Porque ninguem duvidava na moeda, como pudeſſe alcançar os alqueires, que avia miſter. Como corria com eſta miudeſa, e o povo era muito, e junto a buſcallo (porque ha muita gente, que naõ compra mais, que o que ha miſter pera cada ſemana) era grande o concurſo,

ſo, grande a grita, e aperto: E chegou o negocio a termos, que hum Procurador da Cidade repartia o que avia aos alqueires, e meyos alqueires; e valia a ſinco, e ſeis toſtoens o alqueire: E aconteceo, que ouve muitas caſas grandes, e honradas, que polo naõ poderem alcançar por ſeu dinheiro, comeraõ alguns dias a carne, e o peixe ſem paõ: E do povo começaraõ a morrer alguns miſeraveis á pura fome. Em taõ forte conjunçaõ naõ ſe achou eſte Moſteiro com mais, que dezaſeis ſacos de farinha, em que avia noventa, e ſeis alqueires: e he de ſaber, que ſe comiaõ cada ſemana ſetenta, e dous. Porque ſe dava raçaõ continua de jantar a cento, e tres peſſoas, e de cea a ſeſſenta, e tres. Porque as quarenta ſe contentavaõ com receber a dinheiro o paõ da cea. E com tudo eſtes dezaſeis ſacos ſupriraõ ſinco ſemanas com eſpanto a toda eſta familia. Quem fez eſta maravilha, foy a Sagrada Virgem do Roſario. Corria a fama do aperto geral, temiaſe mayor: Naõ avia lugar de providencia humana, acudiuſe á Divina. Fez conta a celeireira que em caſa, que poſſuia o nome da Senhora do Roſario; e onde cada dia ſe viaõ milagres ſeus, confiadamente ſe podia lançar nos braços de ſua miſericordia. Tinha ſempre hum Roſario na boca de cada ſaco; e outro na arca da farinha: E aſſi paſſou a caſa na falta geral, ſem ſentir nenhuma; caſo, que por publico, e prodigioſo, ſe pudera pera gloria de Deos authenticar.

Mas naõ fará iſto muito eſpanto, a quem com attençaõ conſiderar, o que agora contaremos, que he couſa de freſco ſuccedida. Com ſeu Roſario na maõ, porque tinha parte por cumprir, foy buſcar a quietaçaõ da cama a Madre Soror Franciſca de S. Jeronymo, e pera rezar no fim, como coſtumava, o Evangelho de S. Joaõ, que naõ ſabia de côr, poz ſobre o traviceiro humas voltas de rolo aceſo; mas tudo foy hum, encoſtar a cabeça, e cahir em ſono: Ou que o tiveſſe de natureza, ou que o acarretaſſe o trabalho do dia. E foy taõ profundo, que ardeu o rolo, e o fogo correo pola ronpa da cama, e ſubio ao lençol, que lhe fazia emparo, e ſobreceo, abraſando tudo, e defumando a parede, ſem nunqua acordar: Até que a lavareda lhe deu na maõ, e lha queimou de maneira, que ficou toda empollada. Entaõ eſpertou, fugindo o ſono com a dor. E acudindo a Communidade, viraõ feito em cinza tudo, quanto cubria o leito; e ſó acharaõ ſaõ, e ſalvo o Roſario, que era de paõ ſeco, e o Evangelho, que eſtava em papel.

Guarda a Senhora eſta ſua Caſa, naõ ſó do fogo da terra, que outra vez ſuccedeo pegarſe de noite no leito da Madre Soror Anna da Madre de Deos, que foy Prioreza: E podendo fazer muito damno, apagarſe por ſy, ſem ninguem lhe acudir: mas tambem doutro mais temeroſo, que he o do Ceo. No anno de 1592. em vinte ſete de Setembro cahio hum rayo neſta Caſa, deu no Campanario, deſceo abaixo pola eſcada da caſa de lavor, tomou polo Antecoro, e entrando no Coro, 1592.

varou

varou pola grade fóra, e foyſe ſumir no pé de hum Altar da Igreja, em que entaõ eſtava huma Imagem de Santa Barbora: Ficaraõ ſinaes no Campanario, que hoje duraõ, e no Antecoro, onde eſtá huma Imagem de Noſſa Senhora da Conceiçaõ: Chamuſcoulhe os cabellos, e cegou humas letras do nicho, em que eſtava. Na grade paſſou por ſima da cabeça de huma Religioſa, que nella ſe achou, com tanta vizinhança, que lançou maõ aos toucados, parecendolhe, que ardiaõ, e da pedraria, que de fóra faz guarniçaõ á grade, levou hum pedaço, que bem teſtemunha a força, com que vinha, e a obediencia, que teve em naõ fazer danno de conſideraçaõ.

Reſtanos pera concluirmos com eſte Moſteiro fazer agradecida memoria de hum grande bemfeitor delle, que foy o Padre Gonçalo d'Andrade de Gamboa, Conego na Sé deſta Cidade. Era eſte Padre nobre por naſcimento, e por grande exemplo de virtude. Tendo bom patrimonio, alem do rendimento do ſeu Beneficio, diſpendia pouco conſigo, e muito, e muy liberalmente em obras de charidade: E a eſta Caſa acudia nas neceſſidades com grande largueza. Porque tinha noticia da obſervancia, com que nella ſe vivia, por meyo da Madre Soror Cuſtodia de Jeſus ſua ſobrinha, de quem atraz fallamos. Daqui naſceo, que vindo a fallecer inſtituio por ſuas univerſaes herdeiras as Religioſas, nomeando logo nellas hum caſal de ſeis moyos de renda, e hum padraõ de juro de trinta, e dous mil reis: E ordenou, que a mais fazenda, que poſſuia, lograſſe hum ſobrinho ſeu em vida, pera tornar por ſua morte ao Moſteiro. E como verdadeiro liberal, naõ quiz ajuntar peſos de obrigaçoens, ao que deu, como faz muita gente, até em dadivas curtas. Nem pedio ſuffragios certos pera a Alma, nem lugar determinado pera o Corpo, deixando tudo na corteſia das Religioſas, e foy obrigallas mais: Porque polo meſmo caſo puzeraõ em pratica darlhe a Capella Mór, que eſtava livre, e deſembaraçada deſdo tempo, que tinhaõ tirado della os oſſos de Joaõ de Souſa Fidalgo honrado, que vulgarmente era chamado na Corte o Lazeira. Os quaes tiraraõ; porque ſeus herdeiros tardavaõ em acudir com a eſmolla, que a tal jazigo era devida. E tendo determinado darlha, mudaraõ conſelho. Porque ſobre certo inconveniente de deſgoſto, que ſuccedeo, acharaõ, que pera herança taõ grande, e extraordinaria, ficavaõ pouco agradecidas, ſe aquelle defunto naõ achaſſe tambem nellas hum novo, e deſacoſtumado genero de gaſalhado. Deraõ conta ao Prelado, e com ſua licença foy ſepultado dentro no Clauſtro, ou Clauſura em huma Capella, onde ſe enterraõ as Religioſas. Enterro de tanta dignidade, que vendoo elle em vida, hum dia que fazendoſe obras entrou com o Prior de Lisboa dentro, ſe lhe ouviraõ eſtas palavras, com lagrimas de devaçaõ: *Quem fora taõ ditoſo, que alcançara ſepultura aos pés deſtes Anjos.* Foy genero de profecia o dito, e paga de ſua grande bondade, e Eſpirito o feito. Porque o que

dezejou como Varaõ Eſpiritual, e devoto vivendo, e naõ pedia por cortes, e comedido, veyo a alcançar, quando lhe faltou a voz, e a vida, pera o requerer. A fazenda, que o Moſteiro ha de aver por morte do ſobrinho, ſaõ humas caſas na Porta do Mar, que rendem ſeſſenta mil reis, e huma quinta junto a Odivellas, onde chamaõ Val de Deos, e outros tres caſaes.

Suſtenta hoje eſte Moſteiro, que começou com treze Freiras, cento, e tantas molheres de portas a dentro entre Freiras de Veo preto, Converſas, Noviças, e moças de ſerviço.

Na Igreja ha huma Confraria da invocaçaõ de Noſſa Senhora do Emparo, bem provida de prata, e ornamentos: O ſerviço eſtá á conta dos mancebos, que aſſiſtem nella, com cuidado, e devaçaõ, e fazem ſua feſta por Setembro.

CAPITULO VII.

De huma prodigioſa calamidade, ſuccedida na Ilha de S. Miguel; manifeſtada antes de ſuccedida por hum Religioſo de S. Domingos.

HOrrendo, e poucas vezes viſto ſucceſſo temos pera eſte Capitulo; horrendo pela qualidade delle, e muito mais por ſer anteviſto, prégado, e notificado por hum Religioſo. Obrigame a eſcrevello o Prégador, que o notificou, e a terra, em que ſuccedeo. A terra, por ſer da juriſdiçaõ, e parte do Reyno de Portugal; o Pregador, porque foy Dominico: Porque a razaõ, e titulo deſta obra, em que vamos trabalhando, tanto tempo ha, eſtá pedindo, que naõ nos fique por dizer nada, de quanto entre nós acharmos de honra da Ordem. Entre as Ilhas dos Açores, que por outro nome ſe chamaõ Terceiras, e jazem no mar Atlantico em diſtancia da Coſta de Portugal de duzentas, e oitenta legoas, he maior de todas, e mais rica, a que tem nome de S. Miguel. Foy deſcuberta, como as mais, por mandado do Infante, e Meſtre da Ordem de Chriſto, D. Henrique filho d'elRey D. Joaõ I. e povoada com a diligencia, e braço de hum valente, e induſtrioſo criado ſeu; cujos deſcendentes do appellido de Camara poſſuem hoje o melhor della; entre muito boas Villas, que a Ilha tem, ſaõ Senhores da que em ſitio, e nobreza faz ventagem a todas. Chamaõlhe Villa Franca do Campo. Florecia eſta Villa pelos annos do Senhor de 1522. em numero, e opu- 1522.
lencia de moradores, abaſtados de tudo, o que a vida humana eſtima, bons edificios, trato rico, muitos, bons, e baratos mantimentos; mas acontecialhe, o que de ordinario vemos na abundancia dos bens temporaes, que he, naõ ſó deſcuidarmonos de dar graças a Deos, que delles he Autor; ſenaõ juntarmos a eſte deſcuido muitos vicios, e offenſas ſuas. Aportara na Ilha, avia alguns mezes, hum Religioſo da Ordem de S. Domingos, cujo naſcimento, e patria era Caſtella, e o nome Frey Affonſo de Toledo. Diziaſe, que era chegado em ſangue aos Duques d'Alva: e porque ſuccedera acharſe nas alteraçoens, que o povo por eſte tempo levantou em ſua patria

com

com nome de Communidades, o deſgoſto dellas o fizera buſcar no mar a quietaçaõ, que faltava na terra. Embarcouſe no primeiro navio, que achou (naõ nos conſta em que porto) quiçá, que o levava a imaginaçaõ a querer deſcançar nas Ilhas Fortunadas, de que nos tempos paſſados ſe contavaõ tantas boas venturas, como ſeu nome promete. Ou ordenava o Senhor, que ſem ſaber, nem determinar pera onde hia, foſſe pera aquella Ilha outro Jonas com Nineve; e quaſi o foy polos meſmos paſſos. Entrando na terra, foy o primeiro lugar Ponte Delgada, que hoje tem titulo de Cidade, e he cabeça da Ilha; entaõ era Villa de pouco nome. Paſſou a outras, notou em todas fortuna grande, e vida delicioſa com huma corrente de proſperidades nunqua viſta. Como tinha viſto, e lido muito, naõ lhe pareceo eſtado ſeguro pera gente Chriſtãa. Soube logo, que naſcia daquellas boas venturas arder toda a Ilha em deſtemperança de gulla, e devacidaõ de luxuria; temeulhe grande caſtigo, e começou a propor com fervor a doutrina Evangelica, eſtranhar os vicios em commum, louvar a virtude, confirmar com exemplos, e provas das Letras Sagradas o bem deſta, e o mal daquelles. Mas ferindolhe cada dia ás orelhas novas diſſoluçoens de todo o genero de gente, e mais particularmente dos mais ricos, e poderoſos, que eraõ os moradores de Villa Franca, amoeſtava, inſtava, reprehendia, goſtava, e ameaçava com caſtigos do Ceo, que julgava, naõ poderem tardar, onde tudo eſtava taõ eſquecido delle. Procedendo aſſi ſem deſcançar, e vendo os homens ſurdos, mais que Aſpides, pera os bons conſelhos; como o peito, e voz do Prégador Evangelico coſtuma a ſer orgaõ do Eſpirito Santo, inflamouſe hum dia, e ou foſſe, que Deos naquella hora lhe revelaſſe, ou que ſeu entendimento o tiraſſe por bom diſcurſo, viſtos os muitos peccados da terra, e a pouca emenda delles; levantou a voz como hum trovaõ, e apontando com a maõ, e olhos pera os montes, que tinha defronte, rompeo neſtas palavras: Que ha de ſer Chriſtãos? A huma voz de Jonas, que ameaçou caſtigo, fez penitencia huma Cidade inteira de Gentios: E ſendo tamanha Cidade, que tomava terra de tres dias de caminho, em toda ella naõ ficou homem deſdo Rey até o piaõ, que ſenaõ veſtiſſe de ſaco, e cubriſſe a cabeça de cinza: E em terra de gente fiel, e Portugueza naõ movem, nem penetraõ, nem fazem hum piqueno aballo neſſes coraçoens os brados do Santo Evangelho, que cada dia ouvis deſte Pulpito. Acudiráõ, vos affirmo, as criaturas irracionaes pola honra de Deos, pois as que tem uſo de razaõ, e vivem dos Sacramentos da Igreja, lhe naõ tem o reſpeito, que devem: aquellas ſerras vingaraõ ſuas injurias, aquellas ſerras, digo, ſe naõ mudais brevemente a vida, aſſolaráõ eſta Ilha, e ſoverteráõ huma Villa. Acabou encommendando com encarecimento, que fizeſſem penitencia, e Oraçoens, pedindo a Deos miſericordia, que era ſó o remedio de eſcapar á ſua juſta indinaçaõ: E dizem, que fez juntar o povo, e

fazer

fazer algumas Prociſſoens, que acompanhava. Paſſou a fama da Prégaçaõ, e ameaços a Villa Franca: devia parecer aos ricos, e poderoſos, que era tudo contra elles. E foy permiſſaõ Divina, pera naõ deſviarem o caſtigo, que naõ ſó ſe naõ rendetaõ, nem tornaraõ ſobre ſy, com algum genero de emenda, imitando aquelles, de quem diz o Profeta: *Audite audientes, & nolite intelligere, videte viſionem, & nolite cognoſcere.* Mas ouve muitos, que ſe deraõ por eſcandalizados, dizendo, que ſendo Chriſtãos, os levara pola medida dos Gentios: Outros foraõ com queixas ao Ouvidor do Eccleſiaſtico, que o mandaſſe caſtigar; e tal avia, que punha em pratica lançaremno da terra, como charlataõ. E tanto fizeraõ, que o Ouvidor o mandou notificar com rigor, que apareceſſe em Villa Franca, e em ſua caſa a certo dia. Aſſi accendia tudo a ira Divina, e dava preſſa ás ſetas de ſua juſtiça. Achamos, que foy Frey Alonſo a Villa Franca, chamado da primeira vez em 17. de Outubro deſte anno, em que vamos, de 1522. Fezlhe o Ouvidor preguntas, donde ſabia, o que affirmava prégando? Reſponde, que de certo nenhuma couſa ſabia, nem elle era merecedor de ter revelaçoens do Ceo: Mas que as regras da prudencia, e o que lia nas Hiſtorias Sagradas, e doutrina dos Santos, o faziaõ temer, ou antes ter por certo algum grande, e extraordinario caſtigo naquella Ilha. Porque via peccados geraes, e publicos correrem á redea ſolta, e naõ via final nenhum de emenda, nem penitencia. Naõ achou o Ouvidor em que pegar, com repoſta ſingella deſpedio o Frade. Porém já neſte tempo a Divina Bondade, que naõ quer, que pereça o peccador, ſenaõ que ſe arrependa, e viva, tinha declarado ſua determinaçaõ com novo genero de profecia, pondoa na lingoa dos mininos innocentes. Eſcrito eſtá, que por boca dos taes deſcobre Deos ſuas verdades, e manifeſta a perfeiçaõ de ſeus louvores. Por certo ſe affirma, que juntos em bandos os mininos de Villa Franca diziaõ a huma voz, que eſtava perto hum diluvio, fim de todos, e de tudo. Era a voz temeroſa, davalhe credito a innocencia. Ouve alguns taõ ſizudos, que os fez auzentar da Villa o terror della; mas os mais, que deviaõ cuidar procedia tudo da Prégaçaõ de Frey Alonſo, fizeraõ inſtancia com o Ouvidor, que o tornaſſe a chamar, e inquirir de novo: E avendo taõ poucos dias, que andara o caminho de Ponta Delgada a Villa Franca, foy mandado aparecer outra vez aos vinte hum do mez. Mas entretanto reynava tamanha cegueira na triſte terra, que em lugar de porem os olhos no Ceo, e pedirem miſericordia, era lingoagem commua, apelidaremſe os amigos, e compadres com a voz dos antigos Epicureos: Comamos bem, pois avemos de acabar ſedo, aproveitemonos dos noſſos capoens cevados, morreremos fartos. Obedeceo o Frade ao ſegundo mandado Eccleſiaſtico, chegou ſobre tarde (ſaõ quatro legoas de diſtancia de hum lugar ao outro) á caſa do Ouvidor no dia apontado de 21. do mez de Outubro. Quiz entrar,

Iſaiæ. 6.

1522.

Matth.

Pſalm.

Tull.

trar, mandoulhe dizer o Ouvidor, que no dia ſeguinte o ouviria; e elle tornou palavras formaes ao criado: Diz o Senhor Ouvidor, que á manhãa me falará; e eu lhe digo, que pois agora naõ quer, que póde, á manhãa, ſe quizer, por ventura naõ poderá. Palavras foraõ eſtas, que o calamitoſo ſucceſſo, que as ſeguio, e verificou logo, deu occaſiaõ a ficarem pera ſempre, como impreſſas em bronze, na memoria dos moradores da Ilha; com quanto Fr. Alonſo fallando depois algumas vezes na materia, nunqua confeſſou, que as diſſera affirmativamente; ou foſſe por ſua modeſtia, ou porque na verdade lhe naõ communicara Deos ao entendimento a profecia, que lhe poz na lingoa.

CAPITULO VIII.

Deſcreveſe o ſitio, que a Villa tinha, e o modo, porque ficou ſovertida.

ESTava aſſentada Villa Franca em huma fermoſa chãa, donde devia tomar o nome, que tem do Campo ao longo de huma Ribeira, que corre da ſerra, que chamaõ o Pico do Rabaçal; ficavalhe a ſerra ao Norte em diſtancia de meya legoa, e a ribeira lavava a Villa da parte do Ponente, fazendo diviſaõ a hum piqueno arrebalde, que avia na outra margem. Neſte ſe recolheo Frey Alonſo pera paſſar a noite. Cerrouſe o dia com tempo claro, e quieto. Entrou huma noite, qual prometera o dia, ſerena, e ſem vento, Ceo eſtrellado, e por toda a parte deſaſombrado de nuvens, e tal continuou até quaſi ás duas depois da meya noite. Neſte ponto, que he quando por toda a parte eſtá o ſono mais ſenhor de toda a criatura, e com maior ſuavidade prende, engana, e enlea os ſentidos, pera alivio, e reparo da vida: Eis que começa a moverſe a terra com huns aballos, e ſacudimentos taõ impetuoſos, e taõ apreſſados, que ſe naõ vem mayores nas agoas do mar, quando ſaõ combatidas de tormenta de ventos: Aſſi ſe abanava a huma parte, e outra, aſſi ſoavaõ roncos medonhos, que naõ ameaça menos huma couſa, e outra, que quererſe deſatar, e ſoverter no mar toda a Ilha. Durou eſta tempeſtade taõ pouco eſpaço, que naõ paſſou de hum Credo, e eſſe baſtou pera deixar aſſolada, e ſumida debaixo da terra, com quaſi todos ſeus moradores, a mais ſoberba, rica, e populoſa Villa de todas eſtas Ilhas, e qual naõ avia em muitas partes de Eſpanha. Moſtrou a luz do dia o miſeravel eſtrago: Como aconteceo nas Cidades infames de Paleſtina, que apoz o fogo do Ceo, ficaraõ num momento cubertas de mar, e agoa, ſem mais ſe ver final, nem raſto de edificios: Aſſi deſapareceo Villa Franca o dia de quarta feira, vinte dous do mez; obrando nella o tremor, e a terra, o meſmo que nellas tinha feito o fogo, e agoa. Foy o caſo, que a furia do terremoto derrocou todo genero de edificio, ſem ficar caſa em pé, ſervindo a ruina de primeiro inſtrumento de morte, e ſepultura na força do ſono a ſeus donos. E logo, porque naõ eſcapaſſe nada, quebrou com a meſma força do tremor, e deſpegou das fraldas do Pico,

Pico, que diſſemos tinha ao Norte, huma montanha inteira de terra, lodo, e penedia, que como levada á maõ, correo ſobre a Villa, e a cubrio toda até o mar, e até lançar no porto grandes penedos, que hoje ſe vem delle. Em fim, o terremoto affolou, e o monte ſepultou tudo, o que era Villa, de ſorte que ficou toda hum campo raſo, ſem final de caſa, nem povoaçaõ (grande poder do Altiſſimo) ſó da ribeira pera a parte do Poente, onde era o arrabalde, como eraõ as caſas baixas, e piquenas, foy menos o danno do tremor. Porque ainda que cahiraõ humas, e outras, ficaraõ eſtroncadas, eſcapou a gente, que ſeriaõ até ſetenta Almas, e ficou em pé com ellas huma Ermida de Santa Catharina. Valeulhes, pera naõ perecerem caſas, e homens, que o impeto da terra, que arrebentou do Pico, tomou ſeu caminho, como ſe fora mandado ſobre a Villa, e ao longo da ribeira, ſem torcer pera o arrebalde: E tal foy o que na Ilha chamaõ o diluvio de Villa Franca.

Mas como o terremoto combateu, e aballou geralmente toda a Ilha: Aſſi naõ ouve lugar em toda ella, que ficaſſe izento de trabalho, e lagrimas, e cahiraõ muitas caſas. Em algumas acabaraõ Familias inteiras, e naõ ouve Igreja grande, que ficaſſe em pé. Acudiraõ pola manhãa os poucos, que tinhaõ eſcapado no arrebalde, a ver, conſiderar, e prantear a ſepultura de ſeus naturaes; e lembrados tarde das Santas amoeſtaçoens do Prégador, foraõ demandallo, palmados, e cheyos de medo, e como eſperando o juizo final. Trocou elle a lingoagem, e os termos, que uſava antes do trabalho: começou a conſolar, aliviar, e prometer da parte de Deos grandes miſericordias: E pera penhor dellas ordenou duas couſas, que logo tiveraõ effeito: e ambas duraõ hoje em dia. Foy a primeira, tomarem por Advogada de toda a Ilha, a Virgem puriſſima do Roſario, e levantaremlhe huma caſa, que ſe fez com as mãos, e trabalho de todos os preſentes em breves dias. A ſegunda foy fazeremlhe voto de acudirem a ella todas as quartas feiras com Prociſſaõ, e Miſſa, em memoria daquella quarta feira, que a tanta gente junta foy a ultima da vida.

Grandes deſaventuras ſe contaõ, que fizeraõ o dia infeliciſſimo neſte lugar, e por toda a Ilha. Mas naõ nos toca a relaçaõ. Acharaſe eſta noite em huma quinta, por ſua boa ventura, e merce de Deos, o Senhor da Villa, e Capitaõ da Ilha, Ruy Gonſalves da Camara. Acudio com a preſſa, que he de crer; e achando a Villa ſovertida, e com ella hum ſumptuoſo apozento, em que vivia, a primeira couſa, em que entendeo, como pio, e virtuoſo, foy hir com as Reliquias do povo em huma devota Prociſſaõ ao lugar da Igreja Matriz, que fora hum magnifico Templo, da Invocaçaõ do Anchanjo S. Miguel de pouco acabado; e cavando todos contra o ſitio, em que fora a Capella mór, procurou deſcubrir o Sacrario do Santiſſimo Sacramento. Foy achado o Sacrario; porém deu nova occaſiaõ de pranto, grita, e lagrimas;

grimas; porque ſe achou dentro o cofre, em que coſtumaõ eſtar as ſagradas Hoſtias, e eſtando inteiro, e ſó aberto de fechadura, e ſem mais danno, que huma piqnena laſca fora, vioſe naõ ter em ſy couſa alguma, ſinal claro de mayor miſeria de todas: Pois o era de ſe auſentar delles, e os deixar o Senhor do Ceo, e da terra. Indicios ouve, e ſe contaraõ, com que o meſmo Senhor quiz manifeſtar mais eſta auzencia, e que as fez levar polos Anjos a outra Igreja da Ilha. Porque ſe bem todas foraõ arruinadas, em nenhuma ficou Sacrario enterrado. O Capitaõ Ruy Gonſalves da Camara perdeo na Villa toda ſua Familia, que era muito grande, e nella dous filhos, e duas filhas, e huma irmãa, ſem eſcapar de toda, mais que a parte, que conſigo levara á quinta, que foy ſua molher Dona Filippa Coutinha, irmãa de Dom Fernaõ Coutinho, avô de quem iſto eſcrevia, e ſeu filho ſegundo Manoel da Camara, que era minino, e depois lhe ſuccedeo no Eſtado, e foy pay de Ruy Gonſalves da Camara, primeiro Conde de Villa Franca. Eſta relaçaõ colhemos de outra mais larga, e digna de ſe ver, que vimos em maõ do Licenciado Manoel Severim de Faria, Chantre da Santa Sé d'Evora, que com muita curioſidade, e occupaçaõ virtuoſa vay fazendo theſouro de antiguidades. Nella achamos, que foy o numero dos que acabaraõ na Villa, e nos mais lugares da Ilha neſte dia, ſinco mil Almas, e naõ falta quem meta neſta conta os que matou a peſte, que no anno ſeguinte correo por toda a Ilha; mas naõ parece, que dizem bem.

Occaſiaõ nos dá eſte ſucceſſo de fazer aqui huma breve lembrança de outro quaſi ſemelhante nos medos, e no prodigio; ſe bem menos danoſo nos effeitos, que neſtes annos proximos foy viſto em huma Cidade povoada de Portuguezes, e por elles fundada na India Oriental. Porque na verdade, como tudo o que por maõ de Religioſos ſe eſcreve, traga conſigo obrigaçaõ de ſer pera enſino, e doutrina, e ſó a fim de perſuadir os Chriſtãos ao Amor, e temor de Deos; mormente a tempo, que taõ pouco ſe caſtiga a ſoltura, com que os meſmos Chriſtãos ſe daõ a compor livros de ocioſidade, peſte delicioſa, e invencivel, e veneno pernicioſiſſimo pera as Almas, e em tempo, que os Hereges com as armas materiaes ſe conjuraõ por toda a parte contra eſte torraõ de Eſpanha, e ſeu eſtado, juſto he que ponhamos os olhos nas ſignificaçoens, que o meſmo Senhor nos vay fazendo de ſua ira; pera que nos demos preſſa a fugir della com verdadeira converſaõ, e aborrecimento dos peccados, que he ſó o que elle, como miſericordioſo, quer de nós, ſegundo o que eſtá eſcrito: *Ut fugiat a facie arcus.* Pſalm. 59. He nobre povoaçaõ na Coſta de Canbaya, naõ muito longe donde o famoſo rio Indo miſtura ſuas agoas com as do Occeano, a Cidade, e Fortaleza de Baçaim, terra rica por trato, e por grande ao mar, já povoada de muitas aldeas com abundancia de palmares, que ſaõ arvores de mais proveitos, que quantas criou a Natureza, com

hortas freſcas, e rendoſas, que fazem os moradores mais ricos. Viviaſe nella polos annos do Senhor de 1618. com queixa de todos os bons, que avia diſſoluçaõ notavel de coſtumes, a que ſe juntava falta de juſtiça, nos que tinhaõ obrigaçaõ de a fazer. Quiz o Senhor fazer huma lembrança com caſtigo de pay, que uſa de vara com o filho mimoſo, naõ pera matar, ſenaõ pera encaminhar. E foy aſſi, que tomou por meyo hum eſpantoſo furacaõ de chuva, e vento, que mudando rumos, deſdas dez horas do dia de huma terça feira dezaſete de Mayo até noyte, e por toda a noite até ás quatro horas da manhãa ſeguinte; e creſcendo em braveza, qual nunqua de memoria de homens ſe tinha viſto naquellas partes, nem por mar, nem por terra, deixou feita laſtimoſiſſima deſtruiçaõ. Naõ ficou na Cidade Moſteiro, nem caſa particular, que naõ vieſſe ao chaõ, ou padeceſſe graviſſimo danno. No campo naõ ficou arvore em pé, os palmares deſtruidos, as hortas perdidas, as aldeas aſſoladas. Tanto foy o mal, e taõ geral, que ouve muitos homens, que tiveraõ de perda a dous, e tres mil cruzados de renda, e em toda a Cidade, e deſtrito della naõ ouve particular, que deixaſſe de ter ſeu açoute, e muito que ſentir, e que chorar. E foy opiniaõ commua, que naõ fora, nem podia ſer couſa natural o impeto, e furia da tempeſtade, e o mal, que deixou na terra: Antes fora obra verdadeira dos Eſpiritos Infernaes. E naõ faltaraõ ſinaes, e viſoens de gente de credito, que o confirmaraõ. Foy bom argumento, que toda a agoa da chuva deſte dia, e noite, vinha contaminada de ſal, e juntamente fedor de ſorte, que a pura, e doce dos tanques pola communicaçaõ ſe naõ pode beber, nem ſofrer em muitos dias. Tambem ſe vio couſa, que ſó maõ Infernal podia fazer: Acharaõſe telhas cravadas em troncos de palmeiras, e em paredes de pedra, e cal. Mas o Pay Omnipotente uſando de ſua immenſa Bondade, como noutro tempo fez com o Santo Job, naõ conſentio, que ſendo o mal tamanho nas fazendas, paſſaſſe a tocar nas peſſoas. Provouſe iſto largamente, porque ſendo a ruina dos edificios geral com deſacordo, e confuſaõ em todo genero de gente, quaſi naõ ouve morte nenhuma: O que parece impoſſivel ſucceder, ſem particular ordem Divina. Notouſe, que ficaraõ perdidas, e arruinadas na Cidade, e ſeu deſtrito, que contamos deſda ponta de Bombaim até Agaçaim, trinta, e ſinco Igrejas, quinze de S. Franciſco, ſete da Companhia de Jeſus, ſinco de Clerigos, tres de S. Domingos, duas de Santo Agoſtinho. Caſo pera conſiderar, e diſcurſar com attençaõ; e muito pera ſentir, e temer. Porque ſe ajuntou fazer a tormenta a meſma bataria contra todas as Cruzes, que avia nas praças, campos, e eſtradas, com tanta violencia, que naõ ſó as de madeira derribou, ou quebrou; mas muitas de pedra taõ cravadas, e bem aſſentadas em ſeus fundamentos, que nenhum poder de tempeſtade natural as podia deſcompor. E porque digamos tudo, e demos graças a Deos, cahindo tantas

Igre-

Igrejas, em nenhuma ouve indecencia nos Sacrarios do Santiſſimo Sacramento: E quebrandoſe muitas Imagens dos Santos por todos os Templos, nas da Virgem Noſſa Senhora naõ ouve alguma conſideravel. Mas he muito de eſtimar, e digno de ficar em memoria o grande cuidado, devaçaõ, e piedade Chriſtãa, com que acudiraõ a pedir miſericordia, e aplacar a ira Divina todas as Religioens, Communidades Eccleſiaſticas, e Povo; naõ ſó nas terras que padeceraõ o açoute; mas em todas as mais Cidades da India, e eſpecialmente em Goa, e Cochim. Foraõ de muita edificaçaõ as Oraçoens, e Prociſſoens publicas, as penitencias geraes, e particulares, que ſe fizeraõ.

CAPITULO IX.

Fundaçaõ do Moſteiro de S. Joaõ de Setuval.

A Via em tempos antigos no Termo de Setuval, alem do Valle que chamaõ de Santas, huma Ermida da vocaçaõ de S. Joaõ Bautiſta, a que o povo acudia com devaçaõ, e romagem: Porém como eſtava longe de povoado entre pinhaes, e junto de marinhas de ſal, ſitio de ſi mal aſſombrado, e pouco ſádio, pareceo, que eſtaria o Santo em mais decencia, e huma Confraria, que na Ermida tinhaõ os homens do mar, e peſcadores, hiria em mayor creſcimento, ſe a trouxeſſem pera a vizinhança da Villa. Concordaraõ na mudança Confrades, e moradores: Tomaraõlhe ſitio pera nova caſa no meyo das hortas, entre o chaõ do Sapal, e a eſtrada, que corre pera Evora. He particularidade deſte Santo trazer alegria com ſuas feſtas, como lhe foy pronoſticado em ſeu naſcimento. Naõ ſe póde crer facilmente o alvoroço, com que a terra toda ſe ajuntou a começar o edificio. Acudiraõ homens, e molheres nobres, e plebeos, naõ ſe tinha por honrado, nem por devoto, quem naõ tomava ſobre os hombros algum material, pera o chegar aos officiaes; ſoando entre os ſerviços cantares, e follias. Succedeo eſtar na Villa o Meſtre Dom Jorge, Senhor della, eſtimou a devaçaõ do povo, e quiz honrala com ſua preſença. Acudiaõ todos os dias, elle, e a Duqueza Dona Brittes ſua molher, naõ ſó a ver; mas tambem ajudar, e ter parte na obra. A meſma Duqueza com ſuas Damas, e toda a mais Familia tinha por goſto pôr as mãos nas pedras, e lançallas nos ceſtos, e padiolas dos officiaes. Era iſto polos annos do Redemptor de 1515. 1515.

Acabada a Ermida, e trazida a Imagem do Santo; foy o Senhor Dom Jorge cuidando, como a povoaçaõ hia em notavel creſcimento de moradores convidados das groſſuras das peſcarias, e commercio grande de Eſtrangeiros, que acodem a levar o ſal, e peſcado, que ſeria grande nobreza da Villa, ſe a dous Moſteiros, que já tinha de Frades, e Freiras de S. Franciſco, juntaſſe outro de S. Domingos. Vivia na Serra d'Azeitaõ; communicava com goſto os Frades do noſſo Convento; e tinha entre elles ſeu Confeſſor: Aſſentou por ſeu meyo, que aceitaſſe a Ordem pera fundar

hum Moſteiro a Ermida novamente levantada. Ouve dilaçoens, e paſſaraõ annos; porque foy neceſſario conſentimento da Camara, e povo. Veyo o Meſtre a paſſar ſua carta de doaçaõ no anno de 1520. Cujo tresladó he o ſeguinte. 1520.

NOs o Meſtre de Santiago, e de Aviz, Duque de Coimbra, &c. Faço ſaber a vós Juizes, Vereadores, Officiaes, e Homens bons da noſſa Villa de Setuval, e a quaeſquer outros, a que o caſo pertencer, que conſiderando nós o creſcimento, em que a dita Villa vay. E com a ajuda de noſſo Senhor vay em caminho pera em poucos annos creſcer em muita mais quantidade de vizinhos, e moradores della; e pera por noſſa parte ajudarmos ao nobrecimento della: E vendo, que nella ha dous Moſteiros, hum de S. Franciſco, e outro de Jeſus, e que ſerá muita honra, e nobrecimento da Villa, aver nella outro Moſteiro de Frades da Ordem de S. Domingos. Porque alem da devaçaõ, que as peſſoas na dita Ordem tem, ſaõ Religioſos muy proveitoſos, pera com ſuas Prégaçoens trazerem á gente o bom viver. Polo que a Nós praz darmos, como de feito damos, a Ermida, que ſe hora novamente fez, de S. Joaõ, que he na eſtrada, que vay pera Evora, á dita Religiaõ, e Ordem de S. Domingos; pera que na dita Ermida edifiquem, e façaõ hum Moſteiro de Frades da dita Ordem. O que aſſi fazemos, polo ſentirmos por ſerviço de noſſo Senhor, e honra, e nobrecimento da dita Villa. E os Religioſos da dita Ordem poderaõ cada hora, e quando lhes bem vier, edificar, e fazer na dita Ermida o dito Moſteiro. E por guarda, e firmeza dello, lhes paſſamos eſta noſſa carta: E queremos, que valha, e ſe guarde, como ſe foſſe paſſada pola noſſa Chancellaria. Feito em noſſa Senhora d'Azeitaõ, a vinte de Junho de 1520. Diogo Coelho o fez.

Eſta doaçaõ, e hum Alvará da licença d'elRey Dom Manoel, e certidaõ de conſentimento da Camara apreſentou Frey Lourenço da Cruz, Prior d'Azeitaõ, e Confeſſor da Duqueza, no Capitulo Provincial, que ſe celebrou em Elvas no anno de 1521. Em que per minha conta foy eleito ſegunda vez em Provincial o bom velho Frey Joaõ de Braga. Nelle ſe deu cargo de principiar o Convento ao Padre Frey Gaſpar d'Alcacer, que chegando á Villa com ſeu companheiro Frey 1521.

Anto-

Antonio Mendes, Irmaõ Converſo, ordenou hum pobre gaſalhado: No qual por entaõ, e alguns annos depois reſidiraõ elle, e ſeus ſucceſſores com titulo de Vigarios, ſuſtentados com eſmollas, que o Irmaõ Frey Antonio pedia polas portas com ſacola ás coſtas.

Corriaõ os annos, e o Convento com tanto goſto decretado naõ ſó naõ corria; mas nem ainda começava. Eſta tardança junta com as alteraçoens, que a mudança dos tempos vay cauſando nos animos dos homens, deu occaſiaõ ao Meſtre pera lançar maõ de outra traça, que lhe pareceo mais conveniente á ſua Familia, e naõ deſacomodada pera a noſſa Ordem. Tinha a caſa chea de filhos, e filhas, que hiaõ creſcendo, julgou que podia dar vida ás filhas, ſem as tirar de caſa, ſe na terra, de que era Senhor, lhes deſſe gaſalhado, o que ficaria conſeguindo, ſe lhe fizeſſe de Freiras o Moſteiro, que offerecera pera Frades. Poz o negocio em pratica. Naõ ſe podia negar nada a hum Principe, e tal que ſe ſabia fazer Senhor dos animos com brandura, e liberdade, virtudes verdadeiramente Reaes. Aſſi foy de novo propoſto, e aceitado pera Freiras no Capitulo do anno de 1525. o meſmo, que no de 1521. fora propoſto, e aceitado pera Frades. E veyo a ſucceder, ficarem juntamente ſem effeito duas caſas, que com grande vontade ſe tinhaõ dado, e recebido pera Frades. E foy a outra depois deſta de Setuval, huma, que ſe nos offereceo na Cidade de Cinis, junto ao Reyno do Algarve. Dava Jorge Furtado, Fidalgo honrado, o ſitio, e boa eſmolla de dinheiro cada anno, em quanto duraſſe a fabrica. Sendo approvado tudo, ouve contradiçaõ, naſceraõ inconvenientes; desfezſe o trato.

He grande couſa tocarem os negocios em intereſſe proprio de quem os maneja, pera eſpertar diligencia. Naõ ha animo taõ livre, que deixe de ſe inclinar, e ás vezes ſogeitar a huma commodidade. Eſta foy a cauſa, que o Moſteiro, que quaſi eſtava eſquecido, em quanto era pera Frades, na hora que ouve reſoluçaõ em ſer de Freiras, e pera o fim, que temos dito, procedeo com tanto cuidado, que dentro de quatro annos eſteve em perfeiçaõ de tudo, quanto convinha, pera poder dar principio á Religiaõ, e Clauſura. Por dia do Santo Bautiſta em vinte quatro de Junho de 1529. entraraõ nelle com grande alegria do Meſtre, e Duqueza, e de toda a terra ſete Religioſas do Moſteiro de Jeſus d'Aveiro, que vinhaõ pera fundadoras, cujos nomes, parece razaõ naõ ficarem eſquecidos. Eraõ Soror Maria de Noronha, Soror Maria Pinheira, Soror Iſabel de Quadros, Soror Iſabel Sodré, Soror Brittes Pereira, Soror Maria Juzarte, Soror Brittes Ferrás. Naõ quizeraõ o Meſtre, e Duqueza, que ficaſſe pera mais longe a entrada de ſuas filhas no Moſteiro, que fora o fim, pera que o fundaraõ. No meſmo dia entregaraõ tres á Religiaõ, e com ellas tres Primas ſuas, filhas de huma Irmãa da Duqueza, Condeſſa de Portalegre. Foy dia eſte de grande triunfo da Religiaõ, por ſerem as tres, netas d'el- 1529.

d'elRey Dom Joaõ II. polo pay: E todas ſeis deſcendentes de Reys a poucos paſſos ; polas mãys , que eraõ filhas do Senhor Dom Alvaro, Irmaõ do Duque de Bragança. Dura huma tradiçaõ, que lhes fez a Duqueza neſte paſſo huma pratica com tanto Eſpirito, e piedade Chriſtãa , que enchia de devaçaõ ás Noviças, e de eſpanto ás Freiras velhas: e até os Prégadores, que aſſiſtiraõ no acto, confundio , repreſentandoſelhes , que viaõ reveſtido nella hum Santo Aguſtinho. Fora boa ventura , e bom exemplo pera as Princeſas, que hoje vivem, que a tiveramos eſtendidamente, como paſſou. Diremos alguma couſa das particularidades, que entaõ ficaraõ celebradas. Mas ſerá tudo pobre, e frio, pois lhe ha de faltar o Eſpirito de quem as diſſe, que lhes devia dar a vida, e alma, que aos noſſos Frades admirou. Foy primeiro ponto, lembrarlhes , e mandarlhes , que daquella hora em diante naõ qúizeſſem , nem conſentiſſem ſer tratadas com os titulos , que por filhas de ſeus pays, e netas de ſeus avós uſavaõ no mundo. Que pois mereceraõ a Deos taõ boas venturas , como eſcolhellas pera ſy, e tirallas do lodo da terra , nenhuma couſa della deviaõ querer levar conſigo; mudavaſe a vida, mudaſſemſe os goſtos della. Senhorias, vaidades, opiniaõ, era farinha do Egypto. Quem pertendia lograr o Manna celeſtial da Religiaõ, deſde logo as avia de deixar ; lembrandoſe que os filhos de Iſrael nunqua alcançaraõ aquelle paſto milagroſo do Ceo, ſenaõ depois que de todo ſe acharaõ deſpejados do que tinhaõ trazido conſigo da má terra dos Egypcios. E naõ queria, que aceitaſſem eſte conſelho por outra razaõ, ſenaõ pola meſma de grandeza, e brio. De ruſtico era notado , quem entrando no Paço naõ guardava os eſtilos delle: Se he verdade, como he, que o Paço do Rey da gloria he qualquer Religiaõ bem ornada, mais teria de grande, e de bem entendida quem ſe ſoubeſſe aventajar nos pontos, que nelle ſe eſtimavaõ. A honra mayor (dizia) da Caſa de Deos he, de quem nella mais ſe abate, aſſi nos ficou dito por boca do Redemptor. Será logo melhor coſtume na Religiaõ aquelle , que menos ſe parecer com os da terra. Senhoria he titulo vaõ, e falſo; porque ninguem he Senhor, ſenaõ Deos; nem nomeado ha de ſer entre vós. Nem ainda hum Dom aveis de ſofrer , que todavia acena profanidade. Troqueſe a ſenhoria em hum fallar do bom tempo de noſſos paſſados, que até os Reys tratavaõ com hum vós. Troqueſe o Dom no termo ſingello, e amigo de Soror, que he o meſmo que irmãa, em que todas as Caſas mais obſervantes confirmaõ : E por iſſo creſce nellas a virtude, e ſerviço de Deos. Eſta igualdade, filhas minhas, ha de fazer, que ſejais amadas: a ſuperioridade cria odio. E quem deſtas grades pera dentro naõ profeſſa fugir das mentiras, e deſconcertos do mundo, e quizer manter vãagloria de eſtado, inda que naõ ſeja mais, que na ſombra, e nome, tenha por certo, que cahirá naquella maldiçaõ, que eſtá publica contra os que caminhaõ por duas eſtradas

pera

pera hum ſó fim; por triſtes, e deſventurados os canoniza a Eſcritura Santa. Mal dizem brocados com cilicio, mal aſſenta ſoberba de titulos com Cruz ás coſtas. Façavos eſtimadas a maior modeſtia, a maior manſidaõ, a mais profunda humildade. Só pera eſtes effeitos ſirva a lembrança do ſangue Real, que obriga a eſmerar mais no que he de mais valia. Quanto mais, que toda a boa razaõ repugnará, confeſſardeſvos todas por filhas de hum meſmo pay; que he o Padre S. Domingos; e da meſma mãy, que he ſua Religiaõ Sagrada, e naõ ſerdes irmãas em tudo. E ſe iſto ha de ſer nos nomes, e titulos, que ſaõ ſó aparencias, e ſombras, muito mais convem, que ſeja na ſuſtancia das couſas. Irmãas quero que ſejais das mais humildes, e mais piquenas da Caſa, em todo o trato, e em todo o ſerviço, na cama, na meſa, e em tudo o mais: Primeiras ao entrar no Coro, e lançar maõ dos exercicios trabalhoſos; derradeiras em o deixar. Na meſa naõ aceiteis mimo, nem differença do que ſe der em commum, porque como o profeſſar vida monaſtica he enterrar, ſe quizerdes na comida ter ventagem, podervoshaõ dizer, que vos ſepultaſtes á Mouriſca, ou á Gentilica, com banquetes na cova. O meſmo digo da cama. Naõ vos peſe de ſer aſpera; e dura; que ſe aquelle ſe ha de contar por bom ſervo, a quem o Senhor, quando vier, achar eſperto, e vigiando; bem he, que o meſmo leito ſeja tal, que vos obrigue a pouco ſono, e a levantar, e fugir delle. Pera iſto vos lembre, filhas, que como deixais minha caſa, pera povoar a de S. Domingos, aſſi ſahio antigamente da ſua pera Meſopotamia o Santo Jacob. E na hora, que largou os mimos da mãy, que o dezejava grande, e avantajado na herança, e ſe vio quando veyo a noite, eſtirado ſobre a terra nua, o Ceo por manta, huma pedra por cabeceira, entaõ lhe acudio Deos com extraordinarios favores, e miſterioſas viſoens. Rematou a Duqueza depois de outras couſas, affirmando, que ſe alguma obrigaçaõ lhe tinhaõ polas gerar grandes no mundo, agora lhe deviaõ mais, porque as punha em eſtado de ſerem grandes na Corte do Ceo. O que podiaõ ter por ſem duvida, como ſe governaſſem polos meyos, que alli tinhaõ ouvido.

Sap.

CAPITULO X.

Da eſtreiteza, e bom governo, com que ſe procedia neſte Moſteiro: E da riguroſa vida, e Santos fins de algumas Religioſas delle.

SEgundo a Duqueza era dotada de alto entendimento, fora dita, ſe pudera aſſiſtir com eſtas Madres. Porque nenhum governo puderaõ ter mais eſſencial pera o Eſpirito, nem ainda pera o temporal, com quanto ſabemos das Fundadoras, que foraõ todas eſcolhidas, por peſſoas de grande talento pera tudo, vioſe em muitas couſas eſte dom natural da Duqueza. Diremos huma ſó, por abreviar. Muito deſcobre do peito humano, o que pronuncia a boca: Mas a pedra de toque verdadeira, ſaõ as obras. Cheas eſtaõ

as

as praças de gente, que falla bem; mas faltas de quem obre. Muito eſtudo na pratica, igual deſcuido das obras. Eſta Senhora naõ era menos prudente, e attentada no que fazia, que aviſada no que fallava. Sendo o Moſteiro ſeu por tantas vias, por nora de Rey, por Senhora da Villa, e por filha de ſeu pay, muy poucas vezes entrava na Clauſura. E quando lhe acontecia entrar, a companhia, que levava, era ſó de duas Donas; e eſtas naõ conſentia, que paſſaſem do Clauſtro; dando por razaõ, que naõ ſerviaõ mais as entradas das molheres ſeculares nos Moſteiros, que de cauſar inquietaçaõ de animos, contando novas do mundo muito eſcuſadas, hiſtorias, e ſucceſſos indignos de entrarem nas orelhas de gente dedicada a Deos. Ao que ſe juntava, julgarem mal da palavra, que eſcapa á ſimples Freira, com ſingeleza, ou deſcuido: E ſobre tudo darem occaſiaõ a aver faltas no Officio Divino, com as ceremonias de contemporizar com as que entraõ; e com a viſta de louçainhas, e trajos cuſtoſos reſuſcitarem penſamentos vãos, e lembranças das ſebolas do Egypto, nas que lhe tinhaõ perdido a ſaudade com a continuaçaõ do encerramento. Eſtimey achar taõ acertado juizo, e em peſſoa de tanta qualidade. Eſcrevoo de boa vontade, pera confuſaõ da força, por naõ dizer tentaçaõ, com que hoje ſe procura entre as Senhoras d'Eſtado, terem os Moſteiros das Freiras a ſeu mandar, naõ perdoando a diligencias, e grandes gaſtos, por alcançarem Reſcritos de Roma, ſó pera quebrarem a Santa Clauſura: Que ſe bem o conſideraraõ, outra tanta força ouveraõ de fazer pola ſuſtentar, e manter.

Como as Fundadoras traziaõ as leys, e coſtumes de ſua Caſa d'Aveiro, taõ apontada em todas as partes da Religiaõ, como atraz deixamos eſcrito; foy eſta criaçaõ, e principio em tudo ſemelhante áquella eſcolla; e ajudava muito conſiderar, que tinhaõ perto, e como por ſobrerolda, a Duqueza de huma parte, e da outra hum Moſteiro da Primeira Regra de S. Franciſco, em todas as idades mui reformado. Aſſi era de ver o cuidado de acudir ao Coro, a devaçaõ com que ſe aſſiſtia nelle; o aturar do ſilencio, a continuaçaõ das diſciplinas, o rigor dos jejuns. Iſto era das portas a dentro. Das portas a fora nenhum trato, mais que o forçado em commum pera remedio da ſuſtentaçaõ; que ſe eſte ſe pudera eſcuſar, fora poſſivel cuidarſe, que naõ encerravaõ aquellas paredes gente viva; mas foy deſgraça pera tudo, e cauſa de ſe atalhár em parte a corrente de taõ bons principios o ſitio da Caſa. Naõ ſe advertio ao tempo, que ſe começou o edificio, que era o lugar baixo, e apaulado: Como entrava o Outono, ferviaõ, e apodreciaõ com a força do Sol aquelles charcos, que a cercaõ, e lançavaõ de ſy peſtilenciaes vapores. E como o Ar he o mantimento mais contino do corpo humano, cauſaraõ fortes doenças. As primeiras, em que fizeraõ mais impreſſaõ, foraõ as Fundadoras; criadas em outro Ceo deſde mininas, ſentiraõ logo a differença, adoeceraõ todas humas traz outras: E paſſaraõ tanto mal, que naõ

ſe

ſe atrevendo a aturar a Caſa, pediraõ licença ao Meſtre, pera ſe tornarem á ſua: E porque ſe lhe dilatava, proveraõſe de hum Breve de Roma, com que alguns annos depois ſe foraõ as mais. Do anno naõ conſta preciſamente; ſó ſabemos, que obrigada a Duqueza de ſua auzencia, e naõ querendo, que faltaſſem Meſtras da doutrina ſanta; foy em peſſoa no anno de 1538. a Montemor o Novo, e levando licença dos Prelados trouxe conſigo quatro Religioſas do Moſteiro, que alli tem a Ordem: E eſtas foraõ continuando a boa criaçaõ começada, que importou tanto com os bons fundamentos, que eſtavaõ lançados, que produzio ſogeitos de abalizada virtude. Diremos de alguns.

A Madre SororMaria Magdalena.

Foy pedra fundamental, e primeira deſte Santo edificio a Madre Soror Maria Magdalena; que aſſi ſe quiz chamar a primeira das tres filhas do Meſtre de Santiago. Aſſi lhe aſſentaraõ no entendimento as ſantas admoeſtaçoens da Mãy, aſſi ſe aplicou de vontade a toda a doutrina ſagrada da Religiaõ, que ſahio hum eſpelho della. A ſua humildade competia com a das mais abatidas ſervidoras; tendo muito de todas as mais virtudes, deſta foy principalmente louvada. Porque ſe as ſervidoras trabalhavaõ, ella naõ deſcançava; ſe traſiaõ os Habitos rotos, ella por ſuas mãos lhos remendava: E com tanto goſto, como ſe ſó naſcera pera alfayata de pobres: E por ſenaõ differençar dellas, ſempre, o que trazia, era velho, e remendado. Na Oraçaõ, e exercicios de penitencia igualava todas, as que mais ſe aventajavaõ nelles. Começoulhe Deos a pagar, como todas as ſuas ſe adiantaõ em tempo, e preço aos merecimentos humanos, na hora que os bons tem por principio de deſcanço, que he a morte. Eſtando naquelle temeroſo paſſo, moſtroulhe hum grande arco triumfal, enramado das mais bellas, e mais freſcas boninas, que criaõ Abril, e Mayo, e acompanhado de grande numero de Donzellas de fermoſura peregrina em geſto, e trajos, como que a eſperavaõ pera entrarem com ella no triumfo da Gloria, que merecera com a perfeita guarda da pureza, cujo ſimbolo ſaõ as flores, e com a vitoria dos Eſtados, e mundo, que deixara; que ſó aos illuſtres vencedores ſe levantaõ arcos. Iſto foy penhor do bem que a eſperava, ſó moſtrado a ſeus olhos, e declarado por ella a ſeu Confeſſor. Mas na hora da ſepultura, que foy no Coro debaixo no enterro, que os Succeſſores do Meſtre alli tem, vio a Communinade toda claros ſinaes, de que eſtava já de poſſe do premio, e da vitoria, em huma luz, que ſahia daquelles membros defuntos, taõ extraordinaria, que vencia a das tochas, e brandoens, e até no tecto da caſa, e por tudo fazia huma manifeſta differença.

SororAntonia dos Anjos.

Naõ quizeraõ ſer inferiores a Soror Maria Magdalena nenhuma das tres primas filhas do Conde de Portalegre. Sendo todas tres Irmãas, quanto ao naſcimento, e pola Religiaõ, qne juntas profeſſaraõ; muito mais o foraõ no Amor da Cruz de Chriſto. Chamavaſe a mais velha Soror Antonia dos An-

jos, como eſtava na Caſa de Deos, quiz imitar os ſeus Anjos, com obedecer, e naõ mandar; ſervir ſempre, e naõ governar nunqua. Aſſi naõ ſe pode acabar com ella já mais, que aceitaſſe officio de Prelada, eſtando ſempre pronta, e offerecida pera todos os humildes da Communidade. Ficaraõ em lembrança alguns exercicios penoſos, que uſava, porque eraõ publicos. Secretos ſe entendia que fazia muitos, e de mais trabalho. Jejuava toda a roda do anno, ſem aliviar hum ſó dia. Todos os Domingos depois das Matinas do Coro rezava o Officio inteiro da Santiſſima Trindade. E porque he mortificaçaõ particular das molheres, por muitas vias naõ uſar chapins, determinouſe a andar em çapatos, e aſſi perſeverou toda a vida. Acontecendolhe acompanhar huma Religioſa moça, e muito penitente, que morria com grandes ſinaes de predeſtinaçaõ, abrazouſe em fogo de ſanta inveja de hum ſemelhante fim; e levantando a voz com vehemencia, Arrebataõnos (dizia) o Ceo eſtas cachopas á força de braço, e violencias: Correm, e chegaõ a alcançar o pallio, quaſi antes de terem idade pera correr; e nós molheres creſcidas, e com forças inteiras andamos cercadas de frouxidoens, eſperando a velhice pera merecer com dilaçaõ de annos, o que ellas ſabem grangear, e ganhar com arremeſſos de valor, e eſforço. Ah quem pudera quebrar as prizoens, quem voara, e ſe fora já deſcançar, como eſta! Deraõ ſinal os olhos com caladas lagrimas, que requeriaõ dezejos dentro n'Alma, o que a boca pronunciava. Naõ ſe vio, nem ſe lhe ouvio mais que iſto, nem ſe ſabe, o que naquelle tempo mais ſentio. Mas parece, que foy ouvida no Ceo. Porque deſdo ponto, que a moça acabou, entrou ella em aparelho de morrer, como ſe na morte alhea lhe fora revelada a ſua: E aſſi o créraõ todas. Teve o aparelho muito que eſtimar, e muito, que eſpantar; porque era acompanhado de hum alvoroço, e alegria continua, pedindo parabens a todas do tranſito, que tinha á viſta, e entre jubilos, e gozo acabou brevemente.

Soror Anna da Conceiçaõ.

Foy a ſegunda Irmãa Soror Anna da Conceiçaõ, que mereceo entre as Religioſas o fermoſo nome de Mãy de pobres. Porque aſſi ſe abrazava em dezejos de os remediar, e aſſi lhes acudia com tudo aquillo, a que ſua poſſibilidade abrangia, como ſe todos foraõ ſeus filhos. Habito ſe lhe naõ vio nunqua veſtido, ſenaõ velho, e roto. O novo trocava, tanto que o recebia, com algum velho, por officio de charidade, e juntamente humildade. Porque do officio, e obras de humilde ſe agradava tanto, que depois de fazer dezaſeis annos o officio de Prioreza, aſſi tornou a ſervir os mais humildes da Communidade, como ſe entaõ começara a ſer Noviça. E naõ he razaõ, que nos paſſe por alto, pera confuſaõ da ſoberba humana, o que ſe conta della neſte particular. Ficou em memoria, que com muito goſto ſe aſſentava entre as ſervidoras da cozinha, ajudandoas a eſcamar o peixe. Naõ podia faltar grande premio a tamanha humildade, acompanhada da virtude celeſtial

da

da caridade, e ambas do eſmalte da ſanta pureza; ſeguida por voto, e amada de todo coraçaõ. Affirmaſe, que, quando eſpirou, ſoaraõ polo Moſteiro vozes de armonia do Ceo, como temos eſcrito de outras Caſas, e com a meſma prova, e certeza de naõ ſer couſa da terra. E naõ he de eſpantar, que acudiſſem os Eſpiritos Angelicos a feſtejar, e honrar aquelle, que na humildade de boa Serva, e nas virtudes Angelicas de pureza, e abraſada caridade, procurou, em quanto pode, e mereceo a Deos parecerſe com elles, vivendo entre as miſerias, e penſoens da carne, como ſe vivera izenta, e longe della. Acompanhavaõ, a que eſpirava, todas as Religioſas do Moſteiro, ſem ficar nenhuma. Naõ ſahia voz de entre ellas, que naõ foſſe muito triſte, e envolta em lagrimas, polo que perdiaõ. Claro fica, que as alegres, e feſtivaes, que ſe ouviraõ, eraõ de gente do Ceo, que fazia feſta, ao que ganhava.

Soror Joanna da Cruz.

Naõ quiz a terceira, que ſe chamava Soror Joanna da Cruz, parecer indigna da companhia de taes Irmãas, nem do titulo, que tinha da Cruz. Podemos acomodar a todas tres, o que he coſtume dos que trataõ em perolas. Se acontece acharem em alguma grande partida, duas, ou tres de notavel ventagem, em corpo, valor, fineza, poemnas de parte, chamaõlhe irmãas; e ſe achaõ huma ſó tal, chamaõlhe orfãa, inda que todas as mais ſejaõ de ſubido valor. Digo pois, que neſtas Irmãas nos deu o Moſteiro de S. Joaõ tres perolas em tudo, e por tudo Irmãas; e tambem nos deu huma orfãa em ſua Prima a Madre Soror Maria Magdalena, que ſendo ſuas Irmãas tambem perolas, e de ſoberano preço, tanto ſe aventejou dellas, que lhe eſtá bem, no ſentido dos bons Lapidarios, o nome de orfãas. Doze annos foy Prioreza Soror Joanna, e em todos elles o cuidado, de que mais ſe preſou, foy de acudir com eſmollas aos pobres de fora, e ás que de portas a dentro padeciaõ alguma falta. E todo tempo uſou grandes mortificaçoens de diſciplinas, naõ largando nunqua as tunicas de lãa, nem ainda em graves doenças; e o que he mais que tudo, rezava todas as noites no Coro debaixo o Pſalterio de David inteiro: E affirmaſe, que o rezava em pé. Foy o fim de ſua vida, huma infirmidade de dores, que affligindoa ſobremaneira, naõ edificou menos a paciencia, com que a levava, e a conformidade, que tinha com a vontade de Deos, conſolandoſe com o receber a miude no Sacramento: e confiando chriſtãamente, que lhe dava o tormento das dores, pera lhe forrar o do Purgatorio: e pera o ver mais ſedo face a face entre os Bemaventurados.

CAPITULO XI.

Das Madres Soror Elena da Vera Cruz, Soror Maria do Eſpirito Santo, Soror Brittes da Trindade, e outras.

DEſtas tres Irmãas, de que acabamos de contar, foy ſobrinha a Madre Soror Elena da Vera Cruz; e por eſcuſarmos diſpender palavras, muito parecida a ellas em toda a virtude.

A Madre Soror Elena da Vera Cruz.

Do que he baſtante teſtemunho, que muito antes de ſeu falecimento ſoube, quando avia de ſer, e que ſeria em dia do Santo Bautiſta, com quem tinha particular devaçaõ. Aſſi o declararaõ depois humas Religioſas ſuas amigas, a quem o tinha deſcuberto em ſegredo. No anno, em que faleceo, cahio a feſta de Corpus Chriſti, que no Moſteiro ſe fazia, em hum Domingo, oito dias ao juſto antes de S. Joaõ: E avendo de hir pera Veſperas, concertou na Sacriſtìa, que tinha a ſeu cargo, hum prato com todo o neceſſario, pera adminiſtraçaõ do Sacramento da Unçaõ; e ſobre elle poz hum papel de ſua maõ eſcrito, em que fazia algumas lembranças tocantes á meſma officina. Quando entrava pera o Coro diſſe a huma Religioſa, a quem tocava entoar o Hymno, *Pange lingua &c.* que por lhe fazer caridade moſtraſſe toda ſua ſufficiencia, em o cantar com devaçaõ, e boa Muſica; porque lhe naõ avia de ouvir outro. Acabadas Veſperas recolheuſe pera a cella, já com principios de febre, e frio. Creſceo o mal, levoua no ſeteno, e no dia de S Joaõ foy dada á terra. Aſſi fez certo, o que tinha dito ás amigas: E que quando aparelhara o prato com os aviamentos de Unçaõ, já ſabia, que pera ſy o aparelhava: Grande caſo, e grande animo de molher. Muito credito merecia, quem tanto dantemaõ via as couſas. A outra amiga tinha prometido fazer ſinal, ſe na hora de ſeu tranſito viſſe o ſeu Santo, que em paſſo de tanta neceſſidade confiava lhe naõ faltaria com ſua preſença. Entrava em termos de eſpirar, eis que ſubitamente lhe doura o ſemblante huma extraordinaria alegria, e juntamente começa a buſcar com os olhos a amiga; e tratou levantar a maõ, como quem queria apontar, onde o Santo eſtava. Mas naõ pode a maõ, ſenhoreada já do frio da morte, ſeguir a vontade: Acabou o final abrindolhe a boca hum brando, e bem aſſombrado riſo, com que juntamente rendeo a Alma.

A Madre Soror Maria do Eſpirito Santo.

De Soror Maria do Eſpirito Santo ſabemos, que foy neta do Meſtre de Santiago, e que entrou neſte Moſteiro em idade de dez annos. Como madrugou tanto pera a eſcolla da virtude, e era tempo, em que avia nella grandes Meſtras, deu tal Diſcipula, que veyo a deixar atras muitas das mais proveitadas. Sua occupaçaõ contiuua era andar toda enlevada em Amores Divinos, e aſſiſtir diante do Santiſſimo Sacramento todas as horas, que tinha de ſeu. Por eſta conta a ſua mór deleitaçaõ era o Coro; parecia ter azas ao hir pera elle: e que a tiravaõ por força, quando o deixava. Paſmavaõ as Religioſas, que com ſer muito enferma, e naturalmente fraca, e delicada de compreiçaõ, aturava as Communidades do Coro, e Refeitorio, como a mais robuſta; e ao dia, que avia de commungar, fazia devotas veſperas, com velar em Oraçaõ toda a noite antes, ſem lhe paſſar nenhuma. E pera manter guerra contra a que lhe fazia o ſono, pregava os joelhos em terra, e aſſi perſeverava, ſem jamais ſe aſſentar. Naõ podia viver muito, quem aſſi trabalhava: nem temer a morte, quem aſſi vivia. Morreo moça,

e

e taõ bem aſſombrada, naõ ſó alegre de ſe ver acabar, que entrando no ultimo artigo pedio, que lhe cantaſſem a hum Cravo o Hymno, *Pange lingua*, *&c.* E manifeſtando com devotos colloquios, que tinha com a Virgem, e com o Minino Jeſus, o goſto, com que deixava a terra, por hir buſcar, e gozar ſua viſta, ſe foy em paz.

A Madre Soror Brittes da Trindade.

Tambem era neta do Meſtre a Madre Soror Brittes da Trindade, e tambem foy breve moradora da terra. Tal era ſua vida, que no la deixaraõ bem retratada as Religioſas, que a conheceraõ; com dizer, que ſe as mortas dezejavaõ ſua companhia, que fariaõ as vivas? E naõ o differaõ debalde; porque eſtando hum dia em Oraçaõ na cella, ſe lhe poz diante huma de ſuas tias defunta, e porque naõ cuidaſſe, que era repreſentaçaõ fantaſtica, das que acontecem aos malencolicos, lhe fallou com voz conhecida, e clara, dizendo, que já era tempo de ſe hir pera ella. Naõ teve Soror Brittes em ſegredo a viſaõ, nem o aviſo. Mas convem muito animo pera ſemelhantes chamamentos. Parece, que ſe naõ reſolvia em dar a vontade á mudança: ſenaõ quando recolhendoſe pera a cella, depois de ter aſſiſtido com huma Religioſa, que eſtava em paſſamento, e lhe eſpirou nos braços, ſente bater na porta, e perguntando, quem era, ouve a voz da meſma, que deixara amortalhada. Fez a voz pavor, mas tambem reſoluçaõ de naõ querer mais vida. Tratou logo do fim, e dentro de hum mez ſeguio animoſa, e ſantamente, ás que a chamaraõ. Naõ podemos averiguar, por qual dos filhos do Meſtre eraõ ſuas netas eſtas duas Madres, Soror Brittes, e Soror Maria.

Sobrinha era da Duqueza de Coimbra, e filha do Marquez de Ferreira huma Religioſa, de que nos naõ ficou o nome, nem mais ſinaes, que aver ſido Prioreza alguns annos, e procedido aſſim no cargo, como no eſtado de ſubdita, com raro exemplo, e perfeiçaõ de vida. Contaſe della huma couſa, que muito eſpantou, e por iſſo ficou em lembrança. Eſtava doente, mas com boas forças, e ſem ſe lhe temer perigo. Pedio ás Madres, que ſe achavaõ com ella, lhe ajudaſſem a rezar huma Salve. Foy cantando com ellas com voz, e garganta de ſãa. Porém chegando ao verſo: *Et Jeſum benedictum fructum ventris tui nobis poſt hoc exilium oſtende*: inclinou a cabeça por reverencia ao nome ſagrado, e na meſma inclinaçaõ eſpirou.

De outra Religioſa tambem ſem nome ſe conta huma vida, e morte grandemente extraordinaria. Tomou por devaçaõ aſſiſtir de contino diante do Santiſſimo Sacramento, como fazem na caſa do Rey da terra os cortezãos, que querem valer. Naõ faltava nunqua do Coro; ſenaõ forçada de grande neceſſidade, ou de hum breve ſono, que tomava de noite no Dormitorio, por acompanhar a Communidade. Até a refeiçaõ corporal, por naõ faltar em ſua aſſiſtencia, era no ar; como ſe fora Açor, ou Gaviaõ; tomava na maõ alguma parte do que ſe dava no Refeitorio; e chegando ao Antecoro, ſatisfaziaſe com huns breves, e apreſſados boccados,

e logo entrava a continuar diante do Senhor. Moſtrou o benigniſſimo Senhor, e Rey dos Anjos, que lhe naõ deſagradava o ſerviço, e conſtancia de hum bichinho da terra: Depois de longos annos, deulhe hum fim Santo, recebidos todos os Sacramentos. E pera manifeſtaçaõ do que eſtimara tal vida, de maneira quiz, que ſe ordenaſſem as couſas, que veyo a ſer a morte no meſmo Coro.

A Madre Soror Elena Doayros.

Soror Elena Doayros foy huma das mais antigas Madres deſte Moſteiro, e das que nelle tiveraõ mayor nome, de grande rigor de vida, e de ardente caridade pera com as enfermas, e com todo pobre. E permanece huma tradiçaõ conſtante, recebida das Freiras velhas, que acontecerаõ em ſua morte caſos milagroſos: Mas ſomos neſta Ordem taõ pouco diligentes em tirar a luz as couſas, que lhe podem grangear honra, e fama, que nenhum achamos eſpecificado, e he força deixar todos em ſilencio.

CAPITULO XII.

Das Madres Soror Iſabel do Evangeliſta, Soror Ambroſia de Santo Aguſtinho, Soror Paula da Conceiçaõ; e outras particularidades da Caſa.

A Madre Soror Iſabel do Evangeliſta.

DA Madre Soror Iſabel do Evangeliſta, que do Moſteiro do Bom Paſtor, antes que ſe desfizeſſe, ſe paſſou a eſte por devaçaõ, e dezejos de mais aſpereſa de vida, achamos huma lembrança antiga, que muito a honra. Porque diz, que acabou com moſtras de grande Religiaõ, e com milagres; mas naõ aponta nenhum. Miſeravel deſcuido pera em caſa, cuja mór antiguidade naõ paſſa de cem annos. Particularizaſe della grande, e aturado goſto em orar ſempre, e hum piadoſo requerimento, que tinha com Deos quotidiano. Pedialhe huma morte aliviada, com que naõ foſſe penoſa a ſuas irmãas. Adoeceo, e conheceo, que era a ultima citaçaõ do Ceo, e que convinha acudir, recebeo os Sacramentos, e entrou em morrer ao terceiro dia. Neſte ponto dezejou com grande ancia (e publicou o dezejo) de ver, e ter junto conſigo o Santiſſimo Sacramento; como a verdade lhe eſtava dizendo, que tinha naquella Sagrada Hoſtia o Altiſſimo Rey do Ceo, e da terra; parecialhe que tendoa perto de ſy, ſeria acabar, in oſculo Domini: Nos braços, e abraços do Senhor. Naõ avia na terra, quem em tal couſa a pudeſſe ſatisfazer. Acudio o meſmo Deos á ſua ſerva, e conſoloua ſem milagre, ordenando que pediſſe a neceſſidade doutra doente, que eſtava na meſma caſa, que ſe lhe adminiſtraſſe o Sacramento. Veyo pera a enferma, vio a que morria, adorouo, e acabou conſolada.

A Madre Soror Ambroſia de Santo Aguſtinho.

Por huma das Religioſas antigas deſta Caſa he contada a Madre Soror Ambroſia de Santo Aguſtinho, e taõ amiga da penitencia, que trouxe toda a vida huma cadea de ferro á raiz das carnes: ao que juntava naõ ter nunqua outra cama, ſenaõ a terra fria, á imitaçaõ de noſſo Glorioſo Patriarca. Foy eſtranho caſo, o que ſuccedeo em ſua morte. Eſtando muito enferma, avia em caſa huma ſervidora tambem doente, que a cada paſſo,

paſſo, e com grande ancia perguntava polo eſtado de Soror Ambroſia, e naõ diſſimulava a cauſa. Dizia, que o dia, em que Soror Ambroſia acabaſſe, avia de ſer tambem ultimo pera ella. O ſegredo, que niſto intervinha, naõ ſoube ninguem; mas naõ ſe fazendo caſo do dito, foy publico o cumprimento delle, e taõ certo, que no meſmo dia morreraõ ambas. Podia ſer, que a Madre, como era taõ Santa, o tiveſſe revelado á ſervidora.

A Madre Soror Paula da Conceiçaõ. 1603.

De oitenta annos de idade paſſava a Madre Soror Paula da Conceiçaõ, quando a chamou a morte em vinte quatro de Fevereiro de 1603. Da continuaçaõ, e fervor de ſua Oraçaõ ſe contaõ muitas couſas; e naõ menos da devaçaõ, que tinha com Noſſa Senhora do Roſario. Diremos algumas. A Oraçaõ era depois de rezado o Santo Roſario por contas, rezar por livro; primeiro os ſete Pſalmos Penitenciaes, e logo hum Officio inteiro de defuntos; e iſto cada dia infalivelmente. Alem de todos os peſos do Coro, e de particulares memorias, que fazia a diverſos Santos, ao recolher á noite no leyto, proſtravaſe em terra, e neſta poſtura examinava ſua conſciencia, pera hir repouſar. Acontecialhe algumas vezes no diſcurſo da Oraçaõ inflamarſe tanto, que perdidos os ſentidos, ficava por muito eſpaço arrebatada em verdadeira extaſi, de que naõ faltou quem fizeſſe apertadas provas com lembrança de caſos paſſados, que ainda magoavaõ. Fazia os raptos certos, que durando, ſe lhe via trocar a côr do roſto com differença de geitos, e geſtos, já triſtes, já alegres. A devaçaõ da Virgem Glorioſa com ſer grande de Eſpirito, erao tambem de obra. Trabalhava todo o anno, e trabalhou toda a vida em a ſervir: Já na Confraria, ſendo muitos annos Mordoma: Já na ſua Imagem, e Altar, fazendo atavios ricos pera a Imagem, e ornamentos de telas, e ſedas pera o Altar. E o que he mais pera eſtimar, o cabedal pera eſtas couſas naſcia todo de ſua induſtria, e providencia, porque nem poſſuia renda nenhuma, nem pedia nada a ninguem. Parte tirava da comida quotidiana, e do veſtido, e calçado, que lhe davaõ as Preladas, convertendo tudo em dinheiro, pera emprego das peças, que fazia; parte lhe rendia, o que por ſuas mãos travalhava, que como era de cada dia, reſpondia muito no cabo do anno. E como ſua vida foy taõ larga, como temos dito, veyo a fazer caſtiçais de prata de pé alto pera o Altar, e ſó huma veſtimenta ſabemos, que lhe cuſtou ſeſſenta mil reis: E quando faleceo, tinha comprado tela de ouro branca, e carmeſi, pera hum ornamento inteiro, que pertendia fazer, pera ſervir nos dias de feſta maior do Roſario; e deixou juntos em dinheiro ſincoenta, e oito mil reis, pera ajuda da guarniçaõ, que dezejava fazer de Bordador.

Moſtrou noſſo Senhor em muitas occaſioens a toda eſta Communidade, que lhe era aceito o cuidado, com que Soror Paula ſervia a ſua Santa Mãy; e com caſos taõ myſterioſos, que ſó de ſeu poder ſe via claramente procederem. Porque lhe

lhe naõ faltaſſem flores pera ornar a Santa Imagem, e Altar por toda a roda do anno, ordenou eſta Madre em humã janella huns caixoens, em que tinha varios generos dellas, que regava, e cultivava com trabalho, e gaſto. Entre outras plantou hum anno por ſuas mãos huma roſeira, pera diviſa perpetua do Santo Roſario. E ſuccedeo, couſa bem myſterioſa, que foy dando logo no primeiro anno tres botoens, hirem abrindo ſucceſſivamente cada hum em huma feſta notavel; hum por dia d'Aſſençaõ, outro no de Pentecoſtes, e terceiro no da Trindade. E ſendo iſto notado com atençaõ, notouſe mais, que cada roſa deſtas, depois de aberta, naõ tinha mais, nem menos de quinze folhinhas, e cada folha da feiçaõ de hum coraçaõ, ſem aver differença de humas ás outras. Mas o que mais eſpanta he, que quando as roſas ſe foraõ murchando, depois de cada huma ſer offerecida á Sagrada Virgem, e poſta por tal dia em ſuas mãos, naõ quiz Soror Paula, que ſe perdeſſem, recolheuas, e foy entrometendo as folhas polo Breviario, e outros livros, em que reſava, por ſenaõ perderem, nem depois de ſecas, humas flores, que no naſcimento, e feitio parecia, terem alguma couſa de myſterio. A cabo de alguns dias, eis que abrindo o Breviario, encontra grande novidade. Olhando pera huma das folhinhas ſecas, repreſentaſelhe nella huma Imagem da Senhora, aſſi como ſe coſtuma pintar em ſua Sagrada Annunciaçaõ. Eſpantada do que via, foy revendo as outras, e achou maravilha maior. Moſtrava cada folhinha ſeu debuxo particular da figura da Senhora; mas com aquella differença de inſignias, que de ordinario lhe daõ os Pintores em ſuas feſtas. Naõ lhe pareceo, que devia dar credito a ſeus olhos, nem fiar ſó de ſy couſa tamanha. Chamou Religioſas: Vieraõ todas, humas traz outras, e todas viraõ a maravilha, e tambem algumas peſſoas ſeculares: Era o debuxo traſparente: mas muito claro, e diſtinto, e bem diviſado.

Depois de caſo taõ extraordinario viſto, e palpado por toda huma Communidade, naõ ſe deve negar credito a qualquer outro, que diſſermos deſta Madre, por muito novo, e peregrino que pareça. Tinha em ſeu poder huma piquena laſca do Santo Lenho da Vera Cruz, que por ſer provado em muitas experiencias, lançava algumas vezes em agoa, que depois repartia pera enfermos. Succedeo hum dia, que tendo dado alguma, ficou parte no fundo de huma proſolana, em que a tinha. Olhando acaſo no dia ſeguinte pera a porſolana, vioa toda congelada, e tornada em Cruzeszinhas de caramello, e huma maior no meyo com ſeu pé, e aſſento, que a tinha direita, e ſeu ſinal de titulo no alto. Caſo verdadeiramente digno de ſe celebrar, e autorizar; mas foy tanto ao revez, que a porſolana com ſua maravilha andou por caſa de doentes, e curioſos; e paſſando de huns a outros, veyo a deſaparecer. E ficaraõ as Freiras ſem huma reliquia de tanto preço, e que tanta eſtima merecia.

Tambem he digno de perpetua

petua memoria o meyo, porque ſe conta, que a Madre Soror Paula ouve eſta parte do Santo Lenho. Tinhao no Moſteiro certa Religioſa, e dezejando partillo com huma amiga, veyoſe hum dia a Soror Paula, pedindolhe, como de todas era tida por Santa, que fizeſſe por ſua maõ a partilha. Naõ ſe negou ella, eſperando, que pois ſe partia, tambem lhe caberia ſua parte: E aſſi o diſſe a Religioſa. Mas eſcuzandoſe ella, e allegando, que era corpo muy piqueno pera fazer tantas partes, tomou Soror Paula hum canivete, e pondoo na Santa Reliquia pera a fazer em duas, á viſta, e olhos de ambas, e ſem ſaber como, ficou partida em tres partes iguas. Aſſi alcançou Soror Paula huma com grande conſolaçaõ de ſua Alma. Mas logo lhe moſtrou o Senhor outro final, que de novo lhe acreſcentou o goſto de a poſſuir. Feita a obra lavou o canivete por reverencia, e limpandoo em hum retalho de papel, guardou o retalho pera o queimar; mas quando á noite o quiz pôr no fogo, achou tinto em ſangue todo o lugar, em que o canivete ſe enxugara. E pera mais eſpanto avia no papel ſeparadamente huma gota de ſangue, em que ſe via com eſtranho myſterio hum retrato da Santa Veronica, com todas ſuas partes bem diviſadas: e ſómente tinha de differença moſtrar de lado a meſma Imagem, que as pinturas da Veronica ordinarias offerecem de cara. Em verdade que he grande miſeria, e malicia noſſa, naõ nos fazer Santos, ſe quer o intereſſe dos mimos, e favores, com que Deos trata, quem o ſerve de coraçaõ. Que caricia de Pay muito amoroſo pera filho de grande merecimento pode ter comparaçaõ com eſta? Eſte papel viraõ, e teveraõ em ſuas mãos todas as Religioſas do Convento, e algumas vivem hoje; que alem deſte, viraõ tambem outro grande prodigio, que a muitas fez temer muito. Tinha Soror Paula em ſeu Oratoria huma pintura da Santa Veronica, eſta viraõ as Religioſas por muitas vezes ſuar gotas groſſas, e grandes; e fazendo diligencia com lhas enxugarem, a ver ſe ſeria groſſura das tintas, que corriaõ, exprimentaraõ ſer perfeito ſuor; porque tornavaõ a creſcer aljofrando o roſto, como hum orvalho groſſo, e claro, e depois de creſcidas corriaõ, como as que atraz contamos da Imagem de Noſſa Senhora da Conceiçaõ da Eſperança.

Depois de oitenta annos taõ bem gaſtados, eſtando em boa, e inteira diſpoſiçaõ, que até o ultimo conſervou com juizo perfeito, e huma falla viva, e eſperta, como quando eſtava na flor da idade, veyo toda via a pagar a divida, a que todos eſtamos obrigados pola culpa do primeiro Pay. Foy o meyo huma doença, que logo moſtrou ſer mortal, e em breve arrematou contas. Agonizava já, ſenaõ quando lhe amanhece no roſto huma deſuzada alegria, e hum geito, e ar, que a fazia parecer outra em tudo. Bem cahiraõ as Religioſas, que a acompanhavaõ, naõ ſer effeito natural, ſenaõ algum grande favor, e miſericordia do Senhor. Com tudo fizeraõlhe pergunta, que couſa a fazia taõ alegre em ho-

ra, que a todos entreſtecia. Reſpondeo ſingelamente, que a ſua Virgem do Roſario, que toda a vida ſervira, lha viera a fazer doce, e ſuave, e eſtava alli com ella: e ſem dizer outra couſa, eſpirou. Vioſe hum manifeſto ſinal deſta merce, em que no meſmo tempo foraõ ouvidos por toda a caſa inſtrumentos Muſicos naõ conhecidos, e vozes a elles, de ſuave, e deſacoſtumada melodia, que fazia naõ ſe duvidar, ſerem Anjos, que acompanhavaõ aſſi a ſua Rainha quando vinha honrar a ſerva fiel. A eſte ſinal ſe juntou outro, que foy ficarlhe no roſto depois de morta a meſma alegria, e viveza, que a ſagrada viſaõ lhe cauſara. E pola meſma razaõ ao amortalhar, naõ quizeraõ as Madres, que lhe cubriſſem o roſto, em que já ſe viaõ penhores de immortalidade. O ſeu eſcapulario, e outras peças, de que uſava, foraõ cortadas miudamente, e repartidas, como reliquias, entre toda a Communidade. Naõ he pera eſquecer o que ſe conta deſta Madre, que em mais de trinta annos naõ apareceo em locutorio, ſenaõ tres, ou quatro vezes, e eſſas por razaõ dos ornamentos, que fazia pera o Altar do Roſario.

Outras muitas Religioſas ouve neſte Moſteiro, merecedoras de lhes darmos aqui lugar: Porque ſempre floreceo nelle hum vivo Eſpirito de virtude, e reformaçaõ. Inda que ficaõ ſem nome, como eſtas partes ſejaõ baſtantes pera lhes grangearem a gloria de ficarem eſcritas no livro da vida, que he a que ſó importa: Pouco perdem em lhes faltar a deſtes quadernos, que he força irmos encurtando, polo muito que temos que dizer, no que ainda reſta da Provincia. Obrigado das grandes qualidades deſta Caſa o Reverendiſſimo Geral Frey Serafino Caballi, lhe mandou huma reliquia do Santo Bautiſta, a qual coſtumavaõ as Madres paſſar por hum grande vaſo de agoa, e eſta repartiaõ depois entre enfermos, principalmente de maleitas, e ſaravaõ muitos.

A Caſa poſſue boa renda; porque alem de huma quantidade groſſa de dinheiro, que tem aſſentada na Tabola da Villa, tem de mais o rendimento de huma Igreja, que lhe aplicaraõ na Villa do Aſſumar em Alentejo de alguns annos atraz os Duques Succeſſores dos que a fundaraõ: E aſſi ſaõ as Religioſas bem providas em commum do neceſſario: E tudo haõ miſter pera poderem paſſar as muitas infermidades, que lhes cauſa a má qualidade do ſitio. De ordinario ſe ſuſtentaõ entre Profeſſas, e Noviças até ſeſſenta Religioſas.

CAPITULO XIII.

Fundaçaõ do Moſteiro de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ da Cidade d'Elvas.

MOradoras eraõ, e naturaes da Cidade d'Elvas, e por naſcimento, e geraçaõ illuſtres duas molheres, que achandoſe livres de obrigaçoens do mundo, e com fazenda baſtante pera poder paſſar nelle com huma mediania de eſtado, determinaraõ entregarſe a Deos com vida de recolhimento perpetuo. Tinhaõ hum bom apoſento junto da Igreja, que hoje he

a

a Maior, e Cathedral da Cidade. E pera eſcuſarem todo genero de commercio na terra, e naõ verem, nem ſerem viſtas, compuzeraõ huma caſa em Oratorio; com que ficaraõ em eſtado, de lhes naõ faltar nada pera Freiras, mais que Habito, e voto. Nem lhes faltou Habito, porque como antes de ſe encerrarem, viaõ, e ouviaõ os Frades de S. Domingos no Convento, que alli temos, contentoulhes o Dominico, veſtiraõſe nelle ſó por ſua authoridade, e pola meſma ſe nomearaõ por Freiras da Terceira Ordem, e Regra. Era gente muito nobre, como temos dito, e os tempos poucos riguroſos: Naõ avia quem ſe atreveſſe a obrigallas á formalidade do voto, ou a deixarem o Habito, e nome. Mas neſta vida livre, e arbitraria, acudialhes o Senhor com tanto Eſpirito, que naõ era ſua vida menos, que de muy reformadas Religioſas. O que foy cauſa de ſe lhes irem chegando algumas molheres honradas, e creſcerem em reputaçaõ, e honra, e nome como em numero. Viviaõ em commum, acudindo cada huma com o que tinha de renda pera ſuſtentaçaõ de todas. Uſavaõ nomes a uſo de Religiaõ: Porque ſendo as duas Irmãas filhas de Henrique de Mello; poſtos de parte os titulos, que o mundo preſa, e que polo apellido lhes pertenciaõ: Huma ſe fazia chamar Maria do Roſario; a outra Magdalena da Cruz. Em fim tendo do Ceremonial da Ordem quaſi tudo, do eſſencial de voto, e obediencia naõ tinhaõ nada. Notou iſto hum Fidalgo honrado da terra; pozlhe em pratica tomarem eſtado perfeito: E offereceo fabricarlhes Moſteiro, como quizeſſem abraçar Regra, e Obſervancia. Naõ fizeraõ ellas duvida; antes vendo que lhes fallava o Eſpirito Santo por boca de Pero da Sylva, que aſſi ſe chamava o Fidalgo, deraõ logo ſeu conſentimento, pera ſe tratar de Moſteiro. Só apontaraõ, que foſſe da Ordem de S. Domingos; porque do Habito huma vez eſcolhido, e veſtido naõ queriaõ fazer mudança. O fundamento, com que Pero da Sylva ſe atreveo a fazer offerta do Moſteiro, conſiſtio em huma bem achada traça. Edificara Eſtevaõ Domingues Pernica, Sacerdote honrado da meſma Cidade, huma Capella pera ſeu enterro na Igreja Parochial de S. Pedro: Enriqueceraa de todos os bens, que poſſuia, que eraõ muitos, e nomeara por Adminiſtradores della, e delles os Vereadores, e Officiaes da Camara. Parecialhe a Pero da Sylva, que, larganſe eſta Capella ás Freiras, ficava o Moſteiro feito. Porque a fazenda era tanta, que podia ſuprir a ſua ſuſtentaçaõ, e alevantar paredes. Eraõ trinta moyos de trigo em cada hum anno, ſete de cevada, ſincoenta, e ſinco alqueires de azeite, e noventa, e ſete mil reis em dinheiro. Como o bom Fidalgo eſteve certo da vontade das duas Irmãas, e ſuas companheiras; tratou de perſuadir os Vereadores: Propozlhes a traça; moſtroulhes com boas rezoens, quanto grangeava a terra, alem do ſerviço de Deos, em terem nella hum gaſalhado perpetuo pera ſuas filhas, e parentas. Moſteiro pera honra de Deos, remedio pera donzellas mal dotadas. Deixaraõſe

raõſe vencer os Vereadores, deraõ ſeu conſentimento pera ſe pedir licença a elRey, e confirmaçaõ ao Summo Pontifice. E Pero da Sylva andou taõ diligente, que huma, e outra couſa veyo quaſi juntamente dentro
1528. do anno de 1528. Do qual contamos a antiguidade deſte Moſteiro. Porque ainda que fizemos diligencia, naõ pudemos aver viſta das Letras Apoſtolicas. Nas Reaes, que foraõ paſſadas no meſmo anno, faz elRey Dom Joaõ III. merce ao Moſteiro de lhe aplicar toda a fazenda do Padre Eſtevaõ Domingues, com declaraçaõ, que as Freiras tenhaõ hum Capellaõ continuo, que corra com as Miſſas, e ſuffragios encomendados polo Inſtituidor, e cumpraõ os mais encargos por elle apontados: E ſe alguma hora ſucceder vir a fazenda a tamanha baixa, que naõ alcance ao que montaõ as obrigaçoens, em tal caſo, ſe cumpraõ perfeitamente polos mais bens, e rendas do Moſteiro. E mandou elRey acreſcentar huma clauſula digna de ſeu zelo, e piedade: E foy, que todos os dias depois da Miſſa Conventual maior, cantem hum Reſponſo pola Alma do Inſtituidor, nomeandoo na Oraçaõ por ſeu nome. Confirmou eſta aplicaçaõ por authoridade Apoſtolica Dom Martinho de Portugal Nuncio em tal tempo neſte Reyno do Papa Clemente VII.

Dizem as memorias, donde vamos tirando, o que neſtas lançamos, que o noſſo Padre Geral aceitou em Roma eſte Moſteiro, e mandou commiſſaõ ao Provincial de Portugal, pera ſe encarregar do governo delle, provendoo logo de Religioſas, que em todo rigor plantaſſem nelle a Obſervancia regular. Naõ ſe contentou o Provincial com mandar menos de ſete; ſinco de Noſſa Senhora da Saudaçaõ de Montemor, e duas do Paraiſo d'Evora. Das de Montemor ſaõ os nomes, Soror Joanna d'Aſſumpçaõ, Soror Franciſca do Eſpirito Santo, Soror Maria de Jeſus, Soror Maria da Piedade, Soror Filippa do Deſerto. As d'Evora foraõ Soror Ines dos Anjos, e Soror Maria. A eſtas duas ſe diz, que acompanhou huma Matrona de authoridade, que eſtava recolhida no Moſteiro de Santa Clara d'Evora; e teve devaçaõ de ſer aqui primeira Noviça, e andando o tempo foy tambem Prioreza. Acharaõſe eſtas ſete Religioſas juntas em Elvas huma veſpera da feſta de noſſo Padre S. Domingos, e logo na de S. Lourenço aos dez de Agoſto ſe encerraraõ, e começou a Caſa a correr em clauſura, e todos os mais eſtilos monaſticos, ſendo eleita canonicamente em Prioreza a Madre Joanna d'Aſſumpçaõ. Mas he laſtima, que nos apontaõ as memorias antigas o dia da chegada das Fundadoras a Elvas, e o em que deraõ principio á clauſura: E totalmente nos faltaõ com o mais importante, que era o anno. Donde reſulta outra duvida, que muito embaraça a Hiſtoria, nomeandoas, como nomeaõ, elRey, e o Nuncio por Freiras de S. Domingos nos annos de 1528. e 1529. parece, que já deviaõ eſtar no Moſteiro as noſſas Freiras, que o fundaraõ, e lhe deraõ o ſer, e nome de Moſteiro: E com tudo he couſa certa, e ſem replica, que naõ foy aceitado pola

Pro-

Provincia, e incorporado nella, ſenaõ doze annos adiante no de 1540. no Capitulo de Lisboa, em que foy eleito o Padre Meſtre Frey Jeronymo de Padilha, como nos conſtou polas Actas delle, que vimos. Podemſe concertar eſtas contrariedades, com dizermos, que ſe fez no Capitulo com formalidade, e com a ceremonia, e eſtilos da Ordem, em que naõ he razaõ aver deſcuido, o que em realidade eſtava feito polos Provinciaes nos annos atras.

No anno de 1543. ſe deu principio á Igreja na forma, que de preſente tem, e no de 1548. impetraraõ as Religioſas da Sé Apoſtolica, que huma Miſſa que mandavaõ dizer cada dia na Capella, e ſepultura do Padre Eſtevaõ Domingues, cuja fazenda poſſuia, ſe cantaſſe no Moſteiro por hum Capellaõ por ellas eſcolhido, Frade, ou ſecular; e que foſſe eſta a Miſſa mayor do dia. E juntamente, que por ſeu Procurador governaſſem todos os bens da Capella, ſem mais intervir Miniſtro nenhum da Camara; nem ſerem obrigadas a huma penſaõ de ſinco livras, que o Inſtituidor mandava dar em cada hum anno aos Officiaes da Camara. Veyo nomeado por executor das letras do Pontifice o Biſpo de Ceita Dom Gomes filho do Meſtre de Santiago, Capellaõ Mór da Rainha Dona Catharina.

CAPITULO XIV.

De algumas Religioſas, que neſte Moſteiro viveraõ, e morreraõ com fama de grande virtude.

SEjaõ primeiro nomeadas na Hiſtoria deſta Caſa as duas Irmãas, que lhe deraõ occaſiaõ, e principio. E ainda que ouve algumas Religioſas, que acabaraõ primeiro a carreira da vida mortal, como logo veremos, e pola meſma razaõ, ſegundo o eſtilo, que levamos, mereciaõ ſer antepoſtas, façamos agora exceiçaõ, ſigamos a ordem do naſcimento, antes que a da morte. Eraõ mãys, precederaõ a ſuas filhas. A mais velha, que era Soror Maria do Roſario, entre grandes virtudes, de que foy dotada, deixou nome, e exemplos de inflamada caridade. Naõ adoecia Religioſa, nem ſervidora em caſa, que lhe naõ procuraſſe a ſaude por todos os meyos, que podia, com mais cuidado que a ſua propria: E era já lingoagem commua em caſa, que a Religioſa, que alguma couſa avia miſter, por ſua a tinha, ſe Soror Maria era Senhora della. Eſta boa condiçaõ quiz o Senhor honrar com huma graça particular, que era curar qualquer chaga, por rebelde, e de má natureza que foſſe, como famoſo C,urgiaõ; e porque ſe viſſe, que naſcia de poder ſuperior, e naõ de habilidade natural, aconteceolhe dar remedio, e ſaude em algumas, que os C,urgioens por incuraveis tinhaõ deixado.

A Madre Soror Maria do Roſario

A outra Irmãa deuſe toda á melhor parte, por imitar em tudo

A Madre Soror Magdalena da Cruz.

tudo a Santa, de que tomara o nome. Sua vida, e ſuas delicias eraõ amores perpetuos do Divino Eſpoſo, e a eſſa conta nenhuma couſa via, que lhe naõ foſſe occaſiaõ de o louvar, e mais amar. Se via huma flor, roubavalhe o coraçaõ, já o cheiro, ja o feitio, já a fineza da cor. Se via hum bichinho, paſmava nelle, entrando em eſpantos do poder Divino em organizar huma couſa taõ miuda, com todas as partes de corpo perfeitas pera ter vida, e grangear o remedio della, como ſe fora hum Elefante, ou huma Baleya E alegravaſe pola honra de Deos, occorrendolhe neſte paſſo, que os feiticeiros do Egypto fazendo couſas maravilhoſas, e grandes, nunqua puderaõ contrafazer hum moſquito. E obrigada daqui da Mageſtade, e Omnipotencia, como acolá do Amor, acontecialhe ficar muitas vezes tranſportada toda, e abſorta em Deos. Quando naõ tinha eſtas occaſioens, buſcava lugares, onde deſcubriſſe o Ceo, pregava nelle os olhos, e deſabafando, hora com ſuſpiros, hora com lagrimas, manifeſtavalhe as ſaudades, em que ardia, do Senhor, que lá tinha, e dos bens, que delle eſperava. Acontecendo algumas vezes adoecer, mais ſentia a priſaõ do leyto, por lhe faltar a viſta do Ceo, que por todos os accidentes, e trabalhos da infirmidade. Trazia o coraçaõ, onde tinha o thezouro. Quem aſſi procedia em todo o tempo no trato eſpiritual, bem ſe deixa entender, qual ſeria no corporal. Nunqua ſe ſoube della, que deixaſſe de dormir veſtida, depois que tomou o Santo Habito; nem que perdeſſe Matinas, inda depois de muito velha: cuja aſſiſtencia lhe ſervia de affinar, e dilatar mais a contemplaçaõ; porque quaſi ſempre empregava nella as horas, que lhe ficavaõ até Prima. Em tudo, quanto fazia, ſe lhe enxergava, que naõ tinha, nem queria ter goſto da terra. Ordinariamente deſtemperava com agoa fria quanto lhe punhaõ diante pera comer. Nos dias, que commungava, naõ fallava com ninguem, nem comia nada. Só depois de muito velha, e ainda entaõ obrigada de preceito da Prelada, comia huma fatia de paõ, paſſada por agoa fria. Foy ſua morte muito ſemelhante a tal vida. Coſtumava muitas vezes ſubir a huma varanda, que deſcubria grande Orizonte, e muito Ceo, que era viſta de todo ſeu alivio, em quanto naõ vio o Senhor delle. Aqui foy achada hum dia toda enlevada, que naõ parecia ter nada de vida. Sendo levada ao leyto polas Religioſas, quando acordou daquelle ſuave ſono d'Alma, declarou a todas, que era chegado o fim de ſeu deſterro. Pedio com efficacia os Sacramentos; recebeuos com devaçaõ, e apoz elles a morte com alegria.

A Madre Soror Iſabel de S. Bento.

De muitos annos antes era morta a Madre Soror Iſabel de S. Bento, de que agora diremos. Entrara no Moſteiro menina, que naõ tinha mais de dez annos; e como iſto era nos principios delle, e dos fervores da eſtreita Obſervancia, em que foy fundado, andava Soror Iſabel aſſombrada, hora das crueis diſciplinas, que via tomar, hora do rigor das abſtinencias, e perſeverança da Oraçaõ: e propondo

do imitar tudo, quando tiveſſe idade, tinha tanto reſpeito á-quellas primeiras Madres, que como a Santas naõ ouſava chegarſe a ellas. Deſtas liçoens ficou tam bem doutrinada, que tudo quanto fazia, lhe parecia pouco. O dormir era veſtida, pera poder acudir mais depreſſa a Matinas. O recolhimento, e ſilencio guardava com tanta pontualidade, que depois de tomado, ſe affirma, que naõ fallou nunqua com peſſoa nenhuma de fora, excepto com ſeu Confeſſor: E iſto em materia ſó de Confiſſaõ. E naõ lhe procedia de condiçaõ, ou humor malencolico, como acontece a muita gente: Antes em todo ſeu trato era affavel, e prazenteira, e taõ branda, e manſa, que naõ avia Religioſa, que deſſe fé de a ver nunqua agaſtada. Da pobreza era taõ amiga, que fora do que trazia ſobre ſy, nenhuma outra couſa poſſuia: E por tanto naõ avia na ſua cella arca, nem almario, nem outra couſa fechada. O ſeu comer que ſempre foy no Refeitorio, e em Communidade, mais era tomar a ſalva do que ſe lhe punha diante, que comer. Sabiaſe della, que no dia dos Santos deſpoſorios de ſua Profiſſaõ, em que as novas Profeſſas coſtumaõ fazer petitorios ao Eſpoſo Sagrado, que de ordinario naõ ſahem baldados, foy o ſeu requerimento novo, e nunqua viſto em Freira; porque naõ pedio menos, ſenaõ que lhe concedeſſe alcançar martyrio: E que ſe no eſtado, que tinha, faltaſſe o ferro, e o fogo dos tyrannos antigos, naõ faltariaõ outros generos de padecer por ſeu Divino Amor. Naõ paſſaraõ muitos dias, que lhe apontou hum inchaço ſobre hum quadril, que ſe veyo a fazer tamanho como hum paõ; e por ſer em tal lugar, lhe cauſava inſoportaveis dores. Aqui começou a entender que tinha o deſpacho de ſua petiçaõ, á medida do que dezejara: E como o entendeu, armouſe de huma invencivel paciencia, correndo com todos os officios, e ſerviço da Caſa com o meſmo animo, e cuidado, que ſe muito ſãa eſtivera. Eſte tormento lhe durou quaſi ſinco annos; no cabo dos quaes naõ podendo já a natureza com o peſo de tanto mal, aceitou porſe em cũra, que foy o ultimo, e mais verdadeiro martyrio. Porque ſem ſer entre tyrannos vio ſobre ſy inſtromentos de ferro agudo, e ſuas carnes com elles retalhadas. Juntaraõſe Medicos, e Cirgioens, ſentencearaõ, que ſe abriſſe a inchaçaõ. Foy tanto o animo de Soror Iſabel, que ſendo Hebdomaderia no meſmo tempo, que fez primeiro o officio no Coro; e logo ſe veyo entregar aos Cirgioens, como em mãos de algozes. Valeuſe neſte tormento, que eſperava, como pedido, e dezejado, da viſta de hum Crucifixo, que tinha nas mãos, pera naõ fazer, como naõ fez, nem hum minimo ſentimento de palavra, nem obra; ſendo as dores graviſſimas, e o mal tamanho, que em breves dias a enterrou. Ficoulhe huma fea chaga aberta; e todo o quadril ataſſalhiado das navalhas, de forte, que o que tomou por remedio de vida, lha hia por momentos encurtando. Entrou a Semana Santa, pedio á Prioreza, que por ultima conſolaçaõ a mandaſſe levar ao Coro, pera com-

commungar á quinta feira com a Communidade. Naõ ſe lhe pode negar. Foy a devaçaõ, e eſpirito, com que recebeo o Senhor, como de quem eſperava vello ſedo face a face. E vioſe em hum profundo rapto, que logo lhe acudio, de tanto impeto, que naõ podendo com elle ſua fraqueza, cahio em braços de huma Religioſa, em tal eſtado, e taõ alheya de todos os ſentidos, que a julgaraõ por morta. Acordando do extaſi, ſentida, e corrida de lhe ter ſuccedido em tal lugar, trabalhou por perſuadir a todas, que fora deſmayo do mal, que ſabiaõ, e naõ obra de Eſpirito. E diſpondoſe logo pera a ultima hora, a que ſe ſentia vizinha, dentro de poucos dias paſſou a melhor vida. Dizem, que o eſpirar foy abrindo a boca com hum brando riſo, pera hum Crucifixo, que tinha nas mãos, como quem avia por graça, e riſo os trabalhos de vinte annos, que ſó tinha de idade, comparados com os que aquelle Senhor por ella paſſara; ou comparados com o premio, que delle eſperava. Sinaes ouve, que entrou logo na poſſe dos bens eternos, porque inda que foraõ teſtemunhos ſingulares, acreditavaõſe muito com a qualidade das peſſoas, que os deraõ: Huma affirmou, que vira naſcer de ſua cova huma alviſſima aſſucena: Outra, que vira arder ſobre ella huma reſplandecente luz, como de huma vella. Mas paſſados longos annos, manifeſtou o Senhor a toda eſta Communidade, que tudo ſe podia crer de ſua ſerva. Eſtava em paſſamento huma Freira muito velha, que fora de ſua criaçaõ, e amiga ſua, vendoſe acabar, pedio á Prelada, que lhe mandaſſe dar enterro com ella. Aberta a cova apareceo, caſo prodigioſo, Corpo, Habitos, Veo, Toucados, tudo taõ ſaõ, como o primeiro dia que alli ſe ſoterraraõ: E pera mais eſpanto tomou o coveiro por hum braço, e levantou inteira a morta de muitos annos á viſta de todo o Convento.

A Madre Soror Violante da Conceiçaõ.

Chamavaſe Soror Violante da Conceiçaõ a Madre, que foy cauſa da nova reputaçaõ de Soror Iſabel: E foy bem, que reſultaſſe credito pera huma Santa, por meyo de quem tinha tambem de Santa grandes partes. Eraõ as de Soror Violante muito ſabidas. Entre outras trazia ſempre a lembrança taõ pronta no amor, que devia a ſeu Divino Eſpoſo, que todas as vezes, que punha os olhos em hum Crucifixo, ou começava a Oraçaõ d'Ave Maria, logo lhe rebentavaõ dos olhos enchentes de lagrimas, ſem as poder reprimir: E toda ſua reza era dellas taõ acompanhada, que ao parecer competiaõ os olhos com a lingoa. E do muito, que chorava, veyo a queimarſelhe o roſto de ſorte, que tinha perdido a tez, e a cor de geſto humano. Naõ foy differente a morte de tal vida. Hia eſpirando o governo da Prioreza, e andava grande rumor na Communidade ſobre a futura eleiçaõ, procurando, e concertandoſe as mais, que lhe naõ ſuccedeſſe outrem, ſe naõ Soror Violante. Chegoulhe a noticia, ſentioſe, affligioſe, e naõ teve mais hora de deſcanço, até que hum dia lhe viraõ com alegria deſacoſtumada nella lavar huns Habitos velhos á preſſa, e compor couſas na

cella

cella com alvoroço, como pudera acontecer, a quem ouveſſe de fazer jornada de goſto: Mas a verdade he, que naõ acha ſabor em governos da terra, quem o tem de lagrimas. O caſo foy, que as ſuas negocearaõ com Deos eſcuſalla da Prelacia, que eſperava, e o meyo encurtarlhe o praſo da vida, tanto á medida, pera naõ poder ſer eleyta, que ſem febre, nem frio, e com muita alegria acabou ſeus dias, quaſi no meſmo tempo, em que fenecia o governo, que lhe fizera medo. Entaõ cahiraõ as Freiras, que o lavar dos Habitos velhos, e concertar a cella fora aviſo do Ceo; e o acabar taõ repentinamente requerimento ſeu.

CAPITULO XV.

Das Madres Soror Iſabel de S. Franciſco, Soror Anna da Conceiçaõ, Soror Maria de Chriſto, Soror Anna Rodrigues, e outras.

A Madre Soror Iſabel de S. Franciſco.

MUito ſemelhante foy a Madre Soror Iſabel de S. Franciſco, de quem agora avemos de tratar, em vida, e morte á Madre Soror Violante, de quem acabamos de eſcrever. As lagrimas eraõ as meſmas, e a continuaçaõ tal, que os lagrimaes trazia creſtados, e o Eſcapulario, a que deſciaõ, ſempre dava final dellas. O aturar á Oraçaõ ſempre de joelhos, ſem ſe aſſentar, nem mudar poſtura, fazia paſmar as mais devotas do meſmo exercicio Mas naõ ſe eſpantavaõ tanto, as que ſabiaõ de raiz o mais proceſſo de ſua vida, que era naõ ter cama, nem cella, nem outra nenhuma couſa, que de ſua tiveſſe nome. Donde naſcia, que ſó na Oraçaõ tinha ſeu deſcanço, e ſeu repouſo, e por iſſo naõ era em ſua maõ largalla em nenhum tempo. Foy Prioreza, entraraõ annos de eſterilidades ſentidas, e choradas por toda a parte, ſenaõ era no Moſteiro: Porque na Communidade ſempre ſe vio abaſtança, e largueza. Na porta ſempre foraõ agaſalhados os pobres, como no tempo de mór abundancia. Porém naſceolhe daqui a morte por eſtranho modo. Viraõ as Freiras, que o ſobejarlhes tudo em caſa, quando as neceſſidades eraõ geraes, naõ tinha, nem podia ter outra cauſa, ſenaõ a virtude da Prelada. Concluhiaõſelhe os ſeus quatro annos, começaraõ a pôr em pratica naõ conſentir, que deixaſſe o cargo, mas que foſſe reeleyta. Teve noticia, do que ſe tratava, por quem devia cuidar lhe dava alvitre de goſto. Acudio, pera ſe livrar, á ſua Oraçaõ, e ſuas lagrimas, que como ſaõ moeda de grande preço no Ceo, valeraõlhe; o que publicamente affirmava, que pedia a Deos, que foy rematarſelhe a vida com o governo preſente, por naõ chegar a entrar em outro.

A Madre Soror Anna da Conceiçaõ.

Por grande argumento do que agradavaõ a Deos, e aborreciaõ a Lucifer as virtudes da Madre Soror Anna da Conceiçaõ, ſe póde ter huma continua perſeguiçaõ, que o Senhor permetia, que eſta Madre padeceſſe do Inferno. Coſtumava a ficar no Coro de Matinas até pola manhãa orando. Juntavaõſe legioens de Demonios a inquietalla; primeiro em figuras de animaes, já grunhindo como porcos, já ladrando como caens,

hora aſſuviavaõ como cobras, hora bramiaõ como lioens. Depois que viraõ deſpreſados ſeus medos, porque ella conheceo, quem eraõ, e ſabia o pouco, que por ſi podiaõ, vinhaõ com fantaſmas, e repreſentaçoens medonhas, que todavia a perturbavaõ. Pera eſtas trazia comſigo hum Miſſal, com que ſe abraçava, quando a importunavaõ muito. Paravalhe o Senhor a deſconſolaçaõ deſtas más viſoens com outras, que muito a conſolavaõ. Orava hum dia diante de hum Chriſto crucificado, eis que nota, que como de huma fonte, lhe ſahe hum grande torno de ſangue: Outra vez vio levantarſe no ar o meſmo Crucifixo. Bons ſinaes, que naõ eſtava longe, quem aſſi ſe repreſentava. Olhando huma manhãa pera a alampada do Coro, parecialhe, que via dentro muitos peixes miudos, que afocinhavaõ hum maior. Naõ fez caſo da viſaõ, e ſoube depois que no meſmo dia paſſando d'Almada pera Lisboa hum ſobrinho ſeu, por nome Ruy de Mello, cahira ao mar, e depois de hir tres vezes ao fundo d'agoa, em fim foy tirado, e livre do perigo. Eſta Madre veyo a cegar por longa idade, e neſte eſtado naõ ſabia perder o Coro; ſua conſolaçaõ era tomar o canto de huma Capellinha, que ha no Coro. Dalli aſſiſtia a todas as Horas. E ſendolhe commutada a reſa dos livros em contas, como a Freira Leiga, ajuntavalhes o Officio piqueno de Noſſa Senhora, que ſabia de cór, e rezavao duas vezes cada dia pera mais ſatisfaçaõ.

O meſmo tormento, com que a Madre Soror Anna era affligida na Oraçaõ por obra, e mãos de Satanás, padeceo muitos annos na ſua a Madre Soror Maria de Chriſto. Naõ levava o maldito em paciencia o fervor, e continuaçaõ, com que orava, nem a pureza com que vivia, nem os rigores, com que ſe tratava; porque em tudo era eſtremada. Naõ avia pera ella em toda a roda do anno nenhum dia de cea. Sempre jejuava, e algumas Quareſmas inteiras levava a paõ, e agoa, com muitas Veſperas de feſtas, e Santos de ſua devaçaõ: a que ajuntava crueis diſciplinas, e hum aſpero cilicio ſempre cingido. Como começava a entrar no ſuave paſto da Oraçaõ, depois que ſe achava ſó, ſubindo com todo o Eſpirito aos altos montes da Eternidade, deſpejavaõſe as moradas Infernaes, tornavaõſe aquelles inimigos em exercitos de ratos, já a rodeavaõ, já ſaltavaõ nella. Mas a devota Madre com animo, e confiança de Santa, armavaſe com o Santo ſinal da Cruz; e faziaos tornar fugindo pera o Inferno. Mudavaõ logo figura, tornavaõ com novas maſcaras. Porém ſervialhe tudo de mais afervorar o Eſpirito, e merecer mais diante do Eſpoſo Sagrado, que paſſada a guerra das tribulaçoens, allagava ſua Alma com diluvios de celeſtiaes favores. Por eſpaço de quarenta e ſinco annos, que neſte modo de vida perſeverou, ficou em lembrança, que das mais das Freiras, que faleceraõ, ſoube muito antes o tempo preciſo de ſuas morte: e até de alguns parentes da Freiras. A jornada infeliciſſima d'elRey Dom Sebaſtiaõ a Africa, chorou muito antes de ſucceder; como

A Madre Soror Maria de Chriſto.

ſe

ſe arriſcava nella o Rey, e o Reyno, com toda a flor delle, era principal ſogeito de ſua Oraçaõ. Mas na deſconſolaçaõ de ſeu roſto, e nas lagrimas, que em tal conjunçaõ eraõ ſeu paõ quotidiano, enxergavaõ, e liaõ as Religioſas, o que depois moſtrou o ſucceſſo; e aſſi tinhaõ por certo, que lhe fora revelado.

A Madre Soror Anna Rodrigues.

Soror Anna Rodrigues viveo algum tempo no mundo caſada. Morrendolhe o marido, procurou recolherſe neſta Caſa pera Freira huma filha, que ficara dentre ambos. Deſembaraçada da moça tomou caſa junto das Freiras, e determinouſe em ſervir a Deos com Habito da Terceira Regra, e ás Freiras com titulo de Veleira. Como o imaginou aſſi poz por obra huma couſa, e outra; e em ambas aproveitou muito. Porque no que tocava ao Habito, e vida Religioſa, aſſi procedia fora, como ſe vivera em toda clauſura, e obſervancia, continuando os Sacramentos muito amiude com devaçaõ, e eſpirito: E quanto ao officio de Veleira era taõ deligente, e activa, que alcançou muitas ſentenças em negocios de importancia do Moſteiro, e lhe aumentou notavelmente a fazenda. E o que he mais de eſtimar, no meyo das inquietaçoens das demandas, em que entendia com grande viveza, e acrimonia; viaſelhe no roſto huma ſerenidade, e aſſento de animo mortificado, e nas palavras modeſtia, e ſingeleza: De ſorte, que quantos a viaõ, e ouviaõ, faziaõ juizo, que procedia tudo de rara pureza d'Alma. Aſſi quando tratava nas materias de negocio, nenhum Avogado as praticava melhor; e quando as deixava, ninguem parecia menos habel pera ellas, nem mais prompta pera as do Eſpirito. Eſta differença de trato unida no ſogeito de huma molher, era taõ agradavel nos olhos de toda a gente, que communicava, que nos Tribunaes de Juſtiça lhe grangeava favor nas cauſas. E nos da Fazenda d'elRey, graça com os Miniſtros, pera deſpachar o que tocava ao Convento, e aquirir muito por eſmollas. Aos Principes, e Senhores da Corte era taõ aceita, que por ſeu meyo veyo a ter lugar, e eſtimaçaõ diante d'elRey, e da Rainha, que redundava em proveito do Moſteiro; porque ella pera ſy nada queria.

Voaõ os annos, foyſe fazendo velha Anna Rodriques, pareceo ás Religioſas, que eſtavaõ obrigadas a procurar deſcanço á ſua idade, e trabalhos, e algum premio ao bom ſerviço. Naõ acharaõ melhor meyo, que daremlhe lugar dentro no Moſteiro: Ouveſe licença do Provincial, pera entrar por Converſa. Tanto que ſe vio em Clauſura, e entregue a hum ſó cuidado, deuſe toda a ſervir o Divino Eſpoſo, orando, e meditando; a que juntava em grande abſtinencia outros generos de mortificaçoens; que em fim como cahiaõ ſobre membros canſados, e velhos, deraõ brevemente com ella em huma cama, onde eſteve alguns annos entrevada. Mas ainda em tal eſtado procurava merecer com obras de mortificaçaõ. Tinha os braços livres do mal, que a prendia no leyto, tomou huma corda, encheua de noz grandes, e groſſos, com eſta ſe diſciplinava na hora, que ficava ſó,

ſó, ſervindolhe a corda, e noz pera ſoarem menos, e magoarem mais. Com vida taõbem gaſtada teve hum fim, que muito eſpantou; ſentio que o tinha perto, era dia de Communhaõ, e ſolemne; pedio á Prelada, que por deſpedida a mandaſſem levar ao Coro, pera acompanhar em aquelle auto a Communidade, que a ſeu parecer ſeria pera ella o ultimo da vida. Acabando de commungar cahio em hum deſmayo, que ſendo julgado por mortal, perturbou a todas. E procuraraõ com muitas diligencias pola fazer tornar. Mas o accidente era do Eſpirito, que lho roubara profundamente todo o Amor daquelle Senhor, que recebera. E vioſe em que acordando a cabo de grande epaço tornou alegre, e riſonha. Deſte dia até que faleceo, e naõ tardou muitos, entrou a boa velha em hum martyrio continuo de febres, e frios, que ſe alternavaõ, como verdadeiras ſeſoens, com tamanho exceſſo de frialde, e quentura, que com o frio lhe rangiaõ, e quebravaõ todos os oſſos tornados hum caramello; e o fogo da febre naõ era menos, que ſe ardera dentro em hum forno: do que deraõ teſtemunho grandes empollas, que lhe ſahiraõ por pés, e mãos, como ſe eſtiveraõ ſobre braſas: Em fim huma couſa, e outra fora do natural. Mete medo em Eſpirito taõ puro, purgatorio taõ penoſo. *Si ſic fit in viridi, in arido quid fiet?* Quero dizer, ſe aſſi ſe trataõ os amigos, que eſperamos os que nenhum bem merecemos?

Acho celebrada neſte Moſteiro huma Madre ſem nome, que dizem foy Prioreza, e tal ſua vida, que falecendo celebraraõ Anjos ſuas exequias; e que ſahindo da cabeceira da ſua cama á viſta de toda a Communidade reſplandores, que venciaõ o Sol, foy viſto pola Madre Soror Anna da Conceiçaõ, de quem temos eſcrito, que procediaõ de hum Cherubim, que nella eſtava aſſentado.

Com caſo taõ raro, e antigo, e ſem nome, dirá bem outro muito moderno, e muito prodigioſo, e de peſſoa bem conhecida. Menos ha de quatro annos, quando iſto eſcreviamos, que levantandoſe ſãa, e bem huma manhãa a Madre Soror Luiſa, filha de Fernaõ de Souſa, Fidalgo honrado da meſma Cidade, foy correndo todas as Religioſas, e dizendo, que ſe ficaſſem embora, porque ella avia de morrer brevemente. Era iſto primeiro dia do anno na feſta do Nome de Jeſus. Achouſe á tarde na Prociſſaõ de Noſſa Senhora, e quando foy acabada proſtrouſe por terra, e diſſe em voz alta, que lhe dava graças pola merce, que lhe fazia em a tirar do mundo. Acudio huma Prima ſua a levantalla, e fazella recolher, atribuindo o feito a deſconcerto de juizo; mas Soror Luiſa com muito riſo, e ſoſſego contava, que huma tia ſua ſecular de muitos dias defunta, lhe aparecera, e diſſera, que ſe aparelhaſſe pera morrer. E neſte ponto (acreſcentava ella) me eſtá ſoando neſtes ouvidos huma Muſica Angelica, com que minha tia me vem buſcar. Eſpantando a todas, e naõ achando credito em nehuma, foy diſpondo de ſua Alma o dia todo, e gaſtou até tres horas depois

A Mad Soror Luiſa.

depois da meya noite. Entaõ ſe foy ao leyto, e naõ fallou mais palavra em ſinco dias, que viveo; ſalvo, antes que eſpiraſſe, que olhando pera hum canto da caſa, diſſe ſorrindoſe palavras formaes: *Saõ couſas de voſſa merce, já me vou com voſſa merce.* Acabou dia de Reys ás dez horas da noite. He de conſiderar, que era muito moça, e teve taõ pouco medo de morrer, que nas Veſperas ſegundas depois do nome de Jeſus, depois de ter a nova, deſcantou na Magnificat com a rabequinha, em que era muito deſtra, e todos os dias, que mais teve de vida, ſempre eſteve alegre, e deſaſombrada: Diziaſe della, que nunqua chegava a locutorio, nem tratava mais, que de ſua Alma; ſendo pera tudo o mais innocentinha, e muito ſimples. Ditoſa ſimplicidade!

CAPITULO XVI.

Da cauſa do titulo, que eſte Moſteiro tem de noſſa Senhora da Conſolaçaõ, e das merces que por ſeu meyo tem recebido a Cidade.

VEnera a Cidade d'Elvas com particular devaçaõ huma Imagem da Virgem Glorioſa Noſſa Senhora, que com titulo da Conſolaçaõ tem lugar principalmente na Igreja deſte Moſteiro, e he buſcada de grandes, e piquenos; porque todos por ſeu meyo recebem grandes miſericordias do pay dellas. Donde naſceo tomar o Moſteiro o nome, e invocaçaõ della. Bem ſe diz, que nenhuma couſa acaba mais depreſſa entre os homens, que a lembrança do beneficio recebido. Porque naõ avendo duvida, que ſempre eſta Senhora conſervou a poſſe de taõ Santo titulo com varios favores, que faz a eſte povo, quando procuramos ſaber dos meyos, e mais antigos, pera ficarem em lugar de graças neſtes eſcritos, viſto como naõ ha requerimento, que mais obrigue a condiçaõ de noſſo Deos a nos fazer novas merces; e ainda a condiçaõ humana, que o agradecimento das já alcançadas, naõ achamos memoria, ſenaõ de algumas poucas, e modernas, que por modernas naõ poderaõ eſquecer. Mas eſtas nos fazem boa prova de quaes ſeriaõ as antigas; e diremos todas, as que á noſſa noticia chegaraõ, offerecendoas á Senhora pera a edificaçaõ dos Fieis, e penhor do animo, com que eſcreveramos as mais, que o tempo apagou.

Naõ tinha mais que tres annos de idade Antonio de Mello, neto de outro Antonio de Mello, Alcaide Mór da Cidade, e criavaſe em caſa de Dona Antonia de Caſtro ſua avó, quando adoeceo de maneira, que os Medicos o deraõ por morto. Avido por tal, e começado a chorar de todos, naõ quiz deſconfiar Dona Antonia das Miſericordias do Ceo. Toma o minino nos braços: Vayſe com elle á Senhora da Conſolaçaõ: Poemlho ſobre o Altar, proſtraſe por terra á viſta de muito povo, que a ſeguia de laſtima; pede com lagrimas lhe dê vivo o neto, que deſconfiado, e quaſi morto lhe offerece; naõ tardou a Virgem bendita em conſolar a avó, e dar vida ao neto, que foy dar duas vidas

das em huma ſó vida. Dalli o levou vivo, e ſaõ, e foy teſtemunha da maravilha quaſi a Cidade inteira.

Chorava Dona Maria de Siqueira, nobre Dona deſta Cidade, dous filhos, que mandara acompanhar ſeu Rey na infelice, e ſempre triſte memoria, e jornada d'Alcacere: Choravaos por mortos, porque, ſendo paſſados alguns mezes, e vindo cada hora novas de muita gente, que eſcapara com vida, de nenhum delles tinha recado: Foyſe hum dia a eſta Senhora eſperando ſó della o remedio de ſua deſconſolaçaõ, pediolho com efficacia, e chegandoſe ao Altar, tomoulhe com reverencia o Minino, que tinha nos braços, e diſſelhe: Voſſo filho (Senhora) me dará conta dos meus: pera iſſo o levo comigo: comigo eſtará, daime vós licença, em quanto eu naõ ſouber ſe ſou inda mãy, ou ſe os perdi pera ſempre. Foy couſa publica, e averiguada, que no meſmo dia, em que foy o piadoſo furto, teve cartas, e certeza de ſerem vivos ambos os filhos: e continuando na devaçaõ da Senhora, naõ ſó os vio depois juntos em ſua caſa vivos, e ſãos; mas alcançou della outras muitas merces em caſos particulares de doenças ſuas, e delles, e de ſeus netos. Das quaes obrigada ſempre a ficou ſervindo com devaçaõ, e com muitas peças, e veſtidos ricos.

Era morador na Cidade Dom Pedro Lobo, tinha doente de ſeſoens hum filhinho de ſeis annos de idade; ſendo o mal muito apertado ſobreveolhe outro, que o aumentou em dobro; ſubiulhe á cabeça hum humor de tal qualidade, que privandoo de todos os ſentidos, ficou em eſtado, que, ſem aproveitar remedio de quantos ſe provaraõ, os Medicos o largaraõ por morto: Porque com outros ſinaes mortaes lhe tinha a força do humor quebrado já hum olho. Deixaraõno tambem os pais polo naõ verem com ſeus olhos acabar. Eſtava com elles hum Frade noſſo, Irmaõ de Dom Pedro; encheoſe de confiança do poder, e maravilhas, que ſabia da Senhora da Conſolaçaõ: Aviſou ás Freiras do que paſſava, pedindolhes que logo fizeſſem huma memoria pola neceſſidade diante da Santa Imagem. Acudiraõ todas ao Coro. Cantaraõlhe devotamente huma Antifona; e a Prioreza mandou a Coroa da Senhora, pera que a puzeſſem ſobre a cabeça do minino. Nunqua ſe vio antidoto de mais poderoſo effeito. Na meſma hora, que lha puzeraõ, eſpertou, abrio os olhos, fallou, e diſſe, que Noſſa Senhora lhe dera ſaude, e pedio hum Roſario pera rezar por elle. Aſſi naõ foy o eſpertar ſó pera melhoria; mas pera ſaude perfeita, com que logo ficou com admiraçaõ de todos os preſentes.

Polo meſmo modo ſarou outro homem da Cidade, eſtando já ungido de hum peſtilencial Tabardilho. E no Moſteiro teveve remedio huma Religioſa depois de muitos mezes de fortiſſimas ſeſoens: Aquelle pondo a Coroa, eſta Madre cobrindoſe com o manto da Senhora. Outros muitos doentes da Cidade cobraraõ ſaude ſó com terra, que mandaraõ tomar do pé do Altar, lançada com devaçao ao peſcoço. Mas o caſo, que agora

ra

ra diremos, venceo todos os paſſados em eſpanto: porque tambem foy mais geral, e maior.

Era por fim de Março entrada de Abril, o tempo naõ ſó ſereno, e de Veraõ, mas calmoſo, e como ſe fora Eſtio, nenhum genero de brandura prometia: pereciaõ as novidades, e começavaõ a perder a cór com a ſeca: tinha o povo feito muitas Prociſſoens: tinhaſe repartido em votos a muitos Santos, e naõ aparecia nenhum ſinal de humidade: ſahio entaõ huma voz do povo affirmando em commum, que ſe levaſſem a Senhora da Conſolaçaõ até a Ponte de Caya, teria remedio a neceſſidade. Juntouſe a Camara no Moſteiro. Pediraõ conſentimento á Prioreza, pera o que a terra toda requeria. Faziaõ as Religioſas difficuldade em averem de carecer, nem por huma ſó hora, da Santa Imagem, que em nenhum tempo ſahira de ſua companhia. Com tudo, como era petiçaõ geral, e tambem intereſſavaõ no beneficio, que ſe pertendia, condecenderaõ com a devaçaõ. Juntouſe a terra, compozſe hum andor pera a Senhora de tudo o bom, que avia na terra. Começava a ſahir da Igreja huma comprida, e devota Prociſſaõ com muita cera, e concerto, e as Freiras do Coro a entoar Hymnos da Rainha dos Ceos, naõ ſem ſentimento da auzencia, que eſperavaõ de ſua Imagem: Eis ſubitamente tempo revolto, toldaſe o Ceo de groſſas nuvens, e negras, eſcureceſe o dia, começa o Ar a desfazerſe em agoa. Naõ cabia a alegria nos peitos, nem avia quem quizeſſe cubrir a cabeça á chuva, polo goſto della: Mas foy carregando, e continuando de ſorte, que foy força parar a Prociſſaõ. Aſſi conſolou a Senhora o povo, e acudio ás ſaudades das ſuas Freiras: E porque ſe viſſe, que de ſua interceſſaõ naſcia o bem, perſeverou a agoa tantos dias, que remediou as ſearas, e fez o anno fermoſo.

CAPITULO XVII.

Da grande devaçaõ que neſta Caſa ſe tem ao Santo Roſario: e das maravilhas, que nella tem obrado.

COm eſtas Religioſas terem taõ propicia a Virgem Sagrada, e Mãy de Deos no Santo, e piadoſo titulo da Conſolaçaõ, naõ ſe deſcuidaraõ em querer tambem ſeu favor, naquelle, que ella mais eſtima, que he do Roſario, por memorias, e recapitulaçaõ da Vida, Morte, e Reſurreiçaõ do Bom Jeſus ſeu filho, ſeu, e noſſo Deos. Lembravaõſe, que era devaçaõ dada de ſua maõ ao noſſo grande Patriarca, e como patrimonio certo da noſſa Ordem. E por tal lhe fabricaraõ dentro da Clauſura ſumptuoſa Capella, em que tem ſua Imagem, e alampada perpetua, e permanece entre as Religioſas huma ſolemne Confraria, em que ſe elegem cada anno Mordomas, e ſe faz ſua feſta com cuidado, e deſpeza. E corria já de tantos annos atraz eſte bom ſerviço, que vindo a eſta Provincia o Reverendiſſimo Meſtre Geral Xiſto Fabri confirmou a Confraria no anno de 1588. E o Geral Hyppolito Beccaria honrou a Capella, 1588.

la, concedendo, que quem nella rezaſſe o Hymno, *Ave Maris Stella*, com ſua Antifona, e Oraçaõ ficaſſe ſatisfazendo polas negligencias cometidas na reza de pouca attençaõ, e davaçaõ: e pola culpa do ſilencio quebrado entre dous Capitulos. Com varios ſucceſſos tem moſtrado o Senhor, que lhe he agradavel o cuidado deſtas Madres. Pera gloria ſua, e da Mãy Sagrada diremos alguns, como atégora fomos fazendo nas occaſioens, que ſe nos tem offerecido.

Sendo Prioreza a Madre Soror Iſabel d'Aſſumpçaõ, fezſelhe huma groſſura ſobre o olho direito, que hia creſcendo a modo de lobinho, e tinha já corpo, como de hum tramoço: Davalhe pena, e começava a cauſar disformidade, que pera molheres he maior pena: Sem tratar de outro remedio continuou algumas manhãas em ſe chegar á Imagem da Senhora do Roſario; tomarlhe com devaçaõ huma maõ, e polla ſobre o olho: Iſto baſtou pera ſe ſumir em breve tempo, e deſaparecer de todo a inchaçaõ.

1599. Entrou furioſamente neſta Caſa a peſte do anno de 1599. Foy ferida Madre Soror Filippa d'Annunciaçaõ. Sobrevieraõlhe os accidentes, e agonias, que o mal traz conſigo; com tanto impeto, que a natureza eſtava proſtrada, e vencida: E o Medico, que pola neceſſidade urgente quizera fazer officio de Barbeiro, deixoua por morta, por lhe naõ achar vea, nem pulſo. Acudio a enferma aos remedios celeſtiaes, pedio, que lhe trouxeſſem a Santa Imagem á cama: Abraçouſe com ella; untaraõlhe com o ſeu azeite as feridas; em continente amainou a furia do mal; teve pulſo, e veas, foy ſangrada logo, e na manhãa ſeguinte, e ao ſegundo dia ficou perfeitamente ſãa. Era eſta Madre muito ſogeita de ſeu natural a males de ſangue, e cada quinze dias padecia ſubimentos delle, que lhe cauſavaõ perigoſas Erſipolas. Tinha tanta fé neſta Senhora, que ſó com o azeite de ſua alampada ſe curava, e com elle ſarava, ſem nunqua chamar Medico.

Em tempo de contagiaõ ſaõ peſte fina hum genero de naſcidas, que chamaõ Cabrunculos. Apontoulhe huma deſtas á Madre Iſabel da Viſitaçaõ detraz da orelha. Caminhou logo pera a Capella do Roſario, a valerſe do azeite da ſua alampada. Como era tempo de trabalho, achou a Capella chea de Religioſas, que eſtavaõ em Oraçaõ. Naõ quiz inquietallas, da porta ſe encomendou nas miſericordias da Senhora, proteſtando, que nenhuma outra medicina uſara, ſenaõ o ſeu azeite, com a fé, que nelle tinha toda aquella Communidade. Affirmava depois que logo apoz a Oraçaõ ſentira algum alivio. E continuando com o azeite ſem outra couſa, teve ſaude.

Da meſma maneira ſarou Soror Guiomar d'Annunciaçaõ ferida mais deſcubertamente de huma naſcida debaixo do braço, com inchaçaõ de todo o braço, que ſe lhe eſtendia até a maõ; e com agaſtamentos do coraçaõ, que ſe finava. Acudio logo ao antidoto commum d'alampada, untaraõlhe o peito, e braço; de hum dia pera o outro eſteve ſãa.

Soror Maria Magdalena teve huma poſtema na cabeça acompanha-

panhada de todos os accidentes de verdadeira peſte, febre de fogo, apertos de coraçaõ, dores graviſſimas. Deſconfiaraõ os Medicos della, e ella confiou na Virgem do Roſario. Começando a untar a cabeça, e peito com o ſeu oleo, deſcarregou a poſtema copia de materia podre polos ouvidos; ceſſaraõ logo as dores, aliviou o coraçaõ, e ſarou de todo.

Cahindo em cama de peſtilencial tabardilho as Madres Soror Iſabel dos Reys, e Soror Filippa de S. Joaõ, naõ quizeraõ, nem ſouberaõ buſcar outra Botica, e eſta ſó lhes valeo, eſtando Soror Filippa cuberta de pintas negras, e Soror Iſabel com huma ingoa creſcida de traz da orelha; final de peſte.

Soror Maria da Cruz entrou neſte Moſteiro, ſendo viuva, buſcou a pobreza de Chriſto, deixando muita fazenda, filhos, e familia. Naõ ſofreo o inimigo do genero humano obra de tanto merecimento: armou contra ella todo o Inferno. Que podia fazer huma molher fraca, e ſó? Tal foy a bataria de tentaçoens, que a puzeraõ em termos de aſſentar conſigo tornarſe ao mundo. Neſte eſtado lhe acudio hum bom Eſpirito, lembrandolhe a quebra, que ſeria pera a nobreza de ſeu ſangue, que era muita, tornar atraz com o começado: E quaõ perto tinha o remedio contra a tentaçaõ, ſe o buſcaſſe na Capella do Roſario. Foyſe a ella correndo, proſtrouſe diante do Altar, pedio favor á Virgem. Achouo taõ depreſſa, que logo ficou trocada nas determinaçoens, e fez ſua profiſſaõ com alegria. O meſmo favor experimentou depois em mal corporal. Cubriuſe toda de naſcidas de peſte; e dizem que a padeceo duas vezes diſtintas; e de ambas ſe curou ſó com ſe encomendar á Virgem do Roſario, e aplicar o ſeu azeite. Naõ foy menos eſpantoſa a ſaude, que por eſte meyo alcançou, pera hum filho, e pera hum genro. O filho eſteve quarenta dias oprimido de huma pontada, que lhe tolhia a falla, e tirava o ſono, e lhe hia tirando a vida. O genro cahira de hum cavallo com perigo, e naõ fazendo caſo por entaõ da queda, ſuccedeolhe maior mal, inchoulhe a cabeça, ſobreveo febre ardente com ferneſis. Deuſe aviſo a Soror Maria, que naõ avia nelle eſperança de vida. Foyſe a quem lhe dava remedio pera tudo, tomou a Coroa da Senhora, mandoua ao enfermo, e ficouſe diante della pedindo miſericordia. Naõ tardou recado, que na hora, que lhe tocaraõ a cabeça com a Coroa, ceſſaraõ os effeitos do humor frenetico, abrira os olhos, e entrara em perfeito juizo, e ſe ſeguira melhoria.

Huma ſervidora, por nome Franciſca de Jeſus, chegou a eſtado de grandes dores dos olhos, que cuidou ficar cega. Tomou por meyo de ſaude pedilla á Senhora por hum novo modo. Fez a petiçaõ em papel, como ſe faz aos Reys da terra, e mandoulha pôr nas maõs. Foy o deſpacho da Rainha do Ceo, ceſſarem logo as dores, e ficar livre de todo o mal. Deſpacho, que naõ apareceo em letra; mas teve ſeu cumprimento em obra.

Franciſca das Chagas teve os narizes inchados, e arrebentados com receo, e riſco de doença fea, e muito perigoſa. Por-

que nenhum medicamento, de quantos aplicava, lhe fazia proveito, remeteuſe ao que a todos valia, que foy o azeite da Senhora; e naõ ouve miſter mais cura.

O meſmo aconteceo a huma eſcrava do Moſteiro, que perecia ſem remedio de mal de garganta: Tendoa taõ inchada, e apertada, que nem agoa podia paſſar: Ouve quem tentou darlhe hum pouco do azeite da Senhora a beber: Grande maravilha! com hum ſó trago, que levou, ficou livre.

Tambem os ſeculares fizeraõ experiencia da virtude medicinal deſte azeite. O Licenciado Diogo Pereyra Medico do Moſteiro, chegou ás portas da morte, ferido da contagiaõ, que andava deſenfreada na terra, e elle a curara em muita gente. Foy taõ ſiſudo, que deſpreſou Galeno, e Avicena; mandou ao Moſteiro pedir o azeite, pola noticia que tinha delle, e nelle achou a vida, de que já naõ fazia conta.

Nelle achou tambem vida D. Chriſtovaõ Manoel, aplicandoo a huma naſcida, que lhe veyo a huma ilharga com graviſſimas dores, e febre ardente: Madurou, e rebentou com o azeite, e ſem uſar mais mezinhas guareceo.

De S. Jacinto por Santo da Ordem, e muito milagraſo em favor deſte Reyno, temos referido algumas maravilhas, aſſi como ſe nos foraõ offerecendo nos Conventos deſta Hiſtoria: E naõ determino deixar em ſilencio os que achar até o fim della. Neſta Caſa faremos mençaõ de duas ſómente, inda que nos conſta, que na Cidade tem obrado muitas. Sendo a primeira, que vindo a eſta Igreja hum pobre homem cego, e conhecido por tal em toda a Cidade, com ſe encomendar ao Santo, ſahio della com viſta perfeita. He a ſegunda, que vivendo a Madre Soror Antonia de Nazareth affligida, e deſconſolada vida de eſcrupulos, já na reza, já na Confiſſaõ, com que ſe matava a ſy, e a quem a confeſſava, e ſe temia, que vieſſe a endoudecer. Encomendouſe a eſte Santo, quando chegou a nova de ſua Canonizaçaõ, e perſeverando em ſua Oraçaõ, veyo a alcançar huma grande quietaçaõ, e paz de conſciencia. Tras eſtes caſos continuaraõ tantos outros na Cidade, que o povo ſe ouve por obrigado a lhe levantar Confraria neſta Igreja, que anda bem ſervida, e tem ſua Imagem, e alampada, que arde perpetua diante della. E naõ he pera eſquecer, que affirmaõ os Confrades, e toda a mais gente, que continua eſta Caſa, que ſe tem achado por experiencias feitas com curioſidade, gaſtar a ſua alampada muito menos azeite, que todas as mais da Igreja. Parece, que quer o Santo ajudar aos Confrades, que naõ devem ſer muito ricos, e como contribuir de ſua parte alguma couſa pera a Confraria. Pera a qual impetrou da Sé Apoſtolica a devaçaõ, e deligencia da Madre Soror Maria de Menezes, Freira do meſmo Moſteiro, huma Bulla de todas as graças, e indulgencias da Igreja de S. Joaõ de Latraõ em Roma. Suſtenta a Caſa de ordinario, quarenta Religioſas do Coro, e mais algumas Converſas, e Servidoras.

CAPITULO XVIII.

De algumas molheres de boa, e ſanta vida, que por eſte tempo tiveraõ nome no Habito, e Profiſſaõ da Terceira Regra de S. Domingos.

EM outra parte deixamos feita larga menção de huma Irmandade, que noſſo Padre S. Domingos inſtituio de gente ſecular com leys, e fim principal, pera ajudar a defender tambem com armas materiaes o patrimonio da Igreja contra os Hereges. E por iſſo lhe poz nome Milicia de Jeſu Chriſto, e demos conta, como ſendo honrada polos Summos Pontifices com izençoens, e privilegios, e abraçada com fervor da nobreza, e povo, em fim foy ceſſando ao paſſo, que as hereſias, que em muitos membros andavaõ levantadas, foraõ vencidas, e deſarreigadas de todo. E entaõ de Milicia de homens, ſe veyo a converter em Ordem de molheres: E tambem tomou nome novo, que foy da Terceira Regra, ou da Penitencia de S. Domingos, e com elle foy dando ao mundo muitos, e muy inſignes Eſpiritos, que a fizeraõ eſtimar, e dilatar por todas as Provincias da Chriſtandade, e ſeguir de muita gente de qualidade; principalmente em terras grandes, e onde avia Conventos da Ordem. Deulhes Regra o Reverendiſſimo Geral Muſſio Eſpanhol, que foy aprovada polos Pontifices Innocencio VII., e Eugenio IV., e ſeus Succeſſores a honraraõ com novas graças, e liberdades; e foy a maior, que poſſaõ gozar de todos os privilegios concedidos á Ordem, inda que vivaõ em caſas particulares, ou morem com ſeus pays, e parentes.

P. 1. l. 1. c. 17. fol. 58. col. 2.

Suzzato na vida de S. Domingos. cap. 2.

Nos principios naõ ſe admitiaõ a eſta Ordem mais que molheres viuvas. A primeira, que ſendo Donzella, a profeſſou, foy a Serafica Santa Catharina de Sena, com taõ boa eſtrea, que o ſeu exemplo fez florecer nella outras muitas por toda a Chriſtandade, aſſi Donzellas, como de outros eſtados, que nas Hiſtorias de S. Domingos ſaõ celebradas com titulo de Santas, e milagroſas, como foraõ Angela de S. Severino, Anna de Camerino, Daniella de Benevento, Margarita de Caſtello, Joanna de Civita Vechia, Elena de Piſa, Maria de Venecia, Margarita de Saboya, Marqueza de Monferrat, e Irmãa de hum Duque de Saboya, Sibillina de Pavia, e outras muitas, que deixamos, por naõ ſerem de noſſa obrigaçaõ. Das que nos tocaõ, temos dito alguma couſa em ſeus lugares. Agora he tempo de dizermos de outras, pera acabarmos de nos deſobrigar de huma promeſſa, que em outra parte fizemos. Já vimos, que em Evora, e Elvas creſceraõ tanto em numero, que vieraõ a juntarſe em Communidade, e de Terceiras profeſſaraõ a Obſervancia, dando principio a dous illuſtres Moſteiros: O meſmo veremos ao diante ſucceder ao Recolhimento de Santa Martha d'Evora, que de caſa de Terceiras, he hoje o Religioſiſſimo Moſteiro de Santa Catharina de Sena. Só em Lisboa, ſendo maior o numero de molheres, que profeſſaõ a Ordem de Terceiras, como em

P. 1, l. 1. cap. 14.

terra tanto maior, nunqua chegaraõ a compor Communidade duravel; inda que algumas vezes ſe intentou. Como ſempre eraõ varias em qualidades, eſtado, fazenda, morada, e obrigaçoens, communicavaõ pouco entre ſy; e naõ ſe juntavaõ mais, que na Igreja a ouvir ſuas Miſſas, e receber os Sacramentos com ſilencio, e modeſtia. E eſta devia ſer a cauſa, porque naõ foy adiante hum Recolhimento, que, ſegundo achamos em huma memoria autentica, foy principiado em Lisboa, fóra da Porta da Cruz, polos annos de
1520. 1520. Aſſi ficaraõ no coſtume, que hoje tem, que he juntaremſe na Capella de S. Pedro Martyr: Onde ſeu trato he ſó com Deos, e com ſeu Padre Eſpiritual, que a Religiaõ lhes nomea, homem de idade creſcida, e virtude provada: Daqui torna cada huma pera ſua caſa particular.

Nos tempos antigos, ſegundo verdadeiras tradiçoens, que temos, ouve gente de muita ſuſtancia neſte genero de vida na Cidade de Lisboa: Perdeoſe a memoria de ſeos Eſpiritos; porque, nem entaõ avia corioſidade, pera ſerem notados, nem os que a podiaõ ter, faziaõ caſo delles. Que ſe vemos noſſos paſſados, que eraõ curtos em eſcrever as virtudes heroicas dos Varoens eminentes, como nos temos queixado muitas vezes, quem os avia de
Plutarch. obrigar a fazer livro de molheres, cuja maior eſtima, ſegundo a opiniaõ de hum Sabio, he naõ ſair ſua fama, nem ſer conhecido ſeu nome fora dos cantos, e limites de ſua caſa. Com tudo, naõ ſe póde negar, que he grande prova de aver entre as antigas muitas de grandes, e ſobidos merecimentos, alem da tradiçaõ que dura, o que ſabemos de algumas, que noſſos pays viraõ, e trataraõ, cuja vida, e procedimento foy taõ cheyo de bençoens do Ceo, que nos obrigaõ a fazer Hiſtoria dellas; e eſcolhermos eſte anno de 1540. 1540.
Porque averiguamos, que faleceo nelle huma rara molher, Portugueza no naſcimento, Terceira na profiſſaõ, profeſſa em S. Domingos de Lisboa, e ſepultada em Bolonha na Capella, e á ſombra de noſſo Santo Patriarcha; e celebre por eſcritos, e fama, que os Bolonhezes lhe deraõ. Começaremos por ſua vida. Mas de força avemos de dizer menos, do que ſe lhe deve. Porque ſomos taõ parecidos os Frades de S. Domingos, os que hoje vivemos, com os antigos, que culpamos de froxos, e deſcuidados, que conſtandonos, que ſe eſcreveo, e foy impreſſa ſua vida em Italia, naõ procuramos, nem temos nenhuma neſta Provincia, que a gerou, e criou: O que pudemos alcançar della com certeza, he o ſeguinte.

Naſceo Soror Margarida (que aſſi avia nome, pera que vida, e nome foſſem entre ſy conformes) na Villa de Eſtremos em Alentejo, de pays humildes. Sendo de muito pouca idade ficou orfãa de pay; e a mãy pera ficar mais deſembaraçada pera ſegundas vodas, entregoua ás Freiras de Santa Clara da meſma Villa, pera as ſervir. Era o trato de gente Santa, nelle bebeo os primeiros principios de devaçaõ, e amor de Deos. Paſſados dous annos, lançou maõ della

della huma parenta, levoua a Lisboa, e caſoua, ſendo muito moça, com hum official mecanico. Tinha já delle Soror Margarida huma filha, quando ſuccedeo perguntarſe pola ſua rua, por huma molher de bom leyte, pera o dar a hum minino, filho de hum Fidalgo, que por indiſpoſiçoens da ama, que o começou a criar, eſtava tambem enfermo. Era o Fidalgo Dom Pedro de Moura. Foy Sor Margarida ſervillo, como pobre que era, e continuou na caſa por eſpaço de dous annos, que o minino viveo. Nelles ſoube dar taõ boa conta de ſy, com virtude, e bom ſerviço, que Dom Pedro a eſtimava, e ſua molher a amava como filha; e porque tratavaõ de ſe ſahir da Cidade por rebates, e medo de peſte, que avia, de novo a chamaraõ, e levaraõ comſigo a Benavente, pera onde foy ſua retirada. Era iſto já em tempo, que o marido ſe tinha auſentado do Reyno: Dezejou melhorar d'eſtado com brio, e forças de mancebo, fez viagem a Guine, achou a morte, onde cuidou tirar riqueza. Aſſi ficando viuva, e moça, e prenhada, foy ſer criada, onde fora ama, e deulhe Deos tal graça, que Dona Mecia d'Abreu lhe poz nas mãos toda a caſa: O cuidado da fazenda, por fiel, a guarda de ſuas filhas, e familia por virtuoſa, e prudente. A poucos dias da eſtada de Benavente vieraõ a parir juntas, ſenhora, e criada. A criada hum filho, que viveo pouco; a ſenhora huma filha. Tornou Soror Margarida com tal occaſiaõ a ſer ama, e paſſou tres annos criando. No diſcurſo delles conſiderando ſeu eſtado, de viuva, ſó, e ſem filhos, nem outra obrigaçaõ, lembravaſe dos bons principios, que tivera com as ſuas Freiras na mininice; ſuſpirava por aquelle ſoſſego d'Alma, pedia a Deos lho quizeſſe deparar algum dia, e por alguma via reſtituir: e determinada a buſcallo, reſolviaſe com firmes propoſitos em naõ querer nada do mundo. Ajuntava a taes penſamentos dar muitas voltas ao ſeu Roſario, meditando a vida, e trabalhos do Bom Jeſus, de que naſcia encherſe de fervor de padecer por elle. Começou a jejuar as ſeſtas feiras a paõ, e agoa á honra da Payxaõ: Veſtio tunica de lãa; e com dezejos de poder ler livros devotos, e rezar o Officio Divino, fezſe força, e aprendeo. Eſtava já D. Pedro na Cidade, depois de aliviado o mal; e Soror Margarida tendo novas de hum ajuntamento, que começava a creſcer, e ter nome fora da Porta da Cruz de Beatas Terceiras de S. Domingos, toda ſua conſolaçaõ era irſe com ellas, ſervillas, e acompanhallas nos ſantos exercicios da Religiaõ: e de ordinario ſe ficava com ellas tres, e quatro dias, e logo tornava a dar viſta á ſua criada, de cuja affeiçaõ, como naõ tinha filhos proprios, ſe ſentia taõ preſa, que ſó ella a detinha no mundo. Mas o Senhor piadoſo, que a queria ſubir ao monte da perfeiçaõ, cortoulhe brevemente eſta raiz da terra; aos quatro annos levou a minina pera ſy. Tinha já entaõ recebido o Habito de Terceira em S. Domingos, e tomado por devaçaõ deſda hora, que o recebeo, naõ uſar mais nenhum genero de calçado. Por onde ſe póde entender

der o que faria de penitencias em ſecreto, quem aſſi ſe tratava no publico.

Tornou a contagiaõ a perſeguir a Cidade, fogiaõ os que podiaõ: pareceo a Soror Margarida que eſtava já obrigada a offerecerſe a todo o perigo por amor de Deos, e ſem nenhum medo ſe ficou ſervindo com humildade, e diligencia ás ſuas Beatas. Aqui a tocou Deos com hum intenſo dezejo de viſitar em Roma as Reliquias dos Santos Apoſtolos, e as de ſeu Padre S. Domingos em Bolonha, e dahi paſſar a Jeruſalem a fartar ſua Alma, como ella dizia, de pôr muitas vezes a boca, e olhos na terra taõ ditoſa, que fora piſada dos pés do bom Jeſus. Muitas rezoens avia contra a jornada, e naõ faltava quem lhas repreſentaſſe, já propondolhe a fraqueza de ſua diſpoſiçaõ, quebrada de ſuas mortificaçoens, e aſpero tratamento; já o fogo das guerras, que ardiaõ em Italia entre Eſpanhoes, e Franceſes. Devia juntarſe a meu parecer extinguirſe entaõ o ajuntamento das ſuas Beatas, que naõ foy de dura, como em outra parte apontamos: naõ ouve couſa, que a tiveſſe; porque vencia toda a força de boas rezoens a maior, que lhe fazia o Eſpirito. Aſſi o vimos por huma Carta ſua, que temos em noſſa maõ, eſcrita a Dom Pedro, eſtando ja de partida, em que ha hum periodo, que diz aſſi: Faço ſaber a Voſſas Merces, que me von caminho de Roma, porque naõ he em mim deixar de o fazer; porque já o pedi ao Senhor Deos, ſenaõ era ſeu ſerviço hir, apartarme diſſo: Porém cadá vez mais, tenho efficacia, e dezejo diſſo. Saõ palavras formaes da Carta, que he notavel, aſſi pola reſoluçaõ com que obedeceo ao movimento d'Alma, que a mandava ſahir de ſua terra, e da caſa, em que era eſtimada ao modo de outro Abrahaõ; como tambem pola pobreza, com que acometeo viagem taõ larga, e arriſcada, que na Carta deſcobre; porque pede por eſmolla, e com grande humildade, e por amor de Jeſu Chriſto a Dom Pedro, a quem tantos annos tinha ſervido, naõ dinheiro, nem letras de cambio, ſenaõ hum covado de panno pardo, ou preto, pera fazer huma Murça.

CAPITULO XIX.

Parte Soror Margarida pera Roma: Paſſa á Terra Santa: Torna a Bolonha em Italia, e fica de morada nella.

POs-ſe a caminho Soror Margarida por fim de Abril, ſegundo conſta da meſma Carta, que tendo data do mez, faltalhe a do anno. Eſte ſegundo a lembrança, que Dom Pedro deixou, foy o de 1526. ou o ſeguinte. O modo de caminhar era a pé, e deſcalça, o trajo Murça de panno preto ſobre Eſcapulario branco, ſombreiro na cabeça, bordaõ na maõ. Sahiraõ com ella tres molheres de bom Eſpirito, e na determiçaõ de peregrinar conformes. Moſtrou Deos ſer a jornada de ſeu ſerviço: Porque ſendo Soror Margarida muito fraca, e indiſpoſta, paſſou as duzentas legoas, que ha de Lisboa a Barcelona, com taõ boas forças, como ſe as ganhara com trabalho. De Barcelona

celona eſcreveo a ſeus amos, deulhes conta de ſy: e foy a ultima carta, e recado, que lhes mandou. Julgo eu, que como neſte lugar ſe deſpedia das terras de Eſpanha, deſde entaõ ſe quiz tambem aver por enterrada pera com ſeus conhecidos, e viver ſó pera Deos, e pera ſy. E naõ duvido, que aqui tambem, pera ficar mais eſquecida, e deſconhecida de todos, e de tudo, devia de trocar o ſobrenome de Fernandes em Palos, que he o que depois uſou por toda a vida. Daqui ſeguio ſua peregrinaçaõ, paſſou a Roma, e a Veneza. Em Veneza embarcou pera a Terra Santa, e em fim chegou a Jeruſalem. O gozo, e alegria d'Alma, com que entrou, e reſidio na Santa Cidade, ſe deixa bem entender da vontade, com que emprendeo a jornada, e do que della referio a Dom Pedro huma das companheiras, que em cabo de dezoito mezes tornou a aparecer em Lisboa. Dizia eſta, que a conſolaçaõ, com que Soror Margarida ſe achava nos Santos Lugares, era taõ celeſtial, que naõ entendia ſer já poſſivel deixallos, ſenaõ depois de os lograr muito devagar, e polo menos eſpaço de dous annos, ou tres. Quantos foraõ os que ſe deteve, naõ chegou a noſſa noticia: Porque neſte paſſo ſe perdeo a memoria, e raſto della. E lhe aconteceo como a Rio, que ſe ſome na terra, e vay ſahir, e aparecer em outra parte muito diſtante, ſegundo ſe eſcreve do Nilo em Aſia, do Alfeo em Grecia, do Guadiana em Eſpanha. Porque a cabo de muito tempo deu ſua vida grande brado, e em fim ſe ſoube, que deixando Jeruſalem, tornou a Bolonha a viſitar a Caſa de S. Domingos, e nella lhe ſuccedeo couſa, que com muita rezaõ a obrigou a perder totalmente o amor da Patria, e ficarſe até a morte á viſta, e ſombra daquellas ¡Santas Reliquias.

Pedio Confeſſor chegando ao Convento: Acudio hum Padre Lombardo de Naçaõ, taõ cerrado na ſua lingoagem, e boçal nas alheas, que de nenhuma maneira ſe entenderaõ nas poucas palavras, que da primeira viſta tiveraõ entre ſy. Porém entrando no auto da Confiſſaõ, foy iſto tanto ao reves, que elle lhe entendeo toda ſua accuſaçaõ, taõ perfeitamente, como ſe a fizera em bom Lombardo, e ella ſeus conſelhos, e amoeſtaçoens Santas, como ſe foraõ em liſo, e corrente Portuguez. Caſo foy, que muito deu que cuidar a cada hum, e que por entaõ diſſimularam ambos. Mas continuando as confiſſoens, foy maior o eſpanto: porque viaõ, que fora dellas de nenhuma maneira ſe entendiaõ em couſa, que trataſſem, inda depois de muitos dias de communicaçaõ. Julgava o Confeſſor, como foy tomando mais conhecimento da conſciencia da penitente, que por meritos della obrava Deos a maravilha, que naõ duvidava ſer naſcida do poder Divino. Julgava a penitente, que de ſer o Confeſſor Santo, e tudo o da caſa ſemelhante a ſeu Fundador, lhe procedia tanto bem. E dandoſe as emboras de ter topado com tal Eſpirito, pera refrigerio de ſua Alma, tomava por aviſo do Ceo os ſucceſſos: E logo foy aſſentando comſigo, naõ cuidar mais em

mudar

mudar terras, nem andar caminhos; mas ficarſe em Bolonha pera todos os dias de ſua vida. O Padre Frey Luis Cacegas, de cujos eſcritos, e memorias vamos tecendo eſta Hiſtoria, e tiramos as mais, que temos poſto na luz da impreſſaõ, affirma, que indo elle a Roma no anno
1571. de 1571. a hum Capitulo geral, por companheiro do Padre Frey Nicolao Dias, que hia por Diffinidor deſta Provincia, paſſaraõ por Bolonha, e acharaõ inda vivo o proprio Religioſo, Confeſſor de Soror Margarida, e de ſua boca recebera toda a ordem deſte ſucceſſo na forma, que temos contado, e diz que ſe chamava Frey Luis Arquivio, e que, com ſer entrado em muita idade, gozava de huma velhice robuſta, e verde acompanhada de boa diſpoſiçaõ, e inteiro juizo.

Como a noſſa Romeira ſe reſolveo em dar fim á ſua peregrinaçaõ, e caminhos em Bolonha: Tratou juntamente de ordenar ſua vivenda de maneira, que nenhuma peſſoa tiveſſe occaſiaõ de entender com ella, nem ella tiveſſe a quem dar rezaõ de ſy, mais que a Deos, e a ſeu Confeſſor. E como iſto naõ era poſſivel conſeguirſe, ſe ouveſſe de andar por caſas alheas dadas, ou alugadas: Deparoulhe Deos no meyo deſtes cuidados apoſento acomodado a ſeu deſenho. Notou em huma pedreira fora dos muros da Cidade, huma lapa cavada na rocha. Pagouſe della pera ſua morada, por ſer deſviada do concurſo do povo, e ſolitaria. Que pouco baſta pera quem de huma vez ſe ſabe determinar, e correr contas com o mundo! Aqui ſe recolhia as noites, e do dia paſſava ſó as horas, que naõ tinha aberta a Igreja do ſeu Santo. Cova aberta, e no campo, bem nos declara qual ſeria a cama, e o mais enxoval. Naõ devia paſſar de alguma pouca de má palha, que antes fizeſſe aſco, que cobiça a quem a viſſe. Pouco teme ladroens, diz o Proverbio, quem caminha ſem bolça. Sem receyo de ſer roubada, ſahia em amanhecendo pera o Convento, ouvia ſua Miſſa, e aſſiſtia em Oraçaõ, até que a obrigava a levantarſe a hora de ſe cerrarem as portas da Igreja. Daqui hia procurando alcançar por eſmolla quanto baſtava pera ſuſtentar a vida, que era aſſaz pouco; e logo tornava ao Convento, a dar o reſto do dia a Deos. Naõ ſe vio agulha de marear mais acelerada, e certa em correr ao ponto do Norte, que a força invencivel da pedra, em que eſtá tocada, lhe faz buſcar, do que Soror Margarida foy diligente em continuar ſem mudança eſte genero de vida. Acontecia cubrirſe a terra de neve em grande altura no Inverno: Nada lhe tolhia o caminho ordinario pera a Igreja. Rogavalhe o Confeſſor, que ou ſe calçaſſe, ou naõ ſahiſſe da cova, quando nevaſſe: Mas nem huma couſa, nem a outra ſe pode nunqua acabar com ella. Como fará, dizia, mimo a ſeus pés, quem ſe acha em caſa de hum pay, que nunca caminhou polas ſerras, ſenaõ com os çapatos na cinta? Como arrecearey a neve eu má, e peccadora, quando leyo de hum Bautiſta ſantificado no ventre de ſua mãy, e de ſeus ſucceſſores, os Santos moradores do Ermo, que aturaraõ

raraõ a vivenda do deſerto ſempre deſcalços, ſempre mal cubertos : Padeçaõ os pés agora o que mal caminharaõ em outro tempo: padeçaõ frio na vida, por naõ padecerem fogo na morte.

Aſſi vivia Soror Margarida Anacoreta em povoado : mas naõ conſentio o Senhor, que promete paga de cento por hum a quem quer que por elle alguma couſa deixa, que ficaſſe eſcurecida, e ſem galardaõ huma luz de tanta bondade. Eſtava Hylariaõ no coraçaõ do Ermo embrenhado, e os Demonios no maior concurſo das Cidades deſcubriaõ ſeu nome, e virtudes. Quando faltaõ amigos, que falem, e louvem aos obras ſantas, temos taõ bom Deos, que faz pregoeiros dellas os maiores inimigos. Soou por Italia a penitencia, e conſtancia da Portugueza ; e chegou muito acreditada á Corte de Roma, em tempo que ſe achava nella por Embaixador de Portugal Dom Pedro de Menezes: Ouvio com goſto o bom Portuguez as novas em que, por compatriota era participante: e elle foy o que, tornando a Portugal, as deu de ſer viva quem já na memoria de parentes, e conhecidos eſtava ſepultada. E delles as ouvio com grande conſolaçaõ ſua Dom Pedro de Moura, fazendolhe ſómente duvida, vir nomeada de Italia por Margarida de Palos; ſendo ſeu verdadeiro nome Margarida Fernandes. Foy o caſo, que pera ſe encubrir, e fazer deſconhecer de todo, disfarçou o nome: Mas naõ quiz Deos, que pudeſſe disfarçar a lingoagem, que a manifeſtava por Portugueza. Muito póde o valor do Eſpirito, pera emprender, e acabar couſas grandes. Tal era o de hum, que entrava tremendo na batalha; e perguntado pola cauſa : Treme o corpo, dizia, e paſma dos perigos, em que ha de pôr o coraçaõ. Naõ foy menos a fortaleza de Soror Margarida em ſe mortificar, e vencer as forças do amor proprio, e ſaudades da patria. Mas naõ puderaõ as forças corporaes aturar tamanho Eſpirito, ſofobraraõ, e cahiraõ com o peſo. Tendo paſſado o fim do anno de 1539. ſem quebrar hum ponto do rigor começado, entrou Janeiro do anno novo frigidiſſimo, e deſtemperado de neves, e ventos, que tal he ſempre em Bolonha com a vizinhança das ſerras do Apenino. Naõ acharaõ reſiſtencia em aquella humanidade, enfraquecida por tantas vias: E veyo a falecer aos dezaſeis do meſmo mez primeiro do anno de 1540. veſpera do grande Penitente, e ſeguidor do Ermo Santo Antaõ. 1539. 1540.

CAPITULO XX.

Sepultura de Soror Margarida, com outras particularidades, que depois de ſer ſepultada ſe viraõ.

TRatouſe entre os Padres da ſepultura. Pareceo a todos, que taõ boa filha naõ merecia menos lugar, que o da companhia de ſeu Santo Pay: E como naquelle tempo tinha o Santo Patriarca ſua Capella alta, e em ſitio, que ficava a prumo ſobre a porta das Graças, e naõ era poſſivel ſepultarſe nella, deraõlhe o enterro mais vizinho, que

podia ſer, que foy na meſma porta, honrado com ſua campa: Viraõſe logo alguns caſos milagroſos, que o bom velho Frey Luis Arquivio foy notando, e depois contava com lagrimas de ſaudade, e devaçaõ da ſua confeſſada, e os atribuhia a ſeus meritos. Mas como eraõ em negocios particulares, e que deixavaõ lugar a duvidas em animos pouco devotos; ordenou o Senhor, que ſempre honra os ſeus, acreditar ſua ſerva com hum tao publico, e patente, como fora ſua ſantidade. Paſſados alguns mezes depois de enterrada, ſuccedeo falecer hum homem nobre da Cidade, e daremlhe lugar junto á porta das Graças. E ou foſſe, que ficaſſe a ſepultura mal apertada, ou a cova pouco profunda, começaraõ os Religioſos a ſentir cheiro de podridaõ ao entrar, e ſahir pola porta. E naõ faltou entre os Frades quem com afouteſa o atribuhia á Eſtrangeira, por defenderem o ſeu natural. Creſceraõ as queixas, quebrando todas as ondas dellas ſobre o Padre Arquivio, como que fora elle cauſa de ſe lançar em tal lugar a ſua confeſſada. Affligido o bom Padre com o que via, e ouvia, pedio licença ao Prelado pera ſe certificar do que diziaõ, e o remediar, ſe foſſe neceſſario. Chama officiaes, faz levantar a lagea: Mas naõ era bem levantada, quando a terra bolida começa a exhalar huma taõ eſtranha fragrancia, que encheo de maravilha o Padre, e officiaes. Porque vencia na ſuavidade todos os mais eſtimados perfumes da terra, e até o mao cheiro da cova vizinha encubria, e ſumia. Fezſe eſta diligencia de partes de noite. Eis que acudindo a Communidade a Matinas, naſce novo eſcandado. Porque ſentindo a ſuavidade, que por toda a Igreja recendia, julgaraõ a novidade por artificio do Padre Arquivio, como que ordenara com o Sacriſtaõ queimar algumas paſtilhas. Sabia já o Prior o que era paſſado, declarou tudo aos ſubditos. Deraõ juntos graças a Deos, e naõ ficou nenhum, que deixaſſe de tocar com as mãos aquella terra ſanta, e paſmar da conſolaçaõ, que os ſentidos recebiaõ, cheirandoa. E tornouſe entaõ a murmuraçaõ em reſpeito, e grande eſcrupulo de piſarem com os pés lageas, que cobriaõ taes Reliquias: E toda a Communidade requereo, que ſe paſſaſſem a ſitio levantado, onde eſtiveſſem com a devida honra. E aſſi ſe fez paſſado algum tempo; colocandoſe no vaõ do Altar, que fica diante do Sepulcro de noſſo Santo Patriarcha: onde eſtiveraõ, até que ſe lhe lavrou no andar da Igreja huma ſumptuoſa Capella baixa, que hoje tem. E no meſmo gaſalhado tornaraõ a ficar os oſſos de Soror Margarida. Por maneira, que na Capella do Santo ficá ſeu corpo no lugar do Retabulo, e os oſſos de Soror Margarida lhe formaõ Altar, e frontal, ſumidos nelle, que naõ póde ſer maior honra. No primeiro ſitio alto eſtavaõ, quando o Padre Frey Luis Cacegas paſſou por Bolonha, ſegundo atraz apontamos. Mas quando ſe tresladaraõ pera o ſegundo, onde hoje eſtaõ, acertou a ſer preſente o Padre Preſentado Frey Thomás de Souſa, famoſo Prégador del-Rey Dom Sebaſtiaõ, que paſſa-

va

va por Diffinidor pera hum Capitulo geral, e alcançou pera o Convento de Lisboa, donde era filho, huma grande Reliquia delles, que foy huma cana inteira do joelho até o pé, que na Sacriſtia ſe guarda com decencia, como em outta parte temos apontado.

P.1.l.3.c. 41. na Cron. da Provinc.

O que temos referido dos principios da vida deſta Bemaventurada, alcançamos de huma copia de huma Carta, que nos veyo ás mãos, que Dom Pedro de Moura eſcreveo ao Padre Prelormo, que ſe chamava Guarda de S. Domingos de Bolonha (devia ſer Sacriſtaõ de ſua Capella) no meſmo anno que ella faleceo. Os fins nos conſtaraõ por outra Carta do meſmo tempo, que eſte Padre Prelormo mandou a Dom Pedro, pedindolhe informaçaõ das qualidades, e naſcimento della, pera eſcrever ſua vida, como depois fez. E porque he Carta notavel, pera prova da ſantidade de Soror Margarida, naõ ſerá fóra de propoſito ficar aqui lançada, como eſtá no original, que em noſſa maõ temos, e diz aſſi.

MAgnifico Domino Petro Mouræ Portugallenſi, Domino ſuo obſervandiſſimo. Magnifice Domine ſal. in eo, eſt vera ſalus. Dominationem veſtram admoneo, qualiter Soror Margarita de Palos, quam intellexi vobis eſſe affinem, præſenti ſæculo moriens finem dedit 16. *Januarii, quæ & in morte miraculis claruit. A plurimis autem rogatus fui, ut vitam ejus perquirerem. Igitur Dom. veſtram exorandam duxi, ut ipſa dignetur mihi intimare, quomodo Exorta fuerit, à quibus parentibus, vel qua familia, & an unquam nupſerit, vel ſi primitus Habitum noſtri Ordinis Sancti Dominici ſuſceperit, vel prius fuerit alterius Religionis. Demum de converſatione ipſius, dum apud vos eſſet, quomodo in omnibus ſe habuerit. Hoc quod expoſtulo, & vobis honori erit, & mihi pergratiſſimum, multisque devotis perſonis acceptiſſimum. Præſentes latores rectius, ſerioſeque de his reddent vos certiores. Quam citius Dom. veſtra hæc, quæ poſtulo, per fideles nuntios tranſmiſerit, tanto vobis debebo, nec veſtri ero immemor in orationibns meis, apud Patrem noſtrum Dominicum, cujus Corporis indigne curam habeo. Dat. Bononiæ die* 20. *Martij* 1540. *Dominat. veſtræ Fr. de Prelormo Cuſtos Sancti Dominici.*

O nome primeiro deſte Padre nos encubrio a antiguidade, e máo tratamento do papel da Carta. Segueſe a traduçaõ. Ao Magnifico Dom Pedro de Moura Portuguez. Magnifico Se-

Senhor, ſaude naquelle Senhor, que de todos he verdadeira ſalvaçaõ. Faço ſaber a V. S. como Soror Margarida de Palos, que entendi tinha rezaõ comvoſco de parenteſco, paſſou da vida preſente em dezaſeis de Janeiro, reſplandecendo na morte com milagres. E porque muita gente me tem pedido, lhe faça inquiriçaõ de ſua vida, determiney pedir a V. S. ſeja ſervido mandarme informar de quem era por naſcimento, e de que gente, e caſa. E ſe foy caſada, ou ſe tomou primeiro o noſſo Habito, ou ſe antes de o tomar teve principios em outra Ordem; e em fim, que vida fez, e como ſe ouve, e procedeo em tudo, quando neſſas partes vivia. Iſto, que peço, ſerá pera honra deſſe Reyno, e voſſa, e de grande goſto pera mim, e pera muitas outras peſſoas devotas. Os portadores deſta faraõ melhor, e mais ordenada relaçaõ do que aſſima digo. E quanto V. S. mais em breve me acudir com as informaçoens, que peço, inviandomas por via ſegura, e certa, tanto mais lhe ficarei obrigado, e naõ me eſquecerei de o encomendar a Deos, e a noſſo Padre S. Domingos, de cujas Santas Reliquias, ſem o merecer, tenho cargo, e cuidado. Dada em Bolonha a 20. de Março de 1540. De V. S. Fr. de Prelormo, Guarda de S. Domingos.

CAPITULO XXI.

De outras Molheres de muita qualidade, e virtude, que em Lisboa profeſſaraõ a meſma Regra de Terceiras.

NO meſmo tempo, que a boa Margarida trocava a vida mortal com a eterna em Bolonha, deixava a ſecular pola Religioſa em Lisboa outro Eſpirito, que por differente via teve nome igual na meſma profiſſaõ de Terceira. Era Prior de S. Domingos de Lisboa o Meſtre Frey Jeronymo de Padilha, Reformador, e Vigario Geral do Reverendiſſimo, e fora eleyto, como atraz tocamos, por Setembro do anno de 1538. no Capitulo, em que ſahio Provincial Frey Mendo de Eſtremós. Pediolhe o Habito de Terceira Iſabel Cabral viuva nobre, e moça. Elle lho veſtio, e ſendo pouco depois Provincial lhe fez ſua Profiſſaõ. Foy Soror Iſabel peſſoa muito notavel em devaçaõ, e penitencia: De ſorte, que ſe fez eſtimar de todos os Prelados, e Padres mais graves, e mais Eſpirituaes da Provincia. Accuſava ſeu roſto as mortificaçoens, com que caſtigava a carne: E a compoſiçaõ de ſembrante manifeſtava o interior d'Alma. Eraõ ſuas cores mais de corpo defunto, que de molher viva. Quando adorava o Santiſſimo Sacramento, batia os peitos nús, como outro S. Jeronymo, com hum feixo, que trazia comſigo por baixo do Eſcapulario: E eraõ os golpes de tanta força, que ſe faziaõ ouvir ao longe, e obrigavaõ a devaçaõ, e compunçaõ. Anda-

va

va ſempre deſcalça ; mas com tal arteficio, que ſó a terra lhe via, e ſentia o trabalho, que paſſava ; porque a piſava com plantas nuas, e o reſto dos pés cubertos. Fallava pouco, e quando alguma palavra lhe ſahia da boca, dava ſinaes certos, que procedia d'Alma, que ardia em Amor Divino. Acompanhava eſtas virtudes riguroſa abſtinencia, e continua Oraçaõ Mental, que a trazia ſempre como deſterrada, e longe dos ſentidos ; e toda embebida no Ceo. Cauſouſelhe a morte das penitencias. Parece, que quiz o Senhor publicar parte dellas, pera honrar o ſegredo, com que cubria todas, e pera edificaçaõ noſſa. Caminhava pera a Igreja, eis que a poucos paſſos aſſenta o pé ſobre hum prego, prego agudo, o pé deſcalço ficoulhe atraveſſado ; e deulhe tanto a merecer com infinitas dores, e com longa, e trabalhoſa cura, que quando veyo a convaleſcer, o remedio, que tinha pera naõ faltar na Igreja, era hir pendurada ſobre duas moletas. E ainda neſte eſtado ſe affirma, que nunqua deu melhor trato ao pé ſaõ, que quando ferido o enfermo. Deſte mal junto com varias mortificaçoens, que nunqua largava, teve origem huma febre Ethica, que ſe lhe ferrou nos oſſos, e naõ ceſſou até a conſumir.

De mãos do meſmo Padre Frey Jeronymo veſtio tambem o meſmo Habito Maria Ribeyra, peſſoa muy nobre, e juntamente rica, que naõ cazando nunqua, governava, e mantinha obrigaçoens de grande familia. Viaõſe nella retratadas ao vivo Maria, e Martha todas as vezes, que ſe aplicava a qualquer das partes da vida activa, ou contemplativa, que neſtas Santas Irmãas ſaõ repreſentadas. Em caſa aſſiſtia com encerramento perpetuo, ſenaõ era na hora de hir á Igreja. Regia ſua fazenda, e familia com prudencia, e inteireza varonil. Repartia groſſas eſmollas a quem as merecia por neceſſidade, e virtude. E porque neſtas partes poucos pobres precedem aos Religioſos Capuchos da Provincia d'Arrabida, ficou em memoria, que lhes acodia com particular cuidado, e largueza. Sendo tal nas partes de Martha, eſpantava grandemente a conſtancia, com que ſeguia as de Maria. Naõ ſe contentava com menos, que darlhe muitas, e longas horas, que tomava pera orar, e meditar. No qual exercicio paſſava tanto adiante, ajudada de outras virtudes, que algumas peſſoas bem experimentadas nas materias do Eſpirito, que a communicavaõ, diziaõ della, que ou foſſe perguntando, ou dando rezaõ de ſy, ſe enxergava nella tratallas com hum ſentimento interior de Meſtra, e muito exercitada. E eſte autoriſava com huma rara compoſiçaõ, e veneravel aſpecto. Em tal vida paſſou conſtantemente muitos annos, e nella acabou em paz.

A eſtas Madres ſeguiraõ outras na meſma Cidade de grande opiniaõ de virtude, e vida Religioſa, entre as quaes teve fama de raro exemplo adquirida com largos annos, que gozou de vida, Soror Catharina Carreyra, da familia do Carreyros, e Almadas, gente conhecida, e muito honrada.

Nos

Nos tempos adiante, ſendo Provincial o grande Meſtre Frey Luis de Granada, recebeo com ſua licença eſte Habito Maria de Quadros, e a elle teve por Confeſſor, e Meſtre do Eſpirito. Era muito moça, quando ſe determinou a ſeguir a Religiaõ: dezenganada do pouco, que val tudo, o que tem luz, e eſtima no mundo, naõ quiz delle nada; e dandoſe toda a Deos, ſahio taõ boa diſcipula, que acreditou muito a opiniaõ do Meſtre. Era todo ſeu trato ſingelleſa, e humildade, muito recolhida, e encolhida, poucas palavras, mas prudentes, e graves. Podendo aſſiſtir na Cidade, e tendo pera iſſo baſtante fazenda, reſidia com goſto em huma quinta ſua, e fazia conta, que ficava em verdadeiro deſerto. Porque ſe fechava de maneira, que naõ ficava vendo mais que campos, e boſques, nem ouvindo outras vozes mais, que a das aves: Mas pera exercicio de virtude admitia comſigo algumas molheres de boa vida, com cuja companhia, e com as de ſua familia, ficava compondo hum Religioſo Moſteiro, empregandoſe tôdas em orar, e louvar a Deos. Contaſe della, que por naõ dar hora nenhuma a occioſidade, mandava, nas que reſtavaõ da Oraçaõ, vir linho, rocas, e fuſos, e fazia, que lançaſſem maõ, e fiaſſem, imitando a molher forte, que a Eſcritura gava. Porque a maior fortaleza da mais honrada he, naõ eſtar nunqua deſocupada de algum bom exercicio, entretanto recreavaas, ou com a liçaõ de hum livro devoto, ou fallando ella, que o ſabia fazer de maneira, que eraõ ſuas palavras braſas vivas em coraçoens de cera. Principalmente ſe tratava do Divino Paõ de vida, que por grande miſericordia do Pay Eterno nos ficou no Santo Sacramento do Altar, derretiaõſe as Almas em amar, davaõ teſtemunho os olhos com fontes de lagrimas. Acabou Soror Maria, deixando fama, e opiniaõ de Santa.

Traz Soror Maria levou o Senhor pera ſy outras tres Religioſas da meſma Profiſſaõ, e Regra, acreditadas igualmente em virtude, que nos poderaõ obrigar a particulares tratados de cada huma, ſe naõ temeramos eſtender muito eſta eſcritura. Baſte, ficarem em memoria ſeus nomes, que eraõ Iſabel da Coſta, Luiza Antunes, e Anna Vicente.

Mas naõ faltando nunqua em Lisboa ſogeitos de grande merecimento, e partes, que ſe humilhavaõ a ſeguir o Cordeiro Celeſtial no Habito, e penitencia de Terceiras, creſceraõ com a ventagem tanto, que no Convento de S. Domingos ſe vio levantado Altar á Serafica Catharina de Sena no topo do Cruzeiro daquella grande Igreja da parte da Epiſtola. Devemſe os principios do Altar, e Capella, e inſtituiçaõ da Confraria ao Padre Frey Joaõ Pinto devoto aſſinalado deſta Santa. Ajudou ella com famoſos milagres em favor dos que pera ſuas neceſſidades buſcavaõ ſeu meyo, e valia com Deos. Publicavaõſe as maravilhas, prégavaõſe as virtudes, da que ſendo honra das Terceiras, era lume de toda a Ordem de S. Domingos. Foy grande o numero das que inflamadas em ſua devaçaõ veſtiraõ

o ſanto Habito, e nelle fizeraõ Religioſa vida. Entre muitas foy conhecida, e celebre a perfeiçaõ de Soror Iſabel Alvares Torralva, pola perſeguiçaõ que os Demonios lhe faziaõ com medos, e fantaſmas no tempo da Oraçaõ.

Naõ teve menos nome Soror Brittes de Santo Thomás, de quem ſabemos, que em muitos annos de vida nunqua comeo carne, ſempre dormio veſtida, ſervindolhe de cama huma taboa, e de almofada pera a cabeça de noite os pantufos, que de dia lhe ſerviaõ nos pés, cercada de cilicios, moida de diſciplinas, conſumida de jejuns.

Irmãa era deſta Madre, tanto na vida, como no ſangue, Soror Elena da Cruz. E naõ viviaõ com menos concerto de Religiaõ, e coſtumes Soror Maria Cacegas, e Soror Catharina de S. Domingos. Das que hoje vivem poderamos nomear muitas, e dizer muito de cada huma, ſe o permitira a rezaõ da Hiſtoria, ou ſua humildade nos dera licença.

Mas naõ ficou ſó no povo a devaçaõ de Santa Catharina de Sena, e da ſua Regra. Entrou polas portas dos Paços, ſubio as altas, e pompoſas eſcadas, penetrou os apoſentos, e Camaras Reaes: E naõ foy agaſalhada com menos amor das grandes Senhoras, e moradoras dellas, do que fora da humildade do vulgo recebida. Suſtentava a Rainha Dona Catharina grande Caſa, e Eſtado, como era rezaõ, inda depois de falecido el-Rey Dom Joaõ III. ſeu marido: leoſe entre as Damas, e criadas de ſeu ſerviço a vida deſta Santa. Contaraõſe milagres paſſados, e preſentes. Abalaraõ os coraçoens brandos, e piadoſos com eſpanto, e com devaçaõ. Ouve huma Dama de geraçaõ principal, e em partes naturaes avantajada, que ſe determinou a veſtir, e trazer contino, naõ já Bentinho curto, e ſecreto, que iſto he uſo de muita gente, mas o Habito inteiro de Terceira. E porque ſe temeo de offender com a novidade os olhos dos parentes, anticipouſe em pedir licença á Rainha, que como Senhora taõ Catholica lha deu gracioſa, e alegremente ajuntando condiçaõ, que mais fez eſtimar o favor, que naõ foſſe parte a differença do trajo, pera deixar de a acompanhar em todos os actos, e tempos, como as mais Damas.

Aſſi a vio muitas vezes entre ellas acompanhando a S. Alteza, quem iſto eſcrevia: levounos o tempo ſeu nome da memoria. E he bem de notar, que naõ pode acabar, nem eſcurecer o de outra criada da Rainha, que tambem a ſervia em foro nobre; inda que menos adiantado que o de Dama: E naõ ſe contentou ſó com o ceremonial de Habito, e cores; mas fez profiſſaõ de verdadeira Religioſa: E póde ſer, que daqui naſceo ſabermos hoje ſeu nome, que era Soror Jeronyma de Santo Aguſtinho; e perderſe o de quem ſe contentou com menos, levada de alguma eſperança do mundo.

CAPITULO XXII.

Que contem hum Breve Apoſtolico ſobre certo litigio, que correo entre os Religioſos de S. Franciſco, e S. Domingos, na materia das Chagas de Santa Catharina de Sena.

A Eſte lugar pertence darmos conta da determinaçaõ, que o Santo Padre Clemente VIII. de felice memoria, preſidindo na Igreja de Deos, mandou tomar, e fez declarar por ſuas letras na pertençaõ, que os Religioſos do Serafico Padre S. Franciſco tiveraõ, e altercaraõ na Curia Romana, pedindo, que ſe naõ conſentiſſe aos de S. Domingos, pintarem as Imagens de Santa Catharina de Sena com as Chagas abertas em pés, e mãos, e lado, que era o maior brazaõ da Ordem Franciſcana, e de ſeu Santo Patriarcha: Como que tornaſſe em offenſa ſua, alcançar tamanho favor, e uſar delle huma Freirinha Terceira da Ordem de S. Domingos. E naõ obſta ſerem paſſadas eſtas letras muitos annos adiante do em que de preſente vamos. Porque a ordem, que neſta eſcritura ſeguimos deſde ſeu principio, pede lançarmos juntamente o que pertence a cada membro della, aſſi pera clareza da Hiſtoria, como pera ſe acharem com facilidade, e diſtintas as materias, que tratamos. E ainda que eſta Santa foy lume, naõ ſó da Terceira Ordem de S. Domingos; mas de toda ſua Religiaõ, e primeira em todo genero de virtude, inda que Terceira na Regra, dezacordo he cuidar ninguem, que porque ſeja pintada com Chagas, e verdadeiras Chagas, como as teve, podem perder as de S. Franciſco nem huma minima parte de ſua grande luz. E a eſta conta mandou o Summo Pontifice, que até ſe tomar final reſoluçaõ na materia polos Senhores Cardeaes, deputados pera exame das Ceremonias, e Ritos Sagrados, ſe naõ fizeſſe nella novidade, nem por parte de huma Religiaõ, nem da outra, que foy o meſmo, que mandar, que pudeſſem os Frades de S. Domingos uſar da poſſe, em que eſtavaõ, e eſtaõ de pintar, e lavrar as Imagens da Santa com os ſinaes das Chagas. Eſtimou a Religiaõ dos Prégadores eſte Decreto Apoſtolico, conſiderando a grande, e immortal obrigaçaõ, em que eſtá a eſta Santa. Porque, como foy a primeira Donzella, que profeſſou na Terceira Regra, de ſeu exemplo procedeo acudirem a ella grande numero de molheres de ſemelhante eſtado, que deſpreſadas as vodas do mundo, por ganharem as do Ceo, adiantaraõ tanto neſta Religiaõ, que andaõ celebradas nas Cronicas da Ordem, com titulo de Santas, e muy grandes Santas: E todo ſeu valor, e ſantidade em certo modo he devido a eſta Serafica Catharina, como a quem lhes abrio a porta, e deu principio a ſeguirem nella o Divino Cordeiro. Pola meſma rezaõ nos cahe aqui a propoſito o Breve, que daremos com ſua traduçaõ, pera ſe communicar a todos.

Cle-

Clemens Papa VIII. Univerſis Venerabilibus Fratribus, Patriarchis, Archiepiſcopis, & Epiſcopis, & aliis locorum Ordinariis per univerſum Orbem conſtitutis ſalutem, & Apoſtolicam benedictionem. Cum, ſicut accepimus, nonnulli Fratres Ordinis Sancti Franciſci prætendant, Imaginem Sanctæ Catharinæ de Senis non eſſe depingendam cum Stigmatibus, ſed ſolius Sancti Franciſci Imaginem ita depingi debere, ac ſuper hoc ſæpe cum Fratribus Ordinis Prædicatorum altercentur, & contendant. Nos hujuſmodi altercationes, & contentiones præcidere cupientes, negotium iſtud Venerabilibus Fratribus noſtris Sanctæ Romanæ Eccleſiæ Cardinalibus ſuper Sacris Ritibus, & Cæremoniis deputatis, examinandum, cognoſcendum, & decidendum, ac terminandum commiſimus: Cum decreto tamen, quod interim nihil innovetur. Ne autem dum in dicta Congregatione prædictum negotium deciditur, in aliqua Orbis terrarum parte, circa hoc aliquid innovari contingat, vobis, & cuilibet veſtrum, per præſentes committimus, & mandamus, ut autoritate noſtra curetis, & præcipiatis ſub cenſuris, & pœnis Eccleſiaſticis arbitrio veſtro infligendis, ne in Civitatibus, & Diœceſibus veſtris quisque Fratrum prædictorum Sancti Franciſci, aut alii quicumque (donec in dicta Congregatione Cardinalium hujuſmodi negotium Stigmatum Sanctæ Catharinæ definitum, & declaratum fuerit) circa illud aliquid innovare, aut ulterius altercari, vel contendere præſumant, Conſtitutionibus, & Ordinationibus Apoſtolicis, ac præſertim fælicis recordationis Sixti Papæ IV. prædeceſſoris noſtri, cæterisque in contrarium facientibns, non obſtantibus quibuſcumque. Cæterum, quia difficile foret præſentes literas originales ad unumquemque veſtrum deferri, volumus, & autoritate Apoſtolica decernimus, ut præſentium exemplis etiam impreſſis manu alicujus Notarii publici ſubſcriptis, ac ſigillo perſonæ in dignitate Eccleſiaſtica conſtitutæ munitis, eadem prorſus fides ubique habeatur, quæ ipſismet præſentibus haberetur. Datum Romæ apud Sanctum Petrum ſub Annulo Piſcatoris. Die 27. Novembris. 1599. Pontificatus noſtri anno octavo. Marcus Veſtrius Barbianus. Ro-

1600. *mæ apud Impreſſores Camerales* 1600. *Paulus Blanchus Cancellarius Cameræ Apoſtolicæ. Maurus Fagundes Archidiaconus de Sexta Cathedralis Eccleſiæ Elborenſis meo ſigillo munivi.*

Clemente Papa VIII. a todos os Veneraveis Irmãos noſſos Patriarchas, Arcebiſpos, e Biſpos, e aos mais Ordinarios por todos os lugares do mundo conſtituidos, ſaude Apoſtolica, e bençaõ. Como quer que, ſegundo ſomos informados, alguns Frades da Ordem de S. Franciſco pertendaõ, que ſe naõ deve pintar com Chagas a Imagem de Santa Catharina de Sena; e ſó a de S. Franciſco ſe aver de pintar com ellas, e ſobre iſto tragaõ litigios, e contendas com os Frades da Ordem dos Prégadores. Nós dezejando atalhar ſemelhantes queſtoens temos cometido o negocio aos noſſos Veneraveis Irmãos Cardeaes da Santa Igreja de Roma, que ſobre os Sagrados Ritos, e Ceremonias ſaõ deputados, pera que delle tomem conhecimento e o examinem, determinem, e acabem. Mas com tal ordem, e aſſento, que por entretanto ſe naõ innove nelle couſa alguma. E porque naõ aconteça, que em quanto o dito negocio ſe trata, e reſolve na dita Congregaçaõ, haja nelle novidade, ou alteraçaõ em alguma parte do mundo: Polas preſentes vos encarregamos, cometemos, e encomendamos a todos, e a cada hum de vós, que em noſſo nome provejais, e o mandeis com cenſuras, e penas Eccleſiaſticas, que a voſſo alvedrio fulminareis, que nenhum dos ditos Frades de S. Franciſco, nem outras quaeſquer peſſoas, ſe atrevaõ em voſſas Cidades, e Dioceſes a innovar couſa alguma, nem mais litigar, ou contender neſta cauſa das Chagas de Santa Catharina, até ſer diffinida, e declarada pola dita Congregaçaõ dos Cardeaes, ſem embargo de todas as Conſtituiçoens, e Ordenaçoens Apoſtolicas, e em particular as do Papa Sixto IV. de felice memoria, e quaeſquer outras, que em contrario ſejaõ. Mas porque ſeria couſa difficultoſa chegarem a cada hum de vós outros, os originaes deſtas letras, queremos, e por autoridade Apoſtolica determinamos, que aos treslados dellas, e até aos impreſſos, como ſejaõ ſobeſcritos por qualquer Eſcrivaõ publico, e ſellados com as Armas de qualquer peſſoa em dignidade Eccleſiaſtica conſtituida, ſe lhes dê tanta fé, e credito, como ſe ouvera de dar aos meſmos originaes. Dada em Roma em S. Pedro a vinte ſete de Novembro de 1599. aos oito annos de noſſo Pontificado. Marco Veſtrio Barbiano. Em Roma polos Impreſſores da Camara anno de 1600. Paulo Blancho Chançarel da Camara Apoſtolica. Amaro Fagundes Arcediago de Sexta da Igreja Cathedral d'Evora a ſelley com o ſello de minhas Armas.

Fim do Livro Segundo.

TER-

TERCEIRA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO TERCEIRO.

CAPITULO I.

Fundaçaõ da devotiſſima Caſa de S. Domingos da Villa d'Amarante, com a Vida do Glorioſo S. Gonſalo, por cujo reſpeito, e devaçaõ foy fundada.

Flos Sanctorum impreſſo em Brag. an. 1513. Flos Sanctor. de Fr. Diog. do Roſario. Flos Sanct. de Vilheg. Caſtillo. p. 1. l. 2. c. 60. Fr. Ant. de Sen. an. 155. f. 94. Antuſt na Vid. de S. Ped. Gonſ. c. 8. §. 2. Mariet. p. 2. l. 12. c. 1.

A Ordem, que deſdo principio deſta Hiſtoria propuſemos ſeguir, e atégora temos continuado, foy reduzir as Vidas dos Santos, e Varoens aſſinalados della aos Conventos, em que, ou naſceraõ por profiſſaõ, ou aſſiſtiraõ por longa reſidencia, ou ficaraõ por morte, ſem reſpeitarmos a maior, ou menor antiguidade dos annos, e naſcimento de cada hum. Por eſta conta florecendo o milagroſo S. Gonſalo tantos annos atraz, que foy dos primeiros Santos da noſſa Ordem, vimos a eſcrever ſua vida no anno de 1540. Porque neſte teve principio o ſeu, e noſſo Convento d'Amarante, que á ſua honra mandou edificar elRey Dom Joaõ III. como logo veremos: E aſſi como demos lugar anticipado a muitos Varoens modernos pola relaçaõ, que tiveraõ com Conventos antigos, vem acontecer a eſte Santo ficar naõ ſó em ſegundo, mas quaſi em ultimo lugar, por naõ alterarmos o eſtylo começado, como fora, ſe o apartaramos do ſeu Convento. Porém julgo, que foy boa ventura deſte noſſo trabalho. Porque da meſma maneira, que na Primeira, e Segunda tivemos montes de Santidades, que a illuſtraõ com maravilhas: Na Primeira hum Frey Soeiro primeiro Pay da Ordem em Eſpanha depois de noſſo Patriarcha: Hum Frey Gil ſegundo Provincial nella, hum

1540.

Marty. rol. dos Santos de Braga. Trugilho in Theſauro Concionatorum.

hum Frey Payo, hum S. Pero Gonſalves, e hum Frey Lourenço Mendes: Na Segunda hum Frey Vincente, que foy o primeiro, que levantou Bandeira contra a Clauſtra, e nos inſtituio a Obſervancia, que a maldade do tempo tinha eſquecida, e cahida: Hum Frey Arnao milagroſo; huma Princeſa Dona Joanna, que o naõ foy menos em virtudes, que em Eſtado: Aſſi tambem nos honraſſe eſta Terceira hum Santo, que em famoſos prodigios de Eſpirito, e obras igualou aos mayores da primittiva Ordem, e a muitos da primitiva Igreja. Por onde me parece rezaõ, e obrigaçaõ, que pois elle com ſeus raros merecimentos foy cauſa original de ſe fundar eſte Convento, demos primeiro noticia delles, e de ſua vida, que das paredes, e fabrica de pedra, e cal.

Corre polo Termo de Guimaraens, Arcebiſpado de Braga, o piqueno, e mal conhecido Rio Vizella, e lava com ſuas agoas huma pobre Aldea, que chamaõ Arriconha. Neſta quiz Deos, que naſceſſe o lume de Santidade S. Gonſalo, pera com ella enriquecer de virtudes eſte Reyno, e noſſa Religiaõ, e moſtrar ao mundo, que do mais humilde pó da terra ſabe, e póde lavrar vaſos de eleyçaõ pera ſua Igreja, e colunas de gloria pera a Corte do Ceo. A caſa, em que naſceo, ſe chamava entaõ o Paço de Gonſalo Pereyra, bom final da nobreza de ſeus pays, que nella viviaõ; pois o nome de Paço ſó a peſſoas, e caſas illuſtres pertence. Era ſua geraçaõ dos Pereyras, e ſaõ travados com outras familias, que entaõ tinhaõ bom lugar, e reputaçaõ no Reyno. Perdendoſe a memoria de muitas couſas dos principios deſte Santo, naõ pode a força do tempo, e antiguidade, que tudo desbarata, apagar a memoria do que em ſeu Bautiſmo ſuccedeo. Porque a eſtranheza do caſo a conſervou viva, e inteira por todas as idades com os nomes da Igreja, e lugar, em que foy. Naſcendo o Minino, como temos dito, no lugar de Arriconha, foy levado a bautiſar ao de Tagilde na Igreja de S. Salvador (da rezaõ, que pera iſſo ouve, naõ conſta; podia aver muitas) depois de bautiſado, ao tempo, que o Sacerdote o entregou nos braços da ama, pera o enxugar, e agaſalhar, em lugar de buſcar os peytos, e o leyte, que o natural inſtinto a toda a criatura enſina, ou ſe queixar com choro da frialdade do banho ſagrado, poz os olhos em hum Crucifixo, que perto eſtava; com tal geito, que fez paſmar quantos o acompanhavaõ; porque naõ ſó perdeo o ſentimento da agoa, e cuidado do leyte; mas como ſe tivera juizo pera diſcernir, e entender o que via, aſſi pregou, e deteve a viſta na Santa Imagem com attençaõ, em quanto a ama o penſou. Grandes juizos faz a natureza de hum bom principio, pera pronoſticar futuros bons. Porém iſto ſe entende nas couſas de curſo ordinario, e naõ nas que tem ſua origem no Ceo, e na Miſericordia Divina: Quando o Senhor quer prevenir ſeus ſervos com bençoens de ſuavidade, vencida toda a ordem natural, que he hum genero de Santificaçaõ, e principio

cipio de ſantidade. Como lemos de hum S. Nicolao, que no leyte da ama fazia abſtinencias ordenadas: E de noſſo Patriarcha S. Domingos, que na meſma idade ſe deixava cahir da cama d'ama, pera ficar toda a noite na terra fria. Eſta madrugada de entendimentos naõ deve nada á natureza, toda he do Ceo, toda milagroſa, e de graça ſobrenatural. E vioſe logo mais claramente no noſſo Minino Gonſalo (que tal foy o nome, que lhe puzeraõ na pia, e dizem as memorias, que eſte era o de ſeu pay) porque o primeiro dia, que a ama indo pera ouvir Miſſa o levou á Igreja, foy correndo com os olhos as Imagens dos Altares, até chegar a hum Senhor crucificado. Aqui parou, e debatendoſe todo pera elle com eſtranho affecto, parecia querer ſaltar do collo d'ama, e naõ podendo fazer mais, eſtendia os bracinhos, como que o queria abraçar. Eſtava a ama atonita, cotejando eſta novidade com a que ſe vira no Bautiſmo: E vendo conformidade em ambas, notava neſta termos mais eſpantoſos: Porque acolá ouve ſómente attençaõ na Santa Imagem, com ſuſpenſaõ dos actos infantis, cá ſobre affecto, e brandura no geſto, que parecia já devaçaõ, gritos, e lagrimas ao apartar, quando ſe quiz recolher com elle pera caſa. Iſto meſmo lhe acontecia depois todas as vezes que á Igreja era levado. E contaſe que hum dia, ſendo a Miſſa acabada, e querendoſe a ama hir, foy tamanho o pranto no Minino, que naõ lhe ſofrendo o coraçaõ laſtimallo, como ja ſabia a cauſa, ſe deixou eſtar hum grande eſpaço mais diante do Crucifixo. E tornando a cometer a ſahirſe da Igreja; tornouſe a eſpertar o choro, e grita no criado: De ſorte que combatida no animo da dór, que lhe faziaõ aquellas lagrimas, com a reprehençaõ, que tinha certa em caſa, pola tardança demaſiada, naõ ſentio outro remedio, ſenaõ tornarſe a huma Imagem da Virgem Noſſa Senhora, que no meſmo Altar eſtava, e pedirlhe a enſinaſſe que termo teria pera eſcuſar o ſentimento daquella creaturinha, que amava; e naõ ſer occaſiaõ de ira aos pays com a detença. Neſte ponto notou a boa ama, que o Minino reclinou a cabeça contra a meſma Imagem da Senhora, e como quem conſentia já na deſpedida, e retirada, ſe recolheo ſoſſegadamente a ſeus peitos. Hia creſcendo em dias, e creſcia com elles em maravilhas. Amanhecia o dia, e naõ tomava o peito d'ama, em quanto o naõ levavaõ á Igreja: E ſe lhe tardavaõ em o levar, ſignificava, o que ſua Alma lhe pedia, como naõ tinha outras vozes, com choro, e gritos. Entrando nella, tudo eraõ feſtas, riſo, e alegria á viſta das Imagens Santas, em que moſtrava recrearſe tanto, como ſe de todas tivera diſtinto conhecimento. O que ſe provava tambem em caſa; porque ſe acertava de chorar, qualquer que foſſe a occaſiaõ, o remedio, que avia pera logo ſe acallentar, era moſtrarſelhe huma Imagem de Chriſto, ou da Virgem.

Mas he muito de ſentir, que ficando eſtas lembranças taõ vivas, naõ tenhamos nenhumas, que falem da idade mais creſcida,

da, quero dizer da puericia, e adoleſcencia deſte Santo. Contentaraõſe os antigos, pera nos dar a entender, que tudo fora muito aventajado á mininice, com dizer, que obrigado o pay da inclinaçaõ, que lhe via pera tudo, o que era virtude, e ſantidade, depois de o fazer eſtudar as primeiras letras, o entregou ao Arcebiſpo de Braga, pera ſe criar em ſua Caſa em ſua doutrina pera Eccleſiaſtico. Eraõ as caſas dos Arcebiſpos naquella idade como Academias, em que reſidiaõ muitos moços nobres com o meſmo fim. Luzia Gonſalo entre todos em honeſtidade, e humildade, como hum Sol. E naõ ſendo menos na habilidade, e applicaçaõ ao eſtudo, mereceo a ſeu tempo pôr nelle os olhos o Santo Prelado, e provello na primeira Igreja, que lhe vagou. Foy eſta San-Payo de riba de Vizella, naõ longe de Tagilde, com titulo de Abbade. Era Sacerdote moço, e ainda que velho nos coſtumes, e modo da vida, conſiderou na grande obrigaçaõ, que ſobre ſy tomava, encarregandoſe de Almas alheyas. E a primeira couſa, que fez depois de provido, foy proſtrarſe diante do Santiſſimo Sacramento, e como outro Salamaõ, pedirlhe Eſpirito de prudencia, de inteireza, e ſaber pera bem governar, e a ſeu ſanto ſerviço encaminhar o povo, que delle fiava. Acudiolhe o Senhor, que nunqua falta a dezejos ſantos, com tal Eſpirito, que com ſer moço, e rico, e livre de toda ſogeiçaõ, começou huma vida de notavel exemplo. Enfreava o fervor da idade com rigor de penitencias, com longas vigias, e Oraçaõ, cortando polo ſono, com eſtreita abſtinencia, encurtando a meſa, naõ ſó o ſuperfluo, mas inda no mantimento ordinario, e plebeo, que ſó uſava. Aſſi ſe conſervou em pureza no meyo do fogo natural da mocidade, da riqueſa, das occaſioens, e da liberdade, e a guardou ſem nodoa por toda a vida. Seguem de boa vontade a ſanta pureza todas as mais virtudes. E na verdade, naõ ſe via nelle falta de nenhuma. Mas ſobre todas era de ver a franqueſa, com que deſpendia ſuas rendas entre os fregueſes, e a caridade, e amor, com que acudia aos mais neceſſitados. Neſta parte naõ tinha limite. Porque, como ſe fora huma mãy muito mavioſa de cada hum, aſſi queria, que ſobejaſſe tudo aos pobres, ainda que pera elle naõ ficaſſe nada. Nunqua enthezourou, nem guardou de hum anno pera outro; e em ſua opiniaõ, ſó por deſpenſeiro ſe tinha dos bens da Igreja, naõ por dono. Da meſma maneira, que lhe ſervia a abundancia de fazenda pera emprego ſanto, aſſi uſava da liberdade, em que ſe achava de Prelado, pera ſe entregar todo a Deos. Sua maior deleytaçaõ era aſſiſtir na Igreja, apaſcentar o entendimento, e diſcurſo no meſmo, que ſendo minino buſcava com os olhos. Arrebatavalhos entaõ a piadoſa proſpectiva do Bom Jeſus eſtirado na Cruz, coroado de eſpinhos, roſto, e olhos piſados, peito alanceado, pés, e mãos paſſadas com pregos, as carnes ſagradas nuas, e abertas de chagas, e vergoens dos açoutes: Que faria agora, que tudo ſabia por Fé, e por liçaõ das Eſcri-

Eſcrituras Santas, e diſcorria com maduro juizo por cada couſa, e pola cauſa de todas? Naõ tinhaõ hora o dia, nem a noite, que lha naõ levaſſe eſta conſideraçaõ, trazendo ſempre nos olhos d'Alma hum vivo retrato da Sagrada Payxaõ, e venerandoa em todo o tempo, e lugar, já com affectos de amor, a que ſe ſentia obrigado, já com lagrimas de dór, e laſtima, já com abrazados dezejos de padecer por taõ bom Senhor. Com tal modo de vida paſſou muitos annos amado de Deos, e dos homens; e eſtimado do Prelado maior, ſobre todos os que curavaõ Almas em ſua Dioceſe.

CAPITULO II.

Parte o Santo Abbade pera Jeruſalem: Daſſe conta da jornada, e do que mais lhe ſuccedeo, tornando á ſua Igreja, e Caſa.

A Grande, e afervorada continuaçaõ, com que o Santo meditava os trabalhos de Chriſto, veyo a criar em ſua Alma hum immenſo dezejo de ver por ſeus olhos a terra, que foy taõ ditoſa, que mereceo gozar ſua preſença ſagrada trinta e tres annos: ouvir ſua voz, ſer piſada de ſeus pés, e em fim regada de ſeu precioſo Sangue. Parecialhe peregrinaçaõ de todo o Chriſtaõ digna, e dita grande, a quem no trabalho della, e em tal terra ſe lhe acabaſſe a vida. Aſſentava na jornada com incomparavel goſto. Mas logo o deſconſolava, e entriſtecia hum juſto temor de deſemparar ſuas ovelhas. Lidando muitos dias nas ondas deſte cuidado, e naõ acabando de ſe reſolver, em fim ſe lhe offereceo huma traça, com que foy vencendo o eſcrupulo; porque tambem já naõ era poderoſo, pera vencer a força, que lhe fazia o dezejo. Tinha comſigo das portas a dentro hum parente, criado em ſua caſa, e em ſua doutrina deſde moço, que já era Sacerdote, e moſtrava no ſizo, e modeſtia, com que procedia, que naõ deſdiria polo tempo em diante da boa criaçaõ. A eſte determinou encomendar a Igreja, julgando, que por ſer couſa ſua o aceitariaõ de boa vontade os freguezes. E o Arcebiſpo ſe naõ deſcontentaria de tal Coadjutor: e ſua conſciencia ficaria baſtantemente deſcarregada polo enſino, que de muitos annos lhe tinha dado, e a experiencia, que o moço tinha ganhado nelles, de como avia de governar. Chamouo hum dia, falloulhe aſſi.

Filho, que eſte nome te poſſo chamar com mais rezaõ, que teus proprios pays. Porque ſe elles te geraraõ pera o mundo, eu te gerey pera Chriſto, com te dar a luz de ſua Santa Fé: E tanto mais me deves a mim, quanto he de mór valia o conhecimento de Deos, que te eu dey, que o ſer de homem, que elles te deraõ. Fiado em que naõ ignoras iſto, polo bom entendimento, que em ti vejo, quero ajuntar beneficio a beneficio, e que comece deſde logo, o que ha de ſer ao longe. Eſta Igreja, que faço conta renunciar em ti, quando a mim me carregarem mais annos de idade, e a ti mais de experiencia, deſde logo o quero fiar de teu cuidado, em quanto durar huma

auzen-

auzencia, que hey de fazer. Servirteha de muito, começar a ſer Prelado, porque neſte eſpaço de tempo, que eu te tardar (no Senhor confio, que ſerá breve) ganharás com bom governo os animos deſte povo, fratehas aceito ao Prelado maior, pera o tempo da remuneraçaõ, e comigo grangearás deixarte mais depreſſa, e de todo, o que agora faço pera pouco tempo. E ſobretudo, ſe aſſi procederes, livrarás de calumnia o juizo, que de ti faço, que naõ poſſaõ dizer os homens, que em te prover taõ ſedo, ſegui mais as leys do mundo, e do ſangue, que as de prudencia, e Chriſtandade. Pera naõ errares, boas liçoens te tenho dado, e bom roteiro te deixo nas regras, e ordem de vida, com que te criey, e me viſtes proceder. Eſtas te peço, que aſſi como atégora guardaſte, da meſma maneira as tragas ſempre, naõ ſó eſcritas, mas eſculpidas, e gravadas no coraçaõ. Nellas naõ alteres nada, ſenaõ for pera mais gloria de Deos, e mais bem do proximo. Sobre tudo te encomendo o cuidado dos pobres, que ſaõ os filhos, que mais levo atraveſſados n'Alma. Faze, como viſte fazer atégora neſta Caſa. Que os bens da Igreja, filho, naõ ſaõ dos Prelados, ſenaõ das ovelhas, ellas os daõ, a ellas quer Deos, que tornem. No mar nos eſtá enſinando, recebe aquelle immenſo lago as agoas dos rios, e fontes, e logo lhas torna a dar mais puras, do que as recebeo. Mordomos ſomos deſte povo, naõ Senhores: Diſpenſeiros dos bens, e rendas, naõ donos. Se queres, que Deos te ajude em tudo, nunqua neſte ponto mudes de opiniaõ; que a eſmolla, aſſi como he antidoto, que agaga os peccados cometidos, tambem he preſervativo pera naõ cahir em outros. Filho, tudo fio de ti, Igreja, honra, fazenda, ſó os pobres naõ hey de fiar, pera que minha Alma vá conſolada, ſe naõ for, com me prometeres com ſolemne juramento, que ſempre eſta porta pera elles eſtará àberta, ſempre eſta caſa ſerá ſua.

Naõ diſſe mais o Santo: e o parente cheyo de alvoroço pera a Prebenda, que naõ eſperava, e ſem tal cuidar lhe entrava por caſa antes de tempo, reſpondeo, como quem ſabia, com quem o avia, palavras cheyas de humildade, e modeſtia: ajuntou promeſſas, e juramentos de naõ ſahir hum ponto do que lhe mandava, nem das boas liçoens, que em ſua eſcolla tinha aprendido. Como he facil de enganar a virtude? Quem he bom, de tudo, e de todos julga o que ſente de ſy. Alegrouſe o Santo com as palavras, e eſtimou os juramentos, deu conta ao Arcebiſpo, ficou provido o parente, polo que duraſſe ſua auzencia. E como morria por voar, naõ ſó verſe em caminho pera os lugares Santos, venceo na preſſa de partir os dezejos do Inſtituto. Levava os olhos em Roma, que era a primeira eſtaçaõ de ſua jornada, e o coraçaõ na Terra Santa, por cujo amor ſe deſterrava. O modo, com que caminhou, naõ conſta por eſcritura; mas ſe avemos de julgar a hida pola vinda, e polos fins os principios, de crer he, que peregrinaçaõ tomada por puro Amor daquelle Senhor,

que

que polo que nos teve quiz morrer em huma Cruz: Naõ a faria hum Varaõ Eſpiritual, ſenaõ a pé, e como pobre á imitaçaõ do Grande Romano Santo Aleixo; viſto como ambos deixaraõ eſpoſas, e a ambos obrigara hum meſmo fim. Viſitou em Roma as Reliquias dos Santos Apoſtolos, embarcou logo pera Suria; paſſou o mar, e em fim chegou á Santa Cidade. O goſto incomparavel, que ſua Alma ſentio, quando ſe vio nella, e nos lugares, onde foy obrada noſſa Redempçaõ, podeſe alcançar com o entendimento, mas naõ declarar com a penna. Aſſi ſe abraçava com elles; aſſi venerava todos, hora beijando aquella terra com humildade, hora regandoa de lagrimas, com grande ſuavidade, como ſe em cada hum encontrara o meſmo Chriſto em carne. Sua vida era andar de huns em outros, juntando com a contemplaçaõ delles novo genero de penitencia, ſobre as ſuas ordinarias, que era mendigar de porta em porta a ſuſtentaçaõ quotidiana; penitencia mais dura de levar que todas as do mundo, pera quem nelle alguma hora teve de que viver. E com tudo tal era o fogo de devaçaõ, com que o abraſavaõ aquelles Santuarios, que tinha por gloria a pobreza, e a fome: taõ preſo ſe ſentia do amor delles, que paſſaraõ mezes, e hiaõ paſſando annos, e naõ acabava comſigo deixallos.

Neſte tempo o ſubſtituito Vigario depois de enganar alguns dias com boas moſtras os freguezes, como fizera ao Abbade com promeſſas; começou a deſordenar, pondo de parte as riguroſas leys de viver, e governar, que delle recebera: e pera mais ſoltura, como vio que paſſavaõ annos ſem aver nova, nem recado do auzente, tratou de impetrar pera ſy o Beneficio, e fingio cartas, buſcou teſtemunhas, que juraraõ ſer morto: E terçando por elle o parenteſco, e virtudes do que falſamente fazia defunto, foy provido de propriedade na Igreja, que tinha em adminiſtraçaõ. Feito Abbade aſſi ſe ſoltou em todo genero de vicio, e devaſſidaõ, que nenhum final avia em ſua caſa de Amor de Deos, nem cuidado das Almas. Era a renda groſſa, e tratavaſe como Principe. Muitos criados, meſa eſplendida, cavallos, açores, bandos de caens, conſumiaõ os frutos da Igreja de Sam-Payo. E como ſe os herdara de pay, e avós, ou os ganhara por ſeu braço, aſſi os empregava em ſeus danados goſtos, ſem acudir aos pobres taõ encomendados, nem com as migalhas da meſa.

Tal vida faziaõ os dous Abbades: o falſo, e intruſo em abundancia, e diſſoluçaõ, á cuſta da fazenda alhea; o verdadeiro em deſterro da propria, em miſeria, e falta de tudo. Paſſava de treze annos, que cada hum ſe gozava, e lograva com goſto, do que tinha, quando ordenou o Senhor provar de novo a ambos: A hum pera merecimento de mais gloria, a outro de pena, e condenaçaõ. Achavaſe o Abbade Santo taõ contente na pobreza, que buſcara, que nem vendoſe velho, e cançado, ſe lembrava de patria, nem parentes, nem renda. Neſte eſtado começou a ſentir huma ancia, que lhe rohia,

e inquietava a conſciencia, com imaginaçoens triſtes, e eſcrupuloſas; ſe teria dado occaſiaõ ao parente, com ſua longa auzencia, a mudar vida, e coſtumes; e polo conſeguinte a padecerem detrimento ſuas ovelhas, que deixava, ſendo legitimo Paſtor, em poder de Mercenario. Achavaſe culpado, deſconſolavaſe, chorava o tempo, que ſe detivera, e o cahir taõ tarde na conta; como ſe a vida fora folgada, e empregada em paſſatempos. Em fim, ou eſte cuidado naſceſſe de eſcrupulo, que he infirmidade, que acode aos velhos, ou revelaçaõ do Ceo, que tenho por mais certo, deſpedioſe da Santa Cidade, como arrancado, e á força.

Caminhava pera a patria o Santo Abbade, naõ ſó pouco alegre, mas cheio de deſconſolaçaõ. Eraõ cumpridos quatorze annos, quando tornou a entrar por Entre Douro, e Minho. Encaminhou pera ſua Igreja, e fregueſes, que era o fim, que o trazia de tantas legoas. Vinha enfermo, e debilitado do trabalho de andar a pé, magro, diſforme de fome, e penitencias: de roupa naõ ſó pouco luzido, mas parte roto, e eſfarrapado, parte mal remendado. E pera dizermos tudo em huma palavra, vinha hum retrato da ultima pobreza, que faziaõ mais fea a carga de annos, o roſto queimado, e denegrido, o cabello todo branco (que faz grande mudança em eſpaço piqueno a idade, que vay cahindo, quanto mais em quatorze annos) mas de mal penteado, empoado, e deſcompoſto, mais pardo, que alvo. Com tal figura quiz ver por ſeus olhos o que já devia ter ouvido pola terra. Que os prudentes naõ ſe levaõ facilmente de informaçoens. Chegou á porta da que fora ſua caſa, levantou a voz rouca, e cançada, pedio huma eſmolla á honra de Chriſto. Acudio ao brado, e ſinaes de pobreza, como a rebate de inimigos, ou de ladroens hum grande numero de caens de varias caſtas, inviaõſe a elle com bocas abertas, e olhos de fogo: que ſaõ os caens emulos perpetuos da pobreza, polas migalhas, e ſobejos das mezas. Defendiaſe o Santo, ſem ſe offender do que tinha por natural naquelles animaes, quando o eſpanta, e eſcandaliza com deshumanidade huma voz humana, que perdoaſſe, ou ſem perdoar deſpejaſſe a porta. Inda eſta julgou, que ſeria lingoagem de criados, que muitas vezes com ſua má condiçaõ deſacreditaõ a boa de ſeus amos. Levantou de novo hum piadoſo brado; ſenaõ quando acode de dentro o falſo Abbade com paſſo apreſſurado, e olhos aceſos em ira, que ſe foſſe logo ſem mais importunar; que naõ era elle o homem, que ajudava a manter vadios, e callaceiros, que por naõ quebrarem o corpo com hum pouco de trabalho, queriaõ viver á cuſta alheya. Conheceo o Santo o ſeu Vigario na falla, inda que muito trocado de corpo, e geſto: juntou as mãos ſobre o bordaõ, inclinou nellas o roſto, e começou aſſi, arrancando do peito hum ſentido ſuſpiro: Maldizem por certo eſſas palavras com o que alguma hora vos eu enſiney, e muito menos com a fé, que me deſtes, e promeſſas, que fizeſtes, quando de vós me apartey.

Carre-

Carregueivos de regras, e documentos ſantos; e vós a mim de juramento, que ao menos os pobres achariaõ em vós ſempre brandura de condiçaõ, e mãos abertas. E eu acho iſto tanto ao revez, que nem pera mim tendes hum pedaço de paõ: Pera mim, que vos criey, que vos enſiney, que vos puz neſte eſtado? E naõ baſta negardeſme o que do meu comem eſtes animaes, de que eſtais cercado, ſenaõ que ainda de minha caſa, e do meu lar me queyrais á força lançar? Pois façovos ſaber, que eu ſou Gonſalo, Prelado, e Proprietario deſta Igreja. Eu ſou (conheceime) aquelle, que partindo deſta caſa, vos fiz dono della, eu o que vos nomeey, e ſubſtitui por Vigario deſta Igreja, naõ por certo, pera afugentardes, e fugirem de vós os pobres; mas pera acharem gaſalhado, e ſuſtentaçaõ nas rendas, e bens della, que ſaõ proprios ſeus. Naõ tinha bem acabado o Santo velho as ultimas palavras, quando o parente entrando em furia (taõ longe eſtava de ſoccorrer, ou tornar ſobre ſy com o que ouvia) levantou hum baſtaõ, que trazia nas mãos, e naõ ſe contentou com menos, que violar aquellas veneraveis cãas, aſſentandoo com força huma, e muitas vezes ſobre a cabeça, e hombros de quem o criara, e enſinara, e lhe dera fazenda, e honra. Triunfaõ os ſervos de Deos, quando no mundo os maltrataõ, e afrontaõ. Apartouſe o Santo, offerecendo a dór, e a injuria ao Bom Jeſus á conta das que elle padeceo por nós tambem entre os ſeus, e das mãos dos ſeus. E alegrandoſe em ſua Alma de ter cumprido com a obrigaçaõ de advertir o deſencaminhado Vigario, que eſtava vivo, e tornava pera ſua Igreja; mas muito mais, de achar maior merecimento em riba de Vizella, que o peregrino Aleixo em Roma. Porque Aleixo, inda que tambem deſconhecido dos ſeus, naõ faltou huma eſcada pera ſe agaſalhar, e raçaõ quotidiana pera viver: Mas o noſſo ſobre falta de paõ, e deſconhecimento de quem lhe devia ſervillo como a pay, levou em ſima pancadas.

CAPITULO III.

Entende o Santo em prégar, e enſinar o povo d'Entre Douro, e Minho: Levanta huma Ermida ſobre o Rio Tamega: Toma o Habito de S. Domingos por hum myſterioſo meyo.

ACudio a Divina Providencia ao Santo Abbade na perda, que por ſeu amor teve da ſua Igreja, e caſa, com o cumprimento do Centuplum, que no Santo Evangelho promete o Verbo Eterno aos que por elle alguma couſa deixarem. Pola adminiſtraçaõ de Sam-Payo, entregoulhe naõ menos, que a de todo Entre Douro, e Minho. Eis aqui como em ſuas promeſſas vence ſempre a medida de noſſos dezejos. Por huma ſó Igreja, mais de mil Igrejas. Deſdaquella hora, como ſe toda a Provincia eſtivera á ſua conta, começou a corrella, andando de lugar em lugar, e prégando em todos, ſem deixar nenhum. Era o tempo miſeravel em deſconcerto de vidas, e cegueira nas couſas da Fé. Foy ſua prégaçaõ

çaõ tocha pera as ignorancias; norte, e guia pera deſviar dos perigos da culpa, e encaminhar os peccadores pera o Ceo. Enſinava, e allumiava, como pay zeloſo, a filhos amados. No meyo deſtes cuidados tomava como ferias alguns dias pera ſy. Buſcava lugares ſolitarios, em que déſſe paſto ao Eſpirito de Divinas contemplaçoens. Era naquella idade verdadeiro deſerto todo o ſitio, e Comarca, onde hoje he a Villa d'Amarante, ſitio naõ ſó ermo, por apartado da gente, e povoado; mas temeroſo por altura de montes, profundeza de valles, aſpereza de penedia, e matas eſpeſſas, e ſobre tudo pola corrente impetuoſa, e eſcura, com que profundamente lhe lava as raizes o Rio Tamega, entallado aqui com outras montanhas da parte contraria, igualmente dependuradas, e agras, e que fazem crer, a quem eſtá ſobre ellas, que naõ póde aver diviſaõ, nem corrente de agoas em meyo. Acreſcenta horror a viſta da empinada Serra do Maraõ, que cuberta de neve, grande parte do anno, parece ficar pendente ſobre as cabeças. Neſte poſto ſe eſcondia, e achava ſua Alma tanta conſolaçaõ (devia ſer com a lembrança de outros ſemelhantes, que vira nos deſertos de Peleſtina, e ribeiras do Jordaõ) que veyo a edificar nelle huma piquena Ermida, que dedicou á Virgem Mãy de Deos, pera o lograr mais de aſſento, quando pudeſſe. Aqui ſe empregava todo em ſeus antigos, e coſtumados exercicios de Maria, vingavaſe do corpo com diſciplinas, e abſtinencia, voava com a Alma ao mais alto dos Ceos. Mas naõ ſe eſquecendo da obrigaçaõ de Martha, que pera o tempo tinha por muito neceſſaria, tornava a trabalhar na prégaçaõ, e doutrina.

Paſſado algum tempo (como os Santos, quanto mais Santos, tanto menos fiaõ de ſy) veyo a dezejar entender, ſe agradava a Deos naquelle genero de vida, que fazia, ou ſe o poderia ſervir, e agradar mais em outro. Pera eſte fim, ſobre ſuas ordinarias penitencias, dizem, que ajuntou huma Quareſma, jejuada toda a paõ, e agoa, e orando com mais fervor no ultimo della, que era a noite da Sagrada Reſurreiçaõ, dava os parabens á Virgem Mãy, dos goſtos, que lhe aviaõ de amanhecer com o Filho reſuſcitado, e á conta delles, como a tinha tomado por ſua Avogada no requerimento, lembravalhe, que era dia de fazer merces, dia de alegrar a todos. E pedialhe deſpacho. Eisque ſubitamente lhe fere nos olhos huma luz muito mais clara, que a do Sol, e com ella ſe lhe repreſenta a meſma Virgem, ſobre a parte direita do Altar, dizendolhe com alegria, e benignidade de mãy, que a vontade de ſeu filho era, que entraſſe em Religiaõ regular, e foſſe aquella, em que quando ſe rezava o ſeu Officio ordinario, começava o Coro em todas as Horas com a Saudaçaõ Angelica: *Ave Maria, gratia plena, &c.* e com a meſma lhe dava fim. Que era Religiaõ, que ella favorecia, e honrava muito; e lhe fazia a ſaber, que nella acabaria a vida mortal, e hiria gozar da Eterna. Boas novas, e alegre Paſchoa teve o Santo com tal viſta,

viſta, e tal repoſta. E porque do mandado meyo enigmatico tirava, quererlhe o Senhor dar novo merecimento de peregrinar em buſca da Religiaõ ſinalada, naõ tardou em começar a fazer diligencia. Foyſe logo diſcorrendo por todos os Moſteiros d'Entre Douro, e Minho, procurando alcançar, que ordem avia em cada hum na reza do Officio da Virgem: Em huns perguntava, em outros aſſiſtia. Tendo corrido muitos, e naõachando nenhum, que levaſſe a ordem, que a Senhora lhe tinha dito: Porque todos começavaõ *Domine labia mea aperies, &c.* e acabavaõ com, *Benedicamus Domino*: *Deo gratias*: Entrou em cabo de muitos dias, e muitos paſſos dados na Villa de Guimaraens, e foyſe buſcar como pobre o gaſalhado do Hoſpital. Reſidiaõ já neſte tempo nelle, e de alguns annos atraz, os Frades de S. Domingos, que como temos dito em outra Parte, o tiveraõ por morada taõ propria, e de tantos annos, que dahi lhe ficou o nome de Hoſpital de S. Domingos. Notou o Santo Habito, e Ordem, que ainda naõ tinha tratado de perto. Alvoroçouſe por ver, ſe acharia entre elles o que até entaõ naõ tinha encontrado. Soube, que com ſerem poucos, viviaõ com governo, e concerto de perfeita Communidade. Eſperou, que foſſe meya noite, pera ver, e ouvir, como rezavaõ. Aqui lhe amanheceo outra Paſchoa de nova conſolaçaõ, que dando remate a ſeus cuidados com a ſoltura, e declaraçaõ, que tanto dezejava, do enigma da outra. Porque vio, e ouvio, que juntandoſe os Frades ao Officio quotidiano da Senhora, começaraõ todas as Horas da noite, e dia, que a todas aſſiſtio, polo principio da Saudaçaõ Angelica, e com ella lhe deraõ fim. Proſtrouſe entaõ diante do Altar da Senhora da Oliveira, em graças de lhe moſtrar em ſua Caſa, o que lhe mandara buſcar. E todavia perplexo, ſe averia outra Ordem, das que naõ tinha viſto, que uſaſſe a meſma ceremonia. Affirmaſe, que foy advertido por hum Anjo, que eſta era, a que a Sagrada Virgem lhe ſignificara, e queria. Depoſta toda a duvida com tal advertencia, pedio logo o Habito. Terçavaõ polo Santo ſuas veneraveis cãas, e huma grande compoſiçaõ de roſto, e olhos com a fama, que o acompanhava de muita virtude, foy recebido.

P. 1. l. 4. c. 12.

A honra de receber tal filho a Ordem, daõ em conformidade quaſi todos os Eſcritores modernos a S. Pero Gonſalves Telmo, que a mór parte de ſua vida deu a eſtas terras d'Entre Douro, e Minho: E neſta Villa, e Hoſpital reſidio muito tempo. E naõ he prova pera deſprezar a ſemelhança, que em ambos ouve de virtudes, e obras: ambos eſpantoſos por numero, e grandeza de milagres, em vida, e morte: ambos fabricadores animoſos de grandes pontes, edificios pertencentes a braço de Reys poderoſos, mais que ás forças de homens particulares. Aſſi parece, que tal filho naõ podia ter outro pay, ſe polos effeitos do Eſpirito ouvermos de julgar hum, e outro, ao modo, que nos roſtos humanos polo retrato do filho collegimos a figura, e parecer do pay.

Fr. Franciſco de Caſtilho p. 1. l. 2. c. 23. & 62. Fr. Ant. de S. Dom. na Cron. de S. Doming. Cron. abreviada da Ord. impreſ. em Sevilha. Fr. Joaõ de la Cruz na Cron. da Ord. Fr. Vicente Juſtin. Antiſt. na Vida de S. Gonſalo c. 8. § 1. Mariet. p. 2. l. 12. c. 4. dos SS. de Eſpa-

O

nha. M. Fr. Nicol. Dias. Duarte Nun. de Liaõ na deſcripç. de Portugal c. 46. f. 77.

O anno precioſo, em que tomou o Habito, naõ dá nenhum Autor. Culpa da antiguidade pouco ambicioſa de deixar memorias: E tambem da falta, que entaõ avia entre nós, de quem eſcreveſſe. O que deu occaſiaõ a muitos enganos, e ao atrevimento, de quem ſem rezaõ ſe queria aproveitar, ou apropriar eſte Santo, e tirallo á Ordem de S. Domingos. Mas o que ſe colhe com fundamentos certos, e ſem duvida he, que o Santo veyo á Religiaõ antes do anno de 1251. Porque neſte faleceo o Santo Pero Gonſalves, que lhe veſtio o ſanto Habito. E naõ obſta dizerſe, que nem entaõ, nem muitos annos depois tivemos Convento em Guimaraens. Porque com iſſo eſtá, que tinhamos o Hoſpital por Convento, como atraz ſe tem apontado. E permitia a ſingeleza dos tempos, e a grande Religiaõ daquelles primeiros Padres, ſervirſe dos Hoſpitaes, e caſas particulares, em falta de Moſteiros pera receberem á Ordem os que achavaõ dignos: Do que he baſtante exemplo, inda que ſeja repetir o que por ventura temos já dito em outra Parte: O famoſo S. Raymundo, que em Barcellona recebeo o Habito em caſa de Pedro Grunio nobre Cidadaõ, que agaſalhava os Frades, e os teve comſigo, até que lhe foy dada a Igreja de Santa Catharina Martyr, em que fundaraõ o Convento, que hoje poſſuem. Da meſma maneira foraõ recebidos em Paris muitos ſogeitos de importancia, eſtando os noſſos Frades, que os recebiaõ, em hum Hoſpital publico: Onde reſidiraõ, em quanto lhes tardou a Igreja de Santiago, onde depois levantaraõ ſeu Convento. O qual coſtume ſe confirma tambem com a nota das Bullas de privilegios, que os Summos Pontifices entaõ paſſavaõ a eſta Religiaõ, que faz mençaõ, naõ ſó de Moſteiros, Igrejas, e Oratorios; mas tambem de Caſas particulares, e Hoſpitaes.

1251.

Tratado o bom velho de perto, viraõſe logo tantas moſtras do Eſpirito do Senhor, que nelle morava, que o Prelado, tanto que lhe fez ſua Profiſſaõ, que ainda entaõ naõ tinha a eſpera de anno de Noviciado, como agora, ordenou, que tornaſſe por obediencia ao trabalho de ſuas prégaçoens, que dantes por devaçaõ exercitava. E naõ falta quem diga, que foy por ſeu companheiro o Santo Frey Lourenço Mendes, de quem temos eſcrito no Convento de Guimaraens. Entaõ deſcobrio o Senhor, quanto ſe aventajaõ em valor, e merecimento as obras, que os Religioſos fazem por obdiencia a todas as que ſaõ eſpontaneas, e arbitrarias. Porque ſendo huma meſma prégaçaõ a preſente, e a paſſada, os meſmos conceitos, e palavras em todo tempo, honrou a ſeu ſervo na preſente com maravilhas nunqua viſtas, que logo diremos.

Caſtilho p. 1. l. 2. c. 62. Antiſti na Vida de S. Pero Gonſal. c. 8. §. 2.

P. 1. l. 4. c. 17.

CA-

CAPITULO IV.

Começa o Santo a prégar depois de Profeſſo na Ordem de S. Domingos: Daſſe conta da fabrica, que emprendeo da Ponte d'Amarante.

A Primeira, e maior maravilha, que o Santo fez, depois que tornou, mandado ao ſeu antigo miniſterio de prégar, foy a obra da Ponte d'Amarante ſobre o Tamega: obra que pera muitos povos juntos fora de grande carga, e pera hum Rey parecera muito cuſtoſa, quanto mais pera hum pobre Frade, que de ſeu naõ tinha mais que o Breviario, em que rezava. O emprego mais ordinario, que o Santo fazia de ſua doutrina, inda que muitas vezes ſe eſtendia a outras partes, era nas terras, e Comarcas vizinhas á ſua Ermida; ou porque achava a gente mais devota á ſua doutrina, ou porque a ſentia della mais neceſſitada. Prégava, enſinava, trabalhava ſem deſcançar. Mas como ardia em fogo de ſanta caridade, dohialhe muito ver, que os que viviaõ alem do Rio, quando vinhaõ buſcar o paſto ſanto da palavra de Deos, ou lhes tolhia a paſſagem a corrente impetuoſa das agoas; ou arrebatava os que temerariamente cometiaõ o váo, e perdiaõ muitos a vida; foy imaginando lançar huma ponte, em que ſem perigo ſe pudeſſem communicar os vizinhos, e a terra toda. Mas como poz o penſamento em pratica, inda que toda a Comarca o ſeguia, amava, e eſtimava, ninguem ouve, que lho aprovaſſe, ninguem que o naõ tiveſſe por materia de riſo: Obra do Ceo, e com milagre ſe podia eſperar acabarſe. Ajuda Deos, diziaõ, os animos grandes, e os animoſos; mas naõ temeridades nem temerarios: Hum Rio de muitas agoas, e arrebatada corrente, a deſpeſa ſem conto, os edificadores, que haõ de ſer os vizinhos, pobres, e ſem forças de dinheiro, nem fazenda, e mais pobre, que todos, quem ſe atreve a fallar em tal obra: Em que ha de parar, ſe naõ em ficarem aliceſſes abertos, e principios fundados, e nelles levantado hum como padraõ, e memoria perpetua de noſſa ignorancia, que, ſem fazer conta com a bolſa, quizemos cometer impoſſibilidades. Naõ acovardava nada o Santo, porque tinha a confiança em Deos, e a elle queria ſó por Meſtre, e fabricador da obra, como fora autor do penſamento: Sem fazer caſo de inconvenientes, junta Architectos pera a conſulta do lugar mais acomodado. Aſſentavaõ todos com boas rezoens, que ſe edificaſſe em huma paragem, onde o Rio ſofria váo algum tempo do anno. He o lugar por ſima d'Amarante junto a huma Ermida, que pola meſma rezaõ ſe chama Noſſa Senhora do Váo. Porém o Santo depois de os ouvir, mandou, que ſe naõ trataſſe de outro lugar, ſenaõ o em que tinha a ſua Ermida. E naõ falta quem diga, que ouve pera iſſo revelaçaõ Divina. Parece, que queria o Senhor moſtrar ſeus poderes em honra do ſeu ſervo. Porque todo o homem de bom juizo achava ſegunda impoſſibilidade na eſcolha do tal poſto: Montanhas altas de huma parte,

parte, e outra, pendentes ſobre o Rio, alcantilladas, e fragoſas, ſerviço trabalhoſiſſimo, e de cuſto dobrado, terra ſeca, eſteril, e falta de tudo. Em fim naõ eſpantando nada o Santo, deuſe principio á fabrica: E logo ſe começou a ver quaes eraõ as forças, em que eſtribava ſua confiança, que era o braço Divino, que tudo póde. Foy principio hum inſtincto, e movimento do Ceo, que aballou toda a Comarca ao perto, e ao longe, acudindo, e procurando todo o homem ajudalla com o que cada hum podia: Os pobres com ſerviço peſſoal, os ricos com os criados, alem de largo provimento de paõ, e vinho, e outras eſmollas: Era povo ſem numero, e trabalhavaſe muito, e enxergavaſe no feitio quanto podem muitos braços, e muitas mãos juntas. Mas fazia laſtima, que quanto mais ſe procedia, tanto maiores difficuldades ſe deſcobriaõ. Era neceſſario pera ſegurar os aliceſſes, lançarlhes lageas, como meyos montes. Excedia iſto nas forças. Porque faltavaõ inſtrumentos, e machinas pera tal ſerviço neceſſarias: a diſpoſiçaõ do ſitio aſperiſſimo, e muito dependurado difficultava tudo. Começou a gente a deſconfiar, e logo a afroxar no fervor, e hir largando o trabalho. Aqui ſe moſtrou ſegundo ſinal da maõ Divina. Eſtava cortando hum penedo de deſmeſurada grandeza, acudio huma quadrilha dos mais esforçados, moços, membrudos, fortes, e agigantados, quaes aquella idade os criava, puzeraõlhe as mãos, e boa vontade; tal era, que nem aballallo puderaõ, e avia quem julgava, que nem quatro ſingeis de boes o moveriaõ. Vio o Santo o que paſſava, e tinha notado o deſgoſto, que hia entrando em ſeus obreiros chamou por Deos em ſeu coraçaõ, chegouſe á pedra, pozlhe as mãos, dizendo alegremente, pera eſta hum velho baſta; e foya rodeando com facilidade, e levoua ſó a tombos ao lugar onde avia de ſervir. Ficaraõ ſuſpenſos de paſmados quantos andavaõ na obra. Olhavaõ huns pera os outros, e naõ criaõ o que viaõ, fazendo Cruzes de atonitos, vendo tal força em hum velho, que nem ſobre hum bordaõ podia bem levar os membros cançados. Julgavaõ o caſo por couſa de encantamento; porque naõ tinhaõ inda viſto milagres. Mas logo começou a carregar ſobre os hombros peſos tamanhos, que ſó parecia querer fazer a Ponte toda. Bendito edificio, que naõ teve ſó eſte Santo por Fundador, e Architecto; mas tambem por ſervidor de mãos, e como jornaleiro. Eſpalhouſe a nova, correo por todo Entre Douro, e Minho. Acarretava bandos de gente a curioſidade, e naõ avia homem covarde com tal trabalhador diante. Aſſentando já claramente, que Deos era o que dava aquellas forças, e Deos o que lhes fazia a ſua Ponte. Aſſi ſe cubriraõ aquelles montes de trabalhadores, querendo todos poder dizer, quando tornaſſem ás ſuas terras, que tiveraõ parte, e merecimento no edificio, e juntamente gozarem da viſta, e maravilhas do Santo. As quaes Deos foy ſervido acreſcentar de novo com tanto maior eſtranheza de ſucceſſos, quanto era

maior

maior o numero das teſtemunhas, e olhos, que as viaõ. Hiremos dizendo algumas mais particulares, que ficaraõ em memoria.

Pareceo ao Santo, que devia ajudar aquelles pobres, que deixavaõ o ſerviço de ſuas fazendas polo bem publico, e polo acompanharem, ao menos com alguma couſa de ſuſtentaçaõ, que os allentaſſe. Foyſe hum dia polos lugares vizinhos, a ver ſe podia juntar alguma eſmolla, depois que a fabrica hia creſcendo, e luzindo. Achou na praça de huma Villa hum homem, que lhe apontaraõ polo mais nobre, e mais abaſtado della. Chegouſe a elle, pediolhe com humildade huma eſmolla pera comprar algum remedio, com que conſolar os ſeus trabalhadores. Devia ſer naquelle tempo o prato, e paſto de todas as converſaçoens, ou murmuraçoens o feitio da Ponte, como couſa geralmente reprovada por impoſſivel. Armouſe de fingimento, reſpondeo com corteſia, que por eſtar naquelle lugar, e naõ trazer dinheiro comſigo, lhe daria hum eſcrito pera ſua molher partir com elle do que ouveſſe em caſa. Chegouſe logo a huma porta, fez ſobre o joelho duas regras em hum pedaço de papel, finandoſe de riſo elle, e outros, que o acompanhavaõ. Naõ coſtumaõ os pobres, quando lhes daõ o que pedem, duvidar nos modos: E ſe ſaõ virtuoſos, de nada julgaõ mal. Tomou o Santo o eſcrito, foyſe preſentallo á molher. Abrindoo ella, Padre, diſſe, naõ he boa letra de cambio a que trazeis; ledea, vereis o que vos manda dar: folgara eu que fora muito. Lido o eſcrito, eraõ as palavras. *Dareis a eſte Frade innocente pera a ſua Ponte tanto dinheiro, quanto peſar eſte papel.* Naõ ſeja eſſa a duvida, tornou o Santo, ſe determinais cumprir o mandado: Venhaõ balanças, e dinheiro, que eu me dou por ſatisfeito, com o que a letra diz. Acudio toda a caſa ao peſo, parecendo pura ſimplicidade. Mas foy o Senhor ſervido dar tal virtude áquelle papel, que, lançandoſe muita prata na balança contraria, aſſi a levava polos ares, como ſe o papel fora chumbo, e o dinheiro papel. Em fim rendeolhe a graça huma valente eſmolla com eſpanto, e naõ deſgoſto, de quem lha peſou, que era Matrona virtuoſa; e ſoube conſiderar, e eſtimar o ſucceſſo tanto, como ficou corrido o marido, depois que o ſoube.

Outro dia foyſe a caſa de huma Senhora, que polas memorias, que temos, ſe chamava Dona Loba: E dizem, que morava no lugar de Gundar, que naõ he longe donde ſe fazia a Ponte: E pediolhe por eſmolla huma junta de boys pera ſervirem alguns dias na obra. Reſpondeo a Senhora por motejar delle, e da Ponte, que muitos trazia no monte; ſe deſſes quizeſſe, mandaſſe por elles. Era o caſo, que trazia grande criaçaõ na Serra do Maraõ, porém todo gado bravo, e naõ domado. Naõ quiz o Santo uſar de outro miniſtro, ſóbe á Serra, buſca o gado, dá com touros bravos, e ferozes, chama por dous; aſſi ſe vieraõ a elle, como ſe foraõ cordeiros; aſſi tomaraõ o jugo, e ſerviraõ no trabalho, como ſe toda a vida o

tiveraõ em coſtume. Deſcobre o alto da Serta huma cabeça calva, como coroa de lagea continuada, na qual deſde aquelle dia até hoje ficaraõ profundamente impreſſas humas rodadas de carro, que ſaõ buſcadas, e veneradas dos paſſageiros por memoria deſte milagre; porque ficou em tradiçaõ, que quando o Santo chamou os touros, naõ ſe fiando delles os vizinhos da Serra, como ignoravaõ o myſterio, puzeraõlhe o jugo de hum carro bem carregado de penedos; e foy Deos ſervido, que na maior dureza do ſeixo ſeco, e ferrenbo ficaſſem entalhados, e abertos os ſinaes das rodas, que naturalmente ſe naõ podiaõ fazer, ſenaõ á força de eſcopro, e maſſa; pera moſtrar, que quem amançara os touros, era o meſmo, que fazia de cera os penedos, pera ſe imprimirem nelles as rodas do carro, que levavaõ. Mas naõ pararaõ aqui os prodigios deſta ponte: com outros muito maiores acreditou o Senhor a ſeu Servo: fiquem pera o Capitulo ſeguinte.

CAPITULO V.

De outras maravilhas, que o Senhor obrou em honra do Santo, antes, e depois de dar fim á Ponte.

CReſcia grandemente a obra com o cuidado, e trabalho do Santo, e com as muitas mãos, que cada hora acudiaõ de novo. E com tudo perſeverava igualmente a murmuraçaõ, e incredulidade de muitos, que com verem a fabrica em eſtado, que claramente prometia bom fim, todavia ſe deſmentiaõ a ſy meſmos, negando credito ao que ſeus proprios olhos lhe moſtravaõ. Tanto póde o vicio, e o máo habito delle. Deſta incredulidade, e malicia, que tudo era, podemos cuidar, que naſceo querer Deos confundillos com novos, e eſpantoſos milagres, como fez em outro tempo aos filhos de Iſrael no deſerto. Viaõ ſeguillos huma fonte perenal por meyo dos areays, e montes ermos: Viaõ choverlhes cada dia do Ceo hum tal paſto que igualava em ſabor, e goſto á vontade, e appetide de quem o comia. E com tudo, bem he verdade, diziaõ, que nos tem provido Deos com paõ, e agoa em abundancia: Mas naõ baſta iſſo pera crermos, que poderá pórnos meſa de carnes no deſerto. Quaſi o meſmo aconteceo nos vizinhos d'Amarante. Viaõ o poder de Deos nas pedras, que o Santo aballava, e nas que tomava ás coſtas, e ſobre ſeus hombros, que muitos homens naõ podiaõ mover, ou dando forças de gigante a hum velho, quaſi decrepito, ou tirando o peſo natural áquellas lageas. Viraõ, que dava peſo a hum retalho de papel, pera alevantar a balança carregada de dinheiro. Viaõ andar touros bravos contra ſua natural fereza debayxo do jugo. E por eſtes meyos, que os cegos podiaõ notar ſerem do Ceo, ſubir a fabrica em grande altura. E todavia inda davaõ lugar a diſcurſos humanos, inda zombavaõ, e duvidavaõ do remate: Entaõ acudio Deos por ſua honra, e pola reputaçaõ do ſervo fiel, da maneira que logo veremos, como fez com os incredulos do deſerto:

ſerto: Só com eſta differença, que lá deu carnes; mas juntamente caſtigou a deſconfiança: cá tudo foraõ miſericordias, e branduras.

Tinha conſumido a grande multidaõ dos que trabalhavaõ todo o vinho da Comarca, e começavaſe a ſentir falta; porque os que o traziaõ por genero de grangearia, como tinhaõ deſpejadas as adegas ao perto, naõ ſe atreviaõ a hir buſcallo ao longe; porque lhe ficava ſendo de muito cuſto, e pouco proveito por rezaõ do carreto. Foy creſcendo a neceſſidade de ſorte, que avia muito deſcontentamento na gente, e ſentiaſe na obra, polo pouco que adiantava. Acudio o Santo ao remedio de todos os ſeus trabalhos, que era a Oraçaõ. Subioſe ao monte, como outro Moyſes: Lançaſe por terra, propoem a neceſſidade com brados d'Alma, que penetravaõ até o Conſiſtorio Divino. Lembra ao Senhor, que a obra era ſua, porque em ſua confiança a começara, com ſeus favores procedia, á ſua honra pertencia naõ ficar por acabar, eſtando tanto ao diante, ſe quer porque naõ ficaſſem triumfando, os que chamavaõ temeridade, e deſatino, o que fora mandado do Ceo, e ordenado pera remedio de pobres na terra. Levantouſe alegre, e cheyo de ſanta confiança, e como quem bate á porta de vizinho, pera pedir alguma couſa, toca com o bordaõ na rocha, e mandalhe que da parte de Deos dê de deber áquelle povo. Divino poder, eſpantoſo, e peregrino milagre! No meſmo ponto, que o penedo foy tocado, abrio das entranhas huma copioſa fonte, que regando a terra ſe dava a conhecer em cor, e cheiro por precioſo vinho. Chama o Santo ſeus obreiros, mandalhes, que o aproveitem, e ſe aproveitem. Foy grande a feſta, grande a alegria (que a maior do povo ſempre conſiſte em aver fartura) e foy mais, quando ſe vio a prova, que excedia no ſabor e bondade, com vir do centro da terra, o melhor, que lhes davaõ as ſuas vinhas: Em fim como licor milagroſo. E todavia o Santo, como ſe correra de alguma cuba, depois que cada hum tomava o que avia miſter, mandava tapar a bica com ſeu torno: O que devia fazer, ou pera credito da myſterioſa adega, ou pera tirar occaſiaõ a ſe beber mais do neceſſario. Voou pola terra com azas de eſpanto a fama da fonte. Ajuntou tanta gente á conta de verem o milagre, e gozarem da abundancia, que a fabrica tornou a correr com grandes ventagens.

Aconteceo depois, com mudança de tempo, entrar huma invernada de muitos dias, e tantas agoas, que o Rio engroſſou demaſiadamente, e de turvo, e barrento, naõ avia quem delle pudeſſe beber. Era ſó deſgogo, naõ força. Porque a ſede, quando aperta, naõ recea agoas envoltas. Mas tambem eſte quiz remediar o Santo, chamou polo Senhor da terra, e Ceo: pediolhe agoa clara, para que ſeus ſervos naõ danaſſem o que de ſua miſericordia bebiaõ excellentiſſimo, aguandoo com o lodo do Rio. Eisque tocando a rocha com o conto do bordaõ, começa a eſtilar hum fermoſo torno de agoa clara, e bella, que deſdaquella hora até o preſente

corre da meſma maneira. E porque he publico o ſucceſſo de ſua origem, que foy eſte, que contamos, muita gente devota a leva pera ſeus doentes, e affirmaõ, que he ſalutifera no uſo, como foy milagroſa no naſcimento. Pola meſma rezaõ he viſitada de todos os Romeiros, que com devaçaõ a bebem, e poem nos olhos. O ſitio deſta fonte he por baixo da Ermida do Santo, e fica ſobre o Rio na margem direita delle. Naſce na chapada da rocha, guarnecida hoje de hum frontiſpicio de pedraria bem lavrada, que abre tanto, quanta he a largura de hum tanque, que recebe as agoas, e de duas entradas de bom lageado com ſua guarda do meſmo, que eſtaõ feitas pera a fonte de huma, e outra parte do tanque. Deſceſe a ella da parte do Moſteiro por huma comprida eſcada de cantaria ſobre o frontiſpicio, em meyo delle parece huma Imagem lavrada de alabaſtro, que repreſenta o Santo, e no ſeu Habito Dominico, e huma letra latina, pouco polida no eſtilo, e no ſentido. Deve ſer pouco menos antiga, que a fonte. E diz aſſi:

Gonſalae o Sanctiſſime,
Quos paſcis hic ampliſſime,
Nos terge à piaculis
Hoc fonte, & miraculis.

Como ſe diſſera: S. Gonſalo Santiſſimo, alimpainos de culpas, e peccados, com eſta fonte, e com voſſos milagres, aſſi como com ella, e com elles nos dais abundante paſto.

Foy a meſma invernada cauſa de aver tormentas no mar, e naõ hirem os peſcadores ao alto: com que veyo a faltar provimento de peixe, que de ordinario acudia á Ponte, polo muito gaſto, que avia. Naõ ſofria o Santo, que lhes faltaſſe nada. E eſtando hum dia ſentido de ver, que era forçado paſſarem a paõ ſeco, por ſer dia dos que a Igreja obriga a fazer abſtinencia, levantouſe apreſſadamente, deſce ao Rio ſeguido de alguns, que ſempre o acompanhavaõ: Poſto á borda d'agoa, faz o ſinal da Cruz ſobre ella, ſenaõ quando começa a ferver o Rio em cardumes de peixe, que ſe vinha á praya hum ſobre outro com tanta preſſa, que parecia, quererlhe beijar os pés. Mandou entaõ tomar tanta quantidade, quanta pareceo baſtante pera a neceſſidade: E lançandolhe a bençaõ, deſpedio os que ficaraõ. Eſta peſcaria lhe aconteceo fazer algumas vezes. Aſſi naõ ha que eſpantar, que obra ajudada do Ceo com tanta evidencia chegaſſe brevemente á ſua perfeiçaõ. Vioſe acabada, quando menos ſe cuidou, huma Ponte de grande machina, e altura, e largura, e de muito comprimento, porque como ſobe tanto em alto, que tem do pé do Cruzeiro, que eſtá no meyo della, até a primeira face d'agoa, ſetenta, e ſinco palmos contados, e medidos, a retirada, e largura, que os montes fazem de huma, e outra parte, he cauſa, que pegando a Ponte em ambas, fique muito mais eſtendida. Tambem a firmeza, que

moſtra,

moſtra, avendo quaſi quatrocentos annos, que he fundada, nos dá bons indicios das maravilhas de ſua fabrica; porque em tamanha antiguidade naõ ſe vê nella couſa, que ameace ruina, nem moſtre velhice. Mas naõ he rezaõ, que nos fique por dizer o que aconteceo aos jornaleiros, quando foraõ deſpedidos. Contaſe por certo, que quiz cada hum levar do bom vinho, que a Serra milagroſamente lhes communicava, foſſe curioſidade, ou devaçaõ, ou querer levar provimento pera o caminho, aperceberaõ ſuas vazilhas, peſandolhes, por ſerem piquenas. Por taõ certa tinhaõ a proviſaõ coſtumada; mas acharaõſe enganados. Porque a fonte do vinho eſtancou juntamente com o trabalho. Acabada a obra, naõ deitou mais gota, ficando até hoje pera final da maravilha aberta na pedra dura a boca, por onde eſtillara.

Naõ viveo o Santo muito tempo, depois que deu fim á Ponte. Por iſſo naõ ha couſas, que contar de importancia, até que Deos o chamou pera ſy. Salvo huma naõ menos eſpantoſa que todas as mais ſuas, que diremos brevemente. Tornou a prégar, como fazia primeiro, e correr a Comarca. Chegou a hum lugar, onde foy advertido, que eraõ pouco temidas as armas da Santa Madre Igreja, que ſaõ as excommunhoens. Porque avia homens, que como naõ viaõ, nem ſentiaõ no corpo o mal, que cauſaõ nas Almas, naõ ſó viviaõ deſaſſombradamente eſtando excommungados, mas diziaõ, que naõ avia que temer de couſa, que naõ quebrava oço. Prégava na praça, e depois de ter dito muito contra taõ diabolica lingoagem, afeando a cegueira, e declarando a infedilidade, notou com ſentimento, e magoa, que fazia pouco effeito no povo. Eisque ſe offerece paſſar á viſta huma molher com hum taboleiro de paõ, tirado daquella hora do forno. Chamoua, e continuando a materia: Quero, diſſe, que vejais por voſſos olhos neſte paõ alguma ſombra dos males, que faz em qualquer Alma huma ſentença de excommunhaõ, quando ha homem taõ deſaventurado, que nella ſe deixa encorrer. E logo começou com eſtas palavras contra o paõ: Eu Frey Gonſalo da parte de Deos, e da Santa Madre Igreja de Roma excommungo, e hey por excommungado todo eſte paõ. Naõ ouve homem em toda a praça, a quem ſe naõ arrepiaſſem os cabellos de paſmo, e medo do que viraõ. Naõ eraõ bem acabadas as ultimas palavras do Santo, quando cada paõ daquelles, que eraõ muito alvos, e fermoſos, ſe tornou feo, e negro, e nem mais, nem menos, que outro tanto pedaço de carvaõ. Proſeguindo outra vez dizia aſſi: Abri, irmãos, os olhos, e os entendimentos; naõ he nada o que vedes, em comparaçaõ do miſeravel eſtado, em que fica o homem, depois que ſobre elle cahe a excommunhaõ: que ſe eſta pobre compoſiçaõ de maſſa, contra quem naõ foy ordenado o rigor deſta ſentença, aſſi a ſente, que de mimoſa, e bella, eſtá, como vedes, medonha, e aſqueroſa, que ſerá de huma Alma, ſobre quem direitamente cahe ſeu inviſivel poder? Por iſſo a Santa Igreja, quan-

quando falla neſta materia, uſa do termo de fulminar, que he o meſmo, que deſpedir rayos, e coriſcos do Ceo. Obedece o Ceo ás palavras de S. Pedro, e dos Prelados, que o faõ em ſeu nome, e eſtaõ em ſeu lugar, manda inviſiveis coriſcos, que fazem eſpiritualmente nas Almas a meſma obra, que vedes fazer cada dia, os que deſcem das nuvens, nas couſas corporaes. Paſſa o rayo pola eſpada, deixa o aço moido, e feito pó, fica a bainha ſãa. Se porque o corpo, e oſſos, que faõ a bainha d'Alma, naõ tem ſentimento do que paſſou no ferro, que he a Alma, tendes em pouco ſeu dano; cahi na conta do deſatino, que he fazer muito caſo do bem de hum corpo, que á manhãa ſe ha de tornar em pó, e cinza: e pôr de traz das coſtas o remedio d'Alma, que he eterna, e eternamente arderá nos Infernos, ſe deſte laço a naõ livrais. E pera que vejais quanto ganha quem com humildade buſca os meyos ſantos da abſolviçaõ, eſperay hum pouco. Pedio logo, que lhe trouxeſſem da Igreja hum hyſope de Agoa Benta: burrifou com elle o paõ, pronunciando as palavras, com que a Igreja abſolve os excommungados: No meſmo momento tornou todo á ſua primeira alvura. Deſte meſmo meyo lemos, que ſe aproveitou muitos annos depois o Santo Arcebiſpo de Florença Santo Antonino Frade noſſo, pera tirar de ſemelhante erro alguns ſubditos. E faõ bem dignos de memoria dous caſos neſte argumento ſuccedidos, de naõ muitos annos atraz, que por peregrinos, e extraordinarios merecem pera noſſa doutrina eterna lembrança. E faõ os ſeguintes.

He Freguefia antiga na Cidade de Valledolid em Caſtella a Igreja da Magdalena. Succedeo deſaparecer della a hum Beneficiado o Breviario, que pera rezar ſuas Horas trouxera de caſa. Como naõ ſahira da Igreja, ſuſpeitou, que lhe fora furtado. Acudio ás armas Eccleſiaſticas, tirou carta de excommunhaõ, e publicoua. Avia junto da porta principal huma arvore ſilveſtre, que com ramos dilatados, freſcos, e verdes fazia copa, e ſombra, eſtimada por iſſo, e conſentida de longos annos em tal lugar, e tantos, que de velha era occa. Eſta começou ſubitamente a perder a graça da verdura, foylhe caindo a folha, e em fim ſecou de todo. Fizeraõſe remedios pera tornar, eſperouſelhe tempo, pareceo que acabara, como tudo, naturalmente. Trataraõ entaõ os Clerigos de ſe aproveitar della pera o fogo. Chamaõ piaens, poemſelhe o machado. Cahe o tronco em pedaços, e lança das entranhas o Breviario perdido. Foy grande a feſta dos Beneficiados com o achado; mas naõ menos o eſpanto. Porque cahiraõ, que d'eſſa hora que fora publicada a carta de excommunhaõ, contra quem tinha o Breviario, começara a pobre planta a definhar, e ſe fora perdendo, e ſecando, e finalmente veyo a pagar a ociosidade d'algum traveſſo, que lho lançou no vaõ do tronco.

O ſegundo caſo foy nas terras de Congo, Provincia da Ethiopia Occidental. Era Biſpo da Ilha de S. Thome, e Congo D. Martinho de Ulhoa Religioſo

ſo da Ordem Militar de Chriſto: em huma hida, que por viſitaçaõ fez ás terras de Congo, achou peccados taõ graves em peſſoas de grande qualidade, que ſe ouve por obrigado a caſtigallos com os poderes Eſpirituaes da Igreja. E porque temia a força dos delinquentes, ſahioſe da terra, veyo demandar o Porto de Pinda pera ſe embarcar. Como ſe vio em lugar deſaſſombrado, e ſeguro delles, pronunciou contra todos ſua ſentença, declarandoos ſolemnemente por publicos excommungados diante de muito povo, que o ſeguia como a ſeu Prelado. E acreſcentando por remate, que ſuas peſſoas, e até ſuas fazendas da parte de Deos amaldiçoava em nome de huma fermoſa arvore, que tinha defronte, chamaõlhe na terra Liconde. Foy couſa ſuccedida á viſta, e olhos de grande numero de gente. No meſmo momento, que o Biſpo deu fim á publicaçaõ, ſe ſecou de todo a innocente arvore, que dantes alegrava os olhos de copada, e freſca; ficando tal, como ſe por ella paſſara rayo do Ceo. E deſde entaõ prevalece, e permanece entre aquelles Barbaros em proverbio, e memoria da maldiçaõ o ſucceſſo do páo de Pinda.

CAPITULO VI.

Do Bemaventurado tranſito do Santo: De ſuas exequias, e grandes milagres, que logo fez.

ESTava o Santo muito adiante na idade, já quando fez a fonte. Paſſados depois poucos annos, notouſe, que faltava na continuaçaõ, com que coſtumava correr a terra prégando. Cahiraõ os homens no que poderia ſer. Foraõ alguns á Ermida, achaõ hum retrato de naõ viſto deſemparo: Jazia o Santo ſobre huma pouca de palha por cama, ardendo em febre; mas cheyo de alegria, e boa ſombra em ſeu geſto. Fez pavor, e juntamente arrancou lagrimas de laſtima o eſtado, em que achavaõ ſeu bemfeitor. Moſtrou o Santo conſolarſe com a viſita: E dizialhes, que o Senhor o chamava, e era tempo de hir; que naõ lhes pezaſſe de ſua hida: antes tiveſſem por certo, e aſſi o diſſeſſem aos vizinhos, que a todos levava n'Alma como a filhos, pera os encomendar a Deos em ſeus trabalhos, e neceſſidades, quando ſe achaſſe diante do Tribunal Divino, e com o meſmo amor, que em vida tinhaõ nelle experimentado. Eſtava já tanto no cabo, que no dia, que ſe ſeguio a eſte, chamou antemanhãa ſeu companheiro, mandoulhe, que diſſeſſe Miſſa. E recebendo de ſua maõ o Santiſſimo Sacramento, com o Eſpirito todo abraſado em amores Divinos, vio a Rainha dos Ceos, que cercada de Coros de Anjos, encheo a pobre cazinha de luz, e ſua Alma de conſolaçaõ. E chamandoo por ſeu nome, lhe dizia, que ſe foſſe com ella a receber o premio de ſeus longos trabalhos. Aſſi acabou logo. No dia naõ ha duvida, que foy aos dez de Janeiro; no anno achamos controverſia, e ſem ſe poder averiguar preciſamente: Os mais dos Autores da Ordem, que atraz vaõ apontados nas margens, concordaõ em que faleceo

ceo por junto dos annos de 1262. E o meſmo moſtraõ ſentir Marieta na Hiſtoria Eccleſiaſtica de Eſpanha, e o Meſtre Alonſo de Vilhegas no ſeu Flos Sanctorum dos Santos Eſpanhoes. E com elles concerta huma memoria, que temos em Lisboa na Ermida de Noſſa Senhora da Oliveira, fundada no adro da Igreja de Saõ-Giaõ. Edificaraõ eſte Oratorio dous bons caſados, naturaes da Villa de Guimaraens: E com o amor, que he ordinario em todo o homem pera com a terra de ſeu naſcimento, achando perto, donde moravaõ, huma fonte, quizeraõ fazer em Lisboa hum retrato da Igreja de Noſſa Senhora da Oliveira, celebre Imagem, e celebre Igreja Collegiada em aquella Villa. Tem Guimaraens junto da Igreja huma fermoſa fonte com ſeu tanque pera uſo commum. Tem a Igreja huma Imagem da invocaçaõ de Noſſa Senhora da Oliveira, e muitas pinturas nella do noſſo Santo d'Amarante S. Gonſalo (naõ ſaõ menos de tres as que hoje duraõ em tres diſtinctos lugares: A ſaber, huma no Altar de Santa Anna, outra em hum canto do Clauſtro, e a terceira na Capella, que chamaõ da Miſericordia) da meſma maneira deraõ titulo á Ermida da Senhora da Oliveira, e mandaraõ pintar no Altar huma Imagem de S. Gonſalo, e apoz iſto compuzeraõ a fonte com ſeu chafaris, que corre por baixo della, e fica com a bica, e face na Rua Nova; deixando á Cidade pera ſenaõ perder nem a utilidade da agoa, nem ſua memoria, renda conveniente, com que a tempos ſe repararſſe; e entalharaõ na pedraria, que faz parede, e roſto ao tanque contra a rua, dous letreiros de grandes caracteres; dos quaes o primeiro diz aſſi: Eſta ſepultura he de Pero Eſteves, natural de Guimaraens, o qual poz aqui eſta agoa abaixo, e paſſou na era de mil, e trezentos. O ſegundo letreiro, que faz correſpondencia no ſitio, e Altar diz: Eſta ſepultura he de Clara Giraldes, natural de Guimaraens, molher de Pero Eſteves, e paſſou na era de mil, e trezentos. Reſpondem eſtas eras ao anno de Chriſto de 1262. E como a Ermida, e pinturas, e fabrica da fonte com ſeu tanque he tudo de hum tempo, e tem a meſma antiguidade, bem provado fica, que já entaõ era falecido S. Gonſalo. 1262.

1262. Marieta p. 3. l. 12. letra G. n. 5. Flos Sanctorum de Vilhegas.

E naõ faz contra iſto dizerſe em hum Flos Sanctorum, que os Arcebiſpos antigos de Braga mandaraõ imprimir duzentos annos depois da morte do Santo, que tomara o Habito, e fizera Profiſſaõ no Convento de S. Domingos de Guimaraens. Sendo aſſi, que ſe naõ começou a edificar o tal Convento, ſenaõ do anno de 1270. em diante. Porque os Autores daquella eſcritura, ſendo, como eraõ, ſeculares, e por iſſo ignorantes da particularidade de noſſa Religiaõ, tanto que acharaõ ao certo, que entrara nella em Guimaraens, e quando eſcreveraõ avia já Moſteiro noſſo de muitos annos, naõ ſe canſaraõ em apurar, e fazer a diſtinçaõ de vida, de couſas, e lugares, que atraz deixamos feita. 1270.

Menos obſta outra razaõ, que ſobre eſte deſconcerto fundavaõ os que nos queriaõ tomar pera ſy eſte Santo, dizendo

do que ſe S. Gonſalo pera ſer Frade de S. Domingos tomara o Habito no ſeu Convento de Guimaraens, que conſta foy começado a edificar no anno de
1270. 1270., e naõ edificou a Ponte ſenaõ depois de alguns annos de Frade, deveraõ os eſcudos das Armas Reaes de Portugal, que no meyo dellas parecem em hum padraõ eſculpidas, lavrarſe com a Orla dos ſete Caſtellos, com que elRey Dom Affonſo III. começou entaõ a acompanhar as Quinas: E pois ſe viaõ ſem ellas, era ſinal, que a Ponte, e ſeu Autor tinhaõ antiguidade mais alta. E por eſte caminho pretendiaõ fazer o Santo mais antigo que a noſſa Ordem, e atrazallo aos annos do Arcebiſpo S. Giraldo. Mas eſta rezaõ he facil de desfazer, depois que temos aclarada a confuſaõ, ſobre que eſtriba. Porque como o Santo tomou o Habito de maõ dos Frades, que viviaõ em Guimaraens, naõ em Convento inda entaõ; mas no Hoſpital, como ſe Convento ſeu fora: ſegundo fica moſtrado, e
1251. antes do anno de 1251., que foy o em que faleceo S. Frey Pero Gonſalves, que lho lançou; tempo lhe ficou pera fazer a ſua
1260. Ponte até o de 1260. em que naõ era naſcido o Principe Dom
1261. Dinis, que naſceo no de 1261. A cujo rogo elRey Dom Affonſo Decimo de Caſtella, que era ſeu avô, largou o Reyno do Algarve ao noſſo Dom Affonſo III. genero ſeu, e pay de Dom Dinis. Por onde ſe deixa bem ver, que até á morte de S. Gonſalo, naõ ſe tinha inda juntado o Algarve a eſta Coroa: E pola meſma cauſa faltaraõ com juſta rezaõ os Caſtellos no eſcudo da Ponte.

Duarte Nun. de Liaõ na Vida de D. Affonſo III.

Mas tornando á Hiſtoria; naõ tinha bem acabado de eſpirar o Santo, quando ſe encheo a Ermida, e o ſitio todo á roda de grande numero de gente, convocada de huma voz, que foy ouvida por todos os lugares vizinhos, que dizia: He morto o Santo, acodi a ſuas exequias. Sahiaõ todos de ſuas caſas, ſem ſaberem, onde aviaõ de hir, até que ſe foy entendendo, que naõ podia aver outrem, que tanto favor mereceſſe do Ceo. Aſſi foy enterrado em ſua Ermida. Amou o Santo na morte o lugar, que occupara em vida. Ou porque nelle recebera do Senhor grandes mimos, e favores; ou porque o meſmo Senhor lhe revelara, que nelle o avia de honrar tanto, que polo tempo emdiante foſſe acompanhado de ſeus Irmãos com hum Moſteiro Real. Eſte genero de exequias, e ſinaes, que o Ceo fez pera ellas, foy a primeira demonſtraçaõ, que o Senhor quiz fazer do muito, que amava ſeu Servo, depois de paſſado da vida mortal á eterna. Mas foraõ logo multiplicando, e continuando tantas outras em caſos extraordinarios de doenças, e trabalhos, que por ſua interceſſaõ remediava, que naõ baſtavaõ livros pera receber, nem mãos pera eſcrever milagres, que fazia; porque eraõ ſem conto: E por ſerem tantos, deraõ occaſiaõ a que deſde entaõ pera cá naõ conhece a terra d'Entre Douro, e Minho outro Avogado, nem Padroeiro pera todo genero de mal do Ceo, ou da terra. E com tanta devaçaõ he buſcado, que vem de muito longe Concelhos inteiros a viſitar em Prociſſaõ

ſuas Reliquias. Chamaõ elles clamor a eſte genero de ajuntamento, ou pola efficacia do requerimento, ou pola grita, com que vem requerendo. E o lugar começou logo a creſcer de ſorte, que he hoje huma das boas Villas do Reyno. Mas tornando a couſas mais antigas. Era a Ermida da invocaçaõ de Noſſa Senhora. Trocoulhe eſte titulo a continuaçaõ dos milagres, e ninguem lhe ſabe já outro, ſenaõ de S. Gonſalo. Tanto póde huma voz, e conſentimento geral do povo, que acabou huma troca taõ deſigual. E aſſi o canonizou em Santo, mais de duzentos, e ſincoenta annos, antes que de ſua Beatificaçaõ ſe trataſſe.

A meſma continuaçaõ de milagres, como dava reputaçaõ ao Santo, e á ſua Caſa, tambem a enrequecia de cera, gado, e dinheiro, e outras offertas, que os devotos traziaõ em graças dos bens, que recebiaõ. Donde naſceo, lançarem maõ na Ermida os Abbades da Parochial de S. Veriſſimo, que chamaõ dos Lagares, como de annexa ſua. E ouve hum, que antevendo naõ poderia deixar de vir polo tempo em diante ás mãos de ſeus Frades, uſou de huma cautella, pera ſeu intento aſſaz bem traçada. Fez pintar hum paynel com a Imagem do Santo, veſtida em roupas Clericaes, e ſeu barrete na cabeça, trajo que uſava antes de Frade, e collocoua no Altar. Mas tirou Deos da traça humana nova honra pera o Santo, e tambem pera ſua Ordem. Porque os moradores d'Amarante, que julgando, que ſe fazia aggravo á ſanta determinaçaõ, e conſelho do Ceo, com que o Santo no ultimo quartel da vida ſe dicara a Deos na Ordem de S. Domingos; trataraõ logo de lhe lavrar huma ſepultura alta de boa pedraria, e na groſſura da lagea, que a cobre, fizeraõ entalhar huma figura de relevo, quaſi inteiro com ſeu Habito, e Capello, e aſſi ficaraõ moſtrando, que ſe alguma hora da vida fora Sacerdote ſecular, como a pintura ſignificava, e o fora na verdade muitos annos, com tudo nos derradeiros fora Regular, e da Ordem dos Prégadores. E pera dobrarem o teſtemunho, levantaraõ outra de madeira no Altar do meſmo feitio. E pera mais clareza com o branco, e preto da Ordem: e ſendo aſſi, que eſtá hoje quaſi conſumida da força, que os longos annos coſtumaõ fazer ma madeira: Aſſi a veneraõ os Amaranteſes, por ſer a primeira, que ſeus avôs lhe fizeraõ, que dezejando os Frades aſſentar outra nova em ſeu lugar, de nenhuma maneira o conſentem.

CAPITULO VII.

Em que ſe eſcrevem alguns milagres dos muitos, que o Santo tem feito, e grandezas notaveis, que ſe vem na ſua Caſa.

POrque ſe quizeſſemos pôr em eſcrito todos os milagres, que ſaõ publicos deſte Santo por todas as terras de Portugal, ſeria neceſſario fazer muitos volumes, e cada hum delles maior que o deſta Chronica inteira. E he couſa averiguada, e certa, que juntandoſe neſta Caſa em ſuas conjunçoens do anno, que ſaõ huma no dia da feſta

feſta por Janeiro, e outra polo Pentecoſtes no Veraõ, tanta multidaõ de gente, que tolhe fazer na Igreja os Officios Divinos, com ſer grande: E acontece levantaremſe Altares fóra em duas, e tres partes, pera ouvirem todos Miſſa: Em todo eſte numero de povo naõ vem familia, que perguntada, que a traz alli, naõ conte caſo, ou caſos muito notaveis, e milagroſos, que o Santo obraſſe em filho, ou parente, ou criado. E o meſmo acontece a muitos milhares de homens, que polo diſcurſo do anno viſitaõ a Caſa. E como os mais ſaõ gente humilde, ſimples, e ſem malicia, merecem todos credito. Pera teſtemunho dos beneficios recebidos, acontece virem muitos deſcalços, outros da cinta pera ſima nús, outros em chegando á Villa, porém os joelhos em terra, e virem caminhando aſſi, até entrar na Igreja. E ſuccedeo ſer por Janeiro no dia da feſta do Santo, quando os ares correm mais frios, e delgados, e ſempra he o tempo riguroſo. Por eſta rezaõ julgamos por ſuperfluo gaſtar papel, e tempo em referir mais, que alguns poucos, que ſirvaõ pera edificaçaõ dos que tem menos noticia do Santo. Quero dizer dos Eſtrangeiros. Porque dos naturaes do Reyno, por impoſſivel tenho aver homem com uſo de rezaõ, que naõ ſaiba muitos. Mas antes de entrarmos nelles, diremos algumas grandezas da Caſa, com que ſe verá ficaõ muito acreditados. Seja a primeira o grande numero de Romeiros, que a coſtumaõ viſitar, como acabamos de dizer. Numero que a Camara de Lisboa, eſcreven-

do ao Summo Pontifice, poucos annos ha, ſobre a Canonizaçaõ, entre outras couſas, que allega, he huma, que ſubia alguns dias entre annos a trinta, e quarenta mil Almas juntas, ſem outro fim mais que devaçaõ: E a copia da carta temos em noſſa maõ. E confirmaſe eſta verdade, com que já ſetenta annos atraz, quando o Reyno era menos populoſo, eſcrevem Sena, e Reſende, que avia dia, em que ſe juntavaõ quatorze mil Almas.

Fr. Anton. de Sena na Cron. da Ord. f. 95. e 96. Fr. Andre de Reſende na Carta, que eſcreve a Bartolameu de Cabedo.

Quem crerá tamanho concurſo, ſe o naõ dermos provado com huma rezaõ, que fica ſendo por ſegunda, e admiravel grandeza deſta Caſa? He coſtume em todas as Igrejas de Romagem deſte Reyno, andarem molheres pobres, que por grangearia de vida trazem nas mãos maços de candeas de cera pera venderem aos devotos, couſa taõ pouca em peſo, e preço, que naõ ſaõ mais, que huns fios levemente cubertos de cera. Deſte genero de candeas compra o povo, pera offerecer no Altar do Santo, huns mais, outros menos, ſegundo a devaçaõ, e poſſibilidade, mas tudo a pouco cuſto. E pera aver lugar pera todos, os que offerecem, ha huma peſſoa, que tem por officio em ardendo hum eſpaço, hir apagando as primeiras, e lançandoas em hum vaõ, que fica porbaixo do Altar. Eſtas candeas, que chamaõ pingo, pola miudeza dellas, vay recolhendo o Sacriſtaõ, e gaſtando dellas na Igreja por toda a roda do anno; e os Frades dentro do Convento, que ordinariamente ſaõ mais de vinte. E com toda eſta deſpeza, ſendo fundidas no cabo do anno, lançaõ huns annos por

outros, vinte arrobas, e alguns chegaraõ já a vinte quatro. Por conta de offertas taõ miudas, e polo muito que viria montar, fica facil de alvidrar o infinito numero dos que as levaõ.

Tambem he de eſtimar por couſa muito grande o cuidado, e coſtume, que eſta gente tem de naõ apparecer na Igreja com as mãos vaſias. Todos ſe reconhecem por de devedores, quem com paõ, mandandoſe peſar a trigo, ou milho, ou ſenteyo; ſegundo a poſſibilidade: quem com gado, quem com dinheiro, deixando hum pera Miſſas, outro pera ſuſtentaçaõ dos Frades. Tal ha, que por naõ perder o bom coſtume, ſe outra couſa naõ tem, preſenta huma noz, ou huma maçãa, e como ſaõ tantos, os que acodem, por pouco que cada hum traga, vem a fazer no cabo do anno ſoma de renda creſcida.

Mas vindo aos milagres, que prometemos, he antiquiſſimo, e muito ſabido, e por tradiçaõ dos annos aprovado, o que agora diremos. Entrou no
1400. anno de 1400. o Inverno com tantas agoas, que ameaçave diluvio. Viaſe no Rio, porque ſubia aos montes, e creſceo de maneira, que ſendo a Ponte taõ alta, como temos apontado, faltava pouco pera ſer vencido da enchente o arco maior, e mais alteroſo, que he o do meyo. Neſte eſtado, que muito dava que temer aos moradores da Villa, eisque aparece mayor perigo: Notaraõ, que vinha atraveſſado, e dando tombos polo meyo da madre d'agoa, hum tronco de arvore taõ groſſo, e deſmeſurado, que naõ repreſenva menos, que a quilha de hum grande navio. Daõ a Ponte por derrocada. Porque ſe embarrava no pouco, que faltava do arco pera ſe cubrir d'agoa, eſtavaõ certos dous danos: Hum da bataria, que avia de fazer na Ponte ajudado da corrente, que aqui he rapidiſſima, e com a invernada trazia dobrada furia: Outro em tolher a ſahida ás agoas, e com iſſo acreſcentarlhes força, e violencia. Naõ ſouberaõ, que fazer; ſenaõ voz em grita, que chegava ao Ceo, chamar polo Santo, que acudiſſe á obra de ſuas mãos. Durava a grita, e creſcia o medo com as vozes, e vizinhança do madeiro, que vinha correndo, como deſpedido de hum trabuco. Senaõ quando entra pola Ponte hum Fradinho velho de capa negra, e Habito branco, encoſtado ſobre hum cajado, e ſubindo ligeiramente ſobre o parapeito da Ponte, eſtendeo o cajado contra o Rio, e no meſmo ponto ſe vio endireitar o madeiro, e enfiando com a vea d'agoa embocar o arco, e ſahir da outra parte, como ſe fora atoado. Ficando paſmados do feito, mais o ficaraõ, quando viraõ, que o Frade caminhara contra a Ermida, e nella ſe recolhera. Naõ avia por entaõ Frades na terra. Quizeraõ ver, quem lhes fizera tamanho bem, e moſtrarſe agradecidos: foraõſe á Ermida. Aqui foy novo paſmo; porque na Ermida naõ avia couſa viva, e aſſi ficaraõ aſſentando, que o Santo fora, o que a ſeus brados, e á ſua Ponte acudira viſivelmente.

Eſte milagre he muito antigo, venhamos a tempos mais modernos. Prégava o Meſtre Frey Ayres Correa na entrada do

anno

anno de 1588. na Ermida de Noſſa Senhora da Oliveira na feſta do Santo. Chovia muito. Acudio ao cano da Rua Nova, que fica defronte da Ermida, e da ſua fonte, e chafaris, grande força de agoas, que por elle vazaõ pera o mar. Era taõ creſcida a enchente, que arrebatou hum minino de huma porta, e ſem lhe poderem valer, o levou conſigo polo cano dentro: Acudio alguma gente piadoſa á praya, ao ſitio onde deſemboca, por baixo das caſas, e do Terreiro do Paço, que he grande dinſtancia, pera ſe quer lhe fazerem ultimo Officio de ſepultura, ſe o achaſſem. Chegaõ, achaõ o innocentinho ſaõ, alegre, e riſonho, aſſentado na borda d'agoa, e dizendo, que Noſſa Senhora, e hum Fradinho de hum bordaõ, foraõ com elle por baixo da terra até a praya. Trazido com feſta á Ermida, gritou dizendo, que aquelle Frade do retabolo fora, o que o acompanhara. Eſta foy a pintura do Glorioſo S. Gonſalo. Prégouſe logo o milagre, e juſtificouſe depois em forma juridica.

Mais moderno, e de mais qualidade he, o que agora diremos. Era Prior do Convento d'Amarante o Padre Frey Fernando de Caſtro, neto do grande, e valeroſo Governador da India Dom Joaõ de Caſtro, quando hum dia entrou por elle o Corregedor da Comarca, cercado de grande numero de Clerigos, e dizendo, que ſua vinda era a fazer cantar huma ſolemne Miſſa de ordem, e mandado d'elRey Dom Philippe I. deſte Reyno, e II. dos de Caſtella, em graças de certo beneficio, que Sua Mageſtade recebera por interceſſaõ do Santo, que teve principio, e origem do que agora diremos. Ordenou o Prior em certa occaſiaõ fazer huma Prociſſaõ pola Villa, em que levou nas mãos a Imagem do Santo antiga, que eſtá em ſeu Altar. Ao ſahir pola porta da Igreja, ſoou huma voz aguda, e triſte, que dizia: Santo Glorioſo lembraivos de meu deſemparo, e pobreza, e que venho de muitas legoas buſcar remedio na valia, que tendes diante de Deos. Parou o Prior, vio, que era de huma molher paralitica, que jazia em huma canaſtra, e ſó a lingoa, e olhos movia; chegou a ella, deulhe a beijar a roupa do Santo. No meſmo ponto fez a molher geito, e força, como que ſe queria levantar: E diſſe contra os que a tinhaõ alli trazido, que a ajudaſſem, que ſe ſentia com alento, qual nunqua tivera, e queria acompanhar a Prociſſaõ. Levaraõna ſobraçada hum eſpaço: logo ſe foy ſoltando, e andando ſó. E quando a Prociſſaõ voltou, eſtava já rija, e valente, à que viera em huma canaſtra de Concelho em Concelho por Amor de Deos, e com eſmollas dos Fieis. Soubeſe depois do lugar de ſua natureza, que naſcera contreita de todo, e aſſi creſcera, e vivera até aquella hora: E o Prior fazendo autenticar a maravilha, mandou a relaçaõ a elRey a Madrid. Era conjunçaõ, que eſtava perigoſamente enfermo, porque lhe dera a gota na cabeça, que he o termo, com que ordinariamente mata. Ouvio Sua Mageſtade o ſucceſſo, perguntou a Dom Chriſtovaõ de Moura, que já entaõ era Conde de

Caſtel

Caſtel Rodrigo, ſe ſabia mais couſas do Santo. Diſſelhe D. Chriſtovaõ muitas. Era elRey taõ pio, como ſabemos, encheuſe de devaçaõ, chamou polo Santo aquella noite. Quando amanheceo, diſſe a Dom Criſtovaõ, que de todo ſe ſentia ſaõ, e que por ſem duvida tinha dever a ſaude a S. Gonſalo; e que pera final, e graças della, ſe queria logo levantar, como fez. Aſſi foy hum milagre cauſa de outro. O Corregedor aſſiſtio á Miſſa, e nella offereceo ao Santo em nome de Sua Mageſtade duas pipas de vinho, huma d'azeite, dous moyos de trigo, dous de ſenteyo, e dous de milho, e ſincoenta mil reis em dinheiro. Foy o Padre Fr. Fernando Prior d'Amarante de fim de 1594. até parte do anno de 1597. E neſte tempo aconteceo o que temos referido.

Mas quem ha taõ de ferro, que naõ ſinta derreterſe as entranhas em amores do Ceo, ouvindo contar o empreſtimo da cera, que os pobres Confrades de S. Gonſalo do noſſo Convento de S. Domingos d'Evora receberaõ da Confraria do Roſario, que lhe tornaraõ notavelmente creſcida em peſo, e corpo, tendo ſervido aceſa nas Veſperas, e dia do Santo? Naõ ha diſtinguir cujo he o milagre, ſe do Santo, ſe da Senhora; mas ſe he da Senhora, mais honrado fica o Santo, que ſe fora todo ſeu. He caſo ſuccedido no anno de 1620., e noutra parte o contamos largamente.

Chron.da Ord.p.1. l.6. c.26.

Sendo tantos os milagres deſte Santo, como temos encarecido no principio deſte Capitulo, paſſaõ todos encarecimentos os que faz por toda a terra d'Entre Douro, e Minho, em materia de mininos, e homens quebrados. He a terra atraveſſada de ſerras, ſaõ os ares agudos, as agoas delgadas, frias, e muy cruas: a gente geralmente pobre, e mal cuberta. Qualquer força, que os mininos fazem, ou com chorar, ou por outra via, logo rendem polas virilhas. Mas tem os pays por taõ certo o remedio na Caſa do Santo, que já naõ ha quem faça caſo de tal enfermidade. Porque eſtá averiguado, que nenhum quebrado entra nella, que deixe de ſair ſaõ. Saõ infinitas as experiencias, aſſi neſte mal, como tambem noutro, que graviſſimamente perſegue eſta gente. Saõ verrugas, que chegaõ a inhabilitar os homens pera o trabalho, cubrindolhes pés, e mãos; mas á viſta deſta Caſa, ou cahem, ou ſe ſomem todas.

Quando ſe compoz o primeiro Flos Sanctorum de Braga, que foy no anno de 1513. a grande quantidade de milagres, que entaõ ſe ſabiaõ do Santo, obrigou ao devoto Arcebiſpo a mandar, que ſe eſcreveſſe ſua vida, e alguma parte delles. Os Abbades, que tinhaõ a Caſa á ſua conta, naõ curaraõ de os por em memoria, ou vencidos do numero, ou deſcuidados com outras occupaçoens. Entrando depois os Frades de S. Domingos, pera o edificio do Convento, que logo contaremos, foy primeiro cuidado pera honra do Santo, lançar em livro as maravilhas, que cada dia viaõ, juſtificandoas, e aprovandoas, hora polo Ordinario de Braga, hora polo do Porto. E deſte tempo ha já hum grande volume cheyo, e ſe vay enchendo outro. Mas que ha

que

que eſpantar, do que ſe vir em ſua Caſa, e junto de ſuas Reliquias, ſe tendo, como tem, Altares, Confrarias, e Irmandades em todas as Cidades, e Villas do Reyno, todas contaõ, e tem que contar beneficios ſeus?

CAPITULO VIII.

Como foy dado principio ao Real Convento de S. Gonſalo d'Amarante.

DEpois que temos dado conta em ſoma dos milagres deſte Santo, juntandoſe na relaçaõ os tempos paſſados com os modernos, e quaſi preſentes: O que fizemos por eſcuſar eſtendida leitura: Parece tempo de entrarmos no edificio do Convento; e dizermos como teve principio. Guardavaſe o effeito deſta obra pera o Pay das Religioens, elRey D. Joaõ III., e o ſer promotor della pera o Apoſtolico Varaõ, o M. Fr. Jeronymo de Padilha. Era entrado eſte Padre em Lisboa em Ja-
1538. neiro do anno de 1538. por Viſitador, e Reformador, e Vigario geral do Reverendiſſimo, á inſtancia d'elRey, que muito dezejava reformar todas as Ordens do Reyno. No qual cargo começando a entender, achou no Convento de Guimaraens hum Religioſo natural d'Amarante, que lhe fez lembrança, que ſeria obra digna de ſeu grande Eſpirito, procurar, que acompanhaſſem ſuas Reliquias, e ſepultura de S. Gonſalo Frades de ſua Ordem. Eraõ os milagres quotidianos, deulhe conta dos antigos. Ouveſe o Viſitador por obrigado a intentar o negocio. Foy principio eſcrever á Camara da Villa por meyo de hum Sacerdote natural della, e grande devoto da Ordem. Fez Franciſco Gonſalves de Freitas, que aſſi avia nome o Sacerdote, taõ boa diligencia, que naõ ſó trouxe por repoſta conſentimento da Camara; mas tambem huma Carta pera elRey, aſſinada por todos os da governança, na qual com palavras encarecidas pediaõ, que foſſe ſervido dar licença, pera aver naquella Villa, e ſe levantar ſobre a ſepultura de S. Gonſalo hum Moſteiro da Ordem, que em vida profeſſara, e amara. Parece que o Santo do Ceo guiava tudo, o que na terra ſe hia fazendo. Porque dando o Viſitador conta a elRey do que paſſava, tanto que tornou a Lisboa, foy grande o contentamento que moſtrou: E louvando primeiro aos naturaes por carta ſeus bons dezejos, mandou paſſar Proviſaõ com as licenças neceſſarias: e apoz ella, pera que os Frades ficaſſem com inteira liberdade pera o edificio do Convento, e juntamente ajuda de ſuſtentaçaõ: Sendo a Ermida de S. Gonſalo annexa á Igreja de S. Veriſſimo Parochial da Villa; e ambas preceitoria, e Commenda da Ordem de Chriſto, ouve por bem de as largar á Ordem de S. Domingos, e ſuprimir a Commenda. Faltava conſentimento da Igreja de Braga, por rezaõ da parte, que dellas lhe tocava. Eſte negociou elRey com o Infante D. Henrique ſeu Irmaõ, que tinha o Arcebiſpado. Juntaremos aqui a propria Doaçaõ tirada do Original. E naõ pareça a ninguem couſa ſuperflua o treſlado deſtes documentos; porque todos os

que

que ſahem de Cartorios Reaes, ou Eccleſiaſticos, como eſte, daõ muita luz, e authoridade á Hiſtoria: E quando ſe trazem os treslados de verbo ad verbum, parece que a meſma forma, e eſtilo eſtá acquirindo fé ao que ſe eſcreve, e reputaçaõ de diligente ao Eſcritor. Segue-ſe a Doaçaõ.

DOm Henrique, Infante de Portugal, por merce de Deos, e da Santa Igreja de Roma, Arcebiſpo, e Senhor da muito antiga Cidade de Braga, Primaz das Eſpanhas, ſaude em Jeſu Chriſto: Fazemos ſaber aos que eſta noſſa Carta de Doaçaõ, e conſentimento virem, como conſiderando Nós, que S. Gonſalo d'Amarante foy Frade da Ordem do Bemaventurado S. Domingos, e de ſua Religiaõ, e Habito: E como o dito Santo eſteve em ſua vida na dita Villa d'Amarante, e jaz ſeu Corpo na Igreja da dita Villa, que hora ſe chama S. Gonſalo, annexa da Parochial de S. Veriſſimo d'Amarante: Onde N. Senhor polos merecimentos do Bemaventurado S. Gonſalo tem feitos muitos milagres, ſegundo que diſſo temos certa, e verdadeira informaçaõ, e faz hoje em dia. Polo que a dita Igreja de S. Gonſalo he de grande devaçaõ: E os moradores deſtes Reynos vaõ a ella continuamente em Romaria: E muitos Fieis Chriſtãos, aſſim naturaes dos ditos Reynos, como de Galiza, e Caſtella, e outras partes. E dezejando Nós, que o culto Divino ſeja acreſcentado, e augmentado na dita Caſa de S. Gonſalo, e que a devaçaõ, que os Fieis Chriſtãos em elle tem, creſça cada vez mais, e que aſſim os naturaes da terra, como os que á dita Caſa vaõ em Romaria, poſſaõ em ella achar quem lhes diga Miſſas, e os confeſſe, e lhes prégue a Doutrina Evangelica, e aſſi de quem ouvir os Divinos Officios: Encomendàmos ao Provincial, e Padres da dita Ordem de S. Domingos, que quizeſſem tomar a dita Igreja, e Caſa de S. Gonſalo, e fazer em ella Moſteiro da dita Ordem, pera em ella eſtar Convento de Religioſos, que viviaõ em Obſervancia Regular da dita Ordem, e que poſſaõ em ella confeſſar, e prégar, e dizer os Divinos Officios. E ao dito Provincial, e Padres aprouve de tomarem a dita Caſa, e fazerem em

em ella Moſteiro da ſua Ordem, e polos frutos, e renda deſta Igreja de S. Veriſſimo, e ſua annexa S. Gonſalo ſerem tomados pera as Commendas da Ordem de Chriſto, e ſer feito delles Commenda, tirando certa parte pera o Reytor, e Vigario, que na dita Igreja ha. A elRey meu Senhor, e Irmaõ outro ſim apraz, como Meſtre, e Governador do dito Meſtrado de Chriſto, por ſerviço de Deos, e pola devaçaõ, que tem no dito Santo, de alargar as rendas, frutos, e direitos, que a dita Ordem tem na dita Igreja: E que naõ haja em ella mais Commenda, nem preceitoria: E que as ditas rendas, e frutos ſejaõ pera o Convento, e Padres da dita Ordem, que na dita Caſa eſtiverem; de que lhes quer fazer pura, e irrevogavel Doaçaõ. E vendo Nós tudo o ſobredito, pera que taõ boa obra venha á perfeiçaõ, e execuçaõ, com o conſentimento do noſſo Cabido de Braga, que pera ello nos deu por ſua procuraçaõ, de noſſa livre vontade fazemos pura, e irrevogavel Doaçaõ das ditas Igrejas de S. Veriſſimo, com ſua annexa S. Gonſalo, e do direito, que nellas temos, á Ordem de S. Domingos, pera em Caſa de S. Gonſalo ſe fazer o dito Moſteiro, e Convento de Religioſos da dita Ordem. E damos noſſo conſentimento, e authoridade, pera que ſe poſſa fazer, alevantar, e fundar o dito Moſteiro, quanto com direito devemos. Dada em Lisboa no derradeiro de Agoſto de mil quinhentos, e quarenta annos.

Eſcuſanos eſta Proviſaõ lançar aqui as que elRey mandou paſſar; huma de Doaçaõ das Igrejas como Meſtre, outra de licença pera o edificio como Rey; viſto como ficaõ entendidas deſta do Infante Arcebiſpo: E porque tambem foraõ deſpa-
1540. chadas no meſmo anno de 1540. que por eſſa rezaõ damos delle ſua antiguidade a eſte Moſteiro.
1541. No ſeguinte de 1541. ſe propoz, e foy aceitado pola Provincia no Capitulo intermedio, que celebrou em Santarem o meſmo Viſitador Frey Jeronymo de Padilha, ſendo já eleyto Provincial. A Doaçaõ das Igrejas confirmou Paulo III. Summo Pontifice no anno de 1542. em dous de Mayo, e he clauſula do Breve, que faz a graça pola relaçaõ, que teve de aver ſido S. Gonſalo Frade da Ordem dos Prégadores. Saõ palavras formaes no Latim do Breve as ſeguintes: 1542.

SAnè pro parte veſtra oblata petitio continebat, quod cum in Parochiali Eccleſia oppidi de Amarante Bracharenſis Diœceſis, Corpus Sancti Gondiſalvi, qui in ſæculo, dum viveret, Ordinis Fratrum Prædicatorum Profeſſor fuit, honorifice ſepultum exiſtat, &c.

Succedeo acharſe neſte anno em Roma o Padre Provincial no Capitulo geral, que foy convocado pera ſe dar ſucceſſor ao Meſtre Frey Aguſtinho Recuperato, que era falecido. E ſendo eleyto por Meſtre geral o Padre Frey Alberto Caſſali, confirmou a aceitaçaõ do Convento.

1543. No anno ſeguinte de 1543. ſe tomou poſſe por parte da Ordem das Igrejas. E elRey Dom Joaõ mandou hum Architecto que foſſe ver o ſitio, e traçar a futura fabrica; com advertencia, que a ſepultura do Santo, ſem nella ſe bolir, ficaſſe dentro da Capella Mór, como hoje eſtá. Traçouſe a Igreja de grande capacidade em comprimento, e largura, e com ſuas tres naves, ficando a Capella Mór ſobre o Rio, pera recolher em ſy a ſepultura do Santo; e correndo o corpo da Igreja contra o monte, e o reſto do Moſteiro lançado á parte direita da Igreja, com baſtante gaſalhado pera vinte Frades. Começouſe a obra em dous de Mayo dia do Glorioſo Arcebiſpo de Florença Santo Antonino, Frade noſſo; precedendo huma Miſſa ſolemnemente cantada, e lançando a primeira pedra o Padre Frey Joaõ de Ledeſma Vigario. Mas foraõſe logo deſcobrindo graviſſimas difficuldades na execuçaõ da traça. Porque foy neceſſario, pera ſe dar toda a traça, que a Igreja traçada demandava, desfazer ao picaõ hum muy alto, e aſpero monte, que pendia ſobre a Ermida, e ſepultura do Santo. Obra de immenſo trabalho, e naõ menos deſpeſa de dinheiro, e tempo. Porque o coraçaõ do monte era huma rocha viva, ſeca, e ferrenha, que ſendo cortada ſoltava em parte penedos groſſiſſimos, que deſciaõ contra a cazinha, e ſepultura do Santo, com medo, e perigo notavel della, e dos trabalhadores. Outras vezes corriaõ montes de terra ſolta, que prometiaõ alagar, e ſoverter a Ermida. E porque com todos eſtes inconvenientes foy Deos ſervido que chegaſſe a Caſa á ſua perfeiçaõ, ſem lezaõ da Ermida, nem dano de peſſoa nenhuma, foy conſtante opiniaõ, que naõ interviera aqui menos a valia do Santo, que em qualquer de ſuas grandes maravilhas.

CAPITULO IX.

De outras merces, e favores, que elRey Dom Joaõ fez á Ordem neſte Convento: E como foy levantado em Priorado; e o Santo Beatificado.

TUdo vence hum trabalho aturado. E ſe for bafejado do Ceo, que couſa lhe poderá reſiſtir! Ficou o monte talhado

a

a prumo, tanto até ás entranhas, e centro delle, que corre toda a Igreja a olivel com a ſepultura do Santo. E alem de todo o comprimento della, que he grande, faz no meſmo andar huma boa rua, entre a porta principal, e a rocha, que dá ſerventia pera a Portaria do Convento. Mas aqui ſe moſtra, e he de ver o muito, que ſe alcançou com a força, e mãos dos homens. Porque ſobe a rocha talhada, e direita pera o Ceo, como ſe fora hum muro de huma ſó pedra; e em tanta altura, que ſenhorea todo o Convento, e o mais alto ponto do telhedo da Igreja. Ficou o Convento com dous Clauſtros, e ſuas fontes, obra bem feita; mas moderada na grandeza, como convinha pera em terra fria, e pola baixeza do ſitio ſogeita a grandes nevoeiros, e humidades. Os dormitorios ao meſmo reſpeito de bom gaſalhado, mais que fauſto, e ſumptuoſidade: cerca grande de horta, e freſcura de arvoredos ao longo do Rio de propriedades, que depois ſe foraõ comprando.

Naõ tardou o Santo em gratificar a elRey o cuidado, e magnificencia, com que lhe deu Caſa de ſua Ordem. Adoeceo perigoſamente o Princepe Dom Joaõ, ſendo muito moço, e toda a eſperança do Rey, e do Reyno. Dizem, que lembrou Dom Diogo Lopez de Lima, que era Veador d'elRey, e como quem tinha relaçoens de ſangue, e naſcimento em Entre Douro, e Minho, ſabia muito das maravilhas do Santo, que ſe lhe encomendaſſe a ſaude do Princepe. Acudiraõ os Reys com devaçaõ a eſta lembrança: E o Princepe teve ſaude taõ repentina, que foy avida por milagroſa: E a Rainha Dona Catharina ſua mãy em graças della deſpachou logo a Gaſpar de Teyve criado de ſua Caſa, que depois foy Eſtribeiro mór da Princeſa Dona Joanna em Caſtella, a viſitar em ſeu nome a ſepultura do Santo. Do qual ſe diz, que fez a jornada obrigado tambem de particular rezaõ, e divida propria. Porque eſtando em artigo de morte, foy livre com ſe encomendar ao Santo. Naõ falta quem affirme, que neſta doença, e ſaude do Princepe teve principio o goſto, e largueza, com que elRey ſeu pay fundou a Caſa, e dotou o Convento. Mas elle era taõ pio, que pera ſemelhantes obras, ſua bondade lhe fazia baſtante força, ſem ſer neceſſaria nenhuma exterior. Aſſi ajuntou ſobre o que tinha feito huma larga licença pera os Frades poderem tirar eſmollas por todo o Reyno, e criarem pera iſſo Mampoſteiros com grandes privilegios, e izençoens. E no anno de 1551. impetrou da Sé Apoſtolica o Moſteiro de Freixo, que foy antigamente de Conegos Regulares, e entaõ poſſuia, como Commendatario, hum Italiano por nome Bartholomeu Goſtodingo, pera ficar unido (como logo ficou por renunciaçaõ, que fez o Italiano) ao Convento de S. Gonſalo. Ultimamente depois de mandar ao Moſteiro hum ſino de ſeſſenta arrobas de peſo, mandou pôr em pratica a maior honra, que na terra ſe podia fazer ao Santo, que era pedir á Sé Apoſtolica ſua Beatificaçaõ. Cometeraõ o negocio os Pontifices Pau- 1551.

lo, e Julio Terceiros, hum traz outro, a Pompeyo Zambicario Biſpo Sulmunenſe, Nuncio neſte Reyno, que fizeſſe as diligencias, e informaçoens coſtumadas. Mas inda que fez muitas, naõ reſultou por entaõ dellas nenhum bom effeito; porque lhe tolheu a morte acaballas: E no Reyno ouve mudanças com a morte d'elRey, e tutorias de ſeu neto elRey Dom Sebaſtiaõ, que ficou menino.

Entre tanto tinhaõ os Frades poſto em taõ bom ponto a Igreja, e Convento, que quando foy no anno de 1558. no Capitulo, que celebrou na Batalha o Meſtre Frey Luis de Granada, ſe levantou em Priorado, e foy nomeado por primeiro Prior o Padre Frey Dinis de Mello; ſendo abſolto do Priorado de Guimaraens, que actualmente governava. Neſte tempo tornou a Provincia a fazer inſtancia na Beatificaçaõ do Santo, diante da Rainha Dona Catharina, que governava o Reyno em nome de ſeu neto elRey Dom Sebaſtiaõ, e e ella mandou fazer a meſma em Roma polos Embaixadores. Em fim ſe alcançou nova commiſſaõ do Papa Pio IV. pera o Cardeal Infante Dom Henrique, e Joaõ Campegio Biſpo de Bolonha, e Nuncio Apoſtolico neſtes Reynos fazerem as inquiriçoens neceſſarias ſobre a vida, e milagres do Santo. As quaes ſendo feitas com muito cuidado, e attençaõ, por meyo de Dom Rodrigo Pinheiro Biſpo do Porto, e do Doutor Balthaſar Alvares Louſada, Proviſor do Arcebiſpado de Braga; em fim pronunciaraõ a ſentença ſeguinte, que em noſſo poder temos em autentica forma.

1558.

CHriſti nomine invocato. Viſtos eſtes autos, Breve, e ſummario de noſſo Senhor o Papa Pio IV. hora na Igreja de Deos Preſidente, impetrado á inſtancia do muito alto, e muito poderoſo Rey deſtes Reynos D. Sebaſtiaõ, Primeiro deſte nome, que nos foy apreſentado, e as inquiriçoens de teſtemunhas tiradas por mandado de Pompeyo Zambicario, Nuncio que foy neſtes Reynos, por virtude de hum Breve do Papa Julio III. de boa memoria, impetrado á inſtancia d'elRey Dom Joaõ III. deſte nome, de glorioſa memoria: E aſſi mais as inquiriçoens de teſtemunhas de novo tiradas polo Reverendiſſimo Dom Rodrigo Pinheiro Biſpo do Porto, e polo Doutor Balthaſar Alvares Louſada Proviſor do Arcebiſpado de Braga, e como ſe prova por muito numero de teſtemunhas conteſtes, legaes, e de credito, ter Noſſo Senhor feito, e fazer cada dia muitos milagres, por interceſſaõ do Glorioſo S. Gonſalo

ſalo d'Amarante em muitas peſſoas doentes de diverſas infermidades, e indiſpoſiçoens, que a elle ſe encomendavaõ; e ſer a Igreja do dito Santo, que eſtá em a Villa d'Amarante, do Arcebiſpado de Braga, onde ſeu veneravel Corpo jaz ſepultado, viſitado de muito numero de gente, que de diverſas partes de todo o Reyno, com muita veneraçaõ, e fervor vem á Caſa do Bemaventurado Santo em Romaria: E como ſe prova alem diſſo, por muitas teſtemunhas aver fama muito antiga de tempo immemorial a eſta parte entre peſſoas devotas, e Religioſas, e de autoridade, de como o dito Santo foy em ſua vida Servo de Deos, e Religioſo muy Obſervante da Ley de Deos, e das Regras da Ordem do Bemaventurado S. Domingos, que profeſſou: E ſer deſdo dito tempo immemorial ategora, depois de ſua morte, nomeado, avido, e reputado commummente de todos os Fieis Chriſtãos deſtes Reynos por Santo Bemaventurado, e por quem Noſſo Senhor faz muitos milagres: E como a tal lhe ſerem já intituladas algumas Caſas de Oraçaõ, que á ſua honra ſe edificaraõ: A qual reputaçaõ, e opiniaõ vay com a graça de Deos em todo povo, e Cleresia cada dia em mayor creſcimento. O que tudo viſto, e bem examinado, conformandonos com a forma do dito Breve de Sua Santidade, e diſpoſiçaõ dos Sagrados Canones, com parecer do dito Biſpo, e Proviſor de Braga, que as ditas novas inquiriçoens de teſtemunhas peſſoalmente tiraraõ: Avendo tambem reſpeito ao teſtemunho de D. Balthaſar Limpo, Arcebiſpo que foy de Braga, e de muitas peſſoas outras graves, que nas ditas inquiriçoens antigas, e novas teſtemunharaõ: Os quaes todos dizem, que polo que ſabem, crem, e tem ouvido da vida, e milagres do dito Santo, e pola geral devaçaõ, que todo o povo nelle tem, ſerá muy grande ſerviço, e louvor de Noſſo Senhor, e augmento do culto Divino, poderſe rezar, e dizer Miſſa deſte Glorioſo Santo neſtes Reynos.

Ad perpetuam rei memoriam, Authoritate Apoſtolica: *Concedemos, e damos licença, e faculdade, pera que daqui em diante em todos, e quaeſquer Moſteiros,*

ou

ou Igrejas ſeculares, ou regulares de todos eſtes Reynos, e Senhorios de Portugal, ſe poſſa livremente rezar o Officio Divino, e Horas Canonicas, e celebrar Miſſa do Bemaventurado S. Gonſalo d'Amarante, e aſſi, e da maneira, que ſe reza, e celebra de outros Santos Confeſſores: e mandamos eadem Authoritate Apoſtolica, que eſta noſſa ſentença ſe guarde, e cumpra inteiramente, como em ella ſe contem. E porem vos mandamos, que aſſi o cumprais, e guardeis, e façais cumprir, e guardar, como por Nós he concedido, e declarado, &c. E por Nos ſer pedido por parte do dito Prior, e Frades do dito Moſteiro de S. Gonſalo d'Amarante exhibentes, lhe mandaſſemos dar a dita noſſa ſentença em forma, que fizeſſe fé, pera guardar, e confirmaçaõ da dita conceſſaõ, licença, e faculdade, lhe mandamos paſſar a preſente. E porem polo teor, pola dita Authoridade Apoſtolica a Nós cometida, e de que neſta parte uſamos, amoeſtamos, e mandamos a todas as peſſoas, a quem ſe dirige, e a todas, e quaeſquer outras, aſſi Eccleſiaſticas, como ſeculares deſtes Reynos, e Senhorios de Portugal, de qualquer eſtado, gráo, condiçaõ, e officio uſantes, cujos nomes, e cognomes aqui avemos per expreſſos, e declarados, que inviolavelmente, e ſem duvida alguma cumpraõ, e guardem, e quanto em elles for, façaõ muito inteiramente cumprir, e guardar eſta noſſa ſentença, ſegundo ſua forma, e continencia, e iſto pera ſempre dos ſempres. Por quanto aſſi o concedemos, e declaramos, e mandamos, que ſe cumpra, e guarde, ſem embargo de quaeſquer couſas, que em contrario poſſaõ fazer, ou façaõ, que derogamos, e avemos por derogadas, &c. Dada na Cidade de Lisboa ſob noſſos ſinaes, e ſellos, aos dezaſeis dias do mez de Setembro do anno do Naſcimento de Noſſo Senhor
1561. *Jeſus Chriſto de 1561. annos. O Cardeal Infante. Joannes Campegius Epiſcopus Bononienſis Nuntius.*

CA-

CAPITULO X.

Do grande numero de Imagens, Altares, Igrejas, Freguesias, e Confrarias, em que neste Reyno, e fora delle he venerado S. Gonsalo d'Amarante: E em muytas de muito tempo antes de sua Beatificaçaõ.

SUposto que depois da honra, que S. Gonsalo alcançou em sua Beatificaçaõ, que he honra do Ceo, por ser dada por ordem, e commissaõ do Vigario de Christo na terra, todas as mais do mundo, por grandes que sejaõ, ficaõ pobres, e sem valia: Naõ me pareceo, que deviamos passar em silencio huma, com que este Santo por grande merce de Deos se aventaja a muytos, e muy insignes Santos. Esta he, que assi depois de sua Beatificaçaõ, como de muytos, e longos annos antes della, naõ só na sua Igreja, Villa, e Comarca d'Amarante foy sempre celebrado, e conhecido por Santo; mas por todo o Reyno, e inda fora delle foy buscado, e venerado por tal com Imagens, Altares, Confrarias, e Irmandades, Ermidas, Igrejas, e Freguesias, cousa, que a muy poucos Santos tem acontecido, e que ao certo naõ estriba em outros fundamentos, senaõ nos muitos, e muy milagrosos beneficios, que sua interceſſaõ alcança pera o povo, como nossa natureza he taõ amiga de seus interesses. E porque assi o entenderaõ os Juizes da Beatificaçaõ, tiveraõ os tais effeitos de devaçaõ por irrefragavel prova dos milagres, e por final manifesto do muito, que o Santo val diante do Senhor do Ceo, e da terra, cujas saõ estas obras. Rezaõ será logo, que pera gloria sua, e do servo fiel gastemos algumas regras em especificar o que disto veyo á nossa noticia.

Na Santa Sé de Braga, onde sempre assistiraõ pessoas de grandes letras, e muito Curiaes, achamos de tempo immemorial Altar, e Imagem de S. Gonsalo, e por ser muy antigo rezarse delle naquella Igreja. O Santo Arcebispo Dom Frey Bartholameu dos Martyres, pera poder ser o Officio inteiro, visto cair sua festa dentro das Octavas da Epifania, impetrou da Sé Apostolica, que fosse Duplex: e pola mesma rezaõ saõ muito ordinarias em todo o Arcebispado Imagens, e Altares do Santo. O exemplo da cabeça animava os membros: E os Prelados consentiaõ obrigados da devaçaõ do povo, e dos milagres continuos, que viaõ.

A Igreja Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimaraens em tres lugares distinctos, como já tocamos em outra parte, tem a Imagem do Santo pintada, e de tempo taõ antigo, que se lhe naõ sabe principio. Na Igreja de S. Domingos da mesma Villa se vio outra, que naõ tem menos annos de idade, que a mesma Igreja.

Entre o Mogadouro, e Penaroyas ha huma Igreja da invocaçaõ de S. Gonsalo celebre por devaçaõ, e Romagem, e rica das muitas esmollas, que deixaõ os devotos, que a visitaõ.

Na Villa de Chaves tem Altar no Mosteiro de S. Francisco, e junto da mesma Villa na Aldea grande, que chamaõ Ceravelha, ha huma Ermida do

nome

nome do Santo, em que todo o povo tem grande devaçaõ.

Em Gozedes Concelho de Fonte longa he a Freguesia, e Igreja do nome do Santo: E do meſmo he a Igreja, e Freguesia de Alfarella em Val Longo.

Junto do ſitio, e caſas em que o Santo naſceo, onde chamaõ Arriconha, ſe vê hoje huma Ermida de ſua invocaçaõ; e com ſua Imagem de vulto no Altar. E em huma das paredes da banda de fora parece huma grande pedra preta, e nella huma letra de caracteres Goticos, que diz aſſi. Neſta Aldea aſſima naſceo o Glorioſo S. Gonſalo.

Pouco abaixo he a Freguesia de S. Cipriano, que os naturaes chamaõ S. Cerdaõ, onde ha Altar, e Imagem do Santo de vulto.

Outra ha em o Moſteiro junto da Villa de Ponte de Lima.

Outra em Villa de Conde com ſeu Altar na Caſa da Miſericordia.

Na Sé do Porto ha Altar, e Imagem de tempo, que vence toda lembrança, e nelle inſtituida antiquiſſima Confraria, que com muita ſolemnidade lhe celebra ſua feſta: E dizem, que he mais antiga, que a que tem no noſſo Convento da meſma Cidade. E he certo, que neſta Cathedral ſe rezava já delle de longos annos atraz.

Por ſima da Cidade no lugar, que chamaõ Araujo, he a Igreja, e Freguesia do nome do Santo.

No Concelho de Paredes da Beira, Biſpado de Lamego, ha huma Ermida, que chamaõ S. Gonſalo de Penella, conhecida por continua Romagem de muita gente.

Tambem he de muita Rogem huma Freguesia do nome do Santo na Villa de Valença do Douro. Como ſe diz, que tinha nella relaçoens por ſeu avô da parte da mãy, he muito de ver, como ſe moſtra parenteyro com o lugar. Saõ muitos, e grandes os milagres, que nelle obra. Em ſeu dia ſe faz aqui huma grande feira, a que acode muito povo. A Imagem he de vulto, e antiga. E ainda que na eſcultura repreſenta baſtantemente o Habito Dominico, naõ ſe contentaõ os devotos com menos, que veſtilla de ſeda com ſua capa negra, e Habito branco.

A Villa d'Aveiro tem tambem huma Igreja, e Freguesia do Santo.

Já diſſemos atraz da Ermida de Noſſa Senhora da Oliveira, ſita no adro da Freguesia de S. Giaõ da Cidade de Lisboa. Cujo Altar, e pintura do Santo he taõ antiga como a meſma Caſa, que paſſa de trezentos annos de idade. O que ſe vê dos letreiros, que nella puzeraõ os Fundadores.

No Convento de S. Domingos de Lisboa tem o Santo Altar, e Imagem, e celebre Confraria, como a tem tambem por todo o Reyno, e até na India Oriental todos os Conventos da Ordem: E o meſmo he nos Conventos de Galiza Dominicos, pola communicaçaõ que tem com Douro, e Minho.

Nos arrabaldes da Cidade, como he nas Igrejas dos Reys Magos d'Alvalade; e S. Sebaſtiaõ da Pedreira, e outras, tambem ſe vem Imagens do Santo: E a quatro legoas della entre Alverca, e o Adarſo ha huma Ermi-

Ermida, que o Santo tem feito veneravel com ſeu nome, e muitos milagres.

Paſſou o mar a devaçaõ, como os Portuguezes começaraõ a navegar. Na Ilha Terceira, Biſpado de Angra, edificaraõ os moradores hum Moſteiro de Freiras da Ordem de Santa Clara; mas debaixo do nome, e invocaçaõ de S. Gonſalo; e commummente he nomeado, e conhecido por ſeu. E as Religioſas lhe fazem ſolemnes feſtas, naõ ſó por Padroeiro; mas tambem por bemfeitor. Porque ſaõ continuas as eſmollas, que em ſeu nome acodem á Caſa.

Mas tambem nas Ilhas Canarias, que em nada tocaõ a Portugal, eſtá dilatado o nome, e devaçaõ deſte Santo.. Dous Irmãos naſcidos, e criados em Guimaraens, trocando a Patria pola vivenda da que chamaõ Grãa Canaria, levantaraõlhe Altar, e inſtituiraõ Confraria em hum Moſteiro de Freiras Bernardas, ajuntaraõ graças, e indulgencias impetradas da Sé Apoſtolica, com que fizeraõ, e he hoje celebre, e feſtejado em toda a Ilha ſeu nome, e dia. E ouve huma Senhora, que deixou renda perpetua ao Cabido da Cathedral, com obrigaçaõ de aſſiſtir nas Veſperas, e dia da feſta, e acompanhar huma Prociſſaõ, que tambem lhe fazem. Merecem memoria eſtes Irmãos pola obra; e porque affirmavaõ, terem parte no ſangue do Santo, por direita deſcendencia. Chamavaõſe Diogo Fernandes, e Pedralvares, e o appellido de Sylva.

Hum livro anda impreſſo em Sevilha anno de 1594. dos milagres de Noſſa Senhora da Can-

delaria, em que o Autor affirma, que no lugar de Icode da Ilha de Tenariſe ha huma Imagem de S. Gonſalo, com quem toda a Ilha tem tanta devaçaõ, por milagres ſem conto, que obra em todo genero de infermidade, que quaſi todo o anno he viſitado do povo com Romagem continua.

Ultimamente, na cabeça da Chriſtandade, que he Roma, onde tudo, o que toca ao culto Divino eſtá como em ſua fonte, em toda pureza, e quanto póde ſer apontado, vemos na Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes, o noſſo S. Gonſalo d'Amarante em ſeu Habito Dominico, de tal pintura, e maõ, que repreſenta huma grande antiguidade.

CAPITULO XI.

Em que ſe dá conta dos meyos, com que os Religioſos da Ordem de S. Bento pertenderaõ tirar eſte Santo á de S. Domingos: Do litigio, que ſobre iſſo correu, e ſentença que nelle ſe deu.

MAs he deſgraça, que ſegue naturalmente toda as couſas de valia, naõ ſe poſſuir nenhuma ſem contradiçaõ, e contenda. Quem cuidara, que em negocio taõ liſo, e ſem duvida, taõ aſſentado com os annos, e confirmado com univerſal, e uniforme tradiçaõ deſte Reyno, e dos eſtranhos, como he ſer S. Gonſalo Frade Dominico, havia de haver quem lhe quizeſſe roubar o Habito de S. Domingos, e a Nós a honra de o termos por Irmaõ, depois de trezentos annos de poſſe pacifica nelle, e nelle por authoridade

Apoſtolica Beatificado, e hum Moſteiro de S. Domingos ſobre ſua ſepultura edificado? Bem creo, que ſe ha de fazer duro de crer polos annos adiante negocio taõ deſarreſoado, e a todos eſtivera bem ficar em ſilencio: Mas como paſſou tanto adiante, que chegou a julgarſe na ſuprema Cadeira da Igreja, he força dizermos o que vimos por noſſos olhos, e tocamos com noſſas mãos. Contando, como ſabemos, a graviſſima Religiaõ de S. Bento ſincoenta mil Santos, que de ſeus Clauſtros, e ſanta doutrina deu á Igreja, e ao Ceo, vieraõ ao mundo neſtes ultimos tempos huns eſpiritos, inimigos da paz, e rezaõ, quaes pera eſta idade de tudo eſteril, ſenaõ de monſtros, que ſe meteraõ em cabeça poder fazer ſeu o Santo alheyo: Que foy o meſmo, que aperceber banquete da ovelha de ſeu vizinho, ſobre quem poſſuia muitas, e uſando de poder, e força, que he proprio meyo donde falta juſtiça, ſahiraõ em Lisboa por Janeiro
1608. de 1608. com huma Prociſſaõ, que fizeraõ por ſua Caſa, levando nella o Santo veſtido em Habitos de S. Bento, e ſinalado como em couſa, que ninguem havia de crer com huma letra, que dizia, S. Gonſalo d'Amarante. A Prociſſaõ foy ſeguida de Sermaõ, em que o Prégador trabalhou por acreditar com palavras a novidade, e ſem rezaõ da obra. Era o povo, que aſſiſtia, gente do arrabalde, e pola mór parte rude. E comtudo, de huns foy recebida por couſa de chocarrice; por outros abominada, naõ ſó eſtranhada. Publicouſe o caſo. Era Prior de S. Domingos de Lisboa o Padre Meſtre Frey Pedro Martyr, que depois foy Lente de Veſpera na Univerſidade de Coimbra. Foy neceſſario acudir á força por via de juſtiça, e litigar. Começou primeira inſtancia, fazendo o Prior duas queixas ao Metropolitano dos Padres. Primeira, por levantarem Altar ſem authoridade ſua a Santo, que na Ordem de S. Bento naõ havia; que era atrevimento, e deſordem: Segunda, que ſe o davaõ por Santo ſeu (couſa manifeſtamente falſa) faziaõ offenſa á Santa Sé Apoſtolica, por cuja commiſſaõ eſtava por Frade de S. Domingos Beatificado, paſſava já de ſeſſenta annos, aſſiſtindo na Beatificaçaõ hum Nuncio graviſſimo do Summo Pontifice, e hum Cardeal Infante de Portugal. Que era muito maior atrevimento, porque avendo mais Moſteiros, e mais Monges Bentos, e todos gente muy grave em coſtumes, e douta em letras no tempo da Beatificaçaõ, nunqua ouve nenhum, que ſe deixaſſe levar de penſamento taõ deſencaminhado, como eſte de ſeus ſucceſſores; nem ſó por huma palavra. Pareceu a queixa juſtiſſima: Reſintioſe o Metropolitano. Mandou no dia ſeguinte, amanhecendo, notificar o Padre Prior de S. Bento, que naõ ouveſſe huma Prégaçaõ, que pera elle tinhaõ os Padres aprazada, e que deſſem rezaõ do Altar levantado. Foy miniſtro do requerimento, e companheiro dos Notarios Apoſtolicos, que a iſſo foraõ, o Padre Meſtre Fr. Sebaſtiaõ d'Aſcenſaõ, que pouco depois foy eleyto Biſpo de Santiago no Cabo Verde. Appellou o Prior pera a Legacia: Aſſi começou o litigio;

mas

mas com grande desigualdade de nossa parte. Porque gente em nome, e realidade mendicante, como saõ os Frades de S. Domingos, que podia esperar contra Mosteiros de grossas rendas, poderosos no Reyno, e naõ menos fora delle? E que tinhaõ já por isso, e por sy, o que haõ por grande aventagem os homens, que se prezaõ de arteiros em contendas juridicas, que era ficarem sendo reos com a violencia, que usavaõ: E averem de ser buscados, e requeridos polos pobres. No que se prometiaõ, polo menos, fazerem a causa immortal, quando outra cousa naõ alcançassem. Porem foy Deos servido, que levada a causa á Curia Romana, se aclarou a justiça de sorte, que no de 1615. se veyo a sentenciar definitivamente em favor da Ordem de S. Domingos. A sentença original temos em nosso poder. A copia daremos no Capitulo seguinte. 1615.

CAPITULO XII.

Que contem a sentença, que em Roma se deu contra os Religiosos de S. Bento na pertençaõ, que tinhaõ, de S. Gonsalo ser Frade de sua Ordem.

IOannes Dominicus Spinnula Prothonotarius Apostolicus, Sanctissimi Domini nostri Papæ in utraque signatura Referendarius, Curiæque causarum Cameræ Apostolicæ generalis Auditor, Romanæque Curiæ Judex ordinarius, sententiarum quoque, & censurarum, tam in eadem Romana Curia, quam extra eam latarum, ac literarum Apostolicarum quarumcunque universalis, & merus executor ab eodem Sanctissimo Domino nostro Papa specialiter electus, & deputatus: Universis, & singulis præsentis nostræ sententiæ instrumentum serie visuris, lecturis pariter, & audituris: illique, vel illis, ad quem, vel ad quos præsentes nostræ literæ pervenerint, & præsentabuntur, salutem in Domino, & præsentibus nostris fidem indubiam adhibere. Noveritis qualiter alias introducta coram nobis lite, & causa intra RR. Fratres Ordinis Sancti Benedicti Regni Portugalliæ, & Fratres Ordinis Prædicatorum ejusdem Regni, de, & super eo, quod dicti Fratres Sancti Benedicti ausi fuerint in publica Processione Civitatis Vlixbonensis, deferre Imaginem Beati Gondisalvi de Amarante, Habitum Fratrum Ordinis Sancti Benedicti indutum, rebusque aliis, &c. Et illorum occasione Reos conven-

tos, partibus ex altero: Et in lite, & cauſa hujuſmodi exhibitis nonnullis juribus ad cauſam hujuſmodi facientibus, teſtibus noſtri de mandato per infra ſcriptum Curiæ noſtræ Notarium examinatis, citato in omnibus ad omnes, & ſingulos actus neceſſarios, & incumbentes D. Cipriano Matarozzo, in Romana Curia cauſarum, & dictorum RR. Fratrum Sancti Benedicti extraordinario Procuratore, per unum ex Sanctiſſimi Domini noſtri Papæ Curſoribus, ut moris eſt. Tandem Perilluſtris, & Reverendus Lucas Antonius Virilis Iuris utriuſque Doctor, in utraque ſignatura prælibati Sanctiſſimi Domini noſtri Papæ Referendarius, ac noſter in civilibus cauſis locum tenens, ſervatis ſervandis, conſideratis conſiderandis, hujuſmodi cauſæ meritis ad plenum diſcuſſis, dicto D. Cipriano ad hoc pari modo citato, ſuam in ſcriptis tulit, & promulgavit ſententiam diffinitivam, tenoris prout infra; videlicet: Chriſti nomine invocato, pro tribunali ſedentes, & ſolum Deum præ oculis habentes, in cauſa, & cauſis, quæ primò coram nobis in prima, ſeu alia veriore inſtantia verſæ fuerunt, & vertuntur indeciſæ, inter admodum Reverendum Patrem Procuratorem Generalem totius Ordinis Prædicatorum, & Reverendos Fratres dicti Ordinis Prædicatorum Regni Portugalliæ agentes ex una. Ac Admodum Reverendum Patrem Procuratorem generalem Congregationis Monachorum, ſeu Fratrum Sancti Benedicti, dicti Regni Portugalliæ reos conventos; de, & ſuper eo, quod dicti Fratres Sancti Benedicti auſi fuerint in publica Proceſſione Civitatis Vlixbonenſis deferre Imaginem Beati Gondiſalvi de Amarante Habitu Fratrum Ordinis Sancti Benedicti indutum cum titulo, qui dicebat: Beatus Gondiſalvus de Amarante, & in fine Proceſſionis etiam prædicare dictum Beatum fuiſſe Fratrem Sancti Benedicti: Ac etiam, ut in futurum à præmiſſis prædicti Fratres Rei conventi deſiſterent, rebuſque aliis in actis cauſæ, & cauſarum hujuſmodi latius deductis partibus ex altera. Dicimus, pronuntiamus, ac diffinitive decernimus, & declaramus dictis Fratribus Sancti Benedicti non licuiſſe, neque licere de jure,

jure, Imaginem ejuſdem Beati Gundiſalvi alio Habitu, quam Fratrum Prædicatorum depictum deferre, ſeu in eorum Eccleſiis, vel monaſteriis habere, ne dum Beatum Gondiſalvum niſi pro Fratre profeſſo Ordinis Prædicatorum Fidelibus prædicare: moleſtationesque, & vexationes, per dictos Fratres Sancti Benedicti eiſdem Fratribus Ordinis Prædicatorum illatas, fuiſſe illicitas, indebitas, iniquas, & injuſtas: ac ſuper præmiſſis perpetuum ſilentium imponendum fore, & eſſe, prout imponimus: victoſque victoribus in expenſis in cauſa hujuſmodi factis condemnamus: quarum taxationem nobis, vel cui de jure, in poſterum reſervamus: Et quodcunque mandatum deſuper neceſſarium, & opportunum decernendum fore, & eſſe, prout decernimus. Et ita dicimus, pronuntiamus, ſententiamus, coudemnamus, & relaxamus, non ſolum modo præmiſſo, ſed etiam omni alio meliori modo. Et ita pronuntiavi ego Lucas Antonius Virilis locum tenens. Quæ omnia, & ſingula vobis omnibus, & ſingulis ſupradictis intimamus, notificamus, & inſinuamus, & ad veſtram, & cujuslibet veſtrum notitiam deducimus, & deduci volumus, & mandamus per præſentes. In quorum omnium, & ſingulorum fidem has præſentes fieri, & per infra ſcriptum Curiæ noſtræ Notarium ſubſcribi, ſigilloque Reverendæ Cameræ Apoſtolicæ, quo in talibus utimur, juſſimus, & fecimus appenſione muniri. Datum Romæ ex ædibus noſtris anno Domini milleſimo, ſexcenteſimo decimoquinto, Indictioue decimatertia, die verò undecima Aprilis, Pontificatus Summi in Chriſto Patris, & Domini noſtri Domini Pauli Divina Providentia Papæ V. anno ejus decimo. Lucas Antonius Virilis locum tenens. Antonius Columna Cor. Can. Curiæ Apoſtolicæ Notarius.

Deſta

Deſta ſentença, por encurtarmos leitura, naõ daremos mais traduçaõ, que de huma ſó clauſula que contem as forças, e ſuſtancia della, e he, a que ſe ſegue.

INvocado o nome de Chriſto. Nós Lucas Antonio Viril, ſentado em Tribunal, e tendo ſó a Deos diante dos olhos na cauſa, e cauſas, que primeiro ante Nós correraõ, e correm em primeira, ou outra mais verdadeira inſtancia, atégora indeciſas entre o muito Reverendo Padre Procurador geral de toda a Ordem dos Prégadores, e os Reverendos Frades da dita Ordem dos Prégadores do Reyno de Portugal, Autores de huma parte, e o muito Reverendo Padre Procurador geral da Congregaçaõ dos Monges, ou Frades de S. Bento do dito Reyno de Portugal, Reos demandados ſobre, e por rezaõ, de os ditos Frades de S. Bento ſe atreverem a levar em huma publica Prociſſaõ na Cidade de Lisboa huma Imagem do Beato Gonſalo d'Amarante, veſtida em Habito de S. Bento, e com huma letra, que dizia: Eſte he o Beato Gonſalo d'Amarante. E acabada a Prociſſaõ, ouvera Sermaõ, em que o Prégador diſſera, que o dito Beato fora Frade ſeu. E pera os ditos RR. naõ fazerem mais ſemelhantes couſas, nem outras, que nos autos da dita cauſa, e cauſas mais largamente ſaõ deduzidas: Dizemos, pronunciamos, e diffinitivamente determinamos, e declaramos, que naõ podem, nem podiaõ os ditos Frades de S. Bento licitamente, e conforme a Direito trazer, nem ter em ſuas Igrejas, e Moſteiros as Imagens do dito Beato pintadas em outro Habito, ſenaõ ſó no dos Frades Prégadores, nem prégar aos Fieis, que foy de outra Ordem profeſſo; ſenaõ na dos Prégadores. E aſſim determinamos, que todas as moleſtias, e aggravos, que os ditos Frades de S. Bento fizeraõ aos da Ordem dos Prégadores, foraõ illicitas, e indevidamente feitas, e foraõ iniquas, e injuſtas. E por tanto ſe deve pôr, e pomos perpetuo ſilencio em tal materia. E condenamos aos vencidos pera os vencedores nas cuſtas dos autos, cuja taxa reſervamos a Nós, ou a quem

de

de Direito pertencer: E qualquer mandado, que mais parecer neceſſario, ou comodo decretarſe, o avemos por decretado. E aſſi o dizemos, pronunciamos, ſentenceamos, condenamos, e relaxamos, naõ ſó pola maneira aſſima dita; mas por todo, e qualquer outro modo, que melhor for, &c. Aſſi o pronunciey eu Lucas Antonio Viril lugar Tenente.

Reſtanos, pera concluir com eſte Convento, duas particularidades de conſideraçaõ. He a primeira, darmos conta, em como dando o Papa Pio V. commiſſaõ ao Cardeal Infante D. Henrique, pera extinguir alguns Moſteiros de Conegos Regulares, e Monges Bentos, que andavaõ em poder de Commendatarios, e os meſmos unir a outros; ſeguindo a ordem, que elRey D. Sebaſtiaõ foſſe ſervido dar, foy S. Alteza contente de nomear o Convento de Mancellos, que fora de Conegos Regulares de Santo Aguſtinho, pera ajuda de ſuſtentaçaõ de dous de S. Domingos; a ſaber eſte d'Amarante, e o de Villa Real: E nelle com titulo de Vigairaria reſidem alguns Frades noſſos. E comprehende eſta Vigairaria dous Moſteiros, que antigamente foraõ de Conegos Regulares, que tem por invocaçaõ, o primeiro, e maior, S. Martinho de Mancellos; e outro S. Salvador de Freixo. Teve elRey reſpeito á vizinhança, que tem com Amarante, que he pouco mais de huma legoa: E pera que fique aqui dito tudo, o que toca a eſta Vigairaria, he de ſaber, que eſtando feita a uniaõ, e annexaçaõ do Convento, como fica dito, vieraõ os noſſos Frades a tomar poſſe delle no anno de 1569. Porque faleceo entaõ o Comendador mór da Ordem de Chriſto D. Affonſo de Lancaſtro, que o deſfrutava com titulo de Commendatario. 1569.

He a ſegunda particularidade, huma letra, que achamos eſculpida nos pedeſtaes dos pilares, que ſuſtentaõ o arco da Capella mór: Começa em hum, e acaba em outro, ficando igualmente repartida por ambos. E diz aſſi.

Eſte Convento fundou elRey D. Joaõ III. deſte nome, á honra do Glorioſo S. Gonſalo da Ordem de S. Domingos no anno de 1540. E depois elRey D. Sebaſtiaõ ſeu neto alcançou licença do Papa Pio IV. no anno de 1561. pera neſtes Reynos ſe poder rezar do dito Santo. E no anno de 1595. elRey D. Filippe noſſo Senhor o II. deſte nome, e I. de Portugal, mandou declarar por Proviſaõ ſua, que eſtá regiſtada no livro da Camara deſta Villa, como elle he Padroeiro deſte Convento, e como tal defende, que na Capella mór delle ſenaõ poſſa enterrar ninguem: Como mais largamente conſta da dita Proviſaõ, que eſtá no Archivo deſte Convento. 1540. 1561. 1595.

Eſte letreiro naſceo da curioſidade do Prior Frey Fernando

do de Caſtro. Suprio o deſcuido dos primeiros edificadores, que acabaraõ a Caſa, ſem fazerem memoria dos annos, nem do Fundador: E acudio á maior veneraçaõ do Santo, em declarar ſua Capella por Realenga, com o teſtemunho do Marmore, quando os papeis faltem.

CAPITULO XIII.

Fundaçaõ do Moſteiro de Noſſa Senhora da Graça da Villa d'Abrantes.

DEvemos a origem, e principio deſte moſteiro a hum antigo Biſpo da Cidade da Guarda, em cuja Dioceſe ſe comprehende a Villa d'Abrantes. Era ſeu nome Dom Frey Vaſco de Lamego. Fora Religioſo regular (naõ nos conſta de que Ordem) quiz fazer bom emprego do ſobejo de ſuas rendas, ordenou hum Moſteiro de Freiras, levantou Caſa, comprou renda, e ficou em memoria, que lhe fizera tudo de deſpeſa vinte mil livras da moeda daquelle tempo. Altera a moeda ſempre, ſegundo a eſtreiteza, ou largueza dos tempos; troca valias, nomes, peſos; com que ſe faz muy difficultoſa a reduçaõ do valor antigo ao moderno. E o peor he, que com a tal mudança dá occaſiaõ a huns engenhos inclinados a buſcar, e enxergar areſtas nos olhos alheyos, pera fundarem, e esforçarem ſuas contradiçoens. De alguns eſcritos ſe collige, que valia cada livra poucos annos atraz, do em que eſte Biſpo fez o Moſteiro, oito vintens dos ordinarios, que hoje correm. Eſta he a maior, que achamos nos tempos mais antigos. Nos mais chegados a nós he o valor muito menos, ſegundo em outra parte temos apontado. Do que foy cauſa, lavrarem os Reys depois outro genero de moeda muito miuda, que tambem quizeraõ chamar livras, e daqui naſce a confuſaõ. Qualquer que foſſe a valia, foy eſmolla de Prelado de grande Eſpirito, que tinha os olhos em Deos, e em diſpender bem o patrimonio da Igreja. Porque alem de ſer em ſy bem creſcida pera o tempo, naõ vemos nella os contrapeſos de memorias, ſepulturas, letreiros, e obrigaçoens, que hoje juntaõ os homens a qualquer boa obra, que fazem, com que quaſi lhe roubaõ toda a virtude, e ſubſtancia. Taõ longe eſteve de tal ambiçaõ, que nem ſeu nome, nem inda o anno da fabrica ſouberamos, ſenaõ permanecera huma eſcritura de doaçaõ, que dous virtuoſos caſados fizeraõ ao Moſteiro no meſmo tempo, que ſe edificava. Saõ de ver as palavras, e os termos da antiguidade. Poremos aqui ſó huma clauſula, em que depois de nomearem boa copia de fazenda, terras de paõ, olivaes, vinhas, canaviaes, e moradas de caſas, dizem aſſi:

Faze-

FAzemos perpetua doaçaõ de eſmolla pera todo ſempre de noſſa livre vontade propria, ſem outra prema, e conſtrangimento, nem afogo, que ſobre iſto nenhuma peſſoa nos fizeſſe, vendo em como Dom Frey Vaſco de Lamego Biſpo da Guarda, hora novamente faz na Villa d'Abrantes hum Moſteiro a louvor da Virgem Maria, a qual obra he ſanta, e honrada, pois he Caſa nobre, em que ſe ha de louvar o nome de Deos, pera avermos parte em todo o bem, que ſe em o dito Moſteiro fizer, e nas Horas, e Oraçoens, que as ditas Donas, e Prioreza ahi differem: Era de mil quatrocentos, e vinte dous (reſpondelhe o anno do Redemptor 1384.

A Ordem, que o Biſpo lhe eſcolheo, foy dos Conegos Regrantes de Santo Aguſtinho; mas com declaraçaõ, que ficaria em ſua obediencia, e adminiſtraçaõ delle Biſpo, e de ſeus ſucceſſores. A invocaçaõ foy por entaõ de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ. Floreceo eſte Moſteiro em virtude, e Religiaõ, como planta nova, e bem fundada até o tempo da grande peſte, que correo todo o Reyno em tempo d'elRey Dom Duarte, que foy taõ cruel, que aſſolou lugares inteiros, e nem o meſmo Rey lhe pode eſcapar; e della dizem, que foy ſua morte. Neſta conjunçaõ acabou tambem eſte Moſteiro: Entrou nelle o mal com a violencia que tudo deſtruia. A caridade, e amor de Irmãas, e o naõ ſe quererem deſemparar humas ás outras, foy cauſa de ſe contaminarem todas, e naõ ficar nenhuma ſó com vida. Em tamanho deſemparo tomaraõ os Biſpos por remedio, pera ſe naõ perderem tambem as paredes por deshabitadas, e as rendas, e propriedades por falta de adminiſtraçaõ, encomendar a Caſa a algumas molheres nobres como em encomenda, que viviaõ nella, e a reparavaõ, logrando com a morada tambem as rendas, que comiaõ com trajo ſecular, e ſem clauſura, nem outro ſinal de Religiaõ mais, que o nome de Priorezas, que eſte mantiveraõ ſempre, inda que naõ tinhaõ ſubditas. Durou pouco menos de cem annos eſte genero de provimento, que foy cauſa de ſe desbaratar muita, e boa fazenda, que dantes poſſuiaõ as Freiras. Eraõ os tempos pouco eſcrupuloſos, e as Priorezas de nome, livres, e liberaes, pera darem, e doarem, e caſarem ſuas criadas com os bens Eccleſiaſticos.

De taes Comendatarias achamos, que foy ultima huma Brittes Banha, que com licença do Biſpo fez renunciaçaõ do Moſteiro em huma molher moça, e nobre, filha de Affonſo

Florim, e de Violante Alvares d'Almeida. Eſta levada de bom Eſpirito, determinou empregar todo ſeu poder, e habilidade em reſtituir o Moſteiro á ſua antiga Religiaõ. Ajudou Deos, como ſempre faz, os virtuoſos intentos. Primeiramente uſando de ſegredo, e induſtria alcançou da Sé Apoſtolica, pera tornar a Caſa a ſeus bons principios: E como a teve, foy juntando comſigo gente nobre, introduzio Ordem, e Noviciado, e Clauſura, e Regra, em que primeiro eſtivera, de Santo Aguſtinho dos Conegos Regulares. Tanto que teve as couſas neſte eſtado; pareceolhe tempo de ſe entregar, e pôr tudo em maõ do Biſpo, como ſeu verdadeiro Superior, e Prelado. Erao neſte tempo Dom Jorge de Mello, preſidindo já na Cadeira de S. Pedro o Papa Clemente VII. e começando a reynar em Portugal elRey Dom Joaõ o III. polos annos de 1522. Pedialhe Brittes de S. Paulo, que aſſi ſe fazia chamar a Prioreza, foſſe ſervido de acudir, a receber a obediencia de hum Moſteiro reſuſcitado por ella, mas ſubdito delle Biſpo, que como verdadeiro Paſtor eſtava obrigado a viſitallo, e encaminhallo no Eſpiritual; e quanto ao temporal darlhe poder, e fazerlhe coſtas, pera tirar de mãos de injuſtos poſſuidores muitas peças de fazenda manifeſtamente alheadas do Moſteiro. Vicio he muito antigo, e que acompanha muita gente, que no mundo tem qualquer poder, por fraco, e limitado que ſeja, naõ ſe pagar de conſelhos, que ſahem de cabeça, e juizo alheyo, por bons, e acertados que ſejaõ. Deſconfiança he de animo, e fraqueza de entendimento. Vio o Biſpo feito tudo, o que pudera dezejar, e pertender, e que muito devera eſtimar: Aſſi o ſentio por naõ ſer a traça ſua, como ſe fora obra muito deſencaminhada, e contra o ſerviço de Deos. E naõ ſómente ſe deſcontentou della, mas no meſmo tempo, que a Prioreza lhe offerecia obediencia, e ſogeiçaõ a ſeus mandados, deſpachou quem a notificaſſe, que peſſoalmente apareceſſe diante delle a dar rezaõ do que ſem ordem ſua tinha feito. E continuou em a inquietar, e avexar por tantas vias, que, naõ lhe valendo hum raro exemplo de virtude, com que procedia, e governava a caſa, nem o favor dos Princepes do Reyno, que muito a honravaõ, tornouſe a valer de ſua habilidade, e com o meſmo ſegredo, e diligencia, com que negocearа em Roma, impetrou do Nuncio Apoſtolico, que neſte Reyno reſidia, que era Dom Martinho de Portugal, Biſpo do Funchal, izentarſe de ſua juriſdiçaõ, e dar obediencia ao Arcebiſpo de Lisboa. Aſſi ſe achou o Biſpo, quando menos o cuidava, inhibido pera a perſeguir, e privado de toda a juriſdiçaõ do Moſteiro. Porque em dia de todos os Santos do anno de 1529. fez a Prioreza ſolemne acto de obediencia ao Arcebiſpo por virtude das letras, que lhe paſſou o Nuncio, nas quaes ſe dá por rezaõ de tal novidade o deſcuido, com que o Biſpo ſe avia no governo do Moſteiro, ſendo obrigaçaõ ſua aſſiſtirlhe, emparallo, e favorecello. Por eſte modo tiveraõ fim as moleſtias, que a

1522.

1529.

Prio-

Prioreza recebia; e o Arcebiſpo ficou correndo com a Caſa em todo o Eſpiritual, e temporal; e em ſeu nome fizeraõ profiſſaõ as primeiras Noviças. Que aſſi leva ao cabo o Eſpirito varonil de huma femea o que huma vez toma a peito.

CAPITULO XIV.

Dos meyos com que eſte Moſteiro ſe paſſou á Ordem de S. Domingos.

POucos annos gozou Brittes de S. Paulo na terra a quietaçaõ, que tanto procurou; e em fim a alcançou pera o ſeu Moſteiro, e pera ſy: Apreſſoulhe Deos o premio, que no Ceo tinha guardado a ſeus taõ ſantos trabalhos. Foy eleyta em ſeu lugar a Madre Iſabel de S. Franciſco, filha do Doutor Fernando Alvares d'Ameida, Chançarel mór do Reyno. Eſta Madre como era nobre, e bem naſcida, tanto que ſe vio Prelada, inda que guardava com pontualidade toda a ordem de bom governo, que de ſua anteceſſora aprendera, naõ ſe dava por ſatisfeita, do que fazia, aſpirando ſempre a huma grande perfeiçaõ, que ouvia praticar dos Moſteiros Obſervantes das outras Ordens. Deſte penſamento, que muito a deſvellava, deu conta a ſeu pay, e por ſeu meyo, como era peſſoa poderoſa, e que por virtude, e letras tinha valia no Reyno, e fora delle, impetrou da Sé Apoſtolica hum Breve, pera ſe poder paſſar ao Habito, e Regra de qualquer das Ordens reformadas, que quizeſſe. E logo tirou tambem licença d'elRey, pera em caſo, que foſſe neceſſaria. Armada aſſi dos dous mayores poderes da terra, deuſe a eſpecular com cuidado a forma da vida, e Eſtatutos dos Moſteiros, que avia de Religioſas no Reyno: E ponderando todos com maduro juizo, e dezejo de acertar, foyſe inclinando ao que lhe diziaõ da Ordem de S. Domingos. Obrigoua de todo, como os exemplos podem muito, ſaber a reſoluçaõ, com que no meſmo tempo ſe tinhaõ paſſado humas Freiras d'Elvas de Terceiras, que eraõ de S. Domingos, ao maior rigor da meſma Ordem. Ficava por vencer a maior difficuldade, que era a dos animos, e vontade das ſubditas. Vendoas hum dia juntas, determinou communicarlhes, o que trazia no coraçaõ. Começou primeiro a queixarſe com ellas das contrariedades, em que viviaõ, ſeguindo Regra de Frades, que naõ viaõ, nem como Meſtres, nem como Prelados, dando obediencia a Prelado ſempre auzente, que as naõ via, nem podia entender de perto ſuas neceſſidades, nem no temporal, nem no Eſpiritual. O que affirmava, que ſendo pera todas vida deſconſolada, e triſte, pera ella o era muito mais, por ſer Prelada, e ver que ſe faltava naquella Caſa a perfeiçaõ, e concerto, que ouvia dizer de outras do Reyno, naõ era a culpa della, nem das ſubditas; porque em todas enxergava grande Eſpirito, e devoçaõ: E quanto á ſua peſſoa, com dezejos, e Oraçaõ continua pedia a Deos, lhe abriſſe algum caminho, com que naõ ficaſſem atraz no caminho da virtude: Polo que ſó via faltarlhes, que era Meſtres, que as

guiaſſem, e inſtruiſſem. Baſtaraõ eſtas poucas rezoens, pera todas ſe deixarem perſuadir, que lhes cumpria buſcar outro modo de vida. Abrioſe entaõ com ellas, deulhes conta do que tinha alcançado de Roma, e negociado no Reyno: E ajuntou, que ſua tençaõ era ſeguirem a Ordem de S. Domingos. Naõ paſſava a Communidade de onze companheiras, e huma deſtas onze Irmãa da Prelada: Sem debate, nem contenda vieraõ todas no parecer da Prioreza. Avia já dous annos, que eſta Madre governava a Caſa, e hia no cabo o de 1541. quando na entrada do mez de Novembro, e na conjunçaõ mais viva de ſuas determinaçoens, lhe trouxe Deos á Villa, como chamado, o Padre Meſtre Frey Jeronymo de Padilha, Provincial de S. Domingos, que proſeguindo na execuçaõ de ſeu cargo, chegava ao Convento de Frades, que a Ordem alli tem, com tençaõ de tomar delle o caminho pera Roma (como fez) a ſe achar no Capitulo geral da eleyçaõ, que inſtava, como atraz tocamos. Ouveraõ as Religioſas por traça do Ceo tal vinda. Mandaõ logo viſitallo, e pedirlhe, queira lançar huma bençaõ áquelle Moſteiro. Acudio o Provincial, como Religioſo, e cortez. E a Prioreza naõ quiz guardar pera mais longe a declaraçaõ do fim, pera que o chamara. Moſtralhe o Breve, que tinha do Pontifice, declaralhe a conformidade, com que todas eſtavaõ, de ſer ſuas ſubditas. Acodem todas, pedemlhe affincadamente, que pois Deos fora o que em tal tempo alli o trouxera, naõ queira dilatar aceitallas por ſubditas; viſto como ſó iſſo faltava. Era o Meſtre muyto prudente, a materia de ſy importante, e ſupoſto que de pouca duvida á viſta das Letras Apoſtolicas, determinou proceder com ſua madureza, e conſelho. Reſpondeo, que era eſtrangeiro, e naõ lhe ſeria bem contado acometer huma empreſa taõ nova, ſem primeiro entender, ſe ſeria do goſto d'el-Rey. Tirou a Prioreza entaõ do ſeyo o Alvará de licença, que atraz diſſemos tinha alcançado d'elRey, que acharaõ em taõ boa forma, que naõ concedia a licença pedida mas declarava, que ſe averia por bem ſervido de qualquer Prelado, que o Moſteiro aceitaſſe. Vioſe o Provincial poſto em cerco, e com todos os caminhos tomados, pera ſe poder eſcuſar da aceitaçaõ: Com tudo quiz meter tempo em meyo, que he grande Meſtre pera conſelhos humanos. Pedia, que ficaſſe o effeito, pois já naõ duvidava, pera quando vieſſe de Roma. Porque cumpria partirſe depreſſa, e naõ achava, que averia lugar pera ſe poder fazer o que de parte dellas convinha pera a ſolemnidade, que era apreſtar Habitos, e Eſcapularios. Diſſimulou a Prioreza, e ſem moſtrar que ſentia a dilaçaõ, diſſelhe com ſegurança, que todavia naõ quizeſſe Sua Paternidade pôrſe a caminho, ſem as tornar a ver, pera lhe tomarem a bençaõ, pois já ficavaõ por ſubditas ſuas, e filhas de S. Domingos, e elle as avia por taes. Naõ entendeo o bom Padre a ſubtileſa do lanço, prometeo tornar. E a Prioreza no ponto, que ſe deſpedio, fez comprar

1541.

o

o pano neceſſario pera ſe veſtirem todas. E ſem aver quem quizeſſe hora de repouſo, gaſtarão a noite inteira em talhar, e cozer, e o mais certo era alinhavar. E tanta foy a diligencia, que quando pola manhãa appareceo o Provincial a deſpedirſe, e poſto a ponto de caminhar, juntas todas com os peitos por terra, lhe pedirão de novo as quizeſſe conſolar. E ſe outro inconveniente naõ avia, como diſſera no dia d'antes, mais que falta de Habitos, alli lhe moſtravaõ hum monte de fato feito, em que avia Mantos, Habitos, e Eſcapularios pera todas. Naõ ſoube o Provincial, nem ſe atreveo a reſiſtir, edificado do fervor, e dilaçaõ, e eſpantado da diligencia. Na meſma manhãa, que foy huma ſegunda feira, dia do Glorioſo S. Martinho Biſpo 11. de Novem-
1541. bro de 1541. lançou o Habito a todas (deſte dia lhe damos ſua antiguidade a eſte Moſteiro) e de conſentimento commum fez logo profiſſaõ a Iſabel de S. Franciſco, cedendolhe ſeu direito ás que eraõ mais antigas na primeira profiſſaõ. Porque declarou, naõ ſer ſua tençaõ prejudicar neſta parte a nenhuma. E a meſma inſtituio, e confirmou em Prioreza. E porque ficaſſe tudo em concerto, e ordem de Religiaõ, fez tambem profiſſaõ a outras tres das mais anſiaãs em annos, e Habito. E a eſtas proveo nos officios mais neceſſarios da Caſa. A Magdalena da Cruz em Superioreza, a Iſabel da Conceiçaõ em Rodeira, Catharina da Cruz em Meſtra de Noviças. Deulhes por Vigario hum grave, e muy douto Religioſo, por nome Frey Matheus de S. Domingos, de Naçaõ Italiano; mas filho de profiſſaõ, e Habito deſta Provincia. Aſſi fez dentro de huma hora o que, ſe fora em outro tempo, avia miſter muitos dias. Entendeo logo em ſua jornada; e quando tornou della, viſitou com cuidado ſuas devotas filhas: e fez profiſſaõ ás que deixou em Noviciado; a qual fizeraõ juntas na Oitava da Epifania do anno de 1543. 1543.

O nome, com que eſte Moſteiro ſe unio á Ordem, foy de Noſſa Senhora da Graça: Porque chamandoſe em ſua primeira fundaçaõ da Conſolaçaõ (titulo, que lhe achamos nas Proviſoens, em que elRey Dom Joaõ lhes concedeo licença pera poſſuirem bens de rais,) e depois de Santa Maria a Nova, pera diſtinçaõ do noſſo Convento dos Frades da meſma Villa, que tinha, e tem o meſmo nome de Conſolaçaõ, como em ſeu lugar fica dito: Em fim, pera ſe eſcuſarem embaraços, que produzia a ſemelhança dos titulos, nas arrecadaçoens das rendas, e ordinarias, e pagamentos de juros, e tenças, tomou o de Noſſa Senhora da Graça.

CAPITULO XV.

Das merces, e favores, que os Reys faziaõ a eſte Moſteiro, depois que foy incorporado na Provincia de S. Domingos, e como mudou de ſitio.

TAnto que a Ordem aceitou eſta Caſa em ſua adminiſtraçaõ, ficou elRey taõ ſatisfeito da reſoluçaõ, e bom Eſpirito, com que as Religioſas buſca-

buſcaraõ a vida auſtera, e reformada (como todo ſeu goſto era ver as Religioens no mais alto ponto de perfeiçaõ) que ſempre depois lhes moſtrou inclinaçaõ, e boa vontade, e no que ſe offereceo, lhes fez merce. A Rainha Dona Catharina pola meſma rezaõ as tratava com muito amor, eſcrevendo a miude á Prioreza cartas cheyas de huma brandura, e affabilidade Real, com que as obrigava (como os favores dos Reys ſaõ eſporas pera a virtude) a procurarem adiantar muito nella. E naõ parava o negocio em palavras. Acompanhavaõ as cartas ſuas eſmollas, e eſtas lembranças avivavaõ a boa vontade, que elRey lhes tinha. Com que de ambos recebiaõ merces, que ao diante apontaremos. Mas daremos primeiro copia de alguns pedaços de cartas, que chegaraõ a noſſas mãos, que a Rainha lhes mandava: Que ſe bem ſaõ treslados de palavras mortas, veſſe nellas hum retrato vivo de extraordinaria benignidade, e bondade deſta alta Princeſa. E ainda que iſto era mais do cargo de Croniſtas do Reyno, que de quem o he ſó da Religiaõ, folgamos de fazer, por demonſtraçaõ de animo grato, o que elles devem por obrigaçaõ de officio. Em huma dizia a Rainha aſſi.

DOna Prioreza, Freiras, e Convento: Vi a Carta, que me eſcreveſtes, e folguey muito de a ver, pola vontade, e amor, que moſtrais pera todas as couſas de meu prazer, e ſerviço, que he conforme ao que eu tenho pera as de voſſa conſolaçaõ, e deſcanço, e das Religioſas deſſa Caſa, da qual por voſſas virtudes, e merecimento eu ſom muy devota, &c.

Em outra Carta concluia aſſi.

DEveis de crer, que pera todas as couſas de voſſa conſolaçaõ, e bem deſſe Moſteiro, achareis ſempre em mim aquella boa vontade, que he rezaõ, e vós mereceis, &c.

Juntandoſe o favor dos Reys com a nova reformaçaõ, começou de acudir ao Moſteiro muita gente nobre, mas avia falta de gaſalhados. Porque alem de ſer o apoſento eſtreito, tinha outro mal, que naõ era o ſitio capaz de ſe alargar: E porque ſe juntava a iſto eſtar velho, e mal reparado, alcançaraõ as Religioſas licença em hum Capitulo Provincial, pera fabricarem Caſa nova em poſto mais comodo, e mais chegado á Villa. Moſtrou elRey goſto da obra, quando della ſoube, aplicandolhe algumas eſmollas em dinheiro, e em huns alvitres de importan-

portancia. A que juntou outra merce maior, e por Carta ſua, que nos eſcuſará, lançada aqui, fazermos della maior eſpecificaçaõ. E com ella, como com teſtemunho Real, que ſempre he maior de toda exceiçaõ, ficará tambem entendida a boa reputaçaõ, em que as Religioſas diante delle eſtavaõ; pois naõ ſó lhes fazia a Caſa, com o que pera ella dava, mas engrandecia o beneficio com a honra de lhes eſcrever. A Carta, tirada de ſeu original, he a que ſe ſegue.

MAdre Prioreza, e Freiras: Eu elRey vos invio muito ſaudar. O Padre Frey Pedro Bom me requereo da voſſa parte o deſpacho da venda dos Officios d'Eſcrivaõ da Camara, e d'Almotaçaria deſſa Villa, e aſſi da parede, e chãos, de que vos fiz merce, e eſmolla pera as obras do Moſteiro novo: E o deſpachey, ſegundo vereis por huma Carta, que ſobre iſſo eſcrevo ao Corregedor deſſa Comarca. E com o dinheiro deſſes Officios, e parede ſe poderáõ pôr as obras em perfeiçaõ; pera que eſte Veraõ, que vem, com a ajuda de noſſo Senhor vos poſſais mudar ao dito Moſteiro novo: do que eu receberey muito contentamento, &c.

A eſte Frey Pedro Bom, de que a Carta faz mençaõ, foy entregue pola Provincia o cargo de todo o edificio, e de juntar as eſmollas pera elle; e em tudo procedeo com tal cuidado, que fez verdadeiro o appellido, que tinha. E quando foy por dia de noſſo Padre do anno de 1548. 1548., ſendo Provincial o Padre Frey Franciſco de Bovadilha a primeira vez, fizeraõ ſolemne paſſagem pera o novo Moſteiro. Ordenouſe huma fermoſa Prociſſaõ, a que acudio o povo todo da Villa, e Comarca, naõ ficando aquelle dia em caſa nenhuma molher do melhor da terra. Mas querendo todas ver por ſeus olhos as que por ſua vontade viviaõ enterradas, e ſe apareciaõ no mundo, era por milagre de huma ſemelhante tranſmigraçaõ. E he de ſaber que eſtava já neſte tempo creſcido o numero, e eraõ trinta e quatro, que faziaõ fermoſo eſpectaculo. Hia diante toda a Cleresia da Villa, e Termo com ſuas ſobrepelizes, ſeguiaõſe os Frades do Convento com ſua Cruz. Entre elles caminhavaõ as Religioſas por ſuas antiguidades, acompanhadas das Donas mais nobres da Villa, ou parentes, ou amigas. No couce a Prioreza, e Suprioreza, preſas polas mãos com a molher do Alcayde mór da Villa, deſcendentes dos Condes della. Que pera feſtejar eſte dia ſe enfeitou, e veſtio de branco, alegrando a terra, e aquella pobre Communidade com ſua boa ſombra, e ar, poſta em meyo das duas Preladas. Cerrava a pompa

pa o Provincial reveſtido em capa de Brocado entre o Diacono, e Subdiacono. E traz elle todos os Nobres da terra, e os miniſtros da juſtiça. Acabou a ſolemnidade por Miſſa, e Prégaçaõ. Paſſados poucos dias, tratou a Prioreza de pôr em ordem hum officio de verdadeira piedade, que era recolher comſigo as oſſadas das Religioſas defuntas antigas, e modernas da Caſa velha. Mas interveyo inconveniente, que dilatou o effeyto, como ao diante ſe dirá.

CAPITULO XVI.

De algumas Religioſas, que neſte Moſteiro ſe adiantaraõ em obras, e fama de grande Eſpirito, depois que ſe entregou á Ordem de S. Domingos.

A Madre Soror Antonia de S. Miguel.

SEja a primeira á que primeiro ſe cubrio de terra do novo gaſalhado, que foy a Madre Soror Antonia de S. Miguel. Recebeo o Habito em idade de dezaſeis annos, e faleceo entrando nos vinte dous: e neſte breve tempo aproveitou tanto, que de toda a Communidade era avaliada por hum raro Eſpirito. Quando foy a mudança da Caſa, vinha já enferma de humas ſezoens. Neſte eſtado ſentio hum dia a Communidade revolta, e ouvio juntamente golpes de enxada: Perguntou, que avia de novo? Foylhe reſpondido, que ſe apercebiaõ pera o recolhimento das oſſadas do Moſteiro velho, que aviaõ de vir no dia ſeguinte, e para ellas ſe abria cova no Capitulo. E ella reſpondeo com ſegurança. Naõ ſe afadiguem Madres, mais devagar eſtá iſſo do que cuidaõ. Primeiro ha de receber o Capitulo huma das que hoje vivemos, que as defuntas, de que trataõ. Naõ fizeraõ caſo do dito as que o ouviraõ: Porque inda que entenderaõ, que o podia dizer por ſy, naõ eſtava tanto no cabo, que ſe cuidaſſe que acabaria antes da tresladaçaõ, que avia de ſer no dia ſeguinte, e eſtava tudo preſtes em Caſa, e fora della, appellidada a Cleresia da Villa, e Termo, e convidados os Nobres do lugar pera inteira ſolemnidade. Na meſma tarde, que iſto diſſe Soror Antonia, teve hum terrivel accidente, e tal que já cuidavaõ, as que lhe aſſiſtiaõ, que fazia verdadeiro ſeu dito, e começaraõ a repartir entre ſy a noite pera a vigiarem. Acudio ella com todo ſeu mal, ao que ouvia, e diſſelhes, que naõ tomaſſem trabalho, que ainda tinha dez dias de vida, e podia eſcuſar as vigias. Foy caſo eſtranho, que huma, e outra couſa viraõ cumprida, ſem faltar ponto. Primeiramente a tresladaçaõ a praſada ſe ſuſpendeo, e tardou depois algum tempo; porque ſuccedeo caſo forçoſo, que a entreteve: e ella acabou aos dez dias, que diſſe. Termo, em que cumprio juſtamente hum anno de doença taõ forte, e trabalhoſa, que pareceo mais Purgatorio, que doença ordinaria. Porque ſendo as ſezoens de cada dia, todas as horas do frio traziaõ conſigo hum martyrio de dores immenſas, e taes, que claramente ſe via que a chegavaõ a ponto de morte. E ella tomavaas abraçada com hum Crucifixo, e tendo com elle ſuaves colloquios. Aggravouſe o mal no fim; e pera ſer mais intolera-

toleravel, foy o Senhor ſervido, juntaremſelhe fortes tentaçoens do inimigo, que ſe entendia, polo que fallava. Apparecialhe, e fazialhe medos. E de huma vez tomando poſto ao pé de hum Crucifixo, que lhe ficava defronte, dalli a inquietava. E ella dizialhe: Maldito, tiſſaõ do Inferno, condenado a fogos eternos, como te atreves a eſtar a eſſes pés, que repreſentaõ os de meu Senhor Jeſu Chriſto, paſſados de cravos, e banhados em ſangue por meu remedio? Naõ convem tal lugar a taõ fea, e taõ má creatura. Sus, andar caminho do Inferno. E ſenaõ, eſpada tenho, que vos fará voar. E com iſto fazia força por lançar maõ de huma Cruz, que tinha á cabeceira. Fogia o tentador, e logo lhe acudia o Senhor com enchentes de conſolaçoens, e repreſentaçoens da Gloria, que a eſperava. Eſtas ſe enxergavaõ na quietaçaõ, e alegria, com que ficava no meyo das dores, que a atormentavaõ, e tambem na alteza das couſas, que fallava com as Madres, tratando dos bens da outra vida. O que fazia com huns termos taõ deleitoſos, e conceitos taõ ſubidos, como ſe fora hum Santo Aguſtinho, ou S. Bernardo. E o que mais admirava, trazia paſſos da Eſcritura em Latim, e verſos dos Pſalmos, explicados com delicadeza, e muito a propoſito. Julgavaõ todos, que era luz ſobrenatural, que reverberava já do Sol Eterno naquella Alma; que outra couſa naõ podia ſer em idade de vinte dous annos, vividos com grande innocencia, e concluidos a poder de tormentos. Outros ſinaes ouve de parte da enferma, de que ſenaõ enganavaõ em tal juizo. Porque naquelle eſtado, ſem ter carta, nem aviſo de ſua terra, ſoube ſerem mortas duas Irmãas ſuas, de que lhe faltavaõ novas muito tempo avia. E contando ás Madres como eraõ falecidas, dizia, que a mais moça fora diante, e andava em hum prado verde, naõ alegre, nem triſte, eſperando pola outra, pera hirem juntas ver a Deos. A huma Freira, que avia annos naõ ſabia de hum Irmaõ ſeu, diſſe, que era morto, peleijando contra infieis, e que o tinha no Ceo entre os Santos Martyres. Deſtas mortes ſe teve depois certeza. Pouco antes de eſpirar buſcou com os olhos duas Madres amigas ſuas, e fezlhes com elles, e com a cabeça conhecida inclinaçaõ, como que lhes queria dizer alguma couſa. Foy o caſo, que ambas lhe tinhaõ pedido, que ſe N. P. S. Domingos a viſitaſſe naquella ultima hora, como confiavaõ pola pureza de ſua Alma, e devaçaõ, que lhe tinha, lhes fizeſſe algum final, e aſſi o tiveraõ por ſem duvida. E naõ tardou em trocar a terra polo Ceo, e cumprir o que tinha dito de povoar primeiro a terra do Capitulo, que as Freiras do Moſteiro velho. Teſtemunhava della toda a Communidade, que nunqua lhe fora ouvida palavra, que podeſſe dar eſcandalo: E que ſendo dotada de bom entendimento, fora ſeu trato ſempre chaõ, e ſimples.

Agora digamos da que por Prelada, e autora da reformaçaõ, merecia o primeiro lugar, que he a Madre Iſabel de Santo Antonio. Eſta Madre, como atraz diſſemos, recebeo a

A Madre Soror Iſabel de S. Antonio.

Caſa no Habito dos Conegos Regulares, em que ſe tinha criado: E paſſados dous annos de ſeu governo, procurou paſſalla á Ordem de S. Domingos, na qual tanto que lhe deu obediencia, creſceo a Caſa em reputaçaõ de maneira, que ſendo as Religioſas no anno de ſua Profiſſaõ Dominicas por todas ſómente onze, quando depois vieraõ a povoar o Moſteiro novo, ſe acharaõ trinta, e quatro, como deixamos contado; ſendo o eſpaço taõ curto, que naõ ouve mais em meyo, que finco pera ſeis annos. Naõ ſe póde negar, que devia dar muito animo ás que buſcavaõ a Deos na reformaçaõ, as partes de virtude, e prudencia, que viaõ na Prelada. Huma, em que muito ſe eſmerava, era a da ſanta pobreza: E como a eſtimava, e queria pera ſy, da meſma procurava, que reſplandeceſſe no Moſteiro. Aſſi era lingoagem dos moradores da Villa, notando com attençaõ o pouco provimento, que nelle entrava pera a ſuſtentaçaõ quotidiana, que mais parecia de Padres do ermo tal modo de vida, que naõ de molheres dilicadas, e fracas, que moravaõ em povoado, e naõ entre feras. Eſte rigor, e auſteridade de governo continuou dezaſete annos. Creſce o Eſpirito nas faltas do corpo Aſſi contaõ, que toda ſua recreaçaõ era aſſiſtir no Coro orando, depois de ſer a primeira em todos os lugares, e obrigaçoens da Communidade. Do que naſcia, que todas as vezes que fallava de Deos nos Capitulos, que fazia, ou em particulares converſaçoens, era tanto ſeu fervor, e devaçaõ, que communicava fogo de Amor Divino, a quem a ouvia. Contavaõ della as velhas, que a alcançaraõ, que trazia ſempre na boca, e pera todas as praticas eſta palavra, Eternidade; e ſempre que a pronunciava, era com huma notavel ſuavidade, que ſe enxergava ſahirlhe do centro d'Alma. Humas vezes dizia: O quem ſe vira já naquelle abiſmo das eterninades. Outras vezes deſabafava em ſuſpiros, que lhe arrancavaõ o coraçaõ com vehemencia, dizendo: Quando ſerá, meu Deos, aquelle ditoſo dia, que vá gozar de voſſa perpetua Eternidade! Quando me ſubireis com voſco aos altos montes da voſſa Eternidade? Eternidade, que aſſi como naõ conhece fim, da meſma maneira he taõ ſoberana a gloria dos bens, que nella encerrais, que com rezaõ diſſeſtes paſſarem por tudo, que olhos de homens viraõ, e orelhas ouviraõ, e por tudo o que ſeu coraçaõ póde fingir, ou com a imaginaçaõ pintar, e dezejar. E iſto he, o que tendes guardado pera os que vos amaõ. O bendito amor, que taes eternidades tem por galardaõ! Aconteceo hum dia depois de aver muito tempo, que tinha largado o cargo de Prioreza, acharſe a hum Capitulo de viſitaçaõ, que fazia, ſendo Provincial o grande M. Fr. Jeronymo d'Azambuja, aquelle que com nome de Oleaſtro he venerado de todos os Doutor, e ouvirlhe dizer, encarecendo com ſua conſumada eloquencia o reſpeito, com que os homens deviaõ eſtar diante do Diviniſſimo Sacramento do Altar, que ſe aquelle Senhor nos abrira os olhos, viramos exercitos innumeraveis de Anjos, huns proſtrados por

terra,

terra, naõ ſe atrevendo a levantar os olhos áquella immenſa Mageſtade, outros tremendo de medo, e reverencia, outros abraſados em amor, dançando, e dando alegres voltas, e ſaltos com a ſimplicidade de outro David diante da Arca do Teſtamento: Viſta, que muitas vezes acontecia ao grande Chriſoſtomo. Ficou Soror Iſabel taõ penetrada deſta pratica, que todas as vezes, que ſe via no ſeu Coro, depois de longa Oraçaõ, fazendolhe o ſom ſua devaçaõ, e o grande amor, em que ardia, do Senhor, dançava com grande fervor, e modeſtia juntamente, todas quantas danças aprendera, ſendo minina. E acontecia, juntaremſe a eſpreitalla as Religioſas, que muito ſe edificavaõ daquella ſanta ſingeleza.

Eſtendeolhe Deos ha muitos annos vida taõ bem gaſtada, e com ſer muito velha, davalhe o Eſpirito forças, pera naõ perder nenhuma Communidade, tinhaõlhe laſtima todas, e a Prioreza mandava, que naõ foſſe a Matinas. Obedecia ella no ponto de naõ acudir á meya noite. Mas tanto que a Communidade ſahia do Coro, entrava ella. E depois de rezar ſó ſua obrigaçaõ, ficavaſe entendendo em particulares devaçoens até horas de Prima. E iſto ſempre de joelhos, ou em pé, nunqua aſſentada. De dia ſempre buſcava em que entender. E quando outra couſa naõ achava, remendava os fatos das ſervidoras; ou pera as aliviar, ou pera naõ gaſtarem niſſo as horas devidas ao ſerviço da Communidade. Outras vezes varria as varandas, e muitas a caſa commum. E ſe a Prelada pola veneraçaõ, que todas lhe tinhaõ, a reprehendia por ſe abater tanto, abaixava a cabeça com humildade, e hia buſcar com riſo outro ſerviço.

A caridade, que tinha com pobres, e doentes, era avida por hum extremo. Porque naõ poſſuindo couſa ſobeja, como verdadeira pobre, que era de corpo, e Eſpirito, ſe lhe pediaõ aquillo, de que tinha muita neceſſidade, como foſſe por Amor de Deos, logo o largava com alegria. Coſtumava a rezar cada dia, depois que foy Freira, a Paixaõ do Evangelho de S. Joaõ. Depois que veyo a enfraquecer demaſiadado com os annos, chamava quem lha proſeguiſſe, donde ella naõ podia paſſar. O meſmo lhe aconteceo, eſtando enferma. E no dia, em que acabou, rezou o que pode da Paixaõ: E lendolhe huma Religioſa o que reſtava, poz os olhos em huma Imagem de N. Senhora. E dizendolhe palavras de entranhavel affecto, por ver que ſe chegava a hora de hir gozar das eternidades, porque ſempre ſuſpirava, eſpirou, e voou pera ellas.

CAPITULO XVII.

Das Madres Soror Magdalena de S. Paulo, e Soror Iſabel da Conceiçaõ.

BReve Hiſtoria nos offerece a Madre Soror Magdalena de S. Paulo, mas neſta brevidade de tanto peſo, e ſuſtancia, que igualla as muito grandes, e muito eſtendidas. Era particular amiga da Madre Soror Iſabel, e verdadeira imitadora de ſuas virtudes, e rigores. Vendo a que amava como Irmãa, e reſpeita-

A Madre Soror Magdalena de S. Paulo.

va

va como Meſtra, foy tamanha a dor de ſe ver privar de tal companhia, que na hora, que queria eſpirar, lhe diſſe diante de todas, que pois ſe hia pera o deſcanço das eternidades, que tanto dezejara, naõ as quizeſſe lograr muito tempo, ſem quem lhe fora nos trabalhos fiel amiga, e companheira, e alcançaſſe do Senhor dellas, que a foſſe lá acompanhar, como fizera tantos annos na terra. Do que paſſou no Conſiſtorio Divino, quem pode dizer nada! O que as Freiras viraõ, foy, que aos oito dias depois de morta Soror Iſabel, acabando de cantar a Communidade o ultimo Reſponſo, como he coſtume da Ordem, ſobre a ſepultura, faleceo ſubitamente Soror Magdalena, com juizo de todas, que lhe alcançara a amiga o deſpacho de ſua petiçaõ, e polo conſeguinte ſeria tambem a companhia da Gloria.

A Madre Soror Iſabel da Conceiçaõ.

A Madre Soror Iſabel da Conceiçaõ foy huma das onze, que das mãos do M. Fr. Jeronymo de Padilha recebera o Habito, e profiſſaõ, quando o Moſteiro paſſou pera a noſſa Ordem. Vendoſe profeſſa nella determinou imitar com generoſo animo, quanto ſuas forças abrangeſſem, o Glorioſo Pay, e Patriarcha, que a recebera por filha. Primeiramente naõ comeo mais carne, deſdo dia que veſtio o Habito Dominico, até que morreo, nem peixe, ſenaõ poucas vezes. Sua ordinaria comida eraõ humas hervas cozidas, e mal temperadas, com hum pedaço de paõ. E mandandolhe a Prelada algumas vezes pôr diante hum pouco de peixe frito, ou de empada, por laſtima da eſtreiteza com que vivia, tomava della dous, ou tres bocados, por obedecer, e o mais deixava. Aſſi como niſto, e em perpetuamente jejuar foy verdadeira filha de S. Domingos, tambem o foy em naõ ter nunqua camara pera dormir. Se alguma vez por grave enfermidade lhe mandava a Prelada, que ſe deitaſſe, a cama, que tinha, era huma taboa ſeca, cuberta de huma manta de pano dos montes, do mais aſpero, e deſamoravel, que achava. Eſta era ſua cama d'eſtado, que lhe ſervia nas grandes, e urgentes neceſſidades. Todo o reſto do anno paſſava as noites inteiras no Coro. Quando a apertava o ſono, ſentavaſe em hum banco, e arrimando a cabeça na parede, ſatisfazia a neceſſidade natural, mas por breve eſpaço. Porque por huma parte o eſtamago vazio, e frio da demaſiada abſtinencia, tolhia a ſuavidade do repouſo, e por outra o goſto, que tinha de ſempre ſe quebrantar, lho fazia abreviar. As vinte quatro horas do dia natural repartia deſta maneira. De Completas até Matinas gaſtava em Oraçaõ, hora vocal, hora mental; e huma, e outra ſempre com muitas lagrimas. Nella lhe fazia o Senhor grandes mimos, arrebatandoa em profundas extaſis, com que ficava alhea de todo o movimento natural; de ſorte que tendo os olhos abertos, naõ via, nem peſtanejava, nem dava fé de nada; nem baſtava chegaremlhe velas aceſas, como algumas vezes ſe fez pera experiencia. Rezadas Matinas com a Communidade, tornava á ſua Oraçaõ; e ajudandoa com aſperas diſciplinas, ſempre

a eſtendia até Prima: Entaõ aſſiſtia no Coro a todas as Horas, e á Miſſa Conventual, e até ſe fazer final no Refeitorio. Acabada a meſa, entretinhaſe hum pouco com as amigas, e logo ſe occupava em cozer, e lavrar pera a Communidade até Veſperas. De Veſperas até Completa ficava em Oraçaõ. Eſta vida, como era formal, e continua, lhe tinha desbaratado a ſaude de ſorte, que padecia graviſſimas doenças; e até as feiçoens do roſto, que em moça tinha boas, e acompanhadas de alvura, e gentileza, ſe lhe trocaraõ, mirrandoſe toda, e ficando com a tez creſtada, e denegrida; como ſe eſcreve de S. Jeronymo, quando eſtava no ermo.

No tempo, que ſe fez a paſſagem pera o Moſteiro novo, eſtava Soror Iſabel enferma de muitos dias, e reduzida a tamanha fraqueza, que com a trazerem em huma cadeira, quando chegou a Portaria, vinha mais morta, que viva; e em eſtado, que as Religioſas, por receararem acabarlhe nas mãos, naõ ſe atreveraõ ſubilla aquella noite ao Dormitorio, e na meſma Portaria a deitaraõ em huma caminha. Continuando o mal, e julgandoſe, que morria: Eisque amanhece, naõ ſó melhorada, e ſem febre; mas rija, e valente, e em fim de todo ſãa. Foy o caſo taõ extraordinario, que as Religioſas faziaõ juizo, que reſuſcitara, naõ ſarara. E perguntada ao modo do Evangelho, como eſtava ſãa, e robuſta quem no dia atraz eſtava meyo morta! Reſpondeo ſingellamente, que naõ ſabia mais, ſenaõ que aquella noite vira ſentarſelhe á cabeceira da cama hum homem acompanhado de duas Freiras, com ſeus veos cubertos, que na primeira viſta julgara ſer o Medico, e Porteiras, as que o acompanhavaõ; E depois conhecera claramente ſer Frade, e da noſſa Ordem, e taõ veneravel de peſſoa, e compoſiçaõ, que nunqua vira outra ſemelhante, e que com ſua deſpedida ſentira deſpedirſelhe juntamente todo o mal, e logo cobrara alento, e forças, polo que dava a Deos mil graças. E apoz iſto ſe levantou, e depois foy ao Dormitorio, e comeo, do que avia, com ſabor; e tornou a continuar ſeus exercicios, como quando mais perfeita ſaude gozava. Dezejavaõ as Religioſas ter por Prelada, quem tinhaõ por Santa, e viaõ do Ceo taõ favorecida. Faziaõlhe inſtancia com rogos, e importunaçoens, que lhes déſſe palavras de conſentir em ſua eleyçaõ. Mas naõ goſta de Prelacias da terra, quem dos caminhos do Ceo tem tomado o ſabor. Sempre ſe eſcuſou com palavras de humildade: Porem com firme reſoluçaõ de fugir á honra de mandar. E ſe deſiſtiraõ da determinaçaõ de a elegerem, foy ſó pola naõ deſconſolarem.

Naõ era a vida de Soror Iſabel de qualidade, que ſe pudeſſe eſperar della na grande fraqueza, que hoje tem a natureza humana, ſer de muita dura, juntandoſe eſtar já bem entrada na idade. Levantouſe hum Domingo de ſua eſtancia coſtumada do Coro, ardendo em febre, deu conta á Prelada; e com tudo inda aſſiſtio ás Horas, e Miſſa do dia. Quando ſe recolheo, já

Matth.

já ouve miſter ajuda pera chegar ao leyto. Veyo o Medico; e inda que ninguem conhece melhor o mal, que quem o paſſa, depois de o informar, pediolhe affectuoſamente a deſenganaſſe; porque ſentia grande mal, e naõ receava o deſengano. Bem entendeo o Medico, que em ſogeito taõ debelitado, qualquer febre era de temer. Vendo eſta com extremos de furioſa, diſſelhe, como ſiſudo, que bom era eſtar aparelhada pera o que Deos foſſe ſervido, inda que naõ avia rezaõ de deſconfiar. Deuſe a doente por morta, confeſſouſe, e commungou á ſegunda feira, ſem ſe deitar em cama. E porque a febre creſcia, aceitou hum colchaõ ſobre a ſua taboa, que nunqua outro tal favor tinha experimentado, e eſta foy a primeira diſpenſaçaõ de toda a vida. Tornouſe a reconciliar á terça, e recebeo o Santiſſimo Sacramento por Viatico, e logo pedio a Unçaõ. Nella eſteve tanto em ſy, que rezou os ſete Pſalmos com o Convento, reſpondendo a tudo o neceſſario com promptidaõ de ſãa. Logo pedio a bençaõ á Prioreza com muita humildade, e perdaõ a todas as Religioſas. Mas foy de ver, e cauſou confuſaõ o auto, que fez de deſapropriamento (como he coſtume da Ordem) do que poſſuia. Porque ſenaõ eraõ os Habitos, que tinha veſtidos, e huns pequenos retalhos de pano, que lhe ſerviaõ pera dobar o fiado da Communidade, nenhuma outra couſa avia em ſeu poder. Acabados eſtes autos de Chriſtãa, e Religioſa, pedio, que lhe naõ deſſem mais pena com remedios da terra, nem com a obrigarem a comer; entregouſe toda a Deos, gaſtou com elle, e em ſuas coſtumadas devaçoens até o dia da quinta feira, e toda a noite ſeguinte. Quando amanheceo á ſexta tornouſe a deſpedir das Madres, e tomar de novo a bençaõ á Prioreza, e poſtos os olhos em hum Crucifixo rendeo o Eſpirito. Ordinario he na gente, que dorme veſtdia, e ſem cama, como naõ dá lugar a exhalar o corpo baſtantemente, lançar de ſy, e do veſtido hum halito forte, e deſagradavel ao olfato. Mas quiz Deos moſtrar neſta Madre, que lhe foraõ aceitas ſuas penitencias. Porque na hora, em que mais ſe avia de ſentir, e deſagradar mais o cheiro, que dizemos, que era na morte, começando algumas Madres a compor o corpo pera o darem á terra, foy couſa eſtranha, e naõ eſperada, a grande ſuavidade de cheiro, que lançavaõ de ſy aquelles Habitos remendados, e mortalha. Teſtemunho foy de toda a Communidade junta, ſem aver Freira, que o naõ ſentiſſe, e ſe eſpantaſſe, e confeſſaſſe, que vencia em fragrancia as melhores compoſiçoens de perfumes, que ſe faziaõ na terra. Mas inda o Senhor quiz honrar mais ſua ſerva; e dar mais claros ſinaes da gloria, que ſua Alma poſſuia. Succedeo abrirſe a ſua cova alguns annos depois: E no meſmo que ſe bulio na terra, que lhe cobria os oſſos, começou a render por todo o Moſteiro hum deleitoſo perfume, que alegrava, e conſolava os ſentidos, e era taõ vivo, que paſſou á Igreja, e fez crer a muita gente, que nella a tal hora ſe achou, que ſe queimava dentro

tro muito Beijoim de Boninas.

CAPITULO XVIII.

Das Madres Soror Magdalena da Cruz, Soror Brittes de Chriſto, Soror Maria de S. Joaõ, e de tres Irmãas Converſas.

A Madre Soror Magdalena da Cruz.

MUito louvado he o ſilencio, e obediencia da Madre Soror Magdalena da Cruz. Porque era eſcrupuloſiſſima em ſoltar huma palavra fora dos tempos, em que avia licença pera fallar: E em obedecer ás Preladas naõ eſperava mais que hum aceno, e hum ſonharlhes (digamolo aſſi) a vontade, pera cortar por ſy em tudo, e trabalhar no que era mandada, ſem ſe aproveitar de eſcuſa, nem rezaõ nenhuma, por juſta, e legitima, que a tiveſſe. Aſſi veyo a morrer no cargo de Rodeira, ſendo de grande idade, na qual toda via nunqua deixou de ſeguir as Communidades, ſem embargo dos officios, que fazia. Mas ſobre tudo ficou celebrada polo affecto, com que orava. Affirmaſe, que naquelle eſpaço, que ſe dava á Oraçaõ, tanto ſe alheava de tudo o da terra, que nem conhecia quem ſe chegava a ella, nem ouvia, ſe lhe fallavaõ: E pera acudir, era neceſſario tirarlhe pola roupa, ou polo braço.

A Madre Soror Brittes de Chriſto.

Da Madre Soror Brittes de Chriſto ſe conta, caſo importante pera noſſa doutrina, era conhecida por huma Alma puriſſima. E entrando em artigo de morte com perfeito juizo; depois de ungida, começou a fallar com grande promptidaõ couſas mal entendidas; mas de huma, que ſe colheo, ficaraõ entendendo as Religioſas, que eſtava em diſputa, e ſe lhe pedia conta. Porque diſſe de huma vez: Iſſo foy com licença. Encheraõſe todas de medo, naõ ſó do juizo, mas de verem na repoſta, que ſe fazia de couſas muito miudas. Paſſado hum eſpaço, virouſe pera as Madres muito alegre, e diſſe: Vem a Virgem: E fazendo força, que já naõ tinha pera ſe pôr de joelhos, começou a dizer, banhandoſe em lagrimas. O Senhora, e onde eſtaveis? Que me queria tragar. E ſem mais dizer, repouſou no Senhor.

A Madre Soror Maria de S. Joaõ.

Quaſi noventa annos contava de vida a Madre Soror Maria de S. Joaõ, ſem nunqua ſe deitar em cama: E deitouſe no cabo delles pera ſer ungida huma Sexta feira de Endoenças, e taõ robuſto eſtava aquelle ſogeito, que durou ainda nove dias até o Sabbado depois da Paſchoa. E porque nos naõ eſpante vida taõ larga em quem naõ tinha cama, he de ſaber, que acreſcentava a eſte rigor andar quaſi ſempre deſcalça, e naõ comer nunqua mais, que huma ſó vez no dia. Daqui fica bem entendido, qual ſeria nas outras partes da Religiaõ. Tal era em todas, que polo grande conceito, que os Prelados mayores tinhaõ della, foy muitos annos Meſtra de Noviças, e muitas vezes Prioreza. Contaſe della, que ſendo Prelada, naõ admitio nunqua na meſa melhor porçaõ, nem differença do que ſe dava na Communidade. E ſe alguma couſa de comer lhe mandavaõ de fora, hia ſem detença pera as doentes; e ſendo de qualidade, que naõ ſerviſſe pera ellas,

ellas, logo o repartia entre as ſãas. E o meſmo fazia, quando era ſubdita: Mas com eſta differença, que entaõ levava tudo, o que lhe vinha, á Prelada, e obrigavaa com rogos á repartiçaõ. Quando eſtava ſem cargo, ſeguia com tanto rigor as regras de humildade, que nenhum officio, por baixo, e deſpreſado que foſſe, refuſava, antes o ſervia com goſto, e com diligencia: E coſtumava a dizer, que pera huma verdadeira Religioſa, nenhum officio da Religiaõ era baixo. Na ultima hora vendo, que acabava, e que era em Sabbado, pedio que lhe cantaſſem humas Antifonas de noſſa Senhora. Differaõlhe apoz ellas a Oraçaõ: *Concede nos famulos tuos, &c.* Eſtava taõ deſaſſombrada em paſſo taõ temeroſo, e tanto em ſy com taõ longa idade, que advertio rezaſſem a Oraçaõ das Completas do Officio piqueno; dizendo, que era mais conveniente pera aquella hora, que he: *Concede Miſericors Deus, &c.* E na Muſica ſanta deſta Oraçaõ acabou.

Sahemnos neſte lugar tres Irmãas Converſas, Irmãas noſſas por Religiaõ, e entre ſy por naſcimento: E verdadeiramente Irmãas na virtude, e boas qualidades. A primeira, e mais velha, que chamavaõ Soror Margarida de S. Miguel, era hum extremo de caridade, taõ compaſſiva das doentes, e principalmente das que padeciaõ dores, que naõ parecia menos, ſenaõ, que todas as alheyas eraõ ſuas, e que podia dizer com S. Paulo: *Quis tribulatur, & ego non uror?* Aſſi as ſentia, aſſi as chorava, aſſi lhes procurava conſolaçaõ, e remedio. E o ſer tal, foy cauſa de que fez o officio de Enfermeira mais de trinta annos. Ficou em memoria, que eſmaltava eſta caridade com hum dom, que mais parecia do Ceo, que natural. Fallando de Deos, ou com Deos, acudiaõlhe palavras de huma brandura, e devaçaõ maravilhoſa, que como fogo abraſavaõ os coraçoens. E o que mais he, que naõ ſabendo totalmente ler, allegava ſentenças da Eſcritura, e dos Santos, bem pronunciadas, e a propoſito do que tratava. A quem tinha conhecimento de ſua vida, naõ fazia iſto admiraçaõ. Porque ſuas penitencias eraõ extraordinarias, a Oraçaõ perpetua, e de toda a hora, arrebatada ſempre em amores do Ceo, e do Senhor delle. Suſpirava de contino do intimo das entranhas, e algumas vezes como arrebentando dizia: *Quando veniam, & apparebo ante faciem Dei?* E ſe lhe perguntavaõ, que couſa a obrigava a tal efficacia, dobrava os gemidos, e reſpondia: *Deſiderium habens diſſolvi, & eſſe cum Chriſto.* E acreſcentava: E com a minha fiadora. Entendia a Sagrada Virgem Mãy, em cuja maõ tinha como depoſitado o remedio de ſua ſalvaçaõ. Com eſte acertado, e cortezaõ termo, quando adoeceo da doença, que a levou, fezlhe feſta, como outrem pudera fazer á ſaude. Mas vendo, que naõ acabava taõ depreſſa, como dezejava, affligiaſe comſigo, e dizia: *Quis me liberabit de corpore mortis hujus?* Foy o mal creſcendo, começou a padecer tormentos de ſede ardente. O meyo, que tinha pera os paſſar, era lembrarſe do Poço de Sichem, e conſiderar a ſuaviſſima prati-

A Madre Soror Margarida de S. Miguel.

Pſal. 41.

Ad Philip. 23.

Ad Rom. 7.

Joan. 4.

pratica, que o bom Jeſus teve com a Samaritana: pedirlhe daquella agoa, que tinha virtude de matar a ſede pera ſempre: E ſobre o ponto dizia agudezas, e conceitos cheyos de brandura, e Amor Divino. Tolhiaõlhe os Medicos a agoa, porque caminhava pera hidropica; e com a falta della deu em extremo faſtio. Rogavaõlhe as amigas, que comeſſe: E ella reſpondia; *Non in ſolo pane vivit homo.* E diſſeo taõ de verdade, que em nove dias inteiros, antes de acabar, naõ paſſou bocado de nenhuma couſa. Neſtes foy o Senhor ſervido darlhe hum Purgatorio de incomportaveis dores. Choravaõ as amigas de laſtima do que lhe viaõ padecer: E ella conhecendo, que eraõ correos da morte, que ſobre tudo dezejava, davalhes mil graças, e chegava a dizer ſutileſas, e certificallas, e cantallas com goſto no meſmo tempo, que mais lhe rohiaõ as entranhas. Eſtranhas contrariedades, que ſó ſe achaõ nos Santos. Diziaõ os verſos: Tantos ſaõ os bens, que eſpero, que nas penas me deleito. Quando quiz eſpirar, que acudiraõ todas as Religioſas ao ſom das taboas, que ſoaraõ, vendoas entrar, dizialhes com alegria: Venhais embora meus Coros de Virgens Santas; muito ſe recrea minha Alma em voſſa viſta. Senhoras Madres, peçovos, que me perdoeis naõ vos ter ſervido como era obrigada. Apoz iſto punha os olhos em huma Senhora da Piedade, que tinha defronte; e tornava dizendo: Vedes, minhas Senhoras, e meus Anjos, eſta Rainha do Ceo taõ choroſa? pois ſabey, que eſtá agraciada pera mim, ella he minha fiadora. Logo lhe começou a rezar humas Antifonas pronunciadas com hum ſentimento d'Alma de grande devaçaõ. E chegando ás palavras, *Surge, propera amica mea, & veni*, foyſe em paz como chamada traz ellas. Era na Oitava d'Aſſumpçaõ da Senhora. Ao amortalhar achouſelhe huma cadea de ferro cingida.

A Madre Soror Iſabel de S. Joaõ.

Chamavaſe a ſegunda Irmãa, Soror Iſabel de S. Joaõ, que pera dizermos tudo, o que della ſe póde dizer, em huma palavra, pareciaſe em tudo, o que era virtude, com Soror Margarida. E tinha de mais ſer taõ amoroſa pera todas as Religioſas, que todas lhe chamavaõ Mãy. E como ſe fora de cada huma, aſſi foy ſentida ſua morte. Contaſe por exemplo de ſua caridade, que foy Enfermeira ſete annos continuos; que tantos eſteve como entrevada com trabalhoſas doenças: e aſſi a curava, e ſofria, e animava, como podera fazer a huma filha. E taõ longe de ſentir pena com tal carga, que quando faleceo, a chorou, e pranteou como a verdadeira filha.

A Madre Soror Anna da Conceiçaõ.

Com a meſma opiniaõ de ſantidade morreo, e viveo Soror Anna da Conceiçaõ, que era a terceira Irmãa. Com trazer ſempre ás coſtas o maior peſo da Caſa, e do ſerviço della, era ſua Oraçaõ perpetua, e ſuas penitencias muitas, e aſperas: E pera que louvemos a Deos, viveo longos annos, ſem deixar nunqua de trabalhar. Contaõ, as que a alcançaraõ, que tinha particular graça em fallar de Deos.

CAPITULO XIX.

Das Madres Soror Filippa de S. Joaõ, Soror Franciſca dos Anjos, Soror Filippa do Eſpirito Santo, e Soror Aldonça de Jeſus, com algumas particularidades da Caſa.

A Madre Soror Filippa de S. Joaõ.

A Madre Soror Filippa de S. Joaõ teve alto gráo de merecimento na Religiaõ. Porque dezejando deſda primeira idade de ſervir a Deos nella, padeceo graviſſimos contraſtes do mundo. Naõ ficou em lembrança a qualidade delles, nem de quem lhos cauſava: Mas ſoubeſe, que a puras Oraçoens, e lagrimas venceo todos: E chegou a receber o Habito. Depois de recebido, entaõ deſcobrio o Demonio, que de ſuas traças, e das officinas infernaes ſahiraõ os impedimentos, que teve no Habito; armandolhe outros muitos, pera que naõ chegaſſe a hora bemaventurada da profiſſaõ. E ſabia bem, o que fazia. Porque, tanto que Soror Filippa ſe vio quieta no eſtado ſanto, que pertendera, tal vida fez, que andando ſãa, e bem, ſoube, e publicou anno, mez, e hora, em que avia de morrer; e apontou, que avia de ſer em dia de feſta de Corpus. E naõ ſe enganou em nada.

A Madre Soror Franciſca dos Anjos.

Era Irmãa deſta Religioſa a Madre Soror Franciſca dos Anjos; e a ella em tudo ſemelhante, ſalvo, que ſendo a meſma nos exercicios ſantos, era ſempre enferma: E todavia naõ podia acabar comſigo afroxar nelles. E porque em nada ficaſſe differente da Irmãa, tambem deſcobrio ás ſuas amigas o dia, e hora, em que avia de falecer. E foy tanto ao certo, que chegandoſe o termo, que tinha dito, mandou tanger as taboas, naõ ſó com ſoſſego, e ſegurança, mas com conhecido alvoroço: Deſpedioſe das Madres, pedio hum Crucifixo, e rezando o Credo muito devagar, quando o acabou com Amen Jeſus, acabou tambem a vida.

A Madre Soror Filippa do Eſpirito Santo.

Sobre muitas virtudes, em que a Madre Soror Filippa do Eſpirito Santo foy aſſinada, teve particular dom de governo. Tinha com todas grande brandura, e affabilidade, com igual zelo da Religiaõ. Aſſi ſabia caſtigar os defeitos com tal medida, e prudencia, que as caſtigadas lhe reconheciaõ obrigaçaõ, ſem ella faltar em nada do que devia á ſua. Mas ſabido he, que muitas vezes naõ baſta iſto pera contentar ás Communidades, onde os goſtos, e os entendimentos ſaõ muy varios, ſe ſenaõ acha da parte dellas animos deſintereſſados, e geral amor da Religiaõ. Donde ficamos collegindo, que avia neſta Caſa muito de huma couſa, e outra. Pois he certo, que todas, quantas vezes pode ſer eleyta em Prioreza, nunca deixou de ſer buſcada uniformemente com todos os votos. E governou a Caſa em diverſos tempos vinte annos inteiros. Os ultimos ſete da vida cahio em huma terrivel infirmidade, que a teve cercada de dores, e miſerias, a que noſſa humanidade he ſogeita: Mas no meyo dellas reſplandeceo em paciencia, devaçaõ, e Oraçaõ, que a todas edificava. E eraõ tantas ſuas lagrimas todas as vezes que ſe confeſſava, ou via o Santiſſimo Sa-

Sacramento, que era juizo commum, que tinha dom dellas.

Com outra Prioreza daremos fim ao que podemos averiguar das Religioſas deſta Caſa. E naõ fazemos Hiſtoria de mais; ſendo muitas as que nella ouve inſignes em grandes virtudes: Porque nos determinamos em naõ tratar mais, que daquellas, em que achamos alguma particularidade extraordinaria, fazendo conta, como em outra parte diſſemos, que ſe ouveramos de eſcrever de todas, as que neſte Moſteiro, e nos mais deſte Reyno mereceraõ nome de verdadeiras filhas de S. Domingos, na perfeita guarda de ſuas obrigaçoens; nem tempo tiveramos, nem papel. Eſta Madre, cujo nome era Aldonça de Jeſus, era, e foy dotada de huma ſingular humildade, que lhe reluzia em tudo quanto dizia, e fazia. E como ſuas palavras, e obras repreſentavaõ o que tinha no coraçaõ, da meſma maneira ficava ſendo o ſeu aſpecto hum retrato de brandura, e ſingeleza. Até nos Habitos, que veſtia, dava ſinal de animo deſabafado de toda a preſunçaõ. Porque eraõ taõ ordinarios, e ſem curioſidade, como da mais humilde ſubdita da Caſa. He grande irmãa da humildade a ſanta pobreza. Eſta eſtimava, e amava ſobre maneira; e por ella era grande amiga dos pobres, e compaſſiva das doentes, e das que qualquer outra tribulaçaõ padeciaõ. Entendendo em huma vagante de Prioreza, que a queriaõ nomear de novo, fez grande força por eſtorvar a eleyçaõ. E quando vio, que naõ baſtava, fez outra muito maior, pera naõ ſer confirmada. Mas o Provincial teve mais reſpeito ao que ſabia de ſuas partes, que ao ſanto termo, com que refuſava a vãagloria de mandar: E fazendo eſcrupulo de condeſcender com ſeus requerimentos, que eraõ muy efficaces, naõ ſómente a confirmou, mas obrigou com preceito declarado na Patente, que lhe mandou. Aceitou em fim, mas com tantas lagrimas, e ſentimento, que ás que chegavaõ a darlhe os parabens, reſpondia com firmeza, que eſperava nas Chagas do Bom Jeſu (era devotiſſima dellas) que já que naõ podera livrarſe de entrar no cargo, ellas a livrariaõ de o acabar. E naõ ſe enganou. Porque faltandolhe hum anno pera cumprimento dos ſeus tres, adoeceo, e veyo a falecer em Veſpera do Naſcimento do Bom Jeſus, de quem tinha o nome, quando acabava o anno de 1597. notandoſe hum novo, e deſacoſtumado ſentimento em todas, as que ficavaõ vivas, e igual alvoroço, e alegria na que morria. A rezaõ, que ella, e ellas tinhaõ, inda que era publica, e ſabida por muitas vias, quiz o Senhor deſcubrir por outra de aventajada gloria pera ſua ſerva. Foy neceſſario tres annos depois abrirſe a ſua cova. Tanto que as enxadas começaraõ a levantar a terra, começou ella a evaporar de ſy huma fragrancia extraordinaria, como das mais cheiroſas flores dos jardins Reaes. He o ſitio, onde a ſepultura eſtava, baixo, e humido; e pola meſma rezaõ coſtumava a terra delle lançar de ſy hum bafio deſagradavel ao olfato. Porem eſta tomada nas mãos conſolava, e deleitava com ſuavidade.

A Madre Soror Aldonça de Jeſus.

1597.

Acudiraõ as Religioſas, mandouſe aos coveiros, que foſſem com cuidado, e reſpeito, até chegar ao corpo; ſenaõ quando apparece maior maravilha. Deſcobremſe o Habitos ſaons, e logo o veſtido claro, e de melhores cores, que quando era doente, e viva. O fato todo, e o veo, e até o calçado eſtava inteiro, e ſaõ, e ſem final de podridaõ. Só o toucado ſe achou gaſtado, e a cabeça calva: Mas naõ ſe averiguava, ſe fora effeito da terra a perda do cabello depois de enterrada, ou força dos annos em vida, como acontece a muita gente. Davaõ as Religioſas louvores a Deos, por lhes moſtrar couſa taõ nova. Chegaraõſe ſem medo, porque alem das feiçoens do roſto eſtarem como de molher adormecida, mais que morta, meneavaõſelhe as mãos, e braços, e deixavaõſe mover, e dobrar como ſe viva eſtivera. Acreſcentava o eſpanto, verem, que era molher groſſa, e corpulenta, que por rezaõ natural ſe ouvera de corromper em poucos dias: E naõ podiaõ deixar de julgar o caſo por milagroſo, viſta a opiniaõ de muitos, e muy graves homens em letras, e virtude, que em ſeus eſcritos em qualquer peſſoa, que aconteça, o daõ por manifeſto argumento de Santidade; viſto ſer couſa, que excede os limites da natureza. Aſſi o prova o M. Fr. Bernardo de Guido Inquiſidor, na morte do Santo Inquiſidor Frey Bernardo de Caucio: E o M. Fr. Fernando de Caſtilho nas vidas de Frey Beltraõ de Garriga, companheiro de noſſo Padre S. Domingos, e de Santa Ines de Monte Pulſiano, e de Frey Roberto Napolitano; e o Arcebiſpo Dom Frey Aguſtinho de Avila, e Padilha na Hiſtoria da Provincia de Mexico da Ordem de S. Domingos, eſcrevendo a Vida de Frey Gonſalo Luzero da meſma Ordem.

D. Fr. Aguſtin. Cron. de la Orden l. 1. c. 87.

M. Fr. Bern. in l. de Tribus Grad. Præl. Or. Prædicat. Caſtilho p. 1. l. 1. c. 27. & p. 2. l. 1. c. 33. & l. 2. c. 65.

Guardey pera eſte lugar duas merces, que elRey Dom Joaõ III., e Dona Catharina fizeraõ a eſte Moſteiro: Aſſi por ſerem de grande honra, e authoridade pera elle; como por ſerem perpetuas, e eſtar hoje em pé o uſo, e utilidade dellas. Foy a d'elRey hum privilegio, polo qual as Priorezas ſem mais authoridade de juſtiça podem mandar executar, e penhorar ſeus rendeiros, e cazeiros. Que he hum genero de juriſdiçaõ tal, que naõ ſey outra Communidade neſte Reyno, que a tenha. A da Rainha he de mais intereſſe, e naõ menos credito. Fazia teſtamento, lembrouſe do muyto amor, que lhe tivera, quiz confirmallo com huma fermoſa memoria de ſua devaçaõ, fezlhe doaçaõ de trezentos mil reis de juro perpetuo, e ſem condiçaõ de retro, e juntou a ella huma obrigaçaõ, que fica em grande favor da Nobreza deſte Reyno, que como toda ſe empregava em ſervir á Coroa, e em geral poſſue poucas rendas; e pola meſma cauſa a mór parte das filhas dos homens nobres vem a povoar os Moſteiros, ordenou a Rainha, que neſte ouveſſe continuos dez lugares pera outras tantas Donzellas, cujos pays ſe tiveſſem ſinalado no ſerviço dos Reys, e Reyno, molheres nobres, legitimas, e limpas. Eſtas taes ſe recebem ſem nenhum genero de dote; ſalvo o aparato coſtuma-

ſtumado de ſuas entradas. E porque quaſi em todos os Moſteiros, por abaſtados que ſejaõ, he ordinario padecerem muito as Religioſas, que em particular naõ tem algum ſoccorro de renda, manda a Rainha, que a cada huma deſtas dez, ſe lhe contem na maõ em cada hum anno oito mil reis, pera os poderem diſpender comſigo livremente. Eſtes lugares eſtaõ de ordinario occupados, provendoſe os que vagaõ por exame riguroſo do Capellaõ mór d'el-Rey, que faz ſuas conſultas a Sua Mageſtade das peſſoas, que pera elles ſe offerecem, mais benemeritas; que ſempre ſaõ muitas; naõ faltando ſemelhantes gaſalhados em outros Moſteiros do Reyno. Obra taõ bem naſcida da piedade, e bom juizo deſta meſma Senhora. He ponto da doaçaõ do Moſteiro, que em caſo, que alguma das dez venha a herdar depois de provida no lugar algumã fazenda naõ eſperada, qualquer que ſeja, pertença toda ao Moſteiro. E he em favor das dez outro ponto muito eſſencial, pera que nunqua poſſa faltar ſuſtentaçao comoda, recebendoſe numero de Freiras demaſiado, eſtá prohibido aver no Moſteiro mais de trinta Freiras ſobre as dez: E avendo de ſer admitida alguma extranumeraria, naõ póde ſer ſem tanto dote, que polo menos valha de renda perpetua pera o Moſteiro quarenta mil reis em cada hum anno.

CAPITULO XX.

Fundaçaõ da Vigairaria de Noſſa Senhora da Eſperança da Villa das Alcacevas.

HE ultima das Caſas, que o Provincial Frey Jeronymo de Padilha recebeo á Ordem, a Vigairaria, que chamamos da Serra das Alcacevas. As Alcacevas he huma boa Villa a ſinco legoas d'Evora, de que ſaõ Senhores os do appellido illuſtre de Henriques, deſcendentes de hum dos filhos do Conde de Gigion, que ſendo netos d'elRey Dom Henrique II. de Caſtella, e d'elRey Dom Fernando de Portugal, deraõ a eſte Reyno grandes, e honradas caſas: Eſta com o nome de Henriques; as mais com o de Noronhas, tomado do lugar de Noruenha em Aſturias, de que o Conde fora Senhor. A Serra he hum monte, que junto da Villa ſe levanta em tanta altura, que lhe quadra bem o nome de Serra. Porque deſcobre muitas legoas de terra, e muitas Villas, e Lugares. Sobre a coroa della avia huma caſa de tal fabrica muito antiga, e tal, que ſe julgava por obra em ſeus principios de Romanos, ou pera Templo de algum de ſeus Idolos, ou pera aſſiſtencia, e defeſa de atalayas em tempo de guerras. Daõ final do que dizemos, a capacidade grande da caſa, e huma demaſiada groſſura de paredes, fortalecida ſuperfluamente de grandes eſtribos de botarios. Ajuda eſta conjectura, acharemſe inda hoje na vizinhança della moedas Romanas de cobre. E conſtanos, que em tempos

pos atraz ſe achavaõ outras de prata, e ouro. Do tempo, em que ſe conſagrou a Chriſto, naõ ha noticia. Devia ſer huma vez em tempo dos Godos. E entretanto que os Mouros foraõ lançados deſta Comarca, que foy a ultima, que neſte Reyno poſſuiraõ, até o Reynado d'elRey Dom Affonſo II., que os conquiſtou com ajuda de humas Armadas de Eſtrangeiros no anno de 1217. que vinhaõ das terras do Norte, e paſſavaõ á guerra da Terra Santa. Tomoulhes eſte Rey a Villa d'Alcacere do Sal, em que eſtavaõ fortificados diſtante das Alcacevas ſinco legoas. Pozeraõ nella os primeiros, que da ſegunda vez a purificaraõ, huma Imagem da Virgem Rainha dos Ceos, com titulo da Eſperança, titulo acertadamente aplicado ao que repreſenta. Porque affirmaõ todos, os que a viſitaõ, que enleva os coraçoens com a Mageſtade, e com a graça, e bom ar, provoca a huma Eſpiritual alegria, e confiança. Daqui vem, que he viſitada de grande concurſo de Romeiros de todo o Alentejo, e Campo de Ourique, que lhe fazem muitas eſmollas. E os Pontifices antigos querendo favorecer a devoçaõ, de que tiveraõ noticia, concederaõ particulares indulgencias aos que a viſitaſſem polas feſtas da Conceiçaõ, Naſcimento, Purificaçaõ, e Aſſumpçaõ da Senhora. Eſtes foraõ Calixto III., e Xiſto IV. E depois delles, vindo a eſte Reyno por Nuncio Apoſtolico Marco Vigerio de la Rovere, Biſpo de Senogalha, concedeo outras indulgencias, a quem viſitaſſe a Caſa por Paſchoa da Reſurreiçaõ. Era Senhor da Villa D. Fernando Henriques, e pola meſma rezaõ ficava ſendo a Ermida de ſeu Padroado. Pareceolhe, que adiantaria em authoridade a Romagem, e a Senhora ficaria mais venerada, ſe a acompanhaſſem ſeus antigos, e continuos Capellaens os Frades de S. Domingos. Reſolveoſe em lha dar, polo que entendia, que reſultaria tambem á ſua Villa de proveito Eſpiritual. Offereceua ao Meſtre Frey Jeronymo no primeiro anno, que começou a ſervir o cargo de Provincial, que foy no de 1541. E deſte lhe corre ſua antiguidade. Porque no meſmo a aceitou a Provincia, com licença, e conſentimento do Cardeal Infante Dom Henrique, que já entaõ era Arcebiſpo d'Evora, em cuja Diocеſe cahe. Foy o Provincial peſſoalmente tomar poſſe da Caſa em nome da Ordem, acompanhado de alguns Frades da Ordem. Acharaõſe preſentes o Senhor da Villa Dom Fernando, e ſeu filho herdeiro Dom Henrique Henriques, e authorizaraõ com ſegunda dadiva a primeira. Deraõ pera principio do Moſteiro ſetenta rezes, entre boys, vacas, e novilhos; e cento e ſincoenta e duas cabeças de gado miudo, e trezentos Cruzados em dinheiro.

Duarte Nunes de Liaõ na vida d'el-Rey D. Affonſo. II.

CA-

CAPITULO XXI.

Origem, e antiguidade do Moſteiro de Freiras de Santa Catharina de Sena d'Evora, antes de ſer recebido na Ordem de S. Domingos, e no titulo de Santa Catharina.

SEgue as Alcacevas em ancianidade da Ordem a Caſa de Santa Catharina de Sena d'Evora; inda que em ſua primeira origem he muito mais antiga. Ouve neſta Cidade humas devotas molheres da geraçaõ dos Eſtaços, que nella foy em tempos atraz nobre, e conhecida; que determinandoſe em ſervir a Deos, retiradas do trato, e vaidades do mundo, tomaraõ caſa juntas polos annos do Senhor de 1400. E ficou em memoria, que a primeira, em que viveraõ, era de huma Senhora, que chamavaõ Dona Guiomar da Sylveira, a qual eſcolheraõ convidadas da comodidade de hum bom Oratorio, que nellas avia, e que entaõ ſe achava em muy poucas da Cidade. Neſte ſitio foraõ procedendo com tanto concerto de vida em virtude, e clauſura, que ſe fizeraõ eſtimar do povo, e eraõ conhecidas polo Recolhimento das Eſtaças, dandoſelhe o nome da familia, de que tinhaõ o ſangue. Outros lhe chamavaõ as Beatas de Santa Martha, por ſer tal a invocaçaõ do Oratorio. Andando o tempo, foyſelhe chegando gente: E como creſceraõ em numero, creſceo tambem o dezejo de perfeiçaõ. Ficaraõ em lembrança os nomes de ſeis, que com animo verdadeiramente Religioſo vieraõ a renunciar por eſcritura publica todos os bens, e rendas, que poſſuiaõ; que foy hum genero de votar pobreza, fazendo perpetua doaçaõ áquella Communidade de tudo o que de preſente tinhaõ, e ao diante lhes podia por qualquer via pertencer. Chamaraõ a iſto teſtamento. E foy feito aos ſinco dias de Março do anno de 1485. 1485.
Logo ſeguio a renunciaçaõ de fazenda outra mais difficultoſa, que foy das vontades, ſogeitandoſe todas de commum parecer ao governo de huma ſó. Chamavaõſe as ſeis, Maria da Fonſeca, Iſabel Godinha, Leonor da Fonſeca, Ines Martins, Leonor de Pina, Iſabel Affonſo. E foy Maria da Fonſeca a que ficou com o cargo das peſſoas, e fazenda de todas, e como Prelada. E pera que tudo foſſe novo, eſcolheraõ tambem novo titulo pera a companhia. Começaraõ a chamarlhe Ajuntamento das Pobres, á Prelada a mór Pobre. Era o apoſento, em que viviaõ, vizinho ao Convento de S. Domingos. A elle acudiaõ nas feſtas ſolemnes, e ás Prégaçoens. E ou foſſe, que as obrigaſſe o trato de materias Eſpirituaes, em que ſe valiaõ dos Frades; ou devaçaõ, que foraõ tomando á Glorioſa Santa Catharina de Sena, polas maravilhas, que de ſuas virtudes ouviaõ delles, vieraõ ajuntar ao bom termo de vida, com que procediaõ, o Habito, e Profiſſaõ da Terceira Regra da Penitencia de S. Domingos: E de commum conſentimento ſe entregaraõ á Ordem polos annos de 1490. E 1490.
inda que naõ conſta do tempo preciſo, eſcrituras ha do anno de 1492. que já daõ nome de 1492.
Prioreza á Prelada, e fazem

men-

mençaõ de algumas das ſeis atraz referidas. Saõ as palavras do Tabaliaõ as ſeguintes. Dentro no Oratorio, e Caſa de Santa Martha, eſtando preſentes Maria da Fonſeca Prioreza da dita Caſa, e Iſabel Godinha, Joanna Diz, Mor Diz, Dona Violante, e Iſabel Affonſo, Freiras Profeſſas, eſtantes, e viventes na dita Caſa.

Acabou ſeus dias a Prioreza Maria da Fonſeca, tendo ſervido eſta Communidade de Santa Martha muitos annos; parte antes de veſtirem o Habito de Terceiras, e parte depois. Succedeolhe no cargo, e foy ſegunda Prioreza a Madre Filippa Pereyra, que governou a Caſa muitos annos, conſervandoa na meſma opiniaõ de virtude, que ſua anteceſſora. O que ſe deixa entender de algumas eſcrituras de peſſoas devotas, que lhes deixavaõ fazenda, e as mais daõ por rezaõ da eſmolla, a boa vida, virtudes, e honeſtidade da Prioreza, e Freiras. Outras declaraõ tambem, que por ſerem pobres, e particularizaõ, alem da pobreza, naõ terem Miſſa ordinaria, nem certa. No que ſe ha de entender, que podendo ſer tanta a eſtreiteza de fazenda, que naõ tiveſſem com que ſuſtentar Capellaõ perpetuo. Tambem era coſtume daquelles tempos, onde avia Freiras Terceiras, inda que viveſſem juntas, e em Communidade, como eſtas, acudirem todas aos noſſos Moſteiros nas feſtas, e dias ſolemnes. Tinhaõ ſeu lugar ſeparado nas Igrejas defronte do pulpito; hiaõ demandalo ordenadas em Prociſſaõ.

Polo que temos contado, fica entendido, que em tudo quizeraõ eſtas Madres conformarſe com as do Paraiſo, vizinhas ſuas da meſma Cidade, até chegarem a profeſſar na Terceira Regra. Agora veremos, quaõ bem ſouberaõ buſcar o rigor da Primeira, mantello, e perſeverar nelle. Era a Prelada molher de valor. Eſtava freſco o exemplo, com que Joanna Correa introduzira a Obſervancia no ſeu Moſteiro do Paraiſo diante dos ſeus olhos, avia por afronta da muita Religiaõ, em que viviaõ as Madres de Santa Martha, eſtarem com nome, e eſtado de Terceiras, quando na realidade de coſtumes, e auſteridades naõ diffiriaõ em nada das que tinhaõ nome de Primeiras na Regra. Aſſi buſcou meyos, e fez diligencia, com que alcançou de Roma as licenças neceſſarias; e apoz ellas a do Provincial (naõ podemos averiguar ao certo deſta, nem das outras) e eſta ultima veyo acompanhada de huma Patente, pera a Prioreza do Paraiſo mandar tres Religioſas, que foſſem reduzir a Caſa ao eſtilo da Obſervancia. Foraõ eſtas as Madres Soror Violante d'Aſſumpçaõ, logo inſtituida, e confirmada em Prioreza, Soror Antonia de Santo Thomás, e Soror Joanna de Chriſto. Moſtraraõ as Terceiras no fervor, e devaçaõ, com que abraçaraõ o novo rigor, o goſto, e cuidado, que tinhaõ poſto polo alcançar. Porque em pouco tempo de Diſcipulas ſe fizeraõ Meſtras: E adiantaraõ tanto em todos os particulares, que fazem a Religiaõ fermoſa, que as Fundadoras ouveraõ por deſneceſſaria ſua aſſiſtencia entre ellas, e pediraõ aos Prelados licença, pera ſe tornarem pera o ſeu Convento.

vento. Foyſe Soror Violante antes de cumpridos quatro annos de ſeu cargo, deixando já muitas filhas de Habito, e Profiſſaõ. Acompanhoua Soror Antonia, e o meſmo quizera fazer Soror Joanna. Mas naõ pode ſer; porque a pediraõ a Religioſas por Prelada. E ficou no officio obrigada de preceito de Santa Obediencia, que ſe affirma lhe cuſtou muitas lagrimas, e muita deſconſolaçaõ.

CAPITULO XXII.

Mudaõ eſtas Religioſas Caſa, e nome de Santa Martha em Caſa, e nome de Santa Catharina de Sena.

COmeçou Soror Joanna de Chriſto ſua Prelacia com lagrimas, pronoſtico certo de boas venturas, e de adminiſtraçaõ inteira, e ſanta. Que naõ era outro o alvoroço, com que os Santos antigos aceitavaõ mandar; e por iſſo ſahiaõ taõ acertados ſeus governos. A primeira couſa, em que occupou ſeu entendimento, de materias temporaes (porque as Eſpirituaes corriaõ com grande concerto, e naõ avia que melhorar nellas) foy buſcar ſitio pera nova Caſa. Era tal o de Santa Martha, que ſobre ſer eſtreito, naõ tinha em ſy commodidade pera ſe alargar. E convinha fazer recolhimento, naõ ſó pera muitas molheres nobres, que requeriaõ o Habito; mas tambem pera as que já o tinhaõ; que todas eſtavaõ mal agaſalhadas: E como he primeiro cuidado de bom Governador, acudir ao bem publico, affligiaſe de ver, que ſendo aſſi, que quem ſe condena a encerramento perpetuo, parece rezaõ ter dentro nelle tal commodidade, e largueza, que haja onde reſpirar, e ſeja ſepultura de vivos. Que em fim naõ ſaõ outra couſa os Moſteiros. Santa Martha neſtes tempos com a gente, que tinha recebida de novo, eſtava quaſi ſepultura de mortos. Andando com eſta affliçaõ, foy aviſada, que o Conde do Vimioſo Dom Franciſco de Portugal tinha hum ſitio na Cidade com huma Ermida da invocaçaõ de Santa Catharina de Sena, em que avia campo pera ſe poder edificar hum bom Moſteiro: E que o Conde tendo primeiro tençaõ de fabricar nelle, eſtava de novo ſuſpenſo, e indeterminado. Vindo o Provincial a Evora, communicoulhe a Prioreza o que temos referido. E elle ſem tardar foyſe ao Conde, propozlhe a neceſſidade das Freiras, e o bem que eſtaria a ellas, e a elle paſſarſe pera alli a Caſa de S. Martha. A elle, porque ſe dezejava Moſteiro de Freiras, e da Ordem de S. Domingos, como ſe dizia, achava tudo feito, pois o que tocava á pedra, e cal, era o menos. A ellas, porque em toda a Cidade naõ ſentiaõ outro lugar mais a propoſito. Tambem dizem, que uſaraõ as Freiras de hum meyo da ſimplicidade, e boa fé do tempo antigo, que foy, fazerem huma petiçaõ em nome da Communidade, aſſinaremſe todas, poremna em maõ de huma Imagem de Noſſa Senhora, fazendoa com o Conde procuradora de ſua caſa. Qualquer que foſſe o meyo, o Conde, que era todo bondade, e boa ſombra, naõ ſó concedeo alegremente o ſitio, mas indo logo

a Santa Martha, ſe offereceo á Prioreza pera ajudar a obra a todo ſeu poder; como fez, em quanto viveo, ſem pedir mais que a Capella mór pera ſy, e ſeus deſcendentes, com obrigaçaõ de parte das Religioſas de hum Pater noſter, e Ave Maria dito em Communidade cada dia depois de Prima, com ſua Oraçaõ de defuntos, em voz que ſe podeſſe ouvir de hum Coro a outro. Iſto paſſou entaõ. Mas polo tempo em diante vendoſe as Freiras com Convento feito, deraõ o Padroado á Condeſſa Dona Joanna de Vilhena, e ao Conde Dom Affonſo ſeu filho com dous lugares perpetuos nelle pera Freiras, ſem mais dote, que a quarta parte do ordinario.

Começou logo a Prioreza a entender na fabrica com grande, e extraordinaria diligencia. E pera que ficaſſe com toda a capacidade, e boa traça poſſivel, comprou huma grande caſaria vizinha, que lhe cuſtou mil Cruzados. Ajudava o Conde com grande vontade, e boas eſmollas. Acudiaõ peſſoas devotas com outras. Aſſi ſe poz a obra em termos, que quando foy por vinte quatro de Abril de 1547. dia em que cahio a Dominga de Paſtor Bonus, deixaraõ as Religioſas Caſa, e nome de S. Catharina de Sena, com hum extremo de goſto, e conſolaçaõ do bom Conde, que com toda a Cidade as acompanhou. Foraõ vinte e tres, a fora a Prioreza, as que vieraõ de Santa Martha, das quaes muitas eraõ mininas, e as mais dellas muito nobres. Mas porque avia inda algumas officinas imperfeitas, aplicaraõſe todas a darlhes remate com tanta vontade, que ficou em memoria, que quando á noite os officiaes deſapegavaõ do trabalho, ſe juntavaõ as Freiras moças, e velhas, e por ſuas mãos acarretavaõ os materiaes de pedra, e tijollo, cal, e area de lugares diſtantes, e os punhaõ com feſta, e a quem mais podia, ao pé da obra; pera que no dia ſeguinte correſſe com mais preſſa, achando os Meſtres tudo á maõ. Em fim deuſe remate a tudo, o que faltata por fazer, na entrada d'Agoſto do meſmo anno. E quando foy Veſpera de N. Senhora d'Aſſumpçaõ, ſem nenhum receyo dos que conſidera a Fiſica na vivenda de caſas acabadas de freſco, entraraõ em Prociſſaõ a povoar o novo Dormitorio.

1547.

Deſte dia em diante como a Caſa ficou quieta, e livre da occupaçaõ de pedra, e cal, e pedreiros, entrou com novo fervor o edificio Eſpiritual. Começaraõ as Almas entregarſe de todo a Deos. E como de antes no carreto dos materiaes imitavaõ a diligencia de ſolicitas abelhas pera fabricarem ſuas moradas: Aſſi agora faziaõ o meſmo. Mas pera melhor fim, que era pera grangearem, e frutificar o mel, e ſuavidade dos bens da Religiaõ; creſcendo em todas com a mudança do ſitio, e titulo hum novo dezejo de retratarem em ſi a ſantidade, e virtudes da nova Padroeira Santa Catharina. E muitas o fizeraõ com grande pontualidade, como logo veremos. Aſſiſtia como meſtra, que era, e Fundadora a Prioreza, alegrandoſe do que via ſer obra em grande parte de ſuas mãos, e trabalho; e fazendo com ſeu exemplo, que

naõ

naõ afroxaſſe por nenhuma parte a Obſervancia. Tal era o ſeu cuidado na Oraçaõ, na penitencia, nas mortificaçoens, e taõ prudente ſeu governo em tudo o mais, que governou a Caſa vinte annos: E pareceme, que nenhum louvor, nem melhor teſtemunho podemos dar de ſua virtude, e partes. Porque a experiencia nos moſtra, que ha muitas peſſoas, que em ſeu governo particular procedem bem, e com grande ſatisfaçaõ: Mas eſtas meſmas chegando a ter cargo de huma Communidade, ou ſe perdem, ou perdem o tino do que convem pera boa adminiſtraçaõ de ſubditos, polo grande valor, que he neceſſario pera levar condiçoens varias, e vencer os contraſtes, e difficuldades, que cada paſſo, e em cada materia das Communidades ſe offerecem. Mandoua deſcançar o Geral Juſtiniano, que po-
1566. los annos de 1566. viſitou eſta Provincia: E todavia inda os Prelados a occuparaõ de novo na inſtituiçaõ de hum Moſteiro, que pouco depois ſe fundou em Azeitaõ, que chamaraõ Bom Paſtor: e deixandoo ordenado, ſe tornou pera Santa Catharina, onde acabou em boa velhice. Deveſe a eſta Madre, o que della temos dito por memoria da fortaleza, com que ſuſtentou o rigor, e auſteridades da Regra: E veyo fundar em Santa Martha, e depois paſſou a Santa Catharina, com que deu occaſiaõ a huma fama, que neſta Caſa ficou, e dura inda hoje, de que todas as Madres, que com ella vieraõ, foraõ Santas. Grande louvor da Caſa, grande louvor, e honra, de quem tal criaçaõ ſoube fazer.

Algumas couſas ſe contaõ dos principios deſte Moſteiro; que tambem he rezaõ acompanhem quem o principiou, e fundou. Porque ſaõ raras, e bem de notar. Começou quaſi com a Caſa, e durou muitos annos depois, ajudar a rezar o Officio Divino de parte do Coro direito huma voz em falſete, expreſſiva, muito eſpevitada, e clara, e hum ſom taõ retinido, que naõ avia duvida em ſer voz de fóra, clara, e manifeſta. Notavaſe, que no verſo Gloria Patri, ſoava, e levantava mais. E cauſando primeiro pavor, veyo a ſer taõ familiar pera as Religioſas, que ſe algumas vezes faltava, como aconteceo faltar, ſe deſconſolavaõ muito. Perguntouſe a bons Letrados, que poderia ſer. O grande Inquiſidor Frey Manoel da Veiga, e depois o Meſtre Frey Joaõ de Portugal, agora meritiſſimo Biſpo de Viſeu, ambos aſſentaraõ, que ſeria Anjo. Porque a ſer Alma de alguma Religioſa do Purgatorio, como diziaõ outros Letrados, naõ fizera interpolaçoens, como ſe via, faltando alguns dias, e tornando. Grande gloria deſta Communidade, que deſceſſem Anjos do Ceo, e a vieſſem ajudar aos louvores Divinos.

Naõ tem menos de admiraçaõ por outra via o caſo, que agora diremos. Avia no Clauſtro hum grande peſſegueiro, que dava muita, e fermoſa fruta, que a Prioreza eſtimava, pera fazer preſentes á Condeſſa ſua Padroeira, e ás Senhoras devotas, que faziaõ bem á Caſa. Como eſtava em lugar aberto, e a fruta ſe fazia cobiçar por muita, e bella, e deleitoſa á

viſta, uſou das armas da Religiaõ, declarando, que mandava naõ tomaſſe ninguem, nem tocaſſe nella. Porque queria, que a Condeſſa tiveſſe o goſto de a vir colher por ſua maõ, como foſſe tempo; mas naõ faltou em Caſa quem ſe deixaſſe vencer da tentaçaõ de querer parte no vedado: E foy com tanto exceſſo, que ficou manifeſto o furto. E a Prioreza ſentida mais da deſobediencia das ſubditas, que da falta do fruto, levantou a voz contra a arvore, e diſſe, que por obediencia lhe mandava, que naõ deſſe mais fruto. Foy caſo eſpantoſo, e de grande confuſaõ pera deſobedientes. Eſtava o peſſegueiro verde, viçoſo, e copado, deſdaquelle ponto o deſemparou a graça, e freſcura natural, perdeo folha, e fruto: E em fim ſecou, ſogeitandoſe a inſenſivel, e innocente pranta á voz da obediencia, que naõ guardaraõ as que por profiſſaõ lhe eſtavaõ obrigadas.

Mais admira que tudo, e he ponto de grande louvor deſte Moſteiro, que deſpejandoſe todos os da Cidade na temeroſa peſte do anno de 1569. ſuſtentou conſtantemente ſua clauſura, ſem delle ſahir, nem huma ſó peſſoa, temendo com religioſo Eſpirito a contagiaõ do mundo, mais que nem a da peſte. Aſſi foy o Senhor ſervido, que ſendo ferida della a Madre Dona Catharina de Caſtro Prioreza, e andando pola meſma rezaõ todas inficionadas, em nenhuma fez damno.

CAPITULO XXIII.

De algumas Religioſas, que neſte Moſteiro ſe adiantaraõ em fama, e obras de grande Eſpirito.

DEvemos primeiro lugar em cortezia, inda que outras precederaõ por antiguidade, ás Religioſas do ſangue do Padroeiro, e Fundador; tres filhas dos Condes Dom Affonſo de Portugal, e D. Joanna de Guſmaõ achamos, que tomaraõ neſta Caſa o Santo Habito, e procederaõ com tanto Eſpirito, que naõ foraõ de menos honra nelle ſuas obras, que ſuas peſſoas. Soror Joanna de Jeſu, que foy a mais velha, tendo muito de todas as mais virtudes, que fazem fermoſa a Religiaõ, em duas ſe eſmerou, que fazem fermoſiſſima a Nobreza, que foraõ Humildade, e Caridade. Aſſi ſe empregava, e deleitava nos officios mais vis, e baixos da Caſa, como ſe fora a mais abatida, e infima peſſoa della; ou como ſe ſó pera elles naſcera. Aſſi ſervia as Freiras velhas, como ſe em cada huma vira a Condeſſa ſua mãy. Aſſi aſſiſtia com as enfermas, conſolandoas, amimandoas, ſervindoas, como podera fazer a qualquer de ſuas Irmãas filhas dos Condes ſeus pays. Aõ que ajuntava acudirlhes com tudo, o que tinha de ſeu, com huma liberalidade, e largueza taõ deſenganada, que avia por dita, e lhe acontecia muitas vezes, ficar falta do que avia miſter, porque ás enfermas naõ faltaſſe nada. A meſma condiçaõ tinha com todo o pobre. Diſto ſe pudera

A Madre Soror Joanna de Jeſu.

dera eſcrever. Aconteceolhe acharſe hum dia na roda, e ouvir hum pobre pedir eſmolla: naõ tendo que dar de preſente, e naõ lhe ſofrendo o coraçaõ deixar de dar, e ganhar a bençaõ de dar logo, que he dar duas vezes, lançou maõ á toalha, que trazia na cabeça, deua, e lançando ſobre a cabeça o Eſcapulario, tirou pera a cella aceleradamente, por naõ ſer colhida com o furto da caridade nas mãos. Sendo taõ ſerviçal com todas, eſpantava o mal, que ſe tratava com penitencias. Era muito enferma: E com tudo tal vida fazia, que o inimigo commum naõ podia negar a rayva, e inveja, que lhe tinha. Diſciplinavaſe huma noite, arremeçaſe a ella, arrebatalhe as diſciplinas. Quando foy manhãa, appareceraõ ſobre huma trave, onde ſó tal maõ as podia pôr. Deraõlhe eſtas partes o governo da Caſa, mais que as do ſangue, juntando com ellas hum grande valor, e entendimento, de que era dotada. Fez tal prelacia, que muitos annos depois de morta duraraõ as ſaudades de ſeu governo. Encantava a brandura, e affabilidade, com que ſe fazia amar. Eſpantava a conſtancia, com que fazia que naõ quebraſſe hum piqueno ponto da guarda da Regra. Na reprehençaõ, e no caſtigo ſabia guardar tal meyo, que reprehendendo naõ eſcandaliſava, e caſtigando moſtrava entranhas de mãy. Mas naõ he muito duravel o que merece durar muito. Acabou quando mais neceſſaria era na Caſa. Deulhe huma colica, conheceo, que era mortal, naõ por revelaçaõ, ſenaõ por diſcurſo de bom juizo. Dizia, que ſempre lhe fizera pavor cuidar na morte, e por iſſo julgava, que a tinha á porta, porque ſe achava ſem nenhum medo della. E foy bom final pera ſer crida, que no meſmo dia, em que faleceo, pedio, que lhe cantaſſem a huma Arpa o Pſalmo: *Quam dilecta tabernacula tua Domine, &c.* Iſto he, o que promete o Eſpirito Santo: Recolher com feſta, e cantando, o fruto ſemeado com lagrimas: *Qui ſeminant in lachrymis, in exultatione metent.* Foy ſua morte por Agoſto de 1604. Naõ he rezaõ ficar em ſilencio huma fineſa, que ſe conta deſta Madre. Ardia Evora em peſte no anno de 1579. dez annos depois da que inda hoje chamamos grande, porque foy primeira, e por iſſo mais temeroſa. Dezejou a Condeſſa ſua mãy deſvialla do perigo, conſentio, que a vieſſem buſcar. Veyo á Portaria, fez entrar nas andas ſua Irmãa, que inda naõ tinha o Habito, e mandou aos criados, que a levaſſem, e diſſeſſem a ſua mãy, que ella o dia, que ſe obrigara áquellas paredes pola profiſſaõ, fora pera as naõ largar nunqua, ſenaõ por morte: Sua Irmãa, que eſtava inda livre de ſemelhante obrigaçaõ, poupaſſe a vida, e ſe foſſe embora, que em ſua tençaõ ſó pera ella pedira andas, e companhia; pera ſy nunqua tal cuidara. E aſſi ſe ficou ſó no meyo do fogo, e do trabalho, contente por ter livrado a Irmãa delle. 1579.

A Madre Soror Filippa de Jeſu Maria.

Das outras duas a Madre Soror Filippa de Jeſu Maria, depois de muitos annos deſta Caſa, ſahio della pera hir ajudar a fundar o Moſteiro do Sacramento de Lisboa: E ſendo nelle

le Prioreza, faleceo. Acompanhoua a Madre Soror Iſabel de Jeſu. Diremos de ambas, quando chegarmos com a Hiſtoria a eſta fundaçaõ. Dona Eſtefania naõ chegou a profeſſar, ſenaõ em dezejos, que ſendo vehementiſſimos, e ſempre encontrados das mudanças, e alteraçoens dos tempos, veyo a falecer em idade de dezanove annos, de huma febre maligna, e na morte recebeo o Habito merecido, e em taõ pouca vida com muitas, e muy ſolidas virtudes. Foy bom teſtemunho pera a ultima hora, que vendo, que acabava, começou a cantar a Ave Maria com huma voz taõ esforçada, como ſe eſtiyera ſãa, e antes de a acabar, eſpirou.

D. Eſtefania.

Succeda a eſtas Madres, que por ſegunda Prioreza deſta Caſa, nos merece grande memoria, e reverencia, e ſenaõ tiveramos que dizer della outra couſa, baſtante louvor, e honra era, buſcarſe ſua peſſoa, pera encher o lugar da Fundadora, Soror Joanna de Chriſto. Eſta he a Madre Soror Iſabel da Piedade. Della ſe diz, que no dia de ſua profiſſaõ pedio ao ſuaviſſimo Eſpoſo das Almas Chriſto Jeſu, que em arrhas daquelle ſanto deſpoſorio lhe fizeſſe taõ aſſinalada merce, que lhe deſſe alguma parte de ſentimento das dores de ſua penoſiſſima Paixaõ. Seguioſe o deſpacho tanto á medida do requerimento, que, paſſado pouco tempo, começou a padecer todas as Sextas feiras infalivelmente hum terrivel accidente de febre, e frio: frio de bater os dentes com exceſſivo tormento: febre ardente, que abraſandoa toda, até o roſto lhe accendia em fogo. Durava o mal, até que entrava o Sabbado: logo ficava naõ ſó melhorada, mas taõ ſãa, como ſenaõ ouvera paſſado trabalho. A continuaçaõ do accidente em tal dia, que muitos annos padeceo, veyo a fazer publico o que com cuidado encobria, e que já naõ eſpantava; porque avia nella outras muitas virtudes, que baſtantemente acreditavaõ o favor do Senhor. Por morte da Prioreza Dona Joanna trataraõ as Religioſas de a eleger. Naõ faltou quem lhe deſſe aviſo do que ſe praticava, cuidando por ventura, que lhe dava nova de goſto. Aſſi o ſentio, aſſi o pranteou, como outrem pudera fazer em caſo de grande afronta. Tal era ſua humildade, que de todo cargo de honra ſe tinha por indigna, e pera tudo, o que era mandar, por inſufficiente. Deſde logo fez todas as diligencias, que pode, por naõ chegar a ſer nomeada. Mas naõ baſtando nada, porque foy eleyta com todos os votos, e o Provincial, que a conhecia, confirmou logo a eleyçaõ; chorava Soror Iſabel deſconſoladamente, e pondo os olhos no Ceo, dizia, que mais poderoſo era Deos, que os homens, e nelle eſperava, que acudiria á ſua inſufficiencia, livrandoa de entender com Almas alheas, quando nem a propria ſabia bem governar. Fazem ſom diante de Deos as lagrimas dos juſtos, naõ ſó ſaõ viſtas delle, mas tambem ouvidas, ſegundo eſtá eſcrito polo Propheta Rey: *Auribus percipe lacrimas meas.* Pſ. 38. A poucos mezes depois de exercitar o officio, cahio em cama de huma doença, que repreſentando nos principios grande perigo, ſe foy eſtendendo com varieda-

A Madre Soror Iſabel da Piedade.

riedade de accidentes, que em fim obrigaraõ os Prelados a lhe dar abſolviçaõ, e mandaraõ eleger outra. Entaõ ſe vio, como fora força de Oraçoens da terra, e favor do Ceo a enfermidade. Porque na hora, que teve ſucceſſora, foy melhorando; e em fim convaleſceo, e ſarou de todo. Viveo depois alguns annos com grande conſolaçaõ de ſe ver ſubdita. E vindo a morrer, aconteceolhe o que a Eſcritura aponta da molher Santa: *Et ridebit in die noviſſimo.* Acabará rindo. Eſtava pera eſpirar; cobra novas forças, ſentaſe na cama, levanta as mãos ao Ceo: e abrindo a boca com hum gracioſo riſo, deſpedio a Alma. Cuidaraõ as Religioſas, que fora alguma viſaõ, com que o Senhor a quizera conſolar; mas naõ ouve tempo pera ſe averiguar com ella. Como fora Prioreza, ordenouſelhe enterramento ſolemne Ao entregar da cera, depois de acabado o Officio, foy achado nella notavel creſcimento: Sinal myſterioſo, com que a piedade Chriſtãa ſe perſuade, que o Senhor nos quer moſtrar o bom eſtado dos defuntos, a que acontece.

Sap.

A Madre Soror Catharina de S. Joſeph.

Da Madre Soror Catharina de S. Joſeph, grande amiga, e companheira nas virtudes deſta Madre, ſe affirma, que teve ſemelhante trabalho nas Sextas feiras, e tambem alcançado com Oraçoens. E notavaſe em ambas, que ſendo occupadas em cargos de officinas, na quinta feira compunhaõ nellas tudo, o que convinha, e encomendavaõ ás amigas o cuidado pera a ſexta. Porque em ambas era dia de martyrio. Nos mais dias, porque lhe naõ faltaſſe mortificaçaõ, lançava nas çapatas graõs, e pedrinhas, que com o andar ſe lhe cravavaõ nos pés, e davaõ muita pena: E a boa companheira Soror Iſabel pera o ſer em tudo uſava de outra, que era lançar na agoa, que avia de beber, caſcas de laranja, pera que ſempre foſſe amargoſa.

CAPITULO XXIV.

Das Madres Soror Brittes do Horto, Soror Maria da Reſurreiçaõ, Soror Brittes da Cruz.

A Madre Soror Brittes do Horto.

A Madre Soror Brittes do Horto era natural d'Evora, e huma das que vieraõ de Santa Martha. Como tinha o nome do lugar, em que o Bom Jeſu foy taõ affligido, procurava mortificarſe por todas as vias, e modos, que podia: Já com muitos jejuns de paõ, e agoa: Já com dar a pitança inteira aos pobres, e ficar comendo dos pedaços de paõ, e ſobejos das Religioſas: Já com andar toda cingida de cilicios. Mas naõ ſe ſatisfazendo com iſto a ſede que tinha de padecer por Chriſto, ficavaſe no Coro quaſi ſempre depois de Matinas: E em reverencia do peſado madeiro da Cruz, que o Senhor levou ás coſtas, tomava ſobre ſeus hombros hum peſo, que duas peſſoas levantavaõ com trabalho, e duas amigas lho ajudavaõ a carregar, e com elle paſſeava grande eſpaço. Depois de muito cançada aliviavaſe com ficar em pé diante do Santiſſimo Sacramento, com os braços eſtendidos, como crucificada: E aſſi aturava, até que por desfalecimento, e naõ poder mais, lhe cahiaõ

cahiaõ os braços, e mudava a poſtura. Jejuava a paõ, e agoa quartas, e ſextas feiras. E a agoa, que bebia nos dias de ſexta feira, era envolta com ſumo de caſcas de laranjas, em memoria do fel, e vinagre do Redemptor. E por todo o mais tempo o que de ordinario comia, era miſturado com copia de ſal, e vinagre; pera que de todo perdeſſe o goſto, e ſabor. E mandandolhe a Prelada, que tal naõ fizeſſe, porque lhe prejudicava notavelmente á ſaude, ficou deſtemperando tudo com agoa fria. Sentiaſe Lucifer de ver hum Eſpirito viver em carne com tanto odio, e taõ fora da carne: Vingava nella terrivelmente ſua raiva. Viaõ as Freiras muitas vezes, que a levavaõ arraſtando polo Coro: Ouviraõ o ſom das pancadas, que lhe davaõ, ſem aparecer autor a tal obra. Ficava piſada, e moida, mas igualmente contente; porque naõ ignorava, que todo o poder do Inferno he fraco, ſem licença do Ceo. E reconhecendo por Autor do que padecia, o meſmo Deos, davalhe graças, e adiantava com elle em merecimentos. Fazialhe grande laſtima a dor, que o Bom Jeſu paſſou na Sagrada cabeça, quando lha trancavaõ os eſpinhos agudos da temeroſa grinalda, com que foy coroado por odio, e por eſcarneo. Quiz ſentir alguma parte daquelle tormento, que imaginava, qual foy, exceſſivo, e crueliſſimo: Juntou tojos verdes, que por verdes tinhaõ as puas mais vivas, e mais teſas, fez hum tecido, atochouo na cabeça, lançalhe a toalha por ſima, e aſſi andava em martyrio perpetuo. Huma noite da Sexta pera o Sabbado foyſe engolfando na conſideraçaõ do muito, que affligiria ao Redemptor eſte tormento, chea de magoa, e compaixaõ lança as mãos á cabeça, aperta o toucado; e os eſpinhos com tanta força, que lhe correo o ſangue polo roſto, e peſcoço, e até os braços. E ou foſſe deſmayar com o eſvaecimento da cabeça, e do ſangue, ou que ſe ſeguio arrebatamento á dor, e laſtima, que lhe cauſou a meditaçaõ, ficou deſacordada tanto tempo, que quando as Religioſas entraraõ a rezar Prima, eſtava inda em eſtado, que nada ſentia, e toda banhada em ſangue. Procuraraõ tornalla em ſeu acordo. Entrando em ſy, a primeira palavra, com que acodio, foy dar graças a Deos; porque alcançara delle huma merce, que muito tempo avia requeria, que era acabar a vida com termo taõ abreviado, que naõ foſſe penoſa a ſuas Irmãas, que muito amava. Aſſi o diſſe, e aſſi aconteceo logo ao Domingo ſeguinte, á huma hora depois da meya noite, ficando a cela recendendo em hum muito ſuave, e extraordinario cheiro. He muito digno de ſe ſaber, que uſando eſta Religioſa taõ riguroſas penitencias, e naõ as largando nunqua, chegou a idade de oitenta annos: Pera que acabemos de entender os fracos, e mimoſos, que o máo tratamento corporal, naõ ſó he preſervativo da morte eterna, mas tambem da temporal. Conſtoume por dito de muitas Madres deſte Convento, que foy eſta Religioſa Irmãa de Franciſco Gonſalves Pegas, avó do P. Fr. Domingos Pegas, Religioſo de noſſa Ordem, aſſinado,

e

e morador, quando iſto eſcreviamos, no Convento de S. Domingos d'Evora.

A Madre Soror Maria da Reſurreiçaõ.

A Madre Soror Maria da Reſurreiçaõ foy celebrada em toda a vida por grandes virtudes: Oraçaõ de muitas horas, e muito affervorada, caridade ſem termo pera com todas, rigor ſem piedade pera comſigo. Tomando por todo anno muitas diſciplinas, na Quinta feira d'Endoenças, tanto que no Convento ſe ſentia a Prociſſaõ da Miſericordia, encerravaſe em huma caſa, e em quanto durava o ouvirſe, continuava ella em ſe diſciplinar de ſorte, que ficava a caſa alagada em ſangue. Aconteccolhe em ſete mezes continuos aſſiſtir ſem ſe deitar as noites inteiras diante do Santiſſimo Sacramento. Quinze dias antes de falecer, ſentindoſe indiſpoſta naõ ſe quiz deitar, nem deſcobrir o mal: Mas começou a tratar de ſua Alma com cuidado. Ultimamente mandou pedir á Prioreza a quizeſſe ver; e como a teve preſente, começou a fazer o auto coſtumado na Ordem, de quem morre; que he deſapropriamento do que ſe poſſue. Eſpantandoſe a Prelada do que via em quem, ao parecer, nenhum mal tinha, ella foy procedendo com ſeu auto, pedindo humildemente perdoens, e affirmando por remate, que o naõ fazia ſem cauſa; porque de certo eſtava ás portas da morte. Pareceo á Prioreza genero de malencolia; e pera lha aliviar mandou vir o Medico. Acodiraõlhe outras Religioſas ao meſmo fim, humas com brincos, outras com flores. Aos brincos reſpondeo, que já naõ era tempo, e por iſſo os naõ queria: as flores aceitava como lembrança, das que ſedo eſperava gozar no Ceo. Veyo entretanto o Medico, fez ſuas perguntas, e informaçoens; affirmou que naõ avia couſa, de que fazer caſo, quanto mais cuidar em morte. Com tudo Soror Maria conſtantemente affirmava que morria, e inſtava que lhe acudiſſem com os Sacramentos, que eſtava em ponto de neceſſidade, e por iſſo deſcarregava ſua conſciencia. Mandouſe vir outro Medico pera mais ſatisfaçaõ, juntouſe com o de Caſa: conferiraõ entre ſy, aſſentaraõ, que naõ avia, que temer; mas que a conſolaſſem com o que requeria, que com iſſo poderia ſer aquietaſſe aquella força de imaginaçaõ, que outra couſa naõ parecia o mal, de que os informara. Confeſſouſe, e commungou com affecto de quem ſabia, e fazia conta, que era a derradeira; ſó naõ foy ungida, porque os Medicos diſſeraõ, que em nenhum modo o requeria o eſtado preſente: paſſados dous dias, pedio huma tarde, que lhe puzeſſem ſobre a cama as peças, que tinha preſtes pera ſua mortalha, e foy as compondo por ſua maõ: e quixandoſe todavia de lhe naõ darem credito, e ſe governarem polo dito dos Medicos, Pois eu lhes affirmo, dizia, que ſe haõ de ver depois taõ ſobreſaltadas, que naõ haõ de attinar com o neceſſario. E aſſi aconteceo pontualmente. Porque no meſmo dia anoitecendo, começou a desfalecer, e entrar em verdadeiro, e conhecido artigo de morte. E quando no relogio ſoou a huma hora depois da meya noite, deu ella a Alma a ſeu Redemptor. A todas encheo de

perturbaçaõ o arrebatado cumprimento do que Soror Maria tinha dito. Mas logo ſe viraõ conſoladas, com lhes moſtrar o Senhor em ſuas exequias a meſma maravilha do creſcimento da Madre Soror Iſabel da Piedade: E apos eſta outra igualmente prodigioſa, mas de maior conſolaçaõ. He coſtume da Ordem cantarſe oito dias continuos ſobre a ſepultura do Religioſo, ou Religioſa, que morre, hum Reſponſo por toda a Communidade, quando ſahe ao jantar do Refeitorio. Fazendoſe aſſi com eſta defunta, ſentiaõ as Madres hum cheiro taõ ſuave no eſpaço, que cantavaõ, que a todas admirava, naõ entendendo donde procedia. Algumas com curioſidade foraõ buſcando, e perguntando, ſe avia ao perto perfume, ou outra occaſiaõ de cheiro. Como naõ achavaõ nenhum, chegouſe a Prioreza á cova, levantou por ſua maõ o pano preto, que a cobria. No meſmo ponto recendeo a meſma ſuavidade com tanta viveza, que a todas aſſombrou de novo.

A Madre Soror Brittes da Cruz.

Tambem foy das primeiras Madres, que vieraõ de Santa Martha, Soror Brites da Cruz, cuja morte extraordinaria no ſucceſſo nos dá occaſiaõ de eſcrevermos della. Era conhecida por devota, e penitente, e muy zeloſa da Santa Obſervancia. Aconteceolhe, caſo eſtranho, que eſtando hum dia rezando com os olhos em hum Crucifixo, perdeo ſubitamente a viſta. Imaginou, que ſeria vagado, ou outro genero de vertigem: Encoſtou a cabeça por hum eſpaço, a ver ſe paſſava. Vendo, que todavia durava, e que a cegueira era certa, entendeo, que ſe lhe acabava a vida com a viſta. E ſem receber por iſſo pena nenhuma, começou a dizer: Que vay em que ſe perca a luz dos olhos corporaes, ſe nos d'Alma reſplandece o Sol de minha alegria, com que eſtou vendo por Fé a Celeſtial Jeruſalem, ſeus muros de pedras precioſas, ſeu dia claro, e immortal? Sinal he iſto de melhor vida. Apoz eſtas palavras pedio os Sacramentos. E recebidos todos, ſem outro accidente, nem doença, acabou em paz.

CAPITULO XXV.

Das Madres Soror Maria do Preſepio, Soror Iſabel Bautiſta, Soror Brittes de S. Franciſco, Soror Iſabel do Paraiſo, e Soror Elena do Eſpirito Santo ſua Irmãa.

A Madre Soror Maria do Preſepio.

A Madre Soror Maria do Preſepio entre outros exercicios de grande Religioſa jejuava as Quareſmas todas a paõ, e agoa; e entendiaſe deſta penitencia, que naõ podia deixar de ſer publica, que fazia outras muitas ſecretas. Todo o tempo, que lhe reſtava dos officios da Communidade, empregava em Oraçaõ: E eſta era ſempre com os joelhos nús em terra. Servindo o officio de Sacriſtãa em idade inda robuſta, e com boa ſaude, chamou hum dia ſua Irmãa Soror Iſabel Bautiſta á Sacriſtia, e foy com ella dobrando, e concertando, o que avia, com mais particularidade do coſtumado, e moſtrandolhe miudamente todas as peças, e o lugar, a que cada huma pertencia. Ultimamente tiron a Ambula do Oleo Santo em hum prato,

prato, e juntou com ella todas as couſas, que pertencem pera quando ſe miniſtra o Sacramento da Unçaõ, paõ, e eſtopas, e pera o Sacerdote Amito, Sobrepeliz, e Eſtolla. Eſtava confuſa a Irmãa do que via, e perguntavalhe, que propoſito tinhaõ tantas novidades juntas? E ella reſpondia: Encomendovos muito o concerto deſta officina, quando vos tocar ſervilla; o mais ſabereis, quando for tempo. E ſem mais dizer, recolheoſe pera o leyto quieta, e deſaſſombrada. Mas naõ aconteceo aſſi á Irmãa, que de triſte, e penſativa com o que vira, naõ pode repouſar em toda a noite. E em amanhecendo, ſe foy a Soror Maria ſaber como eſtava. E achoua em termos, que lhe pedio chamaſſe logo de ſua parte a Prioreza pera negocio importante, em que convinha naõ tardar. Acudio a Prelada. Diſſelhe Soror Maria, que eſtava ardendo em febre; e tal febre, que naõ avia que tratar da cura della; ſenaõ ſó d'Alma. Foy ſeguindo logo com o deſapropriamento coſtumado, em que naõ ouve, que entregar (taõ pobre era) mais que os Habitos, que trazia veſtidos, e huma arquinha de taõ pouca importancia, que nunqua della tivera chave. Recebeo no meſmo dia todos os Sacramentos, e na noite ſeguinte paſſou á melhor vida.

A Madre Soror Iſabel Bautiſta.

Quiz a Prioreza, que ficaſſe com o cargo da Sacriſtia ſua Irmãa Soror Iſabel Bautiſta, pois ella de antemaõ lha encomendara; e na verdade foy adivinhar o grande ſerviço, que nella avia de fazer, tanto ao juſto, como adivinhou ſua morte. Foy Soror Iſabel hum retrato de ſua Irmãa nas penitencias; mas teve de mais outras virtudes, que requeriaõ longa hiſtoria, e que de força avemos de abreviar, pera podermos acudir ao muito, que nos reſta deſte trabalho. Todas ficaráõ entendidas por huma, de que faremos particular relaçaõ. Conhecendo, que he alto fundamento de todas as virtudes a ſanta humildade, naõ lhe ficou meyo, que naõ tentaſſe pola ganhar, primeiro deſiſtimandoſe em ſua opiniaõ, e abatendoſe a todos os officios mais vis da Caſa; depois fazendo couſas, que deſſem occaſiaõ, ou de ſe rirem della, ou de a terem em pouco. Pera eſte fim naõ ſe contentava com trazer os Habitos remendados, mas rotos, e cheos de nodoas. E porque o cuidado dos chapins deſvella muito as molheres, humas vezes a reſpeito da ſaude, outras de authoridade, e as mais pera ſuprimento da falta da natureza, determinouſe em os naõ uſar, e trazia humas çapatas de ſolla, como ſe fora huma moça de ſerviço, e das mais humildes da Caſa. Do que tirava materia de riſo, e zombaria em todas, as que viaõ; que era o que mais queria. No meyo deſtes abatimentos era admiravel a diligencia, com que ſe occupava na Sacriſtia. Naõ era ſó diligencia, mas tambem veneraçaõ. Contaſe della, que todas as vezes, que entrava neſta officina, lembrada, que tinha alli os ornamentos, que ſerviaõ a ſeu Deos, lhes fazia cortezia com os joelhos em terra. Conforme a iſto era o concertallos, e perfumallos, e procurar outros de novo. He certo, que com ſer pobriſſima, po-

de tanto ſua induſtria, e o cortar por ſy, junto a muitos annos, que o Senhor lhe eſtendeo a vida, que chegou a fazer hum ornamento rico inteiro, e dous caſtiçaes de prata de Altar, grandes, alem de outras veſtimentas, e couſas de menos importancia. Outras maravilhas ſe contaõ, que todas ceſſaõ, com ſabermos, que andando ſãa, e bem, ſoube, e diſſe o dia, em que avia de morrer, como tinha acontecido a ſua Irmãa: E na hora, que eſpirou, foy taõ grande a fragrancia do cheiro, que daquelles membros frios ſe levantou, que penetrou por todo o Convento com eſpanto da viveza, e novidade delle. Faleceo no anno de 1603.

A Madre Soror Brittes de S. Franciſco.

A Madre Soror Brittes de S. Franciſco era grande imitadora do Santo de ſeu nome, aſſi na humildade, como no Amor de Deos. Moſtrouo em que, ſuccedendo diante della vomitar huma enferma as Eſpecies Sacramentaes, ella ſe offereceo pera as receber, e as levou ſem nenhum genero de aſco. Mas ſe eſte aſco a fez com rezaõ ficar em memoria; o meſmo nos amoeſta referir aqui o que aconteceo ao Conde de Villa Nova D. Manoel de Caſtello Branco, poucos mezes antes de ſua morte. Eſtava enfermo, e com perigo hum criado ſeu, e ainda que avia tido alguns vomitos, dezejava o Conde, que naõ morreſſe ſem o Divino Viatico. Acudio o Parocho, miniſtroulho. Mas a pouco eſpaço entra o enfermo em ancia, e ſignificaçaõ de vomito, e em fim lançou as ſagradas Eſpecies em hum prato. Pedio o Conde ao Cura, as quizeſſe receber. Eſcuſandoſe elle, determinouſe o Conde, e como bom, e devoto, e muito Catholico Chriſtaõ, que era, as recebeo. Se pareceo valor em huma Freira humilde, pobre, e penitente tal ſucceſſo, por muitas razoens fica aventajado, e mais de eſtimar no Conde.

A Madre Soror Iſabel do Paraiſo.

Irmãas foraõ de pay, e mãy as Madres Soror Iſabel do Paraiſo, e Soror Elena do Eſpirito Santo, e naõ menos Irmãas em cumprir com todas as leys da ſanta Obſervancia. Soror Iſabel entrou em tenra idade, e ſem nenhuma noticia do mundo. Aſſi ſe aplicou toda em contentar a Deos na Religiaõ com tanto cuidado de ſua conſciencia, que o Padre Fr. Aleixo de Setuval, peſſoa de grande Eſpirito, que a confeſſou geralmente, pouco antes que faleceſſe, dizia depois della, que nunqua peccara mortalmente. Vivendo em idade florida, com ſaude, e ſem achaques, declarou, que tinha a morte perto, e depois apontou o dia, e ſuccedeo, como o diſſe. Outras couſas ſe contaõ, que ſuccederaõ em ſua morte, e depois della, que deixamos, por ſerem de teſtemunho ſingular, e valer mais que todas o bom teſtemunho de ſua vida.

A Madre Soror Elena do Eſpirito Santo.

Da Madre Soror Elena ſua Irmãa ſe conta, que ſinco annos arreyo pedio a noſſo Senhor, lhe revellaſſe a hora de ſua morte. O que negociava com muita Oraçaõ, e particularmente com a Virgem Mãy de Deos, rezandolhe todos os dias ſeu ſanto Roſario, e a devaçaõ das letras de ſeu nome, e naõ deixando nunqua o ſeu Officio piqueno. Ajuntava a eſta devaçaõ rezar todos os dias ſete vezes os Pſalmos, e quinhentas a Oraçaõ

do

do Pater noſter polas Almas Santas do Purgatorio. Hum anno antes de falecer, adoeceo de huma penoſa infermidade, que julgando por embaixada da morte, recebia a Sagrada Communhaõ muitas vezes com tal affecto, e lagrimas, como ſe de cada huma tivera certo o fim da vida. Indo o anno no cabo tomou huma manhãa papel, e tinta, e com poucas regras ſignificou á Prioreza, que tambem jazia em cama doente, que era chegada a hora, em que avia de hir dar conta a Deos de ſua vida: Por tanto lhe pedia humildemente perdaõ dos defeitos de trinta, e ſinco annos, que tinha de Habito naquella Caſa, que conhecia ſerem muitos; e mais de culpar, por cometidos entre gente taõ Santa, como nella avia. Que o remedio de todos eſperava polo meyo dos Sacramentos Sagrados da Santa Madre Igreja; e por iſſo naõ permitiſſe, que ouveſſe tardança em ſe lhe acudir com elles. Todavia pareceo á Prioreza, que devia proceder mais de vagar. Porque a qualidade, e eſtado da doença naõ permittia fim repentino. Entaõ mandou declarar, que ſua Irmãa Soror Iſabel lhe apparecera aquella manhãa, e a certificara da merce que Deos lhe queria fazer de a livrar da pena da doença, e das prizoens da carne. Confeſſouſe geralmente no meſmo dia, e commungou com abundancia de lagrimas, e logo pedio a Unçaõ. Paſſados eſtes autos, pedio perdaõ a todas as Religioſas com palavras cheyas de humildade, e abraçada com hum Crucifixo dava graças ao Redemptor, pola querer levar deſte mundo. No que moſtrava tanto contentamento, e confiança, que lhe tresbordava polos olhos, e ſembrante, affigurandoſe a todas, que do roſto lhe ſahiaõ rayos, e reſplandores. No meyo deſtes colloquios reveſtioſelhe o roſto em moſtras de ira; e com olhos crimes, diſſe contra os pés do leyto. Naõ te temo Inimigo Infernal, naõ tens parte em mim, vayte maldito aos Infieis, que eu tenho por mim o ſangue precioſiſſimo de meu Senhor Jeſu Chriſto, em cujos merecimentos confio. O Eſpoſo meu he dulciſſimo, fiel, Santo, Poderoſo, naõ me ha de dezemparar. Deſapareceo o inimigo, ao que ſe pode entender, porque quietou. E tornando a apertar comſigo o Crucifixo: Meu Bom Jeſu, dizia, que póde temer quem vos tem a vós? *In te Domine ſperavi, non confundar in æternum. Tu es Spes mea à juventute mea.* Suſpendeoſe entaõ toda, e fez geito de quem eſcutava, e levantando os olhos pera as Religioſas: Madres minhas, diſſe, eſtejaõ attentas, ouviráõ vozes excellentes, Muſica, qual nunqua ouviraõ. Tal conta tinha dado de ſy Soror Elena por toda a vida, que tudo ſe lhe cria, e outras miſericordias maiores, que naquelle paſſo uſou o Senhor com ella. Mas porque ella ſó via, e ouvia, ella era a que referia, eſcuſamos eſcrevellas: Porque tambem neſta parte fique parecida com ſua Irmãa. Faleceo no anno de 1604.

CA-

CAPITULO XXVI.

Das Madres Soror Iſabel d'Aſſumpçaõ, Soror Iſabel de Nazareth, Soror Maria de Santo Antonio, Soror Filippa da Madre de Deos, Soror Guiomar de Pina, e Soror Joanna do Anjo.

A Madre Soror Iſabel da Aſſumpçaõ.

DEpois de longos noventa annos de vida acabou a Madre Soror Iſabel d'Aſſumpçaõ com huma innocencia de minina. Porque entrando no Recolhimento de Santa Martha em idade, que naõ ſabia fallar, nunqua ſoube, nem procurou outra vida: E depois que com as ſuas Irmãas Terceiras ſeguio a Regra da Obſervancia, foy unica em todas as partes della. Aſſi mereceo alcançar do Senhor taõ grande miſericordia, como foy ſaber ao juſto o dia, e hora, em que avia de partir da vida. Eſtando ſãa, e bem, declarou a ſuas amigas, que avia de ſer naquelle anno em Veſpera da Natividade de N. Senhora, e á hora da huma pera as duas da tarde. Chegado o dia, que humas naõ criaõ, e outras eſperavaõ com medo, achoua preſtes, e chea de alvoroço com os Sacramentos recebidos. Que como a longa idade pera ſe ſoltar, quebra poucas cadeas, foylhe dado credito, quando diſſe, que os avia miſter. O dia gaſtou em Oraçaõ, que ſempre fora ſeu paõ quotidiano. Mas quando chegou a hora, como quem a ſahia a receber, começou a entoar o Hymno, *Ave Maris Stella, &c.* E repetindo muitas vezes o verſo, *Monſtra te eſſe Matrem: Sumat per te preces, qui pro nobis natus, tulit eſſe tuus*, ſubitamente ſe lhe encheo o roſto de hum novo vigor, e de huma cor juvenil, e fermoſa: e cobrando forças, que já naõ tinha, fez com a cabeça huma grande inclinaçaõ contra a porta. E logo ſentandoſe pedio, que lhe trouxeſſem hum cravo de que fora grande Meſtra; e ainda que as mãos tremiaõ, e a voz era rouca, foy entoando a Magnificat, e ajuntando palavras de agradecimento á Senhora pola merce de a viſitar em tal paſſo. Aſſi como as Madres conheceraõ claramente eſte favor da Virgem polos effeitos, que fazia na boa velha; porque outra couſa naõ viaõ; foraõ tambem entendendo, que acompanhava á Rainha dos Anjos N. P. S. Domingos. Porque acabada a Magnificat, começou o Reſponſo, *O ſpem miram, &c.* com o roſto riſonho, e nelle tanta devaçaõ, e affecto, que claramente moſtrava fallar com quem tinha preſente. E por remate acreſcentava: Meu Pay Santo lembrevos eſta promeſſa, pois ſou voſſa filha. Fez depois geito de quem via alguma couſa ao longe. E ficando hum pouco ſuſpenſa, perguntaraõlhe humas Religioſas, que o cauſava? Declarou ſingellamente, que lhe dava cuidado hum comprido caminho, que tinha por paſſar. Porem, que no cabo delle lhe moſtravaõ duas tochas de grande claridade hum povo de Virgens, e Santos, que eſperavaõ por ella. Paſſado hum eſpaço, perguntou, ſe repicavaõ já os ſinos da Sé? Reſponderaõlhe, que como perguntava por ſinos em tempo de interdito? He de ſaber, que avia dous mezes, que

a Cidade eſtava interdita: Mas parece, que tinha ſabido, que com o fim do interdito ſe lhe aviaõ de abrir as portas do Ceo, e cerrar as da vida. E por iſſo fizera a pergunta. Porque antes de darem as duas, começou a Sé, e logo toda a Cidade a feſtejar com repiques o levantamento do interdito. Seguio Soror Iſabel os repiques, que eſperava, dizendo devotamente: *Regina cœli miſere mei.* E eſpirou.

A Madre Soror Iſabel de Nazaret.

Eraõ Irmãas as Madres Soror Iſabel de Nazareth, e Soror Maria de Santo Antonio, que antes do Habito ſe chamava de Vaſconcellos. Dizem, que por ordem da Rainha Dona Catharina ſe recolheraõ, ſendo mininas, na Caſa de Santa Martha, e dahi vieraõ com as Fundadoras pera Santa Catharina. Foraõ verdadeiramente Irmãas em grandes penitencias, e em viverem com ellas longos annos. Porque acabemos de entender, que o mimo he o que corrompe os humores, e encurta a vida; naõ o trabalho. Soror Iſabel paſſava as Quareſmas, e Adventos com taõ eſtreitos jejuns, que naõ comia mais, que humas hervas cozidas ſem tempero, e hum pedaço de paõ rallo: E o que mais eſpanta, que creſcendo em grandes annos, nunqua acabou comſigo mingoar no rigor. Andando ſãa chamou huma ſobrinha ſua, mandoulhe pôr em ordem o neceſſario pera huma mortalha; porque a averia miſter depreſſa: E ſuccedeo como o diſſe. Mas taõ deſaſſombradamente, que no dia, em que acabou, fez lembrança á ſobrinha, que acudiſſe a fazer comer ſua Irmãa Soror Maria, que eſtava entrevada. Couſas ſe contaõ grandes de ſeu tranſito; mas diremos ſó as que vio a Communidade toda. Acabando de eſpirar, tornou aquelle roſto enverrugado, ſeco, e ſem cor, ao reſplandor, e freſcura da primeira idade, de ſorte que parecia de huma minina. Faleceo no anno de 1601. 1601.

A meſma pureza d'Alma, e o meſmo amor de penitencia ſe conta, que teve ſua Irmãa a Madre Maria de Santo Antonio. Muitos annos de idade, e tratamento riguroſo continuado deraõ com ella em huma cama, onde eſteve nove annos entrevada; mas com raro exemplo de paciencia, ſuſpirando ſempre pola hora da morte, e recebendo por penitencia o trabalho de tal vida. Neſte eſtado naõ largou nunqua huma devaçaõ de muitos annos, que era rezar todos os dias mil vezes a devaçaõ, e Oraçaõ do Pater noſter polas Almas do Purgatorio. Sobre tolhida de membros veyo a perder a viſta, pera acreſcentar merecimentos na vida: que foy taõ eſtendida, que veyo a falecer no anno de 1608. Affirmaſe, que na ultima hora a conſolou o Santo de ſeu nome, a quem com muito trabalho fizera em vida, e ornara huma Capella na Igreja. 1608.

A Madre Soror Maria de S. Antonio.

A Madre Soror Filippa da Madre de Deos.

Da Madre Soror Filippa da Madre de Deos ſe contaõ grandes penitencias. Jejuava a paõ, e agoa todas as Quartas feiras, e Sextas feiras do anno, e as Veſperas da communhaõ, e todas as de Noſſa Senhora. A ſua Oraçaõ era ficar no Coro de Matinas até pola manhãa. As ſuas diſciplinas eraõ quaſi ſempre de ſangue: E a cura mais cruel, que as feridas; porque as cobria com ſal, e vinagre. Sendo muito entrada

trada na idade deulhe a Cantor a os verſos do Officio Divino com pouca advertencia. Diſſeos ella com muita. Mas porque lhe pareceo deſordem, diſſe com toda a manſidaõ, que onde avia moças, bem ſe eſcuſava aquelle officio nos ſeus annos. Parece, que permittio Deos o deſcuido da Cantora, pera provar a paciencia de Soror Filippa em mais que penitencias eſpontaneas: Que como procedem de eleyçaõ propria, por aſperas que ſejaõ, ſaõ melhores de levar, que as muy faciles, exteriores, e de maõ alhea. Chegou o dito á Prioreza, pareceo pouco ſofrido: andava a Religiaõ em alto ponto, carregoulhe a maõ com tanta ſeveridade, que mandou, que tres mezes continuos diſſeſſe os verſos de hum, e outro Coro. Cumprio Soror Filippa a penitencia com tanta humildade, e boa ſombra, que depois eſtando a Communidade junta pedio perdaõ á Prioreza, e mais Religioſas da culpa, que todas conheciaõ naõ ter.

A Madre Soror Guiomar de Pina.

Algumas couſas ficaraõ em memoria da Madre Soror Guiomar de Pina, que hoje com muita rezaõ eſpantaõ. Dizem, que nunqua comeo, nem bebeo fora do Refeitorio; ſalvo por occaſiaõ de doença. Prova de grande abſtinencia, polo pouco que entaõ ſe dava no Refeitorio, do que ella inda partia com os pobres. Na Oraçaõ era taõ continua, que tinha no Coro perpetua morada: E neſte ponto ſe conta huma couſa prodigioſa, que naõ fiaramos deſte papel, ſe nos naõ vencera numero de teſtemunhas, e todas dignas de fé. Dizem, que na parede, onde coſtumava encoſtarſe, eſtando ſempre em pé diante do Santiſſimo Sacramento, ficou impreſſo ſeu vulto, e durou nella muitos annos depois. Mas inda tem mais eſtranheza o que agora diremos. Adoeceo, creſceo o mal, recebeo os Sacramentos, faleceo. Paſſaraõ muitas horas, vieraõ Religioſas pera o Officio da ſepultura. Ao tempo, que o queriaõ começar, fez o corpo amortalhado tal movimento, que com medo de todos deu final de vida. Chamouſe o Medico. Affirmou, que morta a deixara; porem que eſtava viva. O caſo foy, que convaleſceo, e cobrou inteira ſaude. E eſteve muitos dias ſem comer, nem beber. E depois viveo muitos annos. Perguntada por tudo, dizia, quanto a viver ſem comida, que lhe naõ faltava, com que ſe ſuſtentar; e quanto a morrer, e tornar a vida, era materia pera ſeu Confeſſor. O que ſó podia dizer, era, que em breve eſpaço vira tantas couſas, que ſe admirava, como naõ morria de paſmo. Aſſi nunqua mais rio, nem chorou, nem fallou com gente de fora do Moſteiro. E como em lembrança do que por ella paſſara, ficaraõlhe em huma maõ dous dedos na repreſentaçaõ mortos, palida, e ſem cor a carne, negras as unhas. E ſendo dantes em todos ſeus coſtumes muito Religioſa, no reſto da vida ſe aventajou a ſy meſma em grande maneira.

A Madre Soror Joanna do Anjo.

A Madre Soror Joanna do Anjo foy filha de D. Manoel da Sylveira, e de D. Iſabel de Lima. Sonhou huma noite, que via a Chriſto poſto na Cruz; e vendoo, perguntavalhe, ſe a avia de ſalvar? E elle reſpondia, que ſim; mas que avia de ſer

por

por meyo de muita penitencia, e paciencia. Ratificouſe ella duas vezes na meſma pergunta, e o Senhor tambem na repoſta. Tanto que acordou, tomou o ſonho taõ de veras, que deſde aquella hora ſe entregou a todo o genero de padecer, diſciplinas continuas, muitos jejuns de paõ, e agoa, e hum cilicio de ferro cingido, e fechado com hum cadeado, e a chave lançada num poço, como ſe eſcreve de S. Frey Gil. Vivendo aſſi alguns annos em perpetuo tormento, cahio em fortes doenças, que com força de dores lhe tolheraõ pés, e mãos, com os dedos torcidos, e nervos encolhidos: e em fim a chegaraõ ao fim da vida. Ao tempo que hia acabando, ſem as dores lhe darem hum momento de tregoas: antes apertando tanto, que a pobre enferma gritava laſtimoſamente, que ſe lhe partia o coraçaõ; quiz Deos moſtrar áquella Communidade, que com vivas lagrimas de compaixaõ a acompanhava, que tudo, o que na terra ſe padece, vem de ſua bendita maõ, com hum caſo aſſaz extraordinario. Eſtava na meſma caſa hum retabolo grande, em que ſe via pintada de boa maõ huma Imagem do Bom Jeſu coroada de eſpinhos: eisque voltandoſe huma Madre pera onde eſtava, devia ſer, pedindo miſericordia pera a padecente, nota, que ſahia della hum eſtranho reſplandor, cuja luz deſcobria o roſto ſanto aljofrado de gotas groſſas de ſuor, que creſcendo corriaõ abaixo, e logo hiaõ naſcendo outras, e fazendo o meſmo. Chama polas companheiras, paſmaõ todas no que vem, e daõ por bem andante, e ditoſa a Part. III. a Alma, que com tal companhia, e favor ſe deſpedia da terra. Porque, morta ella, ceſſou tudo. Eſte retabolo he o meſmo, que hoje eſtá na Enfermaria.

CAPITULO XXVII.

Das Madres Soror Brittes de Mariz, Soror Catharina de Mariz, e Soror Maria de S. Franciſco.

TEmos na Madre Soror Brittes de Mariz hum Eſpirito abraſado em extremos de Amor Divino. Era muito dada á Oraçaõ, communicavalhe o Senhor nella aquellas vivas, e divinas agoas, que em outro tempo offereceo á Samaritana; agoas, que tem virtude de matar a ſede de todas as da terra, e abraſar as Almas em dezejos do Ceo. Traſportavaſe no goſto dellas, eſquecida de todo ponto de ſy, e de tudo o que ha no mundo. De ſorte que todas as vezes que chegava a tratar com Deos, ou cuidar, ou fallar nelle, derretia o coraçaõ polos olhos em rios de lagrimas, derramadas com tal affecto, e continuaçaõ, que ninguem as via, que as naõ julgaſſe por milagroſas, e dadas por dom Celeſtial. Acudialhe o Divino Eſpoſo com altas illuſtraçoens, que a inflamavaõ em dezejos de padecer por elle, naõ menos que martyrio de ferro, e fogo. E como lhe faltavaõ tiranos, que foſſem miniſtros, fazia ella o officio com eſtranhas cruezas, que executava contra ſy em varios generos de mortificaçoens. Mas naõ quiz o Senhor, que lhe faltaſſe o martyrio que no meyo dellas anhellava. Ferioa de hum mal de Eri-

A Madre Soror Brittes de Mariz.

ſipula, que ganhou pera mais merecimento em officio de caridade, viſitando huma Religioſa enferma da meſma doença, que coſtuma ſer contagioſa, e pegadiça. Era Prioreza, viſitou a ſubdita ſem nenhum pejo, nem cuidado de ſy; ſaltoulhe a Eriſipula em hum braço com varios, e fortes accidentes, que arremataraõ em ferro, e fogo. Aſſi ſem hir á Marrocos ſe vio martyr, como dezejava. Parou o mal em Erpes. Eisque vê navalhas pera cortar, e fazer ſangue, como outra Santa Catharina. Eisque vê ferros feitos braſa pera queimar, como contra S. Lourenço. Verdadeiros inſtrumentos de martyrio, ſenaõ era na tençaõ, de quem os dava, e no fim pera que ſe dava. Eſteve Soror Brittes taõ conſtante, e animoſa, que determinou recebello com Muſica, julgandoo por grande miſericordia do Senhor. Vieraõ as melhores vozes da Caſa: Mandou, que aſſi como lhe foſſem os Çurgioens cortando a carne, e aplicando os cauterios, foſſem ellas com pauſa cantando os verſos: *Circumdederunt me dolores mortis, & torrentes iniquitatis conturbaverunt me: Dolores Inferni circumdederunt me; præocupaverunt me laquei mortis. In tribulatione mea invocavi Dominum, & ad Deum clamavi, & exaudivit de templo ſancto ſuo vocem meam.* Cantavaõ ellas, e choravaõ juntamente. Os Meſtres hiaõ cortando até o vivo, e logo com ferros ardendo queimando, e aſſando. Soava o fervor do cauterio, recendia o cheiro, e fumo do aſſado; e a martyr taõ ſofrida, que vendo o braço ataſſalhado, e deſpojado da carne, e as canas deſcubertas, alvas, e ſecas, nem hum piqueno gemido, nem outro ſinal de ſentimento ſe lhe ouvio em toda eſta carniceria, que chamavaõ cura. Ponhame agora no Ceo a fauſtoſa Gentilidade com eſpanto, e gabos o ſeu Mario Romano, porque ſofreo ſem queixa quebrarſe lhe huma perna, como fez, pera remedio de hum dezar da natureza; homem robuſto, paſſado de feridas na guerra: E confeſſe por dobrado valor o deſta Religioſa: Reconheça na fraqueza feminil o poder de Jeſu Chriſto, e ſua Fé, cujo autor lhe fez ſuave o fogo, e brando o ferro, e em fim alegre a morte, que do meſmo mal lhe procedeo no anno de mil quinhentos e noventa, e hum.

Pſal. 17.

Plutarch. in vita Marii.

Outra Mariz ſuccede admiravel tambem no modo, e ſucceſſo da morte. He a Madre Soror Catharina de Mariz ſemelhante a Soror Brites na continuaçaõ de orar, e no amor da Cruz, como no appellido. Contaſe della, que polo que dezejava padecer, fazia particular feſta, e a maior, que ſuas forças podiaõ alcançar, no dia da Cruz: E mandava hum copioſo jantar aos prezos da cadea publica. Andando com boa ſaude foyſe hum dia á Prioreza, que era a Madre Soror Ines de S. Paulo, e começou diante della o auto de deſapropriamento coſtumado em quem morre: E porque ſe naõ eſpantaſſe, proſeguio dizendo, que tinha por certo morreria brevemente; porque na noite de antes fora chamada por huma grande amiga defunta, que no Moſteiro tivera, e convidada pera huma feſta, que dizia, ſe aparelhava no Ceo.

A Madre Soror Catharino de Mariz.

E

E acreſcentava, que conhecera ſer a Madre Soror Joanna de Jeſu (de que atraz temos eſcrito) que vira cercada de outras muitas Freiras da Ordem, todas fermoſas, e alegres em trajo, e ſembrante. E ainda que conhecia fora tudo ſonhado, naõ ſe devia fazer pouco caſo de ſonhos encaminhados pera bem d'Alma. Foy logo, ſem peder hora, ordenando as mais couſas de ſua conſciencia. Tomou a Bulla da Cruzada, confeſſouſe geralmente; e chegando a Veſpera de S. Joſeph, de cuja feſta era com particularidade devota, confeſſouſe, e commungou, pera lhe celebrar o dia com eſte aparelho, que he o verdadeiro, que os Santos querem, e ella tinha em coſtume. No meſmo dia a Completas quiz dizer o verſo: *Si dedero ſomnum, &c.* E começandoo com voz, e garganta ſuaviſſima, e devota, quando chegou ás ultimas ſilabas, cahio ſubitamente morta. Diſſeraõ os medicos, que fora accidente de Apoplexia. Succedeo no anno de 1613.

A Madre Soror Maria de S. Franciſco.

Da Madre Soror Maria de S. Franciſco ficaraõ em memoria grandes, e eſtranhas viſoens. Mas porque a pureza da vida he a que ſe deve eſtimar ſobre tudo, della ſó trataremos, deixando a honra das viſoens, que ſe bem ſaõ argumento de ſantidade, muitas vezes acontece ſerem ruina della. Porque o Inimigo com a vãagloria dos mimos do Ceo, ſabe fazer guerra, e tambem vencer. O que ſabemos certo deſta Madre, e que paſſava á viſta, e olhos de toda a Communidade, he, que da hora da profiſſaõ té a morte nunqua comeo carne, e jejuava todo o anno por hum novo modo, que era tudo, quanto lhe davaõ pera jantár, e cea, dallo, ou guardallo pera os pobres; reſervando pera ſy taõ pouca parte, que parecia milagre poderſe ſuſtentar. Enxergavaõſelhe neſta obra duas virtudes juntas: huma mortificarſe, e outra remediar os pobres; em huma goſto de penitencia, na outra goſto de caridade, com que dezejava deſentranharſe por acudir aos neceſſitados: em tanto gráo, que lhe aconteceo dar a hum o cobertor da cama, e ficarſe ſem mais remedio contra o Inverno, que o pobre veſtido. Padecendo grandes doenças, e todas de dores acerhiſſimas, diziaõ, as que ſabiaõ muito della, que fora petiçaõ, que fizera ao Divino Eſpoſo; porque dezejava ſentir alguma parte do muito, que elle por noſſo amor padecera na Cruz: e principalmente na Sextas feiras era graviſſimamente atormentada em todos os membros. Na Semana Santa do anno de 1611., acabando de commungar á Quinta feira com a Communidade, foy abraçando a todas as Madres com hum affecto, como de quem ſe deſpedia. E ainda que o fazia alegremente, e com boa ſombra, foraõlhe ouvidas palavras, que fizeraõ julgar, a quem as ouvio, que ſabia de ſy, que avia de acabar ſedo. Meu Senhor, dizia, ſejais pera ſempre louvado; porque me chegaſtes a tal dia; e nelle me dais taõ altas conſolaçoens: Eſpero nas voſſas miſericordias, que ſaõ pera me ſalvar. Succedeo logo que, recolhendoſe pera o Dormitorio, cahio de ſeus pés em tal lugar, e por tal modo, que ficou toda deſconjuntada de mem-

bros, e cercada de huma tempeſtade de dores taõ crueis, que logo no dia ſeguinte, que foy á Sexta feira, lhe tiraraõ a vida, com eſpanto de toda a Communidade, que por nenhum caſo podia julgar por couſa natural tal genero de morte. No ultimo artigo, quando todas ſe banhavaõ em lagrimas, polo que lhe viaõ padecer, taõ longe eſtava de triſte, que pedio cantaſſem com ella o Verſo: *In manus tuas Domine commendo Spiritum meum.* E no meyo da Muſica rendeo o Eſpirito. Chamavaſe eſta Madre no mundo D. Maria Taveira.

A Madre Soror Florença de Jeſu. 1612.

Com ſeſſenta, e ſinco annos de profiſſaõ, e mais de oitenta de idade acabou a carreira mortal a Madre Soror Florença de Jeſu anno de 1612., ſendo das primeiras Religioſas, que neſta Caſa profeſſaraõ a Primeira Regra. Aſſi a ſoube guardar, naõ perdoando a nenhum rigor, nem faltando em nenhuma parte della, que era de todas avida por Santa. E naõ fez eſpanto ouvirem de ſua boca, quando eſtava pera eſpirar, que a Virgem Rainha dos Ceos, de quem ſe ſabia que fora devotiſſima, viſivelmente a conſolava naquelle paſſo: Nem o que depois de ſua morte vio, e notou toda a Communidade junta, que foy, exhalarem aquelles membros defuntos hum cheiro, que admiravelmente recreava, e com tanto mais fragrancia, quanto, quem o ſentia, ſe chegava mais a elles. E naõ avia poderſelhe dar ſemelhante entre os cheiros conhecidos da terra, que a huns parecia de Ambar, a outros de muitas compoſiçoens aromaticas juntas; a outros de flores, e agoas odoriferas.

CAPITULO XXVIII.

Em que ſe dá conta de algumas particularidades importantes deſte Moſteiro, e das Reliquias, que nelle ha.

SUſtenta eſta Caſa ſincoenta Religioſas, naõ entrando neſte numero Irmãas Converſas. Tem renda de trigo, e azeite, baſtante pera paſſar o anno: mas pouca em dinheiro. E por iſſo ſe vive com trabalho nella; que fica ſendo mais merecimento da Communidade. O ſitio he alto, e ſádio: o edificio bem obrado: a Igreja naõ grande; mas proporcionada ao Moſteiro. Os dous Coros, alto, e baixo, ſaõ caſas muy perfeitas. He de ver na Capella mór o retabolo, cuja pintura ſe tem geralmente por huma das melhores de Eſpanha. He hum Chriſto vivo na Cruz: da maõ de Morales famoſo na arte, e natural de Badajoz. E todavia o eſpirito, e partes ſuſtanciaes da figura ſe referem ſer copiadas por huma de Michael Angelo, que anda na Caſa do Vimioſo. Ganhou Morales honra na obra alhea (do que muita gente foge) com a fazer de vinte palmos, naõ tendo a de Michael mais de ſeis. Rodeaõ o Crucifixo figuras grandes, e todas tem muito que ver: Da maõ direita tem a Virgem Sagrada com a Santa Magdalena, e Santa Catharina de Sena: Da eſquerda com S. Joaõ noſſo Padre S. Domingos, e S. Franciſco. Por ſima do quadro parece huma grande tarja com huma letra, que diz: *Pater ignoſce.*

Ha neſta Caſa huma Imagem da Virgem Sagrada de muitos mila-

milagres, cuja veneraçaõ teve principio em hum caſo muito eſtranho; mas muito certo. Era velha em tempo, e feitio, e em partes paſſada a madeira do bicho. De ſorte que parecendo indecencia andar nos Altares, eſtava em hum canto da Sacriſtia envolta em huma toalha; e a Sacriſtãa, como naõ ſervia, determinava darlhe fogo. O dia, que o determinou, e a foy deſcobrir pera o effeito, eisque nota na boca, e ſembrante da Senhora que ſe eſtava rindo taõ conhecidamente, que ficou attonita; e dando gritos cahio toda deſmayada. Acodiraõ Religioſas. Sabida a cauſa, tratouſe de a renovarem, e deraõlhe aſſento ſobre a grade do Coro alto em huma taboa. Neſte lugar foy viſta por muitas Madres paſſear por ſima das grades. Donde ſe tomou occaſiaõ de lhe levantarem Altar no Coro, e a porem nelle, com a invocaçaõ do Roſario: E ſaõ grandes as merces, e conſolaçoens, que todas confeſſaõ receber della em ſeus trabalhos. Viva he hoje Ambroſia de Santo Aguſtinho, Irmãa Converſa, que ſendo minina, lhe foy cortada huma arteria por hum ſangrador, e o braço em tal eſtado de inchaçaõ, e corrupçaõ, que os Çurgioens ſentencearaõ, que pera ſalvar a vida, convinha ſer cortado. Ouvida pola innocente a riguroſa ſentença, foyſe ao Altar da Virgem, feita hum mar de lagrimas; e como quem ſe acolhia a ella pera ſe livrar do que temia, naõ ſe deſpegou do Altar, ſenaõ depois que foy chamada dos que vinhaõ preſtes pera a carniceria. Creſciaõ as lagrimas, e o medo. Senaõ quando deſatado o braço, que tinhaõ deixado no meſmo dia inchado, feyo, e denegrido, achaõ, que eſtava naõ ſómente limpo, e livre de todo o ſinal de dano; mas em todo ſaõ. Eſte milagre ſe prégou, e anda já impreſſo.

A Madre Soror Joanna de Santo Thomás eſtava enferma de hum mal, que a nenhuma couſa obedecia. Paſſando hum dia as Madres com a Prociſſaõ do Roſario, pedio que lhe chegaſſem á cama a Imagem, que levavaõ nella. Creſceo a devaçaõ com ſe ver viſitada da Senhora. Prometeolhe ſer ſua Mordoma, ſe lhe dava ſaude. Deſdaquella hora a foy cobrando, e cumprio o voto.

Deſtas, e de outras maravilhas procede ter a Senhora ſua Confraria muito bem ſervida de todas as Religioſas, e rica de ornamentos, e peças de prata; porque, ſendo todas pobres, nenhuma o he pera o ſerviço da Confraria. A prata, de que hoje ſe ſerve, he huma alampada, ſeis caſtiçaes grandes, dous piveteiros, huma caçoula, dous vaſos grandes pera flores, tres coroas douradas, e algumas peças de ouro, e pedraria.

Tem eſtas Madres duas Reliquias muito veneradas, por de quem ſaõ, e por muitos milagres, que fazem. Huma he de ſua Advogada Santa Catharina de Sena, que lha trouxe de Roma o Biſpo da Guarda Dom Joaõ de Portugal, filho do primeiro Conde do Vimioſo. A outra he de S. Pedro Martyr, que trouxe conſigo pera a Caſa a Madre Soror Joanna de Jeſu, quando tomou o Habito. Sobre febres ardentes, que padecia Catharina de Santo Antonio Servidora, chegou a eſtar frenetica, e furioſa.

rioſa. Trouxeraõlhe as Madres a Reliquia de Santa Catharina, e puzeraõlha debaixo da cabeceira, aſſi como andava guardada em huma boceta, de que nunqua a tinhaõ tirado. Foy primeiro effeito da Santa Reliquia, que a frenetica quietou, como ſe mal naõ tivera, e ficou tanto em ſy, que ſe confeſſou, e commungou com devaçaõ. E contou, que na meſma manhãa ſe lhe repreſentara, que vira a Virgem Noſſa Senhora cercada de muitas Santas, e notara, que huma de noſſo Habito ſe chegava á Virgem, e lhe pedia ſaude pera ella: E virandoſe depois lhe dizia, que tiveſſe bom animo, que naõ morreria daquella, nem doutra maior doença, que ao diante avia de ter. Mas acreſcentava a doente, que em todo eſte tempo naõ podera nunqua ver o roſto de quem lhe dava taõ boas novas; porque como aſſinte lho eſcondia. Provouſe com o ſucceſſo a verdade da enferma; porque convaleſceo logo. E cahindo poucos annos depois outra vez em cama, e chegandoa o mal a eſtar quaſi Ethica, com lhe tornarem a aplicar a Santa Reliquia, teve logo ſaude. Donde inferiraõ as Madres, que o moſtrarſe a Santa embuçada na viſaõ da enferma, fora huma reprehençaõ tacita pera todas, de aver muitos annos, quo poſſuiaõ a ſua Reliquia, e nunqua até entaõ a aviaõ viſto, nem della ſe tinhaõ aproveitado, ſendo as neceſſidades ſempre grandes, e continuas por toda a parte.

Valeraõſe da Santa, e de ſua Reliquia com o exemplo em doença de graviſſimo perigo as Madres Soror Clara do Salvador, e Soror Catharina de Sena. E naõ ſó lhes acudio com o remedio da ſaude; mas conſolou ambas em ſonhos com a promeſſa della.

Naõ ſe tem moſtrado menos prompto em procurar remedio, pera as que ſe lhe encomendaõ neſta Caſa, o Bemaventurado S. Pedro Martyr. De tres Religioſas nos conſta, que eſtando deſconfiadas dos Medicos, e tratando do ultimo ſoccorro da Santa Unçaõ, com ſe valerem da ſua Reliquia alcançaraõ perfeita ſaude. Saõ os nomes das Madres, Soror Ines de S. Paulo, Soror Maria de Jeſu, e Maria de Belem Irmãa Converſa. O meſmo aconteceo á Madre Soror Luiſa de Portugal em hum mal de garganta, que a afogava ſem remedio, em tempo que ſe criava neſte Moſteiro, ſendo minina. Chegou huma noite a tanto aperto, que lhe faltava a reſpiraçaõ. Tocaraõlhe a garganta com a Santa Reliquia, repentinamente ſentio alivio. Cobrou a reſpiraçaõ, e alcançou ſaude. Foy iſto no anno de 1617. 1617.

Por toda a Cidade eſtá taõ aſſentado entre os moradores, que he antidoto contra todo o genero de infirmidade a interceſſaõ deſte Bemaventurado Martyr, que a Rodeira do Convento tem agoa ſempre tocada na Reliquia; porque a cada paſſo he requerida por ella. Dona Iſabel de Brito, Dom Luis de Mello, e Manoel de Miranda em varias doenças chegaraõ a eſtado de deſeſperaçaõ de remedios humanos. Acudiraõ aos divinos. Pediraõ a Santa Reliquia: levouſelhes, ſararaõ. Dona Iſabel em reconhecimento, e memoria ſervio o Santo com huma fermoſa

Cuſto-

Cuſtodia de prata, em que agora anda a Reliquia. Mais antigo, e de maior gloria de Deos, que todos os referidos, he o milagre, que agora diremos. Dous honrados Caſados da Cidade d'Evora, que viviaõ deſcontentes de naõ ter filhos, paſſados vinte annos de Matrimonio, quando já ſe reputavaõ por eſteriles, e velhos, ouvindo as maravilhas, que ſe contavaõ do Santo, foraõſe cheos de fé ao Moſteiro, offereceraõſe á ſua Reliquia com promeſſa, que ſe lhes dava hum filho, lhe dariaõ o ſeu nome, e o ſeu Habito. Alegrouos Deos com o filho, quando menos o eſperavaõ. Cumpriraõlhe o voto. Chamouſe Pedro, e foy Frade Dominico. E porque os dados do Ceo trazem ſempre conſigo ſinaes de quem os dá, foy eſte o grande Meſtre Cathedratico de Coimbra, de que em outra Parte fallamos de Frey Pedro Martyr.

P. 1. l. 3. c. 37.

Naõ faltou neſta Caſa, onde tantos valedores avia, quem buſcaſſe a S. Jacintho, nem elle deixou de acudir com a promptidaõ, que noutras temos viſto. Trazia a Madre Soror Filippa da Madre de Deos hum penoſo lobinho em hum pé, que lhe tolhia o andar, e temia maior mal. Prometeo fabricarlhe huma Capella na Igreja. Começou a obra. Naõ era acabada, quando o lobinho ſe tinha reſolvido. Segundo iſto, e o que mais diremos, tambem os Santos ſe querem peitados; mas com differença, e differente fim, do que uſa o mundo: Se querem peitas, he pera tornarem todas em proveito noſſo; ſervindo de nos animarem com o exemplo, e aproveitarem com a devaçaõ. Prometeo Antonia da Cruz a eſte Santo, mandarlhe lavrar huma Imagem de vulto, ſe a livrava de hum Carbunculo, que lhe naſcera ſobre hum olho em tempo, que juntamente eſtava doente de Eriſipula. Saõ os Carbunculos perniciоſos em Alentejo, como he terra ſeca: E a Eriſipula acudialhe amiude. Valeo tanto a peita, e bom eſpirito, com que a offereceo, que o Carbunculo paſſou ſem damno, e da Eriſipula guareceo, ſem nunqua mais lhe tornar.

Na Igreja ha hum Altar de N.Senhora da Piedade, em que ſe tem viſto grandes maravilhas, e muitas em beneficio de ſeus devotos. Em tempos atraz eſtando a Caſa armada ricamente pera huma profiſſaõ, pegouſe fogo no Altar, e ardendo tudo, o que nelle avia, e até huns panos de ſeda, que eſtavaõ armados na coſtaneira, naõ recebeo damno nenhum, nem a Cruz, que era de páo, nem as Imagens, que ao pé della eſtavaõ; ſalvo em ficar parte da Encarnaçaõ chamuſcada, e no braço do Senhor, pera claro teſtemunho do milagre, humas empolas levantadas; caſo em que a piedade Chriſtãa naõ póde fallar, nem conſiderar ſem lagrimas, e ſem eſpanto. Grande he o numero de gente, que confeſſa obrigaçaõ ás merces, e miſericordias deſta Senhora. E grande lenda poderamos fazer dellas, ſe nos homens fora igual o cuidado de agradecer ao de pedir. Pera dizer as poucas, que nos chegaraõ eſpecificadamente, mais val deixallas a outra penna, viſto naõ ſerem da obrigaçaõ da noſſa. E com iſto demos remate ao Capitulo, ao Moſteiro, e a eſte Terceiro Livro.

Fim do Livro Terceiro.

TER-

TERCEIRA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.
LIVRO QUARTO.

CAPITULO I.

Em que ſe dá conta, como nos principios da Ordem de S. Domingos entraraõ muitos Religioſos della por terras de Infieis a prégar o Santo Evangelho, e chegaraõ á India, e morreraõ nella pola Santa Fé.

SOMOS chegados com noſſa Hiſtoria ao anno de 1548. que he o primeiro, em que os Religioſos de S. Domingos deſta Provincia de Portugal paſſaraõ em Communidade á India Oriental, depois de deſcuberta por elRey Dom Manoel, pera effeito de aſſentarem, e fundarem Caſas nella. Digo em Communidade; porque mais avia de quarenta annos, que ſem attender á gloria de edificar, hiaõ particularmente muitos a tomar parte com os valeroſos Deſcubridores nos trabalhos da guerra, á imitaçaõ de noſſo grande Patriarcha em ſeus principios: E de caminho conſiderar, como os Exploradores da terra de Promiſſaõ, as qualidades daquellas vaſtas Provincias, que ſeus ſucceſſores aviaõ de cultivar no Eſpiritual, como logo veremos. E digo pera fundar, e aſſentar na terra. Porque huma piquena companhia, que alguns annos antes ſe tinha embarcado, e chegado á India com o Padre Frey Pedro Coelho por Prelado, e com alguma forma de Communidade, naõ levava por fim, como em outra Parte contámos, ficar nella; mas paſſar muito alem, como ſe dirá. Anno foy eſte, e conjunçaõ, de que podemos crer, que reſultariaõ grandes, e novos gráos de gloria accidental no Ceo a noſſo Padre

1548.

P. 1. l. 2. c. 41.

S. Domingos, vendo aberta huma grande porta aos ſeus Frades de Portugal, pera ſoberanos merecimentos na execuçaõ do miniſterio da prégaçaõ do Evangelho, fim principal deſta ſua Ordem, com trabalhos, fomes, ſedes, carceres, naufragios, e derramamento de ſangue por honra da Fé. Avendo pois de eſcrever os principios, e progreſſos deſta empreza, e os bens, que della tem redundado pera toda a India, e pera todas as Conquiſtas dos Portuguezes, e honra pera eſta Ordem, e em fim pera toda a Igreja Catholica, ſerá bem tomarmos o negocio de hum pouco atraz pera mais clareſa do que ouvermos de dizer.

Sabida couſa he, que a Terra de Promiſſaõ, com cujas riquezas, e fartura convidava Deos o Povo Iſraelitico, pera ſofrerem os trabalhos do Deſerto, foy em tempos muito atraz morada de ſeus avós Abrahaõ, Iſaac, e Jacob. Os avós poſſuiraõ piquena parte, o Povo dos deſcendentes veyo a ſenhorear toda. Iſto he o meſmo, que podemos dizer aconteceo á Ordem de S. Domingos com as terras do Oriente. Paſſaraõ a ellas, logo que foy fundada, ſeus primeiros filhos, e foraõ elles, e os filhos do Serafico Franciſco os primeiros Prégadores Evangelicos, que nellas ſe viraõ, depois dos Sagrados Apoſtolos. Foy iſſo hum modo de tomar poſſe com poucos, pera os ſucceſſores virem depois encher tudo com grande numero. E com rezaõ podemos contar por genero de profecia deſte ſucceſſo o dia da confirmaçaõ deſta Ordem, que foy o meſmo, em que a Igreja celebra a Feſta do Glorioſo Apoſtolo S. Thome. Porque ainda que as letras della foraõ deſpachadas no dia ſeguinte, aos vinte hum a tinha confirmada o Santo Pontifice Honorio III. como Oraculo de viva voz. Com o dia conformaõ as rezoens do Breve. Das quaes he huma, que falla com S. Domingos, e diz aſſi:

A Vendo reſpeito, que os Frades de tua Ordem haõ de ſer Defenſores da Fé, e verdadeira luz do mundo.

Dizer Defenſores da Fé, he contra os Hereges: Dizer luz do mundo, he pera Infieis, e Idolatras. Vioſe logo a prova na reſoluçaõ, com que o Padre S. Domingos, tanto que teve a Ordem confirmada, repartio ſeus primeiros Diſcipulos polas terras, que podiaõ abranger de Europa: E eſcolhendo pera ſy o maior perigo, lhes mandou, que fizeſſem eleyçaõ, de quem os governaſſe; porque elle queria hir prégar aos Infieis. Soavaõ polo mundo com terror, e eſpanto as armas, e exercitos ſem numero do grande Cingiſcaõ Emperador dos Tartaros, novamente levantado: Parecia ao Santo, inimigo digno de ſuas forças. Quanto mais fraco ſe conſiderava, e mais temeroſo o contrario: tanto com mais confiança ſe atrevia a ella, lembrandoſe,

doſe, que Deos noſſo Senhor, pera moſtrar quaõ pouco val tudo o da terra, ſempre eſcolheo o mais fraco della, pera desbaratar o que mais forte, e mais de aço noſſos olhos nos repreſentaõ. Tençaõ foy verdadeiramente ſua; e ſe a naõ executou, tiveraõ culpa, ou ſanta, e juſtiſſima deſculpa, as lagrigrimas dos filhos, que fizeraõ força áquelle peito amoroſiſſimo pera os naõ deſemparar, quando a Ordem eſtava tanto em flor.

Mas o que o pay deixou de executar por pura piedade, e amor dos filhos; fizeraõ logo os filhos á conta do grande Eſpirito, e memoria do Pay. Porque no primeiro Capitulo, em que por ſua morte ſe juntaraõ pera lhe darem ſucceſſor, que foy o Santo Frey Jordaõ, no anno de 1222. 1222., logo eſcolheraõ Prégadores pera mandarem a Syria, e Paleſtina, entre os quaes he nomeado o Padre Frey Brocardo Alemaõ; e deulhes o Senhor taõ boa maõ, que em breve tempo fundaraõ Caſas em Damaſco, em Ancono, e Jeruſalem; e por outros lugares, que chegaraõ a numero de dezaſete, e conſtituiraõ Provincia, que ficou com titulo da Terra Santa. Depois mandaraõ outros ás terras dos Cumanos, que alguns querem, que ſejaõ no coraçaõ da India. E aqui deraõ logo dous a vida pola Fé; ficando a terra regada com o ſangue ſanto, pera frutificar com mais abundancia a ſeu tempo. Apoz eſtes Padres foraõ muitos á Perſia, correraõ a Armenia Maior, e Menor; e chegaraõ huns contra o Oriente, outros contra o Norte até os ultimos fins da terra. Bem como nuvens, a que ſaõ comparados os Prégadores Apoſtolicos, pois nem os medos do mar lhes tolheraõ paſſar á India, e Ethiopia; nem as ſerras altiſſimas, e ſempre nevadas do Caucaſo lhes detiveraõ o paſſo, pera penetrarem a Tartaria. Como era de nuvens o voar, aſſi era tambem de nuvens o regar as terras com a Santa doutrima. Couſas ſaõ muito antigas, mas naõ pode o tempo apagallas. Porque vivem os teſtemunhos com particularidades, e authoridade tal, que os fazem mayores de toda exceiçaõ: Como veremos no Capitulo ſeguinte.

Caſt. P. 1. l. 2. c. 21.

S. Antonino P. 3. Trat. 3. c. 5.

CAPITULO II.

Em que ſe proſegue a meſma materia; e ſe prova com evidencia.

TEſtemunhos ſaõ, os que temos, naõ menos que de Letras Apoſtolicas, cujos originaes vivem nos Archivos Pontificaes, e os treslados nos da Religiaõ. Eſtes foraõ dando os Santos Pontifices huns traz outros aos Religioſos de S. Domingos: Alexandre IV. Innocencio IV. Bonifacio VIII. Joaõ XXII., e Gregorio XI. E ſendo muy differentes nas peſſoas dos Pontifices, que as davaõ, e nos tempos, em que ſe deſpachavaõ: Com tudo ſempre o Prologo de todas foy o meſmo, dizendo aſſi:

Os livros dos noſſos Privil. f. 16. 30. e 64. Alberto Caſtelhano. Cron. de Aragaõ l. 4. Cron. abreviada, que anda com as Conſtituiçoens dem. Orda

AOs amados filhos, os Frades da Ordem dos Prégadores, que Nós inviamos ás terras dos Saracenos, Pagãos Bulgaros, Cumanos, Iberos, Gazzararoros, Gothos, Sicoros, Rutenos, Iacobitas, Neſtorianos, Nubianos, Georgianos, Armenios, Indios, Maticoros, e a outras Naçoens do Oriente, e Setentriaõ, que naõ crem em Deos, &c.

E tinhaõ os Pontifices tanta ſatisfaçaõ do que grangeava pera Deos o ſuor deſtes bons jornaleiros, que todas as vezes, que ſe juntavaõ noſſos Capitulos, era ſeu primeiro cuidado mandar encomendar ao Diffinitorio, que acudiſſem com obreiros novos á Vinha do Senhor. E o que mais deve eſpantar he, que levando os Provinciaes eſte aviſo ás ſuas Provincias, eraõ tantos os bons ſogeitos, que ſe offereciaõ ao trabalho, que vieraõ os meſmos Provinciaes a temer deſpejarſelhe a caſa propria, por acudir ás alheas. Eſte favor, e mimos manifeſta bem huma clauſula, com que o Papa Innocencio IV. os anima, que diz aſſi:

VOs igitur, quos juxta profeſſæ Religionis officium zelus comedit animarum. Quaſi dizendo: Vosoutros, a quem em conformidade do officio, que por voſſa Religioõ profeſſais, eſtá roendo, e comendo as entranhas o zelo da ſalvaçaõ das Almas, &c.

Pouco differem deſtas palavras as que uſou depois o Papa Alexandre IV. em huma Carta, que mandou eſcrever ao Santo Frey Gil Portuguez em tempo, que era ſegunda vez Provincial das Eſpanhas; pera que mandaſſe Prégadores aos Infieis, que dizem aſſi:

SAne, quia inter alios Propugnatores Fidei Chriſtianæ, Fratres Ordinis tui juxta profeſſæ Religionis officium zelus comedit animarum, &c.

De taes jornadas, e da continuaçaõ dellas teve origem encomendar Dom Frey Sueiro, ſendo Provincial de Eſpanha a primeira vez, ao Santo Frey Raymundo, que compuzeſſe a Summa, que fez de Caſos: e depois mandar o meſmo Santo Frey Raymundo, quando ſe vio Geral da Ordem, ao Angelico Doutor Santo Thomas, que eſcreveſſe o Tratado, que fez contra Gentiles. Entravaõ os animoſos Prégadores polas Provincias

vincias Barbaras, alongados por milhares de legoas de ſeus Prelados: era rezaõ levarem conſigo, como bons Pilotos, que ſe naõ fiaõ ſó em juizo proprio, huns roteiros certos, e aprovados, pera ſe valerem nas occaſioens, e caſos duvidoſos, e conformarem todos na doutrina.

Mas outros indicios mais vivos, e palpaveis nos vieraõ moſtrar os tempos mais modernos, e os preſentes. Couſa he de freſco achada, e referida por Autor digniſſimo, permanecerem inda hoje pola Perſia, e Armenia muitas Igrejas, e Moſteiros povoados de Religioſos da Ordem de S. Domingos: E naõ ſó Igrejas, mas Villas, e Lugares inteiros convertidos a noſſa Santa Fé por elles, de pouco menos de quatrocentos annos atraz; e pelos meſmos ſuſtentados nella, e na obediencia do Pontifice Romano até o preſente, em meyo da infidelidade Mahometica. Iſto, que eſcreve o Senhor Biſpo de Cyrene, Religioſo da Ordem dos Eremitas de Santo Aguſtinho, viraõ, e palparaõ tres Padres da meſma Ordem no anno de 1604., que paſſaraõ á Corte d'elRey de Perſia, acompanhando a Luis Pereyra Embayxador d'elRey D. Filippe II. de Portugal, e Terceiro no reſto de Eſpanha. Merecemnos memoria eſtes Padres pola diligencia, com que viraõ, e averiguaraõ eſta verdade. Chamavaõſe Frey Melchior dos Anjos, Frey Diogo de Santa Anna, e Frey Guilherme de Santo Aguſtinho. Por ſuas Cartas ſe compoz huma Relaçaõ, que os Superiores da Ordem fizeraõ imprimir em Lisboa no anno de 1609. que andou por toda a Chriſtandade, e della tomou o Reverendiſſimo de Cyrene o que dizemos.

O Biſpo de Cyrene no livro da Jornada, que fez o Arcebiſpo D. Aleixo à Serra.

1604.

1609.

Com iſto conforma o que nos deixou eſcrito, longos annos ha, Ruy Gonſales de Clavijo, que ſendo mandado por Embayxador ao Tamurbeque Rey da Tartaria por elRey Dom Henrique de Caſtella, que chamaraõ o Enfermo, achou no coraçaõ da Armenia lugares de gente Catholica, e Moſteiros de Frades de S. Domingos. E naõ faltaõ outros Eſcritores, que affirmaõ, que tambem tivemos Conventos dentro na Ethiopia; e terras do Preſte Joaõ. O que de força avia de cuſtar primeiro muito ſangue, e muitas mortes. Viſto como he certo, que ſó de huma vez foraõ martyriſados polos Infieis deſte Oriente noventa Frades com ſeu Prelado Frey Guido Longimello. Parece, que os foraõ imitando de varias partes pera o ſacrificio. E a quem ſe eſpantar de tamanho numero, peçolhe, que lea Marco Antonio Sabellico nas ſuas Eneydas, e o Padre Jeronymo Plato da Companhia de Jeſu no Livro, que eſcreve de Bono Statu Religioſi. Porque Sabellico affirma, que eraõ tantos os Frades Dominicos, que andavaõ pola Armenia, e na Ethiopia ſobre Egypto, que naõ tinhaõ numero. E o Plato eſcreve, que ſe naõ podem contar as muitas Almas, que os meſmos Frades converteraõ a Deos na India, Arabia, e Perſia.

Liv. de Ruy Gõſales. Cron. del-Rey D. Henrique o Enfermo.

D Luis de Paramo de Ord. Inquiſitionis l. 2. t. 20. c. 19. Fr. Joaõ dos Santos P. 2. l. 1. c. 16. e 17. da ſua Ethiopia.

Sabell. P. 2. l. 6. En. 9.

Hieron. Plat. l. 2. c. 30.

Mas tudo ſe acredita grandemente com o que no anno 1564. ſe deſcobrio na Villa de Taná da Ilha de Salſete junto á Cidade de Baçaim na India. Abriaõſe huns aliceçes pera certo

1564.

to edificio, daõ os trabalhadores com huma eſtatua, que ſendo limpa, e conſiderada, repreſentava no veſtido, e feitio perfeitamente hum Frade Dominico. Chegou a nova ao Padre Fr. Aleixo da Setuval, que aſſiſtia no noſſo Convento de Baçaim. Era peſſoa de muito Eſpirito, e bom entendimento, procurou tirar a limpo o que de ſua origem ſe poderia alcançar. Vivia no meſmo lugar Antonio de Souſa Coutinho, hum dos famoſos defenſores do cerco de Dio, e tinha nella poder, e mando: fez juntar os Gentios mais velhos, e perguntarlhes ſeparadamente a cada hum o que ſentiaõ da Imagem? Conformaraõ os mais, que ſe lembravaõ, ſendo mininos, verem a meſma em hum Pagóde venerada, e eſtimada do povo. E era tradiçaõ de ſeus antepaſſados, que dous Cacizes da Franquia (tal nome daõ aos Sacerdotes Chriſtãos) vindo áquelle lugar em tempo, que era nobre Cidade, e fazendo hum delles maravilhas, que venciaõ o poder da natureza, em dar viſta a cegos, pés, e mãos a mancos, e aleijados, e até reſuſcitar mortos, foraõ mandados matar polo Rey della; e o povo ſentido da crueza, e agradecido do beneficio, fizera lavrar a Eſtatua em memoria dos defuntos, ao natural de como andavaõ, e veſtiaõ: E naõ ſe contentara com menos, que collocalla entre ſeus Idolos no Pagóde. (Pagóde chamaõ a caſa, que tem por Templo.) Ao modo, com que aſſi ſe enterrou, davaõ ſahida, dizendo, que hum Capitaõ noſſo nos principios do deſcubrimento da India aportára na Cidade com huma groſſa Armada, e a deſtruira, e aſſolara, e a Imagem ficara eſcondida entre as ruinas della, e do Pagóde. O que conforma com as Hiſtorias da India, que daõ por autor deſte feito, e da guerra, que neſta Coſta ſe fez, ao Capitaõ Mór Diogo da Sylveyra, ſendo Governador da India Nuno da Cunha. Por onde fica bem provado, ſer eſte Frey Jordaõ Dominico. O que a Cronica de S. Franciſco conta, que ſe achou com quatro Franciſcanos, Frey Demetrio, Frey Thomás Tolentino, Frey Jacome de Padua, e Frey Pedro de Sena, que os Gentios martyriſaraõ na Cidade de Taná junto a Baçaim na Coſta da India. Do qual diz a Cronica adiante, que foy o que ſepultou ſuas Reliquias; e faz mençaõ de outro Dominico ſeu companheiro, por nome Fr. Franciſco.

Cron. de S. Franciſco P.2. l.7. c. 35.

No meſmo l.c.42.

Temos moſtrado a poſſe antiga, que a Ordem de S. Domingos por meyo do ſangue de ſeus filhos teve hum tempo das terras da India, e Oriente em ſeus primeiros annos. No Capitulo ſeguinte diremos como ſe reſtituiraõ a ella.

CAPITULO III.

Dos primeiros Religioſos deſta Ordem Portuguezes, que navegaraõ de Portugal pera a India, depois que foy deſcuberta por elRey Dom Manoel.

SEguindo a comparaçaõ, que começamos, dos Conquiſtadores da Terra de Promiſſaõ, he de ſaber, que tanto que a India foy deſcuberta polo valor, e boa ventura d'elRey Dom Manoel, e começaraõ a correr Armadas

madas deſte Reyno ordenadamente cada anno: Logo a Ordem de S. Domingos tomou a cargo mandar ſeus Frades, naõ ſó acompanhar os navegantes nos trabalhos do mar; mas aſſiſtir com elles nos da guerra, e da terra. E como a tençaõ principal do bom Rey neſtas navegaçoens foy ſempre a reduçaõ da Gentilidade Indiana ao gremio da S. Madre Igreja, naõ avendo mais que tres annos, que Vaſco da Gama chegara ao Reyno, depois de ſua primeira viagem, e determinando deſpachar dous Capitaens Mores juntos, que foraõ Affonſo d'Albuquerque, e Franciſco d'Albuquerque ſeu Primo, cada hum com tres naos, mandou aos Prelados de S. Domingos, lhe deſſem Frades, que os acompanhaſſem. Deu o Provincial ſinco; ſegundo as memorias, que temos da Ordem: Seus nomes, Frey Domingos de Souſa, Frey Rodrigo Homem, que alguns chamaõ de Souſa, Frey Joaõ do Roſario, Frey Pedro d'Abreu, e Frey Antonio da Matta. Levaraõ ordem os dous primeiros de começarem a provar, e edificar Fortaleza em Cochim. Era tempo de mandar juntamente, quem eſpiaſſe, e conſideraſſe a terra, como em outro tempo fizeraõ os Capitaens do Povo de Deos: Eisque ſe embarcaõ na entrada do anno de 1503. os ſinco, que nomeamos; companhia de bom pronoſtico no numero, e no nome do Prelado. Era Fr. Domingos de Souſa graduado em Theologia. Levava titulo de Vigario geral, alem dos poderes ampliſſimos, que os Pontifices tem concedido por ſuas Bullas aos noſſos Frades, quando paſſaõ a terras de Infieis. O primeiro auto publico, em que os achamos occupados, foy do benſimento dos aliceçes da Fortaleza de Cochim, primeira de toda a India: Ceremonia que o Vigario geral, Frey Domingos de Souſa fez com toda a ſolemnidade, e feſta, que o tempo entaõ concedeo. O ſegundo, depois de levantado o edificio, em huma devota Prociſſaõ de graças, na qual o Padre Frey Domingos levava debaixo do Palio hum Crucifixo: e por fim della diſſe Miſſa, e Frey Joaõ do Roſario prégou. E a meſma feſta fizeraõ na primeira Igreja, que na Cidade ſe levantou, que foy em honra de S. Bartholameu. Iſto diz Damiaõ de Goes. Gaſpar Correa differe, dizendo aſſi: E hum Frey Domingos de Souſa da Ordem de S. Domingos que com dous Ponſeiros viera com Affonſo d'Albuquerque fez Sermaõ.

Dam. de Goes 1.p. c. 78. da Cron. d'elRey D. Manoel.

Manuſcrito de Gaſpar Correa c. 4. da Jornada dos Albuquerques.

De Cochim paſſou Affonſo d'Albuquerque á Cidade de Coulaõ, ſituada na meſma Coſta. Aqui ſoube, que della, e deſde Cranganor até Choromandel, e Meliapor avia eſpalhadas mais de doze mil caſas de Chriſtãos, ſucceſſores daquelles, que o Bemaventurado Apoſtolo S. Thome com ſua prégaçaõ, e milagres convertera. Mas que diremos, ao que faz o rodear dos annos, e a falta da prégaçaõ, e doutrina? Huma Igreja, que tinhaõ em Coulaõ, eſtava quaſi cuberta de mato, e as Almas, e conſciencias feitas verdadeiro mato. Avia homens de vinte, trinta, e mais annos, que ainda naõ eraõ bautiſados; e na forma deſte Sacramento tinhaõ muitos erros. Encomendou Affonſo d'Albu-

Coment. de Antonio de Albuquerque c. 1. c. 2. e c. 4.

1503.

Albuquerque ao Padre Frey Rodrigo Homem, que outros chamaõ de Souſa, o remedio deſta Igreja: E elle o aceitou com vontade, e obras de verdadeiro filho de S. Domingos. Reformou os que de Chriſtãos quaſi naõ tinhaõ mais, que o nome: E com ſeu bom cuidado, e prégaçaõ naõ ſó tornou eſtes ao caminho da verdade; mas converteo muitos Gentios. Naõ he rezaõ ficar por dizer o que ſe naõ póde contar ſem magoa, que alem de eſtar a Igreja de Chriſto no eſtado, que contamos, corria o cargo, e cuidado della por hum Mouro eſcravo de Mafamede, que fazia grangearia de ſer Sacriſtaõ, convertendo em ſy as eſmollas dos Chriſtaõs, e Gentios, e tambem de Mouros, que a ella concorriaõ. Já merecem louvor de valeroſos os Exploradores Dominicanos, paſſandolhes polas mãos a primeira Fortaleza, e primeira Igreja, e primeira Chriſtandade da India. Mas logo os veremos offerecer peitos, e vidas ao ferro, e armas inimigas, á imitaçaõ do noſſo Santo Patriarcha.

Os meſmos Com.p.1. l. c. 5.

Paſſaraõ annos; tornou Affonſo d'Albuquerque á India: foy com poder ſobre a Ilha, e Cidade de Goa. Poſta em ordem a ſoldadeſca pera cometer a entrada, tomou a dianteira Frey Domingos de Souſa, ſem mais armas, que huma comprida haſte, em que levava alvorado hum Chriſto Crucificado; e pera melhor ſe diviſar, ſobre huma Cruz dourada. E aſſi andou por entre pelouros, e frechas, animando a todos de obra, e palavra. E o meſmo fez no ſegundo acometimento deſta Cidade; porque ſuccedeo largalla com prudencia Affonſo d'Albuquerque; e poucos mezes depois tornalla a conquiſtar. Aqui fez abſolviçaõ geral aos noſſos ao tempo do aſſalto, e com elles entrou a terra determinado, e valente Alferez. Alcançoule eſta vitoria em dia de Santa Catharina Martyr. Levantaraõlhe os Vencedores Igreja por graças; e o noſſo Frade aſſentou logo nella Confraria do Santo Roſario.

Manuſcrito de Gaſpar Correa c. 8.

Coment. de Affonſo de Albuquerque p.2.c. 21. Maffeu l. 4. da Hiſtoria da India.

O meſmo Gaſpar Correa c. 19.

Ganhada a Cidade, pareceo a Affonſo d'Albuquerque, polo que nella ſoube do poder, e grandeza do Sofi Rey da Perſia, que ſeria importante a ſeus dizenhos tomar conhecimento delle, e de ſuas couſas mais ao perto, por peſſoas de entendimento, que bem ſoubeſſem notar, e dar rezaõ de tudo. Eſcolheo pera iſto o Padre Frey Joaõ do Roſario, Dominico, que mandou logo a Ormuz, em companhia de Ruy Gomes de Carvalhoſa. Chegaraõ áquella Ilha, e porque na paſſagem á Perſia ouve inconvenientes, naõ quiz o Padre perder tempo. Abrio tenda do officio Apoſtolico, e doutrina Chriſtãa, argumentou com muitos Infieis, que a eſta grande praça concorrem em grande numero, converteo, e bautizou alguns Arabios.

Ioaõ de Barros Decada 2. l. 5. c. 3.

Damiaõ de Goes p.3.c.40. da Cron. d'elRey D. Manoel.

Paſſados dous annos, determinou eſte incanſavel Capitaõ entrar no Mar Roxo; fez ſua Armada preſtes. Era já no anno de 1512. cançavaõſe de o ſeguir os que o tinhaõ por obrigaçaõ de milicia: Mas naõ aſſi o Padre Frey Domingos, que ſobre os perigos paſſados da terra, alegremente ſe offereceo aos medos, e tempeſtades do mar. E pode-

1512.

O meſmo Gaſpar Correa c. 42.

podemos crer, que o quiz Deos conſolar, como a todos os mais navegantes, com hum fermoſo final, que depois de entradas as portas do Eſtreito, lhes moſtrou no Ceo. Era veſpera da Invençaõ da Vera Cruz em dous de Mayo, eisque começando a anoitecer ſe abre o Ceo em huma fermoſa Cruz, ardendo em chamas de fogo muito vermelho, como de braſas abanadas, e incomparavel reſplandor: Saudouſe por toda a Armada o Glorioſo Sinal da humana Redempçaõ com grita, e alegria geral, e ſalva de toda a artelharia. Seguiraõſe trombetas, e charamellas. Durou toda a noite o Sinal Santo, e quaſi o dia ſeguinte inteiro, ſem fazer mudança, tomando tanto eſpaço do Ar, ſegundo a repreſentaçaõ, que fazia aos olhos, como huma braça, ou pouco mais. Mas naõ ſe contentaraõ com taõ pouco os animos pios, ſentiaõſe obrigados a mais. Achavaõſe junto a huma Ilha, que chamaõ dos Pilotos. Salta a gente em terra, arvoraſe ſobre hum teſo huma Cruz, armaſe no pé della hum Altar, celebra o noſſo Frey Domingos na terra com devoto Sacrificio a memoria do meſmo, que o Ceo eſtava repreſentando: E apoz a Miſſa, que foy ſolemnemente officiada, prégou altos louvores da Cruz.

1515. No anno de 1515. achamos nas Hiſtorias da India o meſmo Padre acompanhando na morte, como fizera na vida, a eſte famoſo Capitaõ, que deixando conquiſtada Malaca, ſe vinha recolhendo a Goa; e deſpedio hum bargantim diante em buſca do companheiro, e Confeſſor antigo. Porque vinha apertado de doença, que conhecia ſer chamamento final, como foy.

Pouco tempo depois paſſou á India Dom Frey Duarte Nunes Biſpo Titular de Laodicea: Era filho de Habito, e profiſſaõ de S. Domingos d'Aveiro, e natural da meſma Villa. A rezaõ, que ſe dá de ſua hida, foy pera dar Ordens, ſagrar Calices, pedras de Ara, e Oleos. Como as couſas da India hiaõ em grande creſcimento, pareceo a elRey D. Manoel, que convinha começallas de authoriſar com maiores Miniſtros. E em fim á Ordem de S. Domingos deu o primeiro Biſpo, que ſe atreveo a experimentar a nova, e perigoſa viagem do mar Occeano, por ſervir a Deos, e aos proximos. Eſte Padre reſidio em Goa o tempo, que lhe pareceo neceſſario pera o miniſterio, a que fora inviado: E como naõ tinha certa Dioceſe, nem maior occupaçaõ, tornouſe ao Reyno, e veyo a falecer no lugar de ſua natureza: como atraz deixamos contado na relaçaõ do ſeu Convento. Stema Ord. f. 159.

Naõ ſe reſolvia a Provincia em inviar ſeu filhos em Communidade por rezoens, que entaõ ſe offereciaõ aos que a governavaõ, e ſe aviaõ por baſtantes. Porém aos particulares naõ ſe podiaõ refrear os dezejos de ſe acharem nos medos, fomes, e perigos, que os navegantes contavaõ; parecendolhes obra digna de filhos de S. Domingos hir por eſtes meyos, aonde podeſſem exercitar o fim de ſua vocaçaõ. Aſſi avia ſempre bons Eſpiritos, que com bençaõ de ſeus Prelados ſe deſpegavaõ animoſamente do ſoſſego da patria. Naõ pudémos ſa-

ber de todos. Porque os Croniſtas poucas vezes ſe occupaõ em fallar nos Eccleſiaſticos, ſenaõ he polo que toca á parte ſecular de ſuas Hiſtorias. E a eſta devemos a noticia, que nos daõ Couto, e Caſtanheda, de dous
1527. Religioſos noſſos, que reſidiraõ em Goa polos annos de 1527. Ouve neſta conjunçaõ grandes, e perigoſas contendas entre dous Fidalgos, que pertendiaõ a governança do Eſtado. E como ambos eraõ merecedores della por valor, e Nobreza, tinhaõ a gente partida em bandos, e com receyos de guerra civil. A relaçaõ miuda naõ he de noſſa obrigaçaõ. O que nos toca he, que comprometendoſe os dous pertençores em ſete Juizes, ſinco Fidalgos, e dous Religioſos da Ordem de S. Domingos, foy nomeado o Padre Frey Luis de Vitoria: E apontaõ, que naõ teve lugar o outro, que era Frey Joaõ de Hayo, ou de Haro. Porque prégando ao povo declarara do Pulpito ſeu voto em favor de hum dos pertendentes. Polo que ſe eſcreve de ambos eſtes Frades, ou Padres, parece claro, que deviaõ ſer homens de letras, mais que ordinarios.

Franciſco de Andrada da Cron. d'elRey D. Joaõ o III. P. 2. c.27 diz, que ficou por Juiz entre os mais Fr. Ioaõ, que chama Meſtre Joaõ Haro de S. Domingos, Prégador em Cochim.

Por ultimos Exploradores das terras aos noſſos prometidas podemos contar o Padre Frey Pedro Coelho, e ſeus companheiros; que huns querem, que foſſem tres, e outros ſinco, que elRey D. Joaõ determinadamente mandou, como em outra Parte diſſemos, pera entrarem na Ethyopia, e até na Corte do Preſte Joaõ. Chegaraõ eſtes Padres á India, pediraõ paſſagem, que ſe lhes naõ deu, e ficaraõ nella alcançando com bom animo, o que naõ poderaõ com obra.

P. 1. l. 2. c. 41.

Do bem, que todos noſſos primeiros Padres, e os que lhes ſuccederaõ, trabalharaõ na Vinha do Senhor, daõ bom teſtemunho alguns Eſcritores de muita authoridade. Joaõ Pedro Maffeo da Companhia de Jeſu, fallando de Frey Rodrigo de Coulaõ, diz aſſi: *Is morum integritate, & doctrinæ præſtantia paucis diebus multa, partim in recta Fide confirmavit, excoluitque, partim à ſtipendijs Dæmonum ad Chriſti Fidem traduxit.* Na meſma conformidade, inda que mais geralmente, falla Jeronymo Plato da meſma Companhia, dizendo: *Ad eoſdem labores, ſcilicet, Evangelij cauſa paulo poſt, ideſt anno Domini* 1505. (enganouſe no anno) *navigavere etiam Dominicani; qui item multa illic præclara geſſere.* Por onde naõ achamos como deſculpar outro Eſcritor da meſma Companhia, que eſcrevendo em Lisboa com alto eſtilo, e tendo eſtes Autores de caſa, e obrigaçaõ de ter lido os do Reyno, quiz defraudar a Ordem de S. Domingos da honra deſtes trabalhos; porque depois de contar, como os Religioſos de S. Franciſco paſſaraõ á India na Armada de Pedralves Cabral, exclue os de S. Domingos com huma clauſula univerſal negativa, dizendo palavras formaes: Iſto he o principal, ou tudo, o que ſabemos da Chriſtandade da India nos primeiros quarenta annos. Grande deſcuido de bom Profeſſor de Hiſtoria, e juſta queixa noſſa.

Ioan. Pet. Mapheus Hiſt. Ind. l.2.f.53.

Hier. Pl. de Bono Statu Religioſi l.2. c. 30. f. 482.

Ioaõ de Lucena na Vida do Santo Xavier l.1. c. 14.

CA-

CAPITULO IV.

Paſſaõ os Religioſos de S. Domingos em Communidade á India, e começaõ a fundar.

TInha entretanto creſcido grandemente o Eſtado da India em numero de gente, em Cidades, e Fortalezas, e outras povoaçoens. Reconheciaõ muitas terras, e varias Naçoens o poder das Armas de Portugal: De todos os Reys, huns procuravaõ pazes, e alianças com elRey Dom Joaõ, outros lhe reconheciaõ vaſſallagem, e davaõ tributos: e as noſſas Armadas hiaõ cada hora deſcubrindo mais climas, e fundando novas Colonias, e conquiſtando terras, deixada já atraz a Ilha Trapobana, que pera os antigos era a ultima terra do Oriente. Pareceo entaõ a elRey Dom Joaõ, que era tempo de meter maiores forças na Conquiſta Eſpiritual. E ainda que tinha já mandado outras Religioens, determinou juntar a ellas a de S. Domingos com numero, e valor de ſogeitos, pera poderem edificar, e permanecer por tudo, o que ſe foſſe deſcobrindo. Acreſcentavaſe terſe entendido, que com a occupaçaõ, e ruido continuo das armas, naõ ſe tinha acudido baſtantemente até aquelle tempo a deſterrar de noſſas povoaçoens a adoraçaõ dos Idolos, em que todavia perſeveraraõ entre nós os Gentios moradores dellas, com afronta do Salvador. E por eſta cauſa, alem de ter mandado eſtreitas prematicas com graves penas contra todos, os que ſe atreviaõ a fundar, lavrar, eſculpir, debuxar, pintar figuras de Idolos em qualquer materia, que foſſe, ou defora as trouxeſſem: Quiz que ouveſſe em ponto taõ eſſencial zeladores Letrados, e muito doutos: E taes pedio a quem governava a Ordem, que foſſem os que ſe aviaõ de embarcar. Era Provincial, e Vigario geral do Reverendiſſimo neſte Reyno o Padre Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha, de cuja vida, e grandes partes temos dado noticia atraz: Eſcolheo doze Religioſos, quaes lhe pareceo, que convinhaõ pera pedras fundamentaes do novo edificio, e pera credito, e honra da pedreira, donde ſahiaõ. Foraõ os Padres ſeguintes: O Padre Frey Diogo Bermudes, que actualmente era Superior do Convento de S. Domingos de Lisboa, Frey Franciſco de Macedo Preſentado, e Lente no meſmo Convento de Theologia, Frey Ignacio da Purificaçaõ, que nelle fazia o officio de Meſtre de Noviços, Frey Luis d'Abreu, Frey Diogo de Ornellas, Frey Gaſpar da Cruz, Frey Sebaſtiaõ da Cruz, Frey Vicente de Santa Maria, e Frey Reginaldo de S. Domingos. A eſtes nove acompanhava outro Padre, de que naõ podemos alcançar o nome, e dous Irmãos mais; hum do Coro, por nome Frey Luis do Roſario, moço na idade; mas muito adiantado em erudiçaõ das lingoas Grega, e Latina, e na Rhetorica; e outro Converſo, que ſe chamava Frey Pedro da Magdalena. De todos foy nomeado por Prelado o Padre Frey Diogo Bermudes, com titulo de Vigario geral da futura Congregaçaõ. Era de Naçaõ Caſtelhano, filho da Provincia

de Eſpanha, e perfilhado neſta. E aconteceo em ſua eleyçaõ huma couſa, que naſcendo de juizo humano, e acaſo, pareceo feita com cuidado da natureza: E por tal, merece naõ ficar em ſilencio. He de ſaber, que quando de Caſtella foraõ os primeiros Religioſos de S. Domingos a fundar nas Indias Occidentaes, levaraõ por Prelado o Padre Frey Joaõ de Tavilla Portuguez, que actualmente era Superior em Santo Eſtevaõ de Salamanca. Aſſi viemos a pagar na meſma moeda em Portugal a honra recebida em Caſtella.

1548. Polo mez de Março de 1548. partiraõ de Lisboa eſtes doze Religioſos, imitando o Sagrado Collegio de Chriſto no numero, como no intento, que levavaõ de prégar, e dilatar ſua doutrina, e morrer por ella. Aſſentouſe, que como hiaõ muitas naos, e ſem Capitaõ Mór nomeado, foſſem os Frades repartidos por todas, pera conſolaçaõ dos navegantes. Ordinario he no mar experimentarſe grande variedade de ſucceſſos, inda em hum meſmo tempo. Mas ſeguindo ſua viagem, cada huma achou differença no diſcurſo da navegaçaõ, e na chegada á India. Algumas tomaraõ Moſſambique em dous de Julho, que foy proſpera viagem. Neſtas ſe acharaõ dous dos noſſos Frades, que logo em deſembarcando buſcaraõ em que empregar o Eſpirito, e Caridade. Tinhaõ ſahido das naos cento, e vinte doentes; e entrando em hum Hoſpital, tomaraõ á ſua conta a cura delles, e foraõ pera muitos remedio de corpos, e Almas.

Foraõ depois chegando as mais naos: e como entrou a monçaõ ordinaria, tempo de fazer viagem, que entra por Agoſto, tornaraõ a navegar juntas. Paſſados poucos dias, carregoulhes hum temporal taõ rijo, que a nao do Vigario geral, chamavaõlhe a Galega, ſe deu por perdida. Chegou a fazer tanta agoa, que naõ avia força de homens, nem de bombas, que a venceſſem: e tendo a perdiçaõ por certa, porque a bom juizo naõ podia ſer tanto creſcimento d'agoa, ſem a nao hir aberta; acudiraõ todos aos ultimos remedios, que deveraõ ſer os primeiros, quero dizer aos do Ceo. Fazem Oraçoens, bradaõ a Deos por miſericordia. Notou o Vigario geral, que tratavaõ alguns marinheiros, como em final deſeſperaçaõ, de lançar o batel ao mar, pera ſe ſalvarem os que tiveſſem em ſorte de entrar nelle. Neſte paſſo tirou de hum cofre huma Reliquia, que comſigo trazia. Sahe com ella nas maõs ao convez, apellida os deſconſolados, deſcobrea com reverencia, e declara ſer cabeça de huma das onze mil Virgens: Affirma com grande confiança, que ſe de coraçaõ ſe encomendaõ a Deos, tomando por medianeira a Alma daquella Santa, que por elle dera a vida, ſem duvida alcançaráõ miſericordia. As palavras ſantas, o medo da morte, a ultima neceſſidade accenderaõ devaçaõ, e derreteraõ os coraçoens em lagrimas. Ordenaos o Religioſo em Prociſſaõ, chamando por todos os Santos do Ceo, e cada hum por ſeu nome. Das lagrimas ſe diz, que ſaõ aquellas agoas, que eſtaõ ſobre os Ceos; como ſe differamos que lhes he ſogeito o Ceo; ou que eſtá o

Ceo

Ceo a ſeu mandar. Vioſe aqui por hum modo, qual nunqua ſe ouvio. Naõ avia já braços em toda a nao, que naõ eſtiveſſem feitos pedaços, de ſe revezarem na bomba. Eisque ſubitamente gritaõ os que nella trabalhavaõ, que a bomba eſtava ſeca, e naõ tirava gota d'agoa, quando dantes era hum rio caudal. Acodem todos. Deſcem outros ao poraõ. Paſmaõ, que achaõ a naõ eſtanque, e a agoa, que enchia tudo, deſaparecida. Louvaõ a Deos, reconhecem o milagre; porque ſem elle era impoſſivel ſumirſe, como ſe ſumira, a agoa de todo. Aſſi cumpriraõ alegremente o que reſtava da viagem, inda que chegaraõ já por fim de Outubro, que foy grande tardança.

Chegados á barra de Goa, ſoou na Cidade, que vinha eſta Eſquadra Dominicana, pera fazer aſſento, e povoaçaõ na terra: Alvoroçouſe toda, e em particular a Familia do Serafico Padre S. Franciſco moſtrou, que vivia nella o Eſpirito de ſeu Fundador. Porque, como tinhaõ Convento, e morada já antiga em Goa, foyſe o Guardiaõ abordo das naos a receber o noſſo Vigario geral, e companheiros: E com grande amor os levou, e agaſalhou comſigo, até que tiveraõ Caſa: lembrado daquelle ſanto, e antigo concerto dos Santos Patriarchas noſſos Inſtituidores, quando diziaõ: *Stemus ſimul, & nullus adverſum nos prævalebit*: Juntemonos, e façamos liga: que, ſe aſſi for, naõ averá quem contra nós tenha força.

CAPITULO V.

Edificaſe o primeiro Convento de S. Domingos em Goa: Contaõſe os pronoſticos, que precederaõ a fabrica: E o que elRey mandou dar, pera a deſpeſa della, e ſuſtentaçaõ dos Religioſos.

GOvernava a India, quando eſtes Religioſos nella entraraõ, o bom velho Garcia de Sá, que ſuccedera na governança por morte do valeroſo, e Santo Governador Dom Joaõ de Caſtro. Preſentaraõlhe ſeus deſpachos em chegando. Mandava elRey, que ſe lhes deſſe na Cidade o ſitio, que elles apontaſſem, e ſincoenta mil Cruzados, pera ſe deſpenderem em hum Convento, com mais mil, e quinhentos Pardáos de renda por anno (valem os Pardáos trezentos reis cada hum) pera ſua ſuſtentaçaõ. Tratouſe logo de ſitio. Viraõſe muitos. Em fim contentaraõſe os Padres do que hoje poſſue a Ordem, que he ao pé do Oiteyro, em que eſtá a Caſa, que por iſſo tem o nome de Noſſa Senhora do Monte. Ficalhe perto huma fonte, e a praça, que chamaõ do Mandovim. Dura huma tradiçaõ, do que ſuccedeo neſta eleyçaõ de ſitio, que naõ he rezaõ ficar eſquecida entre noſſos ſucceſſores. Porque, polo que nella ſe enxerga de myſterio, nos obriga muito a vivermos em toda a perfeiçaõ. Trazia o Vigario geral dizenhada em papel a traça do Convento, com apontamento das braças, que ſe avia de eſtender em circuito. Ao pôr das balizas, que ſe fazia com aſſiſtencia do Veador da Fazenda,

da, e de outros Officiaes d'el-Rey, e do Eſtado, davalhes deſgoſto ſer forçado averem de deſalojar alguns Gentios, que ſentiaõ demaſiadamente deixar as caſas de pays, e avós, que ficavaõ dentro dos limites da Cordeaçaõ. Contaſe, que a grita, e queixas deſtes mal diſſimulados, como entre povo, ſahio á rua hum Gentio de grande idade, que todos alli tinhaõ por pay: E pondo os olhos nos noſſos Frades, que acompanhavaõ os Officiaes, começou a torcer o roſto, e menear a cabeça com geito de quem em ſeu peito ſentia couſa, que o admirava, e ſuſpendia: E logo acenou aos queixoſos, que ſe chegaſſem pera elle, e ouviſſem. E em breves palavras lhes diſſe, que foſſem certos, que o que viaõ fazer, vinha ordenado por Deos. Porque elle ſe lembrava, que ſendo moço, e ſahindo huma manhãa ſedo ao beneficio dos palmares de ſeu pay, achara naquelle meſmo lugar dous Cacizes, que no trajo, e cores delle nenhuma differença tinhaõ dos que eraõ preſentes; e notara, que com longos cordeis o andavaõ medindo, e cercando, como agora ſe fazia: O veſtido eſtranho, a obra, e a novidade lhe puzeraõ eſpanto, e o eſpanto lhe eſculpira tudo na memoria, pera nunqua lhe cahir della, com quanto eraõ paſſados tantos annos, que ainda naõ avia Portuguezes na India. E em fim agora via a verdade do que entaõ fora como ſombra, ou ſonho. Por tanto como ſiſudos ſe conformaſſem, com o que o Ceo de tantos annos atraz tinha aſſentado, ſem fazerem duvida a mudar morada. Louvaraõ os Frades a Noſſo Senhor com os roſtos banhados em devotas lagrimas de alegria, colhendo do ſucceſſo o muito, que lhe deviamos, por nos ter de tantos annos antes apontado, e ſinalado o lugar, que aviamos de occupar naquella Cidade; como pronoſtico de algum grande ſerviço, que por noſſas mãos determinava receber. Confirmouſe o caſo com outro muito ſemelhante. Ficava dentro do circuito dizenhado huma horta com ſeu aſſento de caſas, pertencente a hum ſoldado antigo, e honrado, por nome Pero Godinho: Obrigavao o intereſſe da fazenda a contrariar a obra dos Frades, e a todo ſeu poder a contradizia. Mas paſſados alguns dias, foyſe ao Governador; e diſſelhe, que de todo ponto deſiſtia da ſua pertençaõ, e queria largar a horta, e aſſento, inda que mais valera. Porque lhe parecia, que fazer outra couſa, ſeria encontrar a vontade de Deos. Eſpantado o Governador, foy Pero Godinho contando, que huns horteloens ſeus Gentios, vendoo ſentido por aver de largar a fazenda aos Frades, lhe referiraõ ſingelamente, que pouco antes de chegadas as naos de viagem acharaõ no meyo da terra, que ſe demarcava, dous homens de Habitos largos, e brancos, cubertos de capas pretas, coroas abertas, e barbas rapadas, que falaraõ com elles; e lhe diſſeraõ, que quando alli viſſem outros Cacizes de ſemelhante repreſentaçaõ, folgaſſem de os agaſalhar. Referia iſto com grande goſto o Governador ao Vigario geral: E elle ouvindoo com o meſmo, contoulhe ao propoſito caſo pouco differente, que

nas

nas noſſas Cronicas ſe eſcreve, ſuccedido em Bolonha no ſitio, em que depois ſe levantou o noſſo Convento. Era povoado de vinhas primeiro que foſſe da Ordem: E aconteceo, que madrugando os cavadores a trabalhar nellas, notaraõ por muitas vezes; que eſtava alumiado com grandes luzes, e claridades do Ceo, ſendo aſſi, que ſenhoreava tudo á roda o eſcuro da noite.

Huberto l. 1. c. 4. Ex. 3. & 4. Leandro Alberto l. 5. Caſtilho P. 3 l. 1. c. 38.

Demarcado o ſitio, e deſpedidos os moradores, pagas ſuas propriedades, ordenaraõ os Religioſos huma Igreja de taipa, e ſeu recolhimento, e clauſura ao longo della. E tanto que o tiveraõ em eſtado de poder ſervir, entraraõ nelle com ſolemne Prociſſaõ, que acompanharaõ os Padres de S. Franciſco, depois de ſeis mezes de amoroſo gaſalhado. Do qual ficando huns, e outros grandemente ſatisfeitos, uſou o Prelado Franciſcano de hum grande primor, mandando ao noſſo huma fermoſa eſmolla de dinheiro, que dizia, era das Miſſas, que os hoſpedes, ſem cuidar em tal paga, lhe tinhaõ dito em ſua Caſa. Porque todas deſdo dia, que entraraõ, mandara apontar pera o effeito, que viaõ. Bem ſe deixa ver niſto, que naõ falta nenhuma virtude em quem ſegue a ſanta pobreza Evangelica. Pois onde naõ avia que dar, ſobejou largueza, e liberalidade: liberalidade no animo, e largueza na obra.

Naõ tolhec. o gaſalhado humilde aos Religioſos, começarem logo o exercicio de ſeu inſtituto, lembrandoſe do que ſe eſcreve dos noſſos primeiros Padres, que deſta marca eraõ ſeus edificios daquelle bom tempo antigo, naõ por força de neceſſidade, como agora lhes acontecia; mas por puro goſto de ſeguir em tudo humildade, e a doutrina, e liçoens de noſſo Santo Patriarcha. Aſſi começaraõ juntamente com confiança a abrir eſcolla da Sagrada Doutrina. Prégavaõ, e miniſtravaõ os Santos Sacramentos em Caſa, e acudiaõ fora aos neceſſitados, com tanta piedade, e modeſtia, que davaõ com ella muito Eſpirito ao que faziaõ. E o que muito conſolava os vizinhos, era ouvir ſuas vozes no ſilencio da noite, louvando ao Creador, cortando o ſono nas horas, que mais ſaboroſo, e mais neceſſario he. He o Canto Dominico pola differença, que tem da Muſica ſecular, chaõ, e humilde; mas devotamente engraçado. A Caſa piquena, que era quaſi como eſtar na rua, e a quietaçaõ nocturna faziaõ, que ſoaſſe ao longe, e obraſſe, nos que o ouviaõ, os bons effeitos, pera que foy ordenado pola Santa Igreja, em huns devaçaõ, noutros compunçaõ. E bem he de crer da Chriſtandade Portugueza daquelle bom tempo, que naõ averia nenhum taõ eſquecido de ſy, em quem a brandura daquella toada, e o cuidado de quem em tal hora a exercitava, naõ eſpertaſſe ſaudades, hora do Ceo, hora da Patria, de que por tantas legoas ſe achavaõ divididos. Ajuntavaſe ſer o clima ſempre calmoſo, como jaz em dezaſeis gráos da Equinocial. Paſſaõ os homens muitas noites ao ſereno, ou nas caſas com janellas abertas, e ficalhes ſervindo a ſanta armonia, de provocar, ou fazer mais ſuave o ſono, que o fogo da calma

calma ſempre tolhe, ou encurta.

Seguiraõ eſta eſcolla com outra, que até entaõ naõ fora viſta na India: que foy publica liçaõ de Santa Theologia, ſendo primeiro Cathedratico della o Padre Preſentado Frey Franciſco de Macedo; e teve logo por ouvintes alguns Padres de S. Franciſco. Porque, como ſeu principal cuidado era ſervir o povo, e entender na converſaõ da Gentilidade, naõ tratavaõ inda entaõ de ter entre ſy Leytores, como agora tem.

Naõ ſe perdia entre tanto a lembrança do edificio de pedra, e cal. Mas alguma couſa o ſuſpendeo a doença, e falecimento, que a ſeguio, do Governador Garcia de Sá. Porem ſuccedendolhe no cargo Jorge Cabral, Fidalgo honrado, e muito pio, tiveraõ os noſſos Religioſos nelle grande pay, e amigo. Porque naõ ſó foy facil, e prompto em acudir com as quantias, que elRey tinha mandado dar pera a fabrica; mas era promotor della com palavras, e obras: E ſe achou com a Communidade, quando ſe deu primeiro principio á Igreja, que foy ultimo dia d'Abril de 1550. E elle por ſua maõ aſſentou a primeira pedra, e debaixo della hum Portuguez de ouro, moeda de quinze Cruzados de peſo. Aſſentou a ſegunda o Padre Guardiaõ de S. Franciſco. Foy grande a ſolemnidade, grande o concurſo da Fidalguia, e povo; e a obra creſceo com taõ boa maõ, e tanta abundancia de tudo, que he o mais fermoſo Templo de todo o Oriente em capacidade, e ſumptuoſidade de pinturas, e dourados, e em numero de Capellas ricamente ornadas. Aſſi tardou em ſe acabar quatorze annos. No diſcurſo dos quaes ſe viraõ algumas couſas bem dignas de memoria pera gloria de Deos. Foy huma, que acontecendo cahir alguns trabalhadores de lugares altos com manifeſto perigo de vida, nenhum morreo. Foy outro, e mais de eſtimar, que ſendo eſtes todos Gentios no principio da obra, quando acabou, nenhum ficou, que ſe naõ converteſſe.

Gaſpar Correa l. 16. do Governo de Jorge Cabral. 1550.

Corriaõ com mais diligencia o gaſalhado dos Frades, e officinas; porque ſobejavaõ officiaes: E com grandeza, e ſumptuoſidade proporcionada; porque naõ faltava dinheiro, tanto da parte do Governador amigo, como de eſmollas com que acudia o povo: Por onde pareceo ao Vigario garal que era tempo de dar ouvidos aos rogos de muitos moços de qualidade, e eſperanças, filhos dos Cidadoens de Goa, que requeriaõ o Habito, aſſi pola boa inclinaçaõ, que ſe enxergava nos ſogeitos, como por gratificar a devaçaõ, que os pays moſtravaõ á Ordem. Creſceo o numero com a dilaçaõ, que o Prelado fez pera provar os Eſpiritos. Tendo em rol quaſi vinte, aprazou dia, e hora pera os receber juntos. Correo ao Convento toda a Nobreza da India: foy dia de triumfo, e gloria pera a Ordem, dando todos graças a noſſo Senhor de verem renunciar o mundo, e delicias delle tantos moços ricos, nobres, e na flor da idade; e em terra, que taõ poucos annos avia, fora huma cova de Demonios, e ladroeira de infidelidade. Sinaloulhes o Vigario geral por Meſtre o Padre Frey Igna-

Ignacio da Purificaçaõ, official velho, experimentado no miſter, que fazia o meſmo, como atraz diſſemos, no Convento de S. Domingos de Lisboa, quando aceitou embarcarſe. Aſſi fez Diſcipulos de grande nome.

Suſtenta eſta Caſa commummente ſeſſenta Religioſos. As vezes chegaõ a ſetenta, e oitenta, reſpeito das monçoens, que detem, e reprezaõ os que haõ de paſſar a outras Caſas. A renda, de que vivem, e que entra nella cada anno, he de ſeis pera ſete mil Pardaos, entrando neſta quantia as eſmollas da Sacriſtia, e a ordinaria, que elRey manda dar de ſua fazenda, que já agora ſobe a dous mil Cruzados em dinheiro, ſete pipas de vinho de Portugal, treze cantaros d'azeite, cento, e vinte Pardáos pera paga de Medico, e Botica. Eſte Convento com o de Chaul, e Cochim achamos aceitados juntos, pola Provincia no Capitulo, em que foy eleyto em Provincial o Padre Frey Joaõ de Salines, anno de 1556.

1556.

CAPITULO VI.

Fundaõſe os Conventos de Chaul, Cochim, e Malaca: Tomaõ os noſſos Religioſos a ſeu cargo a converſaõ da Gentilidade da Ilha de Goa.

LEvantado aſſi o primeiro Convento, que avia de ſer cabeça, e tronco da noſſa Congregaçaõ, e Caſas do Oriente, trataraõ os doze companheiros de ſe repartir, e eſtender a mais lugares. Foraõ os primeiros ás Cidades de Chaul, e Cochim, que já entaõ tinhaõ muito nome, e grande povo de gente Portugueza: e avia occaſiaõ de ſe fazer muito ſerviço a Deos, e bem aos proximos em ambas. Porque de ambas era o trato muy groſſo; que ſempre ha rede de embaraços pera as Almas: Em ambas avia muita riqueza; certa iſca, e incentivo de vicios. Aqui edificaraõ os noſſos Frades com goſto dos moradores, que muito ajudaraõ á obra, e fizeraõ, que excedeſſe os limites, que a humildade Religioſa queria guardar, viſto naõ ſer Moſteiro Realengo. Parece, que adivinhavaõ eſtes povos, que aviaõ de ſer ambas, como depois vieraõ a ſer, Seminarios de grande numero de Religioſos, que correraõ, e povoaraõ todas as Provincias do Oriente, como logo hiremos vendo. Foy o primeiro Convento, em que puzeraõ maõ, o de Chaul, o ſegundo Cochim, o terceiro Malaca.

Vendo o Vigario geral, que tinha acudido conforme a poſſibilidade preſente a ſeus naturaes, que ſegundo a boa ordem de Caridade deviaõ ſer primeiro ſervidos, foy cuidando por onde começaria o primeiro emprego em beneficio da Gentilidade, que muito dezejava. Notou, que em piqueno diſtrito, como he o da Ilha de Goa, que naõ tem mais que tres legoas, viviaõ á noſſa viſta, e converſavaõ na Cidade, hum grande numero de Almas ſem Fé. Tratou com Dom Pedro Maſcarenhas, que elRey pouco tempo depois mandou por Governador do Eſtado, que as repartiſſe, e entregaſſe ás Religioens, pera ſe hirem com ſua preſença, e doutrina diſpondo pera receberem o ſanto Bautiſmo. Foy traça, e conſelho do Ceo polo

grande fruto, que della tem reſultado. Deraõſe duas Ilhas, que ficaõ ao longo da de Goa; huma aos Padres da Companhia, a que chamaõ Salſete; e outra, que he Bardas aos Frades de S. Franciſco. Na Ilha de Goa foraõ entregues aos Frades de S. Domingos quinze Aldeas, ordenaraõſe logo nellas polos noſſos quatro Igrejas, e quatro Vigairarias, e Religioſos em cada huma, que as curaſſem. Fundouſe a primeira na Aldea, que chamaõ Merumbim a Grande, e como cada anno vinhaõ acudindo do Reyno novos Miniſtros do Santo Evangelho, embarcandoſe muitos Padres, como á porfia, pera ajudarem ſeus Irmãos, deuſe o cuidado della ao bom Padre Frey Aleixo de Setuval filho de Habito do Convento d'Azeitaõ. Deulhe elle o nome de Santa Barbora: E em tres annos, que a adminiſtrou, ſe affirma, que bautiſou ſete mil Almas. Fundouſe a ſegunda no lugar de Carapor, chamada de Santa Cruz. A terceira ſe chamou S. Miguel na Aldea de Taleigaõ; a ultima Santa Magdalena na Aldea de Serdaõ. Era a gente muita; mas puzeraõ os Padres taõ boa ordem, e tanta diligencia em ſua adminiſtraçaõ, que ſem mais forças, nem artificios, que a ſingeleza da verdade Evangelica, propoſta com cuidado, e devaçaõ, ſe foy extinguindo a cegueira, e affeiçaõ dos Idolos, e recebendo toda aquella grande multidaõ a luz do Ceo. De maneira, que já no tempo, que iſto eſcrevemos, que he no anno de 1627. quaſi ſenaõ vê nellas homem Gentio. E os mais dos moradores preſentes ſaõ já filhos, e netos de gente bautiſada; e taõ amaçados, e amigos com os Portuguezes, que muitos, que ſe achaõ bem afazendados, cazaõ ſuas filhas com elles. A ordem, com que ſe alcançou, e mantem tamanho bem, foy, e he ainda hoje, mandarem os Padres juntar cada dia pola manhãa todos os mininos em certo poſto, donde vaõ demandar a ſua Igreja em Prociſſaõ, e com modeſtia cantando a Doutrina Chriſtãa em ſua lingoa; que entoaõ dous dos mais deſtros, e os outros reſpondem. Aqui ouvem Miſſa, e vaõ aprendendo até idade de dez annos, alem das couſas da Fé, tambem a ler, e eſcrever, que os Padres enſinaõ com grande paciencia, e continuaçaõ, aos que moſtraõ inclinaçaõ, e habilidade. E porque naõ haja faltas, tem em cada Vigairaria ſeu Miniſtro, que chamaõ Meirinho, cujo officio he ſaber, e apontar os mininos, e mininas, que ha em cada huma. Porque até idade dos dez annos, nenhum ha izento, nem macho, nem femea, de acudirem cada dia á ſanta Eſcolla. Acabada a liçaõ, tornaõſe com o meſmo concerto, com que vieraõ, ao lugar, onde ſe juntaraõ, e dahi pera ſuas caſas.

1627.

CAPITULO VII.

Em que ſe apontaõ os Vigarios geraes, que governaraõ eſta Congregaçaõ, com ſeus nomes, e tempo, que no cargo aſſiſtiraõ.

ANtes que deſçamos aos feitos mais particulares da Congregaçaõ, e dos filhos della, ſintome obrigado a ſeguir o titulo, que nas couſas da Provincia

vincia temos levado, em quanto achamos luz, e memoria pera o continuar: Digo fazer huma relaçaõ ſummaria, em que ſe achem juntos tempo, e nomes dos Prelados, que nella preſidiraõ. Porque conſidero ſer diligencia de muita ſatisfaçaõ pera quem lê: E em certo modo hum genero de alivio, e deſcanço, pera quem folga de fazer memoria, e juizo da liçaõ. Aſſi o fizemos na Primeira Parte deſta Hiſtoria, apontando os Provinciaes Portuguezes, que podemos deſcubrir de toda Eſpanha, antes que ouveſſe ſeparaçaõ de Provincias. Aſſi o fizemos na Segunda, particularizando por huma parte os Provinciaes, que adminiſtraraõ eſta Provincia depois da ſeparaçaõ, que ouve entre Portugal, e Caſtella, e em quanto duraraõ os Vigarios, que ouve nos Conventos da Obſervancia: E por outra parte dando tambem particular noticia dos meſmos Vigarios da Obſervancia. E finalmente deixamos feita ſemelhante diligencia neſta Terceira Parte, depois que a Provincia ſe unio debaixo da obediencia de huma ſó cabeça, com relaçaõ preciſa, e miuda de todos os Provinciaes, que a governaraõ até o tempo, em que fazemos conta de dar fim a eſte longo, e cançado trabalho de eſcrever.

P. 1. l. c.

P. 2. l. c.

P. 2. l. c.

P. 3. l. c.

Governou o primeiro Vigario geral, Frey Diogo Bermudes, a Congregaçaõ deſdo anno de 1548., em que foy inviado á India, até parte do de 1559., que foraõ onze annos.

Foy ſegundo Vigario o Padre Frey Antonio Pegado, peſſoa de grandes letras, grande prudencia, e conſelho, inviado pola Provincia ao cargo: E aſſiſtio nelle quatro annos.

Seguioſe o Padre Frey Manoel da Serra, e cumprio ſeus quatro annos.

Succedeolhe por commiſſaõ inviado da Provincia o Padre Antonio Pegado, que reſidia em Goa: E começou novo, e ſegundo governo, no qual faleceo a cabo de dous mezes.

Por ſeu falecimento tornou a entrar no cargo o Padre Frey Manoel da Serra. Tocoulhe a ſucceſſaõ por hum aſſento, que ha na Congregaçaõ, que entre, no lugar do Vigario geral defunto, quem eſtiver no de Prior de Goa, que elle actualmente ſervia: E aſſiſtio deſta vez no officio de Vigario geral dous annos.

Sabida em Portugal a morte do Padre Frey Antonio Pegado, foy inviado da Provincia o Padre Frey Franciſco d'Abreu, que cumprio ſeus quatro annos.

Entrou apoz elle o Padre Frey Gaſpar de Mello, Meſtre em Theologia, e Inquiſidor da India. Governou quatro annos.

Foylhe por ſucceſſor o Padre Frey Bernardino d'Almeida, Irmaõ de Dom Franciſco d'Almeida: Cumprio ſeus quatro annos. Era filho do Convento de Bemfica.

Outros tantos governou o Padre Meſtre Frey Antonio de Santa Maria, que foy nomeado da Provincia por ſeu ſucceſſor, eſtando na India, e em idade de quaſi ſetenta annos, depois de ter trabalhado muitos em ler Theologia, e ſer muitas vezes Prelado. Contaſe delle, que adoecendo de grave doença, ſeis meis antes de cumprir ſeu tempo, ſempre affirmou, que naõ

morreria, ſem primeiro lhe vir ſucceſſor do Reyno. E fallou tanto ao certo, que veyo a falecer no meſmo dia, que chegaraõ as naos do Reyno, e entrou por Caſa novo Vigario geral, com cuja viſta pedio o Sacramento da Unçaõ, que o meſmo ſucceſſor lhe miniſtrou, cumpridos como a Santo ſeus bons dezejos, e com elles o termo juſto dos quatro annos de ſua Prelacia, e juntamente o da vida.

Frey Jeronymo de Santo Thomás ſe chamava eſte Padre, inſigne pola fermoſa companhia de Prégadores, com que entrou em Goa. Naõ foraõ menos de vinte quatro, e elle foy ſeu Prelado ſupremo, e da Congregaçaõ ſete annos.

Traz elle a governou ſinco o Padre Frey Franciſco de Faria, e porque faleceo no cargo, lhe ſuccedeo o Padre Frey Jeronymo de S. Domingos, que eſtava na India.

Eſte Padre Frey Jeronymo cumprio quatro annos de governo.

Por fim delles chegou de Portugal por Vigario geral o Padre Frey Antonio de Leaõ, que faleceo aos ſeis mezes depois de chegado.

Tambem viveo pouco quem lhe ſuccedeo, que foy o Padre Frey Antonio Dorta, que naõ durou no cargo mais que hum anno, e meyo.

Entrou em ſeu lugar por ſucceſſaõ o Padre Frey Domingos Pico, que foy o primeiro Religioſo natural da India, que governou a Congregaçaõ. Era naſcido na Cidade de Cochim, tinha dez mezes de Prelado, quando lhe chegou ſucceſſor do Reyno.

Foy o ſucceſſor o Padre Frey Antonio de Siqueira, que cumprio quatro annos, e ſe tornou pera a Provincia.

Succedeolhe mandado do Reyno o Padre Frey Thomás de Siqueira, que partio de Lisboa nas naos de 1608., e teve o cargo até Setembro de 1614. 1608. 1614.

Por Março de 1614. foy deſpachado da Provincia por Vigario geral o Padre Frey Miguel Rangel, que deixada a cadeira, que lia de Eſcritura no Convento de Lisboa, ſe tinha recolhido na Recolleta, que no anno atraz tinha mandado aſſentar no Convento de Bemfica o Reverendiſſimo Geral Frey Serafino Secco. Paſſou com boa viagem á India, e cumprio ſeus quatro annos.

Por ordem, que ſe mandou da Provincia, ſuccedeo no governo da Congregaçaõ o Padre Meſtre Frey Antonio de S. Domingos, famoſo Letrado: Era filho da Congregaçaõ, mas natural de Lisboa. Delle ſe diz, que tinha viſta de Lince, que paſſava paredes, e todo corpo ſolido, couſa portentoſa, mas certa. Adoeceo a cabo de hum anno. Faleceo em dia de N. Senhora do Roſario, de quem era muito devoto.

Apoz eſte Padre entrou por ſucceſſaõ, e nova ordem de provimento ſecreto, e cerrado em vias, que ſe abriraõ, como ſe uſa no governo dos Viſo-Reys, o Padre Meſtre Frey Diogo Madeira, que govenou tres annos.

Paſſados eſtes, chegou ordem da Provincia, que lhe ſuccedeſſe o Padre Meſtre Frey Jeronymo da Payxaõ. Começou a ſervir com a chegada do Conde da Vidigueira á India, da ſegunda

gunda vez que a foy governar. E naõ ſabemos, que tinha deixado o cargo da Congregaçaõ no tempo, que iſto eſcreviamos, que he em Fevereiro do anno de 1627.

Entre as ſucceſſoens deſtes Padres Vigarios geraes, ſabemos, que partiraõ da Provincia muitos Religioſos merecedores de ficarem em memoria por partes de letras, e virtude, e polo animo, que levavaõ de ſervir nos miniſterios da Congregaçaõ. Ouve arribadas, e perdiçoens de naos, que tolheraõ chegarnos a noticia delles. Mas naõ deixaremos em ſilencio a valeroſa, tanto como infelice determinaçaõ com que ſe offereceo ao meſmo ſerviço o Padre Frey Antonio de la Cerda, depois de quatro annos de Provincial, e em idade mais pera deſcançar na Patria com a authoridade, que tinha ganhado com elRey Dom Filippe I. de Portugal, e ſeus miniſtros, que pera começar de novo a experimentar os trabalhos do mar que na mocidade curſara. Porque tomou Habito na India depois de ter alguns annos de ſoldado. Aviavaſe pera paſſar á India em Novembro de 1590. Ruy Gomes da Graõ por Capitaõ do Galeaõ S. Lucas. Naõ lhe ſofreo o coraçaõ eſperar o tempo mais proprio deſta navegaçaõ, que he a entrada de Março do anno ſeguinte. Juntou comſigo hum bom numero de ſogeitos de grande qualidade em Letras, e Religiaõ. Embarcouſe com titulo de Vigario geral da Congregaçaõ, cargo, em que ſe via fazer notavel ſerviço á Ordem polos maiores, em que eſteve occupado. Partiraõ de Lisboa com bom tempo; mas como era na força do Inverno, era em dezoito de Dezembro, carregoulhes tanto vento, que parou em tormenta desfeita. Affirmaſe, que na primeira noite, que começou, e no primeiro impeto della ſoſſobrou o Galeaõ. Porque huma caravella, que o ſeguia, paſſado o temporal, naõ ouve mais viſta delle, e julgavaõ os paſſageiros, que fora cauſa de ſua perdiçaõ, levarem abertas as portinholas da artelharia baixa com as peças abocadas, e alagarſe por ellas d'agoa. Era tempo de guerras com Inglaterra, o Capitaõ bom ſoldado, mais que marinheiro. Porque a conjunçaõ pedia acautelar contra os Elementos, naõ contra os homens.

Tambem foraõ mantimento dos peixes por differente modo outros dous Vigarios geraes, que depois partiraõ do Reyno, e ambos acabaraõ no mar de ſua doença. Foy hum o Padre Frey Pedro dos Anjos: outro o Padre Frey Antonio Ferreira: Com o primeiro morreraõ tambem os Padres Frey Gaſpar do Roſario, natural d'Aveiro, e Frey Balthaſar da Veiga d'Evora: com o ſegundo outros dous companheiros, Frey Paulo do Canto, e hum Irmaõ Leigo, que treſvaliado com freneſis ſe lançou de noite ao mar.

CA-

CAPITULO VIII.

De alguns filhos deſte Convento de S. Domingos de Goa, dignos de memoria.

HUm dos primeiros Noviços, que neſta Caſa de Goa veſtiraõ o ſanto Habito, foy Frey Chriſtovaõ do Eſpirito Santo. Era moço muito habil, e bem pratico nas lingoas do Gentio da terra, e dos Mouras. Como acabou ſeu eſtudo, e foy ordenado de Miſſa, com idade pera doutrinar, e confeſſar, deuſelhe licença, pera confeſſar geralmente nas quatro Vigairarias. Porém juntava com a habilidade natural vida inculpavel, muita modeſtia, e grande zelo da honra de Deos. Com eſtas partes chegou a deſcubrir, que permaneciaõ todavia entre os Bautiſados ſecretas reliquias de coſtumes Gentilicos. Fez diligencia contra os culpados, prendeo, e caſtigou alguns. Encheraõſe de raiva todos, atiçou a paixaõ o pay da maldade Lucifer. Conjuraõſe em matar o bom Paſtor a ferro. Mas temendo ſer ſentidos, e aver de pagar a treiçaõ com as cabeças, mudaraõ conſelho, e uſaraõ de meyo mais ſeguro, e mais ſecreto; que foy, daremlhe peçonha taõ disfarçada (como toda a India he cheya de meſtres della) que o innocente Religioſo naõ entendeo, ſenaõ depois que os effeitos, e accidentes a deſcobriraõ; que foraõ publicos, ſahindolhe por todos os membros evidentes ſinaes do toxico, baſtante pera vencer, e derribar qualquer natureza, que naõ fora ou taõ robuſta, como a ſua, ou taõ defendida de quem tudo governa com ſoberana providencia, que he Deos.

Sincoenta annos tinha dado ao mundo Simaõ Botelho d'Andrade, tendo ſervido tres annos de Capitaõ de Malaca, e doze de Veador da Fazenda da India, depois de muitos de valente ſoldado, quando lhe abrio Deos os olhos, pera entrar em contas comſigo: E peſando com bom juizo as couſas do mundo, vio que era ſonho a vida, ſombra os goſtos, vidro a ſaude, doença, e miſeria por ſy a velhice, em que eſtava entrado, que tinha a morte á porta, e a ſalvaçaõ arriſcada: Determinouſe animoſamente em deixar tudo, e tratar ſó de ſeguir a vida, e bens d'Alma. Vaiſe hum dia ao Vigario geral Frey Diogo Bermudes, pedelhe por miſericordia huma mortalha do Habito de S. Domigos. Lançoulha elle com grande alegria de toda a Communidade: Recebeoa o Noviço com igual conſolaçaõ de ſua Alma, e eſpanto de toda a gente ſecular da India, que paſmava de ver, que quando era tempo de lograr as riquezas, que já poſſuia, e goſtos, que podia ter certos, entaõ ſe enterrava por ſua vontade, e entrava em novo genero de milicia, e trabalhos depois de velho. Mas ninguem ſe eſpertou, nem ſentio mais eſta mudança, que Dom Pedro Maſcarenhas, que chegando do Reyno a governar a India, e fazenzendo conta, que tinha neſte homem hum Piloto ſabio, e ſanto, pera com elle acertar, e deſcançar nos mayores cuidados daquelle Eſtado grande, pareceolhe, que o achava enterrado.

Era

Era iſto em tempo, que eſtava recolhido de pouco. Naõ quiz, nem podia desfazer a obra de Deos; que ſe mudaõ mal os homens creſcidos. Mas por naõ perder o intereſſe do bom conſelho, do qual, trazia ordem d'elRey Dom Joaõ, ſe aproveitaſſe, naõ tomava aſſento em nenhuma couſa importante, ſem o ouvir. Hiaſe ao Convento, ſentavaſe com elle no canto da cella, em quanto foy Noviço. E affirmaſe, que de ſeu parecer proveo couſas de muita importancia, e ſuſtancia pera bem do Eſtado, e ſerviço de Deos. Depois que profeſſou, mandavao chamar, pera ouvir ſeu parecer nas materias, em que fazia Juntas com Fidalgos, e Capitaens. O meſmo fez depois o Viſo-Rey Dom Conſtantino, Irmaõ do Duque de Bragança, dandolhe tanto credito em tudo, que quando foy a conquiſta do Jaffanapataõ, o levou comſigo. Porque naõ tinha menos voto nas couſas da guerra, que nas da paz. Eſte Viſo-Rey lhe fez a feſta, e gaſto da ſua Miſſa nova com grande aparato, e magnificencia, por mandado da Rainha Dona Catharina, que já entaõ governava o Reyno, por morte d'elRey D. Joaõ. Soube, que Dom Pedro lhe fizera a profiſſaõ com largueza: Mandou, que na Miſſa nova ouveſſe aventagem. Ficaraõ deſte Padre muitos exemplos de humildade, obediencia, e brandura Religioſa, com que ſe fazia amar de todos. Na obra da Igreja foy incanſavel ajudador. Affirmaſe, que a ſeu trabalho, e diligencia ſe deve a fermoſura della. Porque de noite recolhido na cella eſtudava traças pera alvitres de eſmollas, que ſem damno da Fazenda Real, nem das partes ſerviſſem pera a obra: E por taes lhe eraõ logo concedidos polos que governavaõ. Eſtas eſmollas, com o que deu de ſua fazenda, e deraõ por amor delle ſeus amigos, ſe achou por conta de livro, que ſubiraõ a trinta mil Pardáos. De dia aſſiſtia com os Architectos, e officiaes, ora procurando a perfeiçaõ da fabrica, ora correndo a pé, e muitas vezes, as pedreiras a ver, e notar a cantaria, que ſe cortava. E ultimamente foy grande parte com ſua brandura, e bons modos, pera que todos os Gentios, que na obra ganhavaõ jornaes, ſe virem a converter, e ganhar as Almas: E elle por ſua maõ os bautiſou em hum dia de S. Domingos. Faleceo de ſua doença, pedidos, e recebidos todos os Sacramentos. E ficou em memoria, que no da Extrema Unçaõ fez huma falla a todo o Convento junto, com tanto Eſpirito, que eſpantou muito aos doutos, e conſolou a todos.

Filho foy do meſmo Convento, inda que naſcido em Setuval, o Padre Frey Jorge da Coſta. Aſſiſtindo na Vigairaria de Santa Barbora com ſeu natural, e amigo o Padre Frey Aleyxo de Setuval, hum dia de S. Lourenço, em que o Vigario fez Bautiſmo geral dos que tinha convertido, e cathechiſado no diſcurſo de hum anno atraz, foy taõ exceſſivo o trabalho, que padeceo no ſanto miniſterio, e em veſtir os Bautiſados, que paſſavaõ de ſetecentos, que adoeceo gravemente: E ſendo levado a Goa, á Enfermaria do Convento, pera ſer melhor curado, durou

rou poucos dias. Nelles padeceo fortes tentaçoens do Inimigo infernal, que em figura de hum Cafre, negro, e feo (propria figura de qual o tem feito ſeu peccado, ſendo dantes fermoſo, e bello como a Eſtrella d'Alva) o tentava com deſeſperaçoens de ſalvaçaõ. Chamou o affligido Padre polos Irmãos, que lhe aſſiſtiaõ, queixouſe, pedio ſoccorro. Começaraõ huma Ladainha, invocando todos os Santos do Ceo. E chegando ao verſo, *Agnus Dei miſerere ei*, deſapareceo o tentador. Ficou o enfermo cheyo de alegria, e com ella eſpirou, e em mãos de Frey Aleyxo, que nunqua o deſemparou.

Por filhos deſte Convento de Goa podemos com rezaõ contar os doze, que o fundaraõ, que todos, e cada hum per ſy merecem memoria, e fama. E tiveramos boa occaſiaõ de Hiſtoria, ſe entre nós naõ faltara (queixa já ſem remedio) aquelle bom cuidado, que as outras Religioens tem nas couſas do luſtre geral dellas, e dos que por ellas trabalhaõ. Aſſi, ſendo certo, e averiguado, que alem deſtes doze nos deu eſte Convento muitos Eſpiritos, que em vida, e morte foraõ inſignes, he muy pouco o que de huns, e outros achamos apontado com aquella particularidade, e certeza, que em Hiſtoria Religioſa ſe requer.

Entre o pouco, que achamos, ſe offerece dizer alguma couſa do Padre Frey Gaſpar da Cruz, que foy hum deſtes doze. Eſte Padre foy natural d'Evora. Depois de ſerem fundados os Conventos de Goa, Chaul, e Cochim, navegou pera Malaca, e fundou a Caſa, que alli temos: Mas naõ lhe ſofreo o Eſpirito deſcançar, depois que a teve em eſtado. Tendo novas, que no Reyno de Cambaya avia diſpoſiçaõ pera receber o Santo Evangelho, foyſe a elle, communicou o Rey, e o povo: Mas achou, que fora engano dos informadores. Porque depois de lhe ter cuſtado experimentar na viagem do mar muitos perigos de fome, e doença, e perder na terra perto de hum anno de tempo em eſtudar a lingoa, achou que o Rey era Bramene por ſeyta, feiticeiro por goſto, e coſtume, e governado por outros taes, que eſtes eraõ os ſeus maiores validos; e huns, e outros naõ punhaõ maõ em nada, ſem primeiro conſultar o Diabo. Vendo que naõ avia que eſperar de homem, que de tal conſelheiro ſe ſervia, quiz tentar o povo, deu com nova difficuldade, alçançou, que era todo, ſem ficar homem, cativo do Rey, por hum muito antigo, e máo direito, e polo meſmo caſo, inda que lhes moſtrava ſuas ignorancias, e elles as confeſſavaõ, por taõ cativos ſe aviaõ do Rey nos entendimentos, como nas peſſoas: E conhecendo a verdade, por nenhum caſo ſe atreviaõ a admittilla, dizendo, que ſem licença de quem lhes tinha maõ a liberdade, naõ podiaõ mudar crença. Obrigado da cegueira do Tyrano, e miſeria dos ſubditos, dezejou buſcar gente menos entregue ao Diabo, ou mais ſenhora de ſy. Avia no porto hum navio da China; notara bom juizo nos homens, communicandoos; foyſe com elles, e entrou pola terra dentro, e foy o primeiro Religioſo, que lhes

levou

levou novas do Santo Evangelho. Mas parece, que naõ era chegado o tempo, em que Deos queria começar a abrirlhe os olhos, nem a eſtes, nem aos de Cambaya. A cabo de hum mez, que gaſtou na Cidade, de entaõ fazendo ſuas diligencias na materia da Fé, acudio o Inimigo do genero humano com hum encontro, que naõ podia ſer traçado ſenaõ de ſeu engenho. Apareceraõ taboas por todas as ruas com rotolos, que ninguem agaſalhaſſe os Portuguezes ſob graves penas. Aſſi foy força deixar a terra, e o intento. Entrou o Padre Frey Gaſpar em hum Templo, vio tudo cheyo de Idolos, paos, pedras, e metaes; inflamado em zelo do verdadeiro Deos, e com dor de ver gente, que enchia a caſa, e taõ cega, que os eſtava adorando; chegaſe aos que com ſuas forças pode abalar, dá com elles em terra, moſtraraõ cahindo, quem eraõ fazendoſe pedaços. Acudia o povo á vingança, pedio elle, que o ouviſſem: E taes couſas lhe poz Deos na boca, moſtrandolhes a vaidade, e engano, que nenhum mal lhe fizeraõ. Perdeo o bom Padre a coroa certa do Martyrio, que dezejava: E os Chins moſtraraõ ſeu bom entendimento em o naõ maltratarem polo feito. Mas era incanſavel o animo deſte Padre, e exceſſivo o dezejo, em que ardia de prégar a Fé. E ſe bem deſpejou eſta terra, porque naõ pode alfazer, buſcou logo outra igualmente cega, e neceſſitada. Navegou pera Ormuz. Aqui achou mais liberdade. E naõ ſó prégou, e aproveitou muito, e a muitos; mas ajudou a fundar a Caſa, que alli teve a ordem algum tempo; e depois por juſtas conſideraçoens largou. Da China, e Ormuz nos deixou Frey Gaſpar huma bem eſcrita Relaçaõ, que ſe imprimio em Evora no anno de 1569. Porque em fim de tanto mar coado, e tantas terras acometidas, fez ultima viagem pera a Patria: Naõ pera deſcançar, mas pera merecer com ella em outros ſerviços, de que ao diante ſe dirá alguma couſa. 1569.

Padre Mendonça l. 2. c. 3. do ſeu Itinerario.

Companheiro foy dos doze, e parte naõ piquena em ſeus trabalhos o Padre Frey Ignacio da Purificaçaõ; primeiro Meſtre de Noviços em Goa: taõ conhecido, e eſtimado por toda a India, que dahi naſceo andar eſcrito, como anda, no Martyrologio da Ordem entre os Varoens mais inſignes della.

CAPITULO IX.

Do Padre Frey Antonio Peſtana, filho do Convento de Goa.

NEſte Convento foy recebido ao Habito Frey Antonio Peſtana, ſendo naſcido no Reyno de Portugal na Villa de Figueiró, Biſpado de Coimbra, Villa, que ſempre ſe acompanha com o titulo dos ſeus vinhos, pola abundancia, que delles tem. Sua vida foy inſigne em Religiaõ, ſua morte dando o ſangue por Deos. Bem nos merece por huma couſa, e outra, que alarguemos hum pouco a narraçaõ de ſuas couſas. Paſſou Frey Antonio á India muito moço: Seguio o exercicio das armas, e deu taõ boa conta de ſy, que alcançou nome de valente ſoldado na guerra, pelejando com

os Inimigos do Eſtado; e na paz ſahindo a deſafios com alguns naturaes, que primeiro aviaõ ſido, ou amigos, ou companheiros. Aſſi era buſcado dos Fidalgos, que ſe embarcavaõ, reſpeitado dos Soldados, e eſtimado de todos. Mas no meyo deſta Oufania, que o mundo julgava por felicidade, veyo a cahir com bom diſcurſo, que hum dia podia ſer vencido, e morto na paz, ou colhido de hum pelouro em máo eſtado na guerra, e faria naufragio á Alma, ſendo ella o theſouro, de que ſó deve fazer conta o homem ſiſudo. Conſiderava, que ſendo tal, naõ ſó o trazia em vaſo de barro, fraco, e quebradiço: Mas por huma vãagloria, e falſa opiniaõ do vulgo o arriſcava precipitadamente, e por ſua vontade cada dia. Aſſentou comſigo buſcar milicia, onde vencedor, e vencido ſeguraſſe ſempre o partido d'Alma. Mas acudio logo o tentador a lançar nevoas, e eſcurecer o que já eraõ luzes do Ceo, e da graça; e como o tinha por ſeu na vida paſſada, e he grande dór do Inferno hum peccador convertido, armouſe contra elle de todos ſeus artificios, e maldade, provou varios generos de tentaçoens, e enganos: E em fim vendo que prevalecia a graça, deſcobrioſe, fallou claramente, e naõ alcançando nada, nem por eſta via, fulminou medos, e fantaſmas: E pera mais merito de novo ſoldado de Chriſto, permittindoo aſſi o Senhor, chegou a pôrlhe as mãos, e tratallo mal. Porém tudo o confirmava mais em reconhecer, que lhe convinha acolherſe a ſagrado, que pois o inimigo nos tempos, que andava afogado no vicio, e ſoberba da vida, nunqua ſe lembrava delle, ſinal era que fazello agora naõ podia ſer outra couſa, ſenaõ dór de o ver ſeguir os caminhos da verdade. Animado deſte penſamento, e poſta toda ſua confiança naquelle Senhor, a quem nenhum peccador, por grande que ſeja, ſe de verdade o buſca, faz aſco: Antes aos taes manda feſtejar polos ſeus cortezãos do Ceo: Entrou polas portas de S. Domingos de Goa, e pedio, e recebeo o ſanto Habito. O valor, com que ſe governou neſta nova milicia do Ceo, foy hum retrato do meſmo, com que tinha procedido na terra, mudados ſómente os fins: Lá ſoberba, cá huma exterma ſummiſſaõ: Lá naõ ſofrer nada, cá ſer anticipada, e andar por humilde debaixo dos pés de todos, e tomar ſobre ſy ſó todas as cargas; e pezos mayores da Religiaõ: Lá pouco lembrar do Ceo, cá, ſe o naõ divertia a obediencia em algum ſerviço, eſtar em perpetua vigia diante do Santiſſimo Sacramento, orando: Lá feſtas, riſos, murmuraçoens: cá ſilencio inviolavel, lagrimas continuas; e os banquetes, e dilicias de Aſia convertidas pera toda a vida em Adventos, e Quareſmas inteiras paſſadas a jejum de paõ, e agoa. Aſſi o teſtemunha o Padre Frey Antonio da Viſitaçaõ na Relaçaõ, que nos deixou eſcrito, e temos em noſſo poder, das couſas deſta Congregaçaõ, em que reſidio muitos annos, e em ella acabou a vida; como ao diante veremos. Em fim tal foy o Noviciado, que naõ ſe lhe eſperou mais pera o fazerem Meſtre delle, que chegar a cantar Miſſa. Vioſe o

acer-

acerto da eleyçaõ na hora, que a começou a exercitar, como quem ſe apercebe de matalotagem pera navegaçaõ comprida: Aſſi ſe fundou de novo em toda virtude, vendoſe encarregado d'Almas. Lembravalhe quaõ arriſcada trouxera hum tempo a ſua: Naõ queria ver nenhuma com perigo. Dazaſeis Irmãos avia na Caſa, quando lhe foy entregue: Eraõ os dez Noviços puros. Como ſe foraõ olhos ſeus, aſſi lhe temia até os argueiros, e procurava guardallos delles. Aſſi os vigiava, como ſe elle fora mãy, e elles Donzellas. Ouvio hum dia na liçaõ da meſa: *Filiam habes, ne oſtendas ei faciem hilarem.* Pareceolhe, que dizia: Tens filha, lembrate, que inda que ſeja huma ſó, ſempre te ache carregado no roſto, nunqua riſonho, nem prazenteiro. Sendo toda a brandura do mundo em lhes procurar conſolaçaõ de obra, e palavra, o ſembrante ſempre era torcido, ſevero, e ſombrio. E quando convinha caſtigar, ſe carregava a maõ, viaſe nelle, que o fazia á força, e contra ſua natureza. Com tudo o rigor era poucas vezes, porque de maneira o fazia reſpeitar a gravidade do geſto, que ſe dizia por elle, que o ſeu callar fazia Capitulos, e o ſeu fallar obrava: Taes eraõ as palavras, que abrazava com ellas os coraçoens, e a todos enchia de amor da virtude, e dezejos de agradar a Deos: Taes as obras, que como ſe tivera Eſpirito profetico, aſſi ſentiaõ todos, e cada hum em ſy, que fallando, e obrando lhes acudia ás neceſſidades interiores. Dous caſos diremos neſte propoſito, que polo fruto, que delles reſultou, ficaraõ em lembrança.

Proverb.

Eſtava hum dia na cella do Prior tratando com elle no que tocava a ſeu cargo: Eisque ſubitamente fica todo demudado, e ſem cór no roſto, corta a pratica, e ſendo elle a meſma modeſtia, e compoſtura, ſem fazer mais que abaixar a cabeça, levantaſe, e tira pera caſa apreſſurado. Notou o Prelado tudo: e naõ foy deſcuidado em querer entender a cauſa alguns dias depois. Confeſſoulhe com humildade o Meſtre, que naquelle ponto, em que o vira ficar como deſmayado, vira o Demonio em figura de Serpente entrarlhe por Caſa dos Noviços; e acudindo atalhara o damno, que procurava fazer. Naõ ſe declarou mais por entaõ; mas da qualidade do ſegundo caſo ſe póde inferir.

Andava hum Noviço tentado pera deixar o Habito: Acreſcentavalhe o Inimigo o faſtio delle; porque o Meſtre a nenhum outro mortificava tanto: E na verdade aſſi paſſava, eſpantandoſe todos os companheiros, e naõ podendo nenhum alcançar a cauſa. Hum dia vindo de Matinas fez Capitulo, e ſem aver defeito, nem occaſiaõ, chamou por elle, mandoulhe dizer ſuas culpas, e logo, como ſe o tentador lhe tivera declarado ſeu animo, lhe foy dizendo algumas couſas do amor, que devia ao eſtado a que Deos o chamara: Os deſaſtres ordinarios, e ſabidos, dos que o deixavaõ, e dos bens, que a Religiaõ rendia na vida preſente, e na futura. Eſpiravaõ as palavras fogo, amor, e devaçaõ, que ſe fazia conhecer nos ſuſpiros, e lagrimas,

que brotavaõ de peitos, e olhos de todos. Por remate: Eu meu filho, diſſe, no pouco, que me recolhi antes de Matinas, vi em ſonhos hum Milhano negro, e feo, que deſcia ſobre dezaſeis frangainhos, que me rodeavaõ, e empolgava em hum. Acudia eu, tiravalho das garras, porem ferido, e maltratado. O milhano he o Demonio Inimigo do genero humano, e tanto maior de cada hum, quanto mais entrada lhe dá em ſua Alma: o ferido ſe ſuas unhas ſois vós, meu filho; e por aqui vereis como trata a quem ſe lhe rende. Hora pera que vos naõ arrebate facilmente, que ſegundo parece, por vos achar mais leve, ſe atreveo comvoſco, he neceſſario, que vos ajudemos com algum pezo, que ſerá o deſta diſciplina: E logo lha deu taõ cruel, e ſem piedade, que fez paſmar os Irmãos, por couſa nova, e extraordinaria no Meſtre. Foy cura de Medico Sabio, cura apropriada á doença: Moſtrouſe nos effeitos. Recolhidos os Irmãos, ficou o penitenciado ſó debruçado em terra, regandoa com lagrimas de tal affecto, e compunçaõ, que as naõ enxugou, nem ſe levantou até o ſegundo de Prima: E affirmava depois, que nunqua deſque entrara na Ordem, ſentira em ſy tamanha conſolaçaõ, nem folgara tanto de ſer Frade, como depois de recebidos os duros açoutes, que naõ foraõ caſtigo, ſenaõ mezinha, e remedio ſanto pera ſua Alma. Porque a verdade era, que naõ ſó andava tentado, mas na meſma hora tinha aſſentado comſigo, tanto que o Meſtre ſe recolheſſe na cella, pedirlhe ſeus veſtidos, e hirſe. Foy penhor deſta confiſſaõ perſeverar honradamente no Habito, profeſſar a ſeu tempo, viver, e morrer nelle conſolado.

Deſte, e de outros ſucceſſos naſceo, que quando ſuccedia fallarſe neſte Frade, quem o queria nomear pera fazer differença de outro do meſmo nome, que na Congregaçaõ reſidia, e vindo depois pera a Provincia faleceo no mar, chamavalhe o Santo. E vioſe, que naõ era adulaçaõ, nem penſamento pouco fundado; porque em hum accidente, que teve de hum mal, que na India chamaõ Mordexim, dandoo os Frades por morto, lhe fizeraõ em retalhos os Habitos, e todas as mais peças de ſeu uſo, e por reliquias as repartiraõ entre ſy. Mas eſtavalhe guardado mais glorioſo fim, á maõ de Mouros, e em odio da Fé, e ſerviço da Chriſtandade de Solor, como veremos adiante. Naõ acabou do accidente. Contaſe delle, que ſendolhe dada a Vigairaria de S. Miguel da Ilha de Goa, pera convalecença de huma comprida doença, nunqua deixava de ſe levantar á meya noite a reſar ſuas Matinas diante do Santiſſimo Sacramento, e depois ficar em Oraçaõ grande eſpaço: cuidado, e continuaçaõ que tinha no Convento. E pera inclinar os Fregueſes a devaçaõ, e mais veneraçaõ do culto Divino, todos os Domingos, e dias Santos dizia Miſſa cantada.

P. Frey Joaõ dos Santos l. 2. c. 5. da Chriſtandade Oriental l. 5. c. 15.

CA-

CAPITULO X.

De outros Religioſos de grandes partes em virtude, e letras, que neſte Convento de Goa reſidiraõ.

COm grande nome de Pulpito, e letras reſidio neſte Convento o Padre Frey Sebaſtiaõ de Vargas, Preſentado em Theologia, de que foy Lente naõ ſó nelle, mas tambem no dos Padres de S. Franciſco, em tempo, que na India naõ tinhaõ Lentes, como já hoje tem.

Tambem leo neſta Caſa Theologia o Preſentado Frey Eſtevaõ d'Aſſumpçaõ, que depois foy por ordem do Arcebiſpo Primaz de Goa, e com poderes da Santa Inquiſiçaõ ampliſſimos viſitar as Igrejas de Moſſambique, e Coſta de Melinde, e Ilhas de Quirimba: Jornada em que fez grande ſerviço a Deos, e beneficio aos povos, e emendando erros, caſtigando culpas, com muita prudencia, inteireza, e Chriſtandade.

Se a voz do povo, como affirma o Proverbio, he voz de Deos, naõ podemos negar nomes de Santos aos dous Padres Frey Diogo d'Aveiro, e Frey Thomás do Eſpirito Santo, Meſtre em Theologia, e Deputado do Santo Officio. Porque ambos em toda a India naõ ſó tinhaõ ganhado opiniaõ de grande virtude, mas de huma muy ſolida ſantidade. Do Padre Frey Thomás temos já feito memoria em outra Parte, e de força o faremos ſegunda vez, quando tratarmos do Collegio de Santo Thomás de Pangim, que foy obra de ſuas mãos, e induſtria.

A perfeiçaõ de vida do Padre Frey Thomás da Cova, que depois de muitos annos de reſidencia deſte Convento, e de Prior de Chaul foy ſer Vigario em Mangalor, teſtemunharaõ os Gentios, com verem na noite, que faleceo, ſubir polos ares huma reſplandecente, e glorioſa companhia; em que notaraõ com eſpanto grande multidaõ, e differença de roſtos, trajos, e cores, que ſeguiaõ como em triumfo huma Senhora, que em tudo repreſentava imperio, e geito ſenhoril, e junto della hum retrato de Frade, que já conheciaõ ſer o Vigario. Divina permiſſaõ pera honra de ſeu ſervo, e pera edificaçaõ dos fieis, e ſalvaçaõ dos Gentios: Dos quaes ſe affirma, pediraõ muitos o Santo Bautiſmo, penetradas as Almas do que ſeus olhos viraõ.

Deſta Caſa foy ſer Prior da de Cochim o Padre Frey Luis de Medeiros, que ſervindo o cargo, e ſabendo de certo por conta de receita, e deſpeſa, que naõ avia trigo no celleiro pera chegar ao cabo do anno, nem dinheiro no depoſito pera o comprar, com que ſe temia grande falta, e trabalho no Convento, nunqua deixou de acudir aos pobres, que eraõ muitos, com largueza: E no cabo do anno ſe achou com trigo de ſobejo. O Padre Frey Antonio da Viſitaçaõ na ſua relaçaõ conta iſto por outro modo. E diz, que ſobre ſer o trigo pouco, aconteceolhe chover no lugar, em que eſtava recolhido, que era como hum payol de madeyra; e quando ſe lhe acudio, eſtava todo molhado. Era o Inverno grande, o trigo pouco, e mal parado,

do, muitos os que comiaõ delle. Acudio o Prior á Oraçaõ, em que era continuo, e mandou, que o trigo ſe eſtendeſſe polo Clauſtro, pera ſe enxugar, e aproveitar. Foy couſa averiguada, que quando o Procurador tornou ao payol, pera o recolher, achouo cheyo de trigo bom, e enxuto, e em tanta quantidade, que ao abrir da porta corria por ella fora. Encomendou o Prelado ſegredo na maravilha, e fez repartir, o que eſtava no Clauſtro, entre os pobres, do qual ſe affirma, que aſſi molhado fazia melhor paõ, que quando eſtava muito enxuto. Tinhalhe a continuaçaõ da Oraçaõ affervorado o Eſpirito em amores do Salvador, e dos myſterios, que obrou em noſſa Redempçaõ. De ſorte que todos celebrava com lagrimas, humas de amor, e goſto, outras de dor, e ſentimento. Alegravaſe no naſcimento, como ſe ſó pera elle naſcera o Bom Jeſu: Chorava na Payxaõ taõ deſconſoladamente, que das Quintas feiras da Semana Santa até o Domingo naõ era outro ſeu paõ. Como o Senhor he taõ benigno com os que de veras o amaõ, contaõſe alguns mimos muy extraordinarios, com que honrou eſte ſeu ſervo. Refere o meſmo Padre Frey Antonio, que em huma doença, que teve, ſendo Vigario de Damaõ, tinha hum retabolo defronte do leyto com huma devota Imagem do Redemptor: Succedeo, que eſtando acompanhado dos Frades, e pondolhe devotamente os olhos, o retabolo ſe deſpregou da parede, e á viſta de todos ſe veyo pôr entre ſeus braços: Grande, e ſoberano favor. Mas inda tenho por maior o com que lhe acabou a vida. Foy eleyto por Prior de Goa, eſtando inda em Cochim. Quando lhe deraõ a nova, foyſe diante do Santiſſimo Sacramento, e pediolhe que, ſe o Priorado naõ avia de ſer de grande ſerviço ſeu, o livraſſe delle, inda que foſſe com perda da vida; que mais queria morte em ſua Divina graça, que todos os cargos, e bens do mundo com riſco de a perder. Adoeceo logo, e acabou ao terceiro dia.

Era Meſtre de Noviços em Goa o Padre Frey Simaõ das Chagas, de quem avemos de fallar adiante, quando chegarmos á Chriſtandade de Solor, aonde por muitos titulos pertence. Veyolhe pedir o Habito de Irmaõ Leigo hum mancebo de boa preſença, natural d'Amarante. Sendo recebido polo Prior, encomendou o Meſtre aos Noviços, que tiveſſem cuidado de fazerem Oraçaõ por elle; porque lhe via geito de aver de dar hum bom filho de S. Domingos. Como ſe fora profecia, aſſi foy o bom Leigo adiantando em todo o genero de virtude. De ſorte, que era hum exemplo de humildade, de devaçaõ, e caridade. E conta o Padre Frey Antonio da Viſitaçaõ, que ſendo Enfermeiro no Convento de Goa, depois de cançar todo o dia em ſervir os doentes, deſcançava á noite em fervoroſa Oraçaõ: E tal, que foy fama, e couſa avida por muy certa, que huma noite lhe apareceo o Bemaventurado S. Gonſalo, Santo da ſua terra, acompanhado de huma ſuavidade de cheiro taõ extraordinario, que junto á novidade da viſaõ ficara

o

o pobre Leigo todo traſportado; e tornando em ſy gritara taõ alto, que acudiraõ os Frades: E perguntado pola cauſa, naõ ſabia reſponder outra couſa, ſenaõ: O que ſuaves eraõ! Naõ tem a terra couſa ſemelhante! Era hum, dos que acudiraõ, o Padre Frey Thome Cardoſo, que pouco depois foy Prior de Goa, e contava o caſo, como ſe fora quaſi preſente: e do Leigo tinha grande opiniaõ. Eſte Irmaõ veyo a adoecer, e eſtando na Enfermaria, e na meſma cella, em que eſtava o Padre Frey Paulo do Eſpirito Santo, chamou huma noite polo Padre, e perguntoulhe, que queria dizer, *Laudate Dominum de cœlis.* Contava eſte Padre, que na hora, que lhe reſpondera com a declaraçaõ, dera o bom Leigo dous grandes ſuſpiros, e atraz elles a Alma. E porque a doença naõ era de qualidade, que prometeſſe fim taõ breve, julgou a piedade, dos que conheciaõ ſeu Eſpirito, que as palavras do Pſalmo foraõ chamamento do Ceo, e juntamente effeito de o levarem traz ſy. Era o nome deſte Irmaõ, Frey Aleixo.

Neſte Convento vivia, e delle ſe embarcou em huma gallé com D. Gilianes Maſcarenhas Capitaõ della, e de outros navios, o Padre Frey Joaõ Soares a provar os perigos do mar, e da guerra: E ſendo o Capitaõ morto deſeſtradamente polo Gentio do Sanquitel, acabou com elle o Frade, animoſo companheiro.

Da meſma maneira acabaraõ a vida ás maõs de Mouros Malabares, os Padres Frey Simaõ da Piedade, e Frey Pedro Uſademar. Frey Simaõ vindo de Cochim pera eſta Caſa de Goa: E Frey Pedro vindo de Chaul. Como inimigos, que ſempre ardem em ſede do ſangue Chriſtaõ, e mais inſaciavelmente daquelles, que com maiores vinculos profeſſaõ a Fé, colhendoos no mar, deraõ cruel morte a ambos.

Offenſa fariamos aos moradores deſte Convento, ſe deixaſſemos de fazer memoria de dous inſignes ſogeitos, que no Capitulo delle eſperaõ a ultima reſurreiçaõ: Digo os muy Doutos, e Religioſos Padres, o M. Frey Gaſpar de Mello, e o Preſentado Frey Thomás Pinto, ambos foraõ mandados por Inquiſidores á India por elRey D. Filippe o Prudente. O primeiro nas naos do anno de 1583. depois de ter governado a Congregaçaõ com grande louvor quatro annos, e eſtar deſcançando no Reyno. O ſegundo no anno de 1585. 1583. 1585.

Naõ devemos menos memoria ao Padre Frey Joaõ Lopez no meſmo Convento ſepultado, e na flor da idade mandado ao Ceo por raiva, e engano de huma malvada femea. Dotarao Deos de huma natural gentileza de roſto, qual diz o Proverbio, que he digna de Imperio, e juntaralhe gravidade, e modeſtia, que igualmente o faziaõ amavel, e reſpeitado. Sendo viſto acaſo da que diſſemos, fez nella o bom geſto os meſmos effeitos, que em outro tempo a viſta do caſto Joſeph na Egypcia. Enſinoulhe o tentador, pera mais aggravar o peccado, tomar por meyo a confiſſaõ na Igreja. Defendendoſe o Religioſo, naõ deſeſpera ella. Finge doença, e perigo, eſconde

o nome, chamao a caſa á falſa fé. Tanto que o teve em poſto de confiſſaõ, deſcobre o danado intento. Levantaſe o Frade, e foge, como ſe dera com vibora; mas naõ pode ſer com tanta preſſa, que a miſeravel lhe naõ lançaſſe maõ ao capello, e lhe ficaſſe nellas o preto. Foyſe elle ſahindo todo afrontado, e paſmado; e contente de naõ perder mais, caminhava pera a rua. Mas no meſmo inſtante traçou a tentadora vingarſe, convertido o fogo da ſenſualidade em outro igual de ira, e raiva. Mandalhe arremeſſar o capello na eſcada, que hia deſcendo. E dentro de poucos dias buſcou, e achou meyo, com que lhe fez dar peçonha taõ disfarçada, e ſecretamente, que naõ tardou mais, que oito dias em o enterrar; ficandolhe por todos os membros manifeſtos ſinaes della em groſſas pintas negras. Eſte genero de morte deſcobrio tambem a maldade de quem lha procurou; porque o goſto da vingança fez, que o tiveſſe ella em o publicar. E entaõ contou o companheiro do morto aos Frades o ſucceſſo do capello. Aſſi acabou o bom Padre feito victima de honeſtidade, e limpeza. Era eſte Padre filho da Provincia, natural d'Aveiro, e Collegial de Santo Thomás de Coimbra, bom Letrado, e bom Prégador.

CAPITULO XI.

Da vida, e ſanta morte do Padre Frey Antonio da Viſitaçaõ, Deputado do Santo Officio de Goa.

NO anno de 1623. ſendo Vigario geral da Congregaçaõ o Padre Meſtre Frey Jeronymo da Payxaõ, obrigado do zelo da Religiaõ, e da fama, que durava, da perfeita obſervancia, e ſanto exemplo, com que vivera na India muitos annos o Padre Frey Antonio da Viſitaçaõ, Deputado do Santo Officio de Goa, e Prégador geral da Congregaçaõ, mandou fazer particular informaçaõ de ſua vida, e coſtumes; e deu o cargo de a tirar ao Padre Frey Jacinto da Cruz, com o Padre Frey Damiaõ de Santo Thomás por Eſcrivaõ, ſendo paſſados nove, ou dez annos depois de ſua morte. Era o Padre Frey Antonio natural de Setuval: Tomou o Habito na Provincia. Paſſanda á India, reſidio no Convento de Goa, e nelle leo alguns annos Theologia. Foy em todo tempo hum extremo de manſidaõ, e humildade, que lhe abrio caminho pera ſe enriquecer de todas as mais virtudes, que foraõ principalmente grande caridade com os pobres, e grande amor da pobreza. Hum animo muito compaſſivo dos affligidos, e muito affeiçoado a curar, e ſervir enfermos; a que juntava ſingular honeſtidade, que em tudo, o que fazia, reſplandecia notavelmente. Dourava eſtas partes com claro entendimento, e muita prudencia natural, que foy cauſa de que 1623.

deixaſ-

deixaſſe as eſcollas, e liçaõ, em que entendia, mais ſedo do coſtumado. Porque quiz a obediencia aproveitarſe delle no governo de algumas Caſas da Congregaçaõ. Em todas, e no cargo de Vigario de Malaca, e das Chriſtandades do Sul, que ſervio como Superior dellas, moſtrou tanto talento, que vindo pera Goa, foy eleyto em Prior do Convento de Santo Thomás, e nomeado por Prégador geral. Creſcia com os cargos em authoridade, e eſtimaçaõ diante dos homens; mas na opiniaõ propria era cadadia mais humilde, e mais pobre: E em nenhuma couſa repreſentava maioria mais, que nas de obrigaçaõ de Prelado. Porque neſtas naõ ſofria, que ninguem lhe perdeſſe o reſpeito. A ſua cella naõ luzia com payneis, nem eſcritorios, nem outras peças ricas, que na India ſe alcançaõ com pouco feitio, ſe os Prelados moſtraõ goſto dellas. Tudo eraõ paredes nuas, e até de fato de veſtir, em que ha grande largueza na India, reſpeito do fogo das calmas; era eſcaço comſigo, ſó pera poder ſer largo com os pobres, pera quem queria tudo, e lhe naõ baſtava nada. Aconteceo hum dia, ſendo Prior, pedirlhe eſmolla hum ſoldado. Merecia pola profiſſaõ, e por ſer pobre. Que na India naõ ha gente, que mais padeça, que hum ſoldado no Inverno. Porque naõ he tempo de exercitar as armas, contra o uſo, e boa rezaõ de toda a boa milicia. Mandou ao Procurador, que o conſolaſſe. Reſpondeo o Procurador, que em toda a Caſa naõ avia mais, que hum Pardáo. Animoſamente, e cheyo de confiança em Deos, eſſe Pardáo, diſſe, lhe dai, que taõ bom Deos temos, que o que dermos por ſeu amor por huma porta, nos mandará por outra; que ſabe dar cento por hum, a quem por elle faz alguma couſa. Como ſe fora profecia, lhe entrou no dia ſeguinte huma eſmolla de cem Pardáos.

Eraõ ſuas partes muito ſabidas. Mas a Prelacia as fez mais notorias. E dahi naſceo eſcolheremno os Inquiſidores pera Deputado daquelle Santo Tribunal. Aceitou o trabalho, porque nunqua lhe ſubira á imaginaçaõ pertendello; e porque era honra da Ordem ſervillo. E vioſe iſto bem, porque offerecendolhe a Religiaõ o gráo de Preſentado, fezlhe eſcrupulo naõ ter lido tantos annos, como diſpoem noſſas Regras, pera o merecer, e refuſou a honra.

Sendo ſua honeſtidade taõ provada, que ſegundo a opiniaõ commua, e teſtemunho de ſeus Confeſſores, conſervou pureza virginal perpetua; permittio o Senhor por ſeus occultos juizos, e pera maior coroa do ſervo fiel, que ouveſſe homem taõ deſalmado, que na meſma materia lhe aſſacou teſtemunho falſo, e o publicou no Convento por verdadeiro. Tentaçaõ foy, e ſeta, que o ferio no intimo d'Alma. Mas na paciencia, com que levou a injuria, e no como ſe ouve com o autor della, moſtrou eſtranho valor: Prova manifeſta de verdadeira innocencia. Viaſe nelle mais ſentir a culpa alheya, que a afronta propria. E deixando a Deos o ponto da verdade, e da juſtiça, nem culpava a ninguem, nem diſculpava a ſy. Veyo a falecer ſendo

ſegunda vez Prior de Santo Thomás. Entaõ lhe pareceo, que eſtava obrigado por rezaõ do cargo, e hora, em que ſe achava, dar ſatisfaçaõ de ſy aos ſubditos. Junta a Communidade, e recebidos primeiro todos os Sacramentos, diſſe com humildade, e poucas palavras, que por obrigaçaõ de conſciencia, e couſas, que eraõ paſſadas, que todos ſabiaõ, declarava, que deſque veſtira o Santo Habito (ſabiaſe, que o tomara, ſendo quaſi minino) naõ cometera nunqua culpa contra o voto da Caſtidade. Apoz eſtas palavras fez huma pratica aos Padres, cheya de altiſſimo Eſpirito, e ſentenças admiraveis; e traz ellas fez entrega das chaves ao Prelado, a que pertenciam por ſua morte, que era o Padre Frey Antonio de S. Joſeph, ſeu Supprior: E polo meſmo modo depois aos Noviços ſantas, e devotas admoeſtaçoens.

O tranſito foy glorioſo, e como de quem aſſi tinha vivido. Eſtava muito no cabo, vio, que punhaõ os Enfermeiros em pratica vigiallo. Era huma Quarta feira, diſſelhes, que ſe naõ canſaſſem, que naõ avia de morrer ſenaõ á Sexta; porque aſſi o tinha pedido a Noſſa Senhora, muitos annos avia; e confiava nella, lhe avia de fazer a merce, pera ſer enterrado ao Sabbado, e com a ſua Irmandade. Eſta Irmandade era huma, que elle fundara no meſmo Convento de Santo Thomás, da primeira vez, que alli fora Prelado, com titulo dos Remedios, em devaçaõ da Senhora dos Remedios de Baçaim, de que ao diante falaremos. A ſexta feira ſobre tarde foy enfraquecendo tanto, que pareceo tempo de ſe fazer ſinal com as taboas, pera acudir a Communidade, como he coſtume da Ordem: E elle ſentindoo, pedio, que ſobreſtiveſſem em dar trabalho aos Frades, porque inda naõ era tempo. Que tiveſſem tento, como foſſe mais entrada a noite, que das oito pera as nove os avia de deixar. Pouco antes das oito pedio hum Crucifixo, que ſempre tinha junto comſigo, tomouo nas mãos, e começou com elle hum colloquio cheyo de devaçaõ, e ſeguido de muitas lagrimas, e ſoluços, como quem eſperava pola ultima, e temeroſa hora: Mas ſubitamente fez huma mudança, que muito eſpantou. Porque pondo os olhos contra a parede, encheoſelhe de alegria o roſto, deſapareceraõ as lagrimas, e a ſombra eſcura da morte, de que já eſtava cuberto, e ficou todo riſonho. E naõ ouve entre os circunſtantes quem duvidaſſe, que fora alguma viſaõ celeſtial, com que o Senhor o conſolara. Dadas as oito polo relogio, começou a entrar em paroxiſmos. Juntaraõſe os Padres aos ultimos ſoccorros, e acompanhado delles, acabou em paz na hora, que tinha dito. Se naõ tiveramos tantos penhores de ſantidade deſte Varaõ em ſua vida, podera ſer baſtante teſtemunho na morte o ſentimento de toda a Cidade, as lagrimas dos pobres, e o cuidado, com que Religioſos, e ſeculares procuraraõ aver couſas de ſeu uſo pera guardar por Reliquias. Publico foy que hum Diogo Pinto de Monroy, que padecia grandes dores de pernas, alcançou huns orellos, que ſerviaõ ao defunto de ſuſtentar

as

as meyas: uſou delles no meſmos officio, e affirmou, que lhe foraõ meyo de ſaude. Mais publico foy que o Biſpo Primaz Dom Frey Chriſtovaõ de Lisboa no primeiro Sermaõ, que fez na Sé depois deſte dia, fallou delle como de Santo.

CAPITULO XII.

Fundaçaõ do Convento de Santo Thomás em Pangim: Sua tresladaçaõ pera a Cidade: E principio da Caſa Recolleta de Santa Barbora.

PEra darmos concluſaõ ao mais, que temos que dizer das couſas da Congregaçaõ na Cidade de Goa, faremos neſte Capitulo breve relaçaõ de dous Conventos, que muito tempo depois ſe levantaraõ nella. Foy primeiro o de Pangim com titulo de Santo Thomás. Obra naſcida do grande zelo do Padre Meſtre Frey Thomás do Eſpirito Santo, e com ſua induſtria executada. Entendendo eſte Padre, quanto convinha, ſerem continuos no Eſtudo os noſſos Religioſos, pera o effeito da converſaõ da Gentilidade, que fora o fim, que primeiro os levara á India, e em que Deos lhes dava maõ por toda a parte com maravilhoſos ſucceſſos: E que neſte eſtudo devia de aver tal ordem, e concerto, que ſenaõ eſtorvaſſe, nem divirtiſſe hum ponto com as occupaçoens, que de ordinario ha nos Conventos, que eſtaõ dedicados ao ſerviço, e neceſſidades do povo: Tratou de edificar huma particular Caſa, em que outro trato, nem occupaçaõ ouveſſe por ſitio, e officio, ſenaõ ſó de exercicios Eccleſiaſticos. Era Viſo-Rey Dom Duarte de Menezes, grande affeiçoado á noſſa Ordem, e tanto a elle, que em nenhuma couſa punha maõ ſem ſeu conſelho. Communicoulhe Frey Thomás o penſamento. E o Viſo-Rey, como era Varaõ de grande piedade, aprovou a determinaçaõ, e ajudou a obra com muita largueza. Fez muito ao caſo começar Frey Thomás eſta fabrica em tempo, que tinha o cargo de Prior de Goa, e juntamente o de Deputado do Santo Officio. Eſtes cargos, e o muito credito, que tinha ganhado na terra, foraõ occaſiaõ de lhe acudirem groſſas eſmollas. De ſorte, que ſem mais intelligencias, nem artificios de induſtria, vio hum pobre Frade acabado, e perfeito hum Convento, que começou dos fundamentos, e o vio povoado de quarenta Religioſos, e huma Univerſidade formada de Meſtres, Leytores de Artes, e Theologia: E providos do neceſſario com abaſtança, pera ſem cuidado nenhum exterior, ſe entregarem todos a Deos, e ao exercicio das letras. Sinaloulhes o Viſo-Rey de ordinaria em virtude de huma Carta d'elRey Dom Filippe Prudente, vinte candiz de Arros, dez de trigo, oito cantaros d'azeite, e dez corjas de Cotonias. Saõ Cotonias lenço da terra, que ſerve pera veſtido. A corja he numero de vinte. A Caſa he ſervida de Medico, e Botica á cuſta d'elRey, como todas as mais, que a Ordem tem na India nas terras, em que ha Hoſpital Real.

Mas como ſomos homens, e pola meſma rezaõ ſogeitos a

errar, effeito proprio da miſeravel humanidade, moſtrou o tempo, que ſendo a obra em ſy ſanta, e boa, naõ fora acertado o ſitio, que ſe eſcolhera, de Pangim. Eraõ as rezoens, que ſe davaõ, muitas, e todas ſe reduziaõ a duas, que mais obrigavaõ. Primeira, eſtar o Convento fundado em huma ladeira, com taõ deſacomodado aſſento, que do baixo, onde eſtava a Igreja, e a Caſa de Noviços, até o cume do monte, onde era o Dormitorio dos Padres, avia de ſubida ſetenta, e tantos degraos: E neſte ponto naõ ſe conſiderava ſó o trabalho da ſubida, e deſcida: Mas como nas terras de Goa, e de toda a India ſaõ as invernadas de tamanho peſo d'agoa, que ameaçaõ diluvios: E aſſi de ordinario desbarataõ muitos, e bons edificios: eſte como eſtava dependurado, era laſtima, o que padecia cada anno de paredes derribadas, e aſſoladas. Era mais poderoſa a ſegunda rezaõ. Cria a Ilha de Goa hum genero de Cobras, que chamaõ de Capello; porque lhes deu a natureza ſobre a cabeça hum genero de cuberta, que bem merece o nome, porque lha cobre, e eſconde, em quanto ſenaõ querem deſcubrir. E ſaõ em tanto extremo venenozas, que a picada do dente, com que ferem, com naõ fazer mais final, que de hum alfenete, mata dentro de huma hora, ſe ha deſcuido de lhe acudirem com antidotos. Deſtas eraõ os Religioſos perſeguidos. De ſorte, que nem no Dormitorio, porque era terreo, nem nas cellas, e camas ſe podiaõ livrar dellas. E até no Coro, pera eſtarem quietos, convinha, hirem armados de baſtoens, pera lhes fazer medo. Eſtes inconvenientes obrigaraõ aos Frades da Congregaçaõ, a desfazerem a Caſa, tresladandoa pera a Cidade. Foy executor da determinaçaõ o Padre Frey Franciſco de Faria, Vigario geral, que lhe ſoube eſcolher na Freguefia de S. Pedro hum ſitio muito bem aſſombrado, e commodo; porque fica á borda do Rio, com ſua porta, e caiz pera elle, da parte da barra, e na entrada da Cidade. Nos ſinco annos, que eſte Padre governou, desfez huma Caſa, e levantou outra, com boa Igreja, e boas officinas: E quanto aos privilegios, Eſtudo geral, e antiguidade lhe alcançou do Reverendiſſimo Geral Hippolito Maria Beccaria de Monte Regali toda a authoridade, em que fora fundado Pangim. E quanto á ſuſtentaçaõ, naõ faltaraõ os Viſo-Reys em lhe acudir com a meſma ſuſtentaçaõ, e ordinarias. Aſſi foy ſó a mudança de ſitio, e nome. Eſquecido o de Pangim, ficouſe chamando Collegio de S. Thomás: E ſuſtenta já hoje ſincoenta e ſinco Religioſos.

De poucos annos a eſta parte ſe fundou tambem o Convento de Santa Barbora na Vigairaria, que a Congregaçaõ tem deſte nome na Ilha de Goa, que por ſer a primeira, e a mais antiga das quatro Igrejas, que a Ordem adminiſtra nella deſdo tempo, que entramos na India, ficou com hum notavel privilegio, que foy ſer o ſeu Vigario o que tinha authoridade de confirmar a eleyçaõ de Vigario geral, quando acontecia fazerſe na India. Foy autor deſte Convento

vento o Padre Frey Miguel Rangel no tempo, que entrou por Viſitador, e Vigario geral na Congregaçaõ: E ſendo a mais encontrada empreſa, de quantas ſe viraõ na Religiaõ, aſſi de Religioſos, como de ſeculares, e até do Viſo-Rey: Em fim venceo a conſtancia do Vigario geral, e o ſer a obra de Deos. E he hoje hum perfeito Convento (fora de ſer piqueno) aſſi no material da fabrica, como no Eſpiritual de verdadeira Obſervancia regular da primitiva Ordem, em que foy fundado com titulo de Recolleta. Mantem doze Frades, ſem ter mais ordinaria, que a que dantes vencia, por rezaõ de ſer Freguefia, que naõ paſſa de quarenta, e ſete mil reis. Buſcouſe na induſtria o remedio de ſe ſuſtentarem por naõ cançarem os que com medo da deſpeſa reprovavaõ a obra. Obrigouſe a Caſa a tres Miſſas quotidianas perpetuas. Do dinheiro, que dellas ouve, empregou huma parte na compra de hum grande palmar, e terras de rendimento, e com a demaſia aperfeiçoou o que faltava de pedra, e cal. Foy primeiro Prior o Padre Meſtre Frey Jeronymo da Payxaõ, que poucous annos depois veyo nomeado por Vigario geral da Congregaçaõ, e ſervio ſeus quatro annos.

He de ver huma Carta de Religioſa, e Apoſtolica eloquencia de noſſo Padre Geral, pola qual parece, que ainda que o penſamento de fundar Recolletas na India naſceo do Padre Rangel, foy muy conforme ao animo, e tençaõ do Reverendiſſimo: Encheremos com ella eſte Capitulo; e naõ daremos traduçaõ, porque baſta ficarem entendidos eſtes dous pontos, que ſaõ os que nos obrigaõ a ajuntalla. Segueſe a Carta.

ADmodum Reverendo Patri Fr. Michaeli Rangeli Sacrarum Literarum Profeſſori, Viſitatori, & Vicario generali Congregationis noſtræ Indiæ Orientalis, Provintiæ noſtræ Portugalliæ Ordinis Prædicatorum. Epiſtola veſtra admodum Pater ſub 23. Aprilis ſuperioris anni data mirifice in Domino lætati ſumus, & exultavimus gaudio magno, cum quæ totis cordis medullis exoptabamus, & difficilia rati ad ea capeſſenda lente feſtinabamus, inſperata adipiſcimur: nempe ut operarios præ manibus haberemus, quos idoneos per Dei gratiam ad ampliſſima Regna infidelitatis tenebris offuſa, & Regiones gentium innumeras jam albas ad meſſem Miniſtros, ac Prædicatores deſtinaremus. Occurriſti, tu Pater amantiſſime, vir deſideriorum, deſideriis noſtris, & epiſtolam nobis direxiſti, non atramento, ſed ſpiritu Dei Vivi conſcriptam: eamque è medio itinere, ſeu navigatione, dum ad littus maris vaſtiſſimi Occeani Guineæ, per tumentes undas, & vorti-

vortices Indiam verſus navigabas, miſiſti. Ut verè fateri poſſimus, aquas multas charitatem tuam extinguere non potuiſſe. Ais igitur animum tibi eſſe, ſi repereris in Congregatione noſtra Indiana competentem Fratrum numerum, qui in maiori Obſervantia vivere cupiant, erigere eis Conventus, ex vicariis ipſis plurimis, præſertim ditioribus, aliisque reditibus, & eleemoſynis, quibus commode ſuſtentari poſſint. Inſuper & præcipere, ut juxta profeſſionem noſtram, & Evangelium Sanctum Dei, mittantur in perpetuum ex eiſdemmet Conventibus, ſic creatis, & reformatis, in univerſum illum Orbem Prædicatores fervidi, ac zelum Dei habentes, qui eant Deo, & non ſibi, juxta Iſaiæ Vaticinium 6. Cap. Quis ibit nobis? Id eſt acquiſitivè nobis, ut explicat Sanctus Thomas. Nos porro cogitationem, & propoſitum tuum commendantes, Deum Opt. Max. à quo omne datum optimum, & omne datum perfectum deſcendit, inſtantius oramus, ut qui pro bona voluntate tibi velle dedit, perficere largiatur. Vt autem quod officii noſtri partes exigunt, exequamur; tenore præſentium, officii noſtri prædicti authoritate, licenciam, poteſtatem, & facultatem ad ſupradicta, quæ ſcribis, executioni mandanda, in Dei gloriam, animarum ſalutem, Conventuum, locorum, & Fratrum noſtrorum, in prædicta Congregatione noſtra Indiæ Orientalis exiſtentium reformationem, Ordinisque noſtri Prædicatorum decorem tibi concedimus, & impartimur. Nec non & Paternitatem tuam in Domino hortamur, ut ad fortia mittens manus, non deſpondeas animo, ſed Omnipotentis Dei fretus auxilio, evellas, deſtruas, & diſſipes irreligioſos mores, quos repereris illuc introductos: reformationem autem, & Sanctæ Prædicationis fervorem ædifices, & plantes. Quæ etiam ſupradicta, Apoſtolica, intuitu ejuſdem ſanctæ reformationis, nobis conceſſa authoritate (quatenus opus ſit) ut remotis impedimenti omnibus, expeditius, ac ſecurius præſtare poſſis, harum tenore tibi concedimus, & impartimur: Et in ſanctæ obedientiæ virtute, omnibus, & ſingulis Patribus, & Fratribus obedientiæ noſtræ ſubjectis in eadem Congregatione exiſtentibus mandamus, ut prædictorum executionem à te faciendam nullo pacto impedire,

pedire, aut retardare præſumant. In nomine Patris, & Filii, & Spiritus Sancti. Amen. Quibuſcumque in contrarium non obſtantibus. In quorum fidem his ſigillo noſtro munitis, manu propria ſubſcripſimus. Dat. Papiæ in Conventu noſtro Sancti Thomæ die 4. Januarii 1615. Admodum Reverende Pater conſervus in Domino Fr. Seraphinus Siccus Magiſter Generalis Ordinis Prædicatorum. Reg. f. 75. Fr. Thomas Marſius Magiſter Provintialis Terræ Sanctæ.

CAPITULO XIII.

Sitio, e aſſento das Ilhas de Solor, qualidade da terra, e da gente dellas, principio de ſua Converſaõ, e Chriſtandade por meyo da Religiaõ de S. Domingos.

TAnto que os novos Fundadores da Congregaçaõ ſe viraõ com Caſa, e aſſento nas principaes Cidades, que a Coroa de Portugal poſſuia no Oriente, logo fizeraõ conta, que da meſma maneira, que os Capitaens, e ſoldados d'elRey ſahiaõ das Cidades com Armadas a conquiſtar novas terras, e Reynos: Aſſi tinhaõ elles obrigaçaõ de ſahir dos Moſteiros a fazer guerra á Infidelidade, e ganhar Almas pera Deos. Levados deſte Eſpirito, quaſi a paſſo igual com a empreſa, que tomaraõ, da converſaõ das Aldeas, que diſſemos da Ilha de Goa, entenderaõ de allumiar com a luz do Santo Evangelho o grande Archipelago de Samitra, que alguns querem ſeja a antiga Trapobana. Na paragem, onde a natureza ſituou as Ilhas de Solor, entre hum grande numero de Ilhas menores, que tem como ſemeado, digamolo aſſi, eſte eſtendido Archipelago, e ficando como encabeçadas na famoſa Ilha de Samatra, tomaõ em corda longa diſtancia de mares, jazem as de Solor, terras ſem nome de tempos antigos; muito conhecidas hoje pola gloria da Fé, que ſouberaõ abraçar, e de que lhe foraõ Apoſtolos, e Prégadores os Religioſos de S. Domingos. Qual foy a occaſiaõ, que a ellas levou eſtes Padres, contaremos logo, tanto que diſſermos alguma couſa do ſitio da terra, propriedades della, e qualidades da gente. He verdadeira arrumaçaõ das Ilhas oito gráos da banda do Sul, e em diſtancia de Malaca quatrocentas, e oitenta legoas. Saõ tres as que comprehendemos debaixo do nome do Solor, que he huma dellas, por eſtarem taõ juntas, que todas tres parecem huma ſó terra: E em algumas partes naõ tem mais de hum tiro de eſpingarda o mar, que as divide. A forma, que entre ſy tem, he de hum bem feito triangolo, cujo fundo toma o que propriamente ſe chama Solor, ficandolhe da maõ eſquerda, que he a banda do Norte, a que tem nome de Lamalla, o da direita, que he do

do Sul, a de Loboballa: E alargandoſe o vaõ, e abertura do triangolo contra o roſto do canal, ou boqueiraõ, que faz a Ilha de Servite com as terras vizinhas, canal, e boqueiraõ, por onde he a ordinaria navegaçaõ das partes de Malaca, e China pera a Ilha de Timor. He Timor Ilha celebre pola pranta, que nella cria a natureza em grande abundancia, do Sandalo branco, eſtimado por todo o Oriente, pola ſuavidade medicinal do cheiro; como ſaõ conhecidas as de Maluco, e Ceilaõ polo ſabor do Cravo, e Canella. A qualidade das Ilhas de Solor he, ſerem geralmente pobres, e faltas de todo trato pera fora. Porque como naõ tem ouro, nem prata, nem criaõ outros frutos taõ ricos, que as façaõ cubiçadas, ninguem as buſca pera mercancia. He mais pobre de todas, a que lhes dá nome, digo Solor, que he taõ eſteril, que carecendo dos mantimentos ordinarios pera a gente, até dos que cria o mato pera os animaes ſilveſtres padece falta. De ſorte, que ſe naõ vem nella bogios, de que ha copia nas outras. As agoas quaſi todas ſaõ, naõ ſó ſalobres, mas intoleraveis no ſabor: As ſerras, que a cortaõ, puro roſalgar. E ſe alguma couſa tem hoje boa, deveſe ás mãos, e induſtria dos Religioſos. E tal he a cabeça da Chriſtandade, que coube em ſorte á Ordem de S. Domingos em taõ alongados climas; pera que vejamos, que quer Deos, que até deſterrados da patria nos exercitemos em pobrezas, como aqui; ou em doenças perpetuas, como entre os Cafres da Coſta ſempre ardente de Sofalla. Do que devemos ter hoje grande conſolaçaõ, os que eſtamos ſentidos de nos impedir, e tolher a Caſa, e Convento, pera que nos chamava com amor, e liberalidade a muy nobre Villa de Eſtremôs. He terra rica, a gente devota, o termo, e trato della muito honrado: Eſtava certo, avermos de viver alli com commodidade; pera que naõ haja parte, em que logremos alguma. Foy a meu ver merce de Deos, e alcançada no Ceo por noſſo Padre S. Domingos, naõ ſe nos dar. Mas tornando á Hiſtoria: Boja Solor oito legoas em comprido, e meya em largo. A de Lamalla tem ſeis legoas em roda, Loboballa he maior que as duas; e ambas eſtas fazem ventagem a Solor, no que a terra produz. Tem copia de mantimentos ordinarios, e ſuas criaçoens, ribeiras de boas agoas, e freſcura de arvoredos. Todas tres ſaõ muito habitadas. Cauſao a meſma pobreza. Porque como ella he a que enfrea a cubiça dos eſtranhos, pera as quererem ſenhorear, faz, que creſçaõ em povo. Os que moraõ polas prayas, ou tem falta de bom terreno, ou vivem de peſcaria; os mais de agricultura. E eſte pouco cuidado, ou quietaçaõ de vida, redunda em acreſcentamento da geraçaõ. A o que ſe juntava no tempo da Gentilidade ſer eſtilo, ter cada morador tantas molheres, quantas podia ſuſtentar. O modo de governo he ao natural. Cada lugar tem ſeu Senhor, ou Capitaõ, que acertou a ſer mais poderoſo de gente, e familia. A eſte chamaõ em Solor, Sangue de Pate, que he o meſmo, que

que Senhor de hum deſtrito limitado. Porque ſenaõ eſtende a malicia, ou ambiçaõ de nenhum, a querer reynar na juriſdiçaõ em lugor aleyo. Aſſi nenhuma povoaçaõ he ſogeita á outra; nem ha Rey, que mande ſobre todas. No que ſe enganou o Padre Frey Antonio de S. Romaõ, dando Rey em Solor, que nunqua ouve: Só ſabemos, que o Rey do Macaſſâ Mouro, como rico, e poderoſo, mandava algumas vezes pedirlhes tributo de ſua pobreza com navios armados: A que os pobres acudiaõ, por eſcuſar contendas, mas naõ por vaſſalagem. Os que em Solor ſaõ Sangue de Pates, chamaõ polas outras Ilhas, Atalaques.

Agora he tempo de dizermos, que rezaõ empenhou com taes terras os Religioſos de S. Domingos. He de ſaber, que creſcendo a Cidade de Malaca, depois de conquiſtada polos Portuguezes, em povoaçaõ, e moradores, entre as fazendas, que mais requeſtadas acharaõ nella, foy o Sandalo branco de Timor. Porque ſe ſervem delle pera infinitos uſos todas as Provincias do Oriente. E como os naturaes de Malaca faziaõ viagem a buſcallo, naõ tardaraõ os Portuguezes em mandarem tambem ſuas embarcaçoens ao meſmo. Era o intereſſe muy groſſo. Porque o Sandalo he hum genero de arvores, que criaõ os montes daquella Ilha em naõ menos abundancia, que o mato ordinario das noſſas terras. E o que ſe buſca delle, naõ he o fruto, como do Cravo de Maluco, nem a cortiça, como da Canella de Ceilaõ: ſenaõ a meſma madeira, tronco, e rama, que por todo he maravilhoſamente cheiroſo, e medicinal. E pera ſe criar, naõ tem neceſſidade de beneficio; nem pera ſe vender ha miſter mais feitio, que cortallo o vendedor, e trazello ao porto. Aſſi he eſtranho o barato, com que ſe leva. Ao que ſe junta, naõ terem os naturaes cobiça, pera o navegarem pera fora, e ſerem taõ barbaros, que naõ uſaõ, nem conhecem moeda: E como lhes levaõ couſas, que haõ miſter pera o uſo quotidiano, inda que muito vis ſejaõ, daõ liberalmente polo troco, e commutaçaõ dellas grande copia de ſeu páo; fazendo conta, que lhes naõ póde faltar nunqua, por muito que dem. Porque a Ilha he taõ grande, que boja ſincoenta legoas de ponta a ponta. Corriaõ os Portuguezes de Malaca ao barato. E acontecia, andando o tempo, juntaremſe tantos navios de varias partes em Timor, que era força tardarem muito em fazer ſua carga. Tem a Ilha muitos, e bons portos, da banda que chamaõ de fora, que olha pera o Sul, onde he ordinaria eſcalla dos que buſcaõ o Sandalo; mas naõ póde nenhuma embarcaçaõ eſtar nelles, mais que tres mezes do anno, que dura a monçaõ dos Nortes. Tanto que entra a do Sul, he taõ deſmeſurada a força, com que eſte vento os vareja todos, que naõ ha abrigo baſtante pera o navio, que nelles colhe, nenhum eſcapa de ſoçobrar, ou dar á coſta. Acudio a natureza a eſte perigo com huma eſtranha providencia: Oito, ou nove dias antes da mudança da monçaõ começaõ a ſoar no mar da parte, donde ha de ventar, huns eſpantoſos

roncos, que os navegantes tem por aviſo taõ certo, que ſendo do Sul, no meſmo ponto ſe fazem á vella todos, e deſandando vinte ſinco legoas de golfo, que tantas ha de Timor ás Ilhas do Solor, ſe recolhem a ellas, e alli no reduto, ou enſeada do Triangulo, que entre ſy fazem as tres Ilhetas, como atraz diſſemos, achaõ eſtancia, e abrigo ſeguro, em quanto duraõ as tormentas. Aſſi ficava ſervindo Solor com de eſtalagem, e refugio a todos os carregadores do Sandalo. Eſte era o eſtado de Solor, e o conhecimento primeiro, que delle tivemos no tempo antigo. Andando os annos, como a navegaçaõ dos Portuguezes de Malaca continuava, e creſcia pera Timor, e pola meſma rezaõ era força, valeremſe ſempre dos portos de Solor, veyo a continuaçaõ a criar amiſade, e familiaridade entre os navegantes, e naturaes da Ilha. De ſorte, que alcançaraõ os noſſos mercadores ſitio junto da ſua povoaçaõ, pera edificarem apoſentos, onde podeſſem reſidir, ſem moleſtia da terra, em quanto os detiveſſe a força da monçaõ na hida, ou na vinda. Daqui vieraõ a eſtender os penſamentos a negocio mais alto. Tinha acontecido paſſar hum anno deſtes á Ilha de Timor o Padre Frey Antonio Taveira: Devia ſer a occaſiaõ acompanhar algum mercador amigo, e de bom Eſpirito, que como as terras de Timor ſaõ de ares peſtiferos pera os eſtrangeiros, de ſorte, que ordinariamente morrem muitos, ou tornaõ opilados, e muy enfermos, que aſſi acontece, pagaremſe os baratos da mercancia, quiz levar comſigo quem na neceſſidade lhe acudiſſe com os remedios d'Alma. Parece, que ordenou Deos a viagem, pera remedio de muitos daquelles pobrezinhos, com que tinha determinado povoar o Ceo. E deulhe taõ boa maõ com elles, que converteo hum grande numero á luz da Fé no meſmo tempo, que em Cambaya perdia o tempo, e o feitio o Padre Frey Gaſpar da Cruz, como atraz fica dito. Aſſi o eſcreve o meſmo Padre Frey Gaſpar no Prologo do livro, que imprimio da China: Affirmando, que naõ foraõ menos de ſinco mil Almas, os que bautiſou o Padre Frey Antonio nas Ilhas de Timor, e do Ende. Notando os Portuguezes a boa ventura deſte ſucceſſo, e conſiderando juntamente o bom natural, que viaõ na gente de Solor, e ſeus vizinhos, julgavaõ com bom diſcurſo, que naõ faltaria nelles a boa, e a meſma diſpoſiçaõ, e facilidade, pera receberem o Santo Evangelho. Na hora, que foraõ de volta em Malaca, naõ tardaraõ em viſitar o Biſpo, e darlhe conta de tudo. Era Biſpo Dom Frey Jorge de Santa Luzia, Varaõ Apoſtolico, e no zelo da converſaõ das Almas verdadeiro filho de S. Domingos, como o era no Habito; naõ quiz que ouveſſe tardança em tentar Solor, e ordenando, que foſſe o trabalho da ſua Ordem, cometeo ao Prior do noſſo Convento de S. Domingos de Malaca diſpuzeſſe a miſſaõ, como diremos no Capitulo ſeguinte.

CA-

CAPITULO XIV.

Parte pera Solor o Padre Frey Antonio da Cruz com tres companheiros a prégar o Santo Evangelho : Daſe conta das Igrejas, que fundaraõ, e das muitas Almas, que trouxeraõ ao gremio da Fé, e da Fortaleza, que pera as defender edificaraõ.

FOy tençaõ dos Padres de S. Domingos de Goa fundar neſta grande, e opulentiſſima Cidade de Malaca hum Convento, que foſſe como praça d'armas, pera guerrear a infidelidade daquelles eſtendidos Reynos, Ilhas, e Provincias do Sul. Aſſi he Prelado ſupremo de todos os Religioſos, que por elles andaõ eſpalhados, que ordinariamente ſaõ muitos, o Prior della. Achavaſe na Caſa o Padre Frey Antonio da Cruz, peſſoa em que concorriaõ partes de virtude, e prudencia baſtantes, pera ſe lhe fiar qualquer grande empreſa. Encarregouo o Prior deſta, e deulhe tres companheiros de bom eſpirito, nomeandoo por Vigario delles. Do anno em que partiraõ, naõ nos conſta ao certo: Mas todos os antigos concordaõ, em que foy junto do de
1561. 1561. E que era Governador, e Capitaõ de Malaca D. Franciſco da Coſta, que muitos annos depois faleceo em Fez, fazendo o officio de Embayxador d'elRey D. Filippe II. de Caſtella, e I. de Portugal. Chegados os Prégadores a Solor, ou foſſe que naõ quizeraõ ſer peſados aos naturaes, antes, nem depois da doutrina, ou que os moveſſe o exemplo dos mercadores, que todos tinhaõ ſua morada ſeparada junto á praya; pediraõ lugar pera comporem tambem ſeu gaſalhado; e ordenaraõ logo ſeus apoſentinhos a uſo da terra, com a leve fabrica, que daõ os boſques: Eſtacas groſſas guarnecidas de ſebe de mato miudo fizeraõ as paredes: faz telhado, e cuberta a folhada das Palmas, que chamaõ Ola. Do meſmo ordenaraõ ſeu Oratorio, e ficaraõ com hum genero de Moſteiro, que he de crer, louvara muito noſſo Padre S. Domingos, ſe fora vivo. Polo que amava eſtreiteza, e pobreza. Mas o Prelado conſiderando como ſiſudo, que vivia entre inimigos, pois era gente ſem Fé, quiz acautelarſe, pera o que podia ſucceder de mal (que entre os valeroſos he genero de valor ſaber temer de antemaõ os perigos, e ſaber prevenillos) e mandou vir do monte grande copia de palmeiras bravas, que alli chamaõ Sibalas, com que foy lançando huma forte tranqueira em roda do Moſteirinho, que ao diante, como ſe adivinhara, lhe valeo a vida. Daqui começou a enſinar, e prégar, e grangear, e acquirir aſſi os animos dos principaes, e foy dando primicias ao Ceo de alguns mininos, que bautiſavaõ. Mas naõ eſtava deſcuidado entretanto o Inimigo do genero humano. Vendo a Vinha do Senhor começada, e antevendo o fruto, que avia de dar creſcendo, quiz deſtruilla em flor. Andava por eſtes mares huma Armada de Jaos inimigos perpetuos dos Portuguezes; guioua contra os Religioſos. Dous annos avia, que reſidiaõ na Ilha, quando huma

manhãa ſe viraõ cercados por mar, e por terra. Entaõ ſe conheceo o proveito da ſua tranqueira. Recolheraõ comſigo os Chriſtãos, que avia, que eraõ poucos, e mal armados, e poſeraõſe á defeſa animoſamente. Mas conhecendo claramente, que era impoſſivel valeremſe contra o poder inimigo, ſe Deos naõ acodia com o de ſeu braço: Aſſi começavaõ a tratar de ſe entregar com algum bom partido, quando ſe viraõ livres por caſo naõ eſperado. Eisque aporta, e dá fundo defronte dos cercados hum fermoſo Galeaõ de Portuguezes, que informados do que paſſava, e reconhecida a Armada, deraõ ſobre ella, e a desfizeraõ, e deſtruiraõ, metendo no fundo muitas embarcaçoens com a artelharia, e matando grande numero dos inimigos. E pera que ſe veja, que foy obra do Ceo, mais que da terra, he de ſaber, que o Galeaõ era d'elRey, e como tal vinha bem armado, e fazendo viagem de Maluco pera Malaca, veyo a entrar polo boqueiraõ de Servite; couſa taõ nova, e milagroſa, que nem dantes tinha acontecido, nem depois ſe vio outra tal. Aſſi obrigou tanto o ſucceſſo aquella gente, que invernando o Galeaõ alli, e outros muitos navios de varias partes, abriraõ os olhos, e receberaõ a Fé algums Mouros, e Gentios com ſuas molheres, e familias inteiras: E os Prégadores dando graças ao Senhor, de quem reconheciaõ o ſoccorro, ficaraõ muy animados, pera proſeguirem esforçadamente ſeu miniſterio.

Seguio a vitoria hum grande amor, e conformidade do Sangue de Pate, Senhor do porto, e dos Nobres da terra com os Religioſos. De que naſceo bautiſaremſe alguns, e com elles o meſmo Sangue de Pate. O que viſto polo Padre Frey Antonio, e como Deos hia favorecendo aquella ſua vinha com grandes augmentos, determinou ſeguralla de ſemelhantes inſultos ao paſſado, com ſe melhorar de ſitio, e força: Eraõ as terras abertas, os inimigos muitos, e cheyos de raiva contra a Chriſtandade, que multiplicava. Dizia o bom Padre comſigo: Que ſe haõ de fazer forças, e muralhas, pera ſe poſſuir ſem ſobreſalto o cravo de Maluco, a pimenta de Cochim, o ouro de Sofala? Naõ val muito mais que toda a mercadoria da terra huma ſó Alma remida com o Sangue de Chriſto, que o reconhece por Salvador, quanto mais tantas, como ſaõ, as que nos Deos tem dado neſta Ilha? Naõ terey deſcanço, até lhes fazer muros, que mas defendaõ. Se me naõ ajudarem os Governadores do Eſtado d'el-Rey, porque lhes faltaõ aqui as riquezas, que ſó eſtima o mundo, valermeha quem governa o Ceo, e he Senhor de toda a terra: E taõ bom Senhor, que nunqua deſpreſou os pobres, que o ſouberaõ buſcar. Eu ſerey Architecto, eu ſerey Alvener. Seguiraõ as obras ao dito, junta gente, e materiaes: Sahe das mãos de hum pobre Frade, falto de tudo, ſenaõ de Eſpititos, huma obra, que pera poderoſo, e determinado Capitaõ fora empreſa glorioſa. Deu ao Eſtado mais huma Fortaleza, que polo fim, pera que foy edificada, podemos crer, ſe ſomos Chriſtãos,

que

que defenderá dos inimigos todas as outras. Soube da obra quem governava a India, mandou dar em Malaca huma grande eſmolla pera ajuda dos gaſtos. Naõ ha duvida, ſenaõ que eſte Padre devia ter engenho de Fortificador. Porque o moſtrou na eſcolha do ſitio: Que foy em hum teſo, que fica ſobre a praya, lugar ſobranceiro, e defenſavel. E o meſmo moſtrou na fabrica; porque a fez de ſinco baluartes, e de tal capacidade, que ha muitas no Eſtado da India, que naõ ſaõ tamanhas, nem taõ bem traçadas. Ficou em hum lanço do muro a Igreja da invocaçaõ de N. Senhora da Piedade, e pera os Frades ſeu Dormitorio. De ſorte, que eraõ elles Senhores da Fortaleza; excepto de hum baluarte, que he apoſento do Capitaõ, e tem ſua ſerventia livre pera fora. A ſombra della, e á maõ direita fizeraõ ſua morada os Portuguezes, e Chriſtãos eſtrangeiros em numero já entaõ de duas mil Almas. Na eſquerda aſſentou o povo da terra com o Sangue de Pate em numero de até mil Almas, e huma gente, e outra com ſuas Freguеſias diſtintas. Serviaõſe os Portuguezes da Igreja da Fortaleza. Os naturaes tinhaõ entre ſy outra do titulo de S. Joaõ Bautiſta. Do tempo, que tardou em ſe acabar eſta fabrica, naõ nos conſta; do anno, em que começou, faz boa declaraçaõ huma letra, que dura ſobre a porta, e diz, que foy come-
2566. çada no de 1566. Coſtumavaõ os Religioſos, como autores, e donos da obra, nomear Capitaõ, que o Governador, ou Viſo-Rey da India confirmava. Andando o tempo, pareceo couſa ambicioſa, e indigna da humildade de filhos de S. Domingos. Largou a Congregaçaõ aos miniſtros d'elRey eſta preeminencia.

Mas durando a obra material, naõ eſtava Frey Antonio ocioſo na eſpiritual: Mandava os Religioſos, que comſigo tinha, e os que de novo lhe hiaõ acudindo de Malaca, que foſſem polas duas Ilhas vizinhas, e depois polas mais afaſtadas, fazendo officio Apoſtolico. E em todas fez notavel fruto ſua doutrina. Em tanto, que na Coſta, que corre da ponta da Ilha de Servite, até onde chamaõ Mari, que ſaõ trinta legoas de diſtancia, naõ avia porto, em que naõ ouveſſe muitos Fieis. Outros mandou ao Ende; que he huma Ilha, trinta legoas de Solor. Onde foraõ bem recebidos: E ao meſmo paſſo frutificou a Palavra Divina. Mas era laſtima, que como eraõ poucos, e naõ podiaõ reſidir com os Fieis, paſſavaõ como nuvens, e era forçado tornar no Inverno a Solor dar conta do que tinhaõ feito, e do eſtado, e diſpoſiçaõ, em que deixavaõ novas prantas. E ainda que niſto conformavaõ com o que lemos no Santo Evangelho dos Diſcipulos, que o Redemptor mandou de dous em dous a prégar, que depois lhe vieraõ dar conta das maravilhas, que em ſeu nome obravaõ: Com tudo faziaõ muita falta com ſua auzencia nos caſos ſubitos de neceſſidade de Confiſſoens, e Bautiſmos. Sentiao o Padre Fr. Antonio, como bom Paſtor; e naõ faltava no que podia, que era informar os Vigarios geraes da Congregaçaõ: E todavia naõ foy o trabalho perdido. Porque

naſceo delle, mandarem os Viſo-Reys nomear ſalario pera os Religioſos: E polo conſeguinte repartir o Vigario os que avia polos lugares, em que pareciaõ mais neceſſarios. Sentença he ſanta, que ſe naõ cerre a boca ao boy, que trilha: Mas ſe S. Paulo entre gente, e lugares ricos ſe mantinha do trabalho de ſuas mãos, por naõ ſer peſado aos que doutrinava: Que fariaõ os noſſos Prégadores em lugares pobriſſimos, e povoados de gentes de ſua colheita pouco liberaes? He couſa certa, que muitos delles depois que começaraõ a aſſiſtir com ſeus freguezes, deſpendiaõ mais com elles em eſmollas, que na ſuſtentaçaõ de ſuas peſſoas, e caſas. Do que veremos ao diante alguns exemplos. Agora hiremos apontando lugar, e ſitio das Igrejas.

Começando por Solor, como cabeça que he deſta Chriſtandade: Alem das duas Igrejas, que já apontamos, huma dentro da Fortaleza, e outra fora, ha mais outras duas: A ſaber, huma, que a Caſa da Miſericordia, em que alguns annos ſervio de Capellaõ hum Sacerdote ſecular, natural de Malaca, por nome Alvaro Gonſalves: Mas de ordinario he ſervida polos Religioſos: A outra eſtá em huma ſerra (chamalhe a lingoa da terra, Guno) Freguеſia já entaõ de mil Almas Chriſtãas, a fora muitos outros Chriſtãos, que viviaõ, e inda hoje vivem derramados pola Ilha em ſeus caſaes, e montes, a uſo de Portugal: Onde cada hum buſca, como póde, ſeu genero de vida, e ſuſtentaçaõ. A invocaçaõ deſta Igreja he da Madre de Deos. Outra ouve no lugar de Lamaqueira, que ſe perdeo por huma rebeliaõ. Era o titulo de S. Joaõ Evangeliſta.

Na Ilha de Lamalla, com ſer terra de muitos Mouros, e em que elles poſſuiaõ dous Fortes, a que chamavaõ Donara, e Torraõ, tiveraõ os Padres muito tempo Igreja na povoaçaõ do meſmo nome de Lamalla, em que avia duas mil Almas Chriſtãas, que eraõ os dous terços della: Os mais viviaõ na Ley de Mafamede. Eſta Igreja acabou por hum levantamento da terra, que ao diante contaremos. Com melhor ſucceſſo fundaraõ outra no ſertaõ da meſma Ilha, no lugar de Carma. Contavaõſe aqui mil, e trezentas Almas bautiſadas, gente taõ bem fundada na Fé, que, quando foy o levantamento de Lamalla, eſtiveraõ firmes, e naõ conſentiraõ nelle. He a invocaçaõ do Eſpirito Santo. Neſta eſteve muito tempo, e fez muito ſerviço a Deos o Padre Frey Antonio do Loreto.

Paſſaraõ os Religioſos á Ilha Grande, cuja ponta he a que faz o boqueiraõ, ou canal, a que chamaõ Servite. E o nome de Grande tem com rezaõ junto deſtas piquenas, porque faz mais de cento, e vinte legoas em roda. Acharaõ a gente muy parecida em tudo com a de Solor; converteraõ grande numero, e multidaõ, e fundaraõ oito Igrejas em varias povoaçoens, cujos nomes ſam: S. Lourenço em Lavunana, ou Lavunama, lugar ſituado na ponta de Servite: Noſſa Senhora em Larantuca, onde foy muitos annos Vigario o Padre Frey Aguſtinho da Magdalena, Saboyano de Naçaõ:

Noſſa

Noſſa Senhora da Eſperança no lugar de Bayballo: em que padeceo graviſſimos trabalhos de doenças, e neceſſidades o Padre Frey Domingos Barbudo; Santa Luzia na povoaçaõ de Siccá, onde era Atalaque D. Coſmo, muito bom Chriſtaõ, que paſſou a Malaca, ſendo moço, e alli ſe criou entre os noſſos Padres: Outra Igreja no lugar de Paga, que he huma legoa diante de Siccá, e terra de muitos mais moradores: Noſſa Senhora d'Aſſumpçaõ na povoaçaõ de Quevá: S. Pedro Martyr em hum porto, que chamaõ Lena. Eſta Igreja foy deſtruida por hum pirata de Maluco: E o Padre Vigario geral a mandou reedificar, e a encomendou ao Padre Frey Balthaſar de Torres natural de Cochim: Noſſa Senhora da Boa Viagem na praya de Dondo, que he huma ribeira, que ſahe na Contracoſta da Ilha, e reſponde ao lugar de Quevá, com ſó dous dias de caminho em meyo: Veyo a deſemparar-ſe, porque os Fregueſes viviaõ longe nos lugares mais acomodados a ſua vivenda: E o Vigario, que os doutrinava, naõ ſe atreveo a morar ſó na praya.

A eſtas quinze Igrejas, em que avia mais de treze mil Almas Chriſtãas, juntamos outras tres da Ilha do Ende, de cujos titulos, e fundaçaõ diremos no Capitulo ſeguinte, ficando aqui ſabido, que eſtas ſaõ as dezoito Igrejas, que o Padre Frey Joaõ dos Santos aponta em Solor; inda que naõ dá os nomes de todas.

L. 2. c. 4. da Chriſtandade Oriental.

CAPITULO XV.

Fundaõ os Padres tres Igrejas na Ilha do Ende, e levantaõ nella pera ſegurança da terra outra Fortaleza: Daſe conta dos modos, que tinhaõ no enſino do Povo: Dos grandes trabalhos que paſſavaõ: E como muitos foraõ mortos por Infieis.

A Ilha do Ende he couſa taõ piquena, que naõ tem mais, que duas legoas em roda; taõ eſteril, que naõ produz nenhum genero de frutos dos que daõ as Ilhas vizinhas, e até d'agoa tem falta; porque tadas as que ha, ſaõ ſalobres: ſó de palmeiras bravas he fertil, que todavia lhe ſaõ de algum proveito. Tudo o mais, de que vivem, lhes vem de carreto da Ilha Grande, á que eſtá encoſtada com grande vizinhança defronte da povoaçaõ de Mari. Eſta pobreza faz os moradores diligentes em grangear a vida por fora. Saõ mercadores, e habiles, mais politicos, e melhor entendidos, que todo o commum deſtas Ilhas. Aſſi quando os primeiros Padres vieraõ de Solor á prégarlhes, foraõ delles recebidos amoroſa, e corteſmente, e muitos ſe bautiſaraõ. Succedeo andado o tempo aportar na Ilha huma Armada de coſſarios Jaos, que ſaltando em terra aſſolaraõ, e deſtruiraõ o que nella avia, matando, e cativando muita gente. A que deſte trabalho ſe pode ſalvar, como naõ tinha, onde ſe recolher, eſpalhouſe polos lugares vizinhos da Ilha Grande, como Quevâ, e Lena, e outros. Andando aſſi deſterrados por caſas alheas, acu-

acudiolhes a charidade dos Religioſos de Solor. Veyo a elles o Padre Frey Simaõ Pacheco, juntouos, falloulhes, perſuadindoos, que ſe tornaſſem á ſua Ilha. Era a offerta muito agradavel; porque a todos fazia ſuave força o amor da terra de ſeu naſcimento. Mas conſiderando, que naõ tinhaõ remedio na Ilha, ſe os Inimigos, que já ſabiaõ os paſſos, e ſua pobreza, tornaſſem ſobre elles, propoſeraõ ao Padre, que lhes ordenaſſe hum Forte, inda que naõ foſſe mais que de pedra em ſoſſo, e com hum ſó homem Portuguez por Capitaõ: E com iſſo prometiaõ, que naõ ſómente tornaraõ todos, mas que nenhum ficaria ſem receber o Santo Bautiſmo. Deuſe por ſobornado Fr. Simaõ, naõ ſó obrigado com o que pediraõ, polo que tocava ao ponto da Chriſtandade. Paſſaſe logo com elles á Ilha, começa a obra; e ainda que nos principios foy conforme ao que ſe tinha propoſto, depois ſe animou tanto (ſabemos delle, que era homem de grandes Eſpiritos) que a fez toda de pedra, e cal, e da meſma traça, que a de Solor. E com tanta capacidade, que em huma occaſiaõ de perigo podia agaſalhar todo o povo. E por naõ faltar em nada, poz nella por Capitaõ Pero de Carvalhaes, homem de valor, e rico, natural da Cidade d'Evora. Bautiſaraõſe os Endes como tinhaõ prometido: E feita a Fortaleza, repartiraõſe em tres povoaçoens, huma, que chamaõ Xaraboro, e outra Currolallas, com ſua Igreja em cada huma. Xaraboro do nome de Santa Maria Magdalena: Currolallas de Santa Catharina de Sena. A terceira povoaçaõ he, a que chamaõ dos Numbas, onde eſtá ſituada a Fortaleza, com ſua Igreja da invocaçaõ de noſſo Padre S. Domingos dentro dos muros della: E ficou na Ilha o Padre Frey Simaõ por Vigario, com outros dous Padres. O numero dos novamente bautiſados ſe achava ſer com os Chriſtaõs mais antigos de ſete pera oito mil Almas. Per maneira, que toda a Ilha era de Chriſtãos, e gente boa, e fiel; ſem embargo, que tambem ouve nelles algumas alteraçoens, como nos mais membros deſta Chriſtandade.

As couſas até aqui eſcritas deſta Chriſtandade de Solor, e algumas, que mais diremos, ſaõ colhidas de huns quadernos, que á noſſa inſtancia vieraõ da India nas naos, que o anno paſſado de 1626. partiraõ della: E no preſente de 1627. ſe perderaõ ſobre a Coſta de Galiza, e Biſcaya, perda por muitas rezoens digna de lagrimas. Foy Eſcritor delles o Padre Frey Antonio da Viſitaçaõ, de quem eſcrevemos atraz no Capitulo 11. Eſtava o Original no noſſo Convento de Goa. Vindo em naos taõ mal afortunadas, foraõ inviados a Lisboa antes da perdiçaõ. Caſo, que na verdade naõ parece de todo falto de miſterio. Conta eſte Padre, que a ordem, que avia em doutrinar as Aldeas, era fazer acudir todos os dias manhãa, e tarde todos os mininos á Igreja, e as mininas ſó pola manhãa: E porque os homens, e molheres de idade creſcida podeſſem tambem aprender, corriaõ alguns moços mais eſpertos as ruas todas entoando em altas vozes as Oraçoens,

çoens, e miſterios Santos: A que acudiaõ as molheres ao pé de ſuas eſcadas, e os homens ás ſuas portas, ajudando, e repetindo todos o que ſe dizia. Per maneira que era couſa de grande gloria de Deos, e goſto Eſpiritual dos Religioſos, ver retumbar aquelles montes, e valles com os eccos da Santa Doutrina, por boca de gente, que poucos annos antes ſervia ao Inferno na impiedade Mahometica, ou Gentilica, e alegandoſe parecialhes, que eraõ como profecia de taes maravilhas os verſos do Poeta.

Ipſi lætitia voces ad ſydera jactant
Intonſi montes: ipſæ jam carmina rupes,
Ipſa ſonant arbuſta: Deus, Deus ille, Menalca. Vig. Ecl. 5.

Em Solor como em cabeça de Provincia ordenaraõ os Padres outro grande remedio pera eſtado, e dilataçaõ da Fé, enſinando já polo Santo Concilio Tridentino: Foraõ eſcolhendo mininos de melhor geito, e habilidade: Veſtiraõnos em Opas brancas: Fizeraõ delles Seminario, que em poucos annos chegaraõ a numero de ſincoenta. Mas todos eſtes bons effeitos eraõ grandemente cuſtoſos aos noſſos Padres; já na vida, porque muitos acabaraõ com crueis, e eſpantoſas mortes, a mãos dos inimigos da Fé: Outros com doenças peſtilenciaes, quaes ſaõ as daquelle clima, ſempre abraſado do Sol da Torrida Zona. Já no deſcanço, e quietaçaõ, ſendo neceſſario, andarem em movimento continuo; hora paſſando de humas Ilhas pera as outras, por acudir ás ovelhas de Chriſto; hora trabalhando em aprender as lingoas, pera ſerem entendidos: E ſobre tudo padecendo muitas vezes graviſſimas fomes, e faltas de tudo; humas vezes, porque as terras de ſy eraõ taõ pobres, que chegavaõ a naõ ter, com que ſuſtentar a vida, mais que hum pouco de Arroz, e eſte cozido ſem Sal: Outras, porque os ſalarios, que elRey, como Santo, e piedoſo lhes mandava dar, que eraõ a cento, e vinte Cruzados por anno a cada Vigario, como ſe pagavaõ na Alfandega de Malaca, avia tantos deſcontos, e inconvenientes na arrecadaçaõ da parte dos miniſtros, a quem tocava o pagar, que raramente chegavaõ a tempo, e com commodidade: E em fim ſempre vinhaõ depois de grandes fomes, e trabalhos paſſados. E digo, que ſempre vinhaõ. Porque conta o Padre Frey Antonio da Viſitaçaõ nos quadernos, que atraz allegamos, e o dá por quaſi milagre, que perdendoſe cadadia navios por aquelles mares, ſe tinha obſervado, que nunqua ſe perdera nenhum dos que levavaõ as ordinarias dos Religioſos deſta Chriſtandade (grande final de quaõ juſto, e ſanto era o emprego delles) e tambem conta, que ſendo tantos os perigos, corriaõ com tudo tanto numero de jornaleiros, filhos de S. Domingos, a tomar parte nelles, que até o anno de 1606. eraõ entrados em Solor ſeſſenta, e quatro 1606.

Religioſos, e que chegaraõ a reſidir por junto dezoito, e algumas vezes vinte.

Mas vindo a particularizar, e pôr em memoria, como he rezaõ, o que aſſima diſſemos em geral, dos que padeceraõ, e deraõ o ſangue pola verdade da doutrina, que prégavaõ, he de ſaber, que ſe conta por primeiro em tempo, e na crueza da morte, o Padre Frey Antonio Peſtana, cuja vida deixamos atraz contada entre os filhos do noſſo Convento de Goa: E o fim ditoſo guardamos pera aqui, onde direitamente pertence. Tinha a cargo huma Vigairaria em huma deſtas Ilhas, governavaa com aquella charidade, cuidado, e inteireza, que mais dizia com o que de ſua vida temos eſcrito. Quiz Deos pagarlhe com huma merce, que ſó faz aos que muito amá, e que ſaõ pera muito: Permittio, que ſaltaſſem na Ilha (naõ ficou em memoria, como de couſa antiga, o nome della, nem da povoaçaõ) huma companhia de Mouros da Jaoa, ſempre ſequioſos do ſangue Chriſtaõ: matando muitos, levaõ comſigo arraſto o que ſabiaõ ſer ſó Meſtre de todos. E como ſó contra elle era a ira, e indignaçaõ maior, naõ ficou nenhum, que naõ deſafogaſſe a ſua em o maltratar primeiro com palavras enormes, e feas, logo com repelloens, bofetadas, e couces. Chegados á praya, onde tinhaõ as embarcaçoens, alli por paſſatempo lhe eſtiveraõ trancando pés, e mãos com rachas de canas agudas, que lhe cravavaõ por entre as unhas de cada dedo. Acerbiſſimo tormento, mas levado com invencivel paciencia, e conſtancia, e dando graças ao Senhor, por lhe dar huma morte em cada dedo, e membro: Como ſeu P. S. Domingos dezejava, ſegundo o diſſe aos Herejes Albigenſes, quando lhe perguntavaõ: Que avia de fazer, ſe lhe cahira nas mãos? E he bem de crer, que eſta lembrança devia conſolar muito a Frey Antonio em tal paſſo.

Foy ſegundo em ſe laurear com ſeu ſangue em ſerviço deſta Chriſtandade, o Padre Frey Simaõ das Montanhas. Achouſe em hum recontro, que os ſeus freguezes tiveraõ com os Mouros da Fortaleza do torraõ na Ilha de Lamalla, como o refere o Padre Frey Antonio da Viſitaçaõ nos ſeus quadernos. Andava com huma Cruz na maõ animando os companheiros á imitaçaõ de N. P. S. Domingos, juntaraõſe ſobre elle ſó todas as lanças dos Infieis, cahio glorioſamente atraveſſado, e morto dellas.

Quaſi no meſmo tempo foy morto o Padre Frey Franciſco Calaſſa filho da India, e peſſoa de muito Eſpirito. Governando a Igreja de S. Lourenço em Lavunama, acabou com ſua prégaçaõ, que recebeſſem o Santo Bautiſmo todos os moradores juntos da povoaçaõ de Tropobelle, poſta meya legoa da ſua Igreja. Quiz depois, que ſe paſſaſſem pera junto della pera os doutrinar com mais commodidade ſua, e delles. Mas iſto, que o bom Padre lhes fazia por mimo, tomou Lucifer por meyo de os fazer retroceder na Fé. Encheuos primeiro de deſcontentamento da mudança: Depois abrazaos com raiva contra o Paſtor o dia, que ſe aviaõ de mudar,

dar, que era hum Domingo: Foy o Vigario pera os acompanhar, e em lugar de os achar juntos, naõ achou o Meyrinho de Lavunama, que foy diante em toda a Aldea, mais que huma velha, que chamada por elle, pera hir dar rezaõ ao Vigario de tal novidade, levantou gritos, a que acudiraõ os moradores, que andavaõ por fora, como a rebate, do que tinhaõ aſſentado: E logo daõ ſobre o Meyrinho, e fazemno em poſtas. A primeira maldade aconſelhou a ſegunda, fazem o meſmo ao Vigario, e a hum moço ſeu. Contaſe, que tres dias antes de ſua morte vinhaõ miſturadas com ſangue as ondas, que quebravaõ nas prayas de Solor. Admirou o prodigio, até que os Portuguezes, vingada a morte com deſtruiçaõ dos Apoſtatas, trouxeraõ o corpo do Padre pera a Fortaleza.

Por varios caſos padeceraõ cruas mortes outros quatro Padres depois de muitos annos de ſerviço deſta Vinha do Senhor. Frey Alvaro, que ſendo Vigario de Pagá, foy morto por Mouros na Ilha do Ende. Frey Paulo de Meſquita, a quem navegándo de Solor pera Malaca colheraõ coſſarios Olandezes, e dando a vida a todos os companheiros, que eraõ ſeculares, a elle ſó a tiraraõ em odio da Religiaõ. Aos Padres Frey Gaſpar de Sá, e Frey Manoel de Lambuaõ, vindo de Solor, aconteceo darem á coſta na Ilha de Samatra, onde cahiraõ em maõ dos Mouros do Achem, que ſaõ os mais crueis inimigos, que naquellas partes tem os Portuguezes: E por elles foraõ logo alanceados, e dados por mantimento aos peixes.

Naõ merecem ficar fora deſta conta os Padres Frey Diogo do Roſario, e Frey Andre, que por vindo de pouco tempo da Provincia, era chamado o Reynol: E era Irmaõ do Padre Fr. Sebaſtiaõ da Vitoria. Navegavaõ em huma galeota pera Solor: Entraraõ no porto de Correa, foraõ acometidos á treiçaõ com moſtras de paz. Naõ ficou homem com vida. Mas logo veremos outros caſos de levantamentos, treiçoens, e mortes, que naõ eſpantaraõ menos, com que os pobres Prégadores foraõ perſeguidos dentro de Caſa, e polos prorios doutrinados, e freguezes, a quem ſerviaõ.

CAPITULO XVI.

Das alteraçoens, que ſuccederaõ no Eſpiritual, e temporal deſtas Ilhas, e como paſſou o primeiro levantamento, que ouve na de Solor.

NAõ ſe deve ninguem eſpantar de ver grandes mudanças na terra. Porque como o Ceo, de cujas influencias ella ſe ſuſtenta, corre ſem ceſſar em continuas voltas: Aſſi he força, que vá eſte mundo inferior experimentando novidades, e movimentos em tudo. Creſcia a Igreja de Solor com notavel adiantamento, ſem embargo dos contraſtes, que temos referido, quando Deos foy ſervido, que ſe levantaſſe contra ella huma perſeguiçaõ tal, que eſteve a ponto de ſe perder de todo. Ha neſta Ilha duas caſtas de gente, que toda a tem entre ſy dividida. Huma tem nome de Damonaras, outra de Paginaras: E dizem, que procedem de dous

Irmãos, hum chamado Damon, o outro Pagim; que ſendo inimigos em quanto viveraõ, deixaraõ ſeu odio como por herança aos deſcendentes. E eſtes tiveraõ cuidado de o conſervar de maneira, que entre elles a mal querença continuava no tempo, que começou a prégação: e pera que ſenaõ eſqueceſſem, differençavaõſe em algumas ceremonias, e coſtumes ao modo, que nos contaõ as Hiſtorias de Italia, que uſavaõ os Guelfos, e Gibellinos. Alem do que eraõ os Paginaras inclinados a ſuperſtiçoens, e manhas dos Mouros: os Damonaras aos coſtumes Portuguezes. De ſorte, que eſtes ſendo convertidos, eraõ firmes na Fé, e noſſos amigos; nos outros ſempre ſe achava leviandade, e muita malicia. Reconheciaõ os Paginaras por Chefe, e Capitaõ, que elles chamaõ Sangagi, a hum deſcendente por linha direita do primeiro Pagim, que no Bautiſmo ſe fez chamar Dom Diogo. Eſte Sangagi D. Diogo era tambem Sangue de Pate, ou Senhor da principal povoaçaõ de Solor, onde eſtava a Igreja de S. Joaõ Bautiſta. Porem era tal ſua vida, que tendo nome de Senhor, e Chriſtaõ, tinha Alma, e procedimentos de Mouro: Polos quaes o Capitaõ da Fortaleza Antonio d'Andria o teve preſo apertadamente perto de hum anno: Mas devendo ſahir emendado, refinouſe nelle com o caſtigo a peçonha da maldade, e paſſou a hum odio, e dezejo de ſe vingar diabolico, e taõ diſſimulado, e ſecreto (era o homem por extremo ſagaz) que nunqua ſe lhe entendeo, ſenaõ depois que brotou por obras. Avia no meſmo tempo na meſma Ilha dous Irmãos homens de conta, e nome, hum ſe chamava Dom Joaõ, que era ſangue de Pate do lugar da Lamaqueira, outro Dom Gonſalo: Com eſtes ſe abrio Dom Diogo, porque o Dom Gonſalo tinha queixa publica do Capitaõ da Fortaleza, por certo caſtigo peſado, que lhe dera em huma occaſiaõ de guerra. Aſſi ſe deixaraõ facilmente perſuadir da lingoagem, e entranhas danadas de Dom Diogo. Dizialhes depois de muitas razoens: Deixo já Senhores a barbara crueza, com que eſte Tyrano me teve dez mezes ſepultado em huma cova daquella Fortaleza, e com taõ pouca juſtiça, que em fim me ſoltou ſem ſentença; porque naõ achou culpas, em que a fundar. Deixo a brutalidade fera, com que por huma leve culpa vos abrio as coſtas Senhor Dom Gonſalo de hombro a hombro, eſgremindo a duas mãos aquella ſua eſpada longa de traidor, ſem reſpeito do lugar, que voſſo Irmaõ, e eu temos neſtas Ilhas: Como avemos de ſofrer a ſoberba, com que os ladroens, que alli tem encaſtellados, trataõ eſte pobre povo? Já lhe tomaõ por força o que levaõ ao Baſar, que elles dizem que he livre: Se ſe defendem, tem mãos, e páos até contra as molheres: Se ſe queixaõ, he a dor dobrada; porque ſe perde o tempo, creſce a ira, e maldade nos accuſados, e o Juiz naõ remedea. Mas como ha de remediar, quem he maior ladraõ, o que fazem os companheiros? Quem vio nunqua lobo matar outro lobo? Se neſte ouvera algum genero de virtude, impoſſivel fora,

ra, naõ aver moderaçaõ nos ſeus. Obriga muito aos membros o bom termo, de quem he cabeça. Mas eſte Andria he tal, que em lugar de os refrear, faz maiores exceſſos que os meſmos. Póde ſer mór tyrania, que trazendo ſuas embarcaçoens mareadas com os noſſos pobres ſubditos, com que ganha muita fazenda pera ſy, naõ tenha no cabo da ſemana hum real, que lhes dar por ſeu trabalho, pera levarem pera caſa? Mas iſto he nada á comparaçaõ das exorbitancias, com que trata, os que faz ſervir no Forte, que fabrica na ponta de Servite, mais pera ſeu intereſſe, que pera noſſo bem: E naõ baſta, trabalharem ſem jornal, mas tambem ſem comer; porque nem hum punhado de Arroz, nem quatro feijoens lhe dá. Se iſto naõ levaõ de ſuas caſas, he força, jejuarem os dias inteiros. E o que he peor, que pera que eſtejaõ fartos quatro ſoldados ocioſos, que na obra tem por ſobreſtantes; obriga os peſcadores do meu lugar, a andarem em ſeu ſerviço com duas barcas continuas, e revezandoſe cada ſemana. Quando aſſi procede o Capitaõ, que emenda eſperais, nos que o acompanhaõ? Confeſſovos, Senhores, que vivo com tanta dór deſtas ſemrezoens, e das lagrimas, e pobrezas, que ellas cauſaõ em noſſos naturaes, que me parece pouco beberlhe o ſangue a elle, e a todos os ſeus; e até aos Prégadores: E pareceme, que naõ tendes vós menos rezaõ pera o meſmo. Ley nos trouxeraõ ſanta, e perfeita, muito lhes deveramos a eſtes Padres, ſe aſſi como a Ley he boa, e como querem, que nós a guardemos, aſſi a fizeraõ guardar ao Capitaõ, e mais Portuguezes. Mas que nós ſejamos Santos, e os Portuguezes deſbragados ladroens? Nós cativos, elles abſolutos Senhores? Naõ ha nenhuma boa ley, que tal deſigualdade enſine. Aſſi naõ he menos o fogo de ira, e payxaõ, que tenho contra aquelles geſtos contrafeitos, peſcoços torcidos, e olhos humildes, que contra o meſmo Andria: A elles tenho por autores de todos noſſos males. Elles nos, fizeraõ deixar a ley de noſſos avós em que viviamos com goſto, e liberdade: Elles ſaõ, os que nos tem a culpa do cativeiro, e miſerias, em que eſtamos. Que ha logo que fazer, ſenaõ vingarmonos de todos, ſe ſomos homens, ſe ſentimos, e ſe nos ſentimos: Os povos arrebentaõ de oprimidos, e apertados, nós, que ſomos cabeças, eſtamos afrontados: Seu trabalho nos admoeſta, e noſſa cauſa nos obriga. Lancemos logo taõ peſado jugo de noſſos hombros, ou acabemos como homens na demanda, e naõ acabaremos, ſe a Deos praz, que como ſempre favorece couſas juſtas, aſſi nos offerece de preſente huma occaſiaõ, qual naõ podiamos dezejar melhor. Daqui a dez dias ſe juntaõ o Capitaõ, e Padres a feſtejar o Santo de Lavumana; alli os colheremos juntos, como em rede, e nos pagaráõ em hum dia, injurias de muitos annos. Naõ diſſe mais D. Diogo, nem foy mais neceſſario, pera os dous Irmãos lhe darem as mãos, e ſe conjurarem com elle: Senaõ quanto a Dom Gonſalo, que ſe preſava de valente, e dezejava tomar por ſua maõ vingança do Capi-

Capitaõ, ſe offereceo, pera hir dar ſobre elle, e ſobre os Padres na hora de maior deſcuido, que ſeria quando eſtiveſſem jantando, e matallos juntos: E aſſentaraõ, que logo foſſe dando conta da determinaçaõ, e animando os que no lugar eſtavaõ mais eſcandaliſados, e eraõ homens de mais brio, pera eſtarem preſtes no dia ſinalado. E Dom Diogo, tanto que o feito foſſe executado em Levumana, acometeria a Fortaleza em Solor, e ſe faria Senhor della.

Apoz eſte acordo, começou cada hum com cuidado a fazer gente, e buſcar companheiros, e aperceber armas: até que amanhecendo o dia de S. Lourenço, que he Orago de Lavunama em 1598. 10. de Agoſto de 1598. appareceo o Capitaõ Antonio d'Andria na Igreja com alguns Portuguezes poucos, e quatro Padres, e começaraõ a celebrar ſua Feſta. A meya Miſſa entra pola Igreja D. Gonſalo cercado de vinte conjurados do ſeu lugar; mas com tal diſſimulaçaõ, que pareceo na vinda mais devoto, que inimigo. Aqui lhe occorreo, que pera executar a ſeu ſalvo, o que vinha fazer, lhe convinha, como em terra alhea, tomar licença do Sangue de Pate, e Senhor della, a pena que fazendo o contrario, ſe levantaria o povo, e o mataria com todos os ſeus. Era Sangue de Pate hum bom Chriſtaõ chamado Antonio Luis. Foyſe a elle Dom Gonſalo, e pediolhe ajuda, ou polo menos licença pera o inſulto, que a ſeu parecer era em beneficio, e honra de todos. Nem huma couſa, nem outra alcançou delle, nem de outro principal, por nome Coſmo Telles, abominando ambos a traiçaõ. Aſſi fez volta ſem fazer nada, e guardou Deos aquelle dia o Capitaõ, e Padres, que ſem falta pereciaõ todos, ſe o Sangue de Pate dera hum ſó aceno de conſentimento.

No dia ſeguinte moveo Deos os coraçoens dos dous, que eſtorvaraõ a maldade, pera a deſcobrirem aos Padres, que avia no lugar; pedindolhes, que logo avizaſſem ao Capitaõ, pera que ſe vigiaſſe do Dom Gonſalo, e ſoubeſſe o perigo, de que eſcapara. Era hum deſtes Padres Frey Franciſco Thaca natural da Batalha, Vigario entaõ da Lumaqueira, o qual paſſou logo a Solor, e aviſou de tudo a Antonio d'Andria, que devendoſe velar de todos, os que tinha aggravado, andou taõ inadvertido; que o primeiro, a quem communicou o aviſo, foy Dom Diogo, a quem conhecia por inimigo, e maligno: E em fim era cabeça da conjuraçaõ. Grandemente ficou ſobreſaltado Dom Diogo de ver o trato deſcuberto, e entendendo, que lhe convinha executallo, antes que o Capitaõ ſoubeſſe a parte, que tinha nelle, foy correndo na meſma noite á Lumaqueira, vioſe com os conjurados, e perſuadiolhes, que logo no dia ſeguinte puzeſſem por obra em Solor, o que lhes fora tolhido polos cativos Fieis, e covardes de Lavunama. Aſſentaraõ, hirem com repreſentaçaõ de paz, como outras vezes, e darem por rezaõ do corpo da gente, acudirem a certo concerto, pera que eraõ chamados dos Pamacayos. Mas que em deſembarcando fizeſſem tres eſquadras: Huma, que foſſe matar Antonio d'Andria, que

entaõ

entaõ tinha ſua caſa no meyo da povoaçaõ : Outra , que entraſſe na Fortaleza com diſſimulaçaõ, e ſe empoſſaſſe della: a terceira ficaſſe nos barcos com as armas de todos ; e tanto que ouviſſem certo ſinal, entraſſem polos arrebaldes, onde chamaõ Tanangaraõ , levaſſem tudo a ferro, e fogo, ſem perdoar a viva Alma, fazendo conta, que acudindo os Portuguezes a eſta parte, ficariaõ em meyo dos que aviaõ de matar Antonio d'Andria, e dos mais conjurados, que ſeguiaõ a Dom Diogo, e naõ eſcaparia homem a vida.

Que fora do mundo, ſe todos os conſelhos de guerra tiveſſem no campo o ſucceſſo, que os bons diſcurſos pintaõ em caſa? Tinhaõ por certo, os que hiaõ contra o Capitaõ, que o acharíaõ na ſua ſalla, deitado em hum eſquife, como coſtumava. Foy Deos ſervido, que eſtava recolhido: E iſſo lhe deu a vida. Porque vendo elles, que naõ ſahia , e temendo , que ſe tardaſſem, começariaõ os companheiros a dar por Tanagaraõ, voltaraõ pera os barcos a buſcar ſuas armas. Entretanto tinha Dom Gonſalo entrado na Fortaleza com toda diſſimulaçaõ: Fez Oraçaõ na Igreja, fallaraõ com os Padres, que acharaõ nella elle, e os ſeus, e puzeraõſe a paſſear na praça darmas, eſperando o ſinal concertado. Mas eisque a poucos paſſos começa a ſoar da parte de Tanagaraõ huma alarida, que afundia a terra: Vozes confuſas de acometedores, e acommetidos: Mata, mata, treiçaõ, treiçaõ, fogo, fogo. Ao primeiro grito manda Dom Gonſalo cerrar a porta da Fortaleza, e que ſenaõ perdoaſſe a ninguem a vida. Foy primeiro morto á porta da ſua cella o Irmaõ Frey Belchior Porteiro do pobre Conventinho. Foraõ buſcados os Padres; mas tinhaõſe ſahido antes. Deraõ logo traz os ſeculares: naõ ficou homem com vida, ſalvo os que o medo da morte fez ſaltar os muros. Creſcia a grita, e confuſaõ. Juntaraõſe os Portuguezes, e com elles os homens de melhor tençaõ da terra: E em lugar de acudirem aonde os chamava o dano, e o perigo de ſeus vizinhos, quizeraõ ſoccorrer primeiro a Fortaleza falta de defenſores; mas achandoa já fechada, e cheya de inimigos, que dos muros lhes atiravaõ pedras , e azagayas, foraõſe em demanda do Capitaõ : E niſto eſteve a ſalvaçaõ de todos. Porque ſe acertavaõ de hir contra o arrabalde, como eraõ poucos, e lhes vinha Dom Diogo nas coſtas , tomados em meyo naõ eſcapava homem. Arrebentava o Capitaõ de dor , e raiva de ver a terra ardendo, e a Fortaleza tomada : Rayva que mais juſtamente pudera ter contra ſeu deſcuido, e culpa de viver fora da praça, que tinha em Homenagem. Quizera arremeter contra Tanagaraõ, e dar Santiago nos Indios ; mas foy advertido de hum dos Padres, que ſe tinhaõ ſahido, quando Dom Gonſalo entrou, que guardaſſe a colera pera melhor conjunçaõ, e trataſſe de cobrar a Fortaleza por huma portinha falſa , que avia annos ſe fizera pera certo effeito, e depois ſe tapara, e agora eſtava aberta avia dous mezes. Chamavaſe eſte Padre Frey Diogo d'Aſſumpçaõ, peſſoa de grande nome neſta Chriſtandade.

Era

Era a porta taõ piquena, e em lugar taõ eſcuſo, que nem os inimigos ſabiaõ della, nem muitos dos noſſos. Lançouſe a ella Antonio d'Andria como hum rayo com hum montante nas mãos, e entrando levantou a voz como hum trovaõ, dizendo, Santiago mata treidores. Era eſte homem taõ valente, e taõ temido, como deſcuidado: Fez a voz effeito de muitos ſoldados. De ſorte, que naõ teve lugar de fazer emprego do ſeu montante, que jugava com muita deſtreza, e força. Tal foy o medo, que cahio nos inimigos, que naõ ouve nenhum, que lhe tiveſſe o roſto direito: E tal a confuſaõ, que nem a porta puderaõ abrir, nem a ſouberaõ abrir, pera fugirem. Saltaraõ dos muros abaixo. Mas já neſte tempo ardia a povoaçaõ toda ſem remedio. Ajudou o mal huma extraordinaria tormenta de vento, que eſte dia correo, e ſerem as caſas todas cubertas de Ola, que he folha ſeca de palmas; e toma o fogo como palha. Arderaõ as Igrejas, e naõ valeraõ os muros á Fortaleza, pera deixar de ficar abraſado tudo, o que nella ſe cobria com Ola, aſſi nos baluartes, como na Igreja, e Conventos, e ficaraõ por tudo rios de ſangue, correndo entre braſas, e tiçoens, e nuvens de fumaça, que cobriaõ o Ceo.

CAPITULO XVII.

Do que mais fizeraõ os levantados depois da perda de Solor: Da crueldade, com que martyrizaraõ dous mininos do Seminario, porque naõ quizeraõ renegar, e mataraõ outros muitos Chriſtãos: e como em fim foraõ deſtruidos, e aſſolados.

BEm ſe diz, que quando o Diabo torna a huma Alma, de que em algum tempo foy Senhor, e depois andou auzente, traz comſigo ſete Eſpiritos peores, pera que a maldade preſente vença com grande exceſſo a antiga. Aſſi vemos, que naõ ha gente mais preverſa, que os miſeraveis, que da Fé huma vez recebida ſe tornaõ á cegueira da infidelidade. Erraõ por entendimento: ficaõ cegos de vontade. Naõ ſe podem crer, nem referir ſem grande dór as irreverencias, que eſtes arrenegados cometeraõ contra as Igrejas, e Imagens Santas, e o deſaforo, com que profanaraõ os Calices, e ornamentos ſagrados. Affirmaſe, que tiraraõ ſetas contra a Imagem da Virgem Noſſa Senhora pintada na bandeira da Miſericordia: Beberaõ polos Calices: Raſgaraõ os Manipulos pera toucarem as cabeças a uſo dos Mouros Malayos. Mas tambem he rezaõ confeſſarmos que, ainda que a ira, e queixas eraõ de todos, naõ foraõ todos apoſtatas. Antes a maior parte do povo perſeverou na Fé com tanta conſtancia, que do meyo do fogo, e mortes, huns fogiaõ pera os Portuguezes, outros naõ ſe dando em nenhuma parte por ſeguros, ſe foraõ embre-

nhar

nhar no mato, donde depois ſe vieraõ recolhendo pera a Fortaleza. E alguns ouve, que nos deixaraõ exemplos de valor, dignos de ſe compararem com muitos da Primitiva Igreja, que por iſſo contaremos. Seja o primeiro de hum velho de ſeſſenta annos, vizinho do lugar de Solor. Eſte, quando chegou a ſaber, que Dom Diogo fora autor do levantamento, foyſe a elle com a confiança dos annos, e diſſelhe livremente, quaõ erradamente procedera em fazer mal a tantos innocentes pola culpa, que ſó o Capitaõ lhe tinha. Sofreo mal Dom Diogo a reprehenſaõ, e continuando no animo, e obras de treidor, fezlhe dar peçonha. Lavrou o mal depreſſa no corpo velho, entrou em morrer. Acudiraõ Mouros a perſuadillo, que renegaſſe. Sobreveo Dom Diogo com outros apoſtatas de Solor, fazendoſe Caciz, e offerecendolhe ſalvaçaõ na ſeyta de Mafamede: naõ ouve couſa, que o dobraſſe. Ha muitos annos, dizia, que vivo, e muitos que profeſſo a Ley Santa de Chriſto: nella eſpero ſalvarme, nella quero morrer: E aſſi acabou. Chamavaſe Coſmo Romeiro. A outros de ſeus companheiros mandou tambem matar Dom Diogo, porque ainda que foraõ conſentidores no levantamento, começou a temerſe delles; porque lhe naõ via o animo taõ inimigo da Fé, como era o ſeu. Mas em dous mininos reſplandeceo com gloria a verdade Chriſtãa. Eraõ criados no Seminario, de quatorze pera quinze annos cada hum, e naturaes de Solor. Andavaõ peſcando em hum barco, quando foy o levantamento. Deraõ nelles os Mouros de Lamalla, prendemnos, e levamnos a Dom Diogo. Eraõ de ſua juriſdiçaõ, e ſeus conhecidos, pertendeo com mimos, e brandura, que renegaſſem: Vendo, que ſe naõ perſuadiaõ, deixouos aos Mouros. Eſtes paſſaraõ com elles a ferros, e ameaças. Porem os innocentes reſpondiaõ com grande animo, que por muitos males, que lhes fizeſſem, naõ aviaõ de deixar a Fé de Chriſto, em que os tinhaõ criado os ſeus Meſtres, e Padres do Seminario. Começaraõ os Infieis a pôrlhes o ferro. E vendo, que creſciaõ em conſtancia, arrancaraõlhes os olhos, e depois as lingoas, cortaraõlhe os braços: E aſſi a pedaços os foraõ trinchando pera a meſa do Bom Jeſus. Até que lhe renderaõ as Almas. Queixome dos Padres daquelle tempo, que ſendo o martyrio publico, e certiſſimo deſtes mininos, naõ nos deixaraõ os nomes delles, como do velho, que atraz contamos, e de outro, que agora diremos. Vivia entre os Lamaqueiras hum Canarim de Goa, chamado Lourenço Gonſalves: fora hum tempo ſeu Meirinho da Igreja, e avido por bom Chriſtaõ. Quizeraõſe vingar delle com novo genero de morte. Levaõno a huma Ilha de Mouros, comedores de carne humana (chamaõlhe Gallia) damlho a bom barato. Quizeraõ os barbaros atormentallo primeiro em odio da Fé, foraõno talhando vivo, e fazendo eſpetadas pera aſſar; o que ficou depois de morto comeraõ cozido com figos, como coſtumaõ.

Triumfavaõ os apoſtatas, fartos de ſangue, e ricos dos deſpojos dos pobres Solores: E com tudo naõ deixavaõ de os perſeguir,

guir, correndo a terra, e tendo em cerco a Fortaleza, onde ſobre outros males ſe padecia tanto trabalho de fomes, por ſe aver queimado todo o mantimento, que avia, que morreo della muita gente, e fora maior o mal, ſe lhe naõ acudira o Padre Frey Simaõ Pacheco, Vigario que entam era do Ende com muita copia de Arroz. E naõ era ſó a guerra, que faziaõ, por terra: armaraõ barcos, foraõſe a Timor, onde ſabiaõ, que avia algumas embarcaçoens de Portuguezes tratantes do Sandalo. Acometeraõ duas animoſamente, e ſendo rebatidos, paſſaraõ a outro porto, tomaraõ huma, em que acharaõ deſcuido, mataraõ, quantos avia, á falſa fé, roubaraõ as fazendas, e queimaraõ o navio. O meſmo fizeraõ a outros dous carregados de Sandalo, uſando de manha. Paſſavaõ pera Solor ſegundo o coſtume: foraõſe a elles os renegados, affirmaraõlhes, que eſtava a terra de cerco por piratas de Maluco: Se quizeſſem aportar alli aquella noite, na manhãa ſeguinte lhes dariaõ guarda com ſeus barcos, pera paſſarem ſeguramente. Fiaraõſe do dito os pobres mercadores. Surgiraõ no porto, deſembarcaraõ em terra: na melhor hora do ſono foraõ todos mortos, os navios tomados, e roubados de quanto traziaõ. Mas naõ parou aqui a maldade. No meſmo tempo andavaõ outros polas Vigairarias da Ilha Grande, ſolicitando os amigos, e conhecidos a que ſe rebellaſſem: fazia medo, e obrigava muito o fogo de Solor viſto de longe. Aballavaõſe muitos em particular, e rebelouſe o lugar inteiro de Baybalo, e queimou a Igreja. O que viſto polo Vigario della, e por outros dous Padres das Freguesias de Larantuca, e Lavunama, tratou cada hum de ſe deſviar da perſeguiçaõ, pondo terra em meyo. Lançaraõſe ao mato, caminharaõ trinta legoas a pé até hum porto, donde dous ſe embarcaraõ pera Solor, e chegaraõ a ſalvamento. Naõ aconteceo aſſi ao Padre Frey Joaõ Travaſſos, Vigario de Bayballo, que foy morto na Ilha de Lucuraya junto a Solor, em companhia de hum homem malquiſto nella. Dizem, que quizeraõ os moradores congraçarſe cos levantados, na morte do Padre, e valendoſe com os noſſos de deſculpa fingida, de o naõ conhecerem, por hir em trajos ſeculares; e na morte do companheiro vingar odio geral, que lhe tinhaõ por algumas deſordens, cometidas por elle na terra em tempos atraz.

Tardava a Juſtiça Divina em caſtigar eſtes rebeldes, pera lhes carregar mais a maõ a ſeu tempo. Tardava ſua miſericordia em livrar os Fieis dos trabalhos da guerra, e ſobreſalto continuo, em que viviaõ, pera merecerem o remedio com Oraçoens, e emenda de coſtumes: Que iſto he o que de nós quer, quando manda afflicçoens. E com tudo aos ſeus hia já conſolando com alguns ſinaes de naõ eſtar eſquecido delles: E aſſombrando os apoſtatas com moſtras claras de que tinhaõ perto, e já ſobre as cabeças o açoute merecido; foy couſa certa, que morreraõ juntos, e em hum meſmo dia dous homens, que com Eſpirito Diabolico lançaraõ peçonha nos poços, de que bebia

a Fortaleza: E naõ ſó acabaraõ elles, mas tambem ſuas molheres, e filhos com elles. Na gente de Lamaqueira entrou huma doença, nunqua dantes viſta, nem ouvida, que matava muitos, principalmente mininos. Davalhes huma dór taõ intença, que nenhum paſſava do terceiro dia, e alguns acabavaõ no meſmo, em que lhe dava. E já era pratica commua, e até dos Mouros, ſer pena das crueldades, que tinhaõ cometido contra ſeus vizinhos, e amigos, que lhe naõ tinhaõ culpa. Mas naõ eſpanta menos o que ſe contava de huma arvore, que na porta da Igreja fazia ſombra aos que vinhaõ a ella. Quer foſſe verdade, quer repreſentaçaõ, que aſſombrava as conſciencias culpadas: Ouviaõſe de noite humas vezes ſoar nella vozes medonhas, e ſentidas, que muito atemorizavaõ: Outras, viaſe a meſma arvore nas portas dos enfermos, e era ſinal de morte certas. Aſſi andavaõ ameaçados, e medroſos; mas nada arrependidos. Aos Chriſtãos conſolou o Senhor com dous caſos, que bem moſtravaõ naõ os ter deſemparados. Eſtava arvorada na entrada da Lamaqueira huma Cruz fermoſa de páo, que os moradores, com ſerem renegados, naõ tiveraõ ouzadia pera a violar. Vieraõ Mouros, deraõ com ella em terra, fazendo conta de ſe ſervirem da madeira pera cozerem o ſeu Arroz. Mas tal foy o reſpeito, que o fogo lhe teve, que por muitas diligencias, que fizeraõ, nunqua pegou nella. E hum, que lhe poz hum machado pera a fender, ſe ſoube, que no meſmo dia pagara com a vida o atrevimento. Julgavaõ daqui os affligidos, que lhes queria Deos perdoar, como mandara ao elemento perdoar ao madeiro ſeco. O meſmo pronoſtico fizeraõ de outro ſucceſſo quaſi ſemelhante, que paſſou aſſi. Na Igreja de Bayballo, depois que os Mouros, e apoſtatas violaraõ, e deſcompuzeraõ quanto avia, quizeraõ fazer o meſmo á Pedra de Ara. Naõ ficou nenhum, que deixaſſe de provar ſuas forças pola quebrar; e nenhuma baſtou pera lhe tirar nem huma piquena laſca, ſendo lançada no fogo, e combatida com violencia de ſeyxos antes, e depois. Deixada por invencivel, reconheceo o milagre huma D. Thereza, velha honrada; levoua pera caſa: E avendoa della outro bom Chriſtaõ, por nome D. Jorge Baſa, lhe tem tanto reſpeito, que ſe foy com ella a hum monte ſeu, nelle fez huma choupana, e dentro hum modo d'Altar, em que a teve, até que ceſſou a perſeguiçaõ: E os Chriſtãos de Larantucca a pediraõ, e levaraõ pera a ſua Igreja. Duraraõ os trabalhos de Solor até a entrada do mez de Março do anno ſeguinte de 1599. Vieraõ navios de Malaca, juntouſe a gente delles com a da Fortaleza, deraõ ſobre a Lamaqueira em vinte quatro do mez. Acometido o lugar por mar, e terra, foy entrado com pouca reſiſtencia, e naõ ficou couſa viva, e ſaqueouſe o lugar, de quanto avia: Depois foy aſſolado como terra de treidores, que merecia ſer ſemeada de Sal. E porque ſe veja o poder, que já tinha, he de ſaber, que vieraõ delle pera Solor noventa, e tantas embarcaçoens entre grandes,

des, e piquenas. E tal foy o fim deſte alevantamento.

CAPITULO XVIII.

De hum principio de levantamento, que ouve na Ilha do Ende, e da guerra, que elRey do Macaſſá moveo a todas as terras da Chriſtandade de Solor; e do fim, que teve com a morte do Padre Frey Jeronymo Maſcarenhas.

SEndo Vigario da Chriſtandade o Padre Frey Paulo de Melquita, e juntamente Viſitador por commiſſaõ do Senhor Biſpo de Malaca, viſitava a Ilha do Ende. Neſte tempo ſuccedeo hum terrivel movimento de guerra entre os Numbas, e os moradores da Serra, em que ouve incendios, e muitas mortes: Ouvera de ſer muy cuſtoſo aos noſſos Padres, a quem já huns, e outros ameaçavaõ, ſe naõ chegara a Solor o Padre Frey Simaõ Pacheco, que como era muy conhecido dos Endes, polo tempo, que os governara, eſcreveo aos Atalaques; e diſſimulando ſuas culpas, reduzio tudo a boa paz.

1602. Mas logo no anno ſeguinte, que foy o de 1602. veyo ſobre eſta Chriſtandade outra perſeguiçaõ geral, que lhe deu muito trabalho, e paſſou deſta maneira. Mari he hum bom lugar da Ilha Grande junto de Queva, que fica defronte do Ende. Era morador nelle hum Amequira, homem inquieto, e ambicioſo, e ſe lhe meteo em cabeça poder ſe Senhor do Ende, e Solor, e de toda ſua Chriſtandade. Foy a traça, que logo executou, hirſe ao Rey do Macaſſá Mouro, e Senhor de huma grande Ilha deſte nome (diſta de Solor oitenta legoas) propozlhe fazello Rey de toda eſta Coſta; e ſe o fazia ſeu Viſo-Rey della depois de conquiſtada, lhe daria em cada hum anno cem corpos de eſcravos, e hum grande boyaõ cheyo de ouro. Para a conquiſta naõ queria mais, que huma moderada Armada; affirmando, e mentindo, que pera tomar a Fortaleza do Ende baſtava pouco poder. Porque os moradores eraõ Chriſtãos por força, e naõ podiaõ ſofrer o jugo dos Portuguezes: Pera a de Solor uſaria de manha, e com capa de amiſade ſe faria Senhor della. Perſuadioſe o Rey cubiçoſo: Deulhe huma Armada de quarenta embarcaçoens, com tres mil, e tantos homens darmas, de que fez General hum vaſſallo ſeu, que, ſendo renegado, retinha inda o nome do Bautiſmo, que recebera. Chamavaſe Dom Joaõ. Deſpachados, e feitos á vella, foy primeira determinaçaõ tentar Solor. Chegaraõ, propuſeraõ Embayxada de ſeu Rey aos Portuguezes, affirmando, que a outra couſa naõ vinhaõ, ſenaõ a fazer, que tiveſſe fim a guerra, e contendas, que com elles tinhaõ aquellas Ilhas; que por iſſo mandava tal poder, que nenhuma ſe atreveſſe a reſiſtir á ſua vontade. Naõ pareceo aos Portuguezes, que podia caber virtude em gente ſempre inimiga; e fazialhes má ſoſpeita tamanho corpo d'Armada. Reſponderaõ com palavras de cortezia, e agradecimento; mas acautelados em ſecreto, e confiados em muitos, e bons ſoldados, que de pouco tempo atraz lhes tinha trazido Deos por caſo pouco eſpe-

eſperado. Partira no anno atraz Fernaõ Pereyra de Sande de Malaca em hum bom Galeaõ, pera fazer viagem de Maluco. Foy o Senhor ſervido, que ſe vieſſe a perder na Coſta da Iaoa, nos mais ſabidos bayxos, que em toda ella ha, que chamaõ da Parſada, junto ao Reyno de Syrubaya; pera que neſta occaſiaõ foſſe, como foy, o remedio de Solor. Meteoſe com toda a gente no batel, e com aſſaz perigo, por ſer muita; entrando polo boqueiraõ de Servite, foy aportar em cabo de dez dias a Solor. Viraõ os Macaſſás mais provimento na terra, do que eſperavaõ achar, naõ ſe atreveraõ com ella: Levaraõ anchoras com a meſma diſſimulaçaõ, com que tinhaõ entrado. Atraveſſaraõ daqui á Ilha Grande, e entraraõ no porto de Sicá. Mandou logo Dom Joaõ dizer aos principaes, que lhe entregaſſem o Vigario, e mais Portuguezes, e com iſſo fariaõ ſeus concertos de paz, e receberiaõ ſeu tributo. Reſponderaõ, que pera dar o tributo eſtavaõ preſtes: O mais naõ fariaõ, porque era treiçaõ. Replicou Dom Joaõ, que polo menos os lançaſſem da terra, e queimaſſem a Igreja. Eſtiveraõ os bons homens conſtantes em naõ fazer vileza. E elle achando, que cumpria fazer medo a todos os mais portos com o caſtigo deſte, em que primeiro começava a deſcubrir ſua tençaõ, ſaltou em terra com animo de aſſolar o povo: Mas foy recebido com tanto valor dos noſſos Chriſtãos, que lhe mataraõ mais de cem homens; e entre elles huma Peſſoa Real, ſem perda nenhuma ſua, inda que ouve alguns feridos.

De Sicá paſſou D. Joaõ a Pagá, que he porto vizinho: Como hia deſcontente, e quebrantado com a morte dos ſeus, naõ ſe atreveo mais, que a pedir o tributo, que logo lhe foy dado. E fezſe á vella contra o Ende. De caminho tomou o porto de Mari, onde eſtava o Amiquira, cauſa, e promotor da jornada. Achavaſe em Lena, que he perto, o Padre Frey Jeronymo Maſcarenhas; como naõ ſabia o ſucceſſo de Sicá, foyſe confiadamente á Armada, entroũ na embarcaçaõ de Dom Diogo: Diſſelhe, que os Endes eſtavaõ preſtes pera lhe acudirem com ſeu tributo; e ſe quizeſſe eſcuſar maior viagem, alli lho trariaõ. Quiz Frey Jeronymo com iſto entender, que tençaõ trazia Dom Joaõ. Foy a repoſta ſem rebuço, que elle vinha a caſtigar os Endes; derribarlhe a Fortaleza; e fazer, que naõ ouveſſe entre elles Chriſtandade: E com tudo, que aos Portuguezes naõ queria fazer aggravo, e por tanto ſe tornaſſe pera Lena. Naõ tomou Frey Jeronymo conſelho: Mas paſſouſe ao Ende, dar a nova aos Padres, e mais moradores da Ilha, que ficando por extremo deſconſolados, o fizeraõ tornar a Dom Joaõ, por ver ſe o podiaõ abrandar, ou ao menos entreter. E entretanto pediraõ ſoccorro a Solor com laſtimoſas cartas. Naõ alcançou Frey Jeronymo melhor repoſta; antes mais aſpera, e deſcortez. Melhor obra fizeraõ as cartas. Porque no meſmo ponto, que chegaraõ a Solor, ſe deſpacharaõ Fernaõ Pereyra, e o Vigario Frey Simaõ Pacheco com hum bom numero de ſoldados em duas Caracoras:

E deraõ tanto animo na terra, que chegando depois onze embarcaçoens do inimigo a ver onde teriaõ comoda deſembarcaçaõ, deu ſobre ellas Fernaõ Pereyra com as ſuas Caracoras, e com alguns Piloens dos Endes, e os pos em desbarato, tomandolhe dous Paraos, e outras duas embarcaçoens, de que naõ eſcapou homem com vida; e fazendo fogir os mais á vella, e remo. Mas foy deſgraça do Padre Frey Jeronymo Maſcarenhas, que tornando de fallar a Dom Joaõ, encontrou com os que vinhaõ deſbaratados, e raivoſos, que como gente fraca quizeraõ vingarſe da culpa alheya, em quem lhe naõ tinha nenhuma: mataraõno ás lançadas com hum mancebo honrado, que o acompanhava, filho de Manoel Henriques, Cidadaõ de Malaca. Era Frey Jeronymo filho da Congregaçaõ, mas naſcido no Reyno.

Segundou Dom Joaõ em provar a maõ contra a Ilha, lançou em terra hum bom corpo de gente: Porem naõ tiveraõ melhor ſucceſſo. Acudiraõ os Endes em companhia dos Portuguezes, pelejaraõ tam animoſamente, que o inimigo tomou por partido retirarſe ao mar; mas com tanta deſordem, que os mais ſe embarcaraõ a nado, deixando a terra cuberta de corpos mortos. Paſſada eſta briga, ſe naõ atreveo Dom Joaõ a fazer mais experiencias. Porque feita conta do que lhe cuſtava a jornada, achou, que lhe faltavaõ oitocentos, e tantos homens. Contentouſe com lançar feros contra os noſſos, prometendo de tornar dentro em dous mezes com dobradas forças. E feito á vella pera ſua terra, deſaſſombrou aquelles mares. Foy elRey mais prudente: vendo ſua Armada deſtroçada, e com tanta perda, naõ ſómente naõ mandou outra, mas inviou embayxada de paz a Solor, e com ella alguns navios de Arroz, de que avia aſſaz neceſſidade na terra; reſtituindo juntamente, pera mais diſſimulaçaõ de ſua perda, e dor, duas eſpingardas, que os ſeus acertaraõ de levar.

Seguioſe grande bonança de parte de inimigo de fora, e tambem dos de caſa, que durou alguns annos: E como a paz em toda a parte he occaſiaõ de creſcerem as couſas piquenas, florecia a Chriſtandade por todas eſtas Ilhas em obediencia da Fé, e de ſeus Vigarios, e tanto concerto das Igrejas, e culto Divino, que affirma o Padre Frey Antonio da Viſitaçaõ em ſeus eſcritos, que parecia Solor outra Malaca. Hum Templo grande, e fermoſo na Fortaleza, com ſua alampada de prata, mandada fazer na China, de quinhentos Cruzados, e ſeus caſtiçaes altos do meſmo: Os retabolos dourados todos com muita curioſidade de obra da China. E porque ſobreveyo hum fogo accidental, que queimou ſegunda vez todo o tecto, e cuberta da Igreja, ſe naõ foy a Capella mór, que ſe livrou, por eſtar já reparada de pouco, e de telha a uſo de Portugal: Foy tanta a induſtria do Padre Frey Simaõ Pacheco, que dentro de pouco tempo ouve ás mãos hum official de telheiro da China; e naõ ſó cubrio toda a Igreja, mas tambem os baluartes, e todas as mais caſas da Fortaleza. Porem traz eſta proſperidade

ridade vieraõ annos, e foraõ muitos, de novos trabalhos, e inimigos mais poderoſos, e mais crueis, que de todo a eſcureceraõ, e quaſi extinguiraõ, e ſepultaraõ a Chriſtandade. Em quanto naõ chegaõ, diremos de alguns Religioſos inſignes em vida, e coſtumes, que a paſtorearaõ, e nella acabaraõ torrados do Sol, e conſumidos de miſerias. E ſe naõ foraõ mortos á eſpada, como os que temos apontado, e outros, de quem ao diante diremos, póde ſer, que ſeu merecimento, foſſe tanto maior, quanto mais cuſta huma morte lenta, e quebrantaõ afflicçoens prolongadas, que hum golpe de cutello, ou lança, que num abrir, e cerrar de olhos trazpoem huma Alma ditoſamente no Paraiſo. Será ſeu o Capitulo ſeguinte.

CAPITULO XIX.

Daſſe conta da virtude, e obras memoraveis de alguns Padres, que viveraõ, e morreraõ de ſua morte natural, ſervindo eſta Chriſtandade.

QUe lavrador ha taõ froxo, que reſpondendolhe com fertilidade o ſeu pedaço de terra, naõ acuda com muito cuidado a favorecella, e ajudalla com todos os beneficios, que a agricultura enſina pera que lhe venha a encher os celeyros com abundancia. Publicouſe pola Congregaçaõ na India, e cá em Portugal na Provincia, quaõ bem ſuccedia o trabalho, que os noſſos tomavaõ na ſementeira de Solor; quanto fruto rendiaõ pera Deos as fomes, as doenças, os perigos, que paſſavaõ. Foraõ correndo de toda a parte os Eſpiritos determinados, e valeroſos a juntarſe com os bons obreiros. Foraõ muitos, naõ podemos dizer de todos, daremos memoria a alguns, que ſem derramar ſangue, ſe ſinalaraõ muito neſte ſerviço.

Seja o primeiro na Hiſtoria, quem já moſtrámos, que o foy em levar a luz do Evangelho a eſta cega, e pobre gente. Digo o Padre Frey Antonio da Cruz, cuja vida foy taõ pura, e penitente, ſeu animo taõ inflamado em zelo da dilataçaõ da Fé, que na memoria dos Religioſos antigos teve ſempre nome de Santo: E ſe contaõ milagres muy patentes, que em vida, e morte fez: E ſe os deixamos, he, porque os meſmos, que tinhaõ lingoa pera os celebrarem, naõ tiveraõ mãos pera os eſcreverem, e authenticarem.

Segue a eſte Padre outro continuo aſſiſtente deſtas Ilhas, e pay verdadeiro dellas. Foy o Padre Frey Simaõ das Chagas, de quem tocámos alguma couſa em outra Parte, e aqui diremos mais: Porque ſaõ extraordinarias as que ſe contaõ delle: E todas eſtaõ verificadas por eſtromentos publicos de grande numero de teſtemunhas, que temos em noſſo poder, em que interpoz ſua authoridade o Ordinario de Malaca; ſendo Biſpo della Dom Joaõ Ribeyro Gayo. Eſtava hum dia á porta da Fortaleza de Solor, em tempo, que na terra avia grande falta de tudo, e fazia a neceſſidade maior eſperaremſe cada hora inimigos. Poz os olhos no mar contra a parte, por onde trazem ſua derrota os navios, que vem de Malaca, e da China. E chamando huns homens da terra, que eraõ preſentes,

Na Vida do S. Arcebiſpo D. Frey Bartholameu l. 1.

ſentes, perguntou: Se enxergavaõ hum vulto de navio, que elle diviſou ao longe? Alegrandoſe todos com a nova, mas dizendo, que nada viaõ, affirmou, que era navio, e que vinha pera o porto. Cerrouſe o dia ſem aparecer nenhum genero de embarcaçaõ: E ficaraõ todos julgando, que ſe enganava Frey Simaõ. Porque era tempo largo, ſegundo o vento, que corria, pera ter vencido a diſtancia, que a melhor viſta podia alcançar, e eſtar já no porto. Naõ ſaõ os Santos amigos de litigar. Mas amanhecendo o dia ſeguinte, provou, que fallara verdade. Porque apontou o navio da meſma parte, que elle diſſera, e alegrou a terra com ſua entrada; e juntamente encheo de eſpanto aos que tinhaõ ouvido o Padre. Porque perguntados os marinheiros, em que paragem vinhaõ na hora, que o dia atraz lhes dera novas de ſua vinda, affirmaraõ, que era tanto avante como o Cabo das Flores, donde avia boas doze legoas, até onde eſtavaõ anchorados: E em meyo ſe atraveſſavaõ humas Ilhas com ſerras taõ altas, que era impoſſivel ſer viſto nenhum genero de embarcaçaõ, por grande que foſſe, em tal lugar com olhos humanos, ſem revelaçaõ Divina.

Naõ foy menos maravilhoſo outro caſo, que teve por teſtemunhas os meſmos Mouros, que o tinhaõ cercado na Fortaleza. Cuidavaõ de a tomar á fome, e porque ſabiaõ a pouca proviſaõ, que dentro avia, tinhaõlhe a porta do mar livre. Chegouſe o bom Padre hum dia á agoa, meteo o bordaõ nella: Eisque o vem demandar hum cardume de peixe, como que lhe queria beijar os pés; manda encher ceſtos, e depois lançar huma copia do muro abaixo ſobre os inimigos; que julgando naõ ſer poſſivel tomarſe por fome praça, que tal provimento tinha, levantaraõ ò cerco.

Começouſe hum dia de Feſta a veſtir na Sacriſtia pera dizer Miſſa ao povo; diſſelhe o companheiro, que eſcuſaſſe o trabalho, porque naõ avia em caſa vinho. Reſpondeo, que foſſem ver as talhas, que inda acharíaõ quanto baſtaſſe pera a Miſſa. Replicou o Sachriſtaõ, que as que avia, eſtavaõ todas emborcadas por vaſias de todo. Todavia hide (tornou o Santo) e naõ duvideis, que vinho ha; e naõ ha de ficar o povo ſem Miſſa. Obrigado da obediencia, mas cheyo de deſconfiança, foy: E chou as talhas direitas, e cheyas de vinho. Eſcrevemos iſto no meſmo dia, em que o Bom Jeſu a rogo da Mãy Santa alegrou os convidados da boda em tornar em vinho ſaboroſo a agoa fria. E lembrandome, que diſſe o meſmo Senhor aos Diſcipulos, que ſe tiveſſem fé, fariaõ milagres, aventajados aos ſeus, doulhe infinitas graças; porque eſtou vendo eſta verdade cumprida em Frey Simaõ: que ſe o Senhor converteo a agoa em vinho, Frey Simaõ fez vinho do Ar, ou de nada.

Embarcandoſe pera huma Ilha vizinha, eſcureceo o Ceo, e como ſe o eſtivera eſperando, começou a desfazerſe em agoa. Sentiraõſe os companheiros, temendo molharemſelhe as armas, que aviaõ miſter enxutas, pera em caſo, que encontraſſem inimigos. Hia o Padre encoſtado

na

na popa do barco, e rezando; chamouos, mandoulhes, que ſe chegaſſem pera junto delle, e naõ temeſſem. Viraõ logo, que o reſto do barco ſe allagava com chuva, e outros, que hiaõ na companhia: E ſó a parte da popa, que elles com ſuas armas, e o Santo occupavaõ, naõ tocava a agoa; e como ſe fora emparada de hum ſeguro toldo, aſſi hia enxuta. Maravilha foy, que mais de huma vez aconteceo a noſſo Santo Patriarcha: Naõ deve eſpantar renovarſe em hum bom filho.

Mas naõ he muito mandar Deos, que os elementos obedeceſſem ao ſervo fiel, quando em ſua virtude lhe obedecia o Inferno. Maltratava o inimigo, que nelle reyna, huma pobre molher, atormentavaa laſtimoſamente. Tinhaõſe provado muitos remedios contra elle: já com varias, e aprovadas Reliquias, já com exorciſmos. Naõ baſtava nada. Acode o Santo, lançalhe no peſcoço hum Roſario, em que vinha rezando. Temeo Lucifer a Santa Cadea, e quem lha lançava. No meſmo momento foy fogindo, e deixou a pobrezinha livre, e ſãa.

Paſſando por huma rua, ſahio a tomarlhe a bençaõ huma moçazinha, cujo pay era hido á China, muito tempo avia, e naõ ſabiaõ delle. Reconheceo cuja filha era, deulhe a bençaõ, e diſſelhe, que ſeu pay entraria em caſa no meſmo dia: E aſſi foy.

A viſta de couſas taõ grandes, naõ ha pera gaſtar tempo em contar virtudes particulares: De força aviaõ de ſer muitas, e grandes, donde taes prodigios ſahiaõ. Foy o eſtromento, que atraz diſſemos, tirado entre ſeculares, que do Santo naõ ſabiaõ mais, qûe as couſas geraes, e publicas: Os Frades, que ſabiaõ do interior, e mais ſecreto, eraõ mortos. Todavia ſe diz muito de ſua caridade com os pobres, de ſua compaixaõ com os affligidos, de ſua brandura com os enfermos. Affirmaõ, que muitas vezes deixava de comer, e dava a raçaõ. Chorava os trabalhos dos que gerara em Chriſto, como proprios. Aos enfermos curava, naõ ſó como Medico, mas como pay, lavandolhes as chagas por ſua maõ: E tinha por coſtume andar taõ vigilante ſobre os que empeoravaõ, que nenhum morria ſem o ter á cabeceira. A iſto juntava enſinarlhes os filhos a ler, e eſcrever, e as couſas da Fé, com eſtranha paciencia, e manſidaõ; e com tanta liberalidade pera com todos, que chegava a dar tudo, quanto tinha na cella, e ficar ſem mais roupa, que a que trazia veſtida. E ha huma teſtemunha, que depoem, que ſe lhe azou a morte de ver, que naõ podia, nem tinha, com que remediar todas as pobrezas de ſeus freguezes. E provaſe iſto bem. Porque em huma auzencia do Vigario geral, ficando elle por Preſidente, mandou deſpender pera provimento dos pobres huma ſoma grande, e groſſa de dinheiro do Convento, que por nenhuma via pertencia ao dono. Dizia com toda confiança, que Deos acudiria a os Frades, como naõ deixaſſem perecer os ſeus pobres.

Eſta foy a vida de Frey Simaõ. Mas ſeu fim teſtemunha melhor della. Aſſi chamavaõ em Solor por elle depois de morto;

aſſi confiavaõ, que lhes avia de valer em ſeus trabalhos, como ſe o tiveraõ preſente, vivo, e ſaõ. Tornava de Timor hum navio, em que vinhaõ muitos de ſeus freguezes, e conhecidos: Eisque ſubitamente ſe embraveſe o mar, creſce o vento, ſoltaſe em furioſo tufaõ. Naõ avia na pobre gente, ſenaõ deſeſperar, conhecendo o tempo. A deſeſperaçaõ lhe trouxe á memoria ſeu bom Paſtor: E fez, que chamaſſem por elle, lembrandolhes com viva confiança, que prometera em vida áquellas fracas taboas, que a força da tempeſtade hia já abrindo, e deſcompondo, que naõ fariaõ ſeu fim no mar. Fizera o Santo a promeſſa, ſendo chamado pera benzer o navio, e darlhe o nome, que lhe deu, de S. Nicolao. Subitamente appareceo o Santo na popa em forma, e Habito, que de todos foy conhecido; e diſſe, ao que hia ao leme, que fora ſeu diſcipulo, e ſe chamava Paulo Ribeyro, apertandolhe a maõ, que governaſſe a outro rumo, e naõ temeſſem: E logo ceſſou a tormenta. Quaſi o meſmo ſuccedeo a outros em outras embarcaçoens, valendoſe do Santo. E depois viraõ todos cumprida a profecia do navio S. Nicolao. Porque ſendo já bem velho, e varandoo ſeus donos em terra, pera o concertarem, depois de bem eſtribado em ſeus pontoens, cahio delles, e ſe desfez todo em pó, de pura velhice, e podridaõ.

Mas naõ acudia ſó o Santo aos que o chamavaõ: tambem acudia aos que o aviaõ miſter, ſem eſperar ſer chamado. Avia em Solor hum mancebo, que fora ſeu diſcipulo, por nome Antonio Pereyra. Sendo caſado, deulhe hum mal de olhos, que lhe tirava o juizo com dores, e lhe hia tolhendo de todo a viſta. Creſceo tanto o tormento, e a cegueira, que lhe veyo a cegar o entendimento; e ajudando o Diabo a tentaçaõ, determinou matarſe. Recolhendoſe huma noite no leyto, meteo comſigo huma faca pera uſar della, tanto que a caſa eſtiveſſe quieta, e ninguem o podeſſe eſtorvar. Faltava pouco para executar a danada tençaõ, quando lhe fere nos olhos huma luz maior, que todas as ordinarias do dia, e vê ſeu Meſtre Frey Simaõ, que amoroſamente reprehendendoo lhe prometeo ſaude. E logo ficou ſem dór nenhuma. E no dia Santo ſeguinte ſe foy á Igreja com huma corda ao peſcoço por penitencia, e confeſſandoſe, ſe contou o caſo publicamente.

De outros dous Religioſos trata o eſtromento, hum Sacerdote, e outro Leigo: O Sacerdote Frey Antonio d'Aguiar. Contaſe delle, que ſendo mandado pola obediencia a certo negocio a huma Ilha vizinha, abaixou a cabeça, e foyſe embarcar, dizendo, que hia, porque o mandavaõ; mas que bem ſabia, que naõ avia de tornar; porque avia de morrer no caminho: E aſſi lhe aconteceo. Eſte Religioſo tomava cada noite tres diſciplinas á imitaçaõ de N. P. S. Domingos, e naõ tinha mais cama, que a terra nua, e hum livro por cabeceira.

Do Leigo naõ ſabemos mais nome, que o de Frey Aleixo. Sua provada virtude, e bom juizo, e a falta, que avia de jornalei-

naleiros em ſeara grande, obrigava aos Prelados, a fiarem delle cathechizar, e bautiſar em lugares ao longe, os que ſe convertiaõ. E eſtes meſmos teſtemunharaõ, veremno no tempo, que orava, levantado da terra mais de hum covado. Miſericordias do Senhor, pera confirmaçaõ daquelles pobrezinhos, que ſe ſogeitavaõ á doutrina do Evangelho.

Tambem anda nomeado por Santo Agricultor deſta Vinha de Solor, aſſi lá, como em toda a Congregaçaõ, hum Sacerdote, chamado Frey Belchior. Mas naõ chegou a nós mais particularidade de ſuas couſas, como nem mais nome.

Mas naõ ſerá rezaõ, que fiquem ſeparados deſtes Religioſos dous Prégadores da Ilha de Timor, hum muy antigo, que por primeiro Apoſtolo della merece aqui memoria, que he o Padre Frey Antonio Taveira, de quem atraz temos dito, que vindo de lá foy occaſiaõ das felicidades de Solor. Outro, o Padre Frey Belchior da Luz, que paſſando á meſma Ilha, muitos annos depois foy taõ bem recebido do Sangue de Pate do porto de Mena, porto melhor, e de mais comercio, que todos os outros, que nella ſe ſabem, que logo lhe conſentio levantar Igreja, e fazer Chriſtandade: E em favor della foy o Senhor ſervido obrar algumas maravilhas, que os naturaes atribuiaõ ás Oraçoens, e meritos do Padre. Foy a primeira, que perdendoſe a terra, e ſementeiras por ſeca, lhe pedio o povo junto, que fizeſſe Oraçaõ pola neceſſidade. Diſſe ſua Miſſa, e ſahio fora benzendo as terras, e o Ar: E foy o Senhor mandando logo tanta agoa, que igualmente alegrou, e eſpantou os moradores. Com a meſma bençaõ lhes livrou as hortas de humas lagartas, que lhas comiaõ, e conſumiaõ todas ſem remedio: E aſſi chegou a ſer, naõ ſó eſtimado do povo; mas venerado tambem, e até do ſenhor da terra, que fazia delle tanto caſo, que vendoo hum dia ſahir de caſa em palanquim, chegou a lhe querer tomar a cana por reverencia. Aſſi o refere nos ſeus quadernos o Padre Frey Antonio da Viſitaçaõ. E tudo fica crivel, com ſabermos, que naõ querendo eſte barbaro aceitar o Santo Bautiſmo, por naõ largar o vicio, com que o Diabo os enreda a todos, de muitas molheres, entregou hum filho ao Padre, pera que o levaſſe a Malaca, e o bautiſaſſe. Naõ ſe deteve Frey Belchior na Ilha mais de ſeis mezes, por ſer o clima taõ enfermo, que em todo eſte tempo foraõ muy poucos os dias, que gozou de ſaude. Levou o moço comſigo, alvoraçouſe Malaca pera elle, como pera Principe. Porque he a cobiça taõ manhoſa pera ſeus fins, que ao Sangue de Pate ſeu pay tratavaõ os mercadores do Sandalo com nome de Rey. Avia aqui muitos, puzeraõſe de feſta. Fez a ceremonia do Bautiſmo o Biſpo D. Joaõ Ribeyro Gayo, com aſſiſtencia do Capitaõ, e Governador da Fortaleza, e de todos os Nobres da Cidade. Inda que naõ foy de dura eſta gloria, polo pouco que depois ſe ſoube, que o novo ſoldado de Chriſto ſuſtentou a Fé. Danaõ muito exemplos caſeiros, e ſaõ peiores os paternaes. Tornou ao vomito.

Cap. 13.

CAPITULO XX.

De novos trabalhos, que vieraõ ſobre a Chriſtandade de Solor: E de alguns Religioſos, e outros naturaes, que nelles deraõ animoſamente a vida pola confiſſaõ da Fé.

CReſcia a Santa Religiaõ em Solor com a paz, que gozava de fora, e de caſa, produzindo flores, e frutos de boas obras pera o Ceo, e pera a terra; quando apareceo novidade, que foy cauſa de grande baixa nella. Deuſe paz em Eſpanha aos Eſtados rebeldes d'Olanda, e Zelanda, e foy com taõ pouco conſideradas condiçoens, que ſendo as Indias Oriental, e Occidental o thezouro, nervo, e medulla, que ſuſtenta a Monarchia de Eſpanha, naõ ficaraõ comprehendidas nella, mas antes ſogeitas á guerra, como primeiro. Permaneira, que os meſmos, que como mortaes inimigos a fogo, e ſangue nos guerreavaõ em Goa, e Malaca, vinhaõ eſtar com noſco em braços em Lisboa, e Sevilha, gozando de todas as boas mercadorias de Eſpanha, ſem as quaes naõ podem viver, deixandonos a troco os ſeus eſpelhos, e alfenetes, que bem podiamos eſcuſar. Miſeravel, e enganoſa paz, que a elles fez ricos, e a Portugal, naõ ſó em empobreceo, mas aſſollou, pola grande dependencia, que temos do Oriente. Foy o caſo, que como a India naõ ficou cuberta com o eſcudo da paz, e de Portugal naõ acudiraõ ſoccorros, como convinha, de mais Armadas que as ordinarias: Antes ſuccedeo, mandaremlhe Governadores, que nenhuma experiencia tinhaõ de guerra: Démos lugar, e quaſi licença aos rebeldes, pera ſem nenhum riſco, nem receyo encherem aquelles mares de navios, e as terras de gente ſua. E correndo livremente por tudo, carregaraõ mais no mar de Malaca. Porque por elle navega toda a maior riqueza do Oriente. Tanto creſceraõ em poder, dado por nós meſmos, ſem o querermos entender, que chegaraõ a dar batalha a noſſas Armadas, cercar Malaca, e outras Fortalezas, e tomarnos algumas. Que faria a pobre Chriſtandade de Solor em tal conjunçaõ? E baſtavaõ ſó os Mouros, com que eſtá miſturada, e outros das Ilhas vizinhas, pera lhe dar oppreſſaõ. Que faria com inimigos dobrados, e unidos? Deſanimaraõſe os bons, creſceo a maldade nos desleaes, entraraõ na terra Olandezes confederados com os Mouros: Naõ ouve forças nas Fortalezas contra tamanho poder, foraõ ſenhores de tudo. E como traziaõ nos olhos o odio do Santo Evangelho, foy primeiro cuidado lançar da terra todos os Religioſos, que puderaõ aver ás mãos, ſem os matar, ou polos defraudar da honra do Martyrio, ou por naõ eſcandalizar os freguefes, que queriaõ por amigos. Como a terra ficou ſem Meſtres; porque ſó dous ſe atreveraõ a ficar eſcondidos no mato, e polas cavernas dos montes, por naõ deſempararem de todo ſuas ovelhas: Naõ avia Chriſtaõ, que ouſaſſe alevantar cabeça. Triumphava a infidelidade. Durou eſte deſemparo muitos annos. Até que o Senhor foy ſervido tornar a

pôr

pôr os olhos de ſua miſericordia na pobre Vinha, reſpeitando o ſangue, e virtudes dos que a tinhaõ fundado. Acudiaõ Armadas noſſas a Malaca. Juntaraõſe os inimigos a reſiſtirlhes. Foraõ amainando ſua furia, e forças nos lugares de menos conta pera elles. Aſſi foy começando a tornar pouco a pouco a luz, e ſerenidade antiga. Moſtranos Deos, que quando ſe embravece o mar, e cuidamos, que dorme, e que ſe perde a barca, naõ eſtá deſcuidado dos ſeus. Saõ o que á viſta parecem deſemparos, humas vezes pera prova de noſſa Fé: Outras pera nos fazer novas, e mayores merces. Porque, inda que ouve muitos, que ſe tornaraõ, huns aos Idolos, outros á cegueira de Mafamede, ſabemos, que ouve outro grande numero por todas as Ilhas, que conſtantemente ſuſtentaraõ a Fé, e o nome, e amor de Chriſto, ainda daquelles, que eſtavaõ ſem Paſtor, que eraõ quaſi todos. Diſto nos deraõ clara, e valente prova na Ilha do Ende tres bons moradores della, com huma morte taõ glorioſa, que merece comparada com muitos martyrios dos qué celebra a Igreja Sagrada. Contallahemos brevemente, ſegundo ſe authenticou diante do Ordinario de Malaca: Viſto ſerem filhos, e fruto da doutrina de S. Domingos. Apareceo huma manhãa por fim do mez de Junho
1614. do anno de 1614. ſobre a Ilha, e defronte da povoaçaõ principal, hum pataxo, que ſurgindo hum pouco afaſtado, deſparou huma peça. O que ſendo julgado por ſinal de pedirem pratica, e ſer gente de paz, foy a bordo huma embarcaçaõ, das que alli chamaõ Caracoras. Mandaraõ os do Pataxo, que ſobiſſem os principaes: Tanto que os tiveraõ no convez, lançaraõ maõ delles pera os prender. Safouſe hum com tempo, vendo a treiçaõ: ſaltou na Caracora, fez remar pera terra, e pôr a gente em armas; porque reconheceo ſer o Pataxo de Olandezes, que vendoſe deſcubertos, lhe atiraraõ algumas bombardadas, e muitas moſquetadas. Eraõ eſtas Ilhas naquelle tempo povoadas a partes de lugares inteiros, huns de Mouros, outros de Chriſtãos, e Gentios miſturados: E todos com ordinaria communicaçaõ entre ſy, e em pouca diſtancia de humas povoaçoens a outras. Levantouſe o Pataxo, foy lançar ferro na praya de Volumavo, Aldea de Mouros. Aqui ſe deſcobriraõ aos preſos huns tres Mouros, que de ſecreto acompanhavaõ os coſſarios, e lhes fizeraõ grandes inſtancias, que renegaſſem, com promeſſas de grandes intereſſes, ſe o fizeſſem, e ameaças de mayores males, ſe reſiſtiſſem. Acudio Deos aos pobrezinhos com hum Eſpirito do Ceo, taõ firme, como o dos Moços de Babilonia. Eraõ tres como elles. Reſponderaõ alegremente huma vez, e muitas, que naõ temiaõ nada, e eſtavaõ preſtes pera dar a vida, e muitas vidas pola Fé de Chriſto. Fora hum delles criado no Seminario de Solor, ſendo minino, e ſabia ler, e eſcrever: Eſte animava, e dava coraçaõ aos dous, dizendo, que a morte paſſava num aſſopro (palavra formal do meſmo) e com ella tinhaõ certo ganhar o Ceo, e gloria pera ſempre, como os Padres lhe tinhaõ enſinado.

do. Tres dias durou a priſaõ, e a tentaçaõ. Nó cabo delles juntaõſe os Mouros, e Framengos, e como lobos carniceiros foraõlhes retalhando com cutiladas pernas, e braços. Algumas teſtemunhas dizem, que lhes esfolaraõ tambem os roſtos, e mãos, e lhes arrancaraõ os olhos, chamando os Bemaventurados ſempre o nome Santiſſimo de Jeſu, que os esforçava. Até que por remate, durandolhes ainda a vida, e o bom alento, atados rijamente os polegares de pés, e mãos foraõ lançados ao mar, onde com o nome de Jeſu na boca acabaraõ ditoſamente. Chamavaſe hum, Salvador, que era o Collegial, moço de vintoito annos: Outro, Pedro, de quarenta; ambos de ſobrenome Carvalhaes; e moradores no lugar dos Numbas, Freguesia de S. Domingos: O outro era Manoel de Lima, da povoaçaõ dos Xaraboros, Freguesia de S. Maria Magdalena. Todos tres caſados, e com filhos, e dos mais honrados dos ſeus lugares. E he de ſaber, que devemos a eſta Chriſtandade, naõ reſervarem, os que ſe convertem nenhum apellido Gentilico (como ſe faz em outras) nem em parte, nem em todo. Tudo tomaõ dos Chriſtãos, ſinal de verdadeira converſaõ. Foy teſtemunha na inquiriçaõ hum irmaõ do Collegial, o qual era entre os ſeus Capitaõ de guerra; o nome, Joſeph de Carvalhaes. Eſte depoz, que por hum cativo, que fora preſente ao Martyrio, que lhe mandara dizer o moço, palavras formaes, que pelejaſſe até o fim do mundo pola Fé. E confeſſava, que ſe achava taõ animado com o aviſo, que tendo depois muitos encontros perigoſos com inimigos della, ſempre Deos lhe dera vitoria, e de nenhuma maneira os temia. E he circunſtancia de grande conſideraçaõ, que avia nove annos, quando padeceraõ, que naõ tinhaõ Vigario, nem Cura. Porque tantos avia, que os coſſarios lhes tinhaõ deſterrado os Religioſos. Donde claramente ſe infere, e prova a boa diligencia, com que por elles ſe fundavaõ na Fé aquellas novas prantas.

Deſte dia em diante moſtrou o Senhor com muitos ſinaes, que fora agradavel em ſua preſença o ſacrificio. Bemdito ſeja elle, que ſendo merce ſua o valor dos que padeceraõ, quiz logo coroallo, e honrallo, uſando de novas miſericordias com eſta Chriſtandade. Foy a primeira naõ tardar com caſtigo á treiçaõ. Sempre a pena alcança a maõ, por muito que corra, va diante; e por muito manca, que ſeja a pena, que o ſegue. Aſſi o diſſe o Lirico: *Sæpè antecedentem ſceleſtum inſequitur pede pœna claudo.* Mas eſta teve azas: Porque logo aos dez do mez de Julho alcançou aos mais culpados, e treidores, que eraõ os Olandezes, ſem ſe meterem no meyo mais de quinze dias Tornavaõ pera a Fortaleza de Solor, onde tinhaõ ſahido no Pataxo o Capitaõ, e Feitor della com a mais, e melhor gente. Porque, nem no mar, nem na terra viaõ por entaõ que temer. Determinaraõ dar de caminho em huma povoaçaõ de Chriſtãos, que chamaõ Cramá. Largaraõ os pobres Chriſtãos o lugar, e reconhecendo o navio, por poucos, e mal armados eſconderaõſe polo mato de hum monte vizi-

Horat. Epod.

vizinho. Saltaraõ os coſſarios em terra, roubaraõ o que avia, foraõſe á Igreja, repicaraõ o ſino com feſta, e eſcarneo. Caminhaõ logo pera a ſerra a buſcar os eſcondidos. Indo calladamente, como bons caçadores, por naõ eſpantar a caça, ſuccedeo, que no meſmo tempo deſciaõ quatro dos noſſos com o meſmo ſilencio, e cuidado, a ver, e tomar lingoa do que faziaõ. Eisque a meya ladeira daõ de roſto com elles. Dandoſe por perdidos, animaõſe com a deſeſperaçaõ: Ferem o Ceo com hum trovaõ de brados, dizendo, Santiago, e deſparaõ os arcabuzes. Vinhaõ diante de todos o Capitaõ, e Feitor da Fortaleza: guiou Deos as ballas, cahem ambos mortos, e outros dous com elles. Enchemſe de esforço os quatro, pelejaõ como Leoens. Enchemſe de pavor os que ſobiaõ; vendo a ſua primeira fileira derribada, viraõ as coſtas. Acodem logo os eſcondidos com novo animo. Foy vitoria claramente do Ceo, e vingança dos Santos Martyres. Porque o medo nos Hereges creſceo tanto, que ſe deſpenhavaõ deſatinadamente polas quebradas, e penedos, e ſe afogavaõ n'agoa. Aſſi foraõ mortos quaſi todos, tomada a bandeira, e o tambor, e muitos moſquetes. Naſceo deſta vitoria o remedio, e reduçaõ deſta Chriſtandade. Que aſſi ſabe Deos acudir aos ſeus, quando he ſervido. Porque deſempararaõ logo a Fortaleza os poucos Olandezes, que nella ficaraõ. E antes de chegar a nova a Goa, poz Deos no coraçaõ do novo Vigario geral da Congregaçaõ, Frey Miguel Rangel, que no meſmo anno deſtes ſucceſſos chegou á India por fim delle, que entendeſſe em mandar novos Prégadores a reſtaurar o perdido. Naõ he pera eſquecer, pera conſolaçaõ da Fé, que affirmavaõ depois huns dos coſſarios, que do desbarate eſcaparaõ com vida, que os eſpantara hum velho, que vinha diante dos noſſos com hum baſtaõ na maõ, e cercado de muita gente. E ſe iſto naõ foy quererem deſculpar ſeu medo com myſterios do Ceo, que na boa paz naõ crem, podemos cuidar, que ſeria o Santo velho Frey Simaõ das Chagas, acompanhado dos Meſtres daquella Chriſtandade. Que pois valia aos diſcipulos nas tormentas do mar, como atraz contamos, tambem o faria nas da terra, e em tamanho aperto, como eſte foy. Ajuntavaõ a iſto os meſmos Hereges, e alguns outros naturaes, que quando entraraõ na Igreja, fazendo, como Infieis, zombaria do que avia, viraõ com eſpanto deſcer do Altar hum vulto de Frade Dominico, e pôrſe de joelhos diante delle, como em Oraçaõ. Bem ſe póde crer, que ſeria eſte o velho do baſtaõ.

CAPITULO XXI.

Deſpacha o Vigario geral da Congregaçaõ hum Viſitador a reſtaurar a Chriſtandade de Solor.

CHegou o Vigario geral Fr. Miguel Rangel, quando o anno de 1614. hia no cabo: E ſentindo gravemente as calamidades de huma Chriſtandade, que tanto tinha cuſtado á Congregaçaõ; e o dano, que teria cauſado em grande numero de

Almas

Almas a falta de Paſtores, determinou comſigo naõ entender em particular nenhum da Congregaçaõ, por muy importante que foſſe, primeiro que na reſtauraçaõ della. Mas foy neceſſario tardar muito. Porque por huma parte as couſas do Eſtado da India corriaõ com grande eſtreiteza, por andarem os mares coalhados d'Armadas Ingrezas, e Olandezas: E por outra convinha, como ſenaõ ſabia do deſpejo da Fortaleza, acompanhar os Religioſos, que ouveſſem de hir com gente de guerra, pera a combater, e cobrar. Aſſi requerendo com força, e chegando ſobre o requerimento, por ſer todo do ſerviço de Deos, a dizer ao Viſo-Rey palavras cheyas de liberdade, e ſeveridade Apoſtolica, naõ pode alcançar o que cumpria, nem deſpachar os Religioſos, ſenaõ depois de cumpridos dous annos, depois de ſua chegada. Em fim eſcolheo pera Viſitador, e Vigario geral da Chriſtandade o Padre Frey Joaõ das Chagas, peſſoa de partes de prudencia, letras, e actividade, quaes convinhaõ pera remediar huma terra aſſolada, juntas com muita virtude, e exemplo. Deolhe ordem, que ſe foſſe a Malaca, e alli eſperaſſe huma Galeota, que o Viſo-Rey tinha mandado apreſtar, com provimento de Capitaõ, gente, e muniçoens baſtantes pera o effeito de ganhar a Fortaleza, ſegurar a terra, e caſtigar os Mouros. Partio o Viſitador de Goa ultimo de Setem-
1616. bro de 1616. Chegado a Malaca, e paſſados muitos dias, que a Galeota naõ vinha, ſentio eſtar perdendo tempo: E como avia já por eſcuſado levar gente de guerra, pola nova que achou da Fortaleza eſtar livre de inimigos, fez inſtancia, com os que alli governavaõ a Fazenda d'el-Rey, que lhe deſſem paſſagem por conta della, e que em lugar da que lhe foſſe dada, ficaria a que avia de vir de Goa. Aceitouſe o partido, e deuſelhe embarcaçaõ: Mas de maneira, que pera paga do frete foy neceſſario ajudar elle com parte das ordinarias, que ſe lhe deraõ pera os Frades: E deu dellas cem Cruzados, por naõ faltar á neceſſidade dos Chriſtãos. Que deſta maneira ſabem ſervir na India os Frades de S. Domingos. Aſſaz era o trabalho Eſpiritual, e corporal, ſem tambem ſe aver de cortar pola ſuſtentaçaõ. Embarcouſe em fim em huma Galeota de mercadores, acompanhado dos Padres Frey Manoel de Sá, Frey Franciſco das Chagas, e Frey Luis d'Andrada: E tinha mandado diante, pera ſerem ſinco entre todos, o Padre Frey Pedro de Caceres. Deolhe o Reverendiſſimo de Malaca huma honrada Patente de Viſitador ſeu: E com ſua bençaõ ſe fez á vella em onze de Dezembro. Naõ entra ninguem no mar, que naõ tenha perigos, e trabalhos, que contar. Naõ faltaraõ ao Viſitador nos poucos dias, que tardou, até Solor. Hum ſó contaremos pera gloria de Deos, e pera ſe entender, que era a jornada de ſeu ſerviço. Tendo navegado tres dias com tormenta desfeita, depois de entrados polo golfo da Jaoa puderaõ chegar no quarto a hum abrigo da terra, e na enſeada, que chamaõ de Correa, e lançaraõ ferro em huma ponta emparada do vento:

to: Mas eraõ os mares taõ levantados, que naõ corriaõ menos perigo furtos, que navegando: E ſentiaõ, que a Galeota hia caſſando, e correndo pera o mar, parecendo, que ſe teria com outra anchora. Tanto que a lançaraõ, ficaraõ com mais alguma quietaçaõ, ao que ſe podia julgar. Mas na verdade foy coaſa milagroſa. Porque, quando veyo pola manhãa, ſe acharaõ apartados de terra mais de duas legoas. E obrigando iſto ao Piloto a lançar prumo, foy aſſi, que nem com duzentas braças de cordel ſe deu em fundo. De maneira, que eſtiveraõ ſurtos em paragem ſem fundo huma noite inteira, paſmando todos os marinheiros; porque das amarras, que tinhaõ ao mar, nenhuma paſſava de ſeſſenta braças.

Em quinze de Janeiro foy o fim da viagem, tomando terra nas prayas de Larantuca, povoaçaõ principal da Ilha Grande, onde entaõ ſe achavaõ com o Capitaõ Mór os homens mais principaes de Solor, e com elles os Padres Frey Gaſpar do Eſpirito Santo, e Frey Aguſtinho da Magdalena, que foraõ os que aturaraõ valeroſamente com os ſeus Chriſtãos no meyo das tormentas paſſadas, eſcondidos polos matos á imitaçaõ dos que conta o Apoſtolo, *Egentes, anguſtiati, in pellibus caprinis, in cavernis terræ*, por naõ deſemparar-rem aquellas Almas. Foy dia de triumfo, e grande goſto pera todos, e principio de verdadeiro remedio. Porque a vizinhança dos Inimigos, e os cuidados, e liberdades da guerra tinhaõ feito graviſſimo eſtrago nas conſciencias, e atavaõ as mãos aos Padres, pera poderem apertar nas materias Eſpirituaes com a ſeveridade, que entendiaõ cumprir. E como eſtavaõ ſós, e tinhaõ muitas povoaçoens pera curar (que ſó o Padre Frey Aguſtinho correo muito tempo com tres) nem forças, nem tempo avia pera acudir a tudo, o que convinha.

Ad Hæb. 11.

Começou o Viſitador ſeu officio de viſitar, tomando primeiro hum dia pera hir ver a Fortaleza, e Moſteiro, em que naõ achou mais, que paredes crimas; tudo o mais aſſolado, que lhe quebrou o coraçaõ, e obrigou a lagrimas. Mas peores couſas inferio, que avia de achar no eſtado das Almas. E naõ ſe enganou. Avia idolatrias, que o Diabo hia reſuſcitando entre os bautiſados, humas particulares, outras, que ſe faziaõ publicas. As particulares, que deſcobrio, foraõ dous penedos frios, e deſcompoſtos, ſem figura, nem feiçaõ, que em huma caſa ſe adoravaõ por Idolo. As publicas induzio força de intereſſe. Avia huma peſqueira no lugar de Lavunama, Freguezia de S. Lourenço, pendia ſobre ella huma arvore antiga, ramada, e grande. Eſta veneravaõ muitos com ſuperſtiçoens, e com ſacrificios de galinhas, avendo que lhes acreſcentava o peixe. As pedras recolheo pera levar ao Biſpo, e moſtrar a cegueira, que o Diabo ſe atreve a perſuadir a quem delle ſe fia. Contra a arvore ſe armou do zelo de hum S. Martinho. Naõ ſe contentou com menos. Elle foy o primeiro, que lhe poz o machado ao pé, e logo os Padres companheiros: E em fim ficou poſta por terra. Nos vicios da ſenſualidade reynava deſenfreada devaſidaõ: E

mais nos Nobres, e poderoſos, que no povo humilde. Avia quem mantinha muitas molheres de humas portas a dentro, caſado com todas á Mouriſca, ou Gentilica. E deſtes era o mais diſſoluto Franciſco Fernandes, que ſendo Capitaõ Mór da terra, e de ſua peſſoa taõ valeroſo, que mereceo mandar o Viſo-Rey da India, que ſe lhe pagaſſem quarteis da Fazenda Real em Malaca. Servialhe o poder, e mando, e o ter o melhor lugar entre ſeus naturaes, pera ſer vicioſo ſem redea, e viver ſem emenda de muitos annos atraz. Avia quem tinha por molher huma Gentia, ſem ſe matar pola bautiſar. Outro, que uſava de huma Moura ao meſmo modo: E eſte era ſenhor de tres lugares. Que faria em tal caſo hum Prelado Religioſo, e zeloſo? Chorava com vivas lagrimas tamanhas miſerias. E armandoſe de valor, e prudencia, pera lhe naõ ficar nada por remediar, prégava muitas vezes, animando todos á virtude. Com muito Eſpirito, e amor enſinava, admoeſtava, rogava. Entrada a Quareſma, ordenou todas as Sextas feiras á tarde devotas Prociſſoens, em que hia com todos os Padres cantando Ladainhas. Acompanhavaõ os Nobres todos, levando hora hum, hora outro hum fermoſo Crucifixo diante. E como era Prociſſaõ de penitencia, naõ faltavaõ diſciplinantes, e avia devaçaõ geral no povo em tanto gráo, que os Padres ſe maravilhavaõ, e davaõ graças a Deos, de verem em Provincias barbaras, e taõ remotas tanto reſpeito, e reverencia ás couſas da Fé. Perſeverou o Viſitador no começado toda a Quareſma. E na Semana Santa fez armar hum Sepulchro com todo o aparato, que a terra dava de ſy: E á Quinta feira fez o auto de lavar os pés aos Padres, e aos pobres publicamente no meyo da Igreja. Mas entretanto naõ ſe deſcuidava da cura, e remedio das infirmidades Eſpirituaes particulares, que tinha achado. Aſſi como com os autos publicos hia abrandando, e diſpondo as Almas, tambem em particular perſuadia os culpados com termo brando, e grave. E deulhe Deos tanta graça a elle, e a elles, que naõ ouve nenhum, que naõ ficaſſe reduſido á vida Catholica. A o Copitaõ Mór Franciſco Fernandes fez deſpejar a caſa, e ficar com huma ſó molher; a outros bautiſar as Gentias: E recebeo a cada hum com a ſua na porta da Igreja. Mais trabalho teve com o ſenhor dos tres lugares, que tinha a Moura. Chamavaſe Dom Luis, tinhao o Diabo muy cativo. Em fim acabou com elle, que a recebeſſe, bautiſandoſe, como logo a bautiſou. E foraõ os caſamentos parte pera quietaçaõ, naõ ſó Eſpiritual das Almas, mas tambem temporal da terra, entre os pays, e parentes das noivas. Val muito, em quem governa, juntar brandura com prudencia. Eſtas partes renderaõ ao Viſitador fazer huma reformaçaõ, qual nunqua ſe eſperou: E obrigaraõ alguns renegados, que andavaõ a monte, a ſe lhe virem lançar aos pés. Os quaes recebidos com animo paternal, e ſuas penitencias, ficaraõ vivendo na terra com moſtras de verdadeira converſaõ. Mas naõ foy ſó eſte o fruto da

jorna-

jornada. Acudiraõ muitos Gentios a pedir o Santo Bautiſmo: E logo ſe fizeraõ Cathecumenos quarenta e ſeis, ſó neſte lugar de Larantuca. O que referimos pera final do que ſe fez nos mais.

CAPITULO XXII.

Paſſa o Viſitador á Ilha do Ende. Provê de Vigarios algumas Igrejas: Torna para Solor, e Malaca.

TOmado eſte bom aſſento nas couſas de Solor, e Ilha Grande, com paz, e conſolaçaõ geral, determinou o Viſitador naõ tardar em dar viſta aos Chriſtãos do Ende: gente taõ conſtante na Fé, que avendo onze annos, que eſtavaõ ſem Meſtres, permaneciaõ firmes no amor, e reverencia della; e na lembrança dos Frades de S. Domingos, que lha tinhaõ enſinado, como o vimos nos tres, que fizeraõ prova de ſangue. Pera eſta ſegunda viagem foylhe neceſſario fazer novo gaſto, porque a Galeota, tanto que o poz em terra, naõ eſperou mais: Navegou pera Timor a fazer ſua veniaga do Sandalo, e mandou aperceber quatro Caracoras, pera ſe embarcar com armas, e ſoldados, tudo á ſua cuſta, e de ſeus companheiros. Sahio de Larantuca paſſadas as Oitavas da Paſchoa: E coſteando a Ilha, parou no porto de Sicá, Freguezia de Santa Luzia: Onde deixou por Vigario o Padre Frey Manoel de Sá. Era ſenhor principal no lugar D. Coſmo, peſſoa de taõ bom termo, e coſtumes, que naõ fazia differença de homem Portuguez bem reformado. Daqui paſſou a Pagá. E porque achou frieza nas couſas da Fé, como de tantos annos eſquecida, deixoua depreſſa, e atraveſſou ao Ende. Onde chegou aos dez d'Abril. Aqui foy recebido com feſta, e animos de verdadeiros Catholicos, que em fim tinhaõ filhos Martyres. Alegrouſe com ver, que todos conſervavaõ os nomes Chriſtãos, e ſabiaõ a doutrina, e Oraçoens da Igreja: E no modo de vida, inda que de tanto tempo ſem doutrina, avia menos deſconcertos, que noutras partes. Quiz todavia tentallos, fez juntar os principaes de dous povos. Perguntoulhes: Se queriaõ Padres pera continuarem na boa conta, que ſeus filhos tinhaõ dado de ſy, e delles, morrendo por Chriſto? Reſponderaõ que ſe avia onze annos, que ſem Padres ſuſtentavaõ o nome Chriſtaõ, como naõ aviaõ de folgar muito com elles, vindolhes á terra ſeu pay, e mãy (foy termo ſeu, com que ſe declararaõ)? E como ſaõ homens de poucas palavras, naõ podia ſer maior o encarecimento. Com eſta boa repoſta foy o Viſitador alegremente ver ſuas Igrejas. Huma ſe chama dos Numbas, e he da invocaçaõ de noſſo Padre S. Domingos. Outra, que ſe chama dos Xaraboros, tem o titulo de Santa Maria Magdalena. Avia em cada huma mais de dous mil Chriſtãos, taõ fundados, e fieis, que entrando o Viſitador polos lugares, ſahiaõ as molheres com ſeus filhos a offerecerlhos, teſtemunhando nos geſtos a alegria, que recebiaõ, de verem o noſſo Habito: E dizendo, que ſe os quizeſſem levar pera Solor, de boa vontade lhos dariaõ. Tan-

to ſe conſolou o Viſitador do que via, e ouvia, que ſe deteve na Ilha quinze dias. E foy a detença de muito effeito. Porque acudiraõ a viſitallo, e ver os Religioſos alguns Gentios da terra a dentro, e os mais lhe pediaõ Padres, offerecendoſe ao Bautiſmo. E ſervio tambem o deterſe, pera averiguar, como fez, com larga inquiriçaõ em virtude dos poderes, que trazia do Biſpo, a glorioſa morte dos tres naturaes: E juntamente hum eſtranho caſo, que até os inimigos da Fé julgavaõ por pronoſtico de grandes proſperidades nella. E por iſſo ficará aqui apontado. Foy aſſi, que poucos dias, antes que o Viſitador chegaſſe ao Ende, apareceraõ no porto de Volumano, lugar, e morada de Mouros arrenegados, duas embarcaçoens com Bandeiras de Chriſto, que inveſtindo com tres de Mouros, que eſtavaõ ſurtas no porto, as renderaõ: E deſparando ſó duas eſpingardas contra a povoaçaõ, ſe accendeo tal fogo nella, que ardeo a maior parte. Do que os Mouros ficaraõ cheyos de medo, e julgando, que era ameaço do Ceo contra elles, porque depois de bautiſados ſe tinhaõ tornado a Mafamede. E faziaos mais temer, verem, que feitas muitas diligencias averiguaraõ, que por aquelles dias nenhum navio de Portuguezes, nem doutros Chriſtãos andara por aquelles mares: E que na terra depois do incendio aparecera novo e maior prodigio. Porque em todas as caſas, que eſcaparaõ do fogo, amaneceraõ pintadas Cruzes de cal; a ſete, e oito Cruzes por cada caſa: humas nas paredes, outras nos eſteos. Grande aſſombramento pera elles, como conſolaçaõ, e alegria pera os Chriſtãos.

Deixou o Viſitador por Vigario dos Numbas o Padre Fr. Pedro de Caceres: E dos Xaraboros Fr. Franciſco das Chagas. E pera mais quietaçaõ, e ſegurança da Chriſtande, aſſentou com os principaes que lhes mandaria hum Capitaõ Portuguez, com gente de Solor, pera aſſiſtir com elles, e os defender dos Mouros vizinhos, e dos coſſarios Macaſſares, como depois mandou, que foy hum Lazaro Luis. E deſpedindoſe de todos com muito amor, e ſantas admoſtaçoens, tornou pera Solor. De paſſagem quiz tocar Pagá, por ver ſe achava em melhor diſpoſiçaõ os moradores. E foy Deos ſervido, que viſto o exemplo do Ende, lhe fizeraõ apertados requerimentos por Vigario, e chegaraõ a darlhe ſeus aneis em final, que o pediaõ com goſto, e o trataríaõ com amor. Aſſi lhes mandou depois o Padre Frey Gaſpar da Cruz. Chegado a Solor nomeou por Vigario geral da Chriſtandade o Padre Frey Franciſco Barradas: E por Vigario de Noſſa Senhora dos Remedios de Larentuca ao Padre Frey Luis d'Andrade: E de Noſſa Senhora do Roſario em Mulanato, o Padre Frey Aguſtinho da Magdalena, que pouco depois padeceo pola Fé, como adiante diremos: E o Padre Frey Gaſpar do Eſpirito Santo da Freguezia de S. Lourenço de Lavunama. Apoz eſtas nomeaçoens ſe embarcou pera Malaca.

E

E por lhe naõ ficar nada, por fazer, do que parecia cumprir ao bem da Chriſtandade, determinou viſitar de caminho elRey do Manaſá, que he o maior inimigo, que eſtas Ilhas tem. Porque ſendolhe ellas tributarias, e elle Mouro, o mais peſado tributo, que lhes pedem ſeus miniſtros, he que tornem á ſua maldita ſeyta. O que fazem de ſecreto. Porque no publico naõ ſe atrevem, profeſſando por ſeus intereſſes amizade com os Portuguezes. Com eſta jornada acabou o Viſitador ſua commiſſaõ, e veyo a entrar em Malaca em principios d'Agoſto do meſmo anno, deixando as couſas das Ilhas no melhor ponto, que por entaõ podia ſer. O que ſendo entendido polo Vigario geral da Congregaçaõ, acudio logo com Religioſos, e tantos em numero, que quando acabou os annos de ſeu cargo, avia dezoito Igrejas providas, como no tempo mais proſpero, e a Chriſtandade grandemente acreſcentada.

CAPITULO XXIII.

Da glorioſa morte, que padeceraõ em Solor os Padres Frey Joaõ Bautiſta, Frey Simaõ da Madre de Deos, e antes delles o Padre Frey Aguſtinho da Magdalena.

PEra darmos bom remate a todos os ſucceſſos de Solor, temos pera eſcrever o valor, com que de proximo offereceraõ ſua vida ao ſacrificio, por honra de Deos, tres Religioſos deſta Congregaçaõ, e Paſtores deſta Chriſtandade, que nos devem encher de eſperanças de avermos de ver nella maravilhoſos aumentos, viſto, como lemos, e he certo, que nunqua a Primitiva Igreja mais creſceo, que quando os Tyranos ſe davaõ mais preſſa a regalla com rios de ſangue dos Santos Martyres. Os meyos, que buſcavaõ pera a abater, e extinguir, eſſes meſmos a levantavaõ, e dilatavaõ com novas ventagens. Eraõ Vigarios na Ilha Grande os Padres Frey Joaõ Bautiſta, e Frey Simaõ da Madre de Deos: Frey Joaõ da Igreja de Pagá, e Frey Simaõ da de Sicá. Pareceolhes, que ſem fazer falta a ſeus freguezes, podiaõ ajudar no Ende alguns dias aos Vigarios daquellas Ilhas no beneficio de grande numero de Almas, que cada dia entravaõ por ſuas Igrejas, pedíndo o Bautiſmo. Como ambos eraõ vizinhos nos lugares, embarcaraõſe juntos em treze de Janeiro de 1621. pera hirem a Larantuca a tomar a bençaõ ao Prelado maior, que era o Padre Frey Joaõ Grego, e proverſe de algumas couſas neceſſarias pera a jornada. Sahidos do porto creſceo o vento, levantouſe o mar, e foy tal a tempeſtade, que por ſenaõ perderem, arribaraõ a hum porto de Gentios amigos, que chamaõ Lamalarra. Tiveraõ logo noticia em Solor, como tudo he perto, os Mouros renegados de Lamaqueira da chegada do barco: E avendo, que tinhaõ preſa certa, armaraõ á preſſa quatorze Piloens: Entraõ no porto, e pedem de paz aos Gentios, lhes façaõ entrega de dous Religioſos que de todo o barco 1621.

co nenhúma outra couſa querem. Fezſe de mal aos da terra tal requerimento. Reſponderaõ, como gente de razaõ, que tinhaõ paz com os Chriſtãos. E ſobre tudo naõ podiaõ fazer aggravo a quem debaixo de ſua fé lhes entrava no porto. Seguros eſtavaõ os Padres. Porque os Mouros naõ queriaõ, nem podiaõ uſar de força, ſe lhes naõ deſcubrira ſua maldade, e o odio mortal, que tem á Religiaõ, e a todos os Religioſos, huma traça diabolica. Souberaõ, que eſtava auzente o Sangue de Pate com os melhores do lugar em tres Caracoras, a fazer ſuas veniagas: E que eraõ eſperados por horas. Sahem a buſcallo, daõ com elle, e cativaõno com toda a companhia. Tornaõ logo com feſta a Lamalarra; e com ameaças, que nenhum dos cativos ha de ficar com vida, ſe lhes naõ entregaõ os Frades. E ſe lhos daõ, nenhuma outra couſa querem de toda a preza. Eraõ os cativos entre todos noventa peſſoas: trazia cada hum ſeu pedaço de fazenda, pera remediar a vida. Aſſombouſe a terra com medo, ouvida a propoſta. Acudiraõ molheres, e filhos dos preſos com clamores, e lagrimas. Naõ ouve, que fazer, ſenaõ conſentir na miſeravel, e forçada preitezia. Souberaõ os Religioſos o que paſſava. E vendo, que os chamava o Senhor, confeſſaõſe hum ao outro: Logo ſahemſe animoſamente ao campo, e como bons ſoldados a encontrar os inimigos. Faziaſe hum terreiro grande no meyo do lugar, ſentaõſe nelle ſobre humas pedras, e poſtos olhos, e Almas no Ceo, ſobem a elle com fervor, e Eſpirito, pedindo ao Senhor graça, e ajuda, pera lhe ſaberem offerecer aquelle ſacrificio, a que ſua infinita Miſericordia os trazia. Aqui obrou a fraqueza humana algum ſentimento no Padre Frey Joaõ, de que os olhos foraõ dando final. O que vendo o companheiro, levantou a voz, e diſſelhe as palavras ſeguintes, que foraõ ouvidas por quem depois teſtemunhou no caſo: Animo Padre Frey Joaõ, animo. E donde merecemos nós tamanho bem, como dar a vida pola confiſſaõ da Fé de N. Senhor Jeſu Chriſto. Demoslhe graças, e digamoslhe com animos de verdadeiros ſervos ſeus, que ſe faça ſua vontade, pois aſſi he ſervido. Daqui foraõ levados á praya com as mãos atadas atraz, e nella os tiveraõ com guarda toda a noite. Triſte, e deſconſolada noite! que na verdade naõ he taõ penoſa a hora da morte pera quem morre, como he a dilaçaõ, e caminho, per que ſe vay á morte. No dia ſeguinte, que ſe contaraõ dezoito de Janeiro, pola manhãa foy a entrega. Tinhaõ os bons Padres imitado a ſeu Meſtre Jeſu na priſaõ, e noite atribulada: Agora o começaraõ a imitar em todos os vituperios, e afrontas, que o meſmo Senhor padeceo entre os Judeos. Juntouſe a vil canalha ſobre elles: Huns lhes levavaõ nas mãos os cercillos com repelloens: outros lhas deixavaõ impreſſas nas faces com boſetadas. Tal avia, que os naõ tinha por dignos de ſuas mãos, e fazia guerra aos affligidos com pés, e páos, a couces, e pancadas. Todos lhes cuſpiaõ nos roſtos,

roſtos, e raſgavaõ os Habitos, com blasfemeas, e nomes infames, dignos ſó das bocas, donde ſahiaõ. Voſoutros, diziaõ, ſois os que nos fazeis guerra: Vós os que trazeis cá os Portuguczes: Vós os que nos enganais com voſſas doutrinas, e Prégaçoens. Ouviaõ, e callavaõ os benditos Padres, ſem torcer os roſtos, nem ſe queixar: Com alto ſilencio, e paciencia dentro em ſuas Almas, que conheciaõ ſeu bom emprego, e por quem padeciaõ. Seguioſe ás afrontas, meterem ambos ao remo, e fazeremlhe eſtirar os braços, e cançar neſte trabalho o dia inteiro. Mas elles animaraõſe neſte paſſo hum ao outro. E por naõ paſſarem ſem fruto o pouco tempo, que já entendiaõ lhes ficava de vida, fizeraõ do banco, em que remavaõ, Pulpito: E hora hum, hora outro diziaõ a vozes aos Infieis, que olhaſſem que viviaõ cegos, e enganados. Porque tinhaõ deixado a Jeſu Chriſto, verdadeiro Deos, por ſeguir ao falſo Mafamede; que, ſe naõ tornavaõ ſobre ſy, com elle hiriaõ arder pera ſempre no Inferno. Aſſy hiaõ merecendo, e levando novas injurias. Chegados a ſuas caſas, mudaraõ os Infieis conſelho, pera maior coroa dos Martyres. Começaraõ a offerecerlhes mimos, deſcanço, e vida alegre, e bom lugar entre elles, ſe quizeſſem tornarſe Mouros. Aqui tomou fogo o valor Chriſtaõ. Reſponderaõ com ira, que eſtavaõ cegos, e tontos em lhes cometerem tal. Que naõ deixavaõ a Chriſto, pera ſer Mouros, os que tinhaõ por officio converter Mouros a Chriſto. Que a vida queriaõ dar por elle; e em quanto lhes duraſſe, naõ deixariaõ de prégar ſua palavra ſanta. E aſſi foraõ continuando nas verdades, que publicavaõ. Era Frey Joaõ naſcido em Malaca: Declaravaſe meihor pola lingoa Malaya, que alli ſe entende. Offendidos do muito, que lhes dizia, ſaltaõ nelle com furia, cravaõlhe hum prego pola cabeça: logo levaõ dos terçados, cortaõ pés, e mãos a ambos. E porque inda moviaõ as lingoas, ſoando nellas o nome de Chriſto, foy ultima pena, e principio de gloria, cortaremlhes as cabeças. Celebraraõ os barbaros o dia com banquete raſgado, em que fizeraõ prato dos figados dos Santos, cozidos com outros de animaes, pera podermos dizer por elles com verdade: *Obturaverunt ora leonum.* Sobre tarde ouve nova carniceria, acompanhada de ſalvas de arcabuzeria, grita, e vozes deſentoadas de Muſica, e inſtrumentos barbaros, com que atroando o lugar por feſta, foraõ desfazendo os corpos Santos em quartos, e os repartiraõ polas povoaçoens de ſua ſeyta.

Mas graças infinitas á ſoberana Bondade do Deos, que temos, que logo quiz conſolar aquella pobre Chriſtandade, e todos, os que nella temos parte, com miſterioſos ſinaes de que lhe foy aceito, e cheiroſo lá no Ceo aquelle holocauſto. Viraõſe em Lamalarra na noite ſeguinte, e outras ao diante duas tochas aceſas ſobre as pedras, em que os benditos Padres eſtiveraõ ſentados quando ſe diſpuzeraõ pera a morte, como contamos. Reſplandecia

decia com luz muy viva em cada pedra ſeu lume á viſta dos Gentios, que acudiaõ a paſmar: E a muitos devia ſer occaſiaõ de deixar a cegueira dos Idolos. E porque os renegados de Lamaqueira naõ duvidaſſem do caſo, moſtroulhes o Senhor dos Ceos, que he maravilhoſo em ſeus Santos, outro maior. Viraõ por algumas vezes dentro no ſeu lugar, em praça publica, e diante do povo todo, os Religioſos ambos, que tinhaõ eſquartejado, e trinchado, e como feras comido, ambos veſtidos em ſeus Habitos Dominicos. Naõ foy ſonho, nem ficçaõ, conheceraõ ambos, e cada hum delles, e com elles a outro Padre, que tambem tinhaõ martyriſado avia tres annos. Só faltou fallarem. Com o que andavaõ todos attonitos.

Eſte famoſo, e fermoſo ſucceſſo foy juridicamente authenticado na Cidade de Malaca polo Chantre Joaõ Rodriguez de Luna, Vigario geral della: E depois ſegunda vez polo Arcediago Franciſco Soares, Vigario geral de Solor polo Reverendiſſimo de Malaca Dom Gonſalo da Sylva, por cuja ordem foraõ remetidas as Inquiriçoens á Sé Apoſtolica. Donde eſperamos, que viraõ brevemente honrados com titulo de verdadeiros Martyres.

Porque temos fallado em terceiro companheiro, he de ſaber que, ficando o Padre Frey Aguſtinho da Magdalena por Vigario de Noſſa Senhora do Roſario em Mulavato, como atraz fica dito, foy colhido por eſtes meſmos renegados em huma ſahida, que fizeraõ no anno de 1618. E levado ao meſmo lugar de Lamaqueira; onde, depois de infinitos eſcarneos de palavra, e obra, cuidando em que genero de morte lhe dariaõ, que foſſe igual em tormento ao odio de ſeus coraçoens, inventaraõ a mais horrenda crueldade, que já mais foy viſta, nem ſe lê dos Tyranos antigos. Tinhaõ no eſtaleiro pera lançar ao mar hum grande navio: Quizeraõ eſtreallo com o fazerem correr por ſima do Santo. Fazemno eſtirar no meyo da praya, e da carreira atraveſſado. Deſce o navio. Tudo, o que a furia, e peſo colheo dos benditos membros, deixou moido, e feito como em leite. O reſto do corpo ficou em dous pedaços palpitando meyo vivos, e deſpedindo laſtimoſamente a Alma.

Por Carta do Padre Frey Joaõ S. Jacintho, eſcrita em Goa no Convento de Santo Thomás, onde de preſente he Meſtre dos Eſtudantes, em vinte ſinco de Fevereiro de 1630. ſoubemos, como honrara noſſo Senhor com maravilhas o corpo do bendito Martyr Frey Aguſtinbo da Magdalena, Saboyano, de quem aſſima ſe trata, em o conſervar em huma praya deitado tres annos incorrupto, com luzes do Ceo, que de noite apareciaõ ſobre elle: E que chegando a maré onde eſtava, lhe naõ fizeraõ nenhum dano os peixes, nem aves, nem animaes: E o que he de maior eſpanto, que ſendo toda a praya de pedra preta, ſe fez hum circulo grande ao redor do corpo todo branco, de modo que as pedras, 1630.

que

que dentro eſtavaõ, todas eraõ brancas. As quaes, diz o Padre Frey Joaõ da Piedade, Vigario de Solor, que iſto eſcreveo aos noſſos Padres de Goa, que tem feito milagres em doenças, e ſe faziaõ diligencias, por ſe authenticarem in forma Juris.

Fim do Livro Quarto.

TERCEIRA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO QUINTO.

CAPITULO I.

Entraõ os Religioſos de S. Domingos no Reyno de Camboya, a petiçaõ do Rey: Daſſe conta dos graviſſimos trabalhos, e variedade de ſucceſſos, com que nelle perſeveraraõ.

LOuvaõſe no bom Capitaõ as partes de prudencia em ſaber governar hum exercito, em eſcolher ſitio, e tempo pera dar huma batalha: Louvaõſe as do esforço em acometer, e pelejar. Mas acontece encontraremſe eſtas, que intrinſeca, e propriamente ſaõ ſuas, com huma, de que naõ he ſenhor: E ſe chama fortuna, ou ventura, que ſem remedio as desbarata, e poem por terra: Tira a vitoria ao valeroſo, e ſabio; entregaa nas mãos de hum venturoſo. Cheyo eſtá o mundo de exemplos, naõ ha pera que apartar nenhum. Por onde hum aviſado, juntoulhe, e conſiderou com attençaõ a parte, que lhe achou de venturoſo. Porque debalde he esforçado debalde bem entendido, quem no cabo he deſgraciado. Mas iſto ſe ha de entender nas couſas corporaes, e da terra. Nas Eſpirituaes, e do Ceo vay a conta muyto ao revez. Julgaõſe por outros diſcurſos, medemſe por outros palmos. Porque ſervimos melhor Rey, e temos melhor Juiz. Faça de ſua parte o que deve quem ſegue a Bandeira de Chriſto; que nunqua deixará de vencer, e alcançar o premio dos bons intentos, inda que pouco favorecidos ſejaõ do ſucceſſo. Iſto dizemos polo que no Livro paſſado terá viſto,

viſto quem attentamente o leu; e polo que verá em parte do preſente. Entrou o Padre Frey Gaſpar da Cruz em Camboya: cuſtoulhe ſobre perigos do mar, ſobre fomes, e doenças da terra, hum anno de eſtudar a lingoa. No cabo achou tudo taõ cerrado, e taõ encontrado com ſeus bons penſamentos, que dos homens naõ pode alcançar nada: Porque elle meſmo confeſſa no Livro, que compoz deſta peregrinaçaõ, que ſó hum converteo, e eſſe deixou enterrado. Paſſouſe á China a buſcar gente de entendimentos livres, e mais ſeguidores de razaõ. Tambem aqui por differentes caminhos ſe lhe cerrou a porta, e foy força deſpejar a terra apreſſadamente, obrigado de poder alheyo, mais que goſto ſeu. E com tudo ſabemos, que no meſmo tempo deraõ principio á grande Vinha das Ilhas de Solor o Padre Frey Antonio Taveira por huma parte, e o Padre Frey Antonio da Cruz por outra, com tanta felicidade, que começou a florecer com frutos copioſiſſimos. Que diremos a ſortes taõ deſiguaes, onde as peregrinaçoens, os trabalhos, as vontades foraõ iguaes? Senaõ, que noſſa differença de ſortes, e a boa tençaõ iguallou os premios. Porque pera com Deos val tanto huma boa, e determinada vontade, que a recebe por obra, e como a tal lhe dá o galardaõ. Aſſi no lo deixou eſcrito, muito tempo ha, hum grande Sabio: *Cum anima* (diz) *magno deſiderio ad cœleſtia inhiat, miro modo hoc ipſum, quod præcipue quærit, jam deguſtat.* Quando huma Alma com ardente dezejo ſuſpira polos bens do Ceo, já por modo eſtranho ſe acha ſenhora, e goza do que apetece.

No Prologo do Livro da China.

Greg. 15. Moral.

Fundados neſte diſcurſo naõ duvidaraõ os Religioſos de S. Domingos tornar a tentar o mato bravio do grande Reyno de Camboya, ſem embargo da experiencia, que tinhaõ na cabeça, do Padre Frey Gaſpar da Cruz. E foy aſſi, que paſſados muitos annos depois, apareceo em Malaca Embayxador, e carta do Rey delle com requerimento de amizades, e offerta de aceitar Prégadores, e dar lugar pera Igrejas, e Chriſtandade; como ſabia, que aceitavamos de outros Reynos. Acudio logo o Capitaõ, e Governador da Cidade ao noſſo Convento. Propoz ao Prior a boa occaſiaõ, que ſe offerecia aos Frades de exercitarem ſeu miniſterio; que ficava mais de eſtimar, por vir de miſtura com o intereſſe temporal daquella praça, que como vivia em continuos ciumes dos Reys vizinhos, que a todo ſeu poder a perſeguiaõ, eſtavalhe bem terem por amigo hum, que ſabiaõ ſer muito rico, e poderoſo, inda que afaſtado. Reſiſtia o Prelado ao ponto de dar Frades, lembrado das difficuldades, que entre eſta gente achara o primeiro noſſo, que a tentara pera a promulgaçaõ do Evangelho, que naõ eſqueciaõ. E como prudente allegava, que o Rey barbaro naõ queria Religioſo na terra pera doutrina, ſenaõ ſó pera penhor, e como arrefens, ou de paz, ou de ſuas mercancias. Saõ, dizia, os ſucceſſos antigos regra, e modello, pera acertar nos preſentes. Que ha, que eſperar de hum Rey, que he Bramene por ſeyta, eſcravo do Demonio por feitiçarias

rias continuas? Que ha, que eſperar de hum Reyno compoſto de homens cativos, e que ſe tem por taes em corpos, e almas? Se iſto nos conſta de certa ſciencia, e por experiencia de homem noſſo, homem ſiſudo, e verdadeiro, que o vio com os olhos, e tocou com as mãos, naõ ſerá temeridade, por naõ dizer cegueira, errarmos advertidos, que he errar por vontade, e aſſinte? Que ajudemos a paz pera bem da terra, em que vivemos, tal ſeja minha vida. Que a compremos com a vida dos Frades, e com capa do Santo Evangelho a quem ſabemos, que o naõ ha de receber em ſy, nem dar lugar aos ſeus, que a recebaõ, por mais offertas que faça: Nunqua me parecerá bem. Aſſi arrezoava o Padre, ſem dar moſtras de ſe dobrar. Mas puzeraõſe de parte do Capitaõ dous Padres graves, ambos Prégadores, e vindos da Provincia de alguns annos atraz, que naõ ſó o ajudaraõ, mas convenceraõ o Prior. Porque ſe offereceraõ pera a jornada, e pera acompanharem logo o Embayxador. Eraõ os Padres Frey Lopo Cardoſo, filho de S. Domingos de Lisboa, que na Congregaçaõ tinha ſervido os cargos de Prior de Chaul, e Malaca, e Vigario da Chriſtandade de Solor; e Fr. Joaõ Madeira, filho do Convento d'Azeitaõ, e natural d'Elvas. Partiraõ animoſamente, tiveraõ proſpera viagem, e foraõ recebidos d'elRey, naõ ſó com boa ſombra, mas com feſta. Porem dentro de pouco tempo ſe trocou tanto que muito á ſua cuſta provaraõ, quam acertado conſelho era o do Prior. Foraõ ſeus trabalhos grandes com a morte diante dos olhos muitas vezes: E nenhum fruto da Prégaçaõ na terra. Naõ eſpecificaremos aqui nada; porque largamente temos eſcrito, o que lhe ſuccedeo, na Primeira Parte deſta Hiſtoria entre os filhos do Convento de Lisboa, polo ſer tambem o Padre Frey Lopo; como fica dito. Só proſeguiremos aqui, como em ſeu proprio lugar, o que paſſou neſta Provincia ó Padre Frey Silveſtre d'Azevedo, que Frey Joaõ dos Santos chama de Figueredo, ficando com Frey Lopo em lugar de Frey Joaõ Madeira, que era hido.

Fr. Joaõ dos Santos l. 2. c. 7. da ſua Ethiopia.

He pois de ſaber, que deſpedido o Padre Frey Lopo Cardoſo com licença d'elRey pera Malaca, a buſcar meyo de ſatiſfazer a ſua cobiça: E aſſi reſgatar o companheiro, e deſempenhar ſua palavra, como em ſua vida contàmos, juntou ſegunda vez entre amigos, e gente caridoſa, quanto pareceo, que igualaria de bom retorno a encomenda Real. Porque ſoube logo, que ſe perdera o primeiro no mar. Eſte ſegundo retorno, que foy cauſa de grandes males pera muitos Padres da Congregaçaõ, deſpachou com bom tempo, e eſperanças de boa viagem. Quando menos ſe cuidou, deu em mãos de Achens, crueis inimigos de Malaca, que tomaraõ o navio, e roubaraõ tudo. Entretanto naſceraõ novas deſconfianças no Rey, naõ vendo repoſta de Frey Lopo, e lançando ſempre o juizo a cuidar o peor, naõ reſpeitava perigos de mar, nem inconvenientes da terra; mas ſentindoſe com eſpirito mercantil, e raſteiro, que ſobre a encomenda, que naõ vinha, perdia tambem

P. 1. l. 3. c. 32. da Hiſtor. da Provincia.

o

o eſcravo, que ſoltara, pera a hir buſcar: E deſcarregava ſua ira ſobre o companheiro, que cadadia prometia mandar lançar aos Eleſantes. Aſſi paſſou Frey Silveſtre longos dias em ſobreſalto continuo, gaſtando todos em doutrinar hum grande numero de Almas, que tinha bautiſado, gente de varias Naçoens, e cativos d'elRey, como elle, que eraõ quaſi quinhentas peſſoas, Japoens, Chins, Jaos, e outros, mas nenhum Camboya. Com eſtes ſe conſolava. Até que ſuccedeo o caſo, que dandolhe novos cuidados, ordenou, que foſſe meyo pera o livrar de todos, e ficar naõ ſó com deſcanço, mas ſubir a huma naõ cuidada proſperidade. Parece caſo imaginado na fantezia, pera repreſentaçaõ de Comedia ocioſa, e fingida, mais que acontecimento, como foy, certo, viſto, e ſabido. No meſmo tempo, que Frey Silveſtre paſſava em medos, e agonias, e o Tirano ſe queixava delle, e de todos os Frades, vivia o noſſo Prior de Malaca com taõ differentes penſamentos, que vendo, que eſtava largamente ſatisfeita por Frey Lopo a valia da encomenda d'elRey; fez conta, que era tempo acomodado pera acudir a Frey Silveſtre com ajudadores pera a converſaõ: E deſpachoulhe dous Religioſos em hum navio de mercadores Portuguezes, que na meſma confiança hiaõ alegremente fazer ſua viagem, e veniaga. Mas naõ eraõ bem entrados no primeiro porto, que puderaõ tomar, quando elRey tendo aviſo, que era gente de Malaca, mandou lançar maõ de tudo, tomar as fazendas, cativar as peſſoas. Eraõ os Religioſos Frey Reynaldo de Santa Maria, e Frey Gaſpar do Salvador: Ambos com todos os paſſageiros, e moradores ficaraõ por eſcravos d'elRey; naõ ſem grande, e nova pena de Fr. Silveſtre. Porque foraõ tantas as neceſſidades, e apertos, em que ſe viraõ os pobres Frades, que chegaraõ a ſe ſuſtentar de eſmollas: E porque eſtas naõ baſtavaõ, buſcaraõ em que trabalhar de maõs, e ganhar jornaes. Em fim determinaraõ pôr em riſco as vidas, por fugir de tal terra. Concertaraõſe com hum navio, que eſtava de partida: Venceraõ com promeſſas, e teve o furto ſucceſſo.

Ficou Frey Silveſtre ſó, ou por andar mais vigiado, e ſer muito conhecido, ou, como tenho por mais certo, por naõ deixar os ſeus Chriſtãos. Paſſados muitos dias, vendoſe elRey largamente pago, e ſua ſede farta no roubo, que fizera aos Portuguezes, dezejou reconciliarſe com o Capitaõ de Malaca. Chamou Frey Silveſtre, começou a tratallo com mimos, e brandura pera o fim, que pertendia. No meyo deſtes favores, como Frey Silveſtre era muito aviſado, e os trabalhos lhe tinhaõ afinado o bom juizo natural, ſoubelhe ganhar a vontade de maneira, que de eſcravo, que era, ſubio ao mais alto gráo de valia, que avia no Reyno. Tanto o adiantou o Rey a todos ſeus grandes, que geralmente era chamado Pay d'elRey. Teſtemunhavaõo obras; porque ſeguia em tudo ſeus conſelhos. Por ſeu voto pagava ſerviços, fazia merces a ſubditos, e eſtranhos. E ao noſſo Moſteiro de Malaca mandava eſmollas

Reaes.

Reaes. Chegando algumas vezes a lhe inviar Juncos carregados d'Arroz ; que como he o mantimento principal daquellas terras, que naõ produzem trigo, enrequeciaõ a Caſa, e ſuſtentavaõ a Cidade. Igualavaõſe as obras de liberalidade com honras. Faziao aſſentar em ſua preſença , e davalhe cadeira : moſtrando, que naõ podia eſtar ſem elle. E ultimamente lhe deu licença , pera trazer ſombreiro alto, que he inſignia, que ninguem, ſenaõ elRey, póde uſar. Pera Igreja naõ ſó deu licença, mas proveo a deſpeſa, e o neceſſario pera ella. Aſſi o chama o Padre Mendoça no ſeu Itinerario , ſegundo do Joſeph do Egypto em Camboya. E quadralhe bem a comparaçaõ polo eſtado primeiro de captivo , e pobre , e polo ſegundo de mandar tudo. Por onde me perſuado, que nunqua Frey Silveſtre ſahio de Camboya ; inda que naõ falta quem diga , que antes deſtas proſperidades veyo a Malaca , e a rogo do Capitaõ ſe tornou.

P. Mendoça Ag. c. 21. do ſeu Itin. Gen. 41.

CAPITULO II.

Pede Frey Silveſtre licença a elRey pra ſe hir pera Malaca, que lhe naõ concede : Converte hum Sacerdote dos Idolos, peſſoa inſigne , que morre pola Fé.

EM meyo de tantas abundancias de bens da terra, com que ſe fazia por toda a parte invejado Frey Silveſtre, naõ ſentia todavia hora de goſto em ſua Alma. Porque via correr os annos , e naõ podia acabar com elRey , que deſſe licença aos vaſſallos, pera receberem a Ley de Chriſto : Sendo aſſi, que muitos dos melhores , e mayores, ou foſſe genero de adulaçaõ por ſua potencia, ou força da doutrina , que ſempre lhes praticava , lhe offereciaõ ſeus filhos pera o Bautiſmo , como elRey conſentiſſe. Tinhao tentado em todas as occaſioens , que mais benigno ſe lhe moſtrava. Sempre o achava duro , hora dizendo naõ ſer honra revogar a ley , que ſeu anteceſſor fizera contra mudanças de Religiaõ : Hora affirmando que , ſe a quebraſſe, ſe levantaria o Reyno. Acreſcentava o deſgoſto a Frey Silveſtre , ter aviſos de Frades amigos , que a fama , que delle corria por toda à Congregaçaõ, era , que folgava de mandar , e ſer Principe entre barbaros , deſcuidado das primeiras obrigaçoens do Habito , que eraõ prégar a Fé. Vivendo aſſi deſconſolado comſigo , e nos olhos do mundo graõ Senhor (que iſto acontece nelle a muitos) entrou navio de Malaca , que de novo o encheo de cuidados , preſentandolhe cartas , e obediencia do Prior de S. Domingos de Malaca, que he Prelado de todos os Frades , que por aquellas partes do Sul andaõ eſparzidos ; na qual com pena de excommunhaõ lhe mandava , que na primeira occaſiaõ , que pudeſſe, ſahiſſe de Camboya , e ſe faſſe a Malaca. Nenhuma nova ſe pudera dar a Frey Silveſtre de mais goſto, ſenaõ trouxera de miſtura o preceito, que era argumento de ſer certa a opiniaõ aveſſa , que os amigos lhe affirmavaõ ſe tinha de ſuas couſas. Foyſe logo com os papeis a elRey. Era huma Patente de rigu-

riguroſa nota, paſſada polo Preſentado Frey Antonio Rebello, que de novo entrara por Prior de Malaca. Propozlhe a obrigaçaõ, que tinha de acudir a ella, e o diſcredito, em que eſtava com os ſeus, por ter deixado paſſar tantos annos, ſem ſe reſolver, ou em prégar, que era e ſeu officio, ou em deixar a terra. Carregouſelhe elRey; e remeteo ao Preſidente da Fazenda, em quem achou clareza de tudo, o que entendera do ſembrante Real. Recapitulou eſte tudo, o que o Tyrano tinha dado, e doado por amor delle, empreſtimos, e merces, que tinha feito a Portuguezes, e a outras Naçoens: Hum Junco (he genero de navio de alto bordo) que empreſtara por ſeu rogo a certo Portuguez, e ſe perdera. E por naõ ficar nada, por lhe lançar em roſto, e pôr em rol, ajuntava a encommenda antiquiſſima dos eſcravos, que mandara a Malaca, por quem tanto padecera Frey Lopo Cardoſo: E concluia, que pagandolhe tudo, porque tudo elRey fizera por contemplaçaõ delle Fr. Silveſtre, ſem outro reſpeito, nem conhecimento de partes, entaõ ſe poderia hir. Aſſombrado o pobre Frade com repoſta taõ fora de caminho, ſegundo iſſo, diſſe, naõ quer elRey, que me eu vá. Porque elle ſabe muy bem, que fora deſte Habito, e Breviario, nenhuma couſa outra poſſuo debaixo do Sol. Aſſi paſſa, replicou o Gentio, e bem he rezaõ, que ſaibas eſtimar, fazer tanto caſo de ti, ſendo tú hum pobre Eſtrangeiro do cabo do mundo. Que ſe te pede eſtas couſas, naõ he por neceſſidade, nem cobica dellas; que antes eſtá prompto, pera te fazer maiores merces; ſenaõ pola graça, que tua ventura diante delle achou. Reconhecia Frey Silveſtre o amor d'elRey, como agradecido que era: Mas quizera antes, que fora verdadeiro odio, pera que o lançara de ſy, ou o deixara hir. Ficouſe, porque naõ era ſenhor de ſy.

Deſte dia em diante ſe determinou Frey Silveſtre a hum novo genero de vida; vida de homem malencolizado, e deſcontente. Encerrouſe em huma caſa com portas fechadas, com porteiro, e campainha, e eſtava em meyo da Cidade, como ſe vivera no deſerto, com grande admiraçaõ, e louvores dos Gentios. O que ainda fora mais toleravel, ſe tivera companhia de Frades. Mas foy ſegunda deſgraça, que como era publico na Congregaçaõ, que Camboya naõ admittia o Evangelho, e ſabiaõ delle, que nadava em proſperidades, ateimaraõ, julgando mal do homem, em lhe naõ darem companheiro, que com grandes efficacias requeria: E chegou a paſſar ſinco annos inteiros, em ter quem o confeſſaſſe. E mais paſſara, ſenaõ acontecera aportar na terra hum Junco da China, e nelle hum Sacerdote ſecular, que feſtejou, como ſe fora Anjo mandado do Ceo: E com muitos rogos acabou com elle, que ſe ficaſſe em ſua companhia. E porque a differança do trajo naõ foſſe eſtranha no povo, veſtiolhe hum Habito de S. Domingos. Como teve tal companheiro, que lhe foy de grande alivio Eſpiritual, e temporal, ajuntou á clauſura outra circunſtancia de caſa Religioſa, que foy levantarſe á meya noite,

te, e precedendo primeiro, e ſegundo final de ſino, rezar na Igreja ſuas Matinas, ſeguidas ſempre de Oraçaõ, e diſciplina: E depois com a meſma ceremonia de ſino ás Horas coſtumadas do dia. Na Quareſma fazia juntar os Chriſtãos, que tinha convertido, e tomar ſuas diſciplinas, entoando com pauſa, e devaçaõ o Pſalmo, *Miſerere mei Deus, &c.* Aſſi temperava as ſaudades, em que vivia, de ſua Religiaõ, dizendo com David: *Cantabiles mihi erant juſtificationes tuæ in loco peregrinationis meæ.* Como ſe diſſera: Quando Senhor me achava mais longe das terras, onde ſois conhecido, e venerado, entaõ tinha mais goſto de louvar voſſo nome, e cantar voſſas grandezas.

Sahiolhe bem a Frey Silveſtre eſta repreſentaçaõ, que fez de Moſteiro. Porque alem de ſe conſolar com o meſmo, em que ſe criara, moſtrava juntamente a eſtes Barbaros a fermoſura da Igreja de Chriſto; pera os hir affeiçoando a ella. Aſſi continuavaõ com elle muitos Sacerdotes dos Idolos, eſpantados do concerto, e perſeveraça, com que procedia. E porque ouve hum taõ atrevido, que preſumio convertello á ſua ſeyta, e foy Deos ſervido, que de caçador ficaſſe caçado com taõ boa ventura, que veyo a morrer por Chriſto, ſerá bem, dizermos brevemente alguma couſa das cegueiras, com que o Diabo traz envolta eſta miſeravel Gentilidade, pera que demos graças a Deos por nos criar na luz verdadeira da Fé. Primeiramente ha neſte Reyno muitas, e ſumptuoſas caſas, em que ſe recolhem, como em Moſteiros, tanto numero de homens, que ſe affirma comprehenderſe a terceira parte do Reyno nos que já tem titulo de Sacerdotes, e os que o vaõ por ſeus degráos pertendendo, com trato, e vida a ſeu modo Religioſa; com ſer o Reyno taõ grande, e populoſo, que punha eſte Rey em campo naquelle tempo cem mil homens de peleja. Entre eſtes ha ſinco gráos, com que entre ſy ſaõ diſtintos em nome, authoridade, e lugar diante d'el-Rey, e do povo. Os primeiros, e de maior dignidade, que ſe chamaõ Meſſancraches, em toda occaſiaõ tem aſſento aſſima d'elRey. Succedem os Naczindeches, que ſe aſſentaõ igualmente com elRey. A terceira differença he dos Mityres, que ſaõ do gráo commum dos Sacerdotes, e tem lugar abaixo d'elRey. A eſtes ſeguem duas diſtinçoens, que chamaõ Chapuzes, e Sazes. Todos procuraõ viver ſeparados do povo em vida, e trato: E naõ fica meyo, que naõ buſquem pera ſe fazerem eſtimar, e venerar por grandes ſabios, com que creſcem em ſoberba, e preſumçaõ Luciferina. Por onde ſaõ os mayores inimigos, que tem a Ley Evangelica, e as peores Almas de conquiſtar. Porque ſendo aſſi, que tratados, e levados por rezaõ, naõ ha gente mais facil de convencer: Como tem alcançado tanta eſtima, e credito entre os ſeus, quando chegaõ a ver deſcuberto o erro, em que vivem, naõ ſabem ſahir delle com medo de perder reputaçaõ. Aſſi póde mais com elles o ponto da vaidade, que o da verdade, e ſalvaçaõ; e caminhaõ com milhoens de Almas pera o Inferno.

Fr. Gaſpar da Cruz no Tratado da China. c. 1.

ferno. Entre muitos Deoſes, que adoraõ, de hum, que daõ por Autor do Ceo, e da terra, tal vida contaõ os meſmos Sacerdotes, que fez, e taes hiſtorias publicaõ delle, que com poucos argumentos vem a confeſſar, que foy homem, e cheyo de maldades. Naõ ha entre elles eſtudo, nem ſciencia de couſas altas. O que enſinaõ, e publicaõ da outra vida, ſaõ patranhas, e ignorancias de mininos. Dizem, que ha vinteſete Paraiſos. No mais alto poem ſeus Deoſes. Cujos corpos dizem, que ſaõ redondos como balas. E a maior honra, que daõ aos que ſobem da terra, he terem tambem os corpos redondos ao modo dos Deoſes. Abaixo deſtes querem, que vaõ os ſeus Sacerdotes Santos, que vivem polos ermos: E a bemaventurança, que lhes daõ, he eſtaremſe lá refreſcando ao vento. Parece que, como os miſeraveis paſſaraõ toda a vida torrados do Sol; ficaõ bem pagos no outro mundo, com lograrem viraçoens brandas. Outros Paraiſos fazem pera toda a couſa vivente, em que poem por gloria abundancia de comer, e beber, e ſenſualidades varias; affirmando, que até a pulga, e a formiga vaõ lá gozar nova vida. Mas iſto baſte pera argumento das trevas, que cegaõ neſta Gentilidade a Meſtres, e diſcipulos.

Entre os que mais continuavaõ com Frey Silveſtre, era hum Naczendeche, acreditado no povo, e valido d'elRey, homem de bom natural, e no trato, e converſaçaõ ordinaria aviſado, e brando. Eſte achando em Frey Silveſtre as meſmas partes, propoz comſigo trazello á meſma ſeyta. Hum dia, que eſtiveraõ ſós, depois de longa pratica, deſcobrioſe com elle. E foylhe dizendo tudo, o que em longos dias tinha eſtudado pera o perſuadir. Naõ teve Frey Silveſtre melhor hora de quantas lhe levou Camboya: Deu por conquiſtada a Alma do Gentio, como o vio poſto em tratar de verdades, e boa rezaõ. Desfezlhe todos ſeus argumentos com pouco trabalho; porque em nenhum avia força, nem fundamento: Logo tornou ſobre elle. E tanto lhe ſoube dizer, que ajudado o idolatra da Graça Divina, abrio os olhos á luz, e pedio, e recebeo o Santo Bautiſmo. E taõ fundado ficou nas verdades Catholicas, que com grande afouteza publicava, que naõ avia ſalvaçaõ, ſenaõ em Chriſto, que era verdadeiro Deos, e Homem, e Salvador do mundo. E tudo, o que os Maſſancraches, e Naczandereches prégavaõ, era falſidade, e deſatino. Conſolavaſe grandemente Frey Silveſtre com tal diſcipulo, tinhao por premio de ſeus trabalhos, porque fazia conta de ganhar muitas Almas por ſeu meyo. Mas foy tal o fogo do odio, e indignaçaõ, que ſe levantou nos companheiros de ſeu gráo, e em todo genero de Sacerdote Camboya, que, avendoſe todos por afrontados nelle, determinaraõ tirarlhe a vida. E naõ tardaraõ com a execuçaõ. Colheraõno fora de povoado, deraõlhe tantas feridas, que, baſtando poucas pera o matar, enxergouſe na multidaõ dellas o grande numero dos conjurados, e a força da ira. Porem melhor moſtrou o Senhor, que fora preciosa em ſeus olhos aquella morte. Porque avendo

tres

tres dias, que era executada, quando chegou á noticia de Fr. Silveſtre, e foy buſcar o corpo, pera lhe dar ſepultura, com ſer o clima taõ calido, que por momentos corrompe as carnes mortas, taõ freſcas eſtavaõ as feridas, e o ſangue, como na hora que lhas deraõ. E ſendo o mato cheyo de bichos, e animaes feros, nenhum lhe tinha tocado. Aſſi o ſepultou na ſua Igreja com lagrimas de alegria, como a quem tinha por bemaventurado, e junto delle ſe mandou depois lançar, quando faleceo.

CAPITULO III.

Obriga elRey a Frey Silveſtre, que faça Oraçaõ em caſo de falta d'agoa: Acode a Miſericordia de Deos a honrar ſeu ſervo, dandoa: Chegaõ de Malaca Embayxador, e novos Prégadores: Aſſentaõ com elRey fazer livro dos Myſterios da Fé.

ESTava hum dia Frey Silveſtre com elRey, em companhia de alguns grandes do Reyno: Era conjunçaõ de huma grande ſeca, que avia muitos dias durava, ſem o Ceo dar ſinal, nem eſperança d'agoa. Começaraõ a tratar do grande mal, e fome, que ameaçava. E aſſentavaõ, que ſe muito em breve naõ chovia, eſtava certo, perderemſe todas as novidades, e principalmente os Arrozes, que he o mantimento geral da terra. Virouſe elRey pera Frey Silveſtre, e diſſelhe: Agora, Padre, era tempo, pera que nos deſcubriſſes alguma daquellas grandezas, com que cada dia nos quebras as orelhas, do teu Deos. Se taõ poderoſo he, como publicas, rogalhe, que nos acuda neſta neceſſidade: ao menos, porque naõ pereçaõ os pobres. Levou elRey o Frade polo que devia ſaber de ſua natureza, que era andar ſempre remediando pobres, e requerendo pera elles. Levantouſe Frey Silveſtre, e reſpondeo aſſi: As muitas merces, e honras, que me fazes, graõ Rey, que eu atribuo a ſer ſervo deſſe meſmo Senhor, a quem me mandas rogar, que pera ellas naõ ha outra rezaõ, me obrigaõ a pôr vontade, e obra neſte requerimento: Fallohey, e com muito dezejo de aproveitar. Mas tambem te faço ſaber, que ſe elle me naõ quizer ouvir, ou por meu pouco merecimento, ou polos grandes peccados deſta Provincia, que entrandolhe por caſa a luz do Santo Evangelho, lhe cerra as portas, e as Almas, ou por outro ſecreto juizo ſeu: Nem por iſſo deixarey de o reconhecer por taõ Santo, e taõ Omnipotente, como cadadia prégo: Nem deixarey de ter por falſo, e vaõ tudo, o que teus Bramenes, e Sacerdotes apregoaõ de ſeus Deoſes. Naõ diſſe mais Frey Silveſtre. E pondo logo os joelhos em terra, e os olhos no Ceo, levantou a Alma ſobre todas as Hierarchias dos Anjos, pedindo ao Senhor dellas, quizeſſe ouvir ſua Oraçaõ, que dalli hia fazer, e alli começava. Andava Frey Silveſtre muito deſconſolado, como quem fazia conta, que já naõ avia de ſahir daquelle cativeiro. Offerecia a Deos o deſterro forçado em terra alheya; e o diſcredito, que innocentemente padecia na propria: Ajuntava ſuſpiros, e lagrimas, e diſciplinas. Iſto,

que nelle era ordinario, fez a Oraçaõ mnito devota, pedindo a Deos foſſe ſervido de anticipar com as bençoens de ſua miſericordia aquelles cegos; pera que, ou por eſte meyo o reconheceſſem, ou ao menos ficaſſem ſem deſculpa, ſe, depois de as verem, naõ deixaſſem a idolatria. Bemdigãovos os Anjos, piadoſiſſimos Senhor: Sempre tiveraõ lugar diante de voſſos Divinis olhos petiçoens de gente affligida. Choveo no meſmo dia: E foy tanta a agoa, e taõ groſſa, e durou tanto tempo, que referindoa o Rey a Frey Silveſtre, lhe mandou rogar, que pois alcançara a chuva, pediſſe de novo ſerenidade, que já era neceſſaria. Pedioa. Tornou tempo claro: E tal, que até o entendimento d'elRey allumiou, e o obrigou a ſe dar por convencido de taes dous ſinaes. Mas tinhalhe o Diabo tomado poſſe da vontade. E taõ cativo eſtava do goſto de reynar, que chãamente dizia ſe bautiſara logo, ſe naõ temera, levantaremſelhe os vaſſallos, e perder o Reyno.

Era iſto já polos annos de 1585. em que o longo andar do tempo tinha deſcuberto aos Padres da Congregaçaõ a verdade do bom procedimento de Frey Silveſtre: e juntandoſe parecer ao Capitaõ de Malaca, Roque de Mello, couſa conveniente ao bem da Cidade, continuar o comercio, e amizade antiga com Camboya, acordou de conſelho commum com o Prior de S. Domingos, que elle deſpachaſſe Embayxador ao Rey, e o Prior mandaſſe Frades, pera acompanharem a Frey Silveſtre, e tratarem juntos de apertar com a converſaõ. Partiraõ em 25. d'Agoſto deſte anno o Embayxador, e os noſſos Padres, que eraõ Frey Antonio Dorta, que depois foy Vigario geral da Congregaçaõ, e Frey Antonio Caldeira, ambos chegados de freſco de Solor. Juntaraõſe com elles dous Padres Capuchos Franciſcanos da Cuſtodia de Malaca. Foy dia de gloria, e triumfo pera Frey Silveſtre, o em que chegaraõ a Camboya: Alegrandoſe com ver gente do Habito, e claros ſinaes nella de que, inda que tarde, e depois de envelhecido em deſgoſtos, eſtava conhecida ſua innocencia. Mandou elRey agaſalhar os hoſpedes por hum Maſſancrache, a quem por tal dignidade, e por ſer avido por grande Letrado, fazia honras extraordinarias. Eſte os levou a hum Comil de ſeus Religioſos, de forma, e largueza de Moſteiro, onde foraõ por elle, e polos ſubditos tratados com toda cortezia, e moſtras de amor. Na primeira noite depois de recolhidos os hoſpedes, quiz o Maſſancrache moſtrar ſuas habilidades: e rezou em voz, que ſoou por toda a caſa, algumas Oraçoens. Tinhaõ rezado os noſſos Frades logo á noite ſuas Completas, e procurado molificar com o canto ſagrado da Igreja aquelles peitos ſelvaticos, e ſubditos do Inferno, foraõ dizendo os Pſalmos com ſua pauſa, e devaçaõ, e depois o *Nunc dimittis*, *&c.* de canto d'Orgaõ, que todavia os penetrou com força inceſſivel. E muito mais, depois que ſentiraõ a meſma Muſica nas Matinas da meya noite. Que na verdade aquella hora, como he a primeira do dia novo, que ſe dá a Deos, ajudada do ſilencio, e ſombra noctur-

nocturna, arrebata com o canto as Almas, e obriga a devaçaõ. Aſſi ſe lhe moſtravaõ grandemente affeiçoados, e affirmavaõ que, ſe elRey deſſe licença pera a promulgaçaõ do Evangelho, nunqua ſe apartariaõ delles. Mas era grande a deſaventura da gente. Ella pendia da vontade d'elRey: ElRey do medo de perder o Reyno. Aſſi perdiaõ todos o Ceo, e triúmfava o Inferno.

Propuzeraõ os Frades ſua Embayxada a elRey com carta do noſſo Prior de Malaca, e ſegundo o uſo da terra tambem com preſente. Continha a carta, que elle Prior ſe achava obrigado a dizerlhe todos os bens, e a dezejarlhe todos os bens, e preſperidades da vida, pola muita merce, e honra, que em Frey Silveſtre fazia a toda a Ordem. E porque a maior boa ventura da terra he conhecer o verdadeiro Deos, eſta era a que dezejava ſummamente lhe entraſſe por ſua caſa, e por ſeu Reyno: e a eſſe fim mandava aquelles Padres, que eraõ Letrados, e virtuoſos, com os quaes, pera em tudo acertar, mandaſſe juntar aos ſeus Maſſancraches, e mais Religioſos, e diſputando a verdade das Leys, ſeguiſſe aquella, com que ficaſſe a vitoria: Que os ſeus Frades levavaõ ordem pera porem em livro, e na lingoa de Camboya os pontos principaes da Fé Chriſtãa, pera ficar mais facil a todos. Que ſoubeſſe, que era virtude particular da Ley de Chriſto unir, e amigar animos encontrados: Se a recebeſſe, tiveſſe por certo, que ſó ella baſtava, pera lhe fazer dos vaſſallos cativos, filhos fieis, e muito obedientes: E dos Portuguezes irmãos, e amigos, e companheiros perpetuos. Reſpondeo logo, que diſputas publicas naõ queria; porque cauſariaõ alteraçaõ no povo; que o livro fizeſſem: E ſe depois de feito lhe pareceſſe bem, entaõ daria licença pera ſe publicar, e prégar. Bem cahiraõ os Frades, que era a repoſta de homem, que como feiticeiro ſeguia conſelho de quem naõ quer verdades aclaradas, que he o Diabo. No livro, como era couſa pera mais devagar, naõ lhe faltariaõ com o tempo ſeus deſvios. Entretanto diſputavaõ os Frades com os Chapazes, Sazes, e Mitens: E naõ achavaõ em nenhum ſciencia, nem argumento de bons juizos. Aſſi os atavaõ, e convenciaõ logo, como a puros idiotas. Hum dia quiz o Maſſancrache, que os agaſalhava, fazer alardo de ſuas letras, preſente toda a Communidade dos ſeus. Propoz algumas materias rebentando de vaidade, e preſunçaõ. Tal repoſta lhe deraõ os noſſos, deſcobrindolhe as falſidades de cada huma, e provando as verdades Chriſtãas, que de corrido, e atalhado, cortou a pratica, dizendo, que ficaſſe pera outro dia a reſoluçaõ. E ſoubeſe depois, que reprehendera aſperamente hum Chapaz moço, filho de hum Senhor principal, porque lhe diſſe, que todavia os Frades procuravaõ bem ſua tençaõ.

Procediaſe entretanto na compoſiçaõ do livro, porque os Padres naõ queriaõ perder tempo. Eſcrevia Frey Silveſtre, como mais prompto na lingoa. Aſſiſtia por parte d'elRey hum ſeu Letrado de nome. Foy o principio

tratar

tratar da creaçaõ do mundo, e do primeiro homem: contar o diluvio, e diviſaõ das lingoas: E como naõ avia mais que hum ſó Deos todo poderoſo, Creador de tudo. Tratava do peccado de Adaõ; e como por elle ficara a natureza humana inficionada; e pera a remediar viera Chriſto ao mundo. Aſſi hiaõ continuando com boas eſperanças de fazerem grande beneficio na terra. Porque elRey, que tinha bom entendimento natural, dandolhe o ſeu Letrado cadadia rezaõ do que ſe hia fazendo, recebia bem as couſas, quadravaõlhe, e alegravaſe. E hum dia ſoltou diante de muitos dos ſeus, que ſe o livro continha o que lhe referiaõ, de boa vontade daria hum filho aos Padres, pera que o fizeſſem Chriſtaõ, e paſſaria ſuas licenças em chapas d'ouro, pera que todo o Reyno ſe bautiſaſſe. Deſtas palavras veyo pedir alviſſaras a Frey Silveſtre hum Irmaõ da Rainha, que obrigado della, andava cobiçoſo de ſer o primeiro bautiſado: E como tal, coſtumava já trazer á Igreja lenços de boninas, que offerecia a huma Imagem de Noſſa Senhora. As meſmas novas tinhaõ os mais Religioſos por outras vias: E confirmouas elRey, paſſandoſe pera a ſua Cidade de Angor, com os mandar agaſalhar defonte do Paço, e darlhes panos ricos da ſua recamara, pera armaçaõ, e concerto da Igreja.

CAPITULO IV.

Manda elRey ceſſar a compoſiçaõ do livro: Vaõſe os Frades: Torna elRey ſobre ſy, dá licença pera ſe prégar o Evangelho: Morreo elle, e Frey Silveſtre: Acodem novos Prégadores.

ESTava toda a terra aballada, e naõ ſó aballada, mas alvoroçada, pera receber a nova Ley, deſdo Rey até o mais humilde piaõ. Eraõ eſtimados os Religioſos dos Senhores; viſitados, e acariciados dos Sacerdotes, ſervidos do povo com groſſas eſmollas. Vio o Inimigo do genero humano, que ſe lhe aparelhava perder hum numero infinito de Almas, que, ſem nenhum feitio ſeu, eraõ todas de ſua juriſdiçaõ: Acudio por ſy, e fez hum tiro muito ſeu, eſcondendo, como dizem, a maõ. E foy o Senhor ſervido por ſeus occultos juizos, que lhe valeſſe. Era elRey de Jor, Eſtado vizinho de Malaca, hum dos que neſte tempo tinhaõ ordinaria guerra com ella, e com odio taõ entranhavel, que naõ ſabia darnos hora de quietaçaõ. Eſte ſabendo, que mandava da India contra elle huma groſſa Armada, que foy aquella, com que Dom Paulo de Lima, valeroſo Capitaõ, lhe tomou, e abraſou a melhor Cidade, que tinha, com famoſa vitoria: E vendo, que o Camboya entrava em amizades com o Capitaõ de Malaca por meyo dos Frades, determinou eſtorvallos a todo ſeu poder. Deſpachalhe Embayxadores; e juntando a hum bom preſente palavras brandas, e lizongeiras, dizialhe, que a gran-

grandeza de Camboya, famoſa por todo o Oriente, perderia muito de ſua authoridade, ſe ſe diſſeſſe, que tratava, e ſuſtentava amizades com homens, que eraõ inimigos communs de todos os Reynos da India, quando trataraõ de deſtruir a terra de hum vizinho, amigo, e aliado antigo d'elRey de Camboya, e de ſeus antepaſſados, e que hoje ſe tinha em conta de vaſſallo ſeu; que entendeſſe, que neſta conſideraçaõ, naõ ſe deſempara hum Rey natural, por favorecer Eſtrangeiros; mas contra ſy meſmo dava armas aos meſmos Eſtrangeiros. Porque eſtava certo, que como tomaſſem Jor, que era como arrabalde, e jardim de Camboya, ficavaõ com chegada tomada pera a conquiſtarem. E ſe lhe naõ queria dar credito, perguntaſſe, e ſoubeſſe, com que meyos ſe tinhaõ feito Senhores de Goa, Ormus, e Malaca, e outros Reynos: Gente manhoſa, e ſagaz, ſabiaõ dividir os alliados, e amigos: E depois de enfraquecidos com a diviſaõ, ſenhoreallos hum atraz outro. E pera eſte fim mandavaõ diante huns como corredores, que com capa de virtude, e humildade fingida entravaõ a eſpiar as terras, e alcançar os ſecretos dellas: Que deſtes ſe devia vigiar primeiro, e os lancaſſe de ſy, ou os mataſſe. Porque eraõ tanto mais perniciоſos inimigos, quanto menos o repreſentavaõ na viſta: Que pois Deos lhe concedera ſuſtentar tantos annos com valor o Reyno de ſeus avós, naõ o vieſſe a perder por deſcuido, e enganos depois de velho. Fez notavel aballo no peito do Camboya eſta Embayxada: E como he annexa a todo o poder, e mando a deſconfiança, aſſoprou Lucifer o fogo, e de faiſcas fez incendio. Foy primeiro principio tolher as entradas do Paço, que eraõ francas aos Fradés: Logo mandou ao Letrado, que corria com o livro, que deiyaſſe a obra: E elle ſuſpendeo as ſahidas, que coſtumava fazer pola Cidade; e ſe ſahia, era cercado de guarda, e armas. Naõ foy neceſſario mais pera os vaſſallos. No meſmo ponto deſempararaõ grandes, e piquenos os pobres Religioſos. De ſorte, que onde dantes viviaõ com abundancia de tudo, vieraõ a eſtado de naõ aver, quem por piedade lhes deſſe huma eſmolla. Diſſimularaõ algum tempo, avendo, que ſeria liviandade de Barbaros: Mas depois que viraõ, paſſados nove mezes, que viviaõ como cativos, animaraõſe a prégar ſem licença a palavra de Deos, e conſolarſe com morrer por ella. E logo aconteceo ao Padre Frey Antonio Caldeira á conta da ſanta determinaçaõ, verſe atado á tromba de hum Elefante: e fora em hum momento feito pedaços, ſe lhe naõ valera hum homem poderoſo, e piadoſo, que o fez livrar. Em fim deſpejaraõ todos a terra, ſenaõ foy Frey Silveſtre, que elRey naõ conſentio, que ſe foſſe.

Era elRey entrado em dias: E na verdade tinha boa vontade a Frey Silveſtre: Mandou fazer eſtreitas, e ſecretas inquiriçoens de ſua vida, e averiguar ſe elle, ou algum de ſeus companheiros, em quanto na terra moraraõ, tiveraõ trato occulto com ſeus inimigos, ou pratica em

em dano do Eſtado daquella Republica, ou de ſua peſſoa. Como naõ reſultou culpa contra nenhum, tornou a Frey Silveſtre os favores, e honras antigas, com tantas ventagens, e animo taõ deſaſſombrado, que moſtrava claro, procedera a falta paſſada mais de engano, que de vontade danada. E pera prova maior lhe mandou paſſar de ſeu moto proprio largas proviſoens: polas quaes naõ ſó lhe dava licença a elle pera prégar o Santo Evangelho em todas ſuas terras, mas a quantos Religioſos quizeſſem vir a ellas. E mandou fixar carteis, e publicar editos, porque notificava a todos ſeus ſubditos, de qualquer qualidade, e condiçaõ que foſſem, que quizeſſem deixar as ſeytas antigas, e abraçar a Ley Chriſtãa, o pudeſſem fazer livremente, ſem por iſſo encorrerem pera com elle em pena, nem culpa alguma: Antes lhes fazia a ſaber, que ſe dava por taõ bem ſervido de a receberem, que deſde logo confirmava aos taes todos os officios, terras, eſtados, e rendas, que poſſuiaõ: E de novo lhes fazia merce, e honra. Veyo a ſucceder eſta grande, e naõ eſperada mudança en-
1589. trado já o anno de 1589. Della aviſou logo Frey Silveſtre a Malaca, e ao Vigario geral da Congregaçaõ, com os treslados das Proviſoens: E pedindo, que acudiſſem áquella Vinha do Senhor, que ſe apercebia pera grandes frutos, ſe lhes acudiſſem trabalhadores, quantos convinhaõ: E de preſente pedia, que foſſem logo polo menos doze Padres, pera ſe repartirem polas Cidades, que eraõ muitas, e a terra muito povoada; e com elles alguns Meſtres de Latim, e canto d'Orgaõ; inda que foſſem ſeculares: porque lhes faria dar ſalarios, com que viveſſem contentes.

Neſte bom animo continuava elRey, quando lhe bateo á porta a hora da morte, com aſſaz deſgraça ſua. Porque nos naõ conſta, que recebeſſe o Santo Bautiſmo, com que convidava os ſeus. E bem he de crer, que lhe naõ faltariaõ em tal tempo boas diligencias da parte de Frey Silveſtre. Porem como era ſó, e a terra cheya de ſeus Maſſancraches, e Naczondeches, que naõ ſó ſe fazem reverenciar, mas adorar por Santos, devialhes morrer nas mãos. Pera exemplo, de que naõ haja ninguem, que guarde pera aquelle terrivel paſſo, o que pódia fazer em vida.

Succedeolhe na Coroa, e na boa inclinaçaõ pera as couſas do Evangelho hum filho moço, criado entre os Frades, e por Frey Silveſtre: E como tal naõ lhe moſtrava menos amor, que ſeu Pay. O que fazia de palavra, e obras: Como ſe póde ver de huma carta ſua pera o Prior de Malaca, que por iſſo a ajuntamos aqui. Foy repoſta dos parabens, e viſita, que o Prior lhe mandou, tanto que ſoube de ſua ſucceſſaõ. Segueſe a Carta.

Praun-

PRauncar, Rey de Camboya á Ordem de S. Domingos de Malaca amizade, e lembrança perpetua. Polos meus Embayxadores tive huma carta deſſa Religiaõ, e outra por Franciſco Luis, com o preſente, que me mandava. E bem vi o muito, que folgava com minhas proſperidades: Poſtoque ao preſente inda ſejaõ involtas com guerras, e deſobediencias de meus vaſſallos. O que me cauſa naõ acudir a eſſa Religiaõ, como minha vontade, e dezejo pede. Mas tendo tudo quieto, e as guerras acabadas, naõ ſerey deſcuidado a lhe fazer lembrança ſe ſirva deſtes Reynos, como o fez em vida d'elRey meu Pay. Porque agora eſtaõ as guerras taes, que nem tempo me daõ pera cumprir com o que tenho prometido aos Padres de S. Franciſco. Mas de tudo lhe tenho paſſado chapa Real, pera na primeira bonança a pôr por obra.

Aſſi cerrava a carta, que damos na meſma forma, em que chegou a noſſas mãos: Porque nos naõ conſtou, ſe a eſcrevera elRey em ſua lingoagem, ou ſe a mandara fazer por maõ de algum Portuguez, como era poſſivel. Abaixo avia mais duas regras, que diziaõ aſſi.

AS couſas ditas me fazem continuar com a arrecadaçaõ do Junco, e fazenda, que neſſa Fortaleza tomaraõ a hum cativo meu. VV. RR. ſejaõ parte, pera que ſe me mande.

Apoz eſtas cartas mandou outras pera o Capitaõ da Fortaleza; pedindo com efficacia, e encarecimento, lhe foſſem os Frades de S. Domingos, e com elles alguns artilheiros, e eſpingardeiros, e bons ſoldados, e tambem Meſtres de levantar navios, a que prometia fazer gaſalhado, e dar bons partidos. E em final de verdadeira amizade, e bom Eſpirito, alem de hum bom preſente pera o Capitaõ, mandou ao Prior duas grandes Cruzes de Páo Ferro, que eraõ como maſtros. O feitio era oitavado, e dourado ſobre Charaõ vermelho pera preſervaçaõ do Sol, e ouro contra a força do Sol, e agoa. Era Prior de Malaca Frey Gonſalo de Cerqueira, que fez arvorar logo huma na praça da noſſa Igreja: A outra mandou aos Padres de Cochim, onde ſe poz no adro do Convento.

Chegando novas á India da boa correſpondencia, que o Rey moço tinha com Malaca, encomendou o Governador do Eſtado ao Vigario geral da Congregaçaõ, que era já o Padre Frey

Jeronymo de S. Domingos, que em todo caſo deſpachaſſe alguns Padres pera Camboya. Porque alem de lhos pedir o meſmo Rey por carta ſua ; era muito conveniente ao Eſtado a conſervaçaõ de tal amigo. Mandou o Vigario geral logo dous Padres, que foraõ Frey Luis da Fonſeca, e Frey Jorge da Mota. Os quaes ſendo partidos, chegou ao Prior, que era já o Padre Frey Thomás do Eſpirito Santo, recado d'elRey, com nova inſtancia ſobre a meſma materia de lhe mandar Religioſos ; dandolhe juntamente aviſo de ſer falecido o Padre Frey Silveſtre, deſconſolaçaõ em que vivia com a falta de taõ bom amigo. Dizia mais, que por ſaber, que elle Prior era vindo de pouco áquelle cargo, e caſa, dezejava inviarlhe huma eſmolla, que folgaria mandaſſe buſcalla por peſſoa de confiança. E naõ foy deſcuidado em a mandar, nem foy piquena, pera nos fazer mais magoa o pouco, que depois logrou o Reyno, e a vida, e o naõ receber a Fé quem fazia tantos bens aos Prégadores della. Foy a eſmolla hum poderoſo Junco carregado de Arroz, e de outros mantimentos, que fez entregar a hum Irmaõ Converſo, que o Prior lhe deſpachara, a que juntou algumas peças boas pera a Igreja. E iſto he quanto chegou á noſſa noticia do que Frades noſſos paſſaraõ, e trabalharaõ por eſte Reyno, em quanto ſe governou por Rey particular. O fim do Reyno, e do Rey, e o muito, que cuſtou a eſtes dou Padres acompanhallo, contaremos adiante, onde nos ficará em propoſito : Depois que diſſermos alguma couſa de outra miſſaõ, que tambem occupou os Religioſos deſta Ordem, naõ ſó com trabalhos, mas tambem com effuſaõ de ſangue.

CAPITULO V.

Entraõ os Frades de S. Domingos em Siaõ: Daſſe conta, como foy por treiçaõ de Mouros morto o Padre Frey Jeronymo da Cruz: E do que fez no caſo ſeu companheiro, ficando muito ferido.

HE o Reyno de Siaõ hum dos mais eſtendidos Senhorios, aſſi por coſta, como por largura de terras polo ſertaõ dentro. Chamaraõlhe os antigos Servau: O nome preſente tomou da Cidade Siaõ, ſituada ſobre as ribeiras do grande Rio Menau. Os naturaes devendoſe dizer Sioneſes, chamaõſe Mantuays: E a Cidade Metropoli Odiah. Foy terceira empreſa dos Padres de Malaca tentar, ſe ſeria Deos ſervido, que foſſe ſeu Santo Evangelho neſta grande Provincia recebido, corria com bom ſucceſſo em Solor. Eſperavaſe bem naquelles primeiros tempos de Camboya. Naõ faziaõ medo os riſcos, e trabalhos dos Irmãos em huma parte, nem o ſangue derramado em outra. Antes era tudo invejado dos que viviaõ deſcançados na quietaçaõ dos Conventos. E como Siaõ prometia tanto mais fertilidade, quanto maior era a ſeara, e avia novas certas da gente da terra naõ ſer deſafeiçoada ao trato, e converſaçaõ dos Portuguezes, andava o Prior de Malaca com dezejos de lhe mandar bater nas portas, e offerecerlhe as novas, e meyos da ſalvaçaõ.

vaçaõ. Governava aquelle Convento, e era Prelado de todos os noſſos Religioſos do Sul, o Padre Meſtre Frey Fernando de Santa Maria. Pertendia com grande vontade, naõ ſó ver effeytuada a jornada; mas ſer hum dos que nella entraſſem. Chegoulhe de Goa no meyo deſtes cuidados por Conventual o Padre Frey Jeronymo da Cruz, vindo de freſco da Provincia. Trazia nome de muito eſpiritual, publicava dezejos de ſer mandado, e alvoroços de ſervir. Naõ quiz o Prior diffirir occupallo, e dar juntamente execuçaõ ao que trazia imaginado: E dandolhe por companheiro o Padre Frey Sebaſtiaõ do Canto, peſſoa de boas letras, e partes, quaes convinhaõ pera a empreſa, embarcou ambos na primeira paſſagem, que ſe offereceo pera Siaõ. O ſucceſſo, que eſtes Padres tiveraõ em ſua chegada, e eſtada, deixamos eſcrito na Primeira Parte deſta Cronica: Onde nos pareceo, que pertencia, por rezaõ de ſer o Padre Frey Jeronymo filho do Convento de Lisboa. Aqui baſtará dizermos, que ſendo recebidos com amor dos Mantuays Gentios, e procedendo com grandes eſperanças de fazerem muito ſerviço a noſſo Senhor, atalhou tudo o odio dos Mouros, que eraõ muitos, e poderoſos na terra; uſando de huma traça, e treiçaõ diabolica, com a qual mataraõ ás lançadas o Padre Frey Jeronymo, e deixaraõ paſſado de muitas feridas o companheiro. Deſte caſo fez relaçaõ o Prior Frey Fernando ao noſſo Padre Geral a Roma por huma carta, que anda impreſſa no fim das Actas do noſſo Capitulo geral, celebrado na meſma Cidade no anno de 1571.

L.3.c.31.

1571.

Agora diremos o que mais ſuccedeo ao companheiro, e o que o Rey fez em vingança da maldade, e final do que eſtimava os Padres. Chegoulhe a nova da morte de hum, e ferimento do outro, andando longe da Cidade; e na meſma hora mandou, a quem deixara com o governo da juſtiça, que fizeſſe eſtreitas informaçoens, e caſtigaſſe os culpados, taõ exemplarmente, que viſſem os Eſtrangeiros, que tinha por afronta propria, e feita á ſua Peſſoa Real, a que ſe fizera aos Religioſos. Deſcubrio a Cidade o amor, que já lhes tinha, na hora, que ſe publicou a ordem d'elRey. Porque num momento foraõ denunciados, e preſos todos os delinquentes, e complices: E feſtejada a juſtiça, que delles ſe fez: Que foy, lançaremſe aos Elefantes os que eraõ Mouros. Baſta hum leve movimento daquelles vaſtos animaes, pera fazer pedaços hum corpo humano Mas pera que lhe naõ eſcape com vida o que querem matar, tem tal diſtinto natural, que depois que o vem eſtendido em terra, porque naõ acerte de ſe lhe fingir morto, aſſentaõlhe huma maõ em ſima: E logo ſuſpendem todo o corpo ſobre ella, levantando hora os pés, hora, outra maõ De ſorte, que baſta pera ficar feito huma paſta. E tal foy a pena dos Mouros, como mais culpados. Dos Gentios, que os acompanharaõ peitados, foraõ huns degolados, outros deſterrados: Mas naõ parou aqui a juſtiça. Eſtavaõ os carceres cheyos de outros de menos, ou nenhuma

culpa. Apercebiaſe o Juiz pera fazer mais ſangue. Acudio a elle Frey Sebaſtiaõ, cheyo de piedade Chriſtãa; pedindolhe, que ſuſpendeſſe a execuçaõ, até ter ſaude, e poder interceder com elRey por aquelles pobres, que ſabidamente innocentes eſtavaõ em ferros. Póſſe a caminho inda mal convalecido: E foy ouvido com admiraçaõ do Rey, e de toda a Corte, orando por inimigos, e pedindo, que ceſſaſſem as mortes. Naõ venho (dizia) poderoſo Senhor, á tua preſença pedir vingança deſtas feridas, que inda ves abertas: Miſericordia peço pera teus vaſſallos, que eſtimarey como feita a mim. Porque a ley, que ſeguimos os Chriſtãos, naõ coſtuma dar mal por mal. He ley, que dá vida Celeſtial a todos, e a ninguem tira a mortal. A edificar viemos a Siaõ, naõ a deſtruir, mas a morrer pola Fé, que prégamos com tanto goſto, que a maior queixa, que tenho dos que mataraõ a meu companheiro, he, deixaremme a mim com vida. Por tanto ſe alguma couſa elle, e eu te merecemos, ceſſe tua ira, abraõſe os carceres, naõ haja mais ſangue. Reconheceraõ o Rey, e vaſſallos o Eſpirito Chriſtaõ: e adiantaraõ na affeiçaõ do vivo, e ſaudades do morto. De ſorte, que foy a repoſta do meſmo Princepe, que a troco da graça, que a ſeu rogo fazia de mandar levantar maõ do caſtigo, lhe prometeſſe elle, naõ ſe ſahir de ſua Corte: E logo lhe mandou dar caſa, e bom gaſalhado.

Sempre foy meyo da dilataçaõ do Evangelho, o derramamento de ſangue dos que a prégavaõ. Mais Almas juntava ao rebanho de Chriſto nos tempos primeiros da Igreja a cabeça cortada de hum ſó Martyr, que as lingoas vivas de muitos Prégadores. Neſta confiança pedio Frey Sebaſtiaõ licença a elRey, e aos muitos amigos, que já tinha, huns convertidos, outros inclinados á Fé, pera hir a Malaca buſcar novos companheiros, affirmando que, pois a ſementeira, que os trouxera a Siaõ, ficava regada de ſangue innocente, e ſanto, tinha por certo, que naõ podia faltar polo tempo adiante em reſponder com grandes abundancias: E por iſſo naõ tardaria em tornar, e vir colhellas, e lograllas.

CAPITULO VI.

Entra o Padre Frey Sebaſtiaõ do Canto em Malaca, a buſcar companheiros Prégadores, pera tornar a Siaõ. Torna com dous: morrem todos tres á maõ de Mouros.

FOy recebido o Padre Frey Sebaſtiaõ do Canto em Malaca com geral alegria, e ſantas invejas de Religioſos, e ſeculares, polos fermoſos ſinaes, que lhe cruzavaõ roſto, e cabeça, das feridas, que recebera por Chriſto; de que já tinhaõ ouvido. Eſtavaõ no Convento dous Padres eſperando conjunçaõ de navio, pera ſahirem ao ſanto miniſterio da Prégaçaõ, ao lugar, que o Prior lhes ſinalaſſe: pera o que traziaõ licença do Vigario geral da Congregaçaõ. Quando viraõ huns penhores taõ claros de confiſſaõ da Fé, e ouviraõ contar, a quem os trazia, os meyos artificios, com que os inimigos della lhos procuraraõ

a elle, e deraõ cruel morte a ſeu companheiro; em lugar de temer, abrazavaõſe em dezejos de huma ſemelhante ſorte. Lançavaõſe a ſeus pés pera lhos bejar: E pediraõlhe licença pera fazer o meſmo ás ſantas feridas: Como ſe eſcreve do Grande Conſtantino, que achandoſe no famoſo Concilio Niſſeno, quando encontrava alguns daquelles Biſpos antigos, que alli apareceraõ ſinalados dos tormentos dos Tyranos ſeus anteceſſores; huns com mãos cortadas, outros ſem orelhas, e ſem narizes; naõ ſe contentava com menos, que bejar com veneraçaõ os ſantos ſinaes, quaſi ſentindo naõ lhes ſer conſorte nelles. E porque Frey Sebaſtiaõ dizia, que vinha pera ſe tornar logo ao meſmo ſitio, pediraõlhe com efficacia, lhes deſſe palavra de os aceitar, naõ ſó por companheiros, nem coadjutores, ſenaõ ſó por ſervos. Porque iſſo lhes baſtava em jornada de tanta honra. Parece, que a ſemelhança, que o nome de Siaõ repreſentava da ſanta Cidade de Paleſtina, lhes fazia força nas Almas, e quaſi pronoſticava, que avia de ſer meyo pera conquiſtarem a Celeſtial com darem as vidas polo Senhor della, que era a cauſa, que ſeus Eſpiritos ſobre todas as do mundo dezejavaõ. Eſtavaõ embarcados com Frey Sebaſtiaõ, e em paſſagem pera Siaõ, e ainda o naõ acabavaõ de crer: E era tamanho o goſto de hir, que nenhum tratou do como aviaõ de hir. Foy o provimento hum pouco de Arroz com algum Biſcouto, e nenhuma couſa outra. Valeolhes a boa companhia, pera ſenaõ anticiparem trabalhos. Eraõ Portuguezes, que paſſavaõ a ſuas veniagas. Naõ conſentiraõ, que paſſaſſem faltas no mar: E naõ foraõ menos piadoſos em terra. Acompanharaõnos até a Cidade principal de Odeah, ou Jodeah, como outros pronunciaõ: E nella lhes tomaraõ caſa. Pagaraõ os Religioſos o mantimento corporal, e da terra com lhes communicar o eſpiritual, e do Ceo, aſſi a elles, como a todos os Portuguezes, que avia na Cidade, que eraõ muitos. Devedores ſomos, diziaõ, primeiro aos noſſos, que aos eſtranhos: E os noſſos, pois ſaõ criados no leite da Fé, devem ſer exemplo, aos que de novo a recebem, na pureza dos coſtumes, e em todo o trato. Aſſi começaraõ a deſenredar huns de vicios, encaminhar outros pera a virtude, fazer continuar a todos com os Sacramentos. Logo foraõ entendendo com os naturaes. Moſtravaõlhes ao claro as cegueiras de ſuas idolatrias. Traziaõ elles ſeus Sacerdotes, gente cega, e guias de cegos: Ouviaõ, deſenganavaõſe: Vinhaõ outros mais agudos, que, depois de convencidos de ſeus erros, moviaõ queſtoens artificioſas na noſſa doutrina: E como os Padres eraõ Letrados, e reſolutos, davaõlhes tal ſatisfaçaõ, que ſe deixavaõ entender, que naõ faltava mais que agoa, e Bautiſmo. Mas eſte prohibia por huma parte o animo cativo daquelles povos, enſinados a temerem mais os mandados de ſeus Tyranos, que os perigos das Almas: e naõ diſporem ſem ſua licença da parte do entendimento, e livre alvedrio, que Deos poz na maõ de cada hum: Por outra fazia contradiçaõ igual o

medo

medo da guerra, com que o Rey andava aſſombrado, pera naõ poder aſſiſtir aos Prégadores com a facilidade, e bom termo, com que noutro tempo ouvira a Frey Sebaſtiaõ. Era a guerra temeroſa polo aparato, e numero de combatentes, mais do que ſe póde crer. Porque naõ chegou nenhum exercito daquelles, quaſi innumeraveis, com que as eſcrituras muito antigas nos eſpantaõ, dos Xerxes, e Darios, a iguallar o que por mar, e terra movia contra Siaõ o Tyrano Taumigron, ou Chaumigron, que geralmente era chamado Rey do Bramá. Fazme eſcrupulo apontar neſta Hiſtoria, que he em tudo Eccleſiaſtica, e livre de obrigaçaõ de apurar particularidades, que tocaõ a Reys Infieis, o poder, que acho eſcrito, que a eſte acompanhava. Dizem, que ſobia a ſoldadeſca de pé a hum milhaõ, e ſetecentos mil homens: Os Elefantes de guerra a quinze mil: A cavallaria a ſincoenta mil. Aſſi vinha aſſolando grandes Reynos, como hum diluvio da terra, ou rayo do Ceo, ſem aver couſa, que lhe fizeſſe roſto. Tinhaſe feito ſenhor de Bengala, e Pegu, que ſendo vaſtiſſimas Provincias, ficaraõ deſpovoadas, e perdidas pera muitos annos. Com a meſma furia, e fazendo iguaes eſtragos entrou por Siaõ, e aſſentou cerco ſobre a famoſa Cidade de Odeah. Encerrouſe elRey nella, naõ ſe atrevendo a eſperar em campanha tamanho poder. Juntouſe ao cerco da terra, outro naõ menos apertado, por mar com infinitos navios, que tiravaõ aos cercados toda eſperança de remedio, ſenaõ o de ſeus braços. Mas que braços, ou que forças podem baſtar contra tanto poder? Eraõ os aſſaltos continuos. Pelejavaſe de huma, e outra parte com igual porfia, e valor. Porem na Cidade faziaſe ſentir o trabalho demaſiadamente: Porque hia faltando a melhor gente. E inda que dos inimigos morria muita, naõ ſe conhecia nelles falta, pola multidaõ com que cubriaõ a terra.

Naõ pudemos averiguar, que rezaõ ouve, pera ſe acharem os noſſos Religioſos em tal perigo. Se foy a cauſa tomarſelhes o mar, antes de chegar o exercito da terra: Se parecerlhes obrigaçaõ de valor Chriſtaõ naõ deſemparar aos que já em todas as moſtras ſe davaõ por diſcipulos de Chriſto, e ſubditos da Fé. Qualquer que foſſe a occaſiaõ, foylhes o cerco paõ de lagrimas, occupaçaõ de Oraçoens, de jejuns, e diſciplinas de noite, e de dia: Pedindo a Deos remedio da pobre Cidade, que eſperavaõ allumiar de ſua luz, avendo paz. Seis mezes avia, que durava o trabalho; mas já com tam pouca eſperança de remedio, que os mercadores Portuguezes, por verem tudo perdido, negocearaõ por ſeus meyos hum ſeguro Real das vidas com o Bramá, que folgou de lho paſſar, inda que pelejavaõ contra elle. Porque tinha os olhos no poder do ViſoRey da India. Mas declaravaſe, que o ſalvo conduto ſe entendia em caſo, que eſcapaſſem da primeira furia, e entrada do exercito, de que os naõ podia ſegurar. Vendo eſtes homens, que o inimigo entrava, e que naõ avia que fazer conta das armas, foraõſe juntar com os Padres, que eſtavaõ no

ſeu

ſeu Oratorio poſtos de joelhos diante do Altar, rezando, e encomendando a Deos ſuas Almas, que das vidas já tinhaõ novas que avia pouco que eſperar, porque os Mouros do exercito vinhaõ lançando feros contra elles; por ſaberem, que prégavaõ o Evangelho, e faziaõ Chriſtandade. Succedeo pois, que entrando logo aquella multidaõ ſem conto a ſaquear, deſtruir, e aſſolar, como em terra tomada á força, foraõ Mouros os que deraõ na caſa dos Padres, arrombando as portas. O primeiro, que acometeraõ, foy o Padre Frey Sebaſtiaõ do Canto, á conta de ſua veneravel preſença, e de hum envoltorio, que lhe viraõ debaixo do braço. E porque fez reſiſtencia a hum, que lançava maõ delle, e chegando outros reconheceraõ Frade, levaraõ dos alfanges, fenderaõlhe a cabeça com muitas cutiladas, e o meſmo fizeraõ aos dous companheiros. Acudiraõ logo ao envoltorio, que faziaõ conta ſeria de peças de ouro, ou pedraria: E acharaõ hum fermoſo Crucifixo, que era toda a delicia do devoto Padre: que polo livrar das irreverencias, que eſtavaõ certas em tal tempo, e tal gente, o tirara do Altar, determinando, ſe ouveſſe occaſiaõ, ſalvallo: E quando mais naõ pudeſſe, morrer abraçado com elle: E aſſi lhe aconteceo. Quando foy viſto o primeiro, que o deſcubrio, fez delle arremeſſo contra os outros dous Padres, que eſtavaõ eſpirando, envoltos em ſeu ſangue. E dandoſe por ſatisfeitos com a morte dos tres, perdoaraõ a todos os mais Portuguezes, levandoos por entaõ cativos. Correo a fama por entre os Mouros do campo, que eraõ muitos; acudiraõ os mais a fartar o odio, enſopando as lanças nos corpos defuntos, e ſangue frio, e por ultimo oprobrio os queimaraõ. Daqui naſceo a variedade, que ha nos que eſcrevem eſte ſucceſſo: que huns dizem, que foraõ alanceados, e outros queimados; ſendo aſſi que huma, e outra couſa aconteceo.

Por eſte modo acabaraõ eſtes tres Padres, ſó a reſpeito da Fé, que profeſſavaõ, e prégavaõ: Do que foy argumento ficarem com vida os mais Portuguezes. Por eſte tempo ſe conta tambem, que paſſaraõ outros Padres de Malaca pera Siaõ, antes de ſaberem da guerra, mandados de Goa polo Vigario geral da Congregaçaõ, que era Frey Franciſco d'Abreu. E achando, que tudo ardia em armas, alguns fizeraõ volta, outros dando em portos differentes, foraõ conſumidos com doenças do clima peſtilencial. Hum pobre Irmaõ Converſo, que os acompanhava, e eſcapou dellas, veyo a cahir em maõs de Mouros: E tantos açoutes lhe deraõ (contaõ, que com raizes de figueira) e taõ terrivelmente dados, que no meyo delles eſpirou. Chamavaſe Frey Pedro dos Santos. Merece ficar ſeu nome em memoria, pola cauſa, e crueza da morte.

CA-

CAPITULO VII.

Deſce elRey de Siaõ ſobre Camboya, toma a Cidade de Angor: Leva cativos os Padres Frey Jorge da Mota, e Frey Luis da Fonſeca: Dalhes liberdade, e licença pera prégarem: Mata hum Gentio ao Padre Frey Luis no Altar: Embarcaſe Frey Jorge pera Malaca.

PAſſaraõ annos depois da morte dos Religioſos, que acabamos de contar: Recreſceraõ grandes novidades no Reyno de Siaõ, que cerraraõ de todo as portas ao Evangelho, e ſeus Miniſtros, levantandoſe novos Tyranos, e matandoſe huns aos outros, couſa ordinaria entre eſtes Barbaros: Que como vivem ſem ley, nem fé, que os enfree, e polo meſmo caſa naõ mora honra, nem verdade, nem nos Senhores, nem nos vaſſallos; cada dia ha mudanças de Reynos, e reynados, de titulos, e ſenhorios: com que muito ſe embaraça a pena de quem eſcreve, pera concertar com elles os ſucceſſos da gente, que nos toca. Polos annos que Prauncar ſuccedeo no Reyno de Camboya por morte do pay, como atraz fica eſcrito, reynava em Siaõ hum cruel, inquieto, e cobiçoſo Tyrano. Eſte ſabendo, como vizinho que era, que alguns vaſſallos poderoſos de Prauncar viviaõ deſcontentes de ſeu governo, e lhe faziaõ guerra, offereceolhes ſeu favor, e logo entrou por Camboya taõ poderoſo, que determinou fazerſe Senhor dos que hia ajudar, e dos que elles queriaõ defender. E aſſi cahiraõ os neſcios, e treidores na rede, que armavaõ a ſeu Rey, e Senhor natural; e vieraõ a ficar cativos do que buſcavaõ pera valedor, e amigo, e naõ pera ſuperior. Porque marchando caminho da Cidade de Angor, cabeça do Reyno, naõ baſtaraõ ſuas torres, e muros de fortiſſima cantaria, nem ſuas largas, e profundas cavas cheyas de agoa, pera defender que naõ foſſe entrada, e ſaqueada. Foy ajuda grande pera ſe perder, acharſe Prauncar mal apercebido pera eſperar tamanho inimigo, e deſemparalla apreſſadamente.

Acharaõſe no meyo deſta tribulaçaõ os Padres Frey Jorge da Mota, e Frey Luis da Fonſeca, que poucos mezes avia enviara áquelle Reyno a noſſa Congregaçaõ, e foraõ recebidos por Prauncar com todo o góſto, e bom gaſalhado, que ſuas cartas prometiaõ, ſegundo temos contado. Salvoulhe Deos as vidas, de que naõ faziaõ conta. Mas foraõ levados cativos pera Siaõ com todos os mais Portuguezes. E tal foy o caminho de miſerias, e fomes, e todo outro máo tratamento, que foraõ experimentando bem, quanto menos doe huma morte abreviada de alfange cortador, que a vagaroſa de duro cativeiro. Mas como o meſmo trabalho he inventor de traças, foy imaginando o Padre Frey Jorge, que poderia ſucceder achar em hum Tyrano vitorioſo, e farto de Imperios alguma piedade, ſe chegaſſe a fallarlhe. Communicouſe com os companheiros. Trataraõ de o armar com hum preſente a uſo da terra, que naõ ſofre aparecer ninguem diante dos grandes com as mãos vazias:

Vale-

Valeraõſe a bom pagar de alguns Portuguezes, que já conheciaõ na terra. Frey Jorge tinha boa lingoagem, e ajudavao huma preſença autoriſada com gravidade, e modeſtia. Abriolhe as portas a offerta, e deolhe Deos graça com o Tyrano, pera que tiveſſem fim os trabalhos preſentes. Fallou palavras livres, e de quem temia pouco a morte: Mas a meſma liberbade agradou ao Tyrano. Soberano Senhor, diſſe, ſe es prudente, quanto venturoſo, deves eſtimar, que hum eſcravo teu te falle as verdades, que os teus Principes, e grandes ſe naõ atrevem a dizerte: Porque ſaõ cativos de animo, ſe o naõ ſaõ de ferro, como eu. Fezte Deos Senhor de grandes terras, poz em tuas mãos os thezouros dos que as poſſuiaõ: E elles mortos, deſtruidos, e acabados; tú ſó vivo, rico, ſaõ, e poderoſo: E vivirás mil annos proſperamente. Venho avizitarte, que cayas na conta, e ſejas agradecido a quem tudo governa lá deſſe alto Ceo. Sou teu eſcravo na ſorte, mas filho no amor: Eſcravo no eſtado, mas livre no entendimento. E como tal, te digo, que naõ ſó es pouco agradecido aos infinitos beneficios, que com larga maõ te tem eſſe Senhor communicado, mas chãamente ingrato. Perdoame a palavra. E a prova he ſó huma, e bem achada: Que he trazeres preſos ſeus Sacerdotes de dentro de Angor, e andarem muito tempo ha neſta terra, e á tua viſta humilhados, famintos, e maltratados. Se o ſabes, he tua culpa; ſe o ignoras, de teus Miniſtros. Mas ſeja de quem quer que for, ſabete, que em remedialla conſiſte creſcerem tuas boas venturas: Ou deſandar a roda dellas: Que Deos naõ dorme. Moſtrou elRey tanta ſatisfaçaõ do bom termo, com que o Frade ſe deu a entender, que ficou fallando com elle deſaſſombradamente. E ſabendo, que era Sacerdote, e hum dos que lhe apontara, mandou logo melhorar em tudo a ambos: E por ſeu meyo ſe alargou logo a priſaõ aos mais Portuguezes. Dalli em diante era chamado muitas vezes d'elRey, e ouvido delle com particular goſto. E creſceo tanto o favor, que tratou deſpachallo pera Malaca a procurar o reſgate dos Portuguezes, que cativara em Camboya. Neſte meyo ſe aproveitou Frey Jorge da facilidade, que nelle achava, pedindolhe licença pera levantar Altar, e prégarem a Chriſto, elle, e ſeu companheiro. E como acontece valer muitas vezes mais pera com os Principes hum ſerviço por fazer, que muitos feitos, rendeolhe a occupaçaõ, pera que o tinha deſpachado da ida de Malaca, deixar Igreja feita a Frey Luis, e faculdade larga pera prégar, e bautiſar, antes de ſua embarcaçaõ.

Fez Frey Jorge ſua viagem a Malaca, e de maneira negociou o que levava a ſeu cargo, que elRey ſe ouve por bem ſervido delle, e o paſſou tanto adiante em ſua graça, que fazia merces, e honras a muitos naturaes, e Eſtrangeiros por ſua interceſſaõ: E em fim lhe deu a dignidade de trazer ſombreiro alto, que ſó pertence a Peſſoas Reaes. Mas naõ ha vento mais mudavel, nem mar mais inconſtante, do que he a valia das Proverb.

Cortes, e a graça dos Principes. Bem ſe diz, que he maldito quem nelles fia. Começou a ruina por inveja dos grandes. Queixavaõſe de lhes ſer avantajado em honras, e valia hum Eſtrangeiro, ſerem tratados com eſquivança os naturaes, e Nobres, quando choviaõ mimos ſobre hum Chriſtaõ mal conhecido, e cativo ſeu. Foraõ eſtas queixas fazendo impreſſaõ no animo pouco firme do Rey. De ſorte, que ſe lhe começou a moſtrar menos benevolo, e pouco a pouco o foy retirando de ſy. Ajuntaraõ os emulos força pera acabar de derribar a quem viaõ aballado: accuſaraõ de ſoberbos, e deſcomedidos os Portuguezes tratantes, que avia na terra. Porque em certa briga accidental, que com elles ouve na Cidade, ſuccedeo ſahir mal ferido hum ſoldado da guarda Real: E referiraõ o atrevimento da briga, e das feridas, á confiança, que tinhaõ em Frey Jorge, fazendolhe calumnia da culpa naõ ſua. Mas logo trouxe a deſgraça muito peor caſo, que pareceo fulminado do Inferno, pera impedir a Prégaçaõ, em que ſe procedia com taõ bom pé, que corriaõ já muitas converſoens, e muitos Bautiſmos. Vivia na Cidade de Odeah huma molher rica, e honrada, de Naçaõ Japoa, que ſendo ſeu marido, que tambem era Japaõ, auſente, recebeo a Fé, e ſe bautiſou. Chegando o marido de fora com ſua veniaga, foy tanto o que ſentio o feito, que inſtigado polo Demonio, entrou pola Igreja huma Sexta feira d'Endoenças, acompanhado de outros naturaes ſeus, e ferio de morte o Padre Frey Luis da Fonſeca, que eſtava no Altar, e fora o que bautiſara a molher: Eraõ preſentes, como em tal dia, os mais dos Portuguezes, que avia na Cidade. Tomaraõ a afronta por ſua, deraõ todos ſobre o matador, ficou paſſado de eſtocadas junto do que tinha morto. Inda que Frey Jorge naõ tinha no deſaſtre mais parte, que muito ſentimento da morte do companheiro, e do deſacato feito á Igreja, e ao dia: e juntamente grande deſgoſto da arrebatada vingança, que á Religiaõ naõ eſtava bem, e aos aggreſſores podia cauſar muita inquietaçaõ com os Gentios: com tudo juntando eſte ſucceſſo á mudança, que no Rey era já muito deſcuberta; temeo com bom fundamento, que ſeus emulos lhe armaſſem por aqui alguma ſilada, pera acabarem de o tirar diante dos olhos. E foy cuidando, como poderia ſahir da terra a furto, e ſem ſer ſentido; porque com a vontade do Rey, por certo tinha, que nunqua poderia ſer. Deparoulhe Deos, quando menos o cuidava, huma fragata, que vinha de Manilla, e nella hum Religioſo da Ordem, Caſtelhano, por nome Frey Pedro de los Martyres: Concertou com elle, que o eſperaſſe na foz do Rio: E pedindo licença a el-Rey, pera fazer viſita ao Irmaõ do Habito, enganouo, como dizem, com a verdade: E ainda que foy mandado vigiar por muita gente, com tanta diſſimulaçaõ, e ſutileza procedeo, que diante dos olhos de todos ſe embarcou, e ſe fez á vella com elle, e chegou em paz a Malaca.

CA-

CAPITULO VIII.

Entra o Padre Frey Belchior da Luz em Martavaõ: Vay a el-Rey de Siaõ enganado: Fica com elle honrado, e favorecido; e alcança licença pera fazer Chriſtandade: E leva por ſeu mandado provimento a Malaca: Donde acodem outros Religioſos a continuar a Prégaçaõ.

ASſi acabou a vida Frey Luis da Fonſeca: Aſſi eſcapou Frey Jorge da Mota a ſua. Mas foy o riſco de Frey Jorge grande. Porque na fragata foy acometido de quarenta embarcaçoens da terra, com tanta ira do Tyrano, que ſe avia por afrontado, e enganado, que jurava, ſe o colhia, o avia de frigir em azeite: Infame crueza, que uſava com goſto, por caſtigo dos que o offendiaõ: e tinha pera o effeito grandes caldeiras, e miniſtros particulares. Foy neceſſario aos da fragata, menearem bem as mãos, e fazerem o meſmo até os Frades, pera ſe acabarem de çafar do perigo. Porque a gente d'armada, como ſabia, que ſe os naõ levava a elRey, aviaõ de ter por paga as caldeiras, azeite, e fogo, queriaõ mais morrer pelejando, que tornar com vida. Aſſi ſe diz, que ficaraõ mortos tamanho numero, que paſſa do que ſe póde crer. E ſe ſoube depois, que chegados a terra os que naõ tiveraõ lugar de morrer, foraõ todos preſos, e gozou o Barbaro muitos dias do paſſatempo de os ver frigir. Eſte meſmo medo foy o que eſpertou aos noſſos, pera ſe defenderem: E ſe bem eſcaparaõ, foy á cuſta de muitos mortos, e todos feridos. E com tudo naõ faltaraõ logo do meſmo Habito outros aventureiros, que o bom Eſpirito deſpreſador de mortes, e perigos levou ao meſmo porto, e poſto. Dos quaes diremos alguma couſa pera concluſaõ, do que nos reſta deſta miſſaõ.

Poucos dias depois da venturoſa fugida de Frey Jorge aportou na Cidade de Martavaõ o Padre Frey Belchior da Luz, deſpachado do novo Convento de S. Domingos de Bengala, de que ao diante diremos, pera as terras do Arracaõ, a petiçaõ do Rey dellas. Tanto que o Governador de Martavaõ teve noticia de ſer entrado no porto Frade do Habito, e cores de Frey Jorge; como eſtava informado do modo, com que ſe auzentara, e do deſgoſto, que elRey com iſſo recebera, determinou colhello com manha, e mandallo á Corte, pera que, ſe quizeſſe, deſafogaſſe nelle ſua payxaõ. Mandoulhe dizer, que tinha recado d'elRey, que folgaria de fallar com elle, que devia darlhe aquelle goſto, pois o podia fazer ſem perder viagem, ſe lhe naõ deſſe pena a detença de hum caminho bem aſſombrado, e breve. Naõ ſe fez de rogar o Frade; porque eſtava ignorante do que era paſſado com Frey Jorge: Antes fazendo diſcurſo, que porventura ſe lhe abriria alli porta pera maior ſementeira, que a que vinha buſcando, pôſſe deſaſſombradamente ao caminho da terra, com os olhos em Deos, por cujo ſerviço começara o do mar. Ficouſe finando de riſo o Gentio da innocencia do Religioſo: E porventura fazendo conta,

que lhe valeria merces a falſa fé, com que o inviava. Mas bem ſe diz, que os coraçoens dos Reys eſtaõ na maõ de Deos. No ponto, que elRey vio a Frey Belchior, perdeo toda a raiva, que tinha contra Frey Jorge; porque ainda que o ſembrante retinha algum raſto della, foy ſó neſte primeiro ponto, e encontro. Conſiderava a ſingeleza, com que o pobre Frade acudira a menos, que hum aceno ſeu: Que ainda foy menos que aceno, o que ſó foy falſidade, e engano do Governador de Martavaõ. E conjeturando daqui ſua boa Alma, deuſe por obrigado, naõ ſó a tratallo bem, mas a fazerlhe merce. Juntouſe dizeremlhe, que naõ ouſava a ſahir de caſa, temeroſo dos ſucceſſos, que já ſabia de Frey Jorge, como ſiſudo, e modeſto. Quando ſegunda vez tornou a aparecer diante delle por ſeu mandado, o recebeo com muita affabilidade; e fallando com os ſeus tratava delle, como de homem, que tinha por virtuoſo, e diſcreto. De tudo tomou Frey Belchior occaſiaõ, pera tentar, ſe podia aver licença pera prégar, e abrir Igreja. Porque ſe a naõ alcançava, queria eſcuſar perder mais tempo na terra, e paſſar, ſe lho naõ impediſſem, onde foſſe de algum proveito. Encomendou muito o negocio a Deos, e a Noſſa Senhora do Roſario: E buſcando ſua offertazinha ao uſo da terra, onde ſem levar diante naõ he coſtume pedirſe nada, entrou a elRey, e tratou confiadamente o que levava em ſeu animo. E foy o Senhor ſervido, que nem deſpreſou a dadiva por piquena, nem ſe moſtrou difficultoſo no requerimento. Reconheceo no preſentinho pobre hum animo cheyo de reſpeito do que ſe devia a ſua Peſſoa Real; e juntamente dezejo de poder offerecer muito, em quem naõ era chatim, nem de ſeu poſſuia mais que o Breviario. Moſtrou com Real benignidade, que eſtimava tudo, mas muito mais a vontade, que naquella pobreza enxergava. Fallou com elle devagar. E ſobre o favor da boa ſombra, que nos Reys cativa mais que todas as riquezas, que podem dar, mandou vir peças de ſua recamara, que de ſua maõ lhe foy dando. Nunqua ſubira á imaginaçaõ do Frade poder alcançar mais daquella viſita, que a licença pertendida, com que ſe avia por bem pago. Quando ſobre o bom deſpacho vio elRey metido em o querer enriquecer, e com couſas naõ ordinarias, ſenaõ de muito preço: Naõ ſe atrevia a dar credito aos olhos no que viaõ; nem aos ouvidos no que ouviaõ. E dizialhe: Magnificentiſſimo Princepe, que naõ ſó do grande Imperio de Siaõ, mas do mundo todo mereces o Senhorio: Depois de tamanha merce, como me tens feito, que eu eſtimo mais, que ſe me deras hum Reyno inteiro: Peçote, que eſcuzes mandarme receber ouro, nem pedraria, que eſtou avendo medo, que os que me virem tuas joyas, ou me julguem por grande cobiçoſo, por querer de ty mais riquezas, que as de tua graça: Ou por muy indigno do Habito de Religiaõ, que trago: Pois ſendo (como he) obrigaçaõ minha ſeguir voluntaria, e perpetua pobreza, e naõ poſſuir couſa nenhuma de valia ſobre a terra, nem os olhos devo pôr nellas,

nellas, quanto mais as mãos. Baſta pera hum pobre Frade, que deixou tudo por Deos, huma curta pitança, com que paſſar o dia. Riqueza, e copia de peças, he carga, he cuidado, he culpa; com teu perdaõ naõ haõ de hir comigo. Aqui haõ de ficar. Naõ ha couſa, que mais mal tomem os grandes do mundo, que hum encontro do que tem por rezaõ, ou por goſto. Ficou elRey deſabrido com Frey Belchior. E tanto que de ſua preſença ſahio, lhe mandou ſignificar por hum Miniſtro, que, naõ avendo de aceitar o que lhe fazia merce, podia eſcuſar hir mais diante delle. Porque hum Rey de Siaõ, por muito que deſſe, nunqua ficava pobre. E elle em naõ abraçar com ambas as mãos, e pôr na cabeça, o que lhe dava quem lho podia dar, e dava com goſto, ſe moſtrava mais hipocrita, que virtuoſo; mais preſuntuoſo, que cortez. Foy neceſſario ao Frade dalli em diante trocar eſtilo, e condiçaõ, e agaſalhar quanto elRey lhe dava; e fingir goſto com o que naõ eſtimava. Acho eſcrito, que importaraõ as dadivas, que recebeo em pouco eſpaço de tempo, de ſeis pera ſete mil Cruzados: a fora muitas graças, que por ſeu meyo fez a outra gente, principalmente Portuguezes. E até a fabrica da Igreja, que ſe avia de levantar, quiz que foſſe á cuſta da Fazenda Real.

Deſta maneira foy o Senhor ſervido reſtaurar ſegunda vez Igreja, e Prégaçaõ em Siaõ, quando parecia eſtar de todo acabada; que eſtes ſaõ ſeus poderes. Naõ duvido, que clamava por miſericordia pera aquella terra o ſangue, que primeiro a banhou do bom Padre Frey Jeronymo da Cruz, e dos que depois o ſeguiraõ; como noutro tempo requeria vingança contra o de ſeu Irmaõ o do Santo Abel. Foy elRey continuando nas moſtras de amor com Frey Belchior; e veyo a eſtender ſua liberalidade, que na verdade era grande, ao deſpachar pera Malaca com hum fermoſo Junco, carregado de Arroz, pera provimento da Cidade, e eſmolla do Convento. O que nos conſtou por copia de huma carta, que veyo á noſſa maõ, do meſmo Padre, eſcrita aos Religioſos de S. Domingos de Malaca, andando pera ſe embarcar: Na qual lhes dá conta, e novas de ſy, e da terra, e lhes faz a ſaber, como o Rey o tinha deſpachado com o provimento, que temos dito. Eſcuſamos lançar aqui a carta por encurtar leitura: baſta colhermos della, que era feita em deſaſeis de Outubro de 1602. E que corria por tres annos, que partira de Goa, e andava naquellas peregrinaçoens. 1602.

Naõ he pera eſquecer pera louvor deſte Rey, que ſuccedendo cahir em huma perigoſa doença: E temendoſe Frey Belchior, que averia por ſua morte grandes alteraçoens, como de quem alcançara o Reyno á força de braço, e armas: na hora, que vio, que o mal dava moſtras de mortal, deſpejou caladamente a terra, e paſſouſe ao porto de Tanaſſarim: Donde, quando tornou, que foy, depois que teve novas, que elRey melhorava, achou nelle queixas, e deſconfianças amoroſas, mais como de peſſoa igual, que ſentia

tia faltarſelhe com a correſpondencia de affeiçaõ devida, que de Superior, e Senhor, que a podera caſtigar: E foy continuando nos beneficios. De ſorte, que a converſaõ procedia com fruto, e deu occaſiaõ de acudirem a ella depois coadjutores em numero: Entre os quaes achamos contados os Padres, Frey Pedro Lobato, Frey Jeronymo Maſcarenhas, Frey Jeronymo de S. Domingos, peſſoas de conta em letras, e virtude: E com elles Frey Joaõ do Eſpirito Santo, que lá morreo; e Frey Diogo Duarte, Caſtelhano, Conventual de S. Domingos de Manilla. Do Padre Frey Belchior nos conta Frey Joaõ dos Santos na ſua Ethiopia, que tornando depois a Bengala, e andando em aquelles Rios em ſerviço da Chriſtandade, ſe perdeo, e afogou em hum delles.

Fr. Joaõ dos Santos l.c.10.

CAPITULO IX.

Das viagens, que o Padre Frey Franciſco d'Annunciaçaõ fez a Siaõ, e a outros Reynos por ſerviço do Eſtado da India, e bem da Chriſtandade: E de ſua aſſiſtencia no Reyno, e Fortaleza de Siriaõ, e Pegú.

AInda nos torna a levar de novo a Siaõ outro Religioſo deſta Ordem, eſpirito incanſavel, e conſtante em trabalhar, tanto na obrigaçaõ de ſeu inſtituto, como no beneficio temporal da Republica. Por onde lhe podemos bem dar nome de Ambidexter; quero dizer, de homem que jugava, e ſabia jugar de ambas as mãos. Mas pera virmos a contar os empregos de ſua vida, creyo, que dará algum preço á Hiſtoria, e a fará melhor entendida, infiarmos com ella hum deſeſtrado, e laſtimoſo caſo de homem noſſo conhecido, e honrado; que ſervirá pera exemplo das inconſtancias, e miſerias da vida, e do triſte fim, em que ordinariamente paraõ ſuas mais levantadas felicidades. Depois da deſtruiçaõ, e perda univerſal do Imperio dos Bramás, e Pegús, cauſado polo deſconcertado governo do meſmo Emperador Bramá, avó d'elRey de Ová, que hoje he delle abſoluto Senhor, excepto os Eſtados do Lanjaõ, Siaõ, e Arracaõ, que ficaraõ com ſeus Principes particulares, nenhum deſtes, nem outro vizinho ſe atreveo a chegar mais á Cidade Metropoli de Pegú, nem povoar os Reynos de Pegú, e Siriaõ. Per maneira que a cem legoas da Cidade, ficou tudo taõ deſerto, e devoluto, que por maravilha ſe achavaõ quatro naturaes juntos, ſenaõ era embrenhados no coraçaõ das ſerras. Eſtando as couſas neſte eſtado, pareceo a elRey de Arracaõ, que lhe ſeria de proveito aſſentar huma feitoria de fazendas, e mercancia no porto de Siriaõ, pera ter trato com os Reys vizinhos. He Siriaõ huma grande Ilha, que jaz ao longo da coſta de Pegú, de ſeſſenta legoas em roda, e trinta de largo: E faz hum bom Reyno. Buſcando a quem entregaſſe o cabedal, e meneo de feitoria, naõ achou peſſoa, de quem com mais rezaõ ſe pudeſſe fiar, que Filippe de Britto de Nicote, Portuguez, geralmente avido por homem verdadeiro, e de bom proceder: E que ao meſmo Rey naõ devia menos, que a vida.

Porque

Porque eſtando cativo no Chandecaõ, e ſuas couſas no eſtado, que ſe tratava, de o porem na forca: Elle lhe valeo, pera ter vida, e liberdade. Devia, a meu parecer, juntarſe a eſta obrigaçaõ, aver o Rey, que por Portuguez, e á conta de noſſas armas, ſeria mais reſpeitado do grande poder de Ová; poder, que de todos ſe fazia temer entaõ. Poſto o Britto no cargo, deſcubrio ſaber, e induſtria, e de maneira foy meneando as mãos, que juntou com o cabedal alheo muita riqueza, e baſtante poder pera entrar em penſamentos de fundar huma Fortaleza, naõ ſó pera guarda do que tinha acquirido; mas pera fins, e intentos mais altos. O que logo foy pondo em effeito, dando a entender a quem o armara, e puzera em pés, que o fazia á conta de ſegurar ſua peſſoa, e feitoria de alguns ladroens do monte. Começou a fabrica ao deſcuido por muros de taipa, pera menos ſoſpeita: Logo foy metendo cunhaes de ladrilhos, com ſeus baluartes, e revezes. Em fim apareceo feita praça defenſavel, com proviſaõ de gente, e muniçoens. De ſorte, que começou a dar cuidado a quem fora ſeu amo, e aos mais Reys comarcaons. Mas naõ parou aqui o brio, e ambiçaõ, que naſce da riqueza. Tendo Filippe de Britto ſubido de condenado pera a forca a Miniſtro Real, inda que de Rey Gentio; e de pobre mercador a rico, e poderoſo Capitaõ de guerra: Pera paſſar adiante, e ſe izentar de ſeu amo, tratou de ſe arrimar ao poder do Eſtado da India. Era entrado por Viſo-
1601. Rey no anno de 1601. Ayres de Saldanha. Vaiſe a elle, deixando em ſeu lugar Rodrigo Alvares de Siqueira, com cento, e ſincoenta ſoldados de preſidio, offerecendolhe a Fortaleza em nome d'elRey de Portugal, e fazlhe menagem della; e torna acreſcentado em titulo, e honras de Capitaõ d'elRey D. Filippe, e quaſi genro do Viſo-Rey, que lhe deu por molher huma ſobrinha ſua, filha natural de Manoel de Saldanha ſeu Irmaõ. Juntouſelhe nova honra. Porque alcançou de Portugal por merce d'elRey braſaõ de Armas, e Fidalguia: E começou a nomearſe em ſeus papeis por primeiro Fundador da Fortaleza de Santiago de Siriaõ, e Capitaõ geral da Conquiſta dos Reynos de Pegú.

Antes que foſſe aceitada a Fortaleza pera o Eſtado, pôſſe em conſulta de Letrados, ſe podia elRey de Portugal com boa conſciencia fazerſe Senhor della? E naõ faltavaõ bem fundadas contradiçoens. Em fim buſcouſe hum direito, que tirou os eſcrupulos; concordando os votos, que ſe elRey de Jangomá, a quem pertencia o Imperio de Pegú, como a Irmaõ, e legitimo herdeiro que era do Emperador, que o poſſuira, e perdera, deſſe ſeu beneplacito, pera que o Eſtado a poſſuiſſe; como eſtava certo daria, porque o Viſo-Rey ſe obrigaria ao ajudar a cobrar ſeu Imperio; em tal caſo ſe tomaſſe poſſe della; offerecendoſe juntamente ao Jangomá que ficaria com a ametade de todos os rendimentos da Alfandega, que em Siriaõ ſe aſſentaſſe. Pera levar eſta Embayxada, eſcolheo o Viſo-Rey a peſſoa do Padre Frey Franciſco d'Annun-

d'Annunciaçaõ, Conventual de S. Domingos de Goa. Saõ as terras do Jangomá muy afaſtadas da India: E dizem os naturaes, que confinaõ com a Tartaria. Fez Frey Franciſco animoſamente a jornada, e com bom ſucceſſo. Achou bom gaſalhado no Rey, que ſoube eſtimar ver em ſuas terras hum Sacerdote Chriſtaõ; e era o primeiro, que nellas tinhaõ viſto aquellas gentes. E quanto ao negocio, alcançou delle pera o Eſtado da India a Ilha, e Reyno, e Fortaleza de Siriaõ, com doaçaõ livre, e taõ liberal, que até a parte da Alfandega largou: Dizendo prudentemente, que era arvore nova, e de fruto incerto; que ſe algum dia vieſſe a dar muito, entaõ conſentiria, que Filippe de Brito partiſſe com elle.

Tornando Frey Franciſco deſta jornada, ficou na Fortaleza de Siriaõ com cargo de Viſitador dos Frades de S. Domingos do Sul, e Commiſſario do San-
1604. to Officio do anno de 1604. em diante. Aqui tratou logo de levantar ſua Igreja, e prégar, e bautiſar. E ſem embargo deſtes officios, temendoſe a Fortaleza de inimigos, ſe embarcou a rogo de Filippe de Britto pera Goa, a pedir ſoccorro ao Governador. E navegando por mar até Meliapor, paſſou dalli a Goa por terra, atraveſſando com muito riſco todo o Reyno de Biſnagá, e terras do Idalcaõ: E alcançou do Governador, que era o Arcebiſpo Primás Dom Aleixo de Menezes, gente, e muniçoens, com que fez volta na força do Inverno: E chegou a tempo, que tinhaõ levantado cerco de ſobre a Fortaleza os tres Reys de Arracaõ, e Ramú, e Tangú. Levou tambem huma Proviſaõ do Arcebiſpo Governador, na qual declarando, que os Frades de S. Domingos foraõ os primeiros Prégadores do Evangelho nas terras de Pegú, pola meſma rezaõ dizia, que em quanto nellas reſidiſſem, tiveſſe o Preſidente da Caſa o cargo, e titulo de Pay dos Chriſtaõs, e ouveſſe com elle certo ordenado, que Sua Mageſtade coſtuma a mandar dar na India, pera ſuſtentaçaõ dos Cathecumenos.

Tratandoſe depois de pazes entre Filippe de Britto, e elRey de Arracaõ, foy Frey Franciſco no anno de 1607. aſſental- 1607.
las dentro á Cidade de Arracaõ: E levou a elRey ſeu filho herdeiro, que em hum recontro das guerras paſſadas ficara cativo dos noſſos: E na jornada procedeo taõ deſentereſſadamente, que fazendolhe elRey merce de humas Aldeas em Dianga, que valiaõ groſſa renda, que foſſem pera elle, ou pera quem elle quizeſſe; o bom Padre as naõ quiz aceitar, ſenaõ foſſem aplicadas pera o Convento da Ordem, que em Siriaõ ſe hia fazendo: Cauſando maravilha no Rey, e nos ſeus, ver hum animo taõ izento de cobiça.

Paſſados dous annos, foy tambem ao Reyno de Tangú fazer pazes com elle, no anno de 1609. E aqui reſgatou mui- 1609.
tos filhos, e filhas de Chriſtãos antigos, que eſtavaõ já tornados Gentios. E fez jurar a paz a elRey com ſuas ſolemnidades, e depois lhe prégou a Fé a elle, e aos ſeus, e os deixou taõ affeiçoados a ella, que lhe pediraõ Imagens de Chriſto, e de Noſſa Senhora, que Filippe de

Brit-

Britto lhes mandou. E o Rey deu licença larga pera Igreja, e Prégaçaõ.

Eſtava com eſtas jornadas o Padre Frey Franciſco taõ reputado entre os Reys Gentios do Sul, que elRey de Siaõ, andando neſte tempo em grandes quebras com os Portuguezes, e dezejando todavia por ſeus particulares intereſſes, pacificarſe com o Eſtado, mandou por duas vezes a Siriaõ pedirlhe, quizeſſe hirſe ver com elle á ſua Cidade de Odeah. O que em fim veyo a fazer. E valeo ſua hida, pera libertar a Gaſpar de Siqueira, Capitaõ da viagem de Choromandel, que lhe fora com certa Embayxada do Eſtado. E a Diogo Rodrigues Navarro, que tinha em aſpera priſaõ, por hum leve deſgoſto, que lhe dera: E muitos outros Portuguezes mercadores, que tinha retidos, que logo deſpedio: E ſe foraõ cada hum por ſua via em proſeguimento de ſeus tratos. E ſobre tudo com goſto d'elRey levantou Altar, e prégou, e converteo, e bautiſou alguns Sioneſes, e Japoens. E pera mais merecimento da jornada, foy Deos ſervido, que da volta, que fez em cabo de muitos dias, ſe veyo a perder, com tudo o que trazia pera ſeu Convento, defronte da meſma Fortaleza de Siriaõ, no Macareo. Chamaſe Macareo aquelle impeto, com que por eſta coſta enchem, e vazaõ as agoas do mar. Tal he a força, tamanho o arrebatamento, e violencia, com que deſcem, e ſobem, que de qualquer poſtura, que colhem os navios, ſenaõ he com a proa direita, e muito cuidado contra a corrente, de nenhum modo eſcapaõ de Trabucados.

Tinha o pobre Religioſo pelejado neſta jornada com muita doença em terra, faltavalhe andar a braços com as ondas do mar: Salvouſe quaſi por milagre. De todos eſtes trabalhos vieraõ á minha maõ certidoens, paſſadas polo meſmo Filippe de Britto, que foy cauſa da maior parte dellas.

CAPITULO X.

De hum prodigioſo caſo, que lhe paſſou polas mãos ao Padre Frey Franciſco d'Annunciaçaõ, reſidindo em Siriaõ: Daſſe conta do deſeſtrado fim do Capitaõ Filippe de Britto: Torna Frey Franciſco a Siaõ, e Arracaõ em ſerviço do Eſtado.

REſidia o Padre Fr. Franciſco d'Annunciaçaõ na Fortaleza de Siriaõ, procurando naõ ſó levantar, mas ornar o Convento, e Igreja della. E acudindo a todo ſeu poder a grande numero de Gentios, que concorriaõ pera a Ilha depois do aſſolamento de Pegú, pera os hir diſpondo, e ganhandolhes as vontades pera a converſaõ, em que entendia com alguns Religioſos, que de ordinario o acompanhavaõ, tres, e quatro. Succedeo em meyo deſtas occupaçoens, que eſtando hum Domingo de Ramos, pera fazer o Officio, e dizer Miſſa ao povo, ſe chegou a elle hum homem, e lhe diſſe, que em huma Aldea perto eſtava eſpirando huma menina Gentia: foy á preſſa, com dezejo de ſalvar aquella Alma com o Santo Baptiſmo. Quando chegou, vioa toda desfigurada, e com huma Apoplexia, que lhe tinha torcido feamente

a boca, e olhos: A mãy chorandoa por morta, e as parentas dandolhe culpas, por em tal caſo naõ acudir ao remedio do Talanho, que todas uſavaõ. Chama eſta Gentilidade Talanho hum genero de ſacrificio, com que ſuas neceſſidades ſe ſoccorrem ao Diabo. Perguntou o Vigario, ſe lhe davaõ licença pera a bautiſar. Conſentindo o pay, inda que a mãy contradizia, tomou o Vigario a Eſtolla, e ao tempo, que ſe abaixava pera lhe lançar a agoa do Santo Bautiſmo, levantou a rapariga a maõ (ſeria de ſinco annos, e jazia como morta nos braços da mãy) e aſſentoulha no roſto com tanta força, que pareceo boſetada prodigioſa, e diabolica. Todavia foy maior prodigio, que na hora, que eſteve bautiſada, ſe levantou, livre totalmente do accidente, e com a boca, e olhos em ſeu lugar, e pedio de comer. Foy grande o paſmar dos Gentios. Mas naõ parou aqui o caſo. Tinha dito a mãy, quando vio bautiſada a filha, que ſe tiveſſe ſaude, prometia bautiſarſe tambem com toda ſua caſa. Pediolhe entaõ o Vigario comprimento á palavra; dizendo, que polo menos lhe deixaſſe bautiſar outra, que alli avia de peito. A eſtas palavras levantou a minina o roſto com geito de quem naõ queria conſentir. E o Vigario diſſelhe na lingoa da terra; ſe queria ſer Chriſtãa: Parece, que infundio Deos virtude naquellas palavras. Porque reſpondeo muito depreſſa, e clara, e diſtintamente, ſim Padre. Vendo couſa taõ nova Portuguezes, que eraõ preſentes, e Gentios, em huma criança, que naõ tinha mais que ſeis mezes de idade, louvaraõ a Deos com eſpanto: E o Vigario com alegria de todos, bautiſoua logo, pondolhe nome de Magdalena; porque á maior o tinha poſto de Domingas. Fez obra o ſucceſſo nos animos dos pays demaneira, que aos oito dias vieraõ á Igreja, pedindo o Bautiſmo, que o Vigario lhes deu, chamando a elle Gonſalo, e a ella Maria. Apoz elles veyo tambem huma cunhada com filhos, e filhas; e foy bautiſada com todos. E ſeguiraõſe outros muitos obrigados do caſo das mininas. Das quaes ſe affirma, que a menor ficou daquella hora começando a fallar.

Mas era já tempo, em que a fortuna queria fazer ultima repreſentaçaõ da miſeravel tragicomedia da vida de Filippe de Britto. Governava ſua Fortaleza com a mór gloria, que homem particular nunqua alcançara, cheyo de riqueza, e reſpeitado dos Reys vizinhos, e taõ Senhor do Reyno de Siriaõ, que ſó lhe faltava a Coroa, e titulo de Rey, quando acabou em hum dia com tudo, quanto tinha. Veyo ſobre elle com hum poderoſo campo elRey de Ová: E por muito, que trabalhou em ſe defender com esforço, e deſeſperaçaõ, em fim foy entrado, vencido, e preſo, e logo enforcado, e a Fortaleza poſta por terra, ſua molher cativa, e levada ás terras de Ová, com os poucos, que eſcaparaõ dos aſſaltos. E ficaraõ as couſas deſte homem, como ſe foraõ hum ſonho, ou ſombra de ſonho: Que outra couſa naõ he tudo o da vida. Succedeo eſta perda no anno de 1613. E naõ colheo ao Vi- 1613.

gario

gario geral Frey Franciſco, por ſer ido a Goa na conjunçaõ, que veyo o cerco. Mas acharaõſe nella os Padres Frey Manoel Ferreyra, e Frey Gonſalo, por alcunha o Granço: Dos quaes os Infieis alancearaõ logo com raiva infernal o Padre Frey Manoel: E o outro levaraõ cativo.

Entrando o anno de 1616. foy tornado a mandar a Siaõ o Padre Frey Franciſco d'Annunciaçaõ polo Viſo-Rey Dom Jeronymo d'Azevedo: A rezaõ, que teve pera o mandar, e a importancia, do que foy negocear, nos eſpecifica huma certidaõ do meſmo Viſo-Rey, que inda que paſſada depois de deixado o cargo, tem baſtante credito, e por iſſo hirá aqui copiada, e he a ſeguinte.

DOm Jeronymo d'Azevedo, do Conſelho de Sua Mageſtade, &c. Certifico, que ſendo Viſo-Rey deſte Eſtado, mandey ao Padre Frey Franciſco d'Annunciaçaõ, Religioſo Prégador da Ordem de S. Domingos, ao Siaõ, em tres de Mayo de 616. á effeito de tratar amizades fixas com o Rey, e a perſuadillo, e fazer com elle, mandaſſe a ſeus vaſſallos, que foſſem a Malaca com Juncos de fazendas, e mantimentos, como antigamente hiaõ; polo muito que importa pera bem, e ſegurança daquella Fortaleza o tal comercio; e tratar juntamente o modo, como ſe avia de ſuſtentar, e defender a Fortaleza de Martavaõ, que o dito Rey offereceo a eſte Eſtado, por carta ſua, e ſeus Inviados: E que vindo o Rey em todas as couſas, que mandava tratar com elle, mandaſſe a eſta Cidade algum Fidalgo de ſua Corte grave, e pratico, pera ſe aſſentarem, e concluirem de todo eſte negocios, e amiſade. O que tudo aceitou o dito Padre fazer, por lho eu pedir, e a ſua obediencia lho mandar, e por ſer muito zeloſo do ſerviço de Deos, e de Sua Mageſtade. Fez muito inteiramente tudo, o que lhe mandey, como Varaõ de muita prudencia, e virtude; fazendo com o Rey, que mandaſſe Juncos á Fortaleza de Malaca, com fazendas, e mantimentos, e chumbo, aſſi ſeus, como de Portuguezes, como em effeito mandou. E finalmente trouxe comſigo os Embayxadores do dito Rey de Siaõ, pera effeituarem, e concluirem de todo eſta amizade; e depois paſſarem com o dito Padre a Portugal, com carta, e preſente pera ſua Mageſtade. E por me conſtar de tudo, o que neſta digo, lhe paſſey eſta certidaõ,

pera bem de ſua Religiaõ: E juro aos Santos Evangelhos ſer verdade. Em Goa, 2 de Fevereiro de 618.

Dom Jeronymo d'Azevedo.

Paſſados alguns annos, no de 1620. ſe apreſentaraõ em Goa tres Embayxadores d'elRey de Arracaõ, que vinhaõ mandados a pedir paz ao Viſo-Rey Dom Joaõ Coutinho, Conde do Redondo: E por ſer falecido, fizeraõ ſua Embayxada ao Governador, Fernaõ d'Albuquerque, que lhe ſuccedeo, e com elle fizeraõ ſolemne aſſento de pazes: E por ſer conveniente acompanhallos na volta huma paſſoa de authoridade, pera aſſentar com elRey alguns pontos, que os Embayxadores pera elle reſervaraõ, chamou o Governador ao Padre Frey Franciſco d'Annunciaçaõ, e lhe encomendou o cargo, dandolhe juntamente comiſſaõ, e poder pera eleger Capitaõ dos Portuguezes, que reſidem no porto grande da Bengala, huma peſſoa de ſatisfaçaõ ſua, e que o foſſe tambem da do Rey da terra. Compoz o Padre tudo de ſorte, que com ficarem as couſas muito em prol do Eſtado, libertou de cativeiro ſeſſenta Portuguezes, moradores do porto piqueno de Bengala: Os quaes o Arracaõ tinha em ferros, por averem ſeguido contra elle as partes do Graõ Mogor; que por outro nome chamaõ Aquebar, nos movimentos, e guerras paſſadas.

CAPITULO XI.

Da hida que o Padre Frey Gaſpar d'Aſſumpçaõ fez a Bengala, Igreja, e Caſa, que edificou: E ſucceſſos, que nella ouve, até ſer deſtruida por Infieis, tornada de novo a levantar.

COmo noſſa tençaõ he fazer memoria naõ ſó das Caſas, em que de preſente a Ordem de S. Domingos ſerve a noſſo Senhor de aſſento neſte Oriente; mas tambem de todas aquellas, em que algum tempo trabalhou: Por eſſa rezaõ vamos proſeguindo as jornadas, que achamos fizeraõ a eſta conta os Religioſos della: E as Caſas, que fundaraõ, inda que naõ permaneceraõ: Nas quaes naõ podemos guardar mais ordem, que tratar primeiro dellas, como vamos fazendo: E em ſegundo lugar diremos, das que hoje duraõ. He Bengala huma das mais abundantes, e ricas Provincias de tudo, o que a terra de ſy produz, que ha em todo o Oriente; e por ſer tal, acodem a ella todos os homens, que por caſos feos, ou coſtumes danados naõ cabem entre os ſeus. Porque em chegando a Bengala, logo tem vida, e remedio, quer ſigaõ a mercancia, quer as armas. E como a terra he de Gentios, quem era devaço na dos Chri-

Chriſtaõs, fica com larga eſtrada pera o Inferno : E aſſi reynava entre hum groſſo numero de Portuguezes, que nelle de aſſento moravaõ, hum miſeravel, e geral deſenfreamento em todo o vicio : E era Bengala hum couto de facinoroſos, e deſalmados, quando o Senhor piadoſo poz os olhos de ſua miſericordia em tanta miſeria, e moveo os coraçoens daquelles, que entre elles tinhaõ melhor lugar, a que buſcaſſem remedio. Foy o meyo deſpacharem cartas ao Vigario geral da noſſa Congregaçaõ, eſcritas com grandes inſtancias, e moſtras de verdadeira Chriſtandade, pedindolhe Miniſtros de Sacramentos, e Prégaçaõ, e doutrina. Cometeo o Prelado a empreſa, que pareceo muito digna da Ordem, aos Padres Frey Gaſpar d'Aſſumpçaõ, e Frey Belchior da Luz. Tomou á ſua conta o Padre Frey Gaſpar, conſiderando com animo cheyo de piedade, que ſerviria muito a Deos, ſe pudeſſe deſviar eſtas Almas do caminho da perdiçaõ, em que viviaõ : E fazia conta, que quando depois de grandes feitios, naõ ganhaſſe mais, que huma ſó pera o Ceo: aſſaz ficava intereſſando diante daquelle Senhor, que por ſua infinita bondade, manda fazer feſta a todos os Anjos por huma ſó, que ſe converte. Tomada licença do Prelado, caminhou pera Bengala : Entra em Dianga. Foy iſto, ſegundo conta mais acertada polos annos de 1601. inda que naõ falta quem a paſſa dous annos adiante ao de 1603. Juntaõſe os moradores alegres com ſua vinda, e dezejoſos de verem no meſmo dia começado o que tinhaõ requerido, fazem carretar madeira, palha, e eſteiras, que ſaõ os materiaes tumultuarios, que a terra, e monte offerece ; porque naõ dá pedra, nem cal : levantaõ brevemente huma Ermida, naõ piquena, que avia de ſervir a muitos freguezes : Juntaõlhe pobres apoſentinhos com ſinco cellas. Poemſe no Altar cheyo de bom Eſpirito o Padre Frey Gaſpar, celebra aquelle Myſterioſiſſimo, e Diviniſſimo Myſterio, memorial, e principio de todo noſſo bem, remedio, e fim de todos os males, á viſta de idolatras, e daquelles, que ſendo naſcidos no gremio da Igreja Catholica, andavaõ mais culpados, e mais infernados, que muitos delles. Acudiaõ todos huns ſobre outros, ao que já quaſi naõ conheciaõ, ſenaõ por reminiſcencia : Hiaõ tornando em ſy, e vendo, que os buſcava o meſmo Deos, de quem andavaõ voluntariamente fogidos, cahiaõ muitos na conta de ſuas miſerias. Faziaõſe Confiſſoens, e penitencias. Melhoravaõſe vidas. Já Frey Gaſpar dava por mais que bem empregado ſeu trabalho.

O P. Fr. Joaõ dos Santos l. 2. c. 10. da Chriſtandade Oriental.

Veyoſe juntar com o Padre Frey Gaſpar hum Prégador de nome, vindo de Meliapor, onde reſidia, chamado Frey Joaõ das Chagas. Naõ nos conſta ſe era o meſmo, de quem fallamos em Solor, ſe outro do meſmo nome. Hia no cabo o mez de Setembro do anno de 1602. determinou prégar na Feſta de S. Miguel. Acudiraõ todos ao Prégador novo. E elle, como quem ſabia com quem o avia, e vio a occaſiaõ, que lhe dava o Evangelho da Feſta nas palavras do Senhor: *Niſi efficiamini ſicut parvuli*, 1602.

vuli, *non intrabitis in Regnum Cœlorum*, querem dizer: Se por obra naõ tornardes ao eſtado de mininos piquininos, naõ entrareis no Reyno dos Ceos: Levantou os conceitos, esforçou o eſtilo, e lingoagem, encarecendo eſta Divina ſentença com tanto Eſpirito, que fez effeitos de fogo em todo o auditorio, abrazando os coraçoens em amor de Deos, e em dôr, e compunçaõ de peccados, que os peitos teſtemunhavaõ com gemidos, e ſoluços, e os olhos com lagrimas. Couſa taõ nova pera aquella terra, que os meſmos Portuguezes ſe eſpantavaõ de ſy: E os naturaes coſtumados a naõ ver, nem ouvir entre elles, ſenaõ, brigas, roncas, e ferocidades, eſtavaõ encantados com aquelles penhores de humanidade, e brandura. Mas tudo ſe ouve por pouco, quando, acabado o Sermaõ, viraõ lançado aos pés do Prégador hum dos ouvintes, que o fora ſó por companhia, ou curioſidade. Porque era tal no eſtrago da vida, e conſciencia, que, perdida a vergonha a Deos, e ao mundo, ſe ſabia publicamente, que avia doze annos, que ſe naõ confeſſava. Ficou o Prégador ſobreſaltado; porque tinha noticia de ſeu máo eſtado: E o penitente conhecendo, que naõ era crido, nem o merecia ſer, valiaſe com nova ſumiſſaõ das Chagas do Bom Jeſu, pedindolhe por ellas, o quizeſſe ouvir de Confiſſaõ, e remediar, e curar hum peccador, que em nenhuma parte de ſua Alma ſentia couſa ſãa. Levantouo nos braços o Prégador, imitando o bom Pay do Prodigo, animouo, conſoloùo. Aſſentaraõ hora pera a Confiſſaõ. E foy ella tal, e taes os effeitos, que a ſeguiraõ, que ſe deixou bem entender a olhos de toda a terra, que fora obra do Eſpirito Santo. Porque trocou o trato, emendou a vida, continuou os Sacramentos. E como todo homem coſtuma amar o lugar, onde alcançou alguma boa ventura, ficou com affeiçaõ, e devaçaõ perpetua ao Habito de S. Domingos.

Declarou o meſmo Prégador por fim do Sermaõ, que no Domingo ſeguinte, que era o primeiro de Outubro, determinavaõ os Padres fazer a feſta, e Prociſſaõ de N. S. do Roſario, que naquelle lugar de Dianga ſe naõ fizera nunqua: Apontou algumas das merces, e graças, com que a Senhora enriquecia ſeus devotos: E as grandes indulgencias, que ſe ganhavaõ, concedidas polos Summos Pontifices. Pedio, que ſe aparelhaſſem todos pera as receberem dignamente. Como a gente ficou obrigada do movimento, que em todos tinha feito a Prégaçaõ, acudio tanta a ſe confeſſar na pobre cazinha, que tres dias antes da feſta naõ ſairaõ dos Confeſſionarios quatro Padres, deſque amanhecia até anoitecer. E acontecia entrarſe pola noite. E quando foy o dia da feſta, ſe affirmou, que commungaraõ nella mais de quinhentas peſſoas. O que foy notado, e advertido por hum Padre da Companhia de Jeſu, que a rogo dos noſſos aceitou a Prégaçaõ do dia: affirmando que nunqua tal vira em Bengala.

Quiz a Senhora do Roſario honrar ſua feſta com deſviar hum deſaſtre, que eſteve armado pera grande deſconſolaçaõ dos

dos Padres, e perda dos ſeculares. Eſtava a Caſa por dentro, e por fora, nos lugares, que a Prociſſaõ avia de correr, paramentada de todo o bom, que avia em Dianga, de ſedas, e alcatifas, e joyas dos moradores mais ricos. Tinhaõ os Religioſos ordenado huma charola pera N. P. S. Domingos, em que amontoaraõ, porque naõ hia outra, hum theſouro de peças de ouro, e pedraria, humas pendentes, outras, que guarneciaõ os balauſtes: Das mais ricas ſe via cercada a capa, e Habito do Santo. Eſtava inda a Igreja cerrada: Eisque, ſem ſe ſaber como, de huma vella, que perto ardia, falta fogo na charola, e prende por onde era guarnecida dalgodaõ. O tempo ſeco, a materia diſpoſta, fez lavrar o fogo, como polvora, e lançar a lavareda ao alto da caſa, que ſendo, como era, tecida de canas, e palha, naõ ſe duvidava de laſtimoſo incendio. Acudiraõ os Padres cheyos de pavor, a abafar a chama da charola, com alcatifas, pera atalharem communicarſe a armaçaõ das paredes. Subiraõ eſcravos, e criados ao telhado, todos chamando por N. Senhora. Acudio ella com ſeu bendito ſoccorro. Porque remediada a charola com diligencia; a lavareda, que andava ateada no tecto, que força humana já naõ podia vencer, ſubitamente ſe apagou por ſy, e antes que chegaſſem a ella os criados: E naõ ouve perda, nem dano de conſideraçaõ.

Mas que diremos aos juizos Divinos? Naõ paſſaraõ trinta dias, que ſenaõ viſſe abrazada a Igreja, e caſa, ſem ficar couſa em pé. Parece, que o primeiro fogo de paz, e deſcuido, foy agouro do ſegundo de guerra, e cuidado. Entrou elRey de Arracaõ no porto com huma poderoſa Armada: cometeo de ſubito a terra deſapercebida, alem de por ſy ter pouca força, aſſolou tudo. Valeo aos Religioſos, recolheremſe a huma náo de força, que eſtava no porto. Onde tiveraõ bebida a morte por muitas vezes em medo, e ſobreſaltos: até que ſe moveo pratica de pazes, e com ellas o meſmo Rey inimigo foy o que poz condiçaõ dellas, que ficaſſem os Frades na terra. E chegou a fallarlhes elle em peſſoa, e rogarlhes, que a naõ deſemparaſſem: Julgando, que nunqua teria paz ſegura com aquelles Portuguezes, ſe ficaſſem deſacompanhados de Sacerdotes, e em particular dos de S. Domingos, que moſtrava eſtimar, e ter em grande conta. E tratava deſte particular tanto de verdade, e vontade, que á ſua cuſta nos mandou fazer Igreja, e caſa nova. E vioſe na preſſa da fabrica o poder, e goſto, com que ſe fazia. Porque quando veyo o dia de N. Senhora da Purificaçaõ por Fevereiro do anno ſeguinte de 1603 differaõ os Frades nella a primeira Miſſa. Era novo Vigario o Padre Frey Manoel da Gama, filho do Convento de Cochim, que deixando em ſeu lugar o Padre Frey Gaſpar d'Andrade, ſe partio pera Seripur a ſacramentar os Portuguezes, que alli reſidem: E pera o meſmo effeito mandou a Bacalá o Padre Frey Franciſco do Avelar. Porem no meyo deſtes bons officios deſpedio o Padre Frey Joaõ das Chagas a informar o Vigario geral dos

dos perigos de guerras, e treiçoens daquella reſidencia, e da pouca defenſa, que tinha. Donde naſceo mandarſe largar: E naõ aſſiſtirem já hoje em aquellas partes Frades de S. Domingos.

CAPITULO XII.

Dos Conventos, Vigairarias, e mais Igrejas, que a Congregaçaõ de S. Domingos tem nas partes do Sul.

AGora he tempo de lançarmos a fio todos os mais Conventos, Caſas, e Vigairarias, que a Congregaçaõ tem neſte Oriente. E pois com as referidas nos achamos da banda do Sul, diremos primeiro das que nella nos reſtaõ; e depois paſſaremos ao Norte. A rezaõ, que ha pera a tal diviſaõ, naſce de que toda a Coſta da India corre direitamente de Norte a Sul, naõ fazendo conta das pontas, que lançaõ ao mar, nem das enſeadas, com que ſe retira. Demaneira, que por toda ella ſe lhe levanta o Sol ſobre a terra, e deſſe a eſconderſe no no mar. E como a Ilha, e Cidade de Goa, cabeça, e Metropoli de todo o Eſtado, que os Portuguezes poſſuem, nella jaz na meſma Coſta; a reſpeito da meſma Cidade, e Ilha contamos o ſitio de todas as mais terras, e Fortalezas do Eſtado. Aſſi chamamos terras do Norte as que lhe ficaõ na maõ direita; porque eſtaõ ao Norte della: E as que correm pera a eſquerda, chamamos do Sul; porque tem ſeu aſſento della.

De todas as Caſas, que temos no Sul, he a mais antiga, e maior a de Cochim, e tambem a mais vizinha de Goa por eſta parte. Porque diſta della cem legoas. Eſtá ſituada no meyo da Cidade, e he Convento perfeito, e acabado em todas ſuas partes. A Igreja de tres naves, bem capaz, com ſuas Capellas em reſpondencia de huma parte, e outra bem ornadas. A Capella mór de formoſa, e alta abobada: O Coro, e cadeiras de boa obra; e o retabolo em feitio de Maſſenaria, e pintura ſemelhante ao de S. Domingos de Lisboa. Tem tambem ſeu Coro alto, e junto a elle dous antecoros com ſuas janellas, que cahem ſobre o frontiſpicio da Igreja, e ornaõ a proſpectiva. Tem dous Dormitorios, e dentro largueza de hortas, e jardins. Suſtenta de ordinario trinta Religioſos, com Proviſaõ de trigo, e arroz da Fazenda Real, que commumente importa por avaliaçaõ trezentos e oitenta Xafarins (val cada Xafarim de moeda de Portugal trezentos reis) ajudaſe a ſuſtentaçaõ com o rendimento de huma Ilheta, que o Convento poſſue junto á Cidade (chamaõlhe a Ilha das Oſtras) porque alem de ſervir de recreaçaõ aos Padres, he de conſideraçaõ o que nella ſe colhe; depois que ſe compraraõ a elRey Cochim, e aos Caymais de Vaypim, e a outros poſſuidores as partes, que nella tinhaõ. O que foy obra de hum filho do meſmo Convento, feita com ſua herança: E por bemfeitor merece ficar aqui ſeu nome, que era Frey Manoel da Gama. Ha neſta Ilha huma Igreja, que a Invocaçaõ de Noſſa Senhora, e o titulo alegre das Boas Novas, de que na India

todos

todos dependem, a faz de muito Romagem.

A cem legoas de Cochim contra o Sul, e duzentas de Goa temos a Cidade, e Fortaleza de Columbo, na famoſa Ilha de Ceilaõ, famoſa por ſua grandeza, e polo fruto da Canella, que he proptio ſeu, e quaſi infinito. No meyo da Cidade tomaraõ ſitio os noſſos Frades. He a Caſa piquena; porque ha poucos annos, que foraõ chamados. Moraõ nella de preſente quatro com ſeu Vigario. Mas em outros lugares da Ilha reſidem outros ſinco. Porque junto á Cidade tem á ſua conta huma Freguefia, que chamaõ de S. Sebaſtiaõ, em que aſſiſte hum decontino por Cura. E em Gale deſoito legoas adiante, reſidem dous: Outros dous em Jafenapataõ, caſas muito mais modernas, e curtas. E com ſerem de aſſaz trabalho pera os Padres, que nellas moraõ; ſó a de Columbo come ordinaria da Fazenda d'elRey, que he cento, e vinte Xerafins, e algum Arroz. Bem merecida, e ſuada ordinaria. Porque tem eſcolla aberta pera todos os moços da terra, de ler, e eſcrever, e cantar, e principios de Latinidade.

Segueſe na coſta da terra firme a oitenta legoas de Columbo a Cidade de Negapataõ: E nella huma das boas Vigairarias da Congregaçaõ, Caſa de quatro até ſeis Frades, muy perfeita de tudo o que he obra material, e com boa Igreja. Naõ goza de ordinaria, com ter o Prelado della titulo de Pay dos Chriſtaõs, e ſer o que julga da eſcravaria, que por alli ſahe, quaes ſaõ bem, quaes mal cativos.

Sincoenta legoas adiante he a Cidade de Meliapor, ſepultura glorioſa do Apoſtolo S. Thome. Aqui ha huma Caſa piquena, que ſe mantem de eſmollas. Eſtaõ nella tres, e quatro Frades com trabalho. Porque carecem da ordinaria d'elRey, e as eſmollas vaõ faltando, polas muitas embarcaçoens, que os coſſarios Olandezes tomaõ aos moradores, com a occaſiaõ, e vizinhança de huma Fortaleza, que fundaraõ, e ſuſtentaõ em Paleacate.

Seguemſe correndo a coſta os portos de Bengala, e Pegú. Das caſas, que nelles tivemos, e largamos, fica dito atraz.

Malaca he a quinhentas legoas de Goa. A Igreja, e Convento deſta Cidade diz bem com a riqueza, e grandeza della. He obra fermoſa, porem naõ acabada. O aſſento delle he de tal forma, que por huma parte fica o Clauſtro, e Dormitorio ſervindo de muro á Fortaleza, e pola outra eſtá ſobre hum Rio de grande freſcura. Como caſa de terra taõ principal goza de ordinaria da Fazenda de Sua Mageſtade, quatrocentos Cruzados de ſeis Tangas o Cruzado, inda que naõ aſſiſtem nella mais de ſeis até oito Religioſos. O Prelado daqui he Vigario geral dos que andaõ eſparzidos polas Ilhas de Solor, Reynos de Siaõ, e Camboya, e outras partes deſte Sul, e em dignidade eſtá diante de todas as Caſas, e Reſidencias delle.

Seguemſe as Ilhas, e Arcipelago de Solor, em quaſi mil legoas de diſtancia de Goa. Dellas temos dito atraz de ſeu principio, e eſtado preſente, quanto baſte. He Vinha, e Chriſtanda-

ſtandade propria dos Frades de S. Domingos, prantada com ſeu trabalho, cultivada com ſeu braço, e regada com ſeu ſangue: E como tal devera convidar a todos, os que nos prezamos de filhos de taõ grande, e Santo Patriarcha, a hirmos ajudar os bons obreiros, e naõ ſer ſó ouvintes de ſuas proezas. E creſce noſſa obrigaçaõ polo titulo, que elles por humildade ſuſtentaõ de filhos, e ſubditos deſta Provincia; quando aquella Congregaçaõ Oriental, por numero de gente, e caſas, podera bem conſtituir Provincia por ſy. Fazemlhe honra os Summos Pontifices. Sua Mageſtade a manda favorecer com ſuas Reaes Proviſoens, e ordinarias. Os Viſo-Reys, e Governadores lhe acodem com boa vontade. Naõ era rezaõ dizerſe de nós, que ſendo Irmaõs, e Irmaõs mais velhos, lhe faltamos.

A mil legoas de Goa na coſta da China, na Provincia que chamaõ de Cantaõ, eſtá ſituada a Cidade de Macao, em huma piquena Ilha do meſmo nome. Aqui temos Convento de ſeis até oito Religioſos, que vivem de eſmollas, e ſem nenhuma ordinaria Real. Foy fundado, naõ ha muitos annos, por hum Religioſo do Habito, que alli veyo das Ilhas Filippinas. Como neſtas Ilhas florece a Ordem de S. Domingos com numero de Conventos, e notavel obſervancia, ſuccedeo ſahir dellas com animo de fazer algum bom ſerviço a noſſo Senhor, e á ſua Religiaõ o Padre Preſentado Frey Antonio Arcediano com dous companheiros, Frey Alonſo, e Frey Bartholameu. Tomando terra neſta Ilha, pareceolhe poſto acomodado pera acometer, e combater a muy cerrada Gentilidade da China. E levantou logo huma piquena Ermida em nome de S. Domingos, acompanhada de pobres apoſentinhos. Paſſados alguns annos, vendo, que como o Convento ſe frequentava, e eſtimava dos moradores, aviſou ao Vigario geral da India, mandaſſe tomar poſſe della pola Congregaçaõ: E elle com dezejos de ſervir denovo á Ordem na ſua profiſſaõ, que era de muito boas letras, ſe foy pera Goa, onde leo alguns annos Theologia, e depois ſe embarcou pera Eſpanha ſua patria nas noſſas náos: E veyo a acabar em paz no Collegio de S. Domingos de Valladolid, fazendo officio de Leytor de Theologia, e deixando grande fama de virtudes, e doutrina.

Obriganos o amor, e bom gaſalhado, que a Religiaõ de S. Domingos tem achado neſte povo de Macao, naõ paſſar daqui, ſem fazermos memoria de hum famoſo feito de ſeus moradores, que pera em todas as idades a elles dará fama, e honra, e ao nome Portuguez grande gloria. Amaneceraõ em vinte quatro de Junho do anno de 1622. ſobre a Cidade dezaſete 1622.
vellas de coſſarios Olandezes. E naõ tendo duvida de a ganharem por aſſalto, viſto ſer praça aberta, e deſemparada de todo genero de fortificaçaõ de natureza, e arte, poſeraõ em terra oitocentos moſqueteiros em hum temeroſo eſquadraõ. Era dia do Grande Bautiſta, dia feſtival em toda a Chriſtandade, e ſó deſconhecido de Hereges, que negaõ o poder, e valia, que os Santos tem diante de Deos.

Animou-

Animouſe a gente a defender ſuas caſas, ou morrer ſobre ellas. Sahem da terra, ſem eſperar ſer acometidos, duzentos luzidos mancebos, arremetem ao inimigo como Leoens, e com tal furia, que ſem lhes darem lugar pera ſegunda carga, os puzeraõ em desbarato, e foraõ cortando, e matando nelles até o mar. De ſorte, que ficou todo o campo cuberto de corpos ſem vida, e armas ſem dono. E foy couſa averiguada, que morreraõ mais de quatrocentos Olandezes. Naõ he pera eſquecer, que reſultou deſte ſucceſſo tanto credito aos noſſos entre os bons entendimentos dos Chins, que onde dantes nem hum vallo lhes deixavaõ levantar, como por ley: Deſde eſte dia lhes mandou elRey paſſar licenças francas pera ſe murarem, e fortificarem.

CAPITULO XIII.

Das Caſas, e Reſidencias, que a Ordem tem na Ilha de Moſſambique, e terras da Ethiopia Oriental.

POr differente caminho, mas com mais rezaõ, que todas as Caſas referidas, pertence ao Sul a que temos na Ilha de Moſſambique com outras, que della dependem, ſituadas na Ethiopia, que commummente chamamos Cafraria. Digo por differente caminho. Porque eſta Ilha fica arrimada á coſta, que corre do Cabo de Boa Eſperança contra a India; por grande numero de legoas, que por iſſo mereceo o nome de Ethiopia Oriental, á differença da Occidental, que deſdo Cabo Verde té o de Boa Eſperança, cria gente ſemelhante a eſta em cores de roſto, em infidelidade, e barbaria de trato, e coſtumes. Eſta Ilha he todo o refugio; e alivio, que achaõ as náos de Portugal, depois de longa, e cançada viagem. Aqui tomaõ alento dos trabalhos, e tormentas de quatro, e ſinco, e ás vezes mais mezes de mar. E daqui tornaõ a navegar ordinariamente na entrada d'Agoſto com a monçaõ, que entaõ entra. E ſem mudar vellas correm novecentas legoas, que ha de golfo até Goa. Diſſe com mais rezaõ. Porque eſta Ilha jaz da banda do Sul, tanto contra o Tropico de Capricornio, que fica em 15. pera 16. gráos alem da Equinocial. Foy Autor da Caſa o famoſo Capitaõ Dom Luis d'Ataide, da ſegunda vez que governou a India. Sahio de Lisboa no anno de 1577. deſpachado por elRey Dom Sebaſtiaõ; chegando a Moſſambique, achou nella dous Religioſos Dominicos, que tratavaõ de paſſar á Ilha de S. Lourenço, por outro nome Madagaſcar, a fim de ſe empregarem na converſaõ daquelle Gentio, que he innumeravel; mandoulhes ſuſpender a jornada, e aconſelhouos, que fundaſſem Caſa alli, que ſeria de muita importancia pera gaſalhado, cura, e remedio de tantos Religioſos, como cada anno paſſaõ do Reyno pera a India, e ſempre chegaõ perſeguidos de infirmidades, que a longa viagem cauſa: E tambem lhes naõ faltaria occaſiaõ na terra firme, que tinhaõ á viſta, pera ſe occuparem a tempos em allumiar aquelles pobres Cafres, taõ eſcuros nas Almas, como

nas carnes. Era conſelho de quem podia mandar como Senhor, e de quem podia ſer ſeguido por prudente. Foy aceitado polos Padres, que eraõ Frey Jeronymo do Couto, e Frey Pedro Uſuſmariz. Eſcolheo o Viſo-Rey o ſitio pera o Convento, fez demarcar a praça, que avia de occupar, e podemos dizer, que foy delle o Fundador. Começou a obra com felice pronoſtico polo titulo, que eſcolheo de Noſſa Senhora do Roſario, que he o meſmo, com que a acho aceitada pola Provincia nas Actas do Capitulo provincial do anno de 1579. em que foy eleyto Provincial o Padre Frey Antonio de Souſa, que depois foy Biſpo de Viſeu. Naõ ſe teve por menos bem aſſombrado pronoſtico da fabrica outro, que agora diremos. Era Meſtre della hum Gentio aſſaz emperrado em ſua ſeyta, e envelhecido nos annos, como no erro. Tinhaõlhe laſtima os Religioſos: procuravaõ ganharlhe à Alma com ſantas batarias, que cada hora lhe davaõ. Reſpondia Santunayque, que aſſi ſe chamava, que ſeria Chriſtaõ, quando ſua hora chegaſſe. Foy o Senhor ſervido darlhe huma forte doença, e com ella hum ár de Celeſtial graça, com a qual, ſem ninguem lhe fazer lembrança, mandou chamar os Religioſos, e uſando do meſmo termo, com que dantes rebatia as ſantas admoeſtaçoens, diſſelhes, que era a ſua hora chegada, e queria receber o Santo Bautiſmo: E teve tal ventura, que apoz a hora do Bautiſmo, lhe chegou a da morte, com que voou pera o Ceo.

1579.

Ajudou o edificio huma molher rica de Naçaõ Jaoa, chamada Violante; que ſendo caſada com hum Portuguez, Condeſtable da Fortaleza, deu por ſua devaçaõ ao Convento hum grande palmar a elle vizinho: E como ſe fora mãy de cada hum dos Religioſos, os ſuſtentou muitos annos de todo o neceſſario. Eſtas caridades podemos crer, que lhe acreſcentou fazenda, e honra. Que aſſi ſabe Deos pagar as que ſe fazem a ſeus ſervos. Porque morto o primeiro marido achou hum homem muito nobre, que folgou de caſar com ella. Chamavaſe Pedro de Souſa Camello: E ficaraõ continuando ambos no beneficio da Caſa. De ſorte, que a boa Violante naõ era conhecida por outro nome, ſenaõ de mãy dos Frades. E por officio de gratidaõ, fazemos aqui della eſta memoria.

Suſtenta a Caſa commummente quatro até ſeis Religioſos, que recebem por ordinaria da Fazenda Real hum toſtaõ por dia cada hum. Foy a obra muito acertada. Porque tanto que chegaõ as náos do Reyno, agaſalha, e cura com caridade todos os Religioſos de qualquer Ordem, que ſejaõ. O que ſendo notado polo Viſo-Rey Mathias d'Albuquerque muitos annos depois, lhe aſſentou outra particular ordinaria de cem mil reis de renda em cada hum anno, pera effeito de continuarem com largueza, e poder, o que dantes obrava ſó a boa condiçaõ, e piedade Religioſa.

Fica eſta Caſa imitando o meſmo officio, e repreſentaçaõ de fronteira com a Cafraria: que, ſegundo atraz diſſemos, faz a de Malaca com os Reynos vizinhos,

e

e Ilhas daquelle mar. Porque della paſſaraõ logo os Padres á terra firme, e ſubiraõ aos Rios de Cuama: e atraveſſaraõ a outras Ilhas, e a grande de S. Lourenço, naõ lhes ſofrendo o bom Eſpirito, ficar nada por tentar, pera dilatarem a Prégaçaõ do Santo Evangelho, á cuſta de muitas vidas, e perda de ſaude, por ſer todo aquelle clima de ares peſtilenciaes, e totalmente contrarios a naturezas criadas debaixo do Ceo temperado, e benigno.

Foy primeira occupaçaõ, paſſarem todos os Domingos, e dias Santos a hum deſtrito da terra firme, porque a traveſſa he eſtreita, a dizer Miſſa, e miniſtrar os Sacramentos a muita gente Chriſtãa, que nelle mora, com grande beneficio das Almas, e como ſeus Parochos. Chamaõ o deſtrito a Cabeceira.

Deraõ ſegundo ſalto na Ilha de Quirimba, junto ao Cabo Delgado, ſeſſenta legoas de Moſſambique. Era Senhor della Diogo Rodrigues Correa. Perſuadiraõlhe, que fundaſſe Igreja. Edificoua o Portuguez grande, e luſtroſa: E naõ ſe contentou com menos, que entregalla aos Religioſos, com doaçaõ perpetua, juntandolhe terras, e palmares de bom rendimento, ſem mais obrigaçaõ, que duas Miſſas rezadas cada ſemana. Eſta Igreja he ſuffraganea á de Moſſambique: E de ordinario reſidem nella dous Religioſos: polo muito que tem creſcido a Chriſtandade, depois que a tomaraõ á ſua conta.

Terceira viagem foy a dos Rios de Cuama, e terras de Sofalla, e Menopotapa, atraveſſaraõ a eſtas partes, porque em todas andavaõ eſpalhados muitos Portuguezes, a quem a cobiça do ouro trazia eſquecidos da ſaude corporal, e muito mais da Eſpiritual. Aſſi fizeraõ grande ſerviço a Deos, encaminhando eſtes pera a ſalvaçaõ. Bem ſe diz, que he raiz de todos os vicios, e hum genero de ſervir Idolos a cobiça. Quaſi que tinhaõ perdido o conhecimento de que eraõ Chriſtaõs, devaſſos nos coſtumes, cegos nas obrigaçoens da Fé, e Mandamentos de Deos, e de ſua Igreja. Naõ avia guardar Domingo, nem feſta. Naõ conheciaõ Quareſmas, nem diſtinçaõ de dias da ſemana, pera o ſanto coſtume de guardar abſtinencia nas Sextas feiras, e Sabbados, com outros muitos erros, e deſcuidos. Tudo remediaraõ eſtes Padres, prégando, rogando, reprehendendo, admoeſtando; e de caminho ganharaõ outras muitas Almas pera Chriſto com ſua Prégaçaõ.

CAPITULO XIV.

De outras Igrejas, que os Religioſos de S. Domingos, moradores em Moſſambique, governaõ na terra firme de Monopotapa; e do valor, com que ſe portaraõ em dous cercos, que aquella Fortaleza padeceo.

REſidindo já na povoaçaõ, que acompanha a Fortaleza de Sofalla, o Padre Fr. Joaõ Madeira, Religioſo antigo na idade, e provado na virtude: foylhe mandado por Julho de 1586. por companheiro o Padre Frey Joaõ dos Santos, porque tinha á ſua conta ſeiſcentas Almas de Confiſſaõ entre Portuguezes,

gueſes, e Miſtiços, e gente da terra, que era grande carga pera hum homem ſó. Partio eſte Padre de Moſſambique, e foyſe juntar com Frey Joaõ Madeira. Como eſtiveraõ juntos, ajudaraõſe muito. Levantaraõ duas Ermidas, huma de Noſſa Senhora do Roſario dentro do lugar: Outra com titulo da Madre de Deos, em hum palmar dos Frades, ſitio freſco, e bem aſſombrado, e Caſa de muita romagem: ambas ornadas com toda a decencia, e concerto, que a terra entaõ dava de ſy. E foraõ convertendo de Gentios, e Mouros tanta gente, que ſó o Padre Frey Joaõ Madeira bautiſou mais de mil Almas, e o companheiro por liſtra, que ſe fez, ſeiſcentas, e noventa, e quatro.

Ao meſmo fim paſſaraõ outros Padres de Moſſambique ás eſtendidas terras, que lava o grande Rio de Cuama, que os naturaes chamaõ o Zambeze. He Rio taõ poderoſo, e grande, que ao deſembocar no mar naõ ſahe menos, que por ſinco portas, cada huma taõ eſpantoſa por largura, e impeto de agoas, que daqui naſceo darem nomes de muitos rios ao que na verdade ha hum ſó rio, e huma ſó madre: Como acontece ao Nilo no Egypto, que naõ cabendo ſuas agoas em hum ſó leyto, entra com ellas partidas em ſete no mar Mediterraneo. Por eſte Rio Zambeze aſſima a ſeſſenta legoas da boca tem os Portuguezes hum Forte ſobre as ribeiras delle, que chamaõ Sena, provido dartelharia, e muniçoens, que ſerve, como de huma feira, e feitoria, pera guarda das fazendas, que o Capitaõ de Sofalla manda ao reſgate do ouro, que alli acode muito das terras do Monopotapa. Pera o meſmo effeito fundaraõ outra caſa forte, outras ſeſſenta legoas mais adiante, ſobre o meſmo Rio, e da meſma parte, que chamaraõ Tete. Ambas eſtas Praças ficaõ nas terras, e ſenhorio do Monopotapa, e ambas ſaõ governadas por miniſtros, que a ellas manda, e poem de ſua maõ o Capitaõ de Sofalla. A huma, e outra ſubiraõ os noſſos Religioſos de Moſſambique. Em Sena levantaraõ huma Igreja da Invocaçaõ de Santa Catharina de Sena, aproveitandoſe do nome da patria da Santa, que o da terra lhes offerecia. Em Tete edificaraõ outra em honra do Glorioſo Patraõ de Eſpanha Santiago. Em ambas acompanharaõ os Altares de devotas Imagens, lavradas com curioſidade, e mandadas trazer da India, e ajuntaraõ concerto de ornamentos, e muita limpeza do culto Divino. E pera eſpertar devaçaõ inſtituiraõ ſuas Confrarias. Em Sena huma de Noſſa Senhora do Roſario, e outra do nome Jeſu, pera evitar os juramentos. Em Tete huma de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, e outra de Santo Antonio. Emendados os abuſos, e deſterradas as cegueiras, que atraz apontamos, que por tudo corriaõ, foraõ reduzindo as terras, e gente a toda a policia, e boa ordem da obſervancia Chriſtãa: De tal maneira, que por ſua diligencia florece hoje em aquelles lugares, que ſaõ no coraçaõ da Cafraria, a perfeiçaõ da Fé de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto, como em qualquer dos bons lugares de Portugal.

Alem das Igrejas ditas adminiſtraõ

niſtraõ os noſſos Religioſos outras tres, que ſaõ Luanze, Moſſapa, e Manica, que por todas trazem continuos em ſeu ſerviço doze, e quatorze Religioſos. E porque em todas ſem differença ſaõ os ares venenoſos, e inimigos da complexaõ, e goſto daquelles, que tiveraõ ſeu naſcimento em terras temperadas: E com tudo os Frades de S. Domingos as correm, e aturaõ conſtantemente por ſerviço de Deos, e obrigaçaõ do Habito: Parece juſto darmoslhe por paga a que noſſa pena póde, que he ficar memoria neſtes eſcritos de ſeus nomes. Aſſi os puderamos alcançar todos. Os que chegaraõ a noſſa noticia, ſaõ os Padres Frey Jeronymo Lopes, e Frey Joaõ Fraúſto: E apoz elles Frey Joaõ Madeira, e Frey Joaõ dos Santos. Dos quaes o Padre Frey Joaõ dos Santos, vindo depois a eſte Reyno, compoz, e imprimio hum curioſo tratado das particularidades daquellas Provincias, e dos trabalhos, que nellas experimentaraõ elle, e outros muitos Padres noſſos. E affirma, que achou por conta de livros, ſerem por elles bautiſados deſte deſtrito dos Rios de Cuama até o anno de 1591. paſſante de vinte mil Almas: Entre os quaes ouve muitos Senhores de vaſſallos, que lá chamaõ Encoſſes. A eſtes Padres juntaremos outros quatro, de cujas letras, e induſtria ſe aproveitaraõ os Metropolitanos de Goa, pera por elles mandarem viſitar eſtas Ilhas, e Coſta Ethiopica, que ſaõ de ſua juriſdiçaõ. Foraõ Frey Jeronymo de Santo Aguſtinho, Frey Diogo Correa, naſcido na India em Chaul, o Preſentado Frey Eſtevaõ d'Aſſumpçaõ, e Frey Manoel Pinto. De todos quatro ſe ſabe, que correraõ todos eſtes povos, e cumpriraõ ſua obrigaçaõ com muita inteireza, emendando vicios, e caſtigando culpas. Sigua a eſtes Religioſos o Padre Frey Joaõ de Santo Thomás, que foy deſpachado de Moſſambique pera a Ilha de S. Lourenço, polo Alferes mór D. Jorge de Menezes, no tempo que ſervio de Capitaõ de Sofalla. Era o intento fundar povoaçaõ, e Igreja, e convidar aquelles povos com a Ley de Chriſto. Paſſou o mar, começou a correr com ſeu miniſterio. Mas naõ pode reſiſtir á inclemencia do Ceo. Acabou de doença.

L. 3. c. 12. da Chriſtandade da Ethiopia.

Mas naõ ſe contentaraõ ſó Religioſos de S. Domingos do Convento de Moſſambique, de pelejarem com as febres peſtilenciaes, e mortiferas da Cafraria. Tambem provaraõ a maõ em medos de fogo, e ſangue: Quero dizer, ſendo companheiros dos bons ſoldados, que defenderaõ aquella Fortaleza de Moſſambique aos coſſarios Olandezes em dous acometimentos taõ apertados, que a tiveraõ em grande perigo: E porque o feito da defeſa foy de valor memoravel, e naõ toca menos á honra da Religiaõ, que da Patria; por ambas as couſas faremos aqui breve relaçaõ do ſucceſſo dambos. Em Conſelho pleno aſſentou a Republica rebelde d'Olanda, que lhes eſtaria bem pera ſegurar os roubos, que na India Oriental faziaõ ſuas Armadas, e enfraquecerem o poder dos Portuguezes nella, fazerſe Senhora da Ilha de Moſſambique, unico refugio, e reparo das náos, que deſte Reyno

no navegaõ pera a India. Apreſtaraõ huma Armada de treze vellas, nomearaõ por General della Paulo Van-Carden, Capitaõ experimentado naquellas viagens, e taõ pratico do pouco poder, e força, que avia na Ilha, que cotejando com ella o que levava nas treze náos, offereceo aos Miniſtros, que o mandavaõ, naõ ſó tiralla da maõ dos Portuguezes, mas que deſde logo, como de Praça já ſubdita aos Eſtados d'Olanda, faria della ſua homenagem, ſe lha quizeſſem dar em guarda, e aceitarlhe a obrigaçaõ. Porque tinha por certo, que naõ podia aver reſiſtencia em Moſſambique. Corria o anno de 1607. quando com igual ſoberba, e golodiſſe de huma, e outra parte ſe concertaraõ Van-Carden, e ſeus mayores, lançando em ſeus livros mais huma Praça de novo na India, e Governador della Paulo Van-Carden. Aſſi foy ſua, em quanto naõ chegaraõ a tentalla. Paſſou Van-Carden com boa viagem ſua navegaçaõ: Entrou no porto, deſembarcou, prometendoſe vitoria a terceiro dia. Era a Fortaleza mais ſombra de Fortaleza, que Praça defenſavel, poucos ſoldados, e eſſes meyo conſumidos dos ares peſtiferos, e Sol ſempre ardente da Torrida Zona. O ſitio hum campo raſo. Mas bem diſſe Antigono a hum, que o advertia, que eraõ muitas mais as náos dos inimigos, que as ſuas: Se fazeis boa conta, dizeime, por quantas náos contais minha peſſoa. Aſſiſtia na Fortaleza por Capitaõ della, e de Sofalla Dom Eſtevaõ d'Ataide, Fidalgo honrado, e valeroſo. Valeo ſua peſſoa, e dos bons companheiros, inda que poucos, pera fazer retirar a Van-Carden com mais preſſa, do que tinha obrigaçaõ pola menagem dada, e com muita gente morta, e reputaçaõ perdida. Porque os noſſos, como gente, que ſabia que ſeus braços aviaõ de ſer os verdadeiros muros de ſua defeza, ſahiaõ como Leoens dedia, e denoite a offender o inimigo. De ſorte, que temendo Van-Carden ficar cercado de cercador, ouve por ſeu conſelho largar a terra, e embarcarſe. Mas muito mais graça teve o ſucceſſo do anno ſeguinte. Como os rebeldes ſe davaõ por Senhores da Ilha; deſpacharaõ traz Van-Carden a Pedro Blens na entrada de 1608. com outra boa Armada, e ordem, que de caminho viſitaſſe a nova conquiſta, e ſeus conquiſtadores. Chegou eſte a Moſſambique, e com a certeza de achar a terra por ſua, entrou de feſta, lançando Bandeiras, e Eſtandartes, e com ſalva de artelharia, como ſe aportara em Frangelingas. Porem acharaõ tudo tanto ao revez, que no primeiro acometimento viraõ, que lhes convinha deſpejar a terra, e porto: E aſſi o fizeraõ.

1607.

Plutarch. in Vita Palopico.

CAPITULO XV.

Das Caſas, Conventos, e Reſidencias, que a Congregaçaõ tem nas Cidades, e terras do Norte.

REſta, pois temos dito dos Conventos, e Caſas do Sul, darmos noticia dos que nos ficaõ ao Norte da Cidade de Goa, que por iſſo na India ſe chamaõ geralmente Caſas do Norte. He a primeira, e mais vizinha, em Chaul, que diſta de

de Goa seſſenta legoas. E como atraz fica dito, he o segundo Convento em antiguidade na India. Está situada junto á barra: E corre o Dormitorio contra a praya, com huma fermosa varanda no cabo, que fica defronte da serra, que chamaõ o Morro de Chaul, que noutro tempo deu grande cuidado a todo o Estado da India; polo poder da gente, e muniçoens com que o tinhaõ fortificado os inimigos. E sendo ganhado polos Portuguezes á força de braço, e boa ventura, foy pera Portugal occasiaõ de nova gloria. E ficou em lembrança, que a primeira Bandeira, que em seus muros se arvorou, foy o Guiaõ de N. Senhora do Rosario, da Confraria, que tem neste Mosteiro, que os Irmãos acertada, e devotamente quizeraõ levar comsigo no assalto. Este primeiro Convento foy assolado com cerco, que o Isamaluco poz á Cidade em tempo, que nella naõ avia muros, nem mais fortificaçaõ, que os peitos dos Fidalgos, e Soldados Portuguezes, acompanhados do Capitaõ Dom Francisco Mascarenhas, depois de Conde de Santa Cruz, que em tal estado a defenderaõ a muitos dos inimigos. E elRey D. Filippe, Primeiro de Portugal, mandou reedificar á custa de sua Fazenda a Igreja, que temos de presente, que excede em bom edificio a todas, as que ha na Cidade. He de huma só nave, com a Capella mór d'abobada alterosa, e bem feita: O Convento todo de bom edificio, acompanhado de hortas, e tanques, e taõ boa cerca, que a mór parte della he a mesma, que faz muro á Cidade. Sustenta commummente de vinte sinco até trinta Religiosos, em que contamos dez, e doze Irmãos de Casa de Noviços. E goza por ordinaria da Fazenda Real de vinte Candiz de trigo, e oito d'Arroz (responde hum Candil a quasi trinta alqueires da medida de Portugal) porque o alqueire da India, que lá chamaõ Pará, tem quasi alqueire, e meyo dos nossos: tem mais duas pipas de vinho do Reyno pera as Missas, e seis cantaros de azeite pera Refeitorios (porque o da terra serve só nas alampadas) e Botica paga nas doenças de todo o anno. Achamos aceitada pola Provincia esta Casa com titulo de Santa Maria de Guadalupe nas Actas do Capitulo do anno de 1556. em que foy eleyto Provincial o Mestre Frey Joaõ de Salinas. Por sua antiguidade goza o Presidente della o titulo de Pay dos Christãos, que se convertem, e tem da Fazenda d'elRey, por rezaõ deste cargo, cem Patacoens de quatro Larins, cada Larim de valia de hum Tostaõ. Este dinheiro serve pera acudir a algumas necessidades dos Cathecumenos. Fóra da povoaçaõ assiste hum Frade em huma Igreja da Invocaçaõ de N. Senhora das Merces. Outro reside em huma Ermida da Ilha de Caraniá, que he quatro legoas adiante ao longo da Costa pera o Norte. He Orago de N. Senhora do Rosario. Foy herança de terras, que deixou hum devoto ao Convento, com obrigaçaõ de suffragios: Rendem algum Arroz.

A oito legoas ao longo da Costa está a Ilha de Salsete, e nella huma grande, e lustrosa

Villa, que chamaõ Taná, povoada de todas as Religioens, que na India tem aſſento. O Convento da noſſa he piqueno, e pobre, e com ordinaria nenhuma d'elRey: ſerve de hum Hoſpicio comodo pera os Religioſos, que deſcem de Baçaim: E pera iſſo ſuſtenta ſómente dous, que baſtaõ pera o gaſalhado, naõ deixando de ſer de proveito, e eſtima na terra.

Quatro legoas adiante de Taná eſtá ſituada na terra firme ſobre o mar a Cidade da Baçaim, lugar fermoſo, e muito freſco: E por iſſo eſcolhido por morada de muita gente nobre. Como tem muito povo, tem tambem Conventos de todas as Ordens, que ha na India. O Dominico he da Invocaçaõ de S. Gonſalo. Foy edificado hum anno depois da Beatificaçaõ do Santo, que ſe alcançou no anno de 1563. Tem melhor Igreja que todos os da terra; ſem embargo que ficou aſſolada com a força da prodigioſa tormenta do anno de 1618. que atraz eſcrevemos, com todo o mais edificio. Era Vigairaria, por ſer pobre, e naõ tinha mais que ſeis até oito Frades. Agora tem de renda dous mil Patacoens de quatro Larins. Suſtentará muitos mais, tanto que eſtiver de todo reedificado. Porque he terra barata, e abundante de todo genero de mantimentos; e a eſſa conta o fez Priorado o Padre Frey Miguel Rangel, ſendo Vigario geral da Congregaçaõ: E foy primeiro Prior o Padre Frey Franciſco de Seca, que no tempo, que iſto eſcreviamos, era actualmente deſpachado, e partido para Viſitador das Caſas do Sul, a ſaber, Malaca, Solor, e Macao. Na contia de renda, que lhe nomeamos, entrou a ordinaria d'elRey, que val cada quartel oitenta, e ſinco Pardáos de ouro. Aqui lem os noſſos Padres hum curſo de Artes aos ſeculares, por ſer terra grande, e muito nobre.

No meyo da Caſſabé, que aſſi chamaõ o grande, e eſpeſſo boſque, que ſerve á Cidade, parte com hortas, e parte com palmares, e canaviaes de Aſſucar, tem a noſſa Ordem a muy nomeada, e celebre Igreja de Noſſa Senhora dos Remedios, que levantou neſte ſitio o Padre Preſentado Frey Marcos Coelho. E foy a occaſiaõ ſonhar eſte Frade, que lhe dizia a Sagrada Virgem, que alli queria ſe lhe deſſe, e edificaſſe Caſa, e que foſſe o titulo dos Remedios. Era o lugar naquelle tempo guarida de ladroens, que, por ſer cego, e eſcuro por eſpeſſura de arvoredo, e diſtante meya legoa do povoado, ſe recolhiaõ nelle, e dalli ſahiaõ a fazer ſeus aſſaltos. O dezejo de evitar eſte dano, junto com a qualidade do ſonho, que polo fim merecia eſtima, obrigou ao Frade a viſitar logo o ſitio, deſmontallo, e arvorar nelle huma Cruz. Pouco depois levantou hum piqueno Oratorio, fabricado do meſmo arvoredo, que cortara, com ſeu Altar, e Imagem da Senhora, a que logo deu nome dos Remedios. Ajudou á obra huma Senhora principal da Cidade: doando á Ordem a maior parte do ſitio, que era fazenda ſua: ſeu nome Dona Anna Ortiz. Mas a Sagrada Virgem naõ tardou em acreditar o ſeu nome dos Remedios, acudin-

acudindo com muitos, e muito milagroſos, em caſos deſeſperados, aſſi a Chriſtãos, como a Gentios, e Mouros. Com que o Padre ficou honrado pola obra: E a Caſa creſceo em nome, e romagem. De ſorte, que de muitas legoas concorrem, e ſe ſoccorrem a ella de todo o genero de gente, aſſi Fiel, como Infiel, os que ſe achaõ em trabalho. E deſdentãõ dura ſem ceſſar a devaçaõ deſta Coſta, acudindo a ſervir á Senhora com ricas, e varias offertas, que tem rendido, levantarſelhe huma ſumptuoſa Igreja com gaſalhado pera quatro Frades, que nella reſidem. Os milagres ſaõ tan-
1605. tos, que no anno de 1605. eſtavaõ authenticados cento, e vinte. Diremos alguns pera edificaçaõ dos devotos.

1597. Por Setembro de 1597. entrou na Igreja huma Cabilda de Gentios, que traziaõ hum moço de idade de dez annos, alejado de naſcimento do pé direito; demaneira, que andando aſſentava no chaõ o peito do pé, como ſe fora a ſola. Offerecendoo á Senhora com varias promeſſas, ſe lhe dava ſaude, untaraõlhe o pé com o azeite da ſua alampada, e perſeveraraõ com fé por eſpaço de tres mezes. No cabo dos quaes o levaraõ ſaõ, e livre de toda a deformidade, e aleijaõ. Ficou em memoria, que os Gentios eraõ de caſta Bundarim, e o moço ſe chamava Walca.

Em Baçaim deſima, que he povoaçaõ differente, e diſtante da noſſa Cidade, ſe lavava, e recreava em hum tanque, que he o remedio, que ſe acha contra o fogo do tempo, e clima ardente, hum Domingos Carvalho. Eſtando no meyo delle aſſentado em huma Almadia com alguns amigos, e com hum filho moço de oito annos, ſuccedeo virarſe o madeiro, e ficarem todos mergulhados. Remediaraõſe os mais facilmente; mas naõ aparecia o minino. E quando deraõ com elle, que foy a cabo de duas horas, foy tirado morto, e todo inchado da agoa. Bradaraõ todos em altas vozes por noſſa Senhora dos Remedios: Naõ faltou ella com ſua miſericordia. Porque juntandoſe aos brados muitos Chriſtãos, e Gentios, começou o minino a falluçar, e vomitando hum rio d'agoa, ficou á viſta de todos, de morto, reſuſcitado. Foy eſte caſo em Abril de 1598.

Logo por Outubro ſeguinte do meſmo anno, tendo Gaſpar Pereyra Chriſtaõ da terra hum filhinho enfermo; e vendo, que por momentos ſe lhe acabava a vida, porque tinha feito já tres termos; obrigado do amor paternal, e da fé de bom Chriſtaõ, começou a chamar devotamente por Noſſa Senhora dos Remedios, pedindolhe, que deſſe algum áquelle innocentinho, que naõ paſſava de hum anno, e meyo de idade, e era todo o bem, e alegria da caſa: E ajuntava promeſſas de lho peſar a cera dentro na ſua Caſa, ſe lhe dava ſaude: No meſmo ponto tornou a criança em ſy, com novo alento, e demaneira, que foy mais reſurreiçaõ, que continuaçaõ de vida. E o pay cumprio ſeu voto.

Jaſchorc ſe chamava hum Gentio, que vivia aleijado do pé direito, ſinco annos avia, ſem tratar de remedio: e avendoſe por incuravel em huma

Aldea, por onde corria muita gente das terras de Damaõ, perguntou hum dia, que fim levava a tantos homens, como via paſſar, pera Baçaim? E ſabendo, que era devaçaõ, e neceſſidade, diſſe com grande animo, inda que falto de Fé: Pois eu prometo de viſitar ſua Caſa, e naõ hir com as mãos vazias, ſe ella neſte pé me dá ſaude. Seguio ás palavras com querer dar hum paſſo: ſeguio ao paſſo hum grande eſtrallo do pé aleijado: E ſubitamente ſe vio taõ ſaõ, que já naõ conhecia qual fóra o pé doente.

Hum anno, e quatro mezes
1604. avia por Março de 1604. que hum pobre homem, por nome Antonio da Cunha, tinha perdido a falla com força de accidentes de Apoplexia, que ameude o tomavaõ. Veyoſe a eſta Caſa buſcar remedio pera a vida nas eſmollas, que os Romeiros lhe faziaõ nella; e pera os males, que padecia, na miſericordia da Senhora. E fez ella, que achaſſe tudo. Porque reſidindo na Igreja, que varria todos os dias, e pondo na lingoa daquelle pó, que juntava, prometeo em ſua Alma, ſegundo depois dizia, offerecer á Senhora huma vella do comprimento de ſua eſtatura; e fazer partilha com os pobres, que avia na Caſa, das eſmollas, que tinha juntado. Naõ foy deſpreſado o voto, cobrou a falla; e perdeo os accidentes.

Chriſtovaõ Affonſo morador em Baçaim padecia huma doença de graviſſimas dores de cabeça, que traſiaõ comſigo huns vagados, como de mal caduco, que o derribavaõ em terra, e o tinhaõ hum eſpaço fora de ſeu juizo. Tendo provado muitos remedios da Fiſica da terra, acudio á do Ceo. Prometeoſe a eſta Senhota com novenas, e huma Miſſa. Foy couſa averiguada, e certa, que deſda hora da promeſſa, nem dôr, nem vagado teve mais: E cumprioa inteiramente, levando de mais á Igreja hum paynel, que nella pendurou com relaçaõ do ſucceſſo, pera memoria, e edificaçaõ. Nelle ſe declara, que alcançou ſaude por Setembro de 1604.

Deixando mais milagres por encurtar leitura, paſſemos a louvar a devaçaõ da India, que ſabemos ſer taõ affectuoſa, e humilde, que muitas Senhoras, quando viſitaõ a Igreja, naõ ſe contentaõ com menos, que varrer com os cabellos o Altar da Senhora.

CAPITULO XVI.

De outras Caſas, Conventos, e Vigairarias do Norte.

SEguemſe pola Coſta adiante duas Vigairarias: A de Maym de dous Religioſos, e a de Terapor de quatro. A primeira a quatro legoas de Baçaim: A ſegunda a oito. Ambas ſe ſuſtentaõ da Fazenda Real com quatrocentos Cruzados cada huma; por ſerem de muito ſerviço, e utilidade Eſpiritual deſtes lugares.

A Cidade de Damaõ fica noventa legoas de Goa. Aqui temos grande Caſa; muy boa Igreja; mas naõ he atégora mais que Vigairaria Reſidem nella ſeis até oito Religioſos, ſem poſſuirem maior ordinaria, que a que tem as duas Igrejas atraz. Neſta Cida-

Cidade fizeraõ os noſſos Frades hum ſerviço ao Eſtado da India, que por muitas rezoens merece ficar em lembrança neſte lugar; inda que já em outros o temos contado. He eſta Praça fronteira, e muitas vezes acometida de hum dos mais poderoſos inimigos, que neſte Oriente tem os Portuguezes, que he o Aquebar, Rey dos Mogores. Mantinhaſe em tempos atraz com muito trabalho, por naõ ter mais cerca, que huns piquenos vallos, arrimados a huma fraca eſtacada. Trataraõ os Viſo-Reys de a fortificar: E por rezoens, que pera iſſo conſideraraõ, cometeraõ a obra, por ſer de grande confiança, e groſſa deſpeza, aos noſſos Religioſos, e aos Padres da Companhia de Jeſu. Dando ordem, que ambas as Religioens de conformidade com o governo da Camara correſſem com ella, porque ſe fazia á cuſta das rendas, e proprios da Cidade. Mas entrando por Viſo-Rey Mathias d'Albuquerque no anno de 1592. largaraõ os Padres da Companhia a occupaçaõ, e ficaraõ ſós com todo o trabalho os Religioſos de S. Domingos, acompanhados da Camara. E procederaõ com tanta diligencia, que ſendo muito mais o que eſtava por fazer, que o que era feito até entaõ, deraõ inteiro remate a toda a fortificaçaõ antes do anno de 1603. O que nos conſtou por hum inſtrumento de vinte teſtemunhas, que em noſſo poder temos, que foy juridicamente tirado na meſma Cidade por Luis de Mello Ouvidor, e Eſcrivaõ Antonio de Seixas. E he muito de eſtimar o que por elle ſe vê eſtes Padres fizeraõ; pera dar animo, e exemplo aos ſucceſſores. Porque ſe prova, que levantaraõ deſdos fundamentos a grande machina do Baluarte S. Sebaſtiaõ, em hum dos mais importantes ſitios da Cidade, acabaraõ, e puzeraõ na altura que tem de preſente o Baluarte, que chamaõ de S. Domingos o velho, que eſtava muy longe de ſua perfeiçaõ, e fizeraõ todo, o que cerra a rua de S. Domingos o novo: E o de Santiago, que naõ eſtava mais que principiado: E acabaraõ de levantar o de S. Jorge, e toda a cortina do muro, que fica entre eſtes dous Baluartes. E puzeraõ em ſua altura o de S. Filippe, que olha contra a barra. De ſorte, que ficou logo delle jugando a artelharia; e lançaraõ todo o pano de muro, que corre entre o de S. Filippe, e o da Madre de Deos; e toda a mais muralha, que deſte vay enteſtar no de S. Franciſco. Fabricaraõ mais os grandes Baluartes, S. Miguel, e S. Martinho, com hum Rebellim, que deſte naſce, e vay correndo ſobre hum braço do Rio, obra forte, e de grandes terraplenos. Permaneira, que ſó no breve tempo de ſua particular adminiſtraçaõ fizeraõ os noſſos Frades as duas partes de toda a fortificaçaõ: Sendo aſſi, que em vinte ſinco annos atraz naõ era feita mais, que huma ſó. Aſſi ſe deve á ſua induſtria, e cuidado, deixarem toda a Cidade perfeitamente cercada; e fechada com ſuas portas muy fortes, chapeadas todas de ferro, guarnecidas de ſua cravaçaõ de Diamaens do meſmo. A que juntaraõ outras fabricas aſſaz importantes, tanto dentro na Cidade, como fora della. As de dentro, foraõ a Capella da Caſa

P. 1. l. 3. c. 18.

1592.

1603.

Caſa da Miſericordia; e a caſa do Concelho com ſua cadea por baixo. As de fora, reforçar com obra muy fundada, e firme o Forte de Terapor, e a inſigne Fortaleza de S. Gens: E lançar huma importante tranqueira em hum ſitio tres legoas polo ſertaõ dentro, pera guarda das terras, que ſaõ toda a riqueza dos moradores. E em tudo ſe procurou o aproveitamento, e moderaçaõ na deſpeza, com pureza, e fidelidade Religioſa: E por iſſo ſe pode fazer tanto. Neſta Cidade, e nas duas Praças de Venuca, e Terapor ſaõ os noſſos Padres Pays dos Chriſtãos por declaraçaõ, que diſſo fez por ſua Proviſaõ o Viſo-Rey Dom Duarte de Menezes.

Com ſincoenta legoas, que abre em boca a grande enceada, que chamaõ de Dio, fica dividida de Damaõ a famoſa Ilha, e Cidade de Dio; ſendo huma meſma toda a Coſta, e em diſtancia de cem legoas de Goa. Neſta Cidade tem todas as Religioens ſumptuoſos, e perfeitos Templos; ſó a de S. Domingos, que veyo a ella primeiro que todas, e em tempo de maior opulencia da terra, naõ tem Convento acabado. Foy a rezaõ, que em principio fundamos dentro na Fortaleza junto á Sé: Depois quizemos fabricar fora, como os mais. Mas com medo de fazer padraſto á Fortaleza, pera em occaſiaõ de algum cerco, naõ ſe tratou de edificio magnifico. Todavia já agora temos huma grande Igreja. E ainda que o Convento a reſpeito das obras, que ſe faziaõ, deixou alguns annos de ſer Priorado; hoje eſtá já reſtituido a eſta honra. Suſtenta ſeis Frades, e tem ordinaria d'el-Rey de vinte Pardáos de ouro cada mez. E goza por mais antigo do titulo de Pay dos Chriſtãos, que ſe convertem, e corre juntamente com todo o governo do Hoſpital, que elRey aqui tem, aſſiſtindo nelle continuos dous Religioſos. Fora da Cidade temos outras duas Igrejas: Huma de Noſſa Senhora da Saude, que fica junto da outra barra a duas legoas da Fortaleza. E fora de muito rendimento, ſe nos noſſos Frades ouvera zelo de grangearia: A outra he mais perto, e a Invocaçaõ de Noſſa Senhora de Penha de França: Caſa grande, e ayroſa, e toda d'abobada. He privilegio antigo, de ſerem os Religioſos Pays dos Chriſtãos, receberem de toda a embarcaçaõ, que entra com mantimentos, a ſaber, trigo, arroz, e milho, huma certa medida, que leva pouco mais de hum alqueire de cada genero. Como a terra he de muita gente, que ſó á povoaçaõ de Mouros paſſa de ſincoenta mil Almas; e tudo lhe vem de carreto; fica conſideravel a penſaõ. Pola meſma rezaõ, e titulo de Pays dos Chriſtãos, coſtumaõ o Prior, e Vigario viſitar as náos de Meca, que aqui aportaõ, que ſaõ muitas. E procuraſe deſcubrir nellas, ſe trazem Abexins do Preſte Joaõ, que coſtumaõ os Mouros cativar mininos, e os eſtimaõ, e fazem renegar, pera ſe ſervirem delles, polos acharem fieis, e diligentes. E ſendo achados alguns, ſe lhes dá liberdade.

Em Ormus mandou a Congregaçaõ fundar logo em ſeus principios, quando entrou na India. Depois largou a Caſa, que

que os Padres de Santo Aguſtinho aceitaraõ, e ficaraõ conſervando nella em memoria de ſua origem huma Capella, e Confraria do noſſo Glorioſo Santo d'Amarante, S. Gonſalo. Naõ pude alcançar, que rezaõ ouve pera a deixarmos. E porque tratamos de Caſa deixada, bem he, que fique aqui dito de outra, que tivemos na Fortaleza de Chale, na Coſta do Malabar; pouco mais de vinte legoas de Cochim. Era Praça forte: Vieraõ inimigos ſobre ella, naõ foy ſoccorrida, rendeoſe por fome depois de porfiado cerco: E os inimigos a deſmantellaraõ, e puzeraõ por terra.

Fim do Livro Quinto.

TER-

TERCEIRA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO SEXTO.

CAPITULO I.

Principio, e fundaçaõ do Convento dos Frades de S. Domingos de Montemor o Novo, com titulo, e vocaçaõ de Santo Antonio de Padua.

1559. ENTRA o anno de 1559. e com elle creſce huma Caſa á Ordem em huma das melhores Villas do Alentejo, qual he Montemor, que chamamos Novo, a differença de outra do meſmo nome, e muito mais antiga junto a Coimbra. Dezejavaõ os moradores ouvir a Prégaçaõ, e doutrina Dominica: fazendo conta, que aſſi como ſe achavaõ edificados da grande Religiaõ, que avia no Moſteiro de Freiras, que de muitos annos atraz tinhaõ no alto, e dentro dos muros della; a meſma achariaõ nos Religioſos; e com tanto mais proveito das Almas, quanto avia de ſer o trato, e converſaçaõ mais particular, reſpeito do Pulpito, e adminiſtraçaõ dos Sacramentos. Era noſſo Provincial o devotiſſimo Padre Meſtre Frey Luis de Granada; que naõ obrigava menos os animos de quem o tratava com ſua Religioſa pratica, e boa ſombra, do que o faz o retrato verdadeiro, que della nos deixou em ſeus eſcritos. Acertou de chegar aqui eſte anno a viſitar as Freiras. Eſtava bullida entre os naturaes a materia de nos darem ſitio pera o Convento. Com ſua chegada, viſta, e ouvida accendeoſe a devaçaõ, acordouſe o concerto, e tomado aſſento com a Camara, e gente da governança, ficava ſó a duvida no poſto, que ſeria melhor pera os Religioſos, e juntamen-

tamente mais comodo pera o povo, que pertendia ficaſſem no baixo da Villa, onde hoje he o maior corpo della. Neſte paſſo ouve hum devoto, que lembrou eſtaria bem a tudo, e a todos, darſe aos Frades a Ermida de Santo Antonio, aſſi em rezaõ do ſitio, como pera terem logo Igreja em que exercitar os miniſtérios da Religiaõ. Era a Ermida taõ antiga, que de ſua fundaçaõ naõ avia memoria. E pera ſer mais eſtimada dos Frades, vioſe, quando nella entraraõ, que na parede junto ao Altar eſtava pintada huma Imagem de noſſo Padre S. Domingos, a inſignia do ſeu cachorro aos pés, a tocha ardendo atraveſſada na boca: pintura taõ antiga como a meſma do Altar. Parece, que já entaõ começava noſſo Padre a tomar poſſe do lugar com tanto beneplacito do Santo Portuguez, que ſe conta por couſa certa, e com inſtrumento de teſtemunhas juridico averiguado hum caſo, que muito o confirma, e que por tal naõ he rezaõ ficar fora deſtas memorias. Saõ os vizinhos deſta Villa geralmente devotos de Santo Antonio. Como davaõ a Caſa pera Dominicos, quizeraõ paſſar a outra Igreja huma Confraria antiga, que tinha na Ermida, e com ella a Imagem do Santo. Feita a tresladaçaõ, eisque no dia ſeguinte naõ aparece a Imagem no Altar, em que fora collocada, nem noutro algum da Igreja. Sobretaltou o caſo; porque naõ ſe podia julgar furto. Em cabo de muitas diligencias foraõ dar com elle na ſua Caſa, e Altar antigo: Mas procurando ſaber, ſe intervieraõ niſſo mãos, ou meyos humanos, nenhum raſto, nem final ſe pode achar. E em fim tirou de todo o cuidado aos Confrades a meſma Imagem, ſendo trazida ſegunda vez pera o ſegundo Altar, achada tambem ſegunda vez no Altar primeiro. Daqui devia naſcer, que depois de edificado o Convento, e Igreja nova, naõ quizeraõ os Religioſos, que perdeſſe o titulo, e vocaçaõ do Santo Portuguez. E he conhecido, e nomeado na Ordem por Convento, Igreja de Santo Antonio de Padua. E ſuſtentaraõ eſte ponto com tanta firmeza, que ſe deixaraõ levar por Auditorios polo manter: Porque naõ faltou quem lhes armou demanda, pertendendo, que a Caſa Dominica naõ uſaſſe de vocaçaõ de Santo Franciſcano. Mas ſentenceouſe a cauſa pólos Dominicos, moſtrandoſe polas Cronicas do Serafico Franciſco, eſtarem algumas Caſas ſuas fundadas em Igrejas da Ordem de S. Domingos, ſem aver por iſſo encontro, nem deſgoſto da parte noſſa. Como aconteceo, naõ ha longos annos, em huma, que edificou no ſeu lugar de Xarandilha o Conde de Oropeſa, Dom Fernando Alvares de Toledo, que dandoa a Frades de S. Franciſco, foy aſſento, e concerto, que conſervaria o Moſteiro, e Igreja o nome, que primeiro tinha, de S. Domingos. E o meſmo vemos em hum Moſteiro de S. Clara da Ilha Terceira, que he huma das que chamaõ dos Açores no mar Oceano. O qual ſendo fabricado deſda primeira pedra no nome, e devaçaõ do milagroſo Santo Dominico, S. Gonſalo d'Amarante, ſerve a Freiras Franciſcanas. Eſtes dous exemplos traz a' Cronica nova

da

da Serafica Ordem, mandada eſcrever por ſeu Geral Gonzaga. Mas outro temos mais vizinho, que he a pouco menos de meya legoa da Cidade de Viſeu, onde chamaõ Orgens. He Moſteiro de S. Franciſco, e Padroeiro delle o ſucceſſor na Caſa de Ruy Gomes da Sylva, ſem perder a Igreja na voz do povo a memoria, e vocaçaõ do Padre S. Domingos, cuja fora em ſua origem.

F. 933. & f. 1157.

Eſte Moſteiro acho aceitado pola Provincia no Capitulo intermedio do meſmo Provincial Frey Luis de Granada, que foy no anno de 1560. e polo Capitulo geral de Bolonha no de 1564. E com tudo o meſmo Provincial na hora, que lhe foy concedida a Ermida de Santo Antonio, diſſe Miſſa, e fez auto de poſſe nella, e no meſmo lançou primeira pedra nos aliceſſes, que logo quiz, que tiveſſem principio. Como tinha pouco cabedal de renda, e ſe avia de deſpender muito na fabrica, ficou com titulo de Vigairaria: Do qual naõ paſſou, ſenaõ ſeſſenta annos depois, ſendo Provincial o Padre Meſtre Frey Diogo Ferreyra, que conſiderando como por perfeiçaõ do edificio, e contia da renda, eſtava já em termos de poder acudir ás obrigaçoens de Convento formado; nomeou nelle primeiro Prior, e ſuſtenta doze, ou treze Religioſos. Mas ſempre com queixa dos Prelados. Porque a renda, de que vive, com tudo o que ſe grangea de eſmollas pola Sacriſtia, e por outras vias, he curta pera tantas bocas. E iſto he o meſmo, que ſegundo em outra Parte cotamos, acontece a quaſi todos os Conventos de S. Domingos deſte Reyno, que eſcaſſamente lhes baſta o que poſſuem pera ſe ſuſtentarem.

Era Alcayde Mór da Villa Dom Fernando Martins Maſcarenhas, Capitaõ dos Ginetes da Guarda d'elRey Dom Sebaſtiaõ. O cargo de Alcayde Mór he ter primeiro lugar pera em tempo de guerra. He o nome Mouriſco, reſpondelhe de preſente o de Capitaõ Mór. Como peſſoa de tanta qualidade, e grande entendimento, ſoube eſtimar a nova companhia de Religioſos, que entrava na terra, que tanto lhe tocava: E ſuccedendo acharſe pouco depois por Embayxador de Portugal no Concilio de Trento, impetrou do Papa Pio IV. hum Breve de grandes graças pera o Convento, das quaes he huma plenaria indulgencia pera todos, os que viſitaõ a Igreja de primeiras Veſperas té ás ſegundas, todas quantas vezes a viſitarem no dia de Santo Antonio.

CAPITULO II.

Fazſe memoria das Vigairarias de Anſede, e Mancellos; e da fundaçaõ do Convento de Santa Cruz de Viana.

A Eſte meſmo anno de 1559. pertencia fazermos relaçaõ da Vigairaria, que a Ordem tem no antigo Moſteiro de Anſede. Porque em tal anno o pedio por ſua carta a Rainha Dona Catharina em nome d'elRey Dom Sebaſtiaõ ſeu neto á Sé Apoſtolica, pera effeito de o annexar com ſuas rendas ao Convento de S. Domingos de Lisboa. Mas por quanto ao reſpeito de tal annexaçaõ diſſemos del- 1559.

le na Primeira Parte deſta obra, quando eſcrevemos do meſmo Convento de Lisboa em conformidade da ordem, que levamos, de apontar por junto tudo, o que achamos tocante a cada Caſa; eſcuſaremos fallar neſta Vigairaria de preſente. Lá remeto, quem tiver curioſidade. Viſto ſer o meſmo que fizemos com a Vigairaria de Mancellos, dando conta della na relaçaõ do Convento d'Amarante, onde pertencia; porque lhe foy annexada pera ſua ſuſtentaçaõ por elRey Dom Joaõ o III. alguns annos depois de principiada a obra de S. Gonſalo. E por tanto baſta fazermos aqui eſta breve memoria.

P. 1. l. 3. c. 40.

Tambem ſerá curta, e breve a relaçaõ, que ſuccede apoz o anno de 559. do Convento de Santa Cruz de Viana, reſpeito a largueza, com que temos eſcrito a vida, e feitos do Santo Arcebiſpo de Braga Dom Frey Bartholameu dos Martyres, Fundador delle. Em ſua Hiſtoria verá o Leytor todo o diſcurſo deſta fundaçaõ, com as rezoens, que obrigaraõ o Santo, e animoſo Prelado a emprender huma fabrica magnifica, e de grandiſſimo cuſto neſta Villa, em tempo que tinha começado outra de naõ menos importancia na ſua Cidade de Braga, do Collegio da Companhia de Jeſu. Tendo o Arcebiſpo communicada a determinaçaõ deſta obra peſſoalmente com o Padre Frey Luis de Granada, noſſo Provincial, que entaõ era, no tempo que foy ſeu hoſpede em Braga por Julho do anno de 1560. mandou dar conta della a Camara de Viana, por Novembro do meſmo anno: E foy Embayxador de fabrica intentada por hum Arcebiſpo Primás, pera felice pronoſtico, outro Arcebiſpo, e tambem Primás; quero dizer o Padre Frey Henrique de Tavora, que ſendo entaõ Religioſo particular, ſubio depois á cadeira de Goa Metropoli, e Primás do Oriente. Aceitou a Villa o Convento com aplauſo geral em 12. de Novembro do meſmo anno; ſendo Vereadores Affonſo de Barros Rego, e o Doutor Antonio da Rocha, e Franciſco da Rocha Barboſa. E no de 1562. foy aceitado pola Provincia no Capitulo de Santarem, em que ſahio eleyto Provincial o Padre Meſtre Frey Jeronymo d'Azambuja. A primeira peſſoa, que primeiro entendeo por parte da Ordem na eleyçaõ, e compra de ſitio, ainda antes da aceitaçaõ da Provincia, foy o Padre Frey Eſtevaõ Leytaõ, que pouco depois foy noſſo Provincial. Começou a fabrica na Rua da Roſa; e depois de algum cadebal metido, parecendo, que ſeria melhor ſitio o de Altamira, largouſe aquelle, e proſeguioſe neſtoutro de primeiros de Abril do anno ſeguinte de 1563. em diante. Na Igreja poz diante a primeira pedra o Arcebiſpo com grande ſolemnidade por Janeiro de 1566. E por Agoſto de 1571. fez celebrar nella primeira Miſſa.

Na vida do Arcebiſpo l. 1. c. 25.

Tenção tive de ſuprir, o que reſta deſte Capitulo com ſucceſſos, que vieraõ a minha noticia pertencentes ao Santo Arcebiſpo depois da impreſſaõ, que fizemos de ſua vida; huns que arguem ſeu grande Eſpirito, e muita valia com Deos; outros grande prudencia, e aviſo natural, todos merecedores

de

de fama. Mas fiz conta, que ſe aviaõ de ſervir pera maior ſignificaçaõ de ſuas virtudes, quando naõ baſtaraõ os que naquelle Volume vaõ contados; baſtante força deve fazer a todo o bom entendimento, pera formar hum alto conceito de ſuas partes, ſó a fabrica deſte Convento. Porque conſiderada a pouca fazenda, que poſſuia, reſpeito da pençaõ, que pagava ao Cardeal Infante, e da baixa das rendas, que nunqua quiz levantar, e viſta a qualidade, e magnificencia das obras de pedra, e cal, em que repartio, tanto que entrou na Provincia, e Prelacia, ſobre continuas, e larguiſſimas eſmollas de paõ, dinheiro, e veſtido, que abrangiaõ a toda a Dioceſi, e ſempre precediaõ a toda outra deſpeſa, por maior milagre ſe póde contar, que todos os maiores, que delle ſabemos: pois conſtando, como conſta por conta de livro, que ſe deſpenderaõ nelle vinte ſinco mil Cruzados; parece impoſſivel, que ſahiſſe tanto dinheiro de renda taõ curta, e que a tantas obrigaçoens acudia. Mas muito mais eſpantará o que agora diremos. Acabado o Convento, e acabada muitos annos depois a grande obra, com que elRey Dom Filippe Primeiro de Portugal mandou accreſcentar o Forte da barra, naõ faltaraõ engenheiros, que propuzeraõ a Sua Mageſtade, convinha deſfazer o Convento, porque pola vizinhança, e grandeza podia em algum tempo ſer padraſto temeroſo pera o Forte. Aprovado o conſelho, mandouſe avaliar a Caſa por Miniſtros Reaes, que a orçaraõ em oitenta mil Cruzados. E já póde ſer, que o medo de tanto dinheiro lhe foy padrinho, e a ſalvou.

Naõ he menos de eſpantar a liberalidade, com que o Arcebiſpo tirou de ſy mil, e quinhentos Cruzados de renda, eſtavel, e perpetua, aplicando pera ſuſtentaçaõ do Convento, e deſanexando da Camara Archiepiſcopal a Igreja de Saõ Salvador da Torre, que fora Moſteiro da Ordem de S. Bento, e de annos atraz andava já unido a ella. E pera ter effeito negoceou em Portugal as licenças d'elRey, e em Roma impetrou as do Summo Pontifice. Foy o encargo, com que o deu aos Religioſos, ficarem obrigados a prégarem na Matriz todos os Domingòs do anno, e Feſtas de Noſſo Senhor, e Noſſa Senhora, e lerem nella huma liçaõ quotidiana de Theologia Moral.

Deſta Igreja de S. Salvador, e de quem a fundou, e reedificou, fizemos larga mençaõ na vida do Arcebiſpo; ſegundo o que entaõ pudemos alcançar. Mas porque hindo depois á Villa de Viana, deſcubrimos huma notavel antiguidade da meſma Igreja, provada com hum pergaminho, que no Cartorio delle ſe guarda: Pareceome referilla neſte lugar em ſerviço dos curioſos. Contém o pergaminho huma merce, que o grande Rey Dom Affonſo Henriques fez ao Moſteiro, dandolhe privilegio, e liberdade de Couto em tempo, que ainda naõ tinha tomado o nome de Rey, e ſe chamava ſó Infante. He muito de eſtimar a Eſcritura, por rezaõ do tempo em que foy feita; porque delle deve aver muy poucas em Portugal. E diz aſſi.

In

IN nomine Sanctæ, & individuæ Trinitatis, Patris, & Filii, & Spiritus Sancti. Unitas indiviſa, quæ nunquam erit finienda, ſed permanens per infinita ſæculorum ſæcula. Amen. Ego Infans Dominus Alfonſus bonæ memoriæ magni Ildefonſi Imperatoris Hiſpaniæ nepos, & filius Comitis Henrici, Reginæ Tareiſiæ, cautum facio ad ipſum Monaſterium de Sancto Salvatore de Turre, pro remedio animæ meæ: Et pro pretio, quod accepi de Pelagio Pelaez, ut ſerviret mihi per ſpatium trium annorum cum ſuis militibus ſine ſoldada: Et pro duobus equis, quos dedit mihi Suerius Goterres, pretiatos in ſeptingentos, & triginta modios: & pro alio equo, quem dedit mihi Petrus Guterres, pretiatum in ducentos, & decem modios: E pro una mula, & uno vaſe argenteo, pretiato in quadringentos, & nonaginta modios. Et hoc facio, ut ante Deum mercedem accipiam. Et ut etiam in Miſſis, & in Orationibus, & in omnibus beneficiis veſtris Eccleſiaſticis me ſemper in memoriam habeatis, facio cartulam donationis, & firmitatis de rivulo Putri, uſque in rivulo de Nogana, & Deſconcieyro in Limia: do & offero pro pretio, quod ſurſum reſonat, & pro peccatis meis, & pro remedio animæ meæ ad illud cœmiterium Sancti Salvatoris de Turre: ita ut ſemper ſit illud cautum, ſemper habeat firmitatem, & roborem, ſicut ſurſum reſonat. Et ſi aliquis homo tam de propinquis, quam de extraneis, hoc factum meum irrumpere voluerit, quod fieri non credo, illi Monaſterio, vel qui vocem ſuam pulſaverit, quingentos ſolidos pariat, & regiæ poteſtati, quod liber judicum præcipit. Et inſuper ſit excommunicatus, & á liminibus Sanctæ Matris Eccleſiæ ſegregatus, & cum Juda in palacio Gehennæ habeat habitaculum. Facta carta, vel cautum terminationem locorum, & firmitatis, octavo Kal. Julii. Era M. C. 2x6iii. Ego Infans Dominus Alfonſus prædicto Cœnobio manum meam roboro. Affonſo.

Qui præſentes fuerunt.

Pelagius Bracalenſis Archiepiſcopus.	*Confirmat.*	
Ermigius Moniz Curiæ Dapifer.	*Conf.*	
Fernandus Captivus Alferus.	*C.*	*Suerius teſt.*
Gonſalvo Rodrigues.	*C.*	*Pelagius teſt.*
Garcia Menendiz.	*C.*	*Gunſalus teſt.*
Laurentius Veneras.	*C.*	

Porta ✠ *tul.*

Petrus Cancellarius Infantis Notarius.

Com

Com a formalidade, que aqui preſentamos, ſem tirar, nem acreſcentar nada, jaz eſta Eſcritura no pergaminho, excepto na firma do nome Affonſo; porque eſte fica ao pé da ultima regra em meyo della, eſcrito com letras muito apartadas humas das outras, e entre cada huma riſquinha direita, e huma piquena Cruz antes das duas letras ultimas. Ficamos daqui colhendo a certeza das Armas antigas deſte Reyno: E do feitio da Cruz podemos conjeturar, que teve reſpeito a elle elRey D. Dinis, quando inſtituio a Ordem de Chriſto, pola ſemelhança, que tem com as que deu aos Comendadores. Segueſe a traduçaõ.

EM nome da Santa, e individua Trindade, Padre, Filho, Eſpirito Santo, Unidade indiviſa, que nunqua ha de ter fim; mas permanecerá por infinitos centenares de centenares de annos. Amen. Eu o Infante Dom Affonſo, neto do grande Emperador de Eſpanha, Ildefonſo de boa memoria, e filho do Conde Henrique, e da Rainha Tareja: Faço, e conſtituo couto no Moſteiro de S. Salvador da Torre, por fazer bem por minha Alma; e polo preço que recebi, a ſaber, de Payo Paes, que ſe obrigou a me ſervir com ſuas gentes tres annos, ſem me levar ſoldo, e de Sueiro Goterres, que me deu dous cavallos, de valia de quinhentos, e ſetenta modios; e por outro cavallo, que me deu Pero Guterres de preço de duzentos, e dez modios: com mais huma mulla, e hum vaſo de prata, avaliados huma couſa, e outra em quatrocentos, e noventa modios. E iſto faço, pera ter de Deos o galardaõ: E pera que tambem os Sacerdotes vos lembreis ſempre de mim em voſſas Miſſas, e Oraçoens, e em todas as mais obras Religioſas. Faço eſta Carta de doaçaõ, e firmeza, deſde onde chamaõ o Ribeiro Podre, até o Ribeiro de Nogana, e Deſconcieyro ſobre o Lima. O que tudo dou, e offereço polo preço aſſima declarado; e juntamente por remiſſaõ de meus peccados, e ſalvaçaõ de minha Alma, pera o Cemiterio de S. Salvador da Torre. Permaneira, que ſempre ſeja couto, e ſempre tenha firmeza, e força, como fica dito. E avendo alguma peſſoa de vizinhos, ou eſtranhos, que iſto, que aqui aſſi fazemos, queira encontrar, o que naõ creyo, pagará quinhentos ſoldos ao Moſteiro, ou a quem ſeu poder tiver, e pera a

Fazen-

Fazenda Real o que o livro dos Juizes diſpoem: E ſobretudo ſeja excommungado, e evitado das Igrejas, e condenado com Judas a perpetua morada do Paço Infernal. Foy feita eſta Carta, e couto, demarcaçaõ de lugares, e firmeza aos oito dias antes das Kalendas de Julho (que he aos 23. de Julho) da era de Ceſar mil cento, e ſeſſenta, e oito (reſponde ao anno de Chriſto 1130. Affonſo.

Peſſoas que foraõ preſentes.

Pelayo Arcebiſpo de Braga. *Confirma.* *Sueiro teſt.*
Ermigio Moniz Mordomo mór. *Conf.* *Payo teſt.*
Fernando Captivo Alferes. *C.* *Gonſalo teſt.*
Gonſalo Rodrigues. *C.*
Garcia Mendes. *C.*
Lourenço Vieiras. *C.*

Pedro Chançarel do Infante a eſcreveo.

Em couſa taõ antiga naõ ſerá de eſpantar faltarnos noticia do que eraõ os modios, com que o Infante avalia as peças, que recebeo, podendo ſer algum genero de moeda. O que tenho por mais certo he, que como nos bons tempos por falta de dinheiro ſe uſavaõ comutaçoens, devia ſer medidas. Nos Soldos naõ ha duvida, que era moeda, de cuja valia a meſma antiguidade tolhe a certeza, quando nas moedas preſentes vemos cadadia alteraçaõ, e mudanças.

CAPITULO III.

Fundaçaõ do Moſteiro de Freiras de Noſſa Senhora d'Aſſumpçaõ de Moura.

OUtras vezes nos temos queixado da injuſta partilha, que o mundo coſtuma fazer com Deos, daquellas meſmas couſas, que a elle ſó deve, e delle por merce recebe. Porque he ordinario offerecerlhe peſa o ſervir na Religiaõ o filho manco, ou pouco habil; a filha tonta, ou menos favorecida de partes naturaes: Offertas verdadeiramente de Caim, ſobre o deſatino, que nellas concorre, de tomarem os pays o officio ao Eſpirito Santo, e ſe fazerem Senhores daquella liberdade de arbitrio, com que toda a creatura humana foy creada. Hoje louvaremos neſta parte hum Fidalgo honrado da familia, e appellido dos Mouras, e morador na Villa de Moura, que de quatro filhas, que recolheo no Moſteiro do Paraiſo da Ordem de S. Domingos em Evora, ſó aquella quiz que ficaſſe no mundo, que menos era pera elle, por varios achaques de infirmidades, a que era ſogeita. Chamavaſe Dona Angela de Moura. Eſta caſou ſeu pay, fazendo profiſſaõ ás tres. Mas ou foſſe, porque diante do Tribunal Divino naõ agradou o juizo, e affeiçaõ pater-

ternal ; ou porque Deos guardava pera ſy a nova cazada, dentro de poucos mezes Joaõ Alvares de Moura, que aſſi ſe chamava o pay, ſe vio ſem genro, e a filha ſem marido, levando a morte quem era robuſto, e rijo, e ficando na vida a enferma, que cada hora morria. Criaraſe Dona Angela de muito minina com as Freiras: E como tinha tomado o ſabor á paz, e goſto, com que vive na Religiaõ quem ſabe conhecer os bens della, tornouſe a os ſantos Clauſtros na hora, que ſe vio livre das obrigaçoens da terra. Mas eraõ muy differentes os deſignios do pay, e da filha, elle determinado em lhe dar ſegundas bodas, e buſcando novo genro: Ella taõ longe de taes cuidados, que na hora, que ſe tornou a ver com ſuas Irmãas, aſſi ſe entregou a todos os exercicios, e trabalhos da vida Religioſa, que o naõ pudera fazer mais, ſe gozara de taõ firme diſpoſiçaõ, como cada huma dellas; e taõ reſoluta em naõ tomar outro eſtado, que, porque ſoube que ſeu pay naõ deſiſtia de lhe buſcar cazamentos; e hum, em que ſe fallava, andava perto de concluſaõ, fez voto a Noſſa Senhora de lhe edificar hum Moſteiro, e ſervilla nelle toda a vida, ſe a livraſſe de tornar ao mundo. E a eſte fim fazia algumas eſmollas, como rica que era, e Senhora de grande dote. Era filha obediente: procurava ſervir a Deos, que ſó amava, e naõ deſgoſtar o pay, de quem ſe via muito amada. Bafejou a Virgem piadoſa os dezejos ſantos. Depois de celebrados os contratos, ouve occaſiaõ, que tolheo o deſpoſorio. Vendoſe Dona Angela obrigada ao voto, com muita conſolaçaõ de ſua Alma foy logo procurando licença da Sé Apoſtolica pera a ſua fundaçaõ, que declarou avia de ſer na Villa, em que naſcera, e da Ordem do Carmo, e titulo d'Aſſumpçaõ de Noſſa Senhora. E com eſta petiçaõ juntou outra, que foy ſe diſpenſaſſe com ſuas Irmãas, pera poderem paſſar pera Moura, deixando Evora, e deixar o Habito Dominico polo Carmelitano. Pedia couſas pias, e era muito Nobre: Nada ſe lhe negou em Roma. Porem avendo, que tinha tudo feito, achou peſadas contradiçoens, onde menos as temia. Vindo os Breves, e viſta a forma delles, declararaõſe com ella as Irmãas, que por nenhuma couſa da terra trocariaõ o Habito de S. Domingos. Pareceolhe entaõ, porque naõ queria eſtar ſem ellas, que as obrigaria, ſe alcançaſſe do Pontifice, que pudeſſem viver no novo Moſteiro com trajo Dominico, como em tudo o mais ſe conformaſſem com os eſtilos de Freyras do Carmo. Affirmaſe, que fez ſegunda petiçaõ, e ſegundo gaſto. E tambem foy tempo, e feitio perdido. Porque nem a iſto ſe quizeraõ dobrar, deſenganandoa, que pera Moſteiro, que naõ foſſe de ſua meſma Ordem, ſeria impoſſivel ſahirem nunqua do que tinha nome do Paraiſo. Puderamos engrandecer eſta fineza, e firmeza naõ aballada com força de amor, e afagos do proprio ſangue, nem com eſperanças de comodidades certas, ſe nos naõ tivera moſtrado a Fé de Chriſto em muitas molheres, exemplos de heroica conſtancia maiores em qualidade, avente-

jados em numero. Em fim Dona Angela fez o voto, ſuas Irmãas deraõ a Caſa. Porque vendoas invenciveis, e naõ ſe atrevendo a viver ſem ſua companhia, impetrou terceiro Breve, e diſpenſaçaõ do voto na parte, que tocava á qualidade do Habito, e em que foſſe da Ordem de S. Domingos.

Começou a fabrica do Moſteiro com as licenças do Reyno
1562. em ſete de Outubro de 1562. dentro no Caſtello da Villa de Moura: Veyo Dona Angela d'Evora a lançer a primeira pedra, e aſſiſtir na obra, trazendo comſigo por entaõ Dona Antonia ſua Irmãa ſómente. O ſitio, que eſcolheo, foy a propria Caſa, em que naſcera, que por eſtar arrimada á Igreja Matriz, deu occaſiaõ a huma traça de grande commodidade pera abreviar o Moſteiro, que foy lançar ſobre a Igreja o Coro como tribuna, raſgando com licença d'el-Rey as paredes, e abrindo grandes portaes, pera grades, e Confiſſionarios. No que a Igreja naõ ficou perdendo nada, e as Freiras ganharaõ eſcuſar o cuſto, e ſitio de outra nova. Correndo aſſi o edificio chegou de Roma o Breve da licença pera a fundaçaõ, que foy mandado deſpachar polo Papa Pio IV.
1564. em dezoito de Julho de 1564. no anno quinto de ſeu Pontificado. Mas inda foy neceſſario trabalharſe mais dous annos, pera ſe por a Caſa em perfeita clauſura. E veyo Dona Angela a povoalla em principios de Ou-
1566. tubro de 1566. com ſinco Religioſas, que trouxe do noſſo Moſteiro do Paraiſo d'Evora, que foraõ ſuas tres Irmãas, Soror Antonia de Nazareth, Soror Jeronyma de S. Joaõ, Soror Branca de S. Franciſco: E pera primeira Prioreza a Madre Soror Maria de Jeſu ſua thia, a quem acompanhou huma velha de grande valor por nome Soror Maria d'Aſſumpçaõ. Neſte tempo tinha Dona Angela já offerecido o Moſteiro, e dado obediencia ao Ordinario d'Evora, em cuja Dioceſe eſtá Moura. E foy a rezaõ, porque ſendo propoſto no Diffinitorio, naõ ſómente o naõ quizeraõ os Diffinidores admittir ao governo, e obediencia da Ordem: Mas antes o declararaõ por deſmembrado della. E ſuccedendo aſſi na verdade, por bons reſpeitos naõ ficou declarado nas Actas. O que entaõ ſe praticava entre algumas peſſoas zeloſas, que dera motivo a eſte rigor, foy, que chegara á noticia dos Padres, que a Fundadora tinha alcançado da Sé Apoſtolica, que a Prelacia do Moſteiro andaſſe ſempre nas Madres, que foſſem de ſeu ſangue, e geraçaõ. E ſendolhe pedido, que exhibiſſe as letras, ou renunciaſſe o privilegio, porque naõ quiz fazer huma couſa, nem outra; acordaraõ o que aſſima fica dito. Porem Nós reſpeitando, que foy Caſa fundada por filhas de S. Domingos, e que perſevera em ſeu Habito, leys, reza, e mais ceremonias: E attento, que as virtudes dos bons filhos ſaõ gloria, e honra do pay; damonos por obrigados a dizer alguma couſa della, inda que ſeja brevemente, apontando alguns exemplos mais qualificados da Religiaõ, e Obſervancia, que nelle florece, em virtude da boa doutrina, e ſantos principios, em que foy fundada.

CA-

CAPITULO IV.

De algumas Madres, que neſte Moſteiro ſe ſinallaraõ em grandes gráos de virtude.

MErecem primeiro lugar por Fundadoras, e por titulo de Religioſa perfeiçaõ, em que reſplandeceraõ, as tres Irmãas de Dona Angela. Soror Jeronyma, que das tres era a ſegunda na idade, foy a primeira, que deixou a vida. Della ſabemos, que dezaſete annos, que a logrou neſta Caſa, naõ teve nunqua huma hora de deſcanço, ſervindo como em Caſa nova, e de pouca gente, muitos officios juntos. Era Sacriſtãa, Cantor mór, Meſtra de Noviças, e dous annos antes de acabar levou ſó o pezo de toda a Caſa, ſervindo de Prioreza. Em meyo de tantas occupaçoens ſempre tomava muitas horas pera ſe dar á Oraçaõ: Mas iſto era cortando polas do repouſo nececeſſario pera a vida: Naõ polas que devia aos officios; que quando ſe fazem bem, naõ ha Oraçaõ mais meritoria diante de Deos, por quem ſe fazem. Todos os Domingos, e dias Santos, rezava á honra de Noſſa Senhora, com quem tinha particular devaçaõ, mil Ave Marias alem do ſeu Roſario, que era pençaõ de cadadia, com o Officio piqueno de N. P. S. Domingos. A Oraçaõ acompanhava com eſtreitos jejuns, e aſperas penitencias, e huma Alma em tudo puriſſima. Como era tal, quando o Senhor a quiz levar pera ſy, foy ſervido revelar ſua morte a huma Religioſa de Caſa por eſtranha maneira, que brevemente diremos. Era polo mez de Julho do anno de 1583. quando huma noite dormindo em ſeu leyto a Madre Soror Joanna de S. Domingos, ſe lhe repreſentou huma comprida Prociſſaõ de Freiras, e outra gente, que naõ conhecia, que acompanhavaõ tres defuntas, e parecialhe, que chegando a ver quem ſeriaõ, conhecia ſer huma a Madre Soror Jeronyma Suprioreza, e outra a Madre Soror Maria de Santiago, prima, e amiga da que ſonhava. Fezlhe medo a viſaõ: Eſpertou toda deſpavorida, e todo o dia ſeguinte andou triſte: Porque, ou foſſe malencolia natural, que muitas vezes traz comſigo profecias de males, ou querer Deos revelarlhos, era coſtumada antever alguns, principalmente em gente de ſeu ſangue, ſegundo dizia, contando eſte ſonho ás amigas, que lhe perguntavaõ pola cauſa da deſconſolaçaõ interior, que no ſembrante repreſentava. Mas paſſados poucos dias vio toda a Caſa inteiro cumprimento do ſonho. Fazia Capitulo no Coro na manhãa do dia ſeguinte depois de Prima a Madre Soror Jeronyma como Suprioreza que era. Ao levantarſe delle ſentio huma dór aguda na ilharga, ſobre a regiaõ do figado, que foy em creſcimento, e parou em mortal Prioriz, que a enterrou aos vinte do meſmo mez, em idada de ſincoenta e ſinco annos. Teſtemunhou a quietaçaõ, e ſerenidade, com que le entregou áquella terrivel hora, a muita, que tinha em ſua conſciencia, e com que ſempre vivera. Porque ſendo deſenganada, que a chamava Deos, reſpondeo ao Medico com agradecimento, e recebeo os Sacramentos, naõ ſó

A Madre Soror Jeronyma de S. Joaõ

1583.

com devaçaõ, mas tambem com alegria. E depois de ajudar os Pſalmos na ſanta Unçaõ, reſpondendo por ſy, onde era neceſſario, advirtio a huma ſobrinha ſua do lugar, em que tinha junto o que cumpria pera ſua mortalha, e enterro. Na ultima agonia, quando pareceo, que faltava pouco pera acabar, encheoſelhe o roſto de huma nova viveza, e côr de vida, e os olhos de alegria. Eſpantou muito as Madres tal novidade, e obrigouas, imaginando o que poderia ſer, a lhe perguntarem a cauſa della. Reſpondeo com confiança de quem morria, que tinha diante a Virgem Noſſa Senhora, veſtida de Sol, e tanta fermoſura, que naõ ſabia couſa, com que a poder comparar, e em ſua companhia o Padre S. Domingos. Creſceo a curioſidade; multiplicavaõ perguntas; atalhou todas com huma ſó repoſta, que naõ era o eſtado de perguntar tanto, nem a hora de dizer mais.

Mas antes de dizermos das mais Irmãas da Fundadora, como propuzemos, pareceme acertado fazer huma parenteſis, pera vermos primeiro quem eraõ as outras duas defuntas do ſonho. He pois de ſaber, que as duas, que Soror Joanna de S. Domingos vio, que acompanhavaõ mortas á Suprioreza morta, eraõ a que conheceo Soror Maria de Santiago: e a que naõ pode conhecer, era ella meſma, que ſonhara. O que ſe verificou, com falecerem ambas no meſmo mez de Julho dous dias depois da Prioreza, polo modo que agora diremos, que naõ teve menos eſtranheza que o do ſonho. Eraõ eſtas duas Religioſas

A Madre Soror Joanna de S. Domingos.

A Madre Soror Maria de Santiago.

Primas ambas entre ſi, e naturaes da Villa de Moura. E como a rezaõ do parenteſco era eſtreita, corria tambem nellas huma certa ſemelhança de inclinaçoens, que as fazia, naõ ſó muito particularmente amigas, mas conformes com eſpanto em todos os exercicios da Religiaõ, e da vida. Ambas taõ penitentes, que ſe martyriſavaõ, a qual mais podia, com diſciplinas de ſangue; e taõ abſtinentes, que tinhaõ por delicia os jejuns de paõ, e agoa. De que naſcia ſerem continuas na Oraçaõ, e Meditaçaõ, e andarem ſempre companheiras, ſem ſe apartar nunqua huma da outra. Amizade ſanta, e companhia digna de ſer invejada; que as chegou a concertarem entre ſy, e ſe prometerem, que a que primeiro ſahiſſe das prizoens da carne, appareceria á outra, ſe Deos foſſe ſervido concederlhes eſta conſolaçaõ. E mereceo ſua grande virtude alcançaremna. Aconteceo pois, que adoeceraõ ambas no meſmo dia, e da meſma doença, que foy Prioriz, logo apoz a Suprioreza. Eraõ as Primas deſiguaes nas idades. Maria de Santiago naõ paſſava de vinte ſinco annos; e a outra era quaſi de quarenta. Foy a doença mortal em ambas: E vieraõ a falecer com ſeis horas ſó de differença. E acabou primeiro a que era mais velha. No meſmo ponto eſtando Maria de Santiago cercada de Freiras, levantou a voz, e diſſe: Venhais embora, Senhora: *Ipſe junget nos in gloria.* Como quem dizia: Quem nos fez tamanha merce de nos deixar ver aqui, eſſe meſmo nos juntará na Gloria. E virandoſe pera as Religioſas: Porque

que naõ fazem, dizia, Madres minhas, ſinal por minha Prima? Tinhaõ ellas determinado encubrirlhe a morte da parenta, porque lhe naõ abreviaſſe a ſua. Reſponderaõ, que eſtava viva. E ella tornou: Mal póde iſſo ſer, que agora a vi Eſpirito ja, e livre da terra. E foy proſeguindo com as palavras do Pſalmo: *Exultabunt Sancti in gloria.* Alegrarſehaõ os Santos na gloria, repetindoas muitas vezes. E acreſcentava louvando alegremente o Senhor: *Confitemini Domino, quoniam bonus, quoniam in ſæculum miſericordia ejus. Deus meus es tu & confitebor tibi. Deus meus es tu, & exultabo te.* Como ſe diſſera: Louvay gentes ao Senhor, cuja bondade, e miſericordia ſaõ eternamente ſem fim. Vós ſois meu Deos, ſempre vos louvarey: Vós ſois meu Deos, ſempre engrandecerey voſſas maravilhas. Teve Satanás inveja a quem entre louvores Divinos hia deſpedindo huma Alma bendita: Deſcubriolhe no meyo delles toda ſua fealdade, pera lhe fazer medo, e ella gritou com palavras formaes: Jeſu, que Diabo taõ feyo! *Noli me tangere.* E logo pondo a boca com humildade nos pés de hum Crucifixo, rendeo nelles o Eſpirito. E ficoulhe no roſto impreſſa huma certa graça, e alegria, que dava ſinaes, do que ſua Alma hia gozar. Aſſi vieraõ a falecer as amigas, e Primas, e ſer enterradas no meſmo dia em hum Sabbado, vinte dois de Julho de 1583. e ſe veyo juntamente a cumprir o ſonho de Soror Joanna Deſta ſemelhança de inclinaçoens, e ſucceſſos de vida em peſſoas muito differentes em terras, e naſcimentos temos exemplo nas Hiſtorias antigas: E na Vida do Angelico Doutor Santo Thomás temos outro concerto ſemelhante, que fez com ſeu Irmaõ Reynaldo, que morrendo na guerra cumprio a palavra, e lhe appareceo defunto.

Pſal. 117.

Agora tornemos ás Irmãas de Dona Angela. Faleceo Soror Branca em vinte de Agoſto de 1598. Deſta Madre ſe conta por caſo raro, que naſcendo de hum ventre juntamente com outras duas Irmãas, morreraõ as duas, e ella ſó teve vida. Sendo aſſi, que quando naſcem tres, nunqua ſe vio lograrſe nenhuma. No dia, que faleceo, fazendolhe a Communidade o Officio da Commendaçaõ coſtumado no Dormitorio, ſoou dentro na Enfermaria hum grande, e extraordinario eſtrondo, que ſobremaneira atemoriſou a todas as Madres. Porque notaraõ, que ſe armara no Ar, e do tecto da caſa pera baixo. Eſtava preſente ao Officio ſãa, e bem ſua Irmãa Soror Antonia de Nazareth, e ſem nenhum pavor diſſe alto, que todas a ouviraõ: Eſte ſinal he por mim. E como ſe fora revelaçaõ, aſſi acontecco, e aſſi ſe diſpoz pera ſeguir a Irmãa. E tardou menos de hum mez em ſe hir apoz della. Deulhe hum mal de aguda Eſquinencia com febre ardente, e acometimentos ao coraçaõ: E teve logo por certo, que morria. E naõ eſperou lembranças de ninguem, pera o que lhe cumpria fazer em tal tempo. Fora Prioreza vinte quatro annos. Deſpedioſe das Madres em geral com grande inteireza; e depois em particular pedindo perdoens a cada huma com muita humildade, e até

A Madre Soror Branca de S. Franciſco. 1598.

A Madre Soror Antonia de Nazareth.

1583.

até ás Servidoras. E deſta hora até pouco antes de eſpirar, naõ fallou mais com ninguem, tratando ſó com Deos, por meyo de huma Imagem de Noſſa Senhora, que tinha diante, de que nunqua tirava os olhos, e com ella chorava. Mas algumas vezes ſe via, que trocava ſembrante, ficando de choroſa bem aſſombrada, e riſonha: E particularmente duas horas antes de acabar; que entaõ levantou a voz, e com notaveis moſtras de gozo, e confiança diſſe as palavras ſeguintes: Hey me de ſalvar. O quantas couſas diſſera, ſe minha rudeza me ſoubera declarar; e o mal, que tenho, me deixara fallar. Paſſado hum eſpaço, eſtando já pera eſpirar, tornou a levantar a voz, e pronunciou claramente, e com ſinaes de alegria as palavras da Antiphona da Vigilia na Natividade: *Hodie ſcietis quia venit Dominus.* Hoje ſabereis, que ha de chegar o Senhor. Deſta Madre ſe conta por excellencia, que podia dizer por ſy o dito do Filoſopho: *Omnia mea mecum porto.* Porque era taõ pobre, com vinte quatro annos de Prelada, que naõ tinha mais de ſeu, nem avia mais na ſua cellá, que quanto levou á cova. Exemplo raro de ſanta pobreza. Acabou em oito de Setembro do meſmo anno de 1598.

CAPITULO V.

Das Madres Soror Guiomar de Nazareth, Soror Magdalena do Sepulchro, Soror Maria d'Aſſumpçaõ, Soror Brittes de Jeſu, e Soror Paula da Reſurreiçaõ.

SEmelhante aparecimento, ao que aſſima fica contado, temos na Madre Soror Guiomar de Nazareth. Foy eſta Religioſa a primeira, que profeſſou neſte Moſteiro, e entrando nelle de nove annos admirou grandemente a preſſa, com que procurou retratar em ſy todas as virtudes, penitencias, e mortificaçoens, em que as Fundadoras a começaraõ. Mas a natureza fraca naõ pode com o trabalho, e veyo a ſoſſobrar com o peſo. Ajuntouſe, andando já muito quebrada, ſer eleyta em Prioreza, que foy pera ella nova, e muy peſada carga. Porque como era muy verdadeira Religioſa, fez conta, que naõ lha dava Deos pera deſcanço, e boa vida, como a gente enganada cuida, ſenaõ pera mais fadiga: E pera com ſeu exemplo fazer creſcer a Obſervancia, e o rigor da Caſa. Aſſi quando pudera deſcançar com as commodidades, que muitas achaõ nos officios, os ſeus jejuns, que primeiro coſtumava, de paõ, e agoa, eraõ mais apertados, as diſciplinas mais riguroſas, o cilicio mais continuo, e as vigias, e Oraçaõ com aventagem dilatadas. A poucos mezes de Prelada cahio em febre continua, e em fim ſe fez thiſica. Mas naõ ſe vio doença mais bem aſſombrada. Eſtava vizinha á morte, e naõ ignorava

A Madre Soror Guiomar de Nazareth.

ſeu

ſeu eſtado: E com tudo naõ ſe affligia, nem dava pena a ninguem. Antes todas as vezes, que entrava o Medico, as praticas, que com elle tinha, naõ eraõ de novos generos de remedios, nem de eſperanças de ſaude, ſenaõ exclamar, e dizer ſuſpirando: Ah Senhor Doutor, quando ha de ſer aquelle dia alegre, e fermoſo, em que ha de pedir alviſſaras de ter chegado o termo, e fim de meu deſterro. Eſte lhe chegou a cabo de quatro mezes, e meyo de cama, e de grandes martyrios. Entrando nos ultimos parociſmos diſſe á Religioſas, que a acompanhavaõ, que fizeſſem lugar a quem vinha. Perguntada, quem era, foy nomeando huma por huma todas as Freiras, que eraõ mortas no Moſteiro, e dizia, que a vinhaõ buſcar. Paſſado hum eſpaço começou a fazer força, que já naõ tinha, pera ſe pôr de joelhos, com hum geſto taõ cheyo de alegria, que parecia reſuſcitada. E perguntandolhe as Madres, que ſentia, reſpondia, que tinhaõ alli comſigo a Rainha dos Anjos, acompanhada do Padre S. Domingos, e do Serafico Franciſco, e ſeu filho Santo Antonio. Quietando hum pouco, tirou com novo alento debaxo da roupa os braços, em que avia dias naõ tinha já movimento: E cruzandoos tres vezes dizia com alvoroço: Santo Evangeliſta, meu Santo, aſſi o confiava eu de vós, que me naõ avieis de faltar neſta hora. O mais que lhe ouviraõ dizer, foy pedir á Virgem Glorioſa, e depois ao Evangeliſta, que a levaſſem comſigo. Sentiaõ as as Freiras perder tal companhia; e aſſi enferma ſe conſolavaõ com a terem viva. E ouve huma, que lhe diſſe, que naõ avia Deos de querer, que as deixaſſe taõ depreſſa: porque o Medico affimava, que eſtava inda de vagar. E ella reſpondia: Pois a mim me dizem aqui á orelha, que hoje neſte dia hey de entrar em poſſe de grandes bens. Era Veſpera d'Aſſumpçaõ da Senhora, e Orago da Caſa: E aſſi ſuccedeo, que na meſma noite acabou. Naõ lhe faltou no meyo deſtes mimos ſua affliçaõ pera merecimento de Fé. Acenou, que lhe lançaſſem Agoa Benta, dizendo: *Beſtiæ, & univerſa pecora.* E logo tornou com hum brando riſo, como quem via fugir os inimigos, e dizendo: Bendito ſeja meu Criador, e Redemptor Jeſu Chriſto. Com eſte Santiſſimo nome na boca ſe foy pera elle. Pareccoſe eſta Madre em lhe ficar no roſto huma boa ſombra, e reſplandor naõ cuidado depois de morta, com o que temos eſcrito da Madre Soror Maria de Santiago. E eſpantou mais, porque o tinha ardido, e conſumido da força das febres: E a eſſa conta naõ quizeraõ as Madres, que foſſe cuberto, como he coſtume, quando a levaraõ á cova, foſſe ocioſidade, ou força de affeiçaõ. Huma Religioſa, que a curava, teve cuidado de lhe lembrar, que fiaſſe della, que ſe diante de Deos tiveſſe neceſſidade de algum ſuffragio, pera mais depreſſa gozar de ſua ſanta viſta, ſem duvida lha procuraria: Porem que iſto avia de ſer, ſendo por ella aviſada. Reſpondeo a enferma, que ſe á neceſſidade ſe juntaſſe licença daquelle Senhor, que tudo podia, de ſua parte naõ averia falta. Contaõ que, paſſados quator-

quatorze dias, eſtava a boa enfermeira em ſeu leyto aſſentada, e eſperta: Eiſque ſente duas mãos, que por detras ſe lhe punhaõ ſobre os hombros, e huma voz, que lhe dizia: Madre naõ hey miſter nada: Vejo a Deos: Ficaivos embora.

A Madre Soror Magdalena do Sepulchro.

Naõ tinha mais de dous annos de idade a Madre Soror Magdalena do Sepulchro, quando ſeu pay Lopo Alvares de Moura a entregou na ſepultura deſte Moſteiro em hum dos ſinco lugares, que a Fundadora tinha deixado pera gente de ſua geraçaõ. Affirmaſe, que perſeverou todo o reſto da vida, que foraõ vinte nove annos, na innocencia de tal idade; porque de trinta, e hum acabou. E pera a conſervar uſava de todos os meyos, que a Religiaõ enſina, de cilicios, diſciplinas, abſtinencias, e muita Oraçaõ, acompanhada de tantas lagrimas, que ficou em memoria, imitava bem as que a Santa de ſeu nome chorou no Sepulchro de ſeu Meſtre. E aſſi ſe affirma, que na ultima hora mereceo ver á ſua cabeceira a meſma Santa.

A Madre Soror Maria da Aſſumpçaõ.

A Madre Soror Maria d'Aſſumpçaõ foy aquella velha de grande valor, que veyo acompanhando a Madre Soror Maria de Jeſu thia da Fundadora, quando foy trazida d'Evora pera primeira Prelada de Moura, como atraz fica dito. Foy eſta velha hum eſpelho de ſantidade, que por tal honrou a Caſa d'Evora, em que teve a criaçaõ: E grandemente edificou a de Moura, em que veyo a acabar. Sendo eſta na vida, viraõſe em ſua morte novos, e maravilhoſos teſtemunhos do thezouro, que o Senhor dos Ceos tinha nella eſcondido. Eſtava já no ultimo, e viaſe cercada da afflicçaõ, que a Alma, e carne naturalmente padecem ao desfazer da companhia de muitos annos. Mandou, que lhe leſſem das Lamentaçoens de Jeremias, no primeiro Capitulo, onde começa o verbo: *Vide, Domine, quoniam tribulor, &c.* Neſte paſſo ſe começou a ouvir huma Muſica de vozes muito acordada, que parecia eſtar longe. E pera que ſe entendeſſe, que naõ era couſa da terra, aconteceo, que eſtando toda a Communidade junta, ouve muitas, que nada ouviaõ; eſtando outras enlevadas na ſuavidade da melodia. Parece, que as tribulaçoens dos juſtos eſpertaõ as vozes dos Anjos do Ceo, pera louvarem o Senhor delle. Mas a cabo de piqueno eſpaço ceſſou tudo; e a enferma abraçandoſe com hum Crucifixo, chea de nova, e deſacoſtumada alegria, e pondo a boca nos pés encravados, deſpedio nelles a Santa Alma. Notouſe aqui huma novidade na boa velha. Tinhalhe a longa idade enverrugado o roſto, e creſpo, como huma cortiça, ſegundo acontece onde ſobejaõ annos, e falta o vigor, e verdura natural. Na hora, que eſpirou, ficou taõ differente, que todas a deſconheciaõ por moça: De maneira, que podia dizer: *Refloruit caro mea.* Remoçou, e veſtioſe de huma freſcura nova minha humanidade. Ierem. c. 1.

A Madre Soror Brittes de Jeſu.

Temos na Madre Soror Brittes de Jeſu hum miſterioſo ſucceſſo, que acredita outros ſemelhantes, que atraz deixamos contados. Sendo das primeiras Religioſas, que neſte Moſteiro tomaraõ o Habito, foy taõ perfeita

ſeita Diſcipula das que nelle fundaraõ a Obſervancia, que naõ ſó igualou, mas deixou atraz as Meſtras. Particularmente foy louvada de hum eſtranho amor á ſanta pobreza, em tanto gráo, que ſobejandolhe com que ſe poder tratar bem, porque tinha pays ricos, e nobres, que lhe acudiaõ com largueza, naõ avia Freira mais pobre, nem nos atavios de ſua peſſoa, nem nas alfayas da cella. Tudo o que a ſuas mãos vinha, e vinha muito, paſſava por ellas ſem detença pera as dos pobres. A eſte bom Eſpirito juntava ſingular devaçaõ com a Virgem Sagrada, e com ſeu Santo Roſario, em que adiantou tanto, que ouvindo dizer, que o numero das Ave Marias, que nelle ſe rezaõ, fora tomado do Pſalterio de David, continuou muitos annos em o rezar cadadia. Vindo a falecer, pedio com humildade á Prioreza, que lhe deſſe licença pera levar comſigo as contas, por que rezava. Deulha a Prioreza. Eraõ brancas, e enfiadas em hum cordaõ de ſeda carmeſi. Paſſados onze annos, ſuccedeo abrirſe a cova pera outro enterro; acharaõſe tornados em pó, e cinza corpo, Habito, e toucados, ſó eſtava inteiro, e limpo, e livre de corrupçaõ o Roſario, e a infiadura, como ſe eſtivera guardado em huma boceta, e naõ debaixo da terra, e lugar humido, e cercado de podridaõ.

A Madre Soror Paula da Reſurreiçaõ.

Foy celebrada na Madre Soror Paula da Reſurreiçaõ huma doença, que padeceo; porque nas circunſtancias della, e no tempo, que durou, pareceo mais hum tormento do Purgatorio, que infirmidade natural. Naſceralhe junto do olho direito huma verruga. Era moça, davalhe pejo, temeo disformidade, ſe foſſe creſcendo, determinou cortalla. Em tal hora a cortou, que lhe apoſtemou, e ſe tornou em hum feyo, e aſqueroſo *noli me tangere*. De que lhe procedia, alem do martyrio de continuas dores, outro de carne eſponjoſa, que creſcia; e aſſombrandolhe o olho, ſe acompanhava de humas materias podres, que brotava com cheiro taõ peſtilencial, que naõ fora peor de ſofrer, ſe já eſtivera meya comida da terra. Acode o Senhor ſempre com ſuas miſericordias onde ſobejaõ miſerias. Era a paciencia igual ao tormento. E taõ conhecida vivia que eſte lhe vinha do Ceo; que ainda que algumas vezes á força de tantos males juntos, lhe fazia dezejar a morte: Logo tornava ſobre ſy, e dizia com Santo Aguſtinho: *Hic ure, hic ſeca, ut in æternum parcas.* Quaſi dizendo: Vingaivos, Senhor, neſta vida mortal, queimay, abrazay, cortay, e eſpedaçay, por onde, e como quizerdes: Como ſeja, pera averdes piedade, na que ha de ſer immortal, e eterna. Neſtas penas ſe lhe alargou a vida trinta annos; e para que foſſe maior o merecimento, chegou a eſtado, que naõ podia ver a luz, nem de huma candeya, ſem graviſſima pena: E a meſma lhe dava qualquer ar de vento, por leve que foſſe. E o remedio era mais intoleravel. Porque ontro naõ tinha, ſenaõ viver ás eſcuras, e como em carcere perpetuo. Alegremſe todos os atribulados, e ſaibaõ, que: *Prope eſt Dominus.* Quero dizer: Que quanto Auguſt.

mais creſce o fogo da tribulaçaõ, mais perto, e mais á porta tem o meſmo Deos, que lha manda, e que nos affirma, que eſtá por companheiro do affligido: *Cum ipſo ſum in tribulatione.* Tinha recebidos todos os Sacramentos, e entrava na ultima agonia: Eisque começa a ſoar huma voz de eſtremada melodia, e graça, que cantando ſó alegrava, e enlevava os ſentidos das Madres, que a ouviaõ. Acudiraõ algumas a huma janella, por ver ſe ſeria de algum ſecular; quando chegaraõ, conheceraõ, que lhe ficava dentro na Enfermaria. E da ſuavidade, e lugar ſe aſſentou por todas, naõ ſer Muſica humana, mas antes Celeſtial, e a meſma, ou ſemelhante áquella, com que o Eſpoſo Divino chama nos Cantares á Alma Santa, do meyo da aſpereſa das ſerras, e da companhia das feras pera ſer coroada, dizendo: *Veni de Libano Sponſa mea, veni de Libano, veni, coronaberis: de capite Amanà, de vertice Sanir, & Hermon, de cubilibus leonum, de montibus pardorum.*

Mais couſas puderamos dizer deſta Caſa, pola muita Religiaõ, com que noſſo Senhor he ſervido nella. Mas parecem baſtantes as referidas, pera ſatisfazermos á obrigaçaõ dos principios, que teve na Ordem.

CAPITULO VI.

Como teve principio o Convento de S. Sebaſtiaõ da Villa de Setuval.

TEndo dado fim a ſeu quadriennio de Provincial o Padre Meſtre Frey Luis de Granada, veyo ajuntar Capitulo de eleyçaõ, por fim de Outubro do anno de 1562. no Convento de Santarem: E nelle foy eleyto pera ſeu ſucceſſor o Padre Meſtre Frey Jeronymo d'Azambuja, que em ſeus doutiſſimos eſcritos ſe chama com nome Latino Oleaſtro. Viveo eſte Padre no cargo pouco tempo. Porque os cuidados delle, juntos ao trabalho continuo da Inquiſiçaõ, em que ſervia, e ao do Eſtudo, que nunqua deixava, lhe abreviaraõ os dias da vida. Adoeceo: e ſentindo, que era chamamento do Ceo, juntou os Padres do Conſelho da Provincia: E por cauſas, que entaõ pareceraõ juſtas, acordou com elles, que o futuro Capitulo, que nas Actas do de Santarem ficara lançado pera o Convento de Bemfica, ſe transferiſſe pera Lisboa. A tençaõ, que neſta mudança tiveraõ, Provincial, e Conſelheiros, deſcubrio o tempo, e o ſucceſſo: Demaneira, que nos livraõ de lançar ſobre ella juizos. Era Prior de Lisboa o Padre Frey Eſtevaõ Leytaõ, peſſoa de rara prudencia, e de grande virtude, e exemplo. Foy hum genero de ſignificar á Provincia, metendolhe o Capitulo em Caſa, que tinhaõ nelle pay, e Provincial futuro, qual convinha pera o bom governo della. E tudo veyo a ſucceder conforme a traça. Porque primeiro ficou Frey Eſtevaõ por Vigario geral, ſendo falecido o Padre Frey Jeronymo Provincial. Segundo os eſtilos da Ordem, por rezaõ de eſtar lançado o Capitulo na Caſa, em que preſidia: E conſeguintemente foy eleyto em Provincial: Eleyçaõ taõ acertada, que tanto que outra

tra vez lhe coube poder entrar no meſmo cargo, moſtrou a Provincia a ſatisfaçaõ, que tinha de ſeu governo, tornandolhe a dar o meſmo lugar, como adiante veremos. Collegimos, que foy ſua primeira eleyçaõ por Janeiro de 1564. Porque veyo a celebrar Capitulo intermedio em outro Janeiro de 1566. que foy no Convento da Batalha. Governando eſte Padre a Provincia, foylhe cometido, polos que entaõ tinhaõ maõ, e poder no Conſelho d'elRey Dom Sebaſtiaõ, que era minino, que aceitaſſe pera a Ordem hum Convento na Villa de Setuval. He Setuval huma das melhores, e mais ricas Villas do Reyno; que por iſſo goza o titulo de Notavel: E das que reconhecem ao Meſtrado de Santiago a melhor, e mais importante. Polos annos, em que vamos, tinha creſcido em gente, e edificios tanto, que duas Igrejas Parochiaes antigas, e grandes, que nella avia, davaõ eſtreito gaſalhado ao povo. Eſta rezaõ, e parecer tambem, que ſeria proveito das Almas, e luſtre da terra a hum Moſteiro, que já avia de Religioſos de S. Franciſco, juntar outro de S. Domingos, com que ſe ſupriria a eſtreiteza das Igrejas, e averia abundancia de doutrina, e Prégadores, obrigou aos Senhores do Conſelho a propor a materia. E porque ſe viſſe, que eſte era o fim principal, que os movia, declararaõ, que das rendas do Meſtrado de Santiago, que elRey como perpetuo Adminiſtrador delle poſſuia, ſe proveria baſtante ſuſtentaçaõ pera os Religioſos, que ouveſſem de aſſiſtir. Aceitou o Provincial Frey Eſtevaõ Leytaõ o Convento: E por ſua Procuraçaõ foy aſſiſtir no contrato, que ſe fez com os Deputados da Meſa da Conſciencia, e Ordens, que he o Tribunal, a cujo cargo eſtá a adminiſtraçaõ das Ordens Militares, o Padre Meſtre Frey Luis de Granada: E conſeguintemente na eleyçaõ, e poſſe do ſitio. Sinallaraõſe por parte d'elRey ao Convento pera em cada hum anno doze moyos, e quarenta e ſinco alqueires de trigo, e hum moyo, e meyo de cevada, com mais quarenta mil e ſetecentos reis em dinheiro. Como eſta conſignaçaõ foy feyta em Tribunal, que tem nome de Conſciencia, e em que aſſiſtem peſſoas qualificadas em letras, e prudencia, deſculpados ficaõ os quebrados, e miudeza, com que compaſſaraõ a quantia da renda. ElRey como andava inda entaõ em annos pueris, naõ dava voto em materias de governo. Foraõ as condiçoens, que puzeraõ aos Frades, darem Prégadores pera as duas Igrejas de S. Giaõ, e Santa Maria alternadamente, hora em huma, hora em outra, deſde principio de Setembro, até Pentecoſtes, todos os Domingos, e Feſtas principaes do anno: E terem huma liçaõ de Caſos de Conſciencia no Convento pera todas as peſſoas, que a quizeſſem ouvir, deſde dia da Exaltaçaõ da Cruz até a entrada da Quareſma: E depois das Oitavas da Paſchoa da Reſurreiçaõ até paſſadas as de Pentecoſtes. O ſitio foy o melhor, e o mais ſadio de toda a Villa, ao Levante della, em lugar alto, e deſabafado, e ſobre o Rio. Deuſelhe o nome de S. Sebaſtiaõ, por honra do nome d'elRey. A obra começou com mo-

deraçaõ, e proporcionada com a terra, em que ſe fazia, quanto a Dormitorios, e mais officinas: Só a Igreja ſahio dos termos de boa architectura, com tanto exceſſo, que fez deſigual todo o edificio: E naõ ha duvida, que ſó com a deſpeza, que nella ſe empregou, pudera ſahir huma baſtante Igreja, e bom Convento acabado: Sendo aſſi que inda hoje eſtá longe de ſua perfeiçaõ. Deſculpaõſe os que aſſiſtiraõ na obra com os eſpiritos grandioſos d'elRey Dom Sebaſtiaõ, que chegando a ver a fabrica, que em ſeu nome começava a ſahir dos aliceſſes, quando já hia creſcendo na idade, animava os Religioſos de palavra, e obra a gaſtar largo. Aſſi ficou deſcompaſſada em corpo, e numero de Capellas. E por ella ſe póde dizer, que faz mais repreſentaçaõ de huma Praça forte militar, que de Caſa de Religioſos.

Nas Actas do Capitulo intermedio deſta Provincia, que paſſou no Convento da Batalha polo mez de Janeiro de 1566. achamos aceitado hum Convento por eſtas palavras: *Acceptamus Domum de Roſa*: ſem mais outra declaraçaõ. E polas confrontaçoens do tempo nos deu azo a cuidarmos, que poderia ſer eſta de Setuval, e que o titulo de Roſa ſeria boa tençaõ de algum devoto. Tirou de duvida hum Religioſo antigo, que eſtava lembrado nos fora dada entaõ outra Caſa junto da Villa do Crato, onde chamavaõ Val de Roſa, polo Prior de S. Joaõ de Malta. De cuja juriſdiçaõ he a Villa. Tanto que nelle foy nomeado o Senhor Dom Antonio, filho do Infante Dom Luis, em primeiro final da boa inclinaçaõ, que tinha á noſſa Religiaõ, e lembrança do Meſtre, que nella teve, que foy aquelle grande ſogeito, o M. Frey Bartholameu dos Martyres, que depois vimos ſubido a Arcebiſpo, e Senhor de Braga, ſem mais eſcadas que as de ſua virtude, e letras: Sinaloulhes o Prior renda; e taõ copioſa, que a achamos em algumas Actas, contribuindo já pera os gaſtos da Provincia, com ſua porçaõ entre os Conventos de poſſe. Porem ſahionos o ſitio mal ſaõ, e tal, que dentro de poucos annos ſe vio a Provincia neceſſitada a largallo, com muito ſentimento dos vizinhos, que ſabiaõ eſtimar a companhia, e a doutrina.

Por eſte meſmo tempo governava a Ordem outro Moſteiro, que tambem largou. Era de Freiras Terceiras de noſſa Regra, e Habito, no limite d'Azeitaõ, em menos diſtancia de huma legoa de Setuval, o titulo, de Jeſu Bom Paſtor. E aſſi como pera largar Val de Roſa deu cauſa o ſitio, por enfermo: Aſſi a deu eſte, pera o mandar extinguir a Provincia, eſtar longe de povoado. Ao que ſe juntava ſer pobre de renda, e edificio, e pouco authoriſado em ſogeitos. Impetrouſe pera o effeito hum Breve do Papa Pio V. que em ſete de Janeiro do anno de 1566. foy poſto na Cadeira de S. Pedro, ſendo Religioſo Dominico da Provincia de Lombardia. E foy mandado executar polo Cardeal Infante Dom Henrique, que depois foy Rey, e entaõ era Legado á Latere neſte Reyno pola Sé Apoſtolica. Os bens, e fazenda, que eraõ poucos, e de pouca ſubſtancia, foraõ aplicados

cados ao novo Convento de S. Sebaſtiaõ de Setuval, naõ por mais vizinho, ſenaõ por mais pobre; em conformidade da Bulla do Pontifice Xiſto IV. que chamaõ, *Mare magnum*, e começa: *Regimini Univerſalis Eccleſiæ, &c.*

CAPITULO VII.

Que contem huma Carta, que o Papa Pio V. eſcreveo ao Cardeal Infante em favor deſta Provincia: Vem a viſitalla o Geral Frey Vicente Juſtiniano: Fazſe huma breve Relaçaõ da Vida do Padre Provincial Frey Eſtevaõ Leytaõ.

1566. OCcaſiaõ nos dá o anno de 1566. em que vamos, e a eleyçaõ, que nelle ſuccedeo do Santo Pontifice Pio V. Pontifice famoſo polos meyos, que ſubio áquella Santa Sede, que foraõ de virtude, e valor, ſem outro eſtribo, e polos admiraveis ſucceſſos, que vio a Chriſtandade nos breves annos, que a governou, de inſignes victorias alcançadas de Infieis, e Hereges, attribuidas tanto á ſua grande induſtria, como a ſuas Santas Oraçoens, pera tomarmos licença de lançar aqui em memoria ſua huma Carta, que pouco depois de eleyto mandou eſcrever ao Cardeal Infante D. Henrique, em recomendaçaõ dos Moſteiros Dominicanos deſte Reyno. He Carta de ver pola humildade, naõ ſó modeſtia com que falla de ſy; e polas vivas ſaudades, que nella moſtra dos clauſtros, e vida Fradeſca, em cuja lembrança, e affeiçaõ affirma, que nem a dignidade de Cardeal pode acabar com elle deixar o Habito da Ordem. Segueſe a Carta.

Dilecto filio Henrico tituli Sanctorum quatuor Coronatorum Presbytero Cardinali, Portugalliæ Infanti, noſtro, & Sedis Apoſtolicæ de Laaere Legato. Pius Papa V., Dilecte fili noſter, ſalutem, & Apoſtolicam benedictionem. Gratiſſimum nobis fuit officium, quod chariſſimum in Chriſto filius noſter Sebaſtianus Rex, nepos tuus, Nobis, & Sedis Apoſtolicæ ex omnium Chriſtianorum Regum more præſtitit. In quo præſtando dilectus filius nobilis vir Ferdinandus Meneſius, tanti Regis, cujus nomine eo officio functus eſt, dignitatem, & amplitudinem conſervavit. Nihil in eo deſideravimus, neque in Oratione, quæ habita fuit, præterquamquod, laudes nobis tributas, ſicut agnoſcere non potuimus, ita ne commemorari quidem voluiſſemus. Cætera non omnia in ea oratione delectarunt. Etenim digna illo loco, & tanto conventu fuit. Imprimis vero jucunda nobis fuit commemoratio pietatis, & virtutis ipſius Regis, & ingentis ſpei,

ac

ac expectationis, quam de ſe omnibus illa jam ætate affert. Id, quod nos cum vi naturæ, generiſque tribuimus, tum vero paternæ curæ, & inſtitutioni tuæ: nec ſolum monitis ſapientiſſimis, ſed etiam exemplis, quæ in te ſibi propoſita ad imitandum habet, gratulamur tibi, dilecte fili, gratulamur populis ejus Regno ſubjectis: Quod ſperamus, & quadam divinatione permoti auguramur, eum, cum adoleverit, nemini maiorum ſuorum vel virtute, vel gloria inferiorem futurum. Ex ipſius Ferdinandi, & Pinti tui literis cætera, quæ ſcribere prætermittimus, cognoſces. Tantum illud addimus, vehementer nos cupere, Conventus omnes Ordinis Sancti Dominici, qui in iſto Regno ſunt, tibi commendatiſſimos eſſe. In eo Ordine nos (ut ſcis) maximam vitæ noſtræ partem egimus, non ſine ſumma quidem animi noſtri tranquillitate, ac lætitia, cujus nobis ſæpiſſime in mentem venit: ſicut in Cardinalatu nunquam, nec ſtudium noſtrum erga illum, nec Habitum ejus depoſuimus: Ita in hoc loco conſtituti, in priſtina erga eum voluntate manemus; & tantum ad eam addidimus, quantum pro ſuſcepto officio addere debuimus. Sed tibi, qui tanti Ordinis inſignia merita noſti, quemque ſcimus favere ſtudioſiſſime ſolitum omnibus Religioſorum Ordinibus, non eſſe cum pluribus verbis commendandum putamus. Dat. Romæ apud Sanctum Petrum, ſub Annulo Piſcacoris, die 26. Aprilis. 1566. Pontificatus noſtri anno primo. Antonius Floribellus Lavellinus.

Naõ damos traduçaõ, porque nos eſcuſa diſſo a noticia, que no principio do Capitulo deixamos dada, dos pontos mais eſſenciaes, que contem.

No meſmo anno deſta eleyçaõ entrou em Portugal o Reverendiſſimo Geral da Ordem Frey Vicente Juſtiniano, peſſoa muy inſigne por virtude, letras, e prudencia. Depois de ter viſitadas as mais Provincias de Eſpanha, naõ quiz fazer volta, ſem dar viſta a eſta noſſa. Entrou por Alentejo, onde o foy receber o Provincial, acompanhado do Padre Frey Franciſco de Bovadilha a Badajos, e Elvas. E viſitadas todas as Caſas da Provincia, ſahio por Entre Douro, e Minho: Onde foy muito feſtejado do noſſo Primás Dom Frey Bartholameu dos Martyres. Chegou o Geral a Braga em conjunçaõ, que o Arcebiſpo celebrava Synodo Provincial. Quando ſoube, que o vinha buſcar por conhecido amigo do tempo do Concilio Tridentino, em que ſe acharaõ juntos;

tos, ſahio o Arcebiſpo a buſcallo fora da Cidade em companhia dos Biſpos que aſſiſtiaõ no Synodo, e dos Conegos, e dignidades da Sé, e muitos Abbades, e toda a Nobreza da Cidade, que fizeraõ a entrada muy ſolemne. Agaſalhouo comſigo de ſuas portas a dentro, com mais amor, que pompa, com mais reverencia, que deſpeſa. Porque no aparato da meſa, quaſi naõ excedeo de ſua moderaçaõ coſtumada. Mas no tratamento, e corteſia aſſi o venerava, como ſe ſe conſiderara pobre Frade, e ainda ſeu ſubdito: Porque neſta conta ſe teve ſempre com qualquer Prelado de ſua Religiaõ, quanto mais com o ſupremo. Deſte Padre Geral nos conſta, que foy taõ ſatisfeito da Obſervancia, que achou na Provincia, depois de a vizitar com muito cuidado, e attençaõ, que quando depois fazia por outras, ſemelhantes viſitas, coſtumava pera exemplo allegar com a reformaçaõ, e pureza, que vira neſta: E particularmente affirmava, que comparado Portugal com todo o reſto da Ordem, ficava com o meſmo lugar nella, que tem em qualquer Moſteiro huma bem concertada Caſa de Noviços. Em fim chamava a eſta Provincia o Noviciado da Ordem.

Reſtanos pera cerrar eſte Capitulo, dizer alguma couſa do Padre Frey Eſtevaõ Leytaõ. Devemoslho por ſua peſſoa; e porque ſendo, como era, filho do Convento de Lisboa, pareceo, que viria mais a propoſito fallar nelle juntamente com ſeu governo, que temos entre mãos, que naõ entre os Padres ſeus conventuaes. Eſcuſando aſſi repetiçoens de materias, e ſeguindo a brevidade, que ſempre dezejamos. Era Frey Eſtevaõ muito nobre por geraçaõ, e parentes, ſem embargo, que de preſente naõ ha Caſa importante no Reyno deſte appellido. Criouſe na Caſa, e ſerviço do Infante Dom Luis; bom fundamento pera acreditar tudo, o que delle diſſermos; polo grande preço daquella eſcolla: Buſcou a Religiaõ com grande edificaçaõ da Corte, paſſados os annos da mocidade, e procedeo no reſto da vida, como quem reconhecia da maõ de Deos a merce de o tirar do mundo. Acabou ſeu eſtudo. E ſem pertender adiantar por elle nas honras da Ordem, tratou ſó de ſe aventejar no Eſpirito, e merecer com Deos. Pera eſte effeito procurou paſſar á India, a empregarſe na converſaõ da Gentilidade. E fazendo força no requerimento, ſe embarcou duas vezes. Mas de ambas foy Deos ſervido, que arribaſſe. Da ultima arribada fezſe aſſinar no Convento de Bemfica. Nelle foy Meſtre de Noviços, e pouco depois Prior. Aqui ſe fez por extremo bem quiſto, e cobrou nome, que lhe rendeu ſer buſcado pera a Prelacia de Lisboa. Era muito compaſſivo dos doentes, muito amigo dos pobres, e taõ liberal com elles, que todas as vezes que tomava contas das officinas, como he ordinario por fim de cada mez, mandava ficar em depoſito ſeparado algum dinheiro pera eſmollas particulares: E deſte, quando eſtava em Lisboa, era depoſitario o Porteiro mór Frey Jordaõ, bem conhecido por ſua caridade. E dizia com grande fé aos Padres depoſitarios: Padres meus, eſte he o fermen-

formento, que ha de fazer creſcer o noſſo depoſito. E pera o meſmo coſtumava aplicar todas as eſmollas, que vinhaõ de Sermoens extraordinarios, que ſe pediaõ de fora. Foy muito cuidadoſo do culto Divino, grandemente zeloſo da guarda da Religiaõ, grave na peſſoa, brando, e macio no trato: E taõ eſtimado da Ordem, que quatro vezes o fez Prior de Lisboa. O que por ventura naõ aconteceo nunqua a outro ſugeito: E duas Provincial. Da primeira vez, que foy eleyto neſte cargo, tentou viſitar a Provincia a pé, e caminhou muitas legoas. Mas aggravoulhe o exercicio huma indiſpoſiçaõ, que tinha de peitos, que lhe cauſava lançar algumas vezes ſangue pola boca; com que foy forçado deſiſtir dos bons propoſitos, e principios: E achamos eſcirto, que o obrigou tambem particular advertencia do Cardeal Infante, por lhe conſtar da doença, e impoſſibilidade.

CAPITULO VIII.

Fundaçaõ do Convento de S. Paulo d'Almada: Com huma breve Relaçaõ da Vida do Padre Meſtre Frey Franciſco Foreiro, Autor delle.

ERa Prior de Lisboa o Padre Meſtre Frey Franciſco Foreiro, e aſſiſtia no Santo Officio, ſervindo de Qualificador dos livros, por commiſſaõ do Cardeal Infante, que fazia o Officio de Inquiſidor Geral: E era juntamente Prégador d'el-Rey Dom Sebaſtiaõ, taõ antigo, que o começara a ſer del'-Rey Dom Joaõ III. no anno de 1555. no qual achamos, que lhe foy paſſada ſua Carta em 23 de Dezembro deſta honra, e do ordinario della, que eraõ ſincoenta mil reis em cada hum anno. Eſtava lançado o Capitulo de eleyçaõ no meſmo Convento de Lisboa, pera o primeiro Domingo depois da Feſta de Noſſa Senhora de Setembro do anno de 1567. Em que o Padre Frey Eſtevaõ Leitaõ dava por acabado ſeu tempo: Juntos os Capitulares, puzeraõ com rezaõ os olhos na muita idade, e grandes merecimentos do Prior, que os agaſalhava: E ſahio eleyto Provincial, e foraõ com elle Diffinidores os Meſtres, Frey Lopo d'Aveiro, e Frey Luis de Sotomaior, os Padres, Frey Thomás da Coſta, e Frey Nicolao Dias, que entaõ naõ eraõ mais que Prégadores geraes. Foy a eleyçaõ bem recebida na terra, e com grande goſto confirmada polo Reverendiſſimo Juſtiniano, que com o meſmo o confirmara em Prior de Lisboa, quando no anno de 1566. ſe achara neſta Provincia. Mas teve eſte Padre calamitoſo tempo. Porque entrando o anno de 569. mandou Deos hum açoute de peſte ſobre a Cidade de Lisboa, que deixandoa quaſi aſſolada, correo o Reyno todo com infinito danno, como logo contaremos mais diſtintamente, depois que diſſermos alguma couſa, do que toca a eſte Padre, e á fundaçaõ do Convento d'Almada, que foy obra ſua. 1555. 1567.

O Caſtello, e Villa d'Almada, que os naturaes em ſuas eſcrituras, e papeis antigos, e modernos chamaõ Almadaõ, referem ſua origem, quanto ao tempo, ao reynado d'elRey D. Affon-

Affonſo Henriques, Primeiro Rey de Portugal; e quanto aos Fundadores, a huma companhia de Ingreſes, que ſendo parte daquella grande Armada de gentes do Norte, com que Guilherme de Longa Eſpada, ſeu General, ajudou a elRey Dom Affonſo a ganhar Lisboa aos Mouros, que de muitos annos atraz eraõ Senhores della, folgaraõ edificar no Reyno: ſervindo ao meſmo, e aſſentando neſte ſitio, lhe quizeraõ ſó dar o nome da ventura, e bom ſucceſſo, que tiveraõ em Lisboa. Porque Al, ys, made, ſaõ tres palavras da lingoa Ingreſa, que ſoaõ o meſmo, que dizer: Tudo eſtá feito, e acabado. O curſo dos annos as cortou, e encurtou de ſorte, que fazem huma ſó, que ficou por nome á Villa, e a huma Nobre Familia, que nella, e nos Fundadores teve ſua origem do appelido d'Almada. Acreditaſe a antiguidade deſta povoaçaõ com hum privilegio, de que a Villa, e moradores gozaõ, quaſi dos meſmos dias, em que ſeus anteceſſores a fundaraõ. Concedeolhe elRey Dom Sancho Primeiro, Rey Segundo de Portugal, que elles a guardaſſem, e defendeſſem por entaõ, nem depois lhes nomear particular Capitaõ, ou Alcayde mór, como vemos, que tem todas as mais Villas, e Fortalezas do Reyno: Que foy o meſmo que dar teſtemunho do valor, que tinhaõ moſtrado todos no ſerviço feito em Lisboa. Com que mereceraõ eſta confiança. O privilegio andava regiſtado nos livros da Camara: E inda que hoje naõ parece nelles, polo deſcuido ordinario, que reyna em quaſi todas as Communidades, e por ſua muita antiguidade, tambem ſenaõ acha nos regiſtos, e memorias geraes do Reyno: Com tudo a poſſe immemorial he regiſto equivalente, e taõ baſtante, como ſe o tiveraõ vivo, e authoriſado com ſellos pendentes, e certidoens da Torre do Tombo. E por tal lhes valeo em annos atraz contra alguns pertenſores, que ouve do cargo. O Caſtello, que hoje tem, naõ he mais antigo, que o reynado d'elRey Dom Fernando, unico deſte nome, ſegundo parece de huma letra, que eſtá ſobre a porta, que, ainda que gaſtada do tempo, declara baſtantemente, que foy elle o Autor, como ſabemos, que cercou de muros muitas terras de Portugal; e fortificou a Cidade de Lisboa com ſegunda cerca. A rezaõ do nome recebemos de hum Ingres muito antigo na idade, Catholico, e de bom entendimento natural, que nos affirmou a ouvira, ſendo moço, praticar em Inglaterra entre homens velhos, curioſos de antigualhas, e doutos nellas.

A eſte lugar tomou por aſſento o Provincial pera ſe deſviar da furia da peſte, que ardia em Lisboa, e pera ſenaõ alongar dos filhos, que nella ficavaõ, offerecidos voluntariamente a todo o perigo, por acudirem aos proximos, como ao diante mais largamente contaremos. Pareceolhe o ſitio acomodado pera hum bom Convento de gente, que ſe quizeſſe retirar pera a quietaçaõ do Eſpirito; ou do eſtudo das letras; ou pera tudo junto. E como avia annos, que trazia na imaginaçaõ fundar hum edificio tal, e pera iſſo hia juntando cabedal de entre parentes,

tes, e amigos; tanto que ſe contentou do poſto, naõ quiz dilatar a obra. Avidas as licenças neceſſarias, começou a entender com a pedra, e cal, e juntamente em comprar renda: A Villa deu liberalmente toda a terra, que a Caſa occupa, que he grande, com huma cerca, que ſe eſtende do alto até a praya, acompanhada de pumar, e vinhas. O edificio ficou muito recolhido, e moderado; e conforme a tençaõ, com que ſe tratou. Ao que obrigou tambem a qualidade do ſitio, que como he no mais alto do monte, e pendurado ſobre o mar, fica como grimpa ſogeito a todos os ventos, que grandemente o combatem. Porem pagaſe eſte danno com ſer Senhor de hum taõ fermoſo, e taõ bem aſſombrado orizonte, que confiadamente, e ſem parecer encarecimento, podemos affirmar, que naõ ha outro tal em toda a redondeza da terra: O que fica bem de crer, pois ſe ſabe, que tem diante dos olhos por paynel a Cidade de Lisboa, eſtendida ſobre a Ribeira direita do Tejo, e que de nenhum outro poſto ſe póde ver, e julgar ſua grandeza toda junta, como deſte. Aſſi o entendeo elRey Dom Filippe Segundo de Eſpanha, e Primeiro de Portugal, que eſcolheo eſta Villa pera gozar da viſta da Cidade, em quanto naõ entrava nella. E pera ver tambem de noite o que as trevas lhe tolhiaõ, mandou em huma, que lha coroaſſem de luminarias: E eſtando aſſi ardendo ſem dano toda, ficou devendo mais ás ſombras nocturnas, que ao reſplandor do dia: Porque ſe moſtrou maior nellas, e naõ menos bem aſſombrada, que de dia. O orizonte pera a parte do mar ſe eſtende ſobre o Rio, e Barra, Torres, e Fortalezas della, e contra o Occeano até ſe perder a viſta nelle; e pera a banda da terra deſcobre grande numero de legoas, de Villas, e Lugares.

Naõ foy menos provido o Padre Frey Franciſco na eſcolha da renda, que do ſitio, ſe contra as mudanças, e revezes do tempo ouvera no mundo baſtante providencia. Tinha juntos dez mil Cruzados, que deviaõ huma grande parte aos ſalarios, que vencia de antigo Prégador d'el-Rey, outra ao que lhe rendia a impreſſaõ de ſeus doutiſſimos eſcritos: Mas a maior ſe tem por certo, que lhe foy inviada da India por ſeu grande amigo Dom Frey. Joſeph de Santa Luzia, Frade noſſo, e Biſpo meritiſſimo que fora de Malaca; e naõ pera outro emprego, ſenaõ de huma nova Caſa da Ordem. Vendia elRey Dom Sebaſtiaõ juros na Caſa da India, e baratos; pareceolhe, que ſe ſegurava comprando caro, quando todos hiaõ ao barato. Comprou com os ſeus dez mil Cruzados duzentos mil reis de juro, a rezaõ de vinte por milhar; comprando outras peſſoas a dezaſeis, e a menos. Foy a compra no anno de 1571. Porem paſſado pouco tempo, moſtroulhe o ſucceſſo, que naõ acertara no emprego. Porque o meſmo Rey, que fora o vendedor, mandou ſuſpender o pagamento de todos os juros da Caſa da India. E ſuppoſto, que ſe teve ſempre reſpeito, e ſe tem de preſente ao Moſteiro, e neceſſidades delle, ficou a arrecadaçaõ trabalhoſa, e deſcompoſta.

Quei-

Queixouſe Frey Franciſco, e ſez ſua queixa tanta impreſſaõ no animo brando, e grandioſo d'el-Rey, que por modo de ſatisfaçaõ lhe acudio com huma notavel merce, que foy converter em juro pera o Convento os ſincoenta mil reis, que Frey Franciſco tinha de ordenado de ſeu Prégador. E eſtes poſſue hoje aſſentados no Almoxarifado de Setuval, deſdo anno de 1576. alem dos duzentos da Caſa da India.

Dura neſta Caſa huma memoria, que dá bom indicio da parte, que aſſima diſſemos, teve nella o Biſpo de Malaca, D. Frey Jorge de Santa Luzia, que he huma Miſſa quotidiana, aſſentada nos livros da Sacriſtia, por ſua Alma.

Tanto que o Meſtre Frey Franciſco ſe vio livre do cargo da Provincia, determinou lograrſe da obra de ſuas mãos, e induſtria, fazendo ninho pera ſy da Caſa, que fizera pera a Ordem. Recolheoſe nella com determinaçaõ de naõ tratar mais que de ſua Alma, e de ſeus livros (vida bemaventurada, e de verdadeiro Religioſo). Era eſte Padre nobre, e conhecido por geraçaõ: Mas val tanto o eſtudo das letras, que por ellas chegou a ſer naõ ſó nobre, e conhecido; mas famoſo no mundo. Sendo moço deuſe a aprender lingoas, e ſahio conſumado nas tres, Latina, Grega, e Hebraica. Do que lhe reſultou, que como naõ tinha menos engenho, e juizo, que applicaçaõ, pera toda ſciencia; tanto que ſe aplicou á Theologia, fezſe nella doutiſſimo, e naõ menos na parte Eſpeculativa, e Moral, que na Sagrada Eſcritura. A primeira peſſoa, que conheceo, e honrou nelle eſte talento, foy o grande Infante, nunqua baſtantemente louvado Princepe Dom Luis, Irmaõ d'elRey Dom Joaõ III. Conheceo o theſouro, que tinha em Frey Franciſco, e honrouo com o dar por Meſtre ao Senhor Dom Antonio ſeu filho, que depois foy Prior do Crato. Com eſta liçaõ de cadeira das portas a dentro, começou Frey Franciſco a juntar outra do Púlpito: E de portas a fora, em que era taõ bem ouvido, que naõ tardou elRey Dom Joaõ em lhe dar o titulo de ſeu Prégador, com muita aceitaçaõ de toda a Corte, como atraz diſſemos. E o meſmo officio teve com elRey Dom Sebaſtiaõ, que lhe ſuccedeo na Coroa. E quando no anno de 1561. ouve de mandar Theologos ao Santo Concilio de Trento, foy Frey Franciſco hum dos Inviados por eſte Reyno. Neſta jornada, e aſſiſtencia do Concilio, ganhou Frey Franciſco credito, e grande nome pera ſua Patria, e pera ſy começou a luſtrar com a Prégaçaõ. De ſorte, que á petiçaõ de muita gente de qualidade, prégou as Quartas feiras da Quareſma do anno de 1563. em particular Freguеſia, onde foy ouvido, e louvado de muitos, e grandes Prelados. E foy fama conſtante em Portugal, que fazendo hum Sermaõ aos Cardeaes, Legado, e mais Padres do Concilio ao tempo, que quiz ſubir ao Pulpito mandou aviſar ao Meſtre das Ceremonias, que ſoubeſſe de Suas Illuſtriſſimas, em que lingoa eraõ ſervidos, que prégaſſe. Rara confiança, mas muito mais rara facilidade nas

Sena na Bibliotheca da Ordem de S. Domingos lit. F. fol. 85.

1561.

1563.

Biblioteca Santa l. 4. lit. F.

Fr. Gemes de Rebuteſa ſobre o Magnificat Liçaõ 14.

Bibliotec. Apoſtolica Vaticana f. 226. Sena ubi ſupra Bibliotec. Santa l. 4. lit. F. Seraphin. Razzi na Hiſtor. dos Varoens Illuſtres Dominicanos. Centuria. 1. Fr. Iuan de la Cruz l. 5. c. 24. da Cron. da Ordem de S. Domingos.

lingoas. Daqui devia naſcer, que ordenando os Legados huma Junta de Padres graviſſimos, pera Cenſores dos livros, que ſe aviaõ de prohibir por toda a Chriſtandade, deraõ, e nomearaõ por Secretario della a eſte Padre. E offerecendoſe pouco depois ſer neceſſario inviarſe a Roma huma peſſoa de inteira confiança, a conſultar com o Summo Pontifice verbalmente em algumas materias de grande importancia, eſcolheraõ ao meſmo. E feita a jornada naõ ficou menos grato ao Papa, do que foy a ſatisfaçaõ dos que o mandaraõ. Seguioſe a eſte ſerviço encomendarſelhe por todo o Concilio a reformaçaõ do Breviario, e Miſſal Romano, em companhia de Dom Frey Leonardo Marino Arcebiſpo Lancianenſe, e de Dom Frey Egidio Fuſcarario, Biſpo de Modena: ambos Frades Dominicos. E acabado o Concilio, cometeo o Papa aos meſmos tres, que compuzeſſem hum Cateciſmo, que he o Romano, que anda impreſſo. E juntamente foſſem procedendo na reforma encomendada do Breviario, e Miſſal. Fizeraõ eſtes Padres huma, e outra couſa com tanto acerto, que o Cateciſmo he o meſmo, que anda impreſſo com nome de Cateciſmo Romano. E a reformaçaõ, que tardou mais do Breviario, e Miſſal, foy taõ aceita ao Papa Pio V. que ſuccedeo na Sede Pontifical a Pio IV. que ſendo por elle aprovada, e confirmada, ſe imprimiraõ logo, conforme a ella os Breviarios, e Miſſaes, que chamaõ do uſo Romano.

Mariet. 2. P. l. 14. lit. F. Cron. abreviada, que anda no fim das noſſas Conſtituiçoens f. 97. Liçaõ. 14.

No meyo deſtas occupaçoens naõ podia Frey Franciſco largar a que tinha por de maior goſto ſeu, que era o eſtudo das Sagradas Letras: E eſtando no Concilio, tirou a luz huns Commentarios doutiſſimos ſobre o Profeta Iſayas; que por ſerem taes, depois da impreſſaõ em Veneza a primeira vez, foraõ impreſſos outras duas em Reynos differentes. Eſcreveo mais ſobre os Pſalmos, e Livros de Salamaõ, e ſobre todos os Profetas menores: E fez de todos nova verſaõ, conforme a verdade Hebraica (como era taõ Senhor da Lingoa) pera confirmar a Verſaõ vulgata. E ſendo todos eſtes Tratados muito dignos dos louvores, que encarecidamente lhe daõ os Autores, que allegamos á margem, temos por certo, que a todos excedeo no que deixou eſcrito ſobre o Livro de Job. Temos diſſo teſtemunho ſeu; porque he certo, que dandolhe fogo por deſaſtre na cella, e apagandoſe, depois de muitos papeis abraſados, perguntou, a quem tinha noticia de ſeus eſcritos; ſe eſcapara o ſeu Job: E reſpondendolhe, que com pouco danno eſtava em ſalvo; ficou taõ contente, que de toda a mais perda naõ fez caſo. Eſte Tratado eſtá hoje vivo, e em taõ boa maõ, que naõ deixará de chegar á impreſſaõ, inda que já tem tardado muito.

Tornado Frey Franciſco ao venturoſo ocio da ſua cella, que ſó eſtimava: Inda que elRey Dom Sebaſtiaõ o occupava de ordinario em materias de ſeu ſerviço; e o tinha feito Deputado da Meſa da Conſciencia, quiz Deos darlhe merecimento de Santo; permittindo, que gente invejoſa o calumniaſſe diante d'elRey de homem delicioſo, e

amigo

amigo de ſuas commodidades. Tanto pode a inveja, que levou a elRey a ver a cella de paſſagem em certa occaſiaõ, que Fr. Franciſco era auzente. Grande dita fora, ſe quizeraõ os Reys, ou poderaõ fazer outro tanto em todas as materias. O que neſta ſuccedeo, foy, ficarem corridos, e com iſſo baſtantemente reprehendidos os accuſadores; porque naõ appareceo nella couſa contra o commum da Ordem; ſalvo hum pavelhaõ de ſerguilha ordinaria, velho, e pobre, que abrigava do vento hum corpo velho, e indiſpoſto, que aos que o viraõ, pareceo mais reparo neceſſario, e forçado pera poſto taõ deſabrigado, como he o d'Almada, que delicia ocioſa. Faleceo Fr. Franciſco neſta ſua Caſa d'Almada, de ſua doença, em dez de Janeiro de 1581. Eſtá ſepultado no Capitulo.

1581.

CAPITULO IX.

Dos grandes ſerviços, que a Ordem de S. Domingos fez a eſta Republica de Portugal nas calamidades da peſte, que em differentes tempos ouve por todo o Reyno.

Fr. Bernardo de Britto na Cronica de Ciſter l. 6. c. 39.

EScreveſe nas Hiſtorias de Ciſter, que Conrado Cardeal, e Biſpo Portuenſe, Varaõ de conhecida virtude, e ſantidade, vendo perſeguidos de muita gente os Religioſos de S. Domingos no tempo, que ſua Ordem começava a florecer, e dilatarſe polo mundo; tomou, como Santo, á ſua conta emparallos com tanto zelo, que mereceo darlhe diſſo as graças a Glorioſa Virgem Mãy de Deos, com huma revelaçaõ cheya de de mimos, e favores. Pedia eſte Santo a Deos, entre as calumnias, que ouvia dos Frades, e as obras virtuoſas, que nelles via, lhe revelaſſe a que fim mandara eſta Ordem ao mundo, pera ſenaõ enganar com ella: E hum dia, em que mais efficazmente orava, ouvio huma voz, que lhe diſſe: *Ad laudandum, benedicendum, & prædicandum.* Iſto he, que Deos a inſtituira pera louvar, glorificar, e prégar ſeu Santo Nome. E conforma com iſto o que achamos na Cronica da Ordem, que nos deixou eſcrita o Meſtre Frey Theodorico de Appoldia. Conta elle do meſmo Cardeal, que entrando em Bolonha por Legado Apoſtolico; e naõ lhe ſoando bem nas orelhas o titulo, que uſavaõ de Prégadores, como mais fauſtoſo, do que a Religioſos humildes convinha, pedira hum livro, que acertou a ſer Miſſal, e abrindoo, feito primeiro ſobre elle o Sinal da Cruz, tomara como por oraculo as primeiras palavras, em que deu com os olhos, que foraõ do Prefacio de Noſſa Senhora, e dizem: *Laudare, benedicere, & prædicare.* Devia ſer pola conformidade da revelaçaõ, que contamos.

Appoldia l. 6. c. 7.

Obriganos a renovar eſta antiguidade huma nova occupaçaõ, em que acho metidos os noſſos Frades polos annos, em que levamos eſta Hiſtoria: Occupaçaõ, que ſe bem he nova, e muy differente daquellas primeiras; com tudo ninguem me póde negar ſer cheya de grandes merecimentos pera com Deos, e pera com os homens. Muito reſplandece a caridade dos

dos Religioſos no trabalho continuo do Eſtudo pera allumiar o mundo, canſando no Pulpito, aturando no Confiſſionario; naõ largando dia, e noite a Oraçaõ, e Coro. Mas aver homens, que ſe eſqueçaõ da ſaude, e vida propria, por grangearem a vida corporal alhea, e a ſaude d'Alma do proximo, he ponto taõ ſubido, que a Igreja Sagrada, allumiada polo Eſpirito Santo, trata com honra de Martyres a todos aquelles, que em tal empreſa acabaraõ a carreira mortal da vida. Como he de ver na lembrança, que manda fazer, dos que em tempo do Emperador Valeriano faleceraõ em ſemelhante occupaçaõ.

Cal. Rom. ultimo dia de Fevereiro Pr. die Cal. Martij.

Aſſi ſe determinaraõ muitos Frades deſta Ordem em ſervir os povos deſte Reyno nas tres occaſioens de crueliſſima peſte, que Deos mandou ſobre elle, como ſe ſó naſceraõ pera outrem, e naõ pera ſy. Aſſi deſpreſaraõ o que tudo ſe aventaja em eſtimaçaõ no mundo, que he a vida, e ſeus goſtos, como quem com olhos da Fé eſtavaõ vendo, que de a perderem aqui, lhes avia de reſultar ganho certo de outra immortal, e glorioſa, e ſem fim ſobre as Eſtrellas. E porque o perigo foy maior em Lisboa, e o ſerviço mais aballiſado nella; porque abrangeo a maior numero de gente, diremos primeiro o que lhes ſuccedeo neſta grande Cidade, e depois hiremos tocando o que mais mereceraõ nos outros lugares do Reyno.

Avendo largos annos, que a Cidade de Lisboa gozava tempos benignos, e ſalutiferos, ſem quaſi aver quem ſe lembraſſe das contagioens, e males antigos, foy o Senhor ſervido de a viſitar com hum riguroſiſſimo caſtigo de peſte, que tendo ſeu principio por fim do anno de 1568. durou todo o de 1569. com eſtrago maior, do que ſe póde crer. Ouve dous termos na cura. Foy o primeiro curarſe cada enfermo em ſua caſa, como ſe fazia nas outras doenças. E eſte foy cauſa de ſe paſſar ao ſegundo. Porque, como naõ avia reſguardo, e eſtavaõ de miſtura ſãos, e enfermos, ateouſe o fogo demaneira, que parou em hum incendio univerſal, que admoeſtou, e enſinou, que convinha aver ſeparaçaõ, deſpejarſe a Cidade dos doentes, e da roupa impedida.

No primeiro termo acudiraõ os Religioſos com caridade, e Eſpirito a ajudar os Parochos, pera poderem acudir com os remedios das Almas. Repartiraõ entre ſy a Cidade por Freguesias. Couberaõ ao Convento de S. Domingos as tres, que a cercaõ, Santa Juſta, Saõ Sebaſtiaõ da Mouraria, e S. Nicolao. Offereceraõſe pera o miniſterio tres Padres Prégadores dos mais antigos da Caſa; que foraõ Frey Pedro Altamirano, Frey Belchior de Monſanto, e Frey Gaſpar da Cruz. Offerecendoſe muitos outros pera os acompanharem, naõ admitiraõ os Prelados, que eraõ do Convento, Frey Antonio de S. Domingos, e da Provincia o Meſtre Frey Franciſco Foreiro, mais que a tres Irmãos Leygos; cujos nomes eraõ, Frey Antonio Magueya, Frey Jorge dos Reys, e Frey Diogo da Piedade. Eſtes Padres, cada hum com ſeu Leygo, viſitavaõ todas as caſas, em que avia doentes, correndo

todas

todas as ruas, e aturando hum trabalho immenſo. Porque naõ acudiaõ ſó com os remedios d'Alma; mas tambem com os corporaes, de tudo o que podia ſervir pera alivio do mal, de mantimento, de mezinhas, e doces, com que os Officiaes da Camara mandavaõ prover em grande abundancia. Porem, ſendo o gaſto infinito, e o trabalho dos Enfermeiros intoleravel, viaſe reſultar delle taõ pouco proveito na infirmidade, que a Cidade ſe hia corrompendo cadadia mais. Foraõ feridos do mal os Padres Altamirano, e Monſanto, e com elles dous Leygos. Cobraraõ ſaude os Sacerdotes, acabaraõ os Leygos. Do Padre Altamirano ſe conta neſta conjunçaõ hum auto mais que heroico: E foy, que achando em huma caſa dous pobres homens, feridos ambos, e em hum leyto, e em eſtado, que pediraõ Confiſſaõ: E porque fazerlhes qualquer aballo, era, abreviarlhes a morte, que já os cercava, lançouſe em meyo delles; e pondo a orelha na boca, do que lhe pareceo mais fraco, que tinha o lugar da parede, e ſuſtentandolhe a cabeça com a maõ, o ouvio, e abſolveo. E logo virandoſe pera o outro, fez com elle o meſmo; e dentro de meya hora acabaraõ ambos, mas commungados, e ungidos: porque em quanto elle confeſſava, tinha o companheiro preparado os outros Sacramentos.

De animos, que taõ deſapegados andavaõ do amor da vida, naõ parecerá eſtranho nenhum auto, que contarmos de perfeita caridade. Averiguouſe, que em todo o tempo, que os tres Padres fizeraõ eſte officio, confeſſando, e fazendo teſtamentos a muita gente poderoſa de fazenda, e dinheiro, nunqua grangearaõ pera ſy, nem couſa ſua, nem pera o Moſteiro, em que reſidiaõ, nem pera outro nenhum da Ordem, dinheiro, nem herdade, nem outra peça alguma. A lingoagem, que uſavaõ, ſendo conſultados em materia de eſmollas, e repartir fazenda, era, que valeſſem aos parentes neceſſitados, ſe os tinhaõ, e acudiſſem á Caſa da Santa Miſericordia.

Com eſte genero de proceder ſem mais reſguardo, nem prevençaõ, entrando o tempo de calmas, tinha creſcido tanto a contagiaõ, que no mez d'Agoſto de 1569. ouve dia de ſeiscentos mortos. Entaõ amoeſtou a força do mal novo genero de cura. Sinalouſe junto aos arrabaldes huma quinta de bom ſitio, e grande apoſento, proveoſe de Medicos, Surgioens, e Barbeiros, e de todo o genero de mezinhas, e grande numero de camas com hum Cidadaõ caridoſo, e ſabio por Superintendente. Na Cidade andavaõ Miniſtros diligentes, que corriaõ todos os Bayrros com eſquifes, e levavaõ os enfermos pera a quinta, que do fim, pera que foy buſcada, começou a chamarſe Caſa da Saude, como na verdade o foy pera muitos. Avia outros Miniſtros, que proviaõ em apartar a outra parte os ſãos, que pola communicaçaõ dos feridos chamavaõ impedidos. A outra parte mandavaõ o fato, do qual ſe queimava hum, e ſe purificava outro. Começou a ſentirſe alivio na Cidade com a boa ordem. Mas desbaratouſe tudo com a morte do Cidadaõ, que

gover-

governava a Caſa da Saude. Deulhe o mal como hum rayo, levouo com muitos coadjutores. Encheuſe a Cidade de turbaçaõ com o caſo. E foy maior a que poz o medo nos que podiaõ ſucceder no bom ſerviço. Neſte paſſo tornou a Ordem de Saõ Domingos a moſtrar ſeu valor, e caridade: offereceraõſe muitos Religioſos ao ſerviço, e ſacrificio da Caſa da Saude, reſolutos a ſe hirem meter no meyo do fogo da corrupçaõ. Aceitou a Cidade a offerta, e cometeolhe o governo inteiro della, aſſi no temporal, como no eſpiritual.

Foraõ os aventureiros o Padre Frey Antonio d'Azevedo, filho do Convento de Bemfica, que entrou pera Provedor da Caſa; e cabeça dos mais, Frey Iſidoro Altamirano, que quis fazer nona prova de caridade, Frey Chriſtovaõ Moreira, e outro Moreira Frey Gonſalo, que chamavaõ o Queimado, e Frey Diogo da Piedade. A fama da piedade, e bom procedimento deſtes Padres eſpalhada pola Cidade foy grande parte de melhora mais em breve. Porque donde dantes fazia pavor igual com a morte, deixaraõ os doentes as moradas proprias, e muitos ſe curavaõ eſcondidamente, e com mais perigo, agora corriaõ os novos Enfermeiros com taõ bom animo, que em poucos dias paſſou o numero, dos que curavaõ na Caſa da Saude, de ſinco mil. Acabou em ſeu officio o Provedor Frey Antonio d'Azevedo, arrebatado do mal. Succedeolhe Frey Chriſtovaõ Moreira, que ſendo ferido, e julgado por morto, convaleceo, e tornou ao cargo com taõ boa ſombra, como ſe ſe naõ vira ás portas da morte; e nelle continuou com os companheiros aſſima referidos, e com outros, que de novo o vieraõ acompanhar, que como avia muito que fazer, ſempre foraõ ſinco, e ſeis. Mas naõ eſtavaõ entretanto ociоſos os Padres do noſſo Convento. Porque em todo o tempo, que durou o trabalho, e affliçaõ da Cidade, nunqua lhe faltaraõ com Prégaçaõ, e Officio Divino cantado, com tanto cuidado, e perfeiçaõ, como na bella paz; effeito de animar o povo: E ſempre tiveraõ Padres deputados pera hirem a confeſſar pola Cidade. Affirmaſe, que chegou o numero dos mortos neſta occaſiaõ a ſetenta mil.

CAPITULO X.

Da ſegunda, e terceira peſte, que deu em Lisboa: Do damno que fez neſta Cidade, e na d'Evora; e como ſe ouveraõ os noſſos Religioſos de S. Domingos em ambas as occaſioens, e em ambas as Cidades.

FOy ſegunda occaſiaõ de nova honra, e novo trabalho pera a Ordem de S. Domingos a nova praga de peſte do anno de 1579. Eſtava o Reyno cheyo de magoas com a perda do anno atraz, em que acabara nos campos de Africa elRey Dom Sebaſtiaõ com tudo o melhor delle: perda, que nunqua verá enxutas as lagrimas, que cauſou. O deſgoſto preſente, e o receyo dos que ſe eſperavaõ acabando os breves dias, que já tinha de vida ſeu ſucceſſor Dom Henrique, tinhaõ dado geralmente tal diſpoſiçaõ nos animos, e complexoens,

plexoens, que inficionandoſe o ar de novo ſobre os males, que particularmente affligiaõ todas as caſas, e ſoltandoſe em peſte deſcuberta, foy graviſſimo o danno, que fez por todo o Reyno. Em Lisboa ouve muitas mortes, e por muitos lugares grandes: Eſpecialmente ardeo a Cidade d'Evora com tanta violencia, que ſó no Convento de S. Domingos contamos nove Religioſos mortos. Entre os quaes foy o graviſſimo Padre Frey Franciſco de Bovadilha depois de duas vezes Provincial, como em ſeu lugar deixamos contado. Deſte eſtrago foy cauſa principal a valeroſa reſoluçaõ, com que os Padres deſte Convento ſe entregaraõ ao ſerviço da Cidade. Entre os quaes o que mais ſe eſmereu em ſervir, e trabalhar; e em fim pagou com a vida, foy o Padre Frey Joaõ da Mota. Affirmaſe, que fora contagiaõ taõ cruel, juntandoſe o pouco reſguardo, que entaõ avia na cura, que em grandes ruas inteiras naõ ficou couſa viva, nem avia cemiterios, pera receber os que morriaõ: Em fim ſe diz, que paſſaraõ os mortos de vinte ſinco mil.

Mas naõ era Deos ſervido, que ceſſaſſem as pragas, e caſtigos deſte Reyno (ſinal evidente, que tambem lhe naõ ha de faltar com miſericordias, e bonanças, como verdadeiro Pay que he) chegou outro anno oitavo ſobre o de 1590. E como tres vezes os deſte numero foraõ infeliciſſimos pera Portugal, e naõ menos pera toda Eſpanha: o de 568. com a peſte grande, que nelle teve principio, e a correo, e aſſolou toda: o de 578. com a perda de Africa: o de 588. com o naufragio d'Armada, que foy contra Inglaterra, calamidade em reputaçaõ, e ſuſtancia, quaſi igual á Africana: Aſſi entrou eſte de 1598. com nova, e impetuoſa contagiaõ. Mas foy pola miſericordia de Deos muito menos o danno em Lisboa, que o da primeira, inda que maior que o da ſegunda. E valeo muito a experiencia, que ſe tinha do mal antigo, pera aver ordem, e preſervaçaõ. Porque tanto que ſe declarou, foy primeiro conſelho deputar quinta grande, e capaz ſobre a Ribeyra d'Alcantara, ſitio alto, e lavado dos ventos, pera Enfermaria dos feridos, com apoſentos ſeparados pera a convalecencia de homens, e molheres. Acudiraõ Religioſos das Ordens dos Eremitas de Santo Aguſtinho, e dos Menores, que com grande Eſpirito, e devaçaõ começaraõ a trabalhar logo. Deuſelhes hum Cidadaõ, que aſſiſtia de fora, pera prover o que foſſe neceſſario. E ainda que pareceo medo, mais que bom conſelho, naõ foy o ſucceſſo deſacertado. Naõ faltaraõ os Padres de S. Domingos, por continuaçaõ de poſſe dos tempos paſſados, em ſe offerecerem ao trabalho; e foraõ os primeiros o Padre Frey Antonio de Santo Eſtevaõ, celebre Prégador, e já com titulo na Ordem de Prégador geral. Juntouſelhe o Padre Fr. Jorge de S. Domingos, velho de muitos annos, que tinha ſervido de Porteiro mór, e Sacriſtaõ mór de Lisboa. Seguiraõno o Padre Frey Joaõ Mendes, e Frey Franciſco da Coſta, moço, e Irmaõ da Caſa dos Noviços, que hoje vive, e dous Frades

Leygos, Frey Franciſco da Madre de Deos, e Frey Luis Cardoſo. Entregouſe ao Padre Fr. Antonio por ordem do Preſidente da Camara, que era Dom Gilanes da Coſta, que depois o foy do Dezembargo do Paço, a Caſa da convaleſcencia das molheres, como parte importantiſſima, e de grande confiança. Mas falecendo dentro de poucos dias o Padre Frey Lucas, e ſeu companheiro, que tinhaõ o governo todo, e procediaõ nelle com zelo, e caridade de verdadeiros filhos, que eraõ do Padre Santo Aguſtinho, e da Ordem dos Eremitas, ficou todo o peſo da Caſa á conta dos noſſos Religioſos, a que acompanhavaõ alguns de S. Franciſco, grandes, e zeloſos trabalhadores. E foy noſſo Senhor ſervido, que dentro de dez mezes, depois de entrados, foy aliviando o mal na Cidade, e na Caſa da Saude avia tam poucos doentes, que geralmente ſe julgou o trabalho por acabado. Deſempediraõſe entaõ os Frades; e a Cidade ordenou huma devota Prociſſaõ de graças, pera em dia de Noſſa Senhora de Setembro do anno de 1599. com que foy ao noſſo Convento de S. Domingos: E querendo tambem moſtrar agradecimento á Religiaõ na peſſoa do Padre Fr. Antonio Enfermeiro mór, ordenou, que foſſe nella como em triumfo á maõ direita do Preſidente, e que depois deſſe as graças do Pulpito prégando No fim do Sermaõ ſe lhe deu hum papel, que leo ao povo. O qual continha, que naquelles dez mezes, e poucos dias mais, que eraõ corridos de 25 de Outubro de 98 até 8 de Setembro preſente de 99 tinhaõ entrado na Caſa da Saude vinte mil duzentos, e vinte ſete feridos da peſte, dos quaes ſahiraõ della ſaõs treze mil, oitocentos ſeſſenta, e hum; e os mais faleceraõ. E por remate declarava o papel, que fora a deſpeza deſte beneficio, ſeſſenta, e oito mil, e cem Cruzados. Naõ he pera eſquecer, que dos ſinco companheiros da Ordem, com que o Padre Frey Antonio entrou, ſó hum lhe morreo, que foy o Leygo Frey Franciſco da Madre de Deos; e por ſer o caſo muito notavel, conformou com elle o thema do Sermaõ, que tomou do verſo do Pſalmiſta, que diz: *Qui exaltas me de portis mortis, ut annuntiem omnes laudationes tuas in portis filiæ Sion.* Porem da doença, que naõ achou nos ares groſſos, e inficionados da Caſa da Saude, foy ſalteado o bom Padre, tanto que começou a gozar dos delgados, e ſalutiferos do Bayro d'Alfama, onde ſe foy recrear com ſeus pays. Fizeraõ com ſua pureza (quem tal cuidara) effeitos peſtilenciaes. Parece, que reconheceraõ, e apertaraõ os venenoſos, que tanto tempo bebera, pera arrebentarem com a meſma furia, que faz a polvora em mina bem cerrada; e em fim arrebentaraõ em hum temeroſo accidente de febres malinas, acompanhadas de todos os ſinaes de fina peſte, excepto poſtemas, que o teve atribulado, e perigoſo hum mez inteiro. Pſalm. 9.

Teve elRey Dom Filippe em Madrid noticia deſte ſerviço, mandou eſcrever a Carta ſeguinte ao Padre Meſtre Frey Alvaro Leytaõ, que entaõ era noſſo Provincial.

Padre

PAdre Provincial. Eu elRey vos invio muito ſaudar. Por Carta de Dom Gilanes da Coſta do meu Conſelho, Preſidente da Camara da Cidade de Lisboa, tenho ſabido o muito ſerviço, que tem feito os Religioſos do Moſteiro da voſſa Ordem da dita Cidade na occaſiaõ do mal, que nella ouve, curando, e ſacramentando os enfermos, e poſto que iſto he o que delles ſe devia eſperar por ſua muita Religiaõ, e virtude, quiz eu darvos por iſſo, como dou, os agradecimentos devidos. E tende por certo, que em tudo, o que ouver lugar, folgarey ſempre de fazer toda a merce, e favor a eſſa Provincia, e em particular ao dito Moſteiro, e Religioſos delle. E porque de Frey Antonio de Santo Eſtevaõ ſou informado, que tem ſervido muito bem, e com ventagem de todos os outros, darlheheis de minha parte em particular as graças devidas; dizendolhe, que eu o terey em lembrança, pera no que ſe offerecer, folgar de lhe fazer merce. Eſcrita em Madrid a 30 de Setembro de 1599.

REY.

Mas naõ durou muito na Cidade o goſto deſta ſaude. Logo no mez de Outubro ſeguinte começaraõ a picar rebates: ſegundaraõ polo Termo, com mortes arrebatadas; ſinaes de verdadeira peſte. Pareceo neceſſario abrirſe de novo a Caſa da Saude, que ainda eſtava com as paredes quentes do mal paſſado. Deraõſelhe miniſtros ſeculares. E como todos os principios das couſas, primeiro que ſe acertem, trazem ſuás deſordens, ſoou no povo, e nas orelhas dos zeloſos, que avia falta de caridade em ambas as curas de corpo, e Alma. Acudio a Camara ao noſſo Convento a buſcar nelle o remedio primeiro. Naõ ſe atreveo com o veturoſo Frey Antonio de Santo Eſtevaõ, que deſcançava, e merecia deſcançar do trabalho paſſado, e das febres, que contamos, de que naõ eſtava inda bem convalecente. Mas elle naõ eſperou ſer rogado, nem quiz, que outrem lhe ganhaſſe por maõ. Aſſi ſe offereceo pera o ſegundo trabalho, e taõ levemente caminhou pera a Caſa da Saude, como ſe fora hir reſidir em hum jardim deleitoſo, ou apoſento de ſaude certa; ſendoo tanto ao revez, que alguns Padres Menores, que o foraõ ajudar, e nunqua lhe faltaraõ huns ttaz outros, os mais acabou o mal repentinamente. Foy grandemente eſtimada na terra eſta ſegunda determinaçaõ do Padre Frey An-

tonio. E diante d'elRey pareceo de tanto preço, que logo no Março ſeguinte do anno de 1600. o honrou com titulo de Prégador de ſua Capella.

Succedeolhe neſte tempo hum caſo, que muito acreditou o cuidado, com que procedia em todos. Entrou na Caſa com outros feridos hum mancebo Alemaõ; tratando com elle em materias d'Alma, que era o primeiro medicamento, de que ſe tratava por eſtilo ordinario, e inviolavel; achouſe com hum fino Herege Luterano. Aqui foy neceſſario novo genero de cura, cura de letras, doutrina, e Eſpirito. Tanto ſoube dizer, e fazer, que o bom moço Gerardo, que aſſi avia nome, recebeo por ſeu miniſterio duas ſaudes, e duas vidas, e ficou reduſido á Igreja com moſtras de verdadeiro Catholico. Neſta cura de Eſpirito tinha eſte Padre experiencia antiga. Porque reſidindo no Convento, que temos na Cidade de Tangere em Africa, lhe aconteceo converter hum moço Turco, e duas molheres: E ſendo huma dellas de reſgate, tanto que a teve catechizada, buſcou eſmollas com que a pagou a ſeu Senhor; e bautiſoua com tres filhos mininos. Durou a peſte deſta terceira vez, procedendo lentamente, e naõ acabando de levantar de todo até Fevereiro de 1602. que cumpriraõ dous annos, e quatro mezes. E todos aturou a reſidencia o Padre Frey Antonio. E achouſe por conta, que curara neſte tempo dous mil trezentos, e vinte ſeis feridos, dos quaes morreraõ mil trezentos ſeſſenta e hum. Pouco depois em pago deſtes trabalhos foy nomeado por Sua Mageſtade por Biſpo d'Angola, e Congo. Honra, e merce grande, quanto á dignidade; mas em tudo o mais pena, e deſconſolaçaõ: E em fim genero de caſtigo dos mais graves, que ſe daõ a grandes malfeitores pola Juſtiça ſecular. Aſſi perdeo a vida em breve no deſterro, que conſervara annos inteiros no meyo da corrupçaõ, e fogo da Caſa da Saude. E Lisboa perdeo hum Prégador, *de cujus ore* (como Tullio gaba no ſeu) *dulcior melle fluebat oratio.* Quæſt. Tuſculan.

CAPITULO XI.

Do cuidado, com que os Religioſos de S. Domingos acudiraõ a outros lugares do Reyno na terceira occaſiaõ da peſte.

DA meſma maneira, que o mal deſta ultima peſte, que durou em Lisboa deſdo anno de 1598. até o de 1602. foy menos violento na Cidade, que o primeiro que deixamos contado: Aſſi ſe embraveceo em furia por outros lugares do Reyno, como ſe pertendera pagarſe nelles do que perdoara a Lisboa. E em todos, os que tinhaõ Conventos de S. Domingos, ſe oppuzeraõ contra ella os noſſos Religioſos, como ſe ſó á ſua conta eſtivera o remedio. Eſtava Evora cheya de lembranças do muito, que lhe cuſtara eſte mal de dez annos atraz, como temos contado; baſtaraõ elles pera lhe fazer grande medo, e aggravarem o trabalho. Mas naõ foraõ parte pera intibiarem os animos dos Frades de S. Domingos, que tambem tinhaõ diante dos olhos os muitos Irmãos, que entaõ perderaõ; antes

tes na hora, que a contagiaõ ſe deſcubrio, deraõ alegremente ſeus nomes pera Enfermeiros da Cidade, os Padres Frey Jeronymo da Cruz, natural de Portel, e Frey Manoel de S. Domingos, e o Irmaõ Leygo Frey Paulo do Horto.

Andando na Cidade do Porto muy aceſa, tomou o Padre Frey Domingos d'Annunciaçaõ a cura, e ſerviço dos doentes com goſto, e graças da Camara da Cidade, que lhe entregou todo o governo Eſpiritual, e temporal da Caſa da Saude, ao modo de Lisboa. Era o trabalho, que ſoſtinha, intoleravel; porque juntava ao cuidado maior ſer Enfermeiro, e ſangrar tambem os doentes, que o ſabia bem fazer. Aſſi o ſalteou a contagiaõ com grande furia. Mas o Padre S. Domingos guardou ſeu Frade; e dandolhe Deos ſaude por ſua interceſſaõ, tornou ao ſerviço, e nelle aſſiſtio, até que o mal teve fim.

Na Cidade d'Elvas tanto que o mal foy deſcuberto, logo ſe apreſentaraõ diante do Biſpo ſinco Religioſos do Convento, que alli temos, pera confeſſarem, e ſacramentarem os feridos: E ordenando a Camara Hoſpital geral fora dos muros, como ſe uzava em Lisboa, entregou o cuidado do Hoſpital, e juntamente do temporal ao Padre Frey Salvador d'Aſcençaõ, que aſſiſtio nelle até o fim, com lhe cuſtar adoecer perigoſamente. Foy ſeu companheiro Frey Domingos da Magdalena, Irmaõ Leygo, natural de Lisboa; mas filho de Habito da noſſa Congregaçaõ da India. Eſte Irmaõ tinha tanto Eſpirito, que fazia tres officios diſtintos, e eſcuſava outros tantos miniſtros á Cidade. Porque era grande Surgiaõ, e curando, e ſangrando como tal, quando os enfermos chegavaõ a paſſar da vida, achavaõ nelle ſantas admoeſtaçoens, com que partiaõ conſolados. Mas o trabalho intoleravel pera hum ſó corpo, lhe abreviou os dias, e em fim acabou nelle.

A grande vizinhança, que a Cidade de Leyria tem com o Real Convento de S. Domingos da Batalha, foy cauſa, que tanto que o povo ſe inficionou da peſte, lhe foy pedir o Padre Frey Jeronymo do Roſario, filho da meſma Caſa: E eſtimando mais o bem dos proximos, que a vida propria, continuou na terra, confeſſando, e ſacramentando todos os doentes, em quanto o trabalho durou.

Mas tudo venceo a força do mal, e da caridade, que vimos na grande, e nobre Villa de Guimaraens. Entrou a peſte rigoroſiſſima, e ao meſmo paſſo foy o Eſpirito, e valor, com que os Frades do noſſo Convento ſe lhe oppuzeraõ. Ardia a terra, ordenouſe com bom conſelho caſa ſeparada pera cura, e recolhimento dos neceſſitados. Mas convinha, pera naõ perecerem ao deſemparo, arriſcaremſe a acabar com elles alguns ſãos. Tomaraõ eſte cargo, ſem ſerem rogados, mas offerecendoſe a elle voluntariamente, os Padres Frey Gaſpar das Chagas, natural da meſma Villa, mas filho do Convento de Bemfica, e Frey Jorge dos Anjos. Faziaõ ambos os officios ambos de Martha, e Maria. Acudiaõ a curar os feridos, e darlhes o mantimento corporal, e juntamente o mais principal dos Sacramen-

cramentos, e conſolaçaõ da ultima hora. He grande o ſacrificio, temeroſo o martyrio; e por grande que ſeja o animo dos que a elle ſe atrevem, raramente ha quem eſcape. Aſſi durou poucos dias Frey Jorge. Mas naõ faltou no Convento, quem ſe oppuzeſſe ao lugar, e ao perigo. Foy o Padre Frey Joſeph da Fonſeca, naſcido em Aveiro, e filho da profiſſaõ do Convento d'Evora: entrando animoſamente, e acompanhando á Frey Gaſpar, era de ver, como vencia com fervor de caridade a complexaõ natural, que era muy debil. E como trabalhava ſobre as forças, duroulhe a vida muito á comparaçaõ do que aturava, e ſofria. Deulhe a contagiaõ, conſumioo em hum momento: E a Alma purificada no fogo della, foy gozar dos premios eternos. A Frey Gaſpar guardou Deos pera remedio dos pobres na doença, e dos deſemparados na ſaude. Viveo até o cabo da peſte neſte Collegio de amor do proximo, e pedra de fino toque das Almas, em que mora. Chegaraõ os feridos, que curou (que com eſte nome ſe declara eſta infirmidade, como dada com ſetas do Ceo) a numero de ſeis mil: E deſtes eſcaparaõ com vida quaſi os tres mil. Os mortos, e os vivos confeſſavaõ dever a Frey Gaſpar, e a ſeus companheiros, huns o remedio das Almas, outros o corporal. Pera mais merecimento de Frey Gaſpar, e da ſanta empreſa, deixoulhe Deos á ſua conta hum grande bando de mininos, que naõ conheciaõ outro pay, nem mãy. Porque os naturaes lhes tinha levado a peſte, e eraõ taõ piquenos, que quaſi todos eſtavaõ mais neceſſitados de quem lhes fizeſſe officio de mãy, que naõ de pay. Mas elle fazia ambos, como bom filho de S. Domingos. Eraõ cento, e ſincoenta. Teveos a ſeu cargo, buſcou eſmollas, e ſuſtentouos até os encaminhar onde tiveſſem criaçaõ no preſente, e remedio no futuro.

Pouco depois dos annos, em que vamos, porque naõ ficaſſe nenhuma parte deſtes Reynos livre da grande affliçaõ da peſte, com que Deos foy ſervido caſtigarnos, chegaraõ a inficionar as terras do Algarve: Moſtrou o Senhor, que eraõ tiros de ſua ira, e verdadeira pena de peccados. Correo todos os lugares daquelle Reyno com graviſſimo dano. Apontaremos ſó o que paſſou a Cidade de Faro, que ſervirá pera exemplo, e pera eſcuſarmos tratar das outras, tambem pera eſtimarmos, como ſoube acudir aos verdadeiros remedios de todo o mal, que ſaõ os do Ceo. Andava a contagiaõ ſem freyo, naõ avia caſa livre. Poz o Senhor miſericordioſo no coraçaõ de hum bom vizinho, que procuraſſem valerſe dos Santos, e lançando ſortes, aquelle tomaſſem por Patraõ, e Valedor, que nellas lhe deſſe o meſmo Deos, ſem cuja licença nem as folhas das arvores fazem movimento. Agradou em geral a propoſta, reparteſe em piquenos eſcritos huma grande Ladainha dos Santos, creſce o fervor, e a devaçaõ apertada da neceſſidade. Sahe por Remediador, e Advogado o Grande Thomás de Aquino, Doutor da Igreja, e filho de S. Domingos. Parece, que foy Eſpirito do Ceo o que a todos tocou. Taõ contente ficou

cou todo o povo com a ſorte, que naõ ouve homem, que daquelle ponto em diante fizeſſe mais conta da peſte: E ordenando logo huma devota Prociſſaõ, que ſe cerrava com a Imagem do Santo, fez o governo da Cidade hum auto de grande fé, e da confiança, que tinhaõ no Padroeiro. Tomaõ as chaves da Cidade, e metemlhas na maõ, como que nellas lhe entragavaõ a ſaude, e a ſalvaçaõ de todos: E apoz iſto, como ſe a peſte fora de todo acabada, mandaõ levantar Bandeira de Saude, grande: e maravilhoſo poder da Fé! Foy couſa averiguada, e certa, que onde dantes ardia como fogo a corrupçaõ, naõ ſe ſentio mais nem hum minino final della. Agradecida a Cidade fez dous autos de agradecimento ao Santo: Primeiro determinarſe em celebrar aquelle dia, que foy aos ſinco d'Agoſto, com huma Prociſſaõ perpetua de cada anno: Segundo levantarlhes huma Capella, e Confraria na Igreja Matriz, em que he celebrado ſeu dia, e nome por todos os Nobres da terra.

CAPITULO XII.

Dos Religioſos da Ordem de S. Domingos, que acompanharaõ a elRey Dom Sebaſtiaõ, e ſeu exercito na infelice jornada d' Africa.

SUccede aos annos, em que vamos, outro ſerviço naõ menos importante, que os que deixamos contados, que a noſſa Ordem fez ao Reyno, e ao Rey delle. Entra o anno de ſetenta e oito, de triſte, e magoada memoria, que ſempre o ſerá pera Portugal: Memoria, que naõ ſó receya o animo renovar; mas dezeja fugir, e furtarſe a cuidar nella. Com os infortunios da peſte do anno de 569. foy força juntar todos, os que o ſeguiraõ da meſma qualidade nos tempos adiante, que he a ordem, que ſeguimos em todos os ſucceſſos, quando ſaõ de huma meſma qualidade, por naõ interrompermos o fio da Hiſtoria, ſobreſaltando, e dando acada hum ſeu anno particular, como em outra Parte deixamos advertido. Tomou elRey Dom Sebaſtiaõ ſobre ſy, e contra o conſelho de todos, os que lho podiaõ dar, a infauſta determinaçaõ de paſſar aos campos de Africa em favor de Muley Mahamet Xarife, deſpojado do Reyno por Maluco ſeu tio. Paſſou a Arzilla com huma poderoſa Armada tudo, o que avia de forças em Portugal: Exercicito taõ luzido, que baſtava pera maior empreſa, ſe fora bem governado. Acudiraõ todas as Religioens a acompanhar ſeu Rey: Naõ faltou a de S. Domingos. E dos melhores ſogeitos, que tinha, empregou dezanove em o ſervir, entrando nelles o Provincial, que entaõ era Frey Joaõ da Sylva. Diremos os nomes de todos, que naõ he rezaõ, fique nenhum em eſquecimento, e eſquecido. Apoz o Provincial logo o primeiro em qualidade de letras, e annos foy o Padre Frey Ayres Correa, Meſtre em Theologia, e ſeguiraõſe o Preſentado Frey Chriſtiano Simoens, Framengo de Naçaõ, e Preſentado na Ordem, Frey Lopo de Souſa, que fora Vigario da Ordem neſta Provincia, e Prior de Lisboa, e de

outras

outras Caſas, Frey Manoel da Coſta, que fora Prior de S. Gonſalo d'Amarante, e da Serra d'Almeirim, Frey Antonio de la Cerda, que depois foy Provincial, e Vigario geral da Provincia, Frey Gaſpar d'Aveiro, Frey Joaõ da Coſta, Frey Vicente da Fonſeca, Preſentado, que depois foy Arcebiſpo de Goa, e Primás do Oriente, Frey Aguſtinho da Coſta, Frey Thomás de Sequeira, Frey Antonio Mendes, Frey Manoel do Roſario, e Frey Lourenço de Santo Thomás. Eſtes eraõ todos Prégadores. Juntaraõſelhe Frey Manoel de Souſa, Religioſo muito nobre, e por ſua grande virtude muito aceito a elRey, e Frey Franciſco Coelho, e Fr. Sebaſtiaõ de Goes, eminente Surgiaõ, de quem temos feito memoria em outra Parte; e dous Irmãos Converſos, hum pera ter cargo da Enfermaria, que era Frey Diogo da Piedade, e Frey Antonio de Santo Aguſtinho pera ſer Sachriſtaõ.

Chegada a Armada a Arzilla, como era já por fim de Julho, tempo, em que o Sol por toda a parte faz effeitos de fogo, e maiores na terra de Africa, foraõ os primeiros, que começaraõ a ſentir a differença do clima, e deſtemperança dos ares, a gente dos Tudeſcos, que hia no exercito. Fazia grande laſtima a furia, com que os derribava a doença. Como era o primeiro trabalho, que ſe offerecia, adiantouſe o Provincial a lançar maõ delle. Deu cargo de os curar ao Padre Frey Sebaſtiaõ de Goes, que inda que ſua profiſſaõ era Surgia, tinha de medicina baſtante conhecimento, e experiencia. Era lingoa ſua, pera o que tocava ao Eſpirito, o Padre Frey Criſpiniano; pera o remedio, e cura corporal acudiaõ outros Padres. Eraõ as febres ardentes, e o mal taõ perniciоſo, que ſe pegou logo aos Enfermeiros: E morreraõ brevemente os Padres Frey Lourenço de Santo Thomás, e Frey Manoel do Roſario. E como o Padre Provincial era Superintendente deſta Enfermaria, acudindo peſſoalmente, e com caridade a ver o que ſe fázia, foy ſalteato de huma febre taõ venenoſa, que a deraõ os Medicos por mortal, e deſconfiado de ſua ſaude, tomouſe por meyo, que ſahiſſe da terra, pera ares menos inficionados, do que já eſtavaõ os de Arzilla com a multidaõ da ſoldadeſca: Paſſouſe pera Tangere, Cidade da meſma Coſta, mas ſadia de Ceo, e deſabafada da gente.

Entrou o exercito com ſeu Rey pola terra dentro, demandando a Cidade d'Alcacere Quibir. Deuſe a infauſta batalha, que foy remate da vida pera tres Reys, ao de Portugal, e ſeu companheiro Mahamet com as eſpadas na maõ, vendendo a vida a preço de muito ſangue inimigo: ao Maluco vitorioſo, com doença de que já vinha apertado, e neſta conjunçaõ o acabou. Acabaraõ neſte dia todos os Frades Dominicos, excepto alguns, que obrigados da doença ſe paſſaraõ a Tangere em companhia do Provincial: E outros ſinco, que ficaraõ cativos, que foraõ Frey Antonio de la Cerda, Frey Joaõ da Coſta, Frey Franciſco Coelho, Frey Vicente da Fonſeca, e Fr. Thomás de Sequeira. Do que

a eſte Padres ſuccedeo depois de cativos, e ao Padre Provincial em ſua doença, diremos brevemente. O Provincial foy paſſando ſua doença, e naõ ſem eſperanças de ſaude; até que foy certificado do desbarate, e morte d'elRey Dom Sebaſtiaõ: No qual ponto contaõ, os que que foraõ preſentes, que ſem dizer palavra, nem fazer outro movimento, ſe virou pera a parede, e deu remate a ſeus dias. Tanto póde huma dôr, e bem empregado ſentimento. Era Religioſo por todas ſuas partes digno de longa vida, e melhor fortuna: Muito caritativo com os doentes, muito pobre, e amigo dos pobres. Contaſe delle, que nunqua viſtia Habito novo. E quando lhe davaõ algum, logo o trocava por outro já trazido, e uſado: Nem tinha de ſeu outro Habito, nem Eſcapulario, ſenaõ o que trazia veſtido: E depois de Prior de Santarem, Bemfica, e Lisboa, naõ ſe via na ſua cella couſa, em que a cobiça pudeſſe fazer preſa, mais que alguns livros: E eſſes poucos, e neceſſarios pera o miniſterio da Prégaçaõ, que com muito goſto, e beneficio dos ouvintes exercitou ſempre. Foy muito zeloſo do bem commum, aſſi no que tocava á obſervancia da Ordem, como ás neceſſidades da Republica ſecular, em que ſe empregava de boa vontade, e facil entrada, e benevolencia, que ſempre teve com elRey. Ao que juntava grande curioſidade no culto Divino, e particular devaçaõ ao Santo Roſario. Devemoslhe eſta memoria aqui; porque a naõ fizemos entre os filhos de Lisboa, onde era propria, polo ſer della, ſe nos naõ parecera, que tinha aqui mais conveniente lugar; e ſem repetiçoens, de que ſempre fugimos.

Os Padres cativos mandou elRey Mouro recolher na Sejana em companhia dos Fidalgos, e mais peſſoas de reſgate, parecendolhe, que lhes naõ faltaria tambem a elles por Religioſos, como naõ faltou. Aproveitaraõſe elles do lugar, e occaſiaõ, pera tornarem ao miniſterio Religioſo: Levantaraõ Altar, rezavaõ, e diziaõ ſua Miſſa todos os dias. Cantos eraõ do Senhor em terra alhea: Mas de grande conſolaçaõ, e alento pera os animos atribulados. Acudiaõ os mais dos cativos aos Domingos, e dias Santos: E como ſe foy entendendo, que naõ avia contradiçaõ de parte dos Mouros, que antes de ordinario eraõ pacificos ouvintes, celebravaõſe os Officios Divinos com muita ordem, e concerto. Deu os ornamentos, e algumas Imagens, e retabolos Dom Franciſco de Portugal, filho mais velho do Conde do Vimioſo, que com ſua grande liberalidade, e zelo, reſgatou por muito dinheiro. Juntavaõſe ao Coro, pera naõ faltar Muſica, Capelloens d'elRey, e do Duque de Barcellos. Prégavaõ os noſſos Frades. Com eſta ordem chegando a Quareſma, ouve Completas ſolemnes todas as ſemanas, nas Terças feiras, Quintas, e Sabbados, acompanhadas muitas vezes de Prégaçaõ. E quando chegou a Semana Santa, ſe fizeraõ os Officios Divinos com toda a ſolemnidade, que pudera ſer, ſe toda aquella companhia ſe achara livre, e em terra de Chriſtãos. Porque alem

de huma devota Prociſſaõ, que ouve á Quinta feira á noite de muitas lagrimas, e ſangue de diſciplinantes; tendo commungado os mais dos Fidalgos, pola manhãa tiveraõ deſencerrado o Santiſſimo Sacramento vinte quatro horas, com muy decente apparato, e ſem nenhum temor, nem ſobreſalto. Porque alem de terem as portas da Sejana firmemente trancadas, e aver diligente vigia nellas, eſtavaõ providos de páos ferrados (que outras armas naõ eraõ conſentidas dos Mouros) pera em caſo, que ſe intentaſſe alguma irreverencia, porem todos as vidas por honra do Senhor, e da Fé. Cerrouſe a Semana com paz, e grande conſolaçaõ, e com huma ſolemne Prociſſaõ no Domingo de Paſchoa. Era o Prégador mais continuo o Preſentado Frey Vicente da Fonſeca, que juntando grande eloquencia natural com o muito eſtudo, que tinha de boas letras, faziaſe ouvir com attençaõ, e goſto de todos os noſſos, e até dos Judeos Rabinos, que, como em ſua cegueira ſe prezaõ de Sabios, acudiaõ em grande numero ás Prégaçoens; e ainda que o fim era mais curioſidade, que aproveitamento, foy Deos ſervido, que abriraõ os olhos alguns, pera conhecerem a luz, e ſe virem depois a converter. Entre os Mouros Renegados, que tambem chegavaõ a ouvir a Doutrina Santa, fez ella tornar ſobre ſy o Alcayde Ali, que, por memoria de ſer Portuguez, era conhecido polo nome de Ali Rapoſo, e com elle ſua molher Cayda: E depois lhes bautiſou hum filho com grande contentamento de pay, e mãy, como deixamos contado em outra Parte. P.1.l.3.c. 6.da Cronic. de. S. Domingos.

CAPITULO XIII.

Do fim, que teve a cauſa antiga de precedencias, que corria em Roma, e como foy ſentenceada em favor da Ordem de S. Domingos, contra as de Santo Aguſtinho dos Eremitas, de N. Senhora do Monte do Carmo, e da Santiſſima Trindade.

HE de ſaber que, ſendo eleyto em Provincial deſta noſſa Provincia de S. Domingos polos annos de 1547. o Padre Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha, como atraz fica tocado; e ficando vago o Priorado de S. Domingos de Lisboa, que elle governava, foy poſto em ſeu lugar o Padre Meſtre Frey Thomás Manrique, chegado de poucos dias da Provincia de Eſpanha, com perfilhaçaõ pera eſta de Portugal. Começando eſte Padre a ſervir ſeu cargo, eſtranhou muito aos noſſos Frades naõ fazerem diligencia por ſerem reſtituidos á poſſe antiga, que tinhamos neſte Reyno, e em todos os de Eſpanha, de precedermos em todos os autos publicos, e Prociſſoens ás tres Ordens de Santo Aguſtinho dos Eremitas, de Noſſa Senhora do Monte do Carmo, e da Santiſſima Trindade. Se o faziamos, por eſcuſar litigios, era frouxidaõ: Se por conſervar humildade, era culpa, naõ virtude, pois della reſultava detrimento pera toda a Religiaõ, que naõ ſó em todo o reſto da Chriſtandade tinha primeiro, e mais eminente lugar; mas tambem dentro na Cidade de Roma, na

Capel-

Capella do Summo Pontifice, e em ſua preſença. Por eſtas rezoens determinou o bom Padre a pôr em juizo a cauſa; e na primeira occaſiaõ, que ſe offereceo, mandou fazer juridicos proteſtos ás tres Ordens, pedindo nos largaſſem o lugar, que uſurpado nos tinhaõ, e nos pertencia entre as Ordens Mendicantes: Paſſou o negocio a Roma: Correo largos annos. Até que finalmente ſe veyo a ſentencear em tempo do Papa Clemente VIII. de felice memoria, no anno de 1602. pouco menos de ſeſſenta depois de começada a demanda. O theor da ſentença lançaremos em vulgar, pera maior noticia do caſo: Sem embargo, que a poſſe, em que eſtamos, o faz mais pudlico, que todo outro inſtromento judicial. Segueſe a ſentença.

CHriſti nomine invocato. *Por eſta noſſa ſentença, que ſentados em noſſo Tribunal, e tendo ſó a Deos diante dos olhos, de conſelho de Letrados damos por eſcrito na cauſa, e cauſas, que ante Nós correm entre os Reverendos Senhores, o Prior, Frades, e Convento de S. Domingos da Cidade de Lisboa, e outros Frades da Provincia, e Reyno de Portugal, da Ordem dos Prégadores Authores de huma parte, e os Reverendos Frades Ermitaens de Santo Aguſtinho, e da Santiſſima Trindade, e Noſſa Senhora do Monte do Carmo, todas das Cidades, e Dioceſes de Lisboa, Evora, Santarem, Coimbra, e Porto, Reos convindos da outra parte, ſobre a execuçaõ das Letras Apoſtolicas, cuja data he em Roma* ad Sanctum Petrum ſub Annulo Piſcatoris, *aos dezaſeis dias de Março do anno de* 1600. *acerca do modo de hirem nas Prociſſoens, que polo tempo em diante naquellas partes ſe fizerem; e de virem a ellas, e obedecerem a noſſas Letras monitoriaes, pera ſua execuçaõ por nós decernidas, e a elles legitimamente intimadas, e nos autos judicialmente repreduzidas, e ſobre outras couſas nos autos da dita cauſa, e cauſas mais largamente deduzidas por eſta occaſiaõ: Dizemos, pronunciamos, determinamos, e declaramos os ditos Reverendos Prior, e Frades de S. Domingos da Ordem dos Prégadores da dita Provincia nas ditas Prociſſoens, e Congregaçoens de quaeſquer Concilios Geraes, Provinciaes, e Sinodaes, e em todos os mais autos, e funçoens quaeſquer, publicas, ou particulares, que polo tempo adiante ſe fizerem, ſegundo a for-*

ma das ditas Letras precederem aos ditos Frades de Santo Aguſtinho, Santiſſima Trindade, e Noſſa Senhora do Monte do Carmo, e terem, e deverem de ter mais digno, e honrado lugar; ſegundo Nós queremos, que os ditos Frades da Ordem dos Prégadores precedaõ, e tenhaõ mais digno lugar. E mandamos aos ditos Ermitaens, e Frades da Santiſſima Trindade, e de Santa Maria de Monte Carmelo, que venhaõ ás Prociſſoens, e Congregaçoens, que polo tempo ſe fizerem, e ſejaõ a iſſo obrigados, ſegundo forma das ditas Letras Apoſtolicas, e de noſſas Letras monitorias, e que os ditos Frades de Santo Aguſtinho, Santiſſima Trindade, e Noſſa Senhora de Monte Carmelo, devem de ſer niſſo condenados, como Nós os condenamos. E pera iſſo decernimos, e relaxamos qualquer mandado noſſo pera tal effeito neceſſario, e opportuno: E lho concedemos, e mandamos, lhe ſeja concedido outro ſim pola dita noſſa ſentença, dizemos, pronunciamos, determinamos os ditos Frades partes adverſas; ſe em termo de quinze dias, depois que o inſtrumento das preſentes particularmente lhes for intimado, ou por affixaçaõ das portas das ſuas Igrejas, naõ obedecerem ás ditas Letras Apoſtolicas, e ás noſſas monitoriaes; e com effeito naõ vierem á primeira Prociſſaõ, e ás outras ſucceſſivamente, e aos ſobreditos autos; e naõ derem a dita precedencia aos Frades Prégadores aſſima ditos, e nos ditos autos reproduzidos, conteudos dagora pera entaõ in juris ſubſidium, encorreraõ em pena de ſuſpenſaõ á Divinis, e em outras Eccleſiaſticas ſentenças, cenſuras, e penas conteudas nas ditas Letras monitoriaes a elles intimadas, e nos autos reproduzidas, por naõ obedecerem a ellas, e por taes devem ſer publicamente denunciados. E pera iſto mandamos, lhe ſejaõ concedidas Letras de ſuſpenſaõ neceſſarias, e opportunas, e aos ditos partes adverſas condenamos em todas, e cada huma das cuſtas, por parte dos ditos Frades da Ordem dos Prégadores legitimamente feitas: cuja taxa reſervamos para Nós, ou pera aquelle, a quem de Direito ao diante pertencer: Naõ ſó no modo, e forma aſſima dita, mas em todo outro melhor modo. Aſſi o pronunciey eu Thomás Lapio Loco Tenente.

te. Dada em Roma em noſſas pouſadas. Anno do naſcimento do Senhor 1602. *Indiçaõ* 15 *aos trinta dias do mez de Março, e do Pontificado do Santiſſimo em Chriſto Padre, e Senhor noſſo, Clemente pola Divina Providencia Papa VIII. anno decimo.*

CAPITULO XIV.

Em que ſe contem a Vida, e morte do Padre Frey Conſtancio Magni da Ordem de S. Domingos, que faleceo na Cidade de Marrocos em Africa.

P. 2. l. 2. c. 7. deſta Cron.

AS meſmas rezoens, que nos obrigaraõ a fazer mençaõ em outra Parte deſta Cronica da Prégaçaõ, e horrendo caſo, que a ſeguio, do Padre Frey Alonſo de Toledo, na Ilha de S. Miguel, ſendo filho da Provincia eſtranha, e em nada pertencente a eſta de Portugal, nos fazem agora força, pera darmos huma breve noticia neſte lugar do grande Eſpirito de Fr. Conſtancio Magni, naſcido em Italia, e morto em Berberia. Ajuntaſe, que como a Ordem de S. Domingos tem Convento em Africa, que he na Cidade de Tangere, com antiguidade de mais de duzentos annos, ficaõ juſtamente pertencentes a eſta Hiſtoria todos os ſucceſſos, que nella acharmos de Frades de S. Domingos, e de honra, e credito de noſſa Religiaõ. Naſceo Frey Conſtancio em Piſtoya, Cidade da Toſcana, de pays Nobres. Sendo moço eſtudou Humanidades, e paſſou á Theologia. Neſte tempo foy prevenido das bençoens do Senhor. Porque vivendo ainda ſem ſugeiçaõ, nem vinculo de Religiaõ, fez voto de Caſtidade, e Pobreza. E pera ſe valer de armas contra o Inimigo commum da virtude, ajuntou outro voto muito importante a tal fim, que foy de naõ comer carne, nem beber vinho. Neſte eſtado lhe pareceo todavia, que ſeguraria mais a mercadoria, e theſouro do Ceo, ſe o eſcondeſſe nos clauſtros da Religiaõ; e eſcolheo a de noſſo Padre S. Domingos, e nella profeſſou. E como já era Theologo, foy logo mandado exercitar o miniſterio da Prégaçaõ. Succedeo acharſe em Roma por fim do anno de 1593., e ouvir contar grandes, e exquiſitos tormentos, com que os Turcos tinhaõ martyrizado em Argel dous Padres de S. Franciſco, e outros dous da meſma Ordem em Tunes, eſtando por ordem do Papa reſgatando cativos. Enchiaõſe de pavor os ouvintes, e elle abraſavaſe em fogo de inveja de acabar a vida em ſemelhante carreira: E cuidando muitos dias na gloria, que he pera hum Chriſtaõ ſer Martyr por Chriſto, em fim reſolveo comſigo hirſe por qualquer via, que pudeſſe a terra de Mouros, nella viver, ſervindo aos Chriſtãos, e prégando a Chriſtãos, e Mouros, e eſperar, ſe ſeria Deos ſervido darlhe a boa ſorte, a que ſua Alma aſpirava, de morrer por elle. Com tal determinaçaõ procurou, e alcançou licença

cença do Papa Clemente VIII. e achandoſe em Palermo de Sicilia, embarcou em huma náo, que paſſava pera Lisboa, e avia de tomar terra em Valença. Era ſeu dezenho ficarſe em Valença, pera dalli paſſar a Argel, ou a Tunes com a primeira occaſiaõ, que ouveſſe de navio. Mas a Divina Providencia, que o tinha guardado pera maior ſerviço ſeu, e remedio de mais numero de gente, e mais neceſſitada, ordenou, que na meſma paragem da terra, em que cuidava ficar, ſe levantou hum temporal taõ forte, que ſem poder alfazer, foy a náo correndo até Gibraltar, e alli tomou porto. Naõ deſeſperou Frey Conſtancio, vendoſe lançado taõ longe do que buſcava. Foyſe entretendo com officios de caridade, polos quaes, e pola ſingular abſtinencia, que guardava, era eſtimado, e amado de toda a terra: Até que aportou nella huma Setia, que fazia ſua viagem pera Barcelona. Alegre com tal paſſagem, aſſentou com os marinheiros embarcar com elles; e naõ tardou em juntar ſeus livrinhos, e algum pouco de mantimento, e tornarſe ao mar. Nèſte caminho o veyo buſcar hum homem deſatentado, e affligido, pedindolhe quizeſſe moſtrar ſua caridade em hir confeſſar hum deſemparado mancebo, que eſtava paſſado de eſtocadas a meya legoa do lugar: E naõ achava quem lhe quizeſſe acudir com a brevidade, que o caſo pedia. Aqui entrou em contenda, e receyo de perder a embarcaçaõ, com o officio da caridade. Venceo a caridade, foy correndo ao ferido, que achou aſſaz neceſſitado. Porque as feridas eraõ mortaes: E naõ corria menos perigo o eſtado de ſua Alma, polo eſtrago de coſtumes, em que tinha paſſado a vida; mas valeolhe o Medico com ſeu fervor, e Eſpirito, e ſantas admoeſtaçoens. Demaneira, que morrendo logo, naõ ouve quem duvidaſſe, que fora effeito da Predeſtinaçaõ, acharſe com elle Frey Conſtancio a tal tempo: taõtas foraõ as lagrimas, tantos os effeitos da verdadeira Contriçaõ. Naõ ſe contentou Frey Conſtancio com o que tinha feito: gaſtou algumas horas no Officio da ſepultura. Porem, quando tornou, achou partida a ſua embarcaçaõ. E entendendo daqui, que naõ era Deos ſervido da jornada, que trazia no penſamento, começou a tratar doutra com o meſmo fim nos effeitos, mas naõ nos lugares.

A grande vizinhança, que Gibraltar em Eſpanha tem com a Cidade de Ceyta em Africa (que naõ ha mais diſtancia de hum lugar a outro, que a do mar, que os divide, e eſte he aqui taõ eſtreito, que ſe contaõ ſó tres legoas de traveſſa em meyo) he cauſa, que ſeja a communicaçaõ, e trato de ambos continuo. Aqui ſoube Frey Conſtancio de moradores de Ceyta, praticos nas couſas de Berberia, que naõ padeciaõ menos trabalhos em Marrocos os cativos Chriſtãos, que os de Argel, e Tunes: Nem tinhaõ menos neceſſidade no Eſpiritual. Deuſe por obrigado logo com tal informaçaõ a procurar por todas as vias, que pudeſſe hirſe pera elles. E pera tentar ſe acharia meyo pera entrar por Ceyta, communicou o penſamento ao Marquez de Villa Real, que agora

agora he Duque de Caminha, e entaõ era Governador de Ceyta, de que tambem he Senhor. Reſpondeolhe o Marquez com toda brandura, e humanidade de grande Princepe, e muito Chriſtaõ, mas declarando, que pertendia huma impoſſibilidade; porque nem o Rey Mouro daria licença pera ſua entrada, nem elle acharia quem em ella ſe atreveſſe a levallo publico, nem eſcondido; porque naõ arriſcava menos, que vida, e fazenda quem tal fizeſſe. Mal ſofre contradiçaõ, no que pertende, hum animo reſoluto. Quiz tocar com as mãos o que ouvia por palavra. Paſſaſe a Ceyta, onde reſidio quaſi hum anno, e ſe fez taõ aceito na terra com ſua Prégaçaõ, e coſtumes, que levava traz ſy os coraçoens de todos. E o Marquez, polo agradar, eſcreveo com efficacia à hum honrado Valenciano, que a titulo de mercador reſidia entre os Mouros, e era Agente d'el-Rey de Eſpanha, quando ſe offereciaõ negocios com o Xarife, lhe procuraſſe a licença. Mas naõ ſervio mais eſta diligencia, que de deſengano final pera Frey Conſtancio, que naõ tinha que eſperar de Ceyta. Tornouſe entaõ a Gibraltar com novo dizenho de procurar a entrada por Mazagaõ: E offerecendoſe a cabo de tres mezes embarcaçaõ pera aquella Praça, foyſe a ella. Aqui naõ eſteve mais tempo, que em quanto paſſou a Quareſma, que era entrada quando chegou: E nella ſe ouve com tanto Eſpirito, como quem fazia conta, que ſeria a ultima, que avia de ter em terra de Chriſtãos. Acabada a Quareſma, na primeira ſahida, que o Capitaõ fez, ſe deixou ficar no campo, offerecendo a Deos os juizos, e má opiniaõ, a que ſe condenava entre os Portuguezes; porque a nenhum quiz dar parte do que fez. A duas legoas de Mazagaõ tem os Mouros outra Praça, que em tempos antigos foy ſenhoreada de Portuguezes, chamamaſe Azamor: Como entrou a noite, caminhou pera ella, e quando amanheceo, ſuccedeolhe a pedir por boca o que imaginava. Deraõ com elle Mouros, que ſahiaõ do lugar: Levaõno ao Alcayde, que a boa conta o mandou carregar de ferros, e pouco depois o levou a Marrocos, onde tambem tinha caſa, porque era a ſegunda peſſoa do Reyno, e Alcayde dos Alcaydes, e muy conhecido polo nome de Soffiane. Aſſi entrou Fr. Conſtancio a pezar de toda a Mouriſma em Marrocos.

Tinha já Frey Conſtancio fama, e nome entre os cativos honrados, que ganhara no tempo, que reſidira em Ceyta, e Mazagaõ. Eſcreveolhes logo huma carta chea de ſeu Eſpirito, e fazendolhes ſaber, que o naõ levava outra couſa a Marrocos, ſenaõ hum vivo dezejo de ſer participante de ſeus martyrios, e coroas, e de ſervir, e conſolar a todos: E por tanto ſe avizaſſem, que de ſeu reſgate ninguem trataſſe. Mas elles entendendo, que naõ tinhaõ outro remedio, pera ſe valerem de ſua doutrina, ſenaõ tendoo comſigo reſgatado, e livre, offereceraõ juntar entre ſy tudo, o que o Alcayde por elle pediſſe. E dando o cargo a Antonio de Saldanha d'Albuquerque, e a Diogo Marim, que o fizeſſem logo contar, repartiraõ entre ſy

a

a ſoma do reſgate, com tanta vontade, que amanhecendo o dia ſeguinte, eſtavaõ juntos, e paſſados quaſi mil Cruzados em ouro, que foy tudo, o que o Mouro quiz. Deſte dia em diante começou Frey Conſtancio hum genero de vida de grande edificaçaõ, e conſolaçaõ pera todos. Dizia ſua Miſſa duas horas ante manhãa, acompanhada nos Domingos, e dias Santos de Prégaçaõ, que fazia com tanto Eſpirito, que muitos Renegados, compungidos do que lhe ouviaõ, ſe ficavaõ na Sejana, pera com elle tratarem do remedio de ſuas conſciencias. Depois de amanhecer caminhava pera o Hoſpital dos pobres Chriſtãos, curando, esforçando, e conſolando a todos, ſacramentando primeiro os que tinhaõ neceſſidade. Apoz iſto buſcava os cativos antigos, e ſãos, converſava com elles: E a voltas de boa converſaçaõ tratavalhes dos bens do Ceo, e das penas do Inferno. Davalhe Deos graça, com que tirou a muitos de peccados graves, e fez confeſſar a outros, que de dez, e doze annos naõ ſabiaõ, que couſa era Confiſſaõ: Mas naõ ſe deſcuidava de ſy com o muito, que fazia polos proximos; lembrado do que diz S. Paulo, que convem ao Prégador Evangelico, pera naõ cahir no que reprehende aos ouvintes. Era ſua vida huma penitencia continua, jejuava o anno inteiro, e alem dos jejuns de ſua Ordem, ás Quartas, e Sextas feiras, e Sabbados, paſſava ſem mais, que paõ, e agoa: Sendo aſſi, que em nenhum tempo bebia vinho, como atraz diſſemos.

Com eſta ordem de vida continuou dous annos, e meyo, até entrar o de 1598. em que deu peſte em Marrocos com tanta furia, que, ſendo coſtume entre os Mouros naõ uſarem de nenhum reſguardo contra o mal, pode mais com o Xarife o medo della, que o preceito de ſua ley, que he naõ fugir, nem deſviar do açoute do Ceo, em quanto dura. Sahioſe da Cidade buſcando ares livres, e ſalutiferos. E foy o conſelho taõ acertado, que, depois de hido, ouve dia, que levou á ſepultura mais de quatro mil homens. E naõ falta quem affirme, que das ſinco partes daquelle grande povo, naõ ficou mais, que huma, quando ceſſou a contagiaõ. Que fariaõ em meyo de tamanho incendio os pobres cativos ſogeitos a barbaros, que nenhum remedio, nem deſvio faziaõ delle, e ſe deixavaõ morrer como brutos? Entaõ moſtrou Deos, que pera ſeu remedio lhes trouxera alli Frey Conſtancio: Averiguouſe, que de mais de quinhentos cativos, que neſta occaſiaõ pereceraõ, nenhum foy ſem Confiſſam, e a todos aſſiſtio na ultima hora, e aos mais ſacramentou com o Santo Viatico, que comſigo levava eſcondido, e diſſimulado em huma boceta piquena. E aos mais deſemparados acudia com remedios corporaes de Botica, galinhas, e doces. Sobre tam bom ſerviço quiz o Senhor acreſcentarlhe os merecimentos, permitindo, que ſentiſſe tambem o tormento de peſte: Mas deulhe tanto animo o zelo de acudir aos proximos, que tomou as febres ardentiſſimas em pé, e curou as poſtemas, que foraõ tres, ſem fazer cama, ſó por naõ faltar

tar aos affligidos, e pobres: Cujo remedio, e ſaude lhe dava mais cuidado que a propria. Durou a força do trabalho quatro mezes: E Frey Conſtancio ſempre conſtante, e com taes forças, que pareciaõ do Ceo. O que era, e foy cauſa de muitos, e naõ cuidados bens dos cativos pera entaõ, e pera o diante. Porque os mercadores Chriſtãos, e cativos nobres, e ricos, admirados de tanta caridade, acudiaõlhe com largas eſmollas pera o emprego preſente, e os que faleciaõ, todos lhe deixavaõ o que poſſuiaõ, pera que o gaſtaſſe, como lhe pareceſſe, ſem nenhuma limitaçaõ. E como foraõ tantos os mortos, e elle ſó o herdeiro, ou depoſitario, reſultou em huma ſoma mais groſſa, do que ſe póde crer. Mas o Padre deu della taõ boa conta, que brevemente a paſſou toda ao Ceo em favor dos defuntos. Porque no tempo do aperto, e tribulaçaõ da peſte repartia eſmollas com hum extremo de liberalidade a todo genero de neceſſitados, ſem reſpeito de ſer Chriſtaõ, Mouro, ou Judeo, o que lha pedia. Depois de paſſado o mal, deu noutro emprego de grande ſerviço de Noſſo Senhor: Reſgatava moços, e moças, que eſtavaõ em perigo de renegarem da Fé. E tal ouve, que lhe cuſtou de reſgate ſeiscentos Cruzados. A outros cativos ajudava com parte do em que eſtavaõ cortados, quando lhe conſtava, que naõ tinhaõ outro remedio de liberdade. E averiguouſe, que foraõ deſtes mais de trinta reſgatados. E no meſmo tempo, como entre os Mouros póde a cubiça mais, que os preceitos de ſua Seyta, contratava com os que eraõ praticos nos caminhos, paſſaremlhe a terra de Chriſtãos alguns Renegados Andaluzes, que obrigados de ſuas Prégaçoens tornavaõ ſobre ſy, e dezejavaõ reconciliarſe com a Santa Igreja: e eraõ já taõ publicos eſtes officios na terra, e o goſto, com que os fazia, que chegou a fama a levallos diante do Caddi, que em Berberia he como entre nós Juſtiça do Eſpiritual, ou Eccleſiaſtico: E eſte naõ tardou em dar conta a elRey, que mandou logo foſſe buſcado Frey Conſtancio, e levado á priſaõ dos Mouros, com ordem, que nenhum Chriſtaõ o viſſe, nem lhe conſentiſſem ter papel, nem tinta; e ſobre tudo, o carregaſſem de ferros de peſo de hum quintal. Foy dia de triumfo pera Frey Conſtancio, verſe aſſi tratado; ſendo de grande dór, e laſtima pera todos os Chriſtãos, que julgaraõ, naõ ſahiria dalli com vida. Paſſados vinte dias ſuccedeo, que viſitou a cadeya o Aquéme, acompanhado do Caddi. He Aquéme em Marrocos officio de juſtiça ſecular ſupremo, que reſponde entre nós ao Regedor de Lisboa; mas com muito aventejada authoridade, e juriſdiçaõ. Porque ſentencea verbalmente, até cortar pés, e mãos, e arraſtar, e matar: E tem por coſtume deſpejar a priſaõ de cada viſita, que faz. Tendo deſpachado a mór parte dos preſos, e parecendolhe, que naõ avia mais que fazer; foylhe dito, que ficava inda na priſaõ hum Chriſtaõ, que elRey mandou a ella com rigor. Mandado apparecer, e perguntado por ſuas culpas, reſpon-

deo com liberdade Chriſtãa, que naõ ſabia outras, ſenaõ eraõ aconſelhar a todo genero de homens o que pera ſua ſalvaçaõ lhes cumpria; o que fazia de boa vontade, viſto como tudo o da vida era momento, e paſſava como ſombra, e ſó ſe devia fazer conta dos bens d'Alma, que grangeaõ o Reyno do Ceo, pera que Deos creara todo homem racional. Era o Aquéme velho na idade, e de bom entendimento, e ſegundo ſe dizia, e alli o moſtrou, naõ mal inclinado pera os Chriſtãos. Fallou com elle hum eſpaço deſaſſombradamente (que até dos inimigos ſe faz eſtimar a virtude) e por fim lhe mandou aliviar o peſo das cadeas pola ametade, e que foſſe paſſado ao carcere dos Judeos, onde o pudeſſem viſitar, e conſolar os mais cativos. E naõ faltando quem o advertio, que eſtava alli preſo por elRey, reſpondeo, que a ira do Senhor pera com ſeu cativo, naõ era rezaõ, que paſſaſſe de huma hora.

Eraõ preſentes alguns cativos. Levaraõno em hombros, e com tanta alegria, como ſe de morto reſuſcitara a vida. O apoſento, que lhe deraõ, foy dadiva verdadeira de Judeos. Melhor lhe podemos chamar cova, que apoſento: Sete palmos de altura, e alguma couſa menos de comprido, ſinco de largo. Em tal eſtreiteza viveo o bom Padre quatro annos, e dez mezes, e alguns dias mais, até os vinte quatro d'Agoſto de 1604. No qual dia faleceo o Xarife, e lhe ſuccedeo na Coroa Muley Bufferes ſeu filho: Que como he lá coſtume ſoltaremſe todos os preſos no levantamento do novo Rey, mandou, que foſſe ſolto Frey Conſtancio, e entregue aos Chriſtãos. Tornado á Sejana, começou a entender em ſuas occupaçoens primeiras, de Miſſa quotidiana, e ſua Prégaçaõ de tanto Eſpirito, que bem ſe moſtrava, lhe rendera o aperto da priſaõ novos, e altos intereſſes do Ceo. Mas eſtava taõ extenuado de ſuas graviſſimas penitencias, que nunqua deixou no carcere ſobre o tormento dos ferros, e do ſitio, que tudo era intoleravel, que naõ durou mais, que mez e meyo. Depois deſte genero de liberdade, deulhe hum Prioris, que logo conheceo por remate da vida; e acabou dentro de dous dias. Porque o ſogeito naõ eſtava em eſtado de poder reſiſtir; e o Senhor queria coroar ſuas virtudes. Foy morte de Ciſne, que acaba cantando, tanto na paz, e alegria, com que a recebeo, como na efficacia das ſantas amoeſtaçoens, com que ſe deſpedio de todos os cativos em geral, e particular: Antonio de Saldanha, e Diogo Marim tomaraõ á ſua conta o Officio da ſepultuta, que ſe fez o melhor, que o tempo, e a terra ſofria, com mais lagrimas, que pompa, com mais ſaudades, e ſilencio, que vozes, nem cantos funeraes.

CAPITULO XV.

Fundaçaõ do Moſteiro de Freiras do Sacramento em Lisboa ſobre o Rio, junto á Ponte d'Alcantara.

PAſſava de trinta annos, que eſta Provincia naõ dava ouvidos a nenhum genero de fundaçaõ

daçaõ de Conventos, quando ſe offereceo huma, que por muitas rezoens pareceo digna de ſer aceitada, e eſtimada. Eraõ, os que a propunhaõ, o Conde do Vimioſo Dom Luis de Portugal, e a Condeça Dona Joanna de Caſtro Mendoça, ſua molher, Irmãa do Conde de Baſto Dom Diogo de Caſtro. E obrigava muito huma circunſtancia, que offereciaõ, que era, de mais do dote do Moſteiro, entregarem á Religiaõ de S. Domingos ſuas peſſoas com raro exemplo em gente de tanta qualidade, executando entre ſy hum ſanto divorcio. De ſorte, que ella tomaſſe o Habito, e profeſſaſſe na meſma Caſa, que inſtituiaõ: Elle no Convento de S. Paulo d'Almada. Muitas couſas faz parecer novas o ſerem muito antigas, ou eſtarem já eſquecidas no mundo. Semelhante caſo deu principio ao noſſo Convento de Noſſa Senhora da Piedade d'Azeitaõ, como atraz deixamos eſcrito, ſó com differença na authoridade, e partes das peſſoas, que eraõ muito inferiores, naõ no feito. Ouve duvidas ſobre a quantia do dote, que os Condes prometiaõ, que era de duzentos mil reis de juro, pagos nas rendas da Caſa do Vimioſo. Julgavaõ os Padres por muy curta porçaõ eſta, pera aver de ſahir della ſuſtentaçaõ das Religioſas, e a fabrica dos Clauſtros, que as aviaõ de agaſalhar. Quanto mais, que pera averem de guardar ſem mudança o ponto mais alto, e mais riguroſo da Regra de S. Domingos, como os Condes pertendiaõ, nenhuma couſa era mais conveniente, que poſſuirem tanta abundancia de renda, que eſcuſaſſem mendigar polo povo, e parentes (cuidado, e occupaçaõ de que ordinariamente naſcem relaxaçoens). Sobre tudo pareceo naõ encontrar a vontade dos Inſtituidores, entendendoſe, que a novidade, e titulo da Caſa, que avia de ſer do Santiſſimo Sacramento, chamaria tantos ſogeitos Nobres, e Familias ricas (como logo ſe foy vendo) que os dotes ſupririaõ pera o edificio, que ſe avia de levantar, e juntamente pera acreſcentar a renda. Ao que ſe juntou, declararem os Condes, que ſem embargo de ſer coſtume no Reyno, ficarem por donos da Capella Mór, e com titulo de Padroeiros as peſſoas, que dotaõ, e fundaõ qualquer Moſteiro; elles eraõ contentes de largar todo eſte direito: De que eſtava certo, averem de reſultar grandes intereſſes á Caſa: Porque naõ podia faltar polo tempo em diante peſſoa muito eminente em poder, e Nobreza, que pagaſſe com liberalidade a honra de tal jazigo, e tal Padroado.

Aceitado o Moſteiro pola Ordem, foy ſegundo cuidado tratar do ſitio, em que ſe lhe avia de dar principio. E como de preſente faltava cabedal pera a fabrica nova, e os Fundadores ſentiaõ mais, do que ſe póde dizer, qualquer hora, que ſe lhes dilatava o entregarſe a Deos na Religiaõ: Porque as grandes reſoluçoens perdem muitos quilates nos olhos do mundo, e até dos meſmos, que as tomaõ; ſe depois de publicas, e aſſentadas, correm com froxidaõ: trataraõ de tomar de aluguel hum apoſento nobre, e capaz de ſe poder encerrar nelle

a Condeça Fundadora com algumas Religioſas, que avia de tirar de Moſteiros da Ordem pera Meſtras da Obſervancia; e começarem juntas na forma de Religiaõ, que eſtava aſſentada. Eſcolheraõſe as caſas, que foraõ do Morgado, dos campos abaixo de S. Vicente de Fora, e ſobre o Bayro d'Alfama. E como ſe tomavaõ por interim, compuzeraõſe com pouco apparato, e brevemente de ſua Igreja, e Coro, e mais officinas: Permaneira, que aos nove do mez de Julho do anno de 1607. ſe acharaõ dentro em perfeita clauſura as Madres, que vieraõ pera fundar a Religiaõ, repartidos entre ſy os cargos ordinarios della. E a Condeça entrou em ſeu Noviciado. De fora ficou por Vigario o Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, que hoje he meritiſſimo Biſpo de Viſeu, acompanhado de Confeſſor, e Capelloens, ſegundo coſtume, e Ordem das noſſas Religioſas.

Compoſto, e aſſentado aſſi o material do Moſteiro, começou a correr no formal do Eſpirito, e Religiaõ, com tanto concerto, e verdadeira guarda do primeiro rigor, e auſteridade, que noſſo Santo Patriarcha introduzio na Caſa de S. Xiſto de Roma, que foy em grande extremo a edificaçaõ, que deu neſta Cidade, e o goſto, e bençoens, com que o recebeo o Illuſtriſſimo Dom Miguel de Caſtro, nunqua baſtantemente louvado Arcebiſpo della, e tio da Fundadora, Irmaõ de ſeu Pay. Seguioſe logo o que ſe tinha pronoſticado. Começaraõ a pedir o Habito muitas peſſoas de qualidade, naõ ſó nada eſpantadas das aſpereſas, que ſe contavaõ, mas antes convidadas dellas, e pera ellas alvoroçadas. O que foy cauſa, que o Vigario, paſſados poucos annos, ſe encheo de animo, e começou a tratar de lhes levantar morada propria, e perpetua. E reconhecidos muitos ſitios, veyo a eſcolher hum, que, tirado ſer fora dos muros, naõ podia achar melhor. Avia na eſtrada, que corre do Bayro, que chamaõ da Pampulha, pera a Ribeira, e Ponte d'Alcantara, hum eſtendido, pedaço de terra lavradia chaõ, e deſabafado, cuja largura capaz de hum grande edificio era da eſtrada pera o mar, e o comprimento corria dos fornos da cal, até pegar nos muros da quinta do Apoſentador Mór Lourenço de Souſa: quinta nobre, que fica ſobre a Ribeira d'Alcantara. E com ſer terra, que ſe lavrava cada anno, tinha o fundamento ſobre huma pedra viva. Eſta pedra deſcendo talhada, e pendente ſobre as agoas do Rio, onde com eſtreiteza correm, como em garganta apertadas com os montes altos d'Almada, faz o ſitio forte, pera bom fundamento do edificio, e taõ alto, e ſobranceiro, que fica Senhor de todo o Rio, e livre dos danos, e vizinhança da praya, que lhe lava os pés: Offerece defronte, como paynel, as rochas d'Almada, veſtidas em parte de verdura, parte ao natural deſcompoſtas: E contra a boca da Barra, larga, e fermoſa proſpectiva, até ſe perder a viſta no mar. Em tal ſitio, e no mais eminente delle foy o Vigario dezenhando o ſeu Moſteiro. E como começou a ter algum cabedal, naõ quiz dilatar

latar a fabrica, fiando, e dixando á conta de Deos os fins.

Era entrado o anno de 1612. aſſiſtia neſta Cidade de Lisboa Dom Frey Aleixo de Menezes, da Ordem dos Padres Eremitas de Santo Aguſtinho, Arcebiſpo de Braga, Primás das Eſpanhas, depois de ter governado muitos annos a Igreja de Goa na India Oriental, tambem Primacial della. Pediraõlhe as Religioſas, quizeſſe dar principio á Caſa de Deos, aſſentando por ſuas mãos a primeira pedra do edificio. Determinouſe o dia, que foy a a ſete de Janeiro do meſmo anno. Veyo o Arcebiſpo, e fez a Santa Ceremonia com grande ſolemnidade. A pedra levava entalhada a letra ſeguinte.

IEſu Domini, veri Filii Dei arcanæ Deitati, in bonæ gratiæ Sacramento, Vivo Pani immortalitatis alimoniæ, vitalis mortis Symbolo, divinique Amoris monumento, pauperes Sorores Dominicanæ, primitivæ Obſervantiæ voto, Domum in ſolo puro ſacrant, & nuncupant devotorum Comitum de Vimioſo fundatam reditibus.

Adſit quæ Deum cepit, Virgoque edidit, altrix Roſarii, & mundi utriuſque Domina, ter Beata Maria, una cum Sponſo Joſeph, & loci Patronis Servo Dominico, Virgineque Senenſi, & cum tota Cœlitum Aula, numine propitio. Sacrat Illuſtriſſimus Dominus D. Alexius Meneſius, Orientis olim Eccleſiæ, & nunc Hiſpaniarum Primas. Anno Domini 1612. Januarii die ſeptima.

Em vulgar reſponde-o o ſeguinte.

A Divindade do Senhor Jeſu, verdadeiro Filho de Deos: Divindade encuberta, e encerrada no Sacramento da boa graça: Ao Paõ Vivo, que he Mantimento de immortalidade, Symbolo de morte vital, penhor, e lembrança do Amor Divino, as pobres Freiras de S. Domingos dedicaõ, e conſagraõ eſta Caſa, com voto da primeira Obſervancia, em terra pura, e nova, de que ſaõ Fundadores com ſua fazenda, e rendas os devotos Condes do Vimioſo. Acudalhe com ſeu favor, e ajuda aquella Senhora, que em ſy recebeo a Deos, e o pario, ficando Virgem, Mãy do Roſario, Senhora de hum, e outro Mundo, mil vezes Bemaventurada

turada Maria, e acompanhemna ſeu Eſpoſo Joſeph, e os Padroeiros naturaes da Ordem, ſeu Servo S. Domingos, e a Virgem Catharina de Sena, com toda a Corte Celeſtial. Fez o auto da Sagraçaõ o Illuſtriſſimo Senhor Dom Aleixo de Menezes, Primás que foy da India Oriental, e agora o he das Eſpanhas, em ſete dias de Janeiro, anno de 1612,

Foyſe proſeguindo na obra deſte dia em diante, ſem levantar maõ, e com taõ boa diligencia, que quando entrou o mez de Setembro do anno de
1616. 1616. avia baſtante gaſalhado pera as Religioſas, ſem embargo de faltar muito pera a perfeiçaõ de Moſteiro, e ellas terem creſcido muito em numero. Eſtava acabado o Dormitorio, que ficou lançado no comprimento do ſitio ao longo do Rio, com a Igreja no topo do Naſcente, e no contrario caſa de lavor com janellas altas, e de recreaçaõ pera ſeus tempos contra a terra; Igreja piquena, porem maior, que a tençaõ, e animo das Religioſas, que em tudo queriaõ conformarſe com aquella antiga pobreza de noſſa Regra. Da eſtrada pera a Igreja ſe procurou boa diſtancia, tanto pera fugir da perturbaçaõ dos paſſageiros, como pera ficar diante praça commoda, e authorizada. Eſta meſma tem com apoſento o Vigario, e Capelloens, que ſe fabricou pera quietaçaõ por detraz da Capella Mór, com ſuas janellas, e varandas de Sol ſobre o Rio. Aprazouſe logo dia pera a tranſmigraçaõ da Caſa alhea pera a propria, que foy ſolemniſſima. Porque acudio toda a Nobreza da terra, parte por auto de devaçaõ, e Chriſtandade; parte pera acompanharem ſuas parentas; e outros por curioſidade de ver, e notar couſa poucas vezes viſta. Seguio o povo a Nobreza: E como o de Lisboa he geralmente pio, e muito devoto, tanto que ſoou a nova da paſſagem, naõ ficou homem em caſa, nem em tenda; foy o concurſo, como da mais celebre Prociſſaõ de todo o anno. Foraõ em coches até o Moſteiro de Santo Alberto. Alli ſe formou a Prociſſaõ. Eſtava na rua poſta em ordem a Communidade dos Frades de S. Domingos de Lisboa, com ſua Cruz diante, acompanhados de alguns dos Conventos vizinhos. Foraõ ſahindo as Madres, e tomando o meyo da rua, ſegundo ſuas antiguidades, e precedencias no Habito: Chegaraõſe os parentes ás que os tinhaõ, e foraõſe com ellas ao ſeu paſſo com toda cortezia, e bom termo. Cerrava a Prociſſaõ o Arcebiſpo, naõ tanto por tio da Condeça Fundadora, como por Prelado zeloſiſſimo de todo bem, levando debaixo do rico Pallio o Santiſſimo Sacramento, preço de noſſa ſalvaçaõ, e titulo, e honra do novo Moſteiro. Deu o caminho occaſiaõ aos bons entendimentos de ſe edificarem, e compungirem, vendo molheres

res fracas caminhar com goſto pera encerramento, e ſepultura perpetua, gente illuſtre cuberta de ſaco do mais vil, mais ſeco, e aſpero, que uſaõ os moradores dos montes: Roſto, e olhos tapados de toucas negras, final naõ ſó de mortificaçaõ, mas de verdadeira morte. Mas naõ fez menos aballo o que muitos viraõ no Moſteiro novo. Eſtava aberto, e a entrada franca aos ſeculares, em quanto tardavaõ as Madres. Eſpantados da eſtreiteza das cellas, paſmavaõ do enxoval de cada huma, pera cama, enxergaõ de palha ſobre huma vil taboa, fazendo officio de cobertor, lençois, e traviſſeiros o meſmo ſaco dos Habitos, ou outro mais creſpo: Na parede ſobre a cabeceira huma Cruz de páo, ſem outro paynel, nem retabolo; pera aſſento huma cortiça. E tal era o concerto de todas ſem differença em nenhuma.

Recolhidas as Religioſas na Caſa nova, como ſe com a mudança da morada entraraõ em nova obrigaçaõ, ou ouvera que melhorar na vida, que na outra faziaõ: Aſſi começaraõ com eſtranho fervor de Eſpirito, acreſcentar Oraçaõ, eſtender as vigias, carregar a maõ nas penitencias. Parece, que o ver creſcer a obra de pedra, e cal, que todavia continuava, lhes dava motivo, e animo, e pera fazerem mingoar, e decreſcer as paredes vivas á força de trabalho proprio; que todavia foy a algumas occaſiaõ de abreviar os dias da vida. Porem com tanta opiniaõ de ſantidade, e tantos mimos, e favores ſabidos do Divino Eſpoſo, que ſe tiveramos licença pera fazer eſpecificada relaçaõ, creſcera eſte ultimo livro em Volume, e juntamente em preço, e grande eſtima. Como eſte Moſteiro he o Benjamin, e ultimo em idade da Provincia, tomaõ as Madres delle por timbre de humildade, ou brio ſanto, naõ conſentirem, que ſayaõ a luz ſuas proezas em companhia das que deixamos contadas dos Irmãos mais velhos: O que me faz ter por certo, que aſſi como o ouro no mais profundo da terra entranhado, lá eſtá recebendo as influencias do Sol, que o cria, e creſcendo em quantidade, e quilates: O que lhe naõ acontece depois que anda polas mãos dos homens: Da meſma maneira, quando daqui a longos annos derem licença eſtas Religioſas, que ſe publiquem no mundo as maravilhas, que a maõ do Poderoſo Autor da Natureza, Sol Divino tem obrado, e vay obrando cadadia nellas: Enchaõ de eſpanto, e inveja a quantos as ouvirem: E naõ falte mais alentado Eſcritor, que dellas componha particular, e famoſa Hiſtoria.

CAPITULO XVI.

Em que ſe dá conta da merce, que elRey fez a eſta Provincia de S. Domingos de Portugal, dandolhe hum lugar perpetuo no Tribunal Supremo da Santa Inquiſiçaõ.

DO anno, em que foy a Fundaçaõ do Moſteiro do Sacramento, até o de 1614. naõ achamos couſa digna de entrar neſta Cronica, excepto huma, que o meſmo anno de 1614. nos offerece de grande honra deſta 1614.

Pro-

Provincia, e que muito nos vem a propoſito, para darmos com ella final concluſaõ a eſte Livro, e remate a toda a obra de tres grandes Volumes, que com o Favor Divino vamos chegando ao porto. Mas he primeiro de ſaber, que governando a Igreja de Deos o Summo Pontifice Bonifacio IX. legitimo ſucceſſor de S. Pedro, eleito em Italia por falecimento do Papa Urbano VI. durando a grande Sciſma, e diviſaõ, que entaõ affligia a Chriſtandade, tinha tanta ſatisfaçaõ da conſtancia, e valor, com que os Religioſos de S. Domingos das Provincias de Heſpanha defendiaõ a Fé Catholica, contra todo o genero de Hereſia, & Hereges, que obrigado della lhes mandou deſpachar hum privilegio, cuja ſuſtancia era, que tanto que o Provincial da Ordem de S. Domingos da Provincia de Heſpanha (que entaõ comprehendia o que agora eſtá dividido em tres Provincias; a ſaber Caſtella com titulo de Heſpanha, Andaluzia, e Portugal) foſſe legitimamente eleito, ficaſſe logo com tal authoridade nas materias da Inquiſiçaõ, que pudeſſe nomear huma peſſoa, e a meſma revogar, quando lhe pareceſſe, para Inquiſidor de Heſpanha: E naõ obſtante a tal nomeaçaõ, exercitaſſe elle Provincial tambem o meſmo officio, ſe quizeſſe, aſſim em auzencia, como em preſença do ſeu nomeado. Eſte breve original achámos no Cartorio do Convento de S. Domingos da Batalha: E obriganos a fazer mençaõ delle neſte lugar, ver que paſſando já de duzentos annos, que nos foi dado, e naõ ſe praticando muitos ha; foi Deos ſervido, que a grande piedade, e devaçaõ d'ElRei D. Filippe III. em Caſtella, e II. em Portugal, como por revelaçaõ o reſuſcitaſſe. E naõ com menos favor: Porque ordenou, e mandou que no Tribunal Supremo do Santo Officio da Coroa de Caſtella, e no da Coroa de Portugal, tiveſſe hum lugar perpetuo a Ordem de S. Domingos: E aſſim o fez ſaber por ſuas Reaes Letras ao Inquiſidor Geral de Portugal, nomeando logo no deſte Reino a peſſoa do Meſtre Fr. Manoel Coelho: Grande, e ſoberana mercê. Em que ha de conſideraçaõ duas circumſtancias, que muito a engrandecem: Primeira, naõ ſer pertendida, nem buſcada: Segunda, o fundamento, que ElRei toma, e declara, que teve para a fazer, do zelo, e cuidado, com que ſabia, que a Religiaõ de S. Domingos, e todos ſeus filhos acudiaõ á defenſaõ da verdade da Fé Catholica. Daremos primeiro o treslado da Carta d'ElRei: E cerraremos o Capitulo com o Breve Apoſtolico.

Treslado da Carta.

POr ElRey. Ao Reverendo Biſpo D. Pedro de Caſtilho, do ſeu Conſelho d'Eſtado, ſeu Capellaõ Mór, e Inquiſidor Geral de Portugal. Reverendo Biſpo Inquiſidor Geral, amigo. Eu ElRei vos invio muito ſaudar. A-

ven-

vendo reſpeito, a que a principal obrigaçaõ do Inſtituto da Ordem de S. Domingos dos Prégadores he a defenſaõ da verdade de noſſa Santa Fé Catholica, e extirpaçaõ das Hereſias, em que os Religioſos da dita Ordem ſe empregaõ ſempre com o cuidado, e zelo, que he notorio: E por a particular devaçaõ, que eu tenho: Hei por bem de lhe fazer merce de hum lugar perpetuo no Conſelho do Santo Officio da Inquiſiçaõ, deſſa Coroa: aſſim como neſta lho concedi agora: E por a boa informaçaõ, que me foi dada das letras, e virtude do Meſtre Fr. Manoel Coelho, tendo tambem conſideraçaõ ao tempo, que ha, que ſerve de Qualificador do Santo Officio, o nomeio para o dito lugar do Concelho delle, e vos encomendo, e encarrego muito, que em conformidade deſta reſoluçaõ, ordeneis, que ſe paſſem logo os deſpachos neceſſarios, para elle aver effeito, e me venhaõ a aſſinar. Eſcrita em S. Lourenço, a 23 de Setembro de 1614.

REY.

Trazia eſta Carta poſta a viſta pelo Conde de Villa Nova, D. Manoel de Caſtello-Branco, que entaõ aſſiſtia no Conſelho d'Eſtado de Portugal em Caſtella, e era nelle Conſelheiro mais antigo. E depois de vinda a Portugal, foi feita regiſtar na Torre do Tombo por Diogo de Caſtilho Coutinho, Guarda Mór della, no livro nono das Doaçoens d'ElRei Dom Joaõ o III. a folhas 186.

Treslado do Breve do Santo Padre.

BOnifacius in perpetuam rei memoriam. Sedis Apoſtolicæ providentia circumſpectans hæreticæ pravitatis labe reſperſos, quorum nequitia ſerpit, ut cancer, ne in aliorum perniciem ſua venena diffundant, remedium libenter adhibet opportunum: ut exinde negotia Catholicæ Fidei, elliſis omnino, & eradicatis erroribus proſperentur, ac Fides ipſa fortius invaleſcat. Cum itaque, ſicut accepimus, quondam Vincentius de Lisbona, Ordinis Fratrum Prædicatorum Profeſſor, olim in Provincia Hiſpaniæ, Inquiſitor hæreticæ pravitatis, per dictam Sedem Deputatus, extra Romanam Curiam fuerit vita functus: Nos affectan-

tes ad hujuſmodi negotium Fidei ibidem efficaciter promovendum continue: talem deputare perſonam, cujus honeſta converſatio exempla tribuat puritatis, ejuſque labia erudita doctrinam fundant ſapientiæ ſalutaris: ut ejus miniſterio omne fomentum exinde labis hujuſmodi expurgetur: Authoritate Apoſtolica tenore præſentium, ex certa ſcientia ſtatuimus, & etiam ordinamus, quod ex nunc, & de cætero, perpetuis futuris temporibus, Provincialis Provinciæ Hiſpaniæ, ſecundum morem prædicti Ordinis, qui nunc eſt, & pro tempore fuerit, ibidem Inquiſitorem hæreticæ pravitatis hujuſmodi, prout ei, ſecundum Deum, fuerit viſum expedire, Authoritate Apoſtolica, quoties expedierit, deputare: Ac hujuſmodi Deputatum, ſicut quoties ſibi videbitur, ab hujuſmodi officio removere, & alium loco ſuo ſubrogare. Ac etiam Inquiſitionis officium hujuſmodi, quoties ſibi placuerit, tam in abſentia, quam in præſentia, Deputati hujuſmodi pro tempore exercere poſſit, & debeat; qui quidem Deputatus pro tempore in hujuſmodi negotio Inquiſitionis procedere valeat, tam ſecundum indulgentias, & privilegia Inquiſitoribus pravitatis ejuſdem dicta Authoritate Apoſtolica deputatis, ſeu officia Inquiſitionis hujuſmodi exercentibus, ab eadem Sede conceſſa, quam etiam ſecundum Canonicas ſanctiones: Diſtrictius inhibentes quibuſcunque perſonis Eccleſiaſticis, & mundanis, quorum intereſt, vel intererit quomodolibet in futurum, ne Provincialem, & Deputatum hujuſmodi pro tempore, ſuper his contra præſentium tenorem, impedire, ſeu moleſtare quoquo modo præſumant: Ac decernentes ex nunc irritum, & inane, ſi ſecus ſuper his á quoquam, quavis authoritate, ſcienter, vel ignoranter contigerit attentari. Per hujuſmodi autem deputationem, ut præmittitur, faciendam, locorum Ordinariis quominus Chriſti Inquiſitionis Officium, ſuper labe prædicta, prout volunt dictæ Canonicæ Sanctiones, exercere valeant, & quibuſcumque privilegiis, Ordini, vel Inquiſitoribus, ſeu officio memoratis, ſi qua ſunt eis à dicta Sede conceſſa, nullum volumus præjudicium generari. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam noſtri Statuti, Ordinationis, & voluntatis infringere, vel ei auſu temerario contraire. Siquis autem hoc at-

attentare præſumpſerit, indignationem Omnipotentis Dei, & Beatorum Petri, & Pauli Apoſtolorum ejus, ſe noverit incurſurum. Datum Romæ apud Sanctum Petrum. Kal. Februarii, Pontificatus noſtri anno decimotertio.

Eſcuſamos traduzir eſte Breve, viſto como já deixámos declarado o que contém.

LAUS DEO.

INDICE

DOS CAPITULOS DESTA TERCEIRA Parte da Hiſtoria de S. Domingos, particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal.

LIVRO PRIMEIRO.

CAP. I. *Da entrada do Viſitador, e Reformador da Ordem em Portugal o Padre Meſtre Fr. Joaõ Furtado: Como ſe celebrou Capitulo de eleiçaõ, e ſe ajuntaraõ em hum corpo os Conventos da Provincia, e Obſervancia, e elegeraõ Provincial*, pag. 1.

CAP. II. *Da deſpedida do Viſitador, e noticia breve dos Provinciaes, que ſuccederaõ deſte anno em diante, té o de* 1613 *em que fenece a Hiſtoria*, 5.

CAP. III. *Da fundaçaõ do Moſteiro da Annunciada de Lisboa*, 9.

CAP. IV. *De algumas Religioſas, que floreceraõ neſte Moſteiro em virtudes*, 13.

CAP. V. *Da Vida, e morte da Madre Soror Maria de Jeſus*, 17.

CAP. VI. *Das vidas das Madres Soror Brites de Jeſus, Soror Guiomar do Eſpirito Santo, Soror Maria da Cruz, e Soror Antonia das Chagas*, 22.

CAP. VII. *Das vidas das Madres Soror Brites da Madre de Deos, Soror Briolanja da Annunciaçaõ, e Soror Brites do Roſario*, 28.

CAP. VIII. *Das vidas das Ma-*

Madres Soror Maria de Jesus segunda, e Soror Isabel da Encarnaçaõ, 32.
CAP. IX. *Das vidas das Madres Soror Guiomar de S. Paulo, & Soror Maria Bautista, Irmãas Conversas.*, 36.
CAP. X. *De algumas particularidades deste Mosteiro, e da sua Igreja*, 39.
CAP. XI. *De hum estranho, e calamitoso successo, que em este Mosteiro se vio em huma Religiosa*, 43.
CAP. XII. *Da fundaçaõ do Mosteiro de nossa Senhora do Paraiso da Cidade de Evora*, 48.
CAP. XIII. *Da occasiaõ, que ouve para o nome, que este Mosteiro tomou do Paraiso, e como passou á Observancia*, 51.
CAP. XIV. *De outras particularidades deste Mosteiro, e de algumas Religiosas, que nelle ouve de grande espirito*, 55.
CAP. XV. *Das Madres Soror Maria da Resurreiçaõ, Soror Elena da Cruz, Soror Antonia de Santo Thomaz, e Soror Margarida de S. Pedro*, 58.
CAP. XVI. *Das Madres Soror Joanna de S. Domingos, Soror Joanna do Presepio, e Soror Magdalena do Sepulchro, e de algumas particularidades mais desta Casa*, 61.
CAP. XVII. *Fundaçaõ do Collegio de Santo Thomaz de Coimbra*, 64.
CAP. XVIII. *Em que se dá conta da fabrica, e fórma do material do Collegio, e do tempo, que esteve suspenso, e como tornou a correr o Estudo nelle*, 66.
CAP. XIX. *Dasse conta, como El Rey Dom Joaõ antes de acabada a obra do Collegio, mandou reformar os Estatutos de El-Rey Dom Manoel: e da grande Religiaõ, que nelle se guardou sempre*, 68.

LIVRO SEGUNDO.

CAP. I. *Fundaçaõ do Mosteiro de nossa Senhora da Rosa da Cidade de Lisboa*, 71.
CAP. II. *De algumas grandes, e particulares virtudes das Madres Soror Izabel da Cruz, Soror Lianor da Trindade, Soror Guiomar dos Ficis de Deos,*

Deos, e Soror Brites dos Reys, 75.
CAP. III. *Das Madres D. Branca, D. Franciſca da Sylva, e Soror Antonia de Jeſus, Priorezas*, 78.
CAP. IV. *Das Madres Soror Iſabel da Cruz ſegunda, e Soror Brites da Cruz*, 82.
CAP. V. *Das Madres Soror Guiomar da Trindade, Soror Catharina do Eſpirito Santo, Soror Brittes da Reſurreiçaõ, Soror Maria dos Santos, Soror Cuſtodia de Jeſus, e Soror Magdalena da Sylva*, 86.
CAP. VI. *Em que ſe referem alguns milagroſos efeitos do Santo Roſario, e outras particularidades deſte Moſteiro*, 89.
CAP. VII. *De huma prodigioſa calamidade, ſuccedida na Ilha de S. Miguel, manifeſtada antes de ſuccedida por hum Religioſo de S. Domingos*, 92.
CAP. VIII. *Deſcreve-ſe o ſitio, que a Villa tinha, e o modo porque ficou ſovertida*, 95.
CAP. IX. *Fundaçaõ do Moſteiro de S. Joaõ de Setuval*, 99.
CAP. X. *Da eſtreiteza, e bom governo, com que ſe procedia neſte Moſteiro, e da Religioſa vida, e ſanto fim de algumas Religioſas delle*, 103.
CAP. XI. *Das Madres Soror Elena da Vera-Cruz, Soror Maria do Eſpirito Santo, Soror Brittes da Trindade, e outras*, 107.
CAP. XII. *Das Madres Soror Iſabel do Evangeliſta, Soror Ambroſia de Santo Agoſtinho, Soror Paula da Conceiçaõ, e outras particularidades da Caſa*, 110.
CAP. XIII. *Fundaçaõ do Moſteiro de noſſa Senhora da Conſolaçaõ da Cidade de Elvas*, 114.
CAP. XIV. *De algumas Religioſas, que neſte Moſteiro viveraõ, e morreraõ com fama de grande virtude*, 117.
CAP. XV. *Das Madres Soror Iſabel de Saõ Franciſco, Soror Anna da Conceiçaõ, Soror Maria de Chriſto, Soror Anna Rodrigues, e outras*, 121.
CAP. XVI. *Da cauſa do titulo, que eſte Moſteiro tem de noſſa Senhora da Conſolaçaõ, e das mercés, que por ſeu meyo tem recebido a Cidade*, 125.
CAP. XVII. *Da grande devaçaõ, que neſta Caſa ſe tem*

tem ao Santo Roſario, e das maravilhas, que nella tem obrado, 127.

CAP. XVIII. *De algumas mulheres de boa, e ſanta vida, que por eſte tempo tiveraõ nome no Habito, e profiſſaõ da Terceira Regra de Saõ Domingos*, 131.

CAP. XIX. *Parte Soror Margarida para Roma, paſſa á Terra Santa: Torna a Bolonha em Italia, e fica de morada nella*, 134.

CAP. XX. *Sepultura de Soror Margarida, com outras particularidades, que depois de ſepultada ſe viraõ*, 137.

CAP. XXI. *De outras mulheres de muita qualidade, e virtude, que em Lisboa profeſſaraõ a meſma Regra de Terceiras*, 140.

CAP. XXII. *Que contém hum Breve Apoſtolico, ſobre certo litigio, que correo entre os Religioſos de Saõ Franciſco, e Saõ Domingos na materia das chagas de Santa Catharina de Sena*, 144.

LIVRO TERCEIRO.

CAP. I. *Fundaçaõ da devotiſſima Caſa de S. Domingos da Villa de Amarante: com a Vida do Glorioſo S. Gonſalo, por cujo reſpeito, e devaçaõ foy fundada*, 147.

CAP. II. *Parte o Santo Abbade para Jeruſalem: Daſſe conta da jornada, e do que mais lhe ſuccedeo tornando á ſua Igreja, e Caſa*, 151.

CAP. III. *Entende o Santo em prégar, e enſinar o povo de Entre Douro, e Minho: levanta huma Ermida ſobre o Rio Tamega: Toma o Habito de S. Domingos por hum myſterioſo meyo*, 155.

CAP. IV. *Começa o Santo a prégar depois de Profeſſo na Ordem de Saõ Domingos: Daſſe conta da fabrica, que emprendeo da Ponte de Amarante*, 159.

CAP. V. *De outras maravilhas, que o Senhor obrou em honra do Santo, antes, e depois de dar fim á Ponte*, 162.

CAP. VI. *Do bemaventurado tranſito do Santo: De ſuas exequias, e grandes mi-*

milagres, que logo fez, 167.

CAP. VII. *Em que ſe eſcrevem alguns milagres dos muitos, que o Santo tem feito: e grandezas notaveis, que ſe vem na ſua Caſa*, 170.

CAP. VIII. *Como foy dado principio ao Real Convento de S. Gonſalo de Amarante*, 175.

CAP. IX. *De outras mercês, e favores, que ElRey Dom Joaõ fez á Ordem neſte Convento; e como foy levantado em Priorado; e o Santo Beatificado*, 178.

CAP. X. *Do grande numero de Imagens, Altares, Igrejas, Freguesias, e Confrarias, em que neſte Reyno, e fóra delle he venerado S. Gonſalo de Amarante: E em muitas de muito tempo antes de ſua Beatificaçaõ*, 183.

CAP. XI. *Em que ſe dá conta dos meyos, com que os Religioſos da Ordem de S. Bento pertenderaõ tirar eſte Santo á de S. Domingos: Do litigio, que ſobre iſſo correo, e ſentença, que nelle ſe deu*, 185.

CAP. XII. *Que contém a ſentença, que em Roma ſe deu contra os Religioſos de S. Bento na pertençaõ, que tinhaõ, de S. Gonſalo ſer Frade de ſua Ordem*, 187.

CAP. XIII. *Fundaçaõ do Moſteiro de noſſa Senhora da Graça da Villa de Abrantes*, 192.

CAP. XIV. *Dos meyos com que eſte Moſteiro ſe paſſou á Ordem de S. Domingos*, 195.

CAP. XV. *Das mercês, e favores, que os Reys faziaõ a eſte Moſteiro, depois que foy incorporado na Provincia de S. Domingos, e como mudou de ſitio*, 197.

CAP. XVI. *De algumas Religioſas, que neſte Moſteiro ſe adiantaraõ em obras, e fama de grande eſpirito, depois que ſe entregou á Ordem de S. Domingos*, 200.

CAP. XVII. *Das Madres Soror Magdalena de Saõ Paulo, e Soror Iſabel da Conceiçaõ*, 203.

CAP. XVIII. *Das Madres Soror Magdalena da Cruz, Soror Brittes de Chriſto, Soror Maria de S. Joaõ e de tres Irmãas Converſas*, 207.

CAP. XIX. *Das Madres Soror Filippa de S. Joaõ, Soror Franciſca dos Anjos,*

jos, Soror Filippa do Eſpirito Santo, e Soror Aldonça de Jeſus, com algumas particularidades da Caſa, 210.

CAP. XX. *Fundaçaõ da Vigairaria de noſſa Senhora da Eſperança da Villa das Alcacevas*, 213.

CAP. XXI. *Origem, e antiguidade do Moſteiro de Freiras de Santa Catharina de Sena de Evora, antes de ſer recebido na Ordem de S. Domingos, e no titulo de Santa Catharina*, 215.

CAP. XXII. *Mudaõ eſtas Religioſas Caſa, e nome de Santa Martha, em Caſa, e nome de Santa Catharina de Sena*, 217.

CAP. XXIII. *De algumas Religioſas, que neſte Moſteiro ſe adiantaraõ em fama, e obras de grande eſpirito*, 220.

CAP. XXIV. *Das Madres Soror Brittes do Horto, Soror Maria da Reſurreiçaõ, Soror Brittes da Cruz*, 223.

CAP. XXV. *Das Madres Soror Maria do Preſepio, Soror Iſabel Bautiſta, Soror Brittes de S. Franciſco, Soror Iſabel do Paraiſo, e Soror Elena do Eſpirito Santo ſua irmãa*, 226.

CAP. XXVI. *Das Madres Soror Iſabel da Aſſumpçaõ, Soror Iſabel de Nazareth, Soror Maria de Santo Antonio, Soror Filippa da Madre de Deos, Soror Guiomar de Pina, e Soror Joanna do Anjo*, 230.

CAP. XXVII. *Das Madres Soror Brites de Mariz, Soror Catharina de Mariz, e Soror Maria de S. Franciſco*, 233.

CAP. XXVIII. *Em que ſe dá conta de algumas particularidades importantes deſte Moſteiro, e das Reliquias, que nelle ha*, 236.

LIVRO QUARTO.

CAP. I. *Em que ſe dá conta, como nos principios da Ordem de S. Domingos entraraõ muitos Religioſos della por terras de Infieis a prégar o Santo Evangelho, e chegaraõ á India, e morreraõ pela Santa Fé*, 241.

CAP. II. *Em que ſe proſe-*

gue a meſma materia, e ſe prova com evidencia, 243.

CAP. III. *Dos primeiros Religioſos deſta Ordem Portuguezes, que navegaraõ de Portugal para a India, depois que foy deſcuberta por ElRey D. Manoel*, 246.

CAP. IV. *Paſſaõ os Religioſos de Saõ Domingos em Communidade á India, e começaõ a fundar*, 251.

CAP. V. *Edifica-ſe o primeiro Convento de S. Domingos em Goa: Contaõ-ſe os pronoſticos, que precederaõ á fabrica, e o que ElRey mandou dar para a deſpeſa della, e ſuſtentaçaõ dos Religioſos*, 253.

CAP. VI. *Fundaõ-ſe os Conventos de Chaul, Cochim, e Malaca: Tomaõ os noſſos Religioſos a ſeu cargo a converſaõ da Gentilidade da Ilha de Goa*, 257.

CAP. VII. *Em que ſe apontaõ os Vigarios geraes, que governaraõ eſta Congregaçaõ, com ſeus nomes, e tempo, que no cargo aſſiſtiraõ*, 258.

CAP. VIII. *De alguns filhos deſte Convento de S. Domingos de Goa, dignos de memoria*, 262.

CAP. IX. *Do Padre Fr. Antonio Peſtana, filho do Convento de Goa*, 265.

CAP. X. *De outros Religioſos de grandes partes em virtude, e letras, que neſte Convento de Goa reſidiraõ*, 269.

CAP. XI. *Da Vida, e ſanta morte do Padre Fr. Antonio da Viſitaçaõ, Deputado do Santo Officio de Goa*, 272.

CAP. XII. *Fundaçaõ do Convento de Santo Thomaz em Pangim: Sua tresladaçaõ para a Cidade; e principio da Caſa Recoleta de Santa Barbara*, 275.

CAP. XIII. *Sitio, e aſſento das Ilhas de Solor, qualidade da terra, e da gente dellas, principio de ſua converſaõ, e Chriſtandade por meyo da Religiaõ de Saõ Domingos*, 279.

CAP. XIV. *Parte para Solor o Padre Fr. Antonio da Cruz com tres companheiros a prégar o Santo Evangelho: Daſſe conta das Igrejas, que fundaraõ, e das muitas almas, que trouxeraõ ao gremio da Fé: e da Fortaleza, que*

que para as defender edificaraõ, 283.

CAP. XV. *Fundaõ os Padres tres Igrejas na Ilha do Ende, e levantaõ nella para ſegurança da terra huma Fortaleza: Daſſe conta dos modos, que tinhaõ no enſino do povo: dos grandes trabalhos, que paſſavaõ, e como muitos foraõ mortos pelos Infieis*, 287.

CAP. XVI. *Das alteraçoens, que ſuccederaõ no Eſpiritual, e temporal deſtas Ilhas, e como paſſou o primeiro levantamento, que ouve em Solor*, 291.

CAP. XVII. *Do que mais fizeraõ os levantados depois da perda de Solor: Da crueldade, com que martyriſaraõ dous mininos do Seminario, porque naõ quizeraõ renegar: e mataraõ outros muitos Chriſtãos, e como em fim foraõ deſtruidos, e aſſolados*, 296.

CAP. XVIII. *De hum principio de levantamento, que ouve na Ilha do Ende; e da guerra, que ElRey do Macaſſá moveo a todas as terras da Chriſtandade de Solor, e do fim que teve com a morte do Padre Fr. Jeronymo Maſcaranhas*, 300.

CAP. XIX. *Daſſe conta da virtude, e obras memoraveis de alguns Padres, que viveraõ, e morreraõ de ſua morte natural, ſervindo eſta Chriſtandade*, 303.

CAP. XX. *De novos trabalhos, que vieraõ ſobre a Chriſtandade de Solor: E de alguns Religioſos, e outros naturaes, que nelles deraõ animoſamente a vida pela confiçaõ da Fé*, 308.

CAP. XXI. *Deſpacha o Vigario geral da Congregaçaõ hum Viſitador a reſtaurar a Chriſtandade de Solor*, 311.

CAP. XXII. *Paſſa o Viſitador á Ilha do Ende: Provê de Vigarios algumas Igrejas: Torna para Solor, e Malaca*, 315.

CAP. XXIII. *Da glorioſa morte, que padeceraõ em Solor os Padres Fr. Joaõ Bautiſta, Fr. Simaõ da Madre de Deos, e antes delles o Padre Fr. Agoſtinho da Magdalena*, 317.

LIVRO QUINTO.

CAP. I. *Entraõ os Religioſos de S. Domingos no Reyno de Camboya, a petiçaõ do Rey: daſſe conta dos graviſſimos trabalhos, e variedade de ſucceſſos, com que nelle perſeveraraõ*, 323.

CAP. II. *Pede Fr. Silveſtre licença a ElRey, para ſe hir para Malaca, que lha naõ concede: converte hum Sacerdote dos Idolos, peſſoa inſigne, que morre pela Fé*, 327.

CAP. III. *Obriga ElRey a Fr. Silveſtre, que faça Oraçaõ em caſo de falta de agoa: Acode a Miſericordia de Deos a honrar ſeu ſervo, dando-a: chegaõ de Malaca Embayxador, e novos Prégadores: Aſſentaõ com ElRey fazer livro dos myſterios da Fé*, 331.

CAP. IV. *Manda ElRey ceſſar a compoſiçaõ do livro: Vaõ-ſe os Frades: Torna ElRey ſobre ſy, dá licença para ſe pregar o Evangelho: Morreo elle, e Fr. Silveſtre: Acodem novos Prégadores*, 334.

CAP. V. *Entraõ os Frades de S. Domingos em Siam: daſſe conta, como foy por treiçaõ de Mouros morto o Padre Fr. Jeronymo da Cruz, e do que fez no caſo ſeu companheiro, ficando muito ferido*, 338.

CAP. VI. *Entra o Padre Fr. Sebaſtiaõ do Canto em Malaca, a buſcar companheiros Prégadores para tornar a Siaõ: Torna com dous; morrem todos tres a maõ de Mouros*, 340.

CAP. VII. *Deſce ElRey de Siaõ ſobre Camboya: Toma a Cidade de Angor, leva cativos os Padres Fr. Jorge da Matta, e Fr. Luiz da Fonſeca: Da-lhes liberdade, e licença para prégarem: Mata hum Gentio ao Padre Fr. Luiz no Altar: Embarca-ſe Fr. Jorge para Malaca*, 344.

CAP. VIII. *Entra o Padre Fr. Belchior da Luz em Martavaõ: Vay a ElRey de Siaõ enganado: Fica com elle honrado, e favorecido; e alcança licença para fazer Chriſtandade: E leva por ſeu mandado provimento a Malaca: Donde acodem outros Religio-*

ligiosos a continuar a Prégaçaõ, 347.
CAP. IX. *Das viagens, que o Padre Fr. Franciſco da Anunciaçaõ fez a Siaõ, e a outros Reynos por ſerviço do Eſtado da India, e bem da Chriſtandade: E de ſua aſſiſtencia no Reyno, e Fortaleza de Siriaõ, e Pegú*, 350.
CAP. X. *De hum prodigioſo caſo, que lhe paſſou pelas mãos ao Padre Fr. Franciſco da Annunciaçaõ, reſidindo em Siriaõ: Daſſe conta do deſeſtrado fim do Capitaõ Filippe de Britto: Torna Fr. Franciſco a Siaõ, e Arraçaõ em ſerviço do Eſtado*, 353.
CAP. XI. *Da bida que o Padre Fr. Gaſpar da Aſſumpçaõ fez a Bengala, Igreja, e Caſa, que edificou: E ſucceſſos, que nella ouve, até ſer deſtruida por Infieis, e tornada de novo a levantar*, 356.
CAP. XII. *Dos Conventos, e Vigairarias, e mais Igrejas, que a Congregaçaõ de S. Domingos tem nas partes do Sul*, 360.
CAP. XIII. *Das Caſas, e Reſidencias, que a Ordem tem na Ilha de Moſſambique, e terras da Ethiopia Oriental*, 363.
CAP. XIV. *De outras Igrejas, que os Religioſos de S. Domingos moradores em Moſſambique governaõ na terra firme do Monopotapa; e do valor com que ſe portaraõ em dous cercos, que aquella Fortaleza padeceo*, 365.
CAP. XV. *Das Caſas, Cõventos, e Reſidencias, que a Congregaçaõ tem nas Cidades, e terras do Norte*, 368.
CAP. XVI. *De outras Caſas, Conventos, e Vigairarias do Norte*, 372.

LIVRO SEXTO.

CAP. I. *Principio, e Fundaçaõ do Convento dos Frades de Saõ Domingos de Montemór o Novo: com titulo, e vocaçaõ de Santo Antonio de Padua*, 377.
CAP. II. *Faz-ſe memoria das Vigairarias de Anſede, e Mancellos; e da fundaçaõ do Convento de Santa Cruz de Viana*, 379.
CAP. III. *Fundaçaõ do Moſteiro de Freiras de noſſa Se-*

Senhora da Aſſumpçaõ de Moura, 384.

CAP. IV. *De algumas Madres, que neſte Moſteiro ſe ſinallaraõ em grandes gráos de virtude*, 387.

CAP. V. *Das Madres Soror Guiomar de Nazareth, Soror Magdalena do Sepulchro, Soror Maria da Aſſumpçaõ, Soror Brittes de Jeſus, e Soror Paula da Reſurreiçaõ*, 390.

CAP. VI. *Como teve principio o Convento de S. Sebaſtiaõ da Villa de Setuval*, 394.

CAP. VII. *Que contém huma Carta, que o Papa Pio V. eſcreveo ao Cardeal Infante em favor deſta Provincia: Vem a viſital-la o Geral Fr. Vicente Juſtiniano: Faz-ſe huma breve Relaçaõ da Vida do Padre Provincial Fr. Eſtevaõ Leytaõ*, 397.

CAP. VIII. *Fundaçaõ do Convento de S. Paulo de Almada: Com huma breve Relaçaõ da Vida do Padre Meſtre Fr. Franciſco Foreiro Autor delle*, 400.

CAP. IX. *Dos grandes ſerviços, que a Ordem de S. Domingos fez a eſta Republica de Portugal nas calamidades da peſte, que em differentes tempos, ouve por todo o Reyno*, 405.

CAP. X. *Da ſegunda, e terceira peſte, que deu em Lisboa: Do damno que fez neſta Cidade, e na de Evora; e como ſe ouveraõ os noſſos Religioſos de Saõ Domingos em ambas as occaſioens, e em ambas as Cidades*, 408.

CAP. XI. *Do cuidado, com que os Religioſos de Saõ Domingos acudiraõ a outros lugares do Reyno na terceira occaſiaõ da peſte*, 412.

CAP. XII. *Dos Religioſos da Ordem de S. Domingos, que acompanharaõ a ElRey Dom Sebaſtiaõ, e ſeu exercito na infelice jornada de Africa*, 415.

CAP. XIII. *Do fim, que teve a cauſa antiga de precedencias, que corria em em Roma, e como foy ſentenccada em favor da Ordem de S. Domingos, contra as de Santo Agoſtinho dos Eremitas de noſſa Senhora do Monte do Carmo, e da Santiſſima Trindade*, 418.

CAP. XIV. *Em que ſe contém a Vida, e morte do Padre Fr. Conſtancio Magni da Ordem de S. Domingos, que faleceo na Cidade*

de de Marrocos em Africa, 421.

CAP. XV. *Fundaçaõ do Moſteiro de Freiras do Sacramento em Lisboa ſobre o Rio, junto á Ponte de Alcantara*, 426.

CAP. XVI. *Em que ſe dá conta da mercê, que El-Rey fez a eſta Provincia de S. Domingos de Portugal, dando-lhe hum lugar perpetuo no Tribunal Supremo da Santa Inquiſiçaõ*, 431.

8901419
15 mr 2021